HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA,

DESDE A SUA ORIGEM ATÉ O PRESENTE, com as Familias illustres, que procedem dos Reys, e dos Sereniſſimos Duques de Bragança.

JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS, e Eſcritores de inviolavel fé,

E OFFERECIDA A ELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

POR

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,
Clerigo Regular, e Academico do numero da Academia Real.

TOMO VII.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.
M. DCC. XL.

Com todas as licenças neceſſarias.

INDEX
DOS CAPITULOS,
que se contém nesta Parte.

LIVRO VII.

Erra-

		Erratas.	*Emendas.*
Pag.472.	lin.5.	de 1682	de 1681.
Pag.671.	lin.4.	politica	policia
Pag.679.	lin.6.	Cap.X.	Cap. VI.
Pag.693.	lin.7.	Ornero	Ornano.
Pag.732.	lin.2.	Campanhia	Campainha

HISTO-

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

LIVRO VII.

CONTÈM

ElRey D. Joaõ IV.

ElRey D. Affonso VI.

ElRey D. Pedro II.

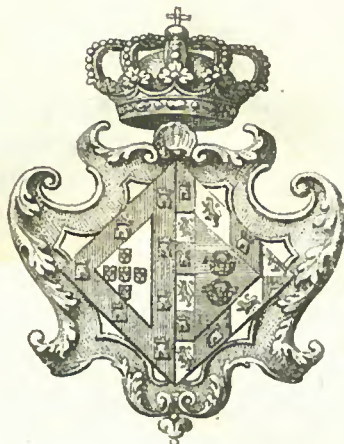
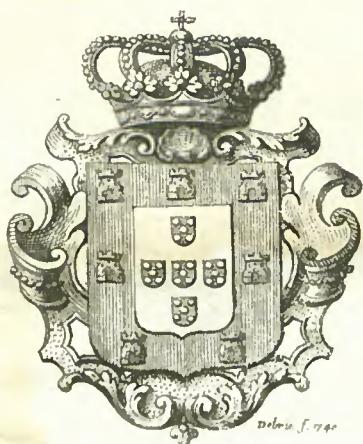
ElRey D. Joaõ V. nosso Senhor.

17 ElRey D. Joaõ IV.

18 O Principe D. Theodosio. | A Infanta Dona Catharina, Rainha da Grãa Bretanha. | ElRey D. Affonso VI. | ElRey D. Pedro II. | A Infanta D. Joanna. | A Senhora D. Maria legitimada.

19 A Infanta D. Isabel. | ElRey D. Joaõ V. | O Infante D. Francisco. | O Infante D. Antonio. | A Infanta D. Theresa. | O Infante D. Manoel. | A Infanta D. Francisca. | A Senhora D. Luiza legitimad. | O Senhor D. Miguel legitimad. | O Senhor D. Joseph legitimad.

20 A Infanta D. Maria, Princ. das Alturias. | O Principe D. Joseph. | O Infante D. Carlos. | O Infante D. Pedro. | O Infante D. Alexandre. | D. Joanna Perpetua de Bragança. | D. Pedro, Duque de Lafoens. | D. Joaõ de Bragança.

21 A Princeza da Beira D. Maria. | A Infanta D. Maria Anna. | A Infanta D. Maria Francisca.

HISTO-

HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

CAPITULO I.

DelRey D. João IV.

CORRIA o anno de 1640, em que se contavaõ quasi sessenta annos, que estava suspensa a serie dos nossos Reys naturaes, porque o poder em calamitoso tempo corrompeo no principio a justiça, e depois com industriosa politica manteve em Portugal a dominaçaõ Castelhana: de que já cançados os

leaes Portuguezes, ſacudiraõ taõ pezado jugo, que a conſtancia, e o valor ſuſtentou glorioſamente contra o formidavel poder dos Heſpanhoes, pelas maximas Chriſtãas de hum Principe prudente, e vigilante, ornado de excellentes virtudes, que o elevaraõ ao Throno no fauſto dia do primeiro de Dezembro do referido anno, em que foy acclamado Rey o Duque de Bragança D. Joaõ II. do nome, e IV. entre os glorioſos Reys ſeus predeceſſores, a quem a boa memoria do Sereniſſimo Duque de Bragança D. Joaõ I. ſeu avô deu o nome, e a Coroa Portugueza o indiſputavel direito de ſua avó a Senhora D. Catharina, como temos dito nos Capitulos precedentes. Naſceo em Villa-Viçoſa em 18 de Março do anno de 1604 Duque de Barcellos. Foy celebrado o ſeu naſcimento de ſeus parentes, vaſſallos, e criados, com Reaes demonſtrações de contentamento. No dia ſeguinte, que era da feſta do Glorioſo Patriarcha S. Joſeph, houve Miſſa ſolemnemente cantada na Capella em acçaõ de graças pelo recemnaſcido Principe, e ordenou o Duque ſeu pay, que em todos os annos ſe celebraſſe com toda a ſolemnidade pelo dito Principe, em memoria da merce, que Deos lhe fizera no ſeu naſcimento na Veſpera do dito Santo: pelo que parece, que no dia de S. Joſeph celebrava ElRey os ſeus annos, como vemos de muitos Panegyricos impreſſos, prégados no dia do Santo, em que feſtejava o ſeu naſcimento, tendo ſido no dia antecedente.

Foy

Foy bautizado a 25 do dito mez por seu tio o Senhor D. Alexandre, Arcebispo de Evora: e sendo preparada a Capella Ducal com ricas armações, depois de terem os Capellães rezado Completas no Coro, levou o Deaõ recado, de que estava tudo prompto; e sahio o Duque de Barcellos da Camera da Duqueza sua mãy nos braços de Luiz Gonçalves de Menezes, Veador, e com elle Sua Alteza a Senhora D. Catharina sua avó, e o Duque seu pay, o Senhor D. Duarte, e o Senhor D. Filippe seus tios, com todos os Fidalgos, Dónas, Damas, e Officiaes da sua Corte. Levavaõ as insignias para o Bautismo, Christovaõ de Brito Pereira o prato da fogaça, e a véla; Antonio de Sousa de Abreu, o prato, e gomil; Ruy de Sousa Pereira, o saleiro. Precediaõ ao acompanhamento todos os ministris, atabales, trombetas, charamellas, Arautos com Armas, Porteiros da Cana, e Porteiros da Maça, e todos os mais Officiaes da Casa, e o Veador da Senhora D. Catharina, e a esta levava de braço o Senhor D. Duarte, e a cauda D. Francisca de Noronha, e sahiraõ pela salla grande do Paço, Terreiro, passadiços, e rua da varanda, que tudo estava armado de ricos panos de Arraz até à porta da Capella de huma, e outra parte. Já neste tempo estava na Capella o Arcebispo de Evora, revestido em Pontifical com Capa, e Mitra, e sentado em huma cadeira encostado ao Altar da parte da Epistola, e da do Euangelho estava a Cruz de Metro-

politano, e Bago, e todos os Capellães, e mais Religiosos, que assistiaõ. Assim que chegou o acompanhamento à porta da Capella, se levantou o Arcebispo, e com a Cruz diante, e Bago, e todos os Capellães em Procissaõ, foraõ à porta da Igreja, e no meyo della, estando já em o mesmo lugar a Senhora D. Catharina, o Duque de Bragança, e o Duque de Barcellos nos braços de Luiz Gonçalves de Menezes, tirou ao Arcebispo a Mitra o Deaõ da Capella, e sem ella começou a fazer o officio, na fórma costumada: e conferido o Santo Bautismo, tocaraõ os atabales, e charamellas, e mais ministris em sinal de graças, com que se acabou este acto: e o Arcebispo sobindo ao Altar, se despio das insignias Pontificaes, e acompanhou à Senhora D. Catharina, e aos Duques, e voltaraõ pelo mesmo caminho, por onde tinhaõ vindo, até à Camera da Duqueza. Foraõ Padrinhos do Duque de Barcellos o Senhor D. Duarte seu tio, Marquez de Frechilha, e Sua Alteza a Senhora Dona Catharina: acompanhavaõ ao Duque de Barcellos doze Moços da Camera com tochas, e sahindo da Camera com ellas apagadas, se accenderaõ na Capella quando se começou a ceremonia do Bautismo, e voltaraõ com ellas accesas acompanhando ao Duque de Barcellos até à Camera da Duqueza, donde haviaõ sahido.

A Duqueza sua mãy, em quem resplandeceraõ com singularidade excellentes virtudes, estimando

do mais as ſantas Leys da natureza, do que as da fortuna, porque ſe naõ diminue a authoridade dos Principes no exceſſo do carinho dos filhos, aſſiſtia à obrigaçaõ de Aya, e Meſtra do Duque de Barcellos, igualmente com o amor, e reſpeito de mãy. Porém como lhe durou pouco a vida, naõ pode o Duque de Barcellos ter tempo de reconhecer, o que devia ao amor de ſua mãy, a qual trocando ſeu grande Eſtado por melhor Reyno, faleceo no anno de 1607 no mais florído tempo da idade, naõ contando mais, que vinte e ſeis annos, cheyos de grande numero de virtudes, como fica eſcrito no Capitulo XVIII. do Livro VI. Deulhe o Duque ſeu pay por Ayo a Dom Diogo de Mello, e por Meſtre ao Doutor Jeronymo Soares, o primeiro criado, e bom ſervidor da Caſa, bem inſtruido nos bons preceitos da antiga Corte Portugueza; o ſegundo varaõ ſabio, e virtuoſo, como moſtrou na ſua vida, e eſcritos. Foraõ differentes entaõ as razoens de Eſtado ſobre o modo da ſua creaçaõ, porque os mais auſtéros requeriaõ o mais conſtante progreſſo do Duque de Barcellos; tanto, que alguns fizeraõ entender ao Duque Dom Theodoſio, que crear hum filho com mageſtade, era fazello reo della, e que aſſim toda a moderaçaõ era preciſa, contentando-ſe com o lograr, porque depois a ſua meſma grandeza o diſtinguiria. Grandes fins deviaõ encobrir a politica, que obrigava a que ſe faltaſſe naquelle tempo ao culto de hum taõ gran-

de

de herdeiro. Naõ he culpavel defeito, nem de notar ao Duque D. Theodosio, quando os mayores lisongeiros de seu filho naõ puderaõ desconhecer as faltas, que nelle deixou impressas a falta desta observancia. Soube com tudo da Latinidade com perfeiçaõ, seguindo mais a pia, que a erudîta. Foylhe familiar a Escritura Sagrada, gostando mais desta liçaõ, do que da profana; donde procedeo naõ aproveitar a Latinidade nas noticias, que com ella pudera adquirir de outra erudiçaõ. Depois começou a ser inclinado ao campo, seguindo o exercicio da caça, que continuava livre, com todos os preceitos do decóro, e da temperança. O Duque seu pay agradado de ver o de Barcellos, que o imitava em alguns costumes, sendo aquelles os de menor inconveniente, o acompanhava muitas vezes ao monte com satisfaçaõ, sendolhe depois agradaveis as fadigas, que do filho Duque de Barcellos lhe referiaõ: pelo que algumas com o exemplo lho occasionava de novo, porque naõ punha nos olhos do desejo mais, que em o ver livre dos riscos daquella idade, para o que lhe facilitava novas occasioens em divertimentos innocentes, em que passasse com gosto o tempo. Entre estes foy o da Musica o a que teve particular inclinaçaõ, e nella por Mestre a Roberto Tornar, Inglez de naçaõ, discipulo de Geri de Gresen, o qual em Madrid havia tido lições do celebre Capitan; a elle mandou vir o Duque seu pay, e foy Mestre da Capella

pella Ducal de Villa-Viçosa. Foraõ os progressos taõ admiraveis nesta estimadissima Arte, como adiante diremos.

Resolveo-se ElRey D. Filippe III. no anno de 1619 passar a Portugal a celebrar Cortes em Lisboa, a que assistio o Duque de Bragança como Condestavel do Reyno, e o acompanhou nesta occasiaõ o Duque de Barcellos seu filho, e foy a primeira pessoa, que neste acto jurou, o qual de poucos annos veyo aprender a Lisboa as ceremonias, com que se coroavaõ os Reys de Portugal, como escreveo a elegancia do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes na sua estimada Obra do *Portugal Restaurado*. Nesta mesma occasiaõ succedeo aquella desordem, que já referimos no Capitulo XVIII. movida entre os Soldados da Guarda, e Moços da Estribeira do Duque, sobre o lugar da assistencia dos cavallos de ambos os Duques, o que o de Barcellos intentou castigar, levado do ardor dos seus poucos annos, que eraõ quinze; e que a prudencia de seu grande pay, que tudo advertia, atalhou, dizendolhe: *Anday filho, que ElRey nos guarda as costas.*

Ericeira, *Portug. Restaurado*, liv. 1. tom. 1. pag. 42.

Por morte do Duque D. Theodosio, foy o VIII. Duque de Bragança, e depois V. de Guimaraens, sendo o III. de Barcellos. Costumaõ de ordinario as mortes dos Principes causar mudanças no governo das suas Casas, porque as inclinações os levaõ a quererem a assistencia daquelles, que favore-

cem.

cem. Pelo que a mayor parte das feituras do Duque D. Theodosio as desfez logo o Duque Dom Joaõ, fabricando outras de novo. Nomeou a D. Antonio de Mello, Estribeiro môr, a Fernaõ Rodrigues de Brito, Camereiro môr, a Dom Luiz de Noronha, Caçador môr, Salvador de Brito, Trinchante, Veador da Casa Pedro de Mello de Castro, a Fr. Agostinho dos Anjos, Eremita de Santo Agostinho, Confessor, a Antonio Paes Viegas, Secretario, e outros nos mais officios mayores, e subalternos da sua Casa, e a Francisco de Sousa Coutinho elegeo para residir na Corte de Madrid, onde principiou a instruirse para as grandes Embaixadas, que depois exercitou com tanto credito seu, e da Naçaõ. Depois accommodou em menores officios differentes pessoas: e naõ he pequeno elogio da grandeza de hum Senhor particular, qual o Duque D. Joaõ a este tempo representava, acharse com criados, com que pudesse formar a Casa passada, e a presente, nos do velho, e novo Principe.

Das primeiras acções do novo governo naõ ficaraõ individuaes noticias. Representaraõ os Ministros do Estado de Bragança o desempenho mais licito dos seus reditos, que era melhor pagar o que se devia, que dar o que naõ era obrigado. Pelo que ordenou o novo Duque se suspendessem largas tenças, com que o Duque seu pay soccorria alguns Fidalgos pobres, e independentes da sua familia,

huns

huns para se sustentarem nos estudos, outros no serviço Militar, e tambem alguns na Corte, onde viviaõ com pobreza, como dissemos na vida do Duque D. Theodosio.

Entre os parentes da Casa de Bragança naõ era o menos lustroso, mas a ella pouco aceito D. Fernando de Faro, III. Senhor de Vimieiro, a qual Villa com o titulo de Conde havia possuido Dom Francisco de Faro seu pay. Andava neste tempo vivo o discurso, e pratica do casamento do Duque de Bragança, e cada servidor, ou affeiçoado seu, segundo o affecto, ou os interesses, lhe propunha esposa: entre os mais delles D. Fernando de Faro, que residia na Corte de Madrid, onde havia casado, inculcava com instancia as vodas de D. Marianna de Toledo e Portugal, filha de D. Fernando Alvares de Toledo e Portugal, VI. Conde de Oropeza, filho unico do Senhor D. Duarte, irmaõ do Duque D. Theodosio II. que havia casado com a herdeira da grande Casa, e Condado de Oropeza, como se dirá no Livro VIII. Dizia D. Fernando, que o Duque de Bragança na eleiçaõ de esposa havia de preferir a sua varonia, a qual se achava em D. Marianna, a que se ajuntavaõ as qualidades da mãy, e avó desta Senhora, pois sua avó era filha de D. Fernando Alvares de Toledo, V. Conde de Oropeza, e sua mãy filha de D. Joaõ Affonso Pimentel, VIII. Conde de Benavente, e que em idade, e pessoa tambem podia preferir a qualquer ou-

tra Princeza, com dote igual às mais ricas, e às proximas esperanças de ser immediata a hum só irmaõ, menor, e enfermo, cuja herdeira a consideravaõ entaõ todos (o que naõ veyo a ser:) desta sorte se correspondia nesta eleiçaõ a Casa de Oropeza, a qual já o havia feito entregando a sua herdeira a hum filho segundo da de Bragança.

Dom Francisco de Mello era outro parente da Casa de Bragança, mas favorecido, e feitura sua, o qual se oppunha a este casamento com evidentes argumentos, e dizia, que havendo de casar em Hespanha o Duque de Bragança, naõ tinha, que buscar outra Casa, quando na de Medina Sidonia havia huma filha para tomar estado, no que lhe dera exemplo o mayor Duque de Bragança D. Jayme, que aos passados excedeo na qualidade de Principe herdeiro do Reyno, e naquella grande Casa escolhera a consorte: e que quando agora em Dona Luiza Francisca de Gusmaõ, filha do Duque D. Manoel Affonso Peres de Gusmaõ, *el Bueno*, naõ houvera taõ qualificada qualidade no nascimento; as suas partes a faziaõ digna de alta fortuna. E quando as partes, e nascimento fossem inferiores, o grande interesse, que o Valído mostrava nestas vodas, era sufficiente para as fazer iguaes aos mayores merecimentos; e das suas perfeições se lembrava já o grande Poeta Hespanhol Dom Luiz de Gongora no Romance, que principia: *Ave de plumage negra*; porque nenhum Vassallo podia permane-

manecer sem a graça do favorecido, por cuja maõ se dispensava a efficaz virtude do Monarca; que os Duques de Bragança pela mesma causa, que sustentaraõ conservarse independentes da valia, tinhaõ sabido, que o seu Estado se naõ podia conservar sem a contemporisaçaõ della; que os Reys soberanos se valiaõ da graça dos Valídos dos outros, porque mais negocios acabava a industria, que a força: e sendo esta maxima de Rey a Rey, quanto mais absoluta seria entre o Principe, e o Vassallo.

Assim discorria D. Francisco de Mello, com tudo naõ faltava quem cuidasse, que nestas negociações entremetia subtilmente os seus augmentos, dourando no zelo o interesse. O Conde Duque por secretos officios mostrava querer corresponder ao grande titulo de Pay, que o de Bragança lhe havia offerecido. Ao que se naõ persuadirá hum poderoso ajudado da lisonja, de quem com ella o faz mais poderoso? Foy entaõ toda a destreza certificar ao Duque D. Joaõ, que elle se naõ entremeteria neste negocio, e por elle mesmo foy delle encarregado, e assim veyo o Conde Duque a ser rogado com o seu proprio desejo.

Era grande o dote, que se prometia, e mayores as promessas, que eraõ a restituiçaõ da posse do Ducado de Guimaraens, alienado da Casa por dote invalido do Duque D. Theodosio I. ao Infante seu cunhado, como já deixamos referido; a ratificaçaõ dos privilegios, que tinhaõ feito litigiosos

os Procuradores Regios; o cumprimento de antigos alvitres, os commodos decentiſſimos a ſeus irmãos, as merces aos criados, e propicia a graça delRey. Até eſte ponto chegou a negociaçaõ de D. Franciſco de Mello, o qual já participava influxos da benignidade Real, porque ſobre o lugar de Veador, ou Mordomo da Rainha, ſahio a moſtrar o ſeu talento na Embaixada de Saboya, cuja occupaçaõ foy atalho breve para chegar aos mayores lugares da Monarchia Heſpanhola, do qual já ſentimos a ingratidaõ, com que nelles pagou taõ mal à Caſa de Bragança, a que devia igualmente a origem, e a fortuna.

A's ultimas conferencias deſte negocio entrou na Corte de Madrid Franciſco de Souſa Coutinho, e nella ſeguio mais juſtificado, que ſatisfeito, as propoſições de ſeu anteceſſor, e aſſim veyo a dar fim ao ajuſte deſte tratado, que logo participou a ſeu Senhor.

Com a noticia, que o Duque teve de eſtar ajuſtado o ſeu caſamento, em hum Domingo, que ſe contavaõ 25 de Janeiro de 1632, ſahindo às duas horas da tarde da ſua Camera, acompanhado de ſeus irmãos os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, participou aos Fidalgos da ſua Corte o ajuſte do ſeu caſamento com a filha do Duque de Medina Sidonia: pelo qual todos lhe beijaraõ a maõ, e baixando à Capella, onde já eſperava o Deaõ, e Dignidades, reveſtidos com capas ricas de téla, e chaparia

paria de ouro, com todos os Capellães, e Cantores, e levantado pelo Deaõ o *Te Deum*, foy proseguido pelos Musicos, e Cantores a tres córos; à noite esteve o Palacio illuminado, em que arderaõ duzentas tochas, e toda a Villa poz luminarias. Passou-se o referido contrato a hum tratado publico, que se celebrou em Madrid a 17 de Novembro do referido anno de 1632: pelo qual se obrigou o Duque de Medina Sidonia a dar a sua filha em dote cento e vinte mil ducados, e vinte mil em joyas, e mais cousas pertencentes ao seu enchoval, e que a poria à sua custa na Raya de Portugal, e que por sua morte se lhe dariaõ mais vinte e tres mil ducados, por augmento de seu dote, quando naõ quizesse entrar nas partilhas com o Conde de Niebla; com condiçaõ, que ainda que naõ coubessem nas legitimas dos Duques seu pay, e mãy, o dito dote, se lhe faria sempre certo, o que ElRey corroborou por hum Alvará, em que derogava todas as Leys em contrario, e ultimamente a que limitava, e taxava a quantia dos dotes, publicada em Madrid no anno de 1534, e a Pragmatica promulgada em 10 de Janeiro de 1623, as quaes revogou, e todas as demais, para que tivesse effeito o dito contrato, e foy passada a Carta em Madrid no anno de 1633. E porque depois por morte do Duque de Medina Sidonia lhe succedeo seu filho o Duque D. Gaspar, e excediaõ as dividas; elle como successor no Ducado, e Casa de Medina Sidonia,

Prova num. 1.

Prova num. 2.

nia, aſſinou em diverſas partes dos ſeus Eſtados certas quantias para complemento da ſatisfaçaõ do dote, e foy feita eſta obrigaçaõ em S. Lucar a 18 de Fevereiro de 1637.

ElRey D. Filippe querendo moſtrar o quanto eſtimava eſte tratado, mandou dizer ao Duque de Bragança, que lhe fazia merce do titulo de Duque de Guimaraens de juro para elle, e ſeus deſcendentes, e que lhe daria a juriſdicçaõ da Villa de Guimaraens, para o que eſtava ao preſente impoſſibilitado pelos embargos, que a dita Villa punha: Que no caſo, de que o Duque quizeſſe pleitear o direito com a Villa, ſe cumpriria com toda a juſtiça, tendo Sua Mageſtade poder para revogar o privilegio delRey D. Affonſo V. o que naõ tendo effeito, por ElRey lhe naõ poder dar a juriſdicçaõ da dita Villa, no tal caſo lhe fazia merce de vinte e quatro mil cruzados, que eraõ quatorze mil cruzados mais, em que fora avaliada a dita juriſdicçaõ, os quaes lhe feriaõ conſignados no alvitre da canella, que lhe prerogava, e que o pudeſſe nomear para ſempre em quem quizeſſe: Que lhe dariaõ Juizes quando ao Duque lhe convieſſe, diante dos quaes ſe juſtificariaõ os titulos das juſtiças de Guimaraens, que valiaõ de treze até quatorze mil cruzados: Que acabado o pleito da juriſdicçaõ da Villa, ſem embargo de Sua Mageſtade a ter ſatiſfeito ao Duque, lhe faria a merce, que coubeſſe, e houveſſe lugar conforme o animo de Sua Mageſtade,

de, que era metello de posse da jurisdicçaõ: Que fazia mais merce ao Duque dos Concelhos de Moz, Rebordãos, Guster, Castanheira, Verborada, e Val de Prado: Que se lhe dariaõ quatro habitos das Ordens de S. Bento de Aviz, e Santiago, para que na sua Casa, e serviço, houvesse Cavalleiros de todas as tres Ordens Militares: Que se renovariaõ todos os despachos, e merces, que se fizeraõ ao Duque D. Theodosio seu pay no seu casamento, e se lhe passariaõ as Provisoens, que pedisse: Que se confirmariaõ ao Duque todos os titulos, e privilegios da Casa de Bragança, que por omissaõ se deixaraõ de confirmar, desde a sua fundaçaõ até o presente; e que duvidando-se em Portugal de algumas das ditas cousas da sua confirmaçaõ, ou das merces deste seu casamento, lhe dava, e assinava Sua Magestade dous Ministros em Madrid, que seriaõ Juizes, e elles communicariaõ cara a cara a Sua Magestade os taes negocios: Que a proposta de pedir o Duque soga, e cutello no lugar onde assiste, naõ tinha por entaõ lugar para lhe deferir por justos respeitos, e que lhe ficava reservada esta merce para outra occasiaõ.

Celebrado com todas estas circunstancias o tratado do casamento do Duque em o primeiro de Janeiro de 1633, teve noticia por hum Expresso mandado da Cidade de S. Lucar, em que a Duqueza D. Luiza partiria no dia 3 do referido mez; e a 6 teve o Duque noticia por outro Expresso, que

que já havia partido, e aſſim determinou o Duque ir buſcar ſua eſpoſa à Raya, e a 11 de Janeiro partio para Elvas. Hia veſtido de campo de cor parda, calções, e roupeta de damaſco frizado cor de amendoa, alamares largos, bordados em ramos de ouro, o farragoulo de chamalote de aguas com alamares na meſma fórma, forrado de tafetá dobrado bordado de laçaria de ouro, chapeo negro, centilho de diamantes, e por joya hum ramo de quaſi meyo palmo de diamantes, plumas pardas, eſpada, cinto, e adaga dourados, com os talabartes de recamado bordado, meyas, ligas, e roſas pardas com pontilha de ouro, collar groſſo de peças de ouro, e as mangas do jubaõ todas bordadas de ouro. Os Senhores Dom Duarte, e D. Alexandre, ſeus irmãos, veſtiraõ tambem da meſma cor parda, calções, e roupetas de damaſco ondeado, golpeados ſobre téla encarnada, farragoulo de chamalote ſem aguas, forrados de téla de flores encarnada, alamares de ſeis voltas de caracolilho de ouro, centilho, e joyas de diamantes, plumas pardas, eſpadas, cintos, e adagas douradas, meyas, ligas, e roſas com pontilha de ouro, collares groſſos de peças, e mangas bordadas. Deſta ſorte baixou o Duque com ſeus irmãos, acompanhado de todos os Officiaes, Fidalgos, e mais criados accreſcentados da ſua Caſa; e depois de entrar com ſeus irmãos no coche, que era de veludo encarnado, e ouro, com pregaria de prata, com todas

as

as ferragens douradas, tirado por seis mullas, e os Cocheiros com vaqueiros de veludo verde de quatro mangas, gorras do mesmo guarnecidas de passamanes de prata, levavaõ à maõ sómente tres cavallos, hum castanho para o Duque com cella, e porta manteo de téla encarnada com passamanes, e laços de caracolilho de ouro, teliz da propria téla, freyo, estribeiras, e ferragens de prata, e as estribeiras tauxeadas de ouro. O do Senhor D. Duarte era ruço pombo, com pouca differença mais, que em a cor da téla ser cor de rosa. O do Senhor D. Alexandre era mellado rodado de branco com jaezes verdes, e guarnições de laçaria de prata, teliz de veludo com franjas, e borlas de prata, e verde. Para a Duqueza hiaõ dous cavallos, hum delles sobregualdrapa de veludo negro, trazia hum silhaõ de ouro ao buril, e meyo relevo, com diversas figuras, folhagens, e outras obras feitas com toda a delicadeza, e primor; a gualdrapa era toda de bordadura de ouro de diversos lavores atravessados com chaparia de ouro da mesma largura de laços travados, e meyos satyros, e figuras, as cabeçadas, que desciaõ cobrindo o pescoço desde o arçaõ até os copos do freyo, eraõ embocadas da mesma chaparia com outra ordem de peças mais pequenas como por guarniçaõ sobre os olhos, que mal se divisavaõ, tendo hum quadro de quatro figuras em circulos, prezos de hum meyo globo vasado como rede; as fivellas, ferragens, e o estribo de

voltas de ouro: cobria-ſe com hum teliz de velu-
do negro com borlas, e franjas de ouro, e negro.
O outro cavallo levava hum ſilhaõ de prata com
pouca differença no feitio, guarnições, e chaparia,
tambem ſobre gualdrapa de veludo negro. Hia
tambem huma cadeira de mãos, e huma liteira de
veludo carmeſim com pregaria dourada ſobre paſ-
ſamanes de ouro: os Cadeireiros veſtiaõ vaqueiros
de veludo encarnado guarnecidos de paſſamanes de
ouro, e os Liteireiros na meſma fórma. No dia an-
tecedente já tinha ido para Elvas huma bella, e
rica carroça feita em Roma, lavrada com grande
primor, aſſim nas talhas, como nos bronzes doura-
dos, com o tecto de veludo negro, forrado de razo
encarnado com ſeis ramalhetes de flores de ouro
eſtofadas, cercada de muitas borlas de ouro, e ne-
gro, e cordoens com as almofadas, e encoſtos de
veludo encarnado bordado com laços, e flores de
ouro, cortinas de damaſco franjadas de ouro, a
qual era tirada por ſeis cavallos ruços rodados com
guarnições de veludo negro franjadas de ouro, e
as ferragens de ouro de Milaõ defumadas de ouro
fino com diverſas fórmas, tendo em algumas par-
tes as Armas do Duque, principalmente nas cabe-
çadas, de que pendiaõ quatro borlas de ouro, e ſe-
da: os cavallos foraõ à maõ até Elvas, e a carro-
ça levada até àquella Cidade por mullas.

Marchava diante deſte viſtoſo apparato hum
Trombeta com libré como os Moços da Eſtribeira,
e lo-

e logo os Timbaleiros, e Trombetas montados em cavallos acobertados de verde, varias danças, duzentos Soldados de libré verde com ligas, e bandas da mesma cor, chapeos aleonados, meyas da mesma cor, plumas verdes, e aleonadas, os quaes o acompanharaõ até chegar a Villa-Viçosa. Seguiaõ-os vinte e quatro Moços da Camera vestidos de veludo verde, calções, e roupetas golpeadas sobre tafetá branco, os golpes rematados em moscas de prata, mangas de razo azul largueadas de morenilho de prata, farragoulos de pano fino de Segovia com oito bandas de veludo acaireladas de prata, chapeo, e o mais como os Moços da Guarda-Roupa, que eraõ oito, que vestiaõ calções, e roupetas de veludo razo verde golpeados sobre téla branca, botoens de prata, os calções com almenilhas, mangas de razo azul agaloadas a tres galoens de prata; e no espaço, que havia de huns a outros galoens, havia golpes sobre téla branca, chapeos negros com tranças pequenas, rosas azues encrespadas de pontilha de prata com muitas plumas brancas, e azues, cintos, e espadas, e adagas prateadas, farragoulos de raxa de Florença verde, forrados de espolim azul com altos de flores brancas, meyas, ligas, e rosas azues cobertas de pontilha de prata. Oito Moços Fidalgos com vestidos de taby de prata, e verde com flores de ouro, roupetas guarnecidas de morenilhos de prata sobre soguilhas de setim azul, os calções de seis partidos

com almenilhas, e botoens de prata até a liga, os farragoulos de oito forrados de chamalotes de aguas azues com flores amarelas toſtadas, mangas dos juboens do meſmo chamalote em ondas bordadas como de caracolilho de prata, chapeos negros com centilhos de ouro, e plumas verdes, brancas, e azues, cintos prateados, meyas, e ligas, e roſas azues cobertas de pontilha de prata. Os Porteiros da Camera do Duque, e Duqueza, ſe veſtiraõ com calções, e roupetas de ſetim avelutado negro, chapeos, meyas, e ligas negras, farragoulos de pano vintadozeno de Segovia. Seis Muſicos da Camera veſtidos quaſi da propria ſorte. Seis Porteiros da Cana com veſtidos, calções, e roupetas, e farragoulos de pano vintadozeno negro. Vinte e quatro Moços da Eſtribeira veſtidos de veludo verde, farragoulos, calções, e roupetas com prezilhas de prata, cintos, eſpadas, e adagas prateadas, chapeos negros, tranças torcidas de tafetá branco, e azul, ligas do proprio com as meyas azues, plumas brancas, e verdes. Vinte e quatro homens da guarda do Duque com calções, e roupetas atraveſſados de faxas de veludo azul com vivos brancos, mangas de veludo azul com morenilho, e botoens de prata, capas rodeadas de huma faxa do meſmo veludo com vivos, e os capellos dellas com duas fachas, chapeos negros, tranças torcidas de tafetá branco, plumas verdes, e brancas, meyas azues, e brancas, cintos, eſpadas, e adagas douradas.

das. O ſeu Tambor hia veſtido de tafetá negro coberto todo de paſſamanes de prata, com liga branca, meyas, e chapeo negro com trança, e plumas brancas. O Capitaõ da Guarda Franciſco Serraõ da Veiga veſtia capa, roupeta, e calções de riſſo anogueirado, o ferragoulo forrado de téla de ouro encarnada, com trinta alamares de ouro de ſeis laçadas, e doze furtados atraz de caracolilho de ouro; a roupeta, e calções com os meſmos alamares golpeados ſobre a meſma téla de ouro encarnada, chapeo negro, e joya de diamantes, plumas anogueiradas, meyas, e ligas, e roſas da meſma cor com pontilha de ouro, collar de peças, as mangas do jubaõ de téla encarnada quaſi coberta com laços, e caracoes de caracolilho de ouro, cinto, eſpada, e adaga douradas: hia montado em hum cavallo com os jaezes de verde, e ouro: tudo iſto marchava em ordem, ſendo o ultimo o Capitaõ da Guarda, que com ella cobria o coche, em que hia o Duque. No ſeu alcance hiaõ quarenta Fidalgos, e Commendadores da ſua Caſa, e ſeus criados em coches, liteiras, e outros a cavallo, e mais de duzentos homens, peſſoas da ſua familia, o acompanharaõ a cavallo. Chegou o Duque já tarde a Elvas com a comitiva de mais de oitocentas peſſoas a cavallo, Vaſſallos, e obrigados ſeus, que no caminho ſe hiaõ continuamente multiplicando. Pouco menos de huma legoa antes da Cidade tendo o Duque montado a cavallo, e ſeus

irmãos, veyo o Magiſtrado, e Juſtiças da Cidade a recebello em grande diſtancia, com quaſi trezentos homens de cavallo, em que vinhaõ Fidalgos, e gente nobre, muy luzidos, com coches, cavallos à deſtra, e hum numero grande de danças, e outros feſtins, com que celebravaõ o goſto daquellas vodas; o Duque os tratou com tanto agrado, que todos aquelles Fidalgos ficaraõ ſatisfeitos. A pouco eſpaço chegou com ſeus ſobrinhos o Biſpo D. Sebaſtiaõ de Mattos de Noronha (que entaõ governava aquella Igreja) com luzido acompanhamento, e paſſados os cumprimentos, entraraõ na Cidade: apoſentou-ſe o Duque no Palacio do Biſpo, e na Cathedral de Elvas haviaõ de receber as bençãos, e deſcançar na Cidade ſituada com pouca deſigualdade entre Villa-Viçoſa, e Badajoz, por onde entrava em Portugal a Duqueza de Bragança, a quem logo o Duque mandou hum recado por D. Antonio de Mello, ſeu Eſtribeiro mór, ſaber como havia paſſado na jornada.

Naquelle meſmo dia com tres coches de criados partio o Senhor D. Duarte pela poſta a Badajoz a viſitar a Duqueza, onde ſe detinha, até que eſtiveſſe prompto o apparato da ſua entrada. O Conde de Niebla, que a acompanhava, ſabendo, que vinha o Senhor D. Duarte, ſahio fóra da Cidade em grande diſtancia a encontrarſe com elle, e metendo-ſe ambos no coche, voltaraõ à Cidade, onde a viſita duraria meya hora, e ſe recolheo a

Elvas.

Elvas. No dia seguinte 12 de Janeiro partio a Duqueza de Badajoz na carroça de Roma, que o Duque lhe mandara, com todos os Fidalgos, e Nobres daquella Cidade, e com os que de S. Lucar lhe vinhaõ assistindo: entre Fidalgos, criados, e pessoas particulares, eraõ pouco menos de quatrocentos, lustrosamente trajados, e com tanta riqueza, e bizarria, que mostravaõ a grandeza do Duque de Medina Sidonia. Trazia seis coches de Damas, e Fidalgos, sessenta e duas cargas com reposteiros, e penachos, e peitoraes de cascaveis, e dez, que eraõ da sua recamera, com reposteiros de veludo encarnado com bordados de cortado com as Armas do Duque seu pay; as azemelas com peitoraes de franjas, cabeçadas de seda, os cascaveis arochos, ferragens, antolheiras, e laminas com as Armas, tudo de prata.

Haviaõ dado nove horas, quando o Duque entrou no coche: e sahindo de Elvas com toda a sua Corte, passou a ponte do Caya, e a pouco espaço encontrou a luzida comitiva Castelhana, e emparelhando com a carroça da Duqueza, se passou a ella com seus irmãos, onde feitas aquellas cortezias, a que o respeito obriga, tomaraõ o assento de diante o Senhor D. Duarte, e Conde de Niebla, e a Estribeira direita o Senhor D. Alexandre.

Chegaraõ a Elvas entre as tres, e quatro horas da tarde, entre muita agua, que choveo, que naõ podia diminuir o gosto daquelle dia. Apearaõ-

se

se no adro da Sé, onde a Duqueza foy levada na cadeira, que lhe estava prevenida, nos braços de quatro Moços da Camera do Duque até a porta principal da Sé, onde o Bispo estava esperando. Sahio da cadeira a Duqueza em corpo deixando o boheme, que levava, e recebeo a agua benta da maõ do Bispo, e entrou com o Duque, e os Senhores, levando-a de braço o Senhor D. Duarte, e a cauda da cota a Camereira môr. Ao entrar tocaraõ os orgaons, charamellas, e outros alegres instrumentos, até chegarem ao lugar, que lhe estava preparado: commungaraõ os Duques da maõ do Deaõ da sua Capella; o Bispo ratificou o matrimonio, e lhe lançou as bençãos, soando entre tanto acorde Musica, que com papeis feitos ao intento applaudiaõ a felicidade daquella Real voda. O Duque hia vestido de taby anogueirado razo, guarnecido de passamanes de ouro bordados de grande altura, dos passamanes sahiaõ huns ramos largos volteados, bordados de ouro, e perolas, e todo o mais campo do vestido era de enlaçados SS com perolas nos meyos, e extremos; e no espaço, que ficava de hum a outro, de ramos quasi com flores de Lyz de chaparia de ouro: o farragoulo forrado do mesmo taby de flores, e cento e vinte botoens, que tinha o vestido, eraõ de ouro, em que se engastavaõ grossos rubins, e diamantes, entressechados hum diamante, e hum rubim, e todos se acompanhavaõ de quatro perolas, arrematando no extremo

Ferreira, *Epit. das Festas do Duque de Bragança*, pag. 20.

tremo do meyo com hum S; tinha o vestido dezoito mil perolas, em que havia muitas, que na estimaçaõ valiaõ mais de vinte cruzados, muitas de quinze, e nenhuma menos de dous; as mangas do jubaõ eraõ de hum taõ apertado bordado, que parecia ouro de martello. A espada, cinto, e adaga, era tauxiada de prata, e ouro; levava tambem hum collar de grossas perolas, e rubins, estimado em oitenta mil escudos de ouro; este collar deu ElRey D. Manoel ao Duque D. Jayme seu sobrinho no dia, em que foy jurado Principe herdeiro do Reyno de Portugal. Era o chapeo negro, o centilho obra igual à do collar, a joya huma pluma de quasi meyo palmo de rubins, no reverso sahiaõ a pouca distancia diversas plumas brancas; meyas, ligas, e rosas brancas, cobertas de pontilha de ouro, e çapatos negros. A Duqueza hia vestida de huma cota inteira de quatro mangas, as cahidas de pontas cortadas quasi a triangulo, abertas, e forradas de taby de prata de flores, em lugares tomadas com huma joya de diamantes. Era a cota verde bordada de huma nova invençaõ de laços de flores, e ramos de prata, e ouro taõ tecidos, que apenas se deixava divisar a cor verde. Do pescoço se suspendia huma banda da propria cor, tecida de ouro, e prata, com huma grande joya de diamantes de grande valor, volta, e alça-cuello à Castelhana, os cabellos toucados de rosas verdes com pontilhas de ouro, e prata, ao hombro hum boheme

como a cota, chapeo branco coberto de largas pontas de renda de ouro, e plumas brancas. O Senhor D. Duarte hia vestido de lhama anogueirada, guarnecida de passamanes de ouro bordados, e por entre elles lanteyoulas de prata, e o campo bordado de SS de ouro com chaparia de prata, o farragoulo forrado de taby de flores de ouro anogueirado, espada, cinto, e adaga como o Duque, meyas, ligas, e rosas anogueiradas com pontilha de prata, chapeo negro com plumas anogueiradas, joya, e centilho de rubins, e hum collar de diamantes de grande valor, que a Princeza Dona Joanna mandara à Senhora D. Catharina, quando se effeituaraõ as vodas com o Duque D. Joaõ I. seus gloriosissimos avós. O Senhor D. Alexandre hia vestido de risso verde, com guarniçaõ de passamanes bordados de meya tranca, e briscada, com entremeyos de casquilho, e meyas perolas de prata, o mais campo era de trocados SS bordados de prata, e chaparia de prata, o farragoulo forrado de lhama branca emprensada, meyas, ligas, e rosas verdes com pontilha de prata, chapeo negro, plumas brancas, centilho, e joyas de diamantes, collar de ouro de peças, debaixo de outro, em que trazia a Venera da Ordem de Christo guarnecida de diamantes, e espada de ouro ornada de diamantes, com a qual fora armado Cavalleiro o Infante D. Duarte seu visavô, no dia, em que recebeo a Ordem da Cavallaria de Christo, e hum punhal tambem rico. O Conde

Conde de Niebla ſahio neſta occaſiaõ como em os mais dias, que aſſiſtio em Villa-Viçoſa, com ricos veſtidos, joyas, e collares, naõ ſó elle, mas os ſeus criados, e os do Duque com excellentes galas, e collares, faziaõ na multidaõ, e riqueza huma agradavel, e magnifica Corte.

Acabadas as ceremonias da Igreja, recebidas as bençãos da maõ do Biſpo, e os parabens, com que todos ſe congratulavaõ da felicidade daquelle dia, o foraõ todos acompanhando ao Paço do Biſpo: o Duque levou a Duqueza de maõ até à cadeira, em que foy levada pelos meſmos, que a tiraraõ do coche, aſſiſtindolhe o Duque ſempre junto à vidraça. Chegando ao Paço, foy magnifica a hoſpedagem, e exquiſita a pompa prevenida pelo Biſpo, que era de animo altivo, e generoſo. Naõ ſe detiveraõ os Duques muito à meſa, ainda que as iguarias eraõ muitas, e aſſim ſe deſpediraõ do Biſpo, que por ſua indiſpoſiçaõ ſe diſpenſou de os acompanhar. Refere-ſe, que o Biſpo no tempo, que recebera os Duques ſe embaraçou em ſi meſmo, e que cahira, contentando-ſe entaõ a fortuna de ameaçallo com o precipicio, que guardava para outro tempo, e que logo com intrinſeco diſgoſto pagara aquelle Prelado a demaſia da ſua vaidade, vendo-a naõ lograda, porque os Duques iſentando-ſe da hoſpedagem, pertenderaõ antes pagalla, que merecella. Foy fama, que com hum collar de grande valor (a ſeſſenta mil cruzados o ſobi-

raõ alguns) quizera o Duque D. Joaõ ſatisfazer os diſpendios daquella entrada; porém o Biſpo ſe deu por melhor pago naquella demonſtraçaõ, por naõ pôr em litigio a grandeza. Neſte ſucceſſo quizeraõ muitos, ſe houveſſe fundado aquelle odio, que deſte dia até o ultimo da ſua vida, o Biſpo exercitou contra o Duque, e aſſim o moſtraraõ os tempos.

Pouco antes da noite entraraõ os Duques no coche, e partiraõ de Elvas, aonde ſe lhe fizeraõ as mayores feſtas, que naquella Cidade em algum tempo foraõ feitas. Marcharaõ na ordem, que permittia o tempo, as cargas, e recamera da Duqueza, e muitos criados ſeus, hiaõ huns no alcance dos outros, e aſſim foraõ chegando a Villa-Viçoſa, aonde os Duques chegaraõ às duas horas depois da meya noite: e como o tempo eſtava nublado, e fazia eſcuro, ſe prevenio hum grande numero de tochas acceſas, e vinte e quatro lanternoens grandes de campo acceſos, que rodeavaõ o coche, que fez naõ tiveſſem detrimento no eſcuro. Entraraõ na Villa, que eſtava toda guarnecida com dous mil arcabuzeiros das Ordenanças da Villa, e de Borba, debaixo do mando dos Capitães Antonio Rodrigues Robles, Franciſco Paes, e Bartholomeu Rodrigues, que haviaõ ſervido muitos annos em Flandes, e ao meſmo tempo eſtava toda illuminada, entre os repiques dos ſinos, e ſalvas da artilharia do Caſtello, deſcargas da moſquetaria, trom-

trombetas, atabales, clarins, e tambores, e os vivas do povo, que com differentes danças, e festins, faziaõ em huma confusaõ alegre magestosa a entrada. As ruas por onde passavaõ, estavaõ ornadas, e entre flores, e outras especies de aromas, que as Damas lançavaõ das janellas aos Duques, e com vivas, e acclamações, demonstradoras do gosto, chegaraõ ao Paço, em que ardiaõ duzentas tochas; e acompanhados da sua Corte, e dos Senhores, que lhe vieraõ assistir, sobiraõ, levando o Duque de maõ de huma parte a Duqueza, e da outra de braceiro o Senhor D. Duarte. O Bispo da Guarda D. Fr. Lopo de Sequeira, descendo com sua mãy D. Isabel Pereira de Vasconcellos, e com D. Filippa de Brito, beijaraõ a maõ à Duqueza, e esta ultima tomou a cauda da cota, e depois das divídas cortezias sobiraõ: o Senhor D. Alexandre querendo mostrar o quanto estimava aquella voda, se abaixava a cada degrao, que sobia a Duqueza, tomando a cota para que lhe naõ servisse de embaraço. A` entrada da salla estava a Cruz Metropolitana levantada, e o Arcebispo de Evora D. Joseph de Mello, filho do Marquez de Ferreira; e depois de feitas as cortezias, que permittiaõ os muitos annos, e cabiaõ na sua grande Dignidade, os foy acompanhando até à Camera da Duqueza, aonde fazendolhe, e ao Duque, breve visita, se recolheo; algum espaço depois fizeraõ os Senhores o mesmo.

No

No dia seguinte comeo o Duque em publico, e sahindo da sua antecamera com os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, atravessou a salla, e foy a buscar ao seu quarto ao Conde de Niebla, que logo sahio com elle, e voltaraõ todos para a mesa, que estava posta em huma salla bem armada, e no meyo hum estrado grande de dous degraos cobertos de excellentes alcatifas, que cobria hum docel de veludo carmesim, e quatro cadeiras: defronte estavaõ dous doceis de téla amarella com as Armas bordadas, os quaes tinhaõ debaixo dous grandes aparadores, com seis degraos cobertos de veludo, em hum estavaõ cento e cincoenta peças de prata dourada de excellente feitio, e exquisito gosto; o outro estava guarnecido de prata branca lisa para o serviço, a que se ajuntava em hum, e outro muitas peças de prata grandes, bem obradas, que serviaõ sómente de ornato. Sentaraõ-se à mesa, o Duque na cadeira do meyo, à sua maõ direita o Conde de Niebla, e logo o Senhor D. Duarte, e à esquerda o Senhor D. Alexandre, ficando todos quatro debaixo do docel. Depois de sentados, o Bispo da Guarda se sentou tambem da parte do Senhor D. Duarte, e D. Fernando de Mello da mesma parte, mas na volta da mesa. Benzeo-se a mesa na fórma costumada; da parte direita ficaraõ os Fidalgos da Casa do Duque, e os Gentis-homens, que acompanharaõ a Duqueza, todos descobertos. Entraraõ os Porteiros da Cana, e os

da

da Maça com ellas ao hombro; seguiaõ-se os Arautos, e Passavantes com cotas de razo encarnado, e branco, e nellas os Castellos, e Quinas de Portugal, e logo o Veador do Duque, e o Mantieiro com o gomil, e prato de bastioens dourado; traziaõ mais dous, hum criado accrescentado da Casa do Duque, e outro hum Moço da Camera: e depois de feitas as devidas cortezias, o Mantieiro lançando agua no prato, o beijou, e entregou ao Trinchante, que com a mesma ceremonia o poz diante do Duque, e lhe deu agua às mãos, e ao Conde, e Senhores D. Duarte, e D. Alexandre; depois de elles, o criado accrescentado a deu ao Bispo, e o Moço da Camera a D. Fernando: e tirando o Mantieiro a toalha, se foraõ os demais, tardando pouco em voltar com as iguarias, que acompanhavaõ os Soldados da Guarda do Duque. Assim, que se apresentaraõ as iguarias, deu huma salva o Castello com toda a artilharia, e começaraõ a soar as trombetas, charamellas, atabales, e ministris. Foraõ as iguarias muitas, muy delicadas, e com excellentes invenções de diversos triunfos, figuras de animaes, aves, peixes, coroas, conformes ao uso daquelle tempo, em que naõ eraõ menos pomposas, que aprasiveis, e vistosas as mesas. Todos os dias, que o Conde de Niebla esteve na Corte, sempre o Duque comeo em publico com o mesmo Estado.

Neste mesmo dia à tarde começaraõ as festas: corre-

correraõ-ſe Touros; à noite eſtava tudo illuminado como os mais dias, e havia diverſas feſtas de jogos, danças, e maſcaras pelas ruas, e houve artificios de fogo em duas naos, de que ſahiraõ muitas, e galantes invenções, com que ſe paſſou com alegria a noite.

No dia ſeguinte, que era huma ſeſta feira, que ſe contavaõ 14 de Janeiro, mandou o Duque à Duqueza hum preſente de peças, e joyas de rubins, diamantes, e perolas, obradas com admiravel arte, e de grande preço, e valor. A Duqueza ſe ornou logo com algumas, e ſahio a ouvir Miſſa à ſua Tribuna, com huma cota de taby anogueirado, e flores de prata, acompanhada da Camereira môr, e as ſuas Damas. O Duque fez o meſmo na ſua Tribuna com o Conde de Niebla, ſeus irmãos, o Arcebiſpo de Evora, e Biſpo da Guarda; foy a Miſſa rezada, e no tempo, que ſe dizia, cantou a Capella o Hymno: *Te Deum laudamus*, e depos diverſos Vilhancicos feitos à vinda da Duqueza, o que ſe continuou com outros differentes ao meſmo intento nos mais dias, que duraraõ as feſtas. Na tarde houve Carreiras, que correo Antonio Galvaõ, hum dos Eſtribeiros do Duque, o qual no meſmo lugar o ſervio depois de Rey, e foy Fidalgo da ſua Caſa, Commendador de Santiago de Orem, e N. Senhora da Caridade na Ordem de Chriſto, e ſeu filho Manoel Galvaõ ſervio no dito emprego a ElRey D. Pedro, e ſeu neto Lourenço Luiz

Luiz Galvaõ actualmente a ElRey Dom Joaõ V. Era muito déstro na arte de Cavallaria, de que fez hum Tratado, que imprimio no anno de 1678, e nelle repete em laminas abertas as admiraveis obras, que entaõ fez, e na verdade excedem a toda quanta destreza se póde imaginar. Foy a primeira, correndo com o pé no chaõ, e tornando-se à cella com incrivel velocidade, parou. A segunda, soltando da maõ muitas vezes hum lenço, o tomava do chaõ, indo sempre na mayor carreira do cavallo. A terceira, depois de começar a carreira, voltando-se na cella, se poz com os pés em cima, e correo até o meyo, e tornando-se com os pés aos estribos em hum instante, acabou a carreira. A quarta, correndo, foy pondo o pé muitas vezes no chaõ. A quinta, fazendo ao parar pôr as ancas no chaõ ao cavallo diante dos Duques, e seus irmãos, acabou fazendolhe cortezia. Depois da admiravel destreza, com que Antonio Galvaõ satisfez os mais difficultosos primores da arte da Cavallaria, com grande applauso dos Duques, e toda a Corte, se seguio huma Comedia publica em vistoso theatro, que para este fim se fez perto da janellas do Paço, em que os Duques assistiraõ, e seus irmãos. Na noite houve luminarias naõ só no Paço, e no Terreiro, que se illuminou com muita variedade, mas em toda a Villa. No campo estavaõ duzentos Arcabuzeiros com o seu Capitaõ promptos para acompanharem as salvas do Castello, os quaes faziaõ ex-

ercicio militar com deſcargas, e ao meſmo tempo ſe viaõ em outra parte Borlatins com extraordinaria ligeireza, que entretinhaõ, e levavaõ atraz de ſi o povo.

Pela parte de S. Joaõ do Carraſcal veyo huma encamizada, que fez a ſua entrada pela de Santo Agoſtinho. Trazia diante huma trombeta baſtarda, e logo os Atabaleiros em mullas com cobertas verdes bordadas de cortado amarello, quatro trombetas, hum terno de charamellas, todos bem montados, e hum grande numero de danças, e folias, entre ellas dous carros triunfaes, hum de charamellas, e outro de Muſica: ſeguiaõ-ſe vinte e quatro Moços da Eſtribeira, e vinte e quatro Moços da Camera deſcobertos com tochas acceſas nas mãos, e dous cavallos à déſtra, cobertos com telizes de veludo carmeſim bordados de cortado de flores de téla amarella, os quaes hiaõ no meyo dos Moços da Eſtribeira.

Seguia-ſe a primeira parelha, que eraõ os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, montados em ſoberbos cavallos: o do primeiro era caſtanho claro, o do ſegundo bayo rodado de branco, com mochillas encarnadas bordadas de paſſamanes de ouro, chareis de ouro, e ſeda, enfitados de varias cores, com eſtribos, boçaes, e enceladas de prata; os veſtidos de ambos eraõ de veludo negro, golpeados ſobre téla branca, os golpes com moſcas de prata, as mangas do jubaõ de téla branca moſ-

queadas

queadas de negro, capas negras forradas da mesma téla, chapeos negros com tranças de velilho de prata, e humas rosas grandes illustradas de temblantes, e argentaria de ouro, e prata, de que sahiaõ plumas brancas; o Senhor D. Duarte trazia atravessada huma liga do proprio velilho, e o Senhor D. Alexandre sobre a cadea do habito hum talim de bordado recamado, e com tochas de quatro pavios nas mãos, e logo os seguiaõ vinte e duas parelhas de singulares Cavalleiros com tochas accesas, vestidos ricamente, e com bom gosto, de télas, e tabys de cores, plumas, joyas, collares, e jaezes, que faziaõ huma agradavel, e pomposa vista: a esta entrada correspondeo o Castello com huma salva de toda a artilharia, os Moços da Camera, e Estribeira ficaraõ conforme a sua graduaçaõ póstos em ala ao pé da janella dos Duques, fazendo o mesmo a Guarda, que havia acompanhado aos Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, e da outra parte huma Companhia dos Arcabuzeiros, occupando huns, e outros o espaço da carreira: e quanto, que estas se correraõ, sahiraõ com a mesma ordem, e foraõ passear as ruas da Villa, que estava toda illuminada.

No dia 15 houve Touros, e foraõ os Cavalleiros D. Luiz de Noronha, Caçador môr do Duque, Fernaõ Rodrigues de Brito, seu Camereiro môr, Salvador de Brito, seu Trinchante, todos Commendadores da Ordem de Christo, e Antonio

Galvaõ, hum dos ſeus Eſtribeiros; moſtraraõ todos ſciencia, e arte, que a ventura fez nas ſortes mais luzida, matando muitos Touros. Na noite houve Comedia no Paço. O Duque querendo em tudo divertir o Conde de Niebla ſeu cunhado, determinou foſſem huma tarde à ſua ſingular Tapada; e aſſim ſahio o Duque do Paço com ſeus irmãos, e o Conde, e entraraõ no coche, ao meſmo tempo os ſalvou o Caſtello com a artilharia, ſoando as trombetas, atabales, charamellas, piſanos, e tambores. Marchavaõ diante dezaſete coches, e os cavallos da caça atraz; gaſtou-ſe a tarde com applauſo, porque ſe mataraõ gamos, e javalis, e voltaraõ ainda de dia para Villa-Viçoſa. Foy applaudida a ſua entrada com outra ſalva da artilharia do Caſtello, e continuaraõ na Villa as feſtas com diverſas invençoẽs de danças, e feſtins, a que acodia muita gente, e ainda mais, porque das janellas o Senhor D. Duarte, e D. Alexandre, lançavaõ muitas patacas, e eſcudos, e outras moedas ao povo, que deu cauſa a huma tumultuoſa pendencia. Na meſma noite houve fogo do ar, que ardeo em huma magnifica Torre com viſtoſos artificios, que durou largo tempo.

Contavaõ-ſe 17 de Janeiro, dia que ſe deſtinou para hum magnifico jogo de Canas Reaes, que ſe dividio em duas quadrilhas, cada huma de dezoito Cavalleiros; a primeira era do Senhor D. Duarte com D. Luiz de Noronha, Caçador mór; a ſe-

a ſegunda do Senhor Dom Alexandre com Fernaõ Rodrigues de Brito, Camereiro môr do Duque, ajuntaraõ-ſe no campo do Carraſcal, donde ſahindo por Santa Luzia à rua da Corredoura, entraraõ na fórma ſeguinte.

Diante hia huma baſtarda, e ſeis trombetas, quatro atabales, todos com vaqueiros guarnecidos de paſſamanes de prata, montados em mullas cobertas com gualdrapas de pano verde, bordadas de cortados de amarello; logo as danças, e entre ellas com diviſaõ tres ternos de charamellas, e as do Duque com ſua libré; ſeguiaõ-ſe duas azemelas de canas cobertas de repoſteiros de veludo verde com as Armas bordadas de ouro, e prata com cadilhos de varias cores; as ferragens, arrochos, e teſteiras das Armas eraõ de prata. Entraraõ oitenta cavallos à déſtra com jaezes de ouro, e prata, os mais delles do Duque; dos ultimos eraõ doze dos Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, com jaezes de ouro, perolas, e aljofre, boçaes, e enceladas do meſmo, cobertas as cellas de ricos telizes de varias cores; vinhaõ prezos pelos cordoens das cabeçadas, que levavaõ homens veſtidos com marlotas de tafetá azul, e verde: foraõ os Padrinhos Dom Chriſtovaõ Manoel, e D. Antonio de Mello, Eſtribeiro môr do Duque, que hiaõ montados em ſoberbos cavallos; ſeguia-ſe o Meirinho da Caſa, doze Moços da Eſtribeira, e doze da Guarda, que levavaõ no meyo ao Senhor D. Duarte, e à ſua eſtribeira

tribeira

tribeira doze Moços da Camera, hum dos quaes levava a adarga com a ſua empreza, que era hum Loureiro verde, e quatro Coroas do proprio ſuſpendidas delle, com eſta letra: *Nondum aruit*, e no eſtandarte da lança levava huma Aguia com os pés atados, e a letra, que dizia: *Semper eadem.* Aſſim os deſta, como da outra quadrilha veſtiaõ à Mouriſca com marlotas, e capellares de velilho de ouro, e azul, franjados de ouro, forros de tafetá azul, barretes vermelhos ſem plumas, e ſuas emprezas: naõ levava mais differença o Senhor Dom Duarte, que ter eſporas, e traçado de ouro, e aljofres, e o ſeu cavallo, que era bayo, ir guarnecido com joyas, freyo, encelada, e boçaes do meſmo ouro, e aljofres. Os da outra quadrilha vinhaõ com marlotas, e capellares de velilho de ouro verde; o Senhor D. Alexandre hia em hum cavallo caſtanho claro, no mais igualava em tudo com ſeu irmaõ, com outros tantos Moços da Camera, Eſtribeira, e Guarda: levava na adarga por empreza hum Sol ſahindo de huma nuvem eſcura, com eſta letra: *Poſt tenebras ſpero lucem*, e no eſtandarte da lança huma Arpa, com a letra, que dizia: *Quid erit in Cœlo?* Ultimamente marchava hum eſquadraõ de duzentos Soldados, com bandeira, tambor, e pifano, que governava o Alferes môr do Duque, Soldado veterano, que tinha militado em Flandes, todos com luzidos veſtidos, bandas, e plumas.

Entra-

Entraraõ desde Santo Agostinho pela parte do Convento das Chagas: tanto, que chegaraõ à janella, em que estavaõ os Duques, tirando com bizarria as lanças do hombro, com abaixarlhe as pontas fizeraõ as cortezias, passando a dar principio às carreiras, e no fim dellas às Canas, que correraõ com desembaraço, e bizarria, e depois com huma vistosa escaramuça; e acabando ultimamente com carreiras, se despediraõ na fórma, que haviaõ entrado, o que applaudio o Castello com huma salva da artilharia, e sahiraõ a passear as ruas da Villa: na noite houve Comedia no Paço.

A satisfaçaõ, que o Conde de Niebla teve da passada montaria, o obrigou a pedir ao Duque voltassem ao campo, o que logo se poz em pratica, sendo o dia ainda de mayor gosto, pelos muitos veados, e javalis, que mataraõ. Nesta mesma tarde houve Comedia publica, e na noite outro magnifico fogo do ar, representado em fontes, e outras admiraveis invenções. Na quinta feira 20 do mez de Janeiro no tempo, que o Conde de Niebla estava mais divertido, e gostoso na companhia dos Duques, foy chamado do Duque seu pay, deixando em todos saudosas memorias da sua agradavel companhia, as quaes eraõ mais vivas na Duqueza sua irmãa, que sentio se ausentasse taõ depressa. O Duque com seus irmãos o acompanharaõ até junto da Tapada; e já se havia despedido hum dia antes o Arcebispo de Evora, e o Bispo da

Guar-

Guarda, e outros Senhores, retardando-se alguns mais o Marquez de Ferreira, em quem o parentesco era taõ chegado, como a estimaçaõ no Duque, sendo esta Casa em todo o tempo a mais attendida dos Duques de Bragança, e tambem elles os mayores servidores della. Relatámos estas festas com alguma individuaçaõ, sómente para que se naõ perca de todo a memoria do antigo, taõ estimado no bom gosto dos curiosos. Dellas se imprimio hum livro em Evora no anno de 1633, feito por Diogo Ferreira, com o titulo: *Epitome das Festas, que se fizeraõ no Casamento do Principe Dom Joaõ, deste nome segundo, e oitavo Duque de Bragança.* Em Sevilha se imprimio tambem huma Relaçaõ desta festa. Manoel de Galhegos, hum dos scientes Poetas daquelle tempo, celebrou estas vodas em hum admiravel Poema, que se imprimio em Lisboa no anno de 1635 com o titulo: *Templo da Memoria, Poema Epithalamico nas felicissimas bodas do Excellentissimo Senhor Duque de Bragança, e de Barcellos.*

Todas estas demonstrações de gosto eraõ hum prognostico dos corações dos Vassallos na felicidade, que se havia de seguir deste ditoso thalamo, em que entraraõ, contando o Duque vinte e oito annos, e a Duqueza vinte. Foy neste mesmo anno nomeada para o governo de Portugal Margarida de Saboya, Duqueza de Mantua, viuva de Francisco Gonzaga, IV. Duque daquelle Estado, a qual

qual era prima com irmãa delRey D. Filippe IV. por ser filha da Infanta D. Catharina, filha delRey D. Filippe II. a qual casou com Carlos Manoel, Duque de Saboya. Achava-se esta Princeza em Pavia, lançada fóra do mesmo Estado, que dominara; porque por morte de seu marido, ficandolhe huma só filha, que foy a Princeza Maria Gonzaga, a quem havia excluido daquella soberania Carlos Gonzaga, Duque de Nevers, como Varaõ, a quem tocava por morte do Duque Vicente seu primo sem successaõ, e com effeito lhe succedeo, e foy Duque de Mantua, e casou com a mesma Princeza, como deixámos escrito no Livro III. pag. 431. Havia ElRey D. Filippe entretido a Duqueza Margarida com o governo de Pavia, donde a foy buscar o Conde Duque para o governo de Portugal, contra os privilegios, que lhe foraõ concedidos em Thomar por ElRey Dom Filippe II. a quem excluîa o ser mulher, e naõ estar naquelle grao de parentesco com ElRey, dos que se haviaõ determinado nas Cortes. Havia sido esta eleiçaõ inspirada pelo Duque de Villa-Hermosa, quando acabando o tempo de Vice-Rey D. Diogo de Castro, cuidou o Conde Duque entregar o governo a Dom Francisco de Borja, Principe de Esquilache, com o pretexto de ser descendente de Portuguezes, o que lhe ficava já distante, pois era neto da Duqueza de Gandia D. Leonor de Castro, mulher do Duque D. Francisco, que hoje venera a Igreja Ca-

tholica collocado nos Altares com o nome de S. Francisco de Borja: porém desta ao seu parecer justa eleiçaõ, o tirou o Duque de Villa-Hermosa, irmaõ do Principe de Esquilache, tal vez pelo capricho de se ver preferido nos merecimentos, e lhe inculcou a Duqueza de Mantua para o governo de Portugal, onde entrou no fim do referido anno de 1634. O Duque de Bragança a mandou visitar a Elvas, e darlhe os parabens da sua vinda por Francisco de Sousa Coutinho, seu Aposentador môr, o qual como era dotado de hum grande talento, e bem exercitado nas politicas da Corte, com o desejo de servir a seu Senhor, soube penetrar da pratica, que teve com o Marquez de la Puebla, o genio da Duqueza; e voltando a Villa-Viçosa, assentou, do que referio ao Duque, desvanecerse a idéa, em que estava, de se avistar com ella, evitando assim o preciso dissabor, que a ambos se podia seguir da visita. Continuou a Duqueza de Mantua a sua jornada a Lisboa, onde entrou em Janeiro de 1635, assistindolhe o Marquez de la Puebla, que de Madrid veyo na sua companhia sem occupaçaõ, só para a aconselhar no governo nas materias de mayor importancia. Porém esta disposiçaõ naõ teve effeito, porque sogeitando-se totalmente ao arbitrio do Secretario Miguel de Vasconcellos, ordenava sem contradiçaõ, e mandava executar sem dependencia.

Era grande a harmonia, e correspondencia, com

com que o Duque vivia com seus irmãos; mas tanto, que o Duque se vio casado, houve de faltar àquelle affecto, que destinou para a esposa. Seguio-se passar neste tempo a servir em Alemanha o Senhor D. Duarte, como deixámos escrito no Capitulo XIX. do Livro VI. Entenderaõ o Duque, e a Duqueza de Bragança, que viviriaõ em grande conformidade ausente o Senhor D. Duarte, porque nos olhos da emulaçaõ, era reputado como pedra do familiar escandalo das suas vontades; porém apartando-se o Senhor D. Duarte, logo se descobriraõ novas causas de descontentamento. Originou-se este, porque o Duque D. Joaõ se declarou taõ affeiçoado às Comedias, que já se notava publicamente o excesso, tal vez incitado das queixas, que a Duqueza sentia, porque a delicia do Duque seu marido naõ parava sómente nos theatros. As continuas jornadas ao bosque, e dilaçaõ nelle, davaõ naõ menos causa a semelhante effeito.

Havia nos primeiros annos o Duque D. Joaõ aprendido com felicidade a sciencia da Musica, a que voltando agora parte do appetite, que lhe sobejava de outras inclinações, se empregou nella tanto, que chegou ao seu perfeito conhecimento. Alguns politicos excitaraõ se convinha aos Principes a Musica, e a Poesia, sendo profissoens honestas, e louvaveis: deixadas as razoens, em que fundaõ a sua opiniaõ, senaõ he paradoxo, he admiravel o que hum Filosofo suspeitou neste caso, que como

os homens naõ podem igualar aos Principes nos dotes da fortuna, naõ ſofrem, que os Principes os poſſaõ exceder nos da natureza.

Naſceo por eſte tempo a 8 de Fevereiro de 1634 o Duque de Barcellos D. Theodoſio, primogenito da Caſa de Bragança, que ſerenando domeſticas diſcordias, com novo, e mais delicioſo vinculo unio as vontades dos Duques ſeus pays, que o tempo foy adiantando cada dia com novos penhores da fecundidade da Duqueza; porque logo no anno ſeguinte a 21 de Janeiro naſceo a Senhora Dona Anna, que no meſmo dia voou à Eternidade com grande mágoa de ſeus pays. Porém com pouco intervallo de tempo, mas preciſo, ſe enxugaraõ as ſaudades dos Duques com o naſcimento da Senhora Dona Joanna a 18 de Setembro de 1636. Porém, que juizo póde pezar na balança do tempo os bens, e os males, para que pendaõ igualmente? Mas aſſim ſuccedeo, porque a naõ largo eſpaço de tempo do naſcimento deſtes Principes, ſuccedeo a morte do Senhor D. Alexandre ſeu tio em idade florente, ornada de igual gentileza, que virtude, como no Livro VI. Capitulo XVIII. deixámos referido. O Duque com liberal providencia proveo no Senhor D. Duarte as Commendas vagas por ſeu irmaõ, de ſorte, que ficava com ſufficiente renda para ſuſtentar o titulo de Principe de Bragança, que em Alemanha lograva.

A Caſa de Bragança ſempre foy a emulaçaõ dos

dos Grandes de Castella, (de cuja ordem era o Valído) e naõ podiaõ conformarse, que julgando-se elles por immediatos à Magestade, dentro de Hespanha se achasse quem fosse todo mayor, que elles. Por esta causa, córados de varios pretextos os seus fins, desejavaõ a troco de ver ao Duque de Bragança seu igual, introduzillo nos lugares, em que elles tambem desejavaõ introduzirse. Passou este pensamento a pratica, que approvou o Conde Duque, e assim em trages de lisonja procedia a inveja. Propozse no Conselho de Estado, que pois a Monarchia estava na presente conjuntura mais opulenta de occasioens, do que de sugeitos, naõ era tempo de deixar de cultivar, os que floreciaõ: que havia annos, que durava o silencio da Casa de Bragança, tempo bastante para compor as suas primeiras turbações: que o presente Duque por idade, e talento, estava capaz de grandes occupações: que era justo naõ augmentar o silencio, em que se tinha aquella Casa, que parecia, que a presumpçaõ, ou o desprezo a fazia escusarse do serviço, eximindose do jugo de Vassallo; e quando fosse esta causa, por lhe exercitar o merecimento da obediencia, que o Duque D. Joaõ se achava com hum filho herdeiro, e com immediatos penhores, com que se assegurava a sua Casa, e tambem as pertenções propostas para a segurança do seu augmento; e assim pedia a razaõ fosse admittido ao mesmo, que os outros Grandes da Monarchia: pelo que podia

ElRey

ElRey edificar na sua pessoa hum General, hum Criado, e hum Ministro. A esta pratica se mostrou propicio, e obrigado o Conde Duque, naõ se eximindo da censura de alguns, que por seus proprios fins o denunciaraõ Author daquelle soborno. Taes saõ as subtilezas dos politicos, e a diversidade, com que se vestem nas Cortes.

Birago, *Hist. di Portogallo*, liv.2.pag.159.

A esta proposta se seguio a Consulta com a conformidade dos votos, que o Duque de Bragança D. Joaõ passasse ao governo de Milaõ, e Vigairaria de Italia, cujos póstos eraõ já mais reputados pela guerra, que se esperava certa, que a paz, que se ouvia incerta com Saboya, pois os Catalãos estavaõ promptos a seguir a resoluçaõ de Alemanha, interessados pelos Protestantes na eleiçaõ de Rey dos Romanos; e Veneza com os Principes de Italia naõ menos promptos, que suspeitos a fomentar as novidades convenientes à sua conservaçaõ. Ignorava o Duque de Bragança este negocio, que o Valído havia fechado com novo segredo, por lhe naõ dar tempo à prevençaõ das escusas: chegou o dia do aviso, taõ artificiosamente despachado, que só a Francisco de Sousa Coutinho disse em Madrid o Conde Duque tinha ElRey feito merce a seu Senhor.

Foy largo o projecto, que se seguio a esta determinaçaõ, que em fim se revogou; porque sendo conferida como merce, mostraraõ haverse contradito o dictame Real; porque o Duque recusou o empre-

emprego com o pretexto, de que inteiramente ignorava os negocios de Italia. Affirmaraõ com tudo os politicos naõ ser syncera, mas artificiosa a conformidade do preceito, e a escusa; porque huma vez conhecido o animo do Duque de Bragança, seria facil obrigallo a cahir em outro mais barato modo de abatimento, de que se satisfizesse melhor a emulaçaõ, de tal sorte interpretou aquella temperança esta malicia. Alguns criados do Duque sem passar o discurso adiante, do que ouviaõ, pelo receyo da vingança, temiaõ a escusa: porém o Duque recebeo o aviso de sorte, que penetrando a difficuldade conhecia, que se alterava a harmonia, em que vivia, sendo muy grande o numero da familia, que muitas vezes passou de seiscentos criados, muitos de grandeza, e qualidade, reconhecida de seus Senhores por obrigaçaõ do sangue, e memoria dos antepassados; de sorte, que sahindo da sua casa, era forçoso despojarse do thesouro, ou da grandeza.

A Monarchia de Hespanha, cuja tea começou a ordir ElRey D. Fernando, e a teceo Carlos seu neto, para que a vestisse o Segundo Filippe, já naõ chegou inteira ao Terceiro, e veyo rota ao Quarto: este Principe, sendo hum dos mais pacificos do Mundo, veyo por disposiçaõ dos fados a ser hum dos mais opprimidos delle. He notoria a declinaçaõ, que naquelle tempo padecia Hespanha, e censurada dos Principes de Europa pela confu-

saõ

ſaõ do governo do Conde Duque; e ſe admiravaõ os politicos de ver, que ElRey D. Filippe IV. admittiſſe Conſelho fóra da conſervaçaõ do Duque de Bragança, entrando no penſamento de o tranſplantar de Portugal, pelo claro, e manifeſto ſentimento do Reyno na ſua falta, vendo, que o damno creſcia de ſorte, que ameaçava à cabeça da Monarchia.

Seguio-ſe huma inundaçaõ de novos tributos, e ſegundo as vontades eſtavaõ diſpoſtas, naõ ſe ſabe ſe primeiro ſe eſtabeleceraõ, ou ſe approvaraõ. Sentiraõ os póvos a oppreſſaõ, e nas queixas deſaffogavaõ da violencia. Começou em Evora a pratica de procurar o modo de ſe livrarem da vexaçaõ, a qual he Cidade opulenta, antiga, e nobre da Luſitania, e foy theatro de militares, e pacificas maravilhas, e Corte dos noſſos Reys. Naõ ſofriaõ os corações dos Portuguezes já opprimidos, e taõ violentados pelo Valído delRey de Caſtella, a ſogeitarſe a eſtes novos impoſtos, pois era huma publica infracçaõ dos Tratados aſſentados em Cortes, repetidas vezes jurados, e muitas mais quebrados; com que conſternados os animos vacillavaõ com a ultima ruina, que eſperavaõ na pertençaõ de reduzirem o Reyno ao eſtado de Provincia. Eſta pratica, ſobre que ſe trabalhava, exaſperou aos verdadeiros Portuguezes para tomarem a generoſa reſoluçaõ de acabarem em hum dia com taõ pezado jugo.

Come-

Começou no anno de 1635 a disporse a liberdade por meyos disproporcionados, como foraõ os tumultos de Evora, porque o vulgo amante da liberdade nunca já mais disputa o que he mais conveniente: à primeira vista lhe parece tudo licito, e o mais justificado. Atraz daquella esperança correo o povo de Evora com barbaro movimento, com taes excessos, que o menor era a sediçaõ; passou o seu contagio a inficionar alguns Lugares da Provincia de Alentejo, e Algarve, e naõ faltou quem dissesse, que se Evora estivera mais perto del-Rey, e mais longe do Duque, naõ se mostrara taõ briosa. Chegaraõ a Villa-Viçosa estas vozes no anno de 1638, com que se alvoraçaraõ seus moradores de sorte, que cobertos com a capa da noite, começaraõ a acclamar alguns ao Duque D. Joaõ Rey de Portugal; porém naõ era ainda chegado o tempo decretado pela Divina Providencia para a liberdade da Patria. O Duque, que se achava impossibilitado com huma grave enfermidade, para poder socegar aquelle rumor com o acordo, que pedia negocio, em que se interessava a sua pessoa, e Casa, mandou na mesma noite sahir pelas ruas ao Duque de Barcellos seu filho, que naõ tendo mais, que quatro annos, resplandeceraõ nelle as luzes das suas virtudes, de que depois se ornou este excellente Principe, e com a sua presença compoz o rumor do povo; e se recolheo ao Paço, deixando tudo socegado, e a seu pay livre do

cuidado, que lhe havia causado o tumulto.

Entraraõ a divisar ao longe as consequencias daquelles motins, o temor, e a malicia de Diogo Soares, Portuguez, inimigo da Patria, que servia na Corte de Madrid com o emprego de Secretario do Conselho de Portugal, e tinha a graça do Valído; e disse em publico a ElRey, que naõ seria Senhor de Portugal, em quanto a Praça de Villa-Viçosa se naõ tornasse hum prado sempre verde. Temia o sequito do Duque D. Joaõ, e desprezando a Patria, buscava o remedio para fazer mayores as suas conveniencias. O Conde Duque reconheceo logo o perigo, e propoz evitallo, armando-se de confiança contra a desconfiança, receando, que como o Reyno estava resignado na vontade do Duque de Bragança, intentou destramente fazello suspeitoso ao povo com publicos sinaes da sua inconfidencia; porém os Portuguezes constantes na inteira resoluçaõ do seu proposito, interpretaraõ facilmente o temor, e o artificio. Os Grandes de Portugal, que ao principio desprezaraõ o primeiro movimento popular, já o respeitavaõ, e aquelles, que em segredo naõ o approvavaõ, já o naõ contradiziaõ em publico. Naõ se póde saber qual era entaõ o mayor numero das vozes, se as que pediaõ a liberdade, se o remedio: porém como os Vassallos naõ esperavaõ seguillas, senaõ à custa do sangue, nem o Principe sem elle, se determinavaõ na emenda.

Esta

Esta foy a primeira vez, que o Valído Castelhano vio de perto o mao semblante da fortuna; porque todos os passados accidentes da Monarchia, que se padeceraõ nas Provincias distantes, posto que grandes, se diminuîaõ, e levantavaõ, conforme a sua distancia. Temiaõ os Ministros, que se adiantassem os tumultos de Portugal, e assim procuravaõ o remedio com igual destreza ao seu perigo. A huns pareceo se devia dissimular com aquelles póvos inquietos até melhor tempo, a troco de encobrir às de mais Nações da Monarchia, que se achava entre ellas huma taõ ousada; outros entenderaõ, que com a noticia do erro, convinha chegasse o castigo. Misturaraõ-se imprudentes as armas, e as negociações, estas paravaõ ao estrondo daquellas, e os Portuguezes na tardança conheciaõ até donde podia chegar sem temor a ousadia. O Cardeal de Richeliev, primeiro Ministro del Rey de França, e taõ attento à gloria daquella Monarchia, como desejoso de abater a Hespanhola, mandou no anno de 1638 a Portugal com huma instrucçaõ ao Senhor de Saint-Pé, a explorar os animos dos Portuguezes, e a persuadirlhe com a sua admiravel politica a opportuna occasiaõ para a liberdade da Patria, offerecendolhe Tropas, e Armadas para poderem triunfar dos seus inimigos. E tambem referem, que escrevera ao Duque, que recuperasse o Reyno de seus avós, que França, e outros Principes o auxiliariaõ.

Memoires pour l'Hist. du Cardinal de Richeliev, tom. 2. pag. 122. Passarel. de *Bello Lusitano*, lib. 1. pag. 9. impresso em Pariz no anno de 1684.

Ao Duque de Bragança occorriaõ diverſas materias de Eſtado; a primeira era a ſua conſervaçaõ para poder acodir a qualquer parte onde a fortuna o chamaſſe; e aſſim convinha eſtar iſento da ſuſpeita, abraçando todos os meyos da juſtificaçaõ, de tal ſorte, que ſe conviesſe, até os proprios intereſſados os ignoraſſem; porque como ſabio reſervava as acções contingentes, depoſitadas no coraçaõ. Taõ efficazes foraõ as demonſtrações do Duque D. Joaõ, ou porque naõ appetecia o Sceptro, ou porque elle meſmo o naõ cria, de ſorte, que parecia a todos diſſuadido de tal deſejo; e muitos dos que pertendiaõ ſacrificarſe em obſequio da Patria, deſmayaraõ à viſta da inteireza, ou indifferença do mais intereſſado.

Entaõ foy o Duque encarregado de aplacar, e moderar as alterações dos Lugares de Alentejo, e de ſeus delinquentes, porque interpoſta a ſua authoridade, e ſeu nome, ſeria inſtrumento, e fiador do perdaõ aos culpados. Havia apartado por muito tempo huma grave doença ao Duque dos olhos do povo, e eſte mal lhe importou a vida, e a Coroa depois, porque ſem duvida vendo-o preſente, benigno, forte, como lhe parecia, ſe ajuſtariaõ os ſediciosſos, ouvindo ſoar a voz do ſeu nome. Para eſte fim foy mandado de Madrid o Conde de Linhares D. Miguel de Noronha, a quem pelo deſervir havia inculcado Diogo Soares para eſte negoceado, do qual elle meſmo lhe impedio depois a com-

Ericeira, *Portug. Reſtaurado*, part. 1. liv. 2. pag. 73.

composição. Pedio o Conde para o acompanharem na expedição dos negocios a Dom Alvaro de Mello, ao Inquisidor Antonio da Sylveira de Menezes, e a D. Francisco Manoel de Mello, que se achava em Madrid assistindo aos negocios do Duque de Bragança, o qual era ornado de sciencia, e grande talento, como justificaõ as Obras, que temos suas impressas, e manuscritas, e era preciso nesta commissaõ para conciliar os animos do Duque de Bragança, e do Conde de Linhares, de cuja uniaõ estava persuadido o Conde Duque, e pendia o ajustamento das alterações de Evora. Foraõ-lhe concedidos os tres, sem mais titulo, que para lhe assistirem. Partio o Conde, e a poucas jornadas chegou ordem para que voltassem a Madrid D. Alvaro de Mello, e Antonio da Sylveira, e que só D. Francisco Manoel continuasse a jornada. Conheceo o Conde ser aquella ordem fabricada pela industria de Diogo Soares, para lhe embaraçar os meyos da execuçaõ, e o fazer cumplice na infelicidade da empreza. Naõ alterou este incidente a jornada, que continuou o Conde com D. Francisco Manoel até Villa-Viçosa, onde se avistou com o Duque de Bragança. Conferiraõ os remedios mais efficazes de atalhar o damno da Patria, e para este fim segurou o Duque ao Conde, assim a assistencia do seu poder, como a obediencia dos seus Vassallos. Passou o Conde a Evora, e depois de haver conferido com os da Junta, sem declarar o

poder

poder da ſua inſtrucçaõ, declarou a fórma, com que ElRey havia de aceitar a obediencia dos Póvos. Foy tomado eſte projecto taõ mal, que naõ pode o Conde conſeguir nenhum dos effeitos da ſua commiſſaõ. Seguio-ſe mandarſe ordem à Duqueza de Mantua para que paſſaſſe a Evora o Corregedor da Corte Diogo Fernandes Salema com todos os Miniſtros, que pareceſſem neceſſarios. O ruido das armas viſinhas tirava o receyo aos Miniſtros de juſtiça, e aſſim que chegaraõ a Evora, ſe começaraõ a dividir os ſediciosos, ſem outro conſelho, do que o temor. Cezinando Rodrigues, Juiz do Povo, e Joaõ Barradas, ſeu Eſcrivaõ, que eraõ avaliados por zeladores da liberdade, e por eſta cauſa eſtimados, ſe auſentaraõ. Os mais fiados em pouco conhecidos, ſe deixaraõ ficar para ſeu mal, e alguns, que o Corregedor prendeo, foraõ ſentenceados, e ſahiraõ a enforcar em eſtatua o Juiz, e Eſcrivaõ, com pregoens, que os declaravaõ por traidores, promettendo-ſe certos premios a quem vivos, ou mortos, os entregaſſe à juſtiça. Os demais, que ſe prenderaõ, foraõ huns enforcados, outros lançados a Galés, e todos com eſte exemplo ficaraõ ſocegados. Ao meſmo tempo, que em Evora ſe havia executado o caſtigo, ſe praticou o meſmo no Reyno do Algarve, ainda com mais rigor, onde tambem havia chegado o intento dos de Evora.

A eſte tempo com o pretexto de dar melhor

fórma

fórma aos accidentes referidos, havia o Conde Duque instituido huma Junta de varios Ministros Castelhanos em Badajoz, e outra em Ayamonte, com taõ largos poderes, que ficavaõ sem exercicio os Tribunaes de Portugal, querendo com esta industriosa politica facilitar aos Portuguezes a infracçaõ dos seus privilegios, para poder assim introduzir insensivelmente o desejado intento de ElRey reduzir Portugal de Reyno a Provincia, e os Portuguezes de Vassallos a escravos. Por ordem destas Juntas se lançavaõ os novos tributos, que haviaõ de ser satisfaçaõ do castigo dos Pòvos, e da cobiça dos Ministros Castelhanos. Assim se começaraõ a esgotar os cabedaes do Reyno, e para de todo o acabarem, chamaraõ por ordem delRey a Madrid as principaes pessoas do Reyno, assim em sangue, como em letras, e tanto Ecclesiasticas, como seculares, para o que se mandaraõ varias Cartas delRey à Duqueza de Mantua, que ella logo mandou entregar a D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa, a D. Sebastiaõ de Mattos de Noronha, Arcebispo Primaz, a D. Joaõ Coutinho, Arcebispo de Evora, a D. Gaspar do Rego da Fonseca, Bispo do Porto, a Dom Diogo da Sylva, Conde de Portalegre, a Diogo Lopes de Sousa, Conde de Miranda, a D. Martinho Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, a D. Francisco Castellobranco, Conde de Sabugal, a D. Francisco Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, a Francisco de Andrade

drade Leitaõ, Desembargador dos Aggravos, a Joaõ Pinheiro, Desembargador do Paço, e aos Padres Sebastiaõ do Couto, Alvaro Pires Pacheco, e Gaspar Correa, da Companhia de Jesu; porém dos tres só o ultimo chegou a Mádrid. Recebidas as Cartas, se puzeraõ a caminho todos os nomeados.

Esta taõ extraordinaria novidade, que succedeo no anno de 1638, adiantou nos Portuguezes tanto o receo, que cada hum esperava a hora, em que havia de ser chamado, temendo justamente o infelice remate daquella machina. Os que chegaraõ a Madrid naõ tiveraõ em muitos dias mais ordem, que seguir a Corte, sem poderem descobrir qual fosse o negocio para que os chamaraõ. Obrigavaõ aos Castelhanos a grande cuidado as armas de França em terra, e mar, por se porem aquelle anno grandes Exercitos, e Armadas em varias partes contra o poder de Hespanha; mas Portugal accrescentando o esforço de seis milhoens pagos à sua defensa ordinaria, se foy dos ameaçados, naõ foy dos feridos. Com o motivo do aperto da Monarchia determinava artificiosamente o Conde Duque tirar de Portugal ainda mayor numero de pessoas particulares, depois que tivessem effeito as levas, que mandava fazer em todo o Reyno. Mas ainda havia outra idéa mais principal, em que mais se trabalhava, que era o modo de apartar do Reyno ao Duque de Bragança; porque a sua Real pessoa

pessoa era o seu mayor cuidado, pois da sua assistencia em Portugal parecia grande o perigo de qualquer execuçaõ violenta, se o Duque se declarasse defensor da liberdade do Reyno, porque sabiaõ, que os Portuguezes o respeitavaõ, e que todos o seguiriaõ; e assim por industria o queriaõ dividir, para que quando chegasse o tempo de exasperallos, fosse infructuosa qualquer resoluçaõ, que emprendessem. Ordenou-se a D. Affonso de Lencastre, Marquez de Porto-Seguro, para que fizesse em Lisboa huma leva de Cavallaria, sem se limitar numero; e a todas as Provincias, e Comarcas do Reyno, e às Ilhas dos Açores mandaraõ diversos Fidalgos levantar grande numero de gente com o pretexto da guerra de França. Tambem se mandou entregar à ordem do Almirante Thomás de Chauburum todos os navios de guerra, que se achassem nos pórtos do Reyno; e ao Duque de Bragança chegou ordem para tirar das suas terras mil Vassallos armados, e que os entregasse a Dom Antonio Tello. Todas estas ordens se executavaõ sem contradiçaõ, de que inteirado o Conde Duque, ordenou, que todos os Portuguezes, que haviaõ sido chamados à Corte, acodisse cada hum a casa de varios Ministros Castelhanos à mesma hora, para que sem se communicarem, fosse cada hum à casa do Ministro apontado, com comminaçaõ de graves penas impostas, ao que revelasse o segredo. Porém nada bastou, porque logo se rompeo, que

a proposta fora lerse a cada hum dos Ministros Portuguezes hum papel, em que se determinava, que o Reyno de Portugal se reduzisse a Provincia, perdendo a regalia de Reyno; o que ElRey determinara, porque estava livre do juramento, que fizera nas Cortes, pois delle o havia desobrigado a perfidia Portugueza, (como elles diziaõ) fingindo casos, e concluindo, que este era o parecer dos seus Theologos, e Juristas, que o livravaõ de todo o escrupulo, e que ainda em taõ justificada causa naõ queria ElRey executalla, sem o parecer de cada hum daquelles Ministros, para que dessem o modo, com que se havia de introduzir o novo governo de Portugal, e qual seria o meyo para mais facilmente se promulgarem as Leys: advertindose, que se naõ pedia parecer se convinha, ou naõ aquella resoluçaõ, mas sómente a fórma, em que se havia de executar.

Esta escandalosa proposta bastava sómente para justificar o procedimento dos Portuguezes, ainda que naõ fora o fim principal eximiremse de serem Vassallos de hum Rey intruso, tendo em o Duque de Bragança Senhor verdadeiro, e natural, em quem concorriaõ as disposições das Leys fundamentaes do mesmo Reyno. Porque havendo-se El-Rey D. Filippe II. introduzido em Portugal contra o mesmo, que se havia ajustado, depois nas Cortes de Thomar desobrigou os Portuguezes de toda a sugeiçaõ da sua Coroa, se elle, ou seus descendentes

dentes quebrantassem os fóros do Reyno. E ainda no caso, que ElRey D. Filippe IV. fora legitimo possuidor de Portugal, sem escrupulo poderiaõ os Portuguezes negarlhe as obediencias, como já o deixou ponderado o Doutor Antonio de Sousa de Macedo na erudîta Obra da *Lusitania Liberata*, e a elegancia do Conde da Ericeira na sua estimadissima Obra do *Portugal Restaurado*; porque as fantasticas culpas, de que o Conde Duque os arguîa, naõ eraõ motivo sufficiente para lhes usurpar a liberdade, pois as alterações de Evora tiveraõ origem de tributos injustos; de mais, que nellas naõ tiveraõ parte mais, que pessoas de baixa condiçaõ, que foraõ punidas com mortes, galés, desterros, e depois com gravissimos tributos: e assim naõ merecia todo o Reyno pena da culpa, em que naõ tivera parte, cujos delinquentes haviaõ já satisfeito com as penas os delictos. Determinava o Conde Duque executar esta resoluçaõ sem embaraço, para o que havia ordenado a D. Antonio de Oquendo, que governava huma grande Armada, passasse a invernar com ella no porto de Lisboa, para com a sombra deste poder se introduzir o novo governo: porém a Divina Providencia, que he sobre as disposições humanas, fez, que primeiro fosse esta poderosa Armada destruida pelos Hollandezes no Canal de Inglaterra, do que castigo de Portugal no rio de Lisboa. Este segredo taõ recomendado se rompeo de sorte, que bastou para obrigar

Sousa de Macedo, *Lusitan. Liberata*, lib. 2. cap. 3. impr. em Londres em 1645.
Ericeira, *Portug. Restaurado*, tom. 1. liv. 2. pag. 80.
Passarel. de *Bello Lusitano*, lib. 1. pag. 10.

aos Portuguezes a que acordassem do lethargo, em que viviaõ, dispondo os meyos mais convenientes da liberdade da Patria.

Esta resoluçaõ tomada pelo Conde Duque, a que naõ responderaõ os Portuguezes, que consultou, senaõ com escusas, fundadas em naõ terem sufficiente poder para tratarem materia taõ grave, foy motivo para se passarem contra Portugal as ordens mais injustas; porque ao mesmo tempo foraõ quebradas as Leys, e rotos os privilegios, sem que houvesse extorsaõ, que se naõ executasse, naõ se isentando o sagrado da immunidade Ecclesiastica, como experimentou o Colleitor Alexandre Castracani, a quem remetteraõ prezo de Lisboa a Madrid, deixando elle a Portugal na tribulaçaõ de hum interdicto, de que se seguiraõ gravissimos damnos: assim continuavaõ successivamente os males, a que já os generosos coraçoes dos Portuguezes buscavaõ remedio.

He preciso em beneficio da mesma Historia, recorrer ao progresso de alguns estranhos accidentes, que entaõ passaraõ, manifestando a sua origem. Corria já entre os Portuguezes, havia sessenta annos, huma opiniaõ, ou Seita, que a muitos teve credulos, de que vivia peregrinando pelo Mundo ElRey D. Sebastiaõ, estes eraõ com nome alegre chamados *Sebastianistas*: estendeo-se ella naõ só aos antigos Vassallos, mas se deduzio a filhos, e netos, cujo engano comprehendia homens virtuosos, e

sabios.

ſabios. Muitos deſtes Filoſofos perfilhando ao entendimento os erros da vontade, fundavaõ as ſuas eſperanças nas letras, e na Eſcritura Sagrada, interpretando a Eſdras, Daniel, Ezequiel, Iſaías, e ainda alguns lugares do Apocalypſe, a favor do ſeu Encoberto. Explicaraõ nelle alguns dos oraculos das Sibyllas, naõ poucos de Santo Iſidoro, e do Abbade Joachim: e ultimamente dando nova luz à ſua cegueira os eſcritos apocrifos, ou ſejaõ verdadeiros, de hum homem dito Gonçalo Annes, o Bandarra, de virtude deſconhecida, craſſa ignorancia, ſangue ſuſpeitoſo, porém tido de longos tempos por vaticinante; aſſim preferiaõ a todo o diſcurſo as ſuas chimeras, e deſarmando o tempo aquella poderoſa chave, com que abre, e deſcobre todos os humanos ſegredos, quizeraõ, que a pezar ſeu por tantos annos eſtiveſſe encerrado. Deſta ſorte, reveſtido de tantas ficções, ſeguiraõ por tantos annos os ſeus ſequazes ao Encoberto, tal vez ſervindo de pretexto às ſuas paixoens: e como era taõ grande o numero dos deſcontentes, por conſequencia ſe augmentava o dos Sebaſtianiſtas, como que ſe naõ foſſe impia medicina aquella, que para curar os intereſſes particulares deſcompunha os communs. O merecimento, e a virtude haviaõ já fogido da Republica. Naõ vio o Mundo idade tanto de ouro, e de ferro. Os mais ſabios ſuſpenſos da gloria do ſilencio, ſe lhe entregavaõ inteiramente, outros inutilmente com fraquiſſimos bra-

ços

ços oppoſtos à corrente das adverſidades, procuravaõ rompella, ao menos por ſalvarſe.

Era difficultoſo naquelles tempos daremſe regras de verdadeiro Republico; porque ver arder Roma, e ajudar o incendio, he tyrannia, que Nero naõ quiz repartir com outro barbaro: contentarſe de naõ ſer complice no eſtrago, quem devia ſer author do remedio, he confirmar as diſpoſições do tyranno: offerecerſe, e lançarſe no fogo, que ſe naõ apaga com huma ſó vida, he deſeſperaçaõ, e naõ zelo. Tantas, e mais differenças de animos concorriaõ em Portugal naquelles dias. Muitos ſolicitavaõ o ſeu damno, os mais o occaſionavaõ, os menos o preveniaõ, porque em quanto foraõ toleraveis os males, os ſofriaõ com ſegredo; porém depois, que paſſaraõ a exorbitantes os aggravos, conhecendo, que o caſtigo futuro naõ podia ſer mayor, que o mal preſente, paſſaraõ os zeloſos da Patria a offerecer voluntariamente a vida pela ſua liberdade.

D. Franciſco Manoel, *Tacito Portug. M.S.*

Foraõ diverſos os diſcurſos, porém nenhum os ſegurava na eſperança ſenaõ aquelles, que ſe fundaraõ no direito, e juſtiça do Duque de Bragança, em quem concorria valor para emprender ſemelhante empreza, e nos Póvos affeiçaõ, e amor para lhe ſuſtentar a Coroa. He bem de advertir, diziaõ elles, que obſervado o Duque, naõ lhe deſcobriaõ outra inclinaçaõ, fóra do divertimento da caça; mas que nas alterações de Evora naõ ſó deſ-

prezara

prezara as repetidas offertas dos Póvos, persuadindo-o muitos da Nobreza, que as aceitasse; mas que fora publico se justificara com ElRey, e que assim naõ era prudencia offerecerlhe, o que naõ havia de aceitar. Embaraçados os discursos com estas duvidas, recorriaõ alguns a chamar seu irmaõ o Senhor D. Duarte, ornado de excellentes virtudes, valor, e experiencias militares, a quem chegaraõ alguns a communicar esta idéa, opprimidos da desconfiança, de que o Duque dimittia de si esta empreza, concorrendo nelle pela mesma justiça a successaõ do Reyno, como escrevemos no Capitulo XIX. do Livro VI. Tambem a outros lembrava formar huma Republica, a que lhe dava exemplo modernamente Hollanda, e mais antigamente Veneza, e Genova; porque entaõ sendo as utilidades commuas, e os riscos iguaes, era incontrastavel a uniaõ. Porém todas estas idéas padeciaõ terriveis contrariedades, vacillando os discursos, mas naõ os animos em se haverem de sacrificar pela saude da Patria.

Quasi por este tempo havia chamado com louvavel appetite o Conde Duque de Italia a Hespanha ao Marqvez Virgilio Maluezzi, natural de Bolonha, entaõ celebrado pelo mayor Politico de Italia, cuja reputaçaõ procedia mais dos seus escritos, que das suas acções. Introduzio novas maximas este Politico no ministerio ao Valído, e entendeo-se elle fora o Author delRey nomear ao

Duque

Duque de Bragança por Governador General das Armas de todo o Reyno, cuja Carta patente, passada em Ventosilha de Sayo a 28 de Janeiro de 1639, lhe enviou ElRey com outra da mesma data, em que lhe participava, que pelos avisos, que tinha, de que os Francezes aprestavaõ huma grande Armada contra Portugal, e por evitar o damno, que se poderia seguir, senaõ se prevenisse de sorte, que naõ podessem os inimigos lograr os seus designios, se resolvera entregarlhe o governo das Armas do Reyno, debaixo das ordens da Princeza Margarida sua prima. Seguiaõ-se a esta eleiçaõ naõ poucos inconvenientes, o que discursando o Duque, tratou de divertilla, naõ poupando a este fim diligencia alguma: porém naõ se admittiraõ em Castella as muitas escusas, que representou, sendo a reposta a instrucçaõ do posto, assinada por ElRey em Madrid a 25 de Março do referido anno, a qual por sua ordem lhe remeteo o Secretario D. Fernando Rodrigues de Contreras, e assim lhe foy preciso aceitar o posto, e passar a Almada. Foraõ diversos os discursos, que sobre esta acçaõ se levantaraõ, porque huns tiveraõ por errada maxima do Conde Duque esta eleiçaõ. Diziaõ elles, que entregar as armas do Reyno ao mesmo, que tinhaõ pelo mayor inimigo, era segurarlhe a vitoria, quando o faziaõ arbitro das tropas; e que o Duque, em cujos ouvidos ainda estavaõ soando as vozes, que o acclamaraõ Rey nas alterações de Evora, saberia

Prova num. 3.

Prova num. 4.

Prova num. 5.

ria dispor as armas do Reyno de modo, que dellas o naõ despojassem. Outros por differente modo diziaõ, que toda aquella confiança, que se fazia do Duque, era para o mostrarem Vassallo aos Portuguezes, que o consideravaõ Soberano: e adiantando o discurso penetraraõ, que havendo pela obrigaçaõ do posto visitar as Torres, e os navios da Armada, era facil prendello, e levallo a Cadiz, onde quando naõ perdesse a vida, seria ao menos a liberdade. He fama, que se averiguara naõ haver duvida, em ser esta a tençaõ do Conde Duque: porém toda esta grande idéa naõ pode ter effeito.

Havendo o Duque D. Joaõ de fazer jornada, a exercitar o mando das tropas do Reyno, veyo, à imitaçaõ de seu pay, a accommodarse na Villa de Almada. Aqui foy visitado de todos os Grandes, e Senhores, fundando na occasiaõ a sua mayor esperança; porque vendo-o, e tratando-o mais familiarmente, que em outra occasiaõ, havia muitas de lhe tentar o animo, e a sufficiencia. Dizem, que por coroa de hum largo discurso das miserias, que o Reyno padecia, se lhe introduzio a pratica do remedio, e muitos se resolveraõ a descobrirlhe o animo, em que estavaõ de o servirem, e outros tentavaõ o modo de saber qual era o seu intento; mas o Duque D. Joaõ com algum artificio os ouvia, qualificando as queixas com o zelo da Patria, mais como filho, do que como Senhor della; e assim se houve até penetrar os fins de todos os segre-

 dos,

dos, porque nenhum delles lho recatava, perſuadidos, que eſtas propoſtas feriaõ bem ouvidas, ainda que ſe naõ admittiſſem. Dom Antonio Maſcarenhas lhe diſſe, que tinha convocado a toda a Nobreza para o dia, que o Duque houveſſe de paſſar a Lisboa, accreſcentando: *Porque eſſe dia ha de ſer noſſo, façalono Voſſa Excellencia alegre*; o Duque moſtrou o naõ entendia, de que D. Antonio Maſcarenhas ficou taõ penetrado, que quando foy o da entrada, naõ quiz voltar à Almada com os mais Fidalgos, que hiaõ ao acompanhamento. O Duque com advertencia naõ conhecendo, os de que devia fiarſe, depois de ter ſondados os corações de todos, ſe houve de ſorte, que ſe naõ declarou com algum delles, e entre tantas praticas, e perſuaſoens, ſómente lhe deixou eſperanças em reſponder ao Monteiro mòr Franciſco de Mello: *Que ainda naõ havia occaſiaõ*. Eſta repoſta naõ deixou de animar aos intereſſados, de que ſe poderia lograr a ſua determinaçaõ. E ſuppoſto, que eſta deſtreza entaõ ſe referia como irreſoluçaõ, o tempo a veyo celebrar como grande prudencia.

Nicolao da Maya na *Relaçaõ* impreſſa no anno de 1641.

Para o Duque paſſar de Almada a ver a Duqueza de Mantua, era preciſo, que naõ houveſſe de ſer alterado o ceremonial, que de Madrid mandara o Conde Duque, regulado pelo que já com ſeu pay ſe praticara no tempo, que governava o Archiduque Alberto: porém como nada ſe executa ſem queſtoens, foraõ immenſas as que ſe levantaraõ.

taraõ. Finalmente se ordenou, que o Capitaõ da Guarda esperaria o Duque ao pé da escada, baixando a recebello com huma esquadra da guarda de Sua Magestade, estando a mais posta em ala por onde elle havia de passar, ficando a guarda dos seus Alabardeiros com o seu Capitaõ à porta do Paço: Que os Corregedores do Crime da Corte André Velho da Fonseca, e Diogo Fernandes Salema, o esperariaõ ao pé da escada do Paço, e o acompanhariaõ, e que os Officiaes da Casa Real sahiriaõ a recebello à porta de baixo, e que o Mordomo mòr acoderia, e ordenaria a parte, que lhe tocasse, e que a cadeira seria de espaldas, igual em tudo à da Princeza, e seria posta sobre a tarima, ficando debaixo do docel. Desembarcou o Duque no Paço, e sendo acompanhado, na fórma referida, a visitar a Duqueza de Mantua, se dilatou pouco na visita: e havendo ordenado a Duqueza a hum Official da Casa Real lhe mudasse o lugar da cadeira, quando se sentava, atrazando-a este hum passo, acodio logo com igual resoluçaõ, que valor, Thomé de Sousa, e a melhorou ao lugar, em que era razaõ estivesse. Voltou o Duque para Almada na mesma tarde. Havia concorrido toda a Corte a assistirlhe, outros a vello, e todo o povo de Lisboa a festejallo, com taõ excessivas demonstrações, como sentimento dos affeiçoados ao governo de Castella; porque todo o tempo, que esteve naquella Villa, foy continuamente assistido de toda a No-

Ericeira, *Historiarum Lusitanarum*, lib. 1. pag. 92.

breza, de que o Duque se deu por taõ obrigado, que disse havia por bem empregada a jornada, que havia feito, só pela boa vontade, que experimentara nos Fidalgos, e toda a mais gente, aos quaes pelos servir havia de empenhar a pessoa, e o Estado, o que depois mostrou a experiencia. Recolheo-se na entrada do Inverno o Duque a Villa-Viçosa livre dos laços, que lhe haviaõ preparado os Castelhanos, porque tendo seguras intelligencias, se desviou dos perigos, que o ameaçavaõ. Naõ haviaõ passado muitos dias depois do Duque estar em Villa-Viçosa, que naõ lhe chegasse ordem de Madrid para fazer huma leva de Soldados nas suas terras. Replicou levemente pelo pouco effeito, que havia tido a primeira, succedendo o mesmo em todas as que se fizeraõ no Reyno, ainda que algumas chegaraõ a Catalunha. Naõ admittio ElRey a replica, e o Duque se dispoz a obedecer por naõ dar motivo ao Conde Duque ao condemnar; porém mandou obrar taõ lentamente, que a leva se fazia de sorte, que naõ ficava lugar para lhe arguirem a obediencia.

Os que fundavaõ a liberdade da Patria na resoluçaõ do Duque, perderaõ muito o animo com a cautella, de que usou em Almada, quando desattendia, e desviava as praticas, que se encaminhavaõ a coroallo. Nesta consternaçaõ voltaraõ segunda vez as idéas a Alemanha ao Senhor D. Duarte; porém como o perigo necessitava de remedio

promp-

prompto, tornaraõ a fazer novas instancias ao Duque de Bragança. Entre os mais, que em Portugal viviaõ com huma vontade semelhante, interessados na liberdade da Patria, era o primeiro nos annos D. Miguel de Almeida, de melhor qualidade no sangue, que na sorte, descendente dos antigos Condes de Abrantes; D. Antaõ de Almada, illustre descendente dos Condes de Abranches; Pedro de Mendoça, naõ só amigo da Casa de Bragança, mas particularmente estimado della; Francisco de Mello, Monteiro môr, Antonio de Saldanha, D. Antonio Mascarenhas, Dom Joaõ Pereira, illustre Sacerdote, e outros, inflammados de hum ardente desejo da honra, que naõ duvidavaõ sacrificarse por libertarem a Patria em tempo, que se via taõ descontente a Nobreza do governo; porque os dous Ministros, que eraõ ambos em sangue, interesse, e espirito hum só, haviaõ usurpado o mando universal do Reyno; em Portugal Miguel de Vasconcellos, e em Castella Diogo Soares, hum a executar, outro a suggerir o conselho: de sorte, que estas eraõ as pedras do escandalo publico, cultivado pelo continuo desprezo procedido da soberba, ou da destra severidade dos taes Ministros.

Renovaraõ-se as instancias no anno de 1640; sendo hum dos que mais vivamente as apertava Francisco de Mello, Monteiro môr, escrevendo ao Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, e ao Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal, pedindo-

dindolhe reprefentaffem ao Duque D. Joaõ as vexações, que fofriaõ os Portuguezes, que de juftiça nafceraõ feus Vaffallos; que aceitaffe a Coroa, que voluntariamente lhe offereciaõ; porque era a mefma, que os Caftelhanos haviaõ roubado a feu pay, e avô, e que à tal offenfa fe naõ devia antepor perigo algum; e que agora o fazia mais remoto, o veremfe os Caftelhanos divididos em muitas partes: e que affim nenhum tempo lhe poderia fer mais favoravel à fua refoluçaõ, que o prefente. Por diverfas partes chegavaõ eftas, e outras femelhantes razoens ao Duque encaminhadas pelo Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimiofo por Jorge de Mello, irmaõ do Monteiro môr, em cuja Cafa fe ajuntavaõ D. Miguel de Almeida, Pedro de Mendoça, e D. Antaõ de Almada, a conferirem o caminho, que feguiriaõ para fe livrarem dos perigos, que os ameaçavaõ. Eftes actos, muitas vezes repetidos, e por muitos, foraõ as primeiras alviçaras do bom fucceffo: entaõ com louvavel prudencia fe fez paufa, julgando, que os corações naõ podiaõ fer viftos em melhor fórma. Já entaõ conferiaõ, e fó faltava difpor a obra, porque ainda no defenho eftava informe.

Tinha nefte tempo os negocios da Cafa de Bragança em Lisboa com o titulo de Agente Joaõ Pinto Ribeiro, profeffor do Direito Civil, homem erudîto, como vemos nos feus Efcritos. Amava ao Senhor, e naõ menos ao Reyno, em cujo ob-

fequio

ſequio depois imprimio alguns Tratados. Como João Pinto por occaſiaõ dos negocios, que manejava, foſſe ouvido de grandes Miniſtros, era por eſta cauſa conhecido dos mayores. Naõ era o ſeu zelo ignorado, toda a conſideraçaõ o habilitava para idoneo inſtrumento, naõ ſó para os rogos, mas tambem para as advertencias, que ſe continuaraõ ao Duque, o qual naõ deſagradado do meyo propoſto, reſpondia por ſua intervençaõ taõ formalmente, que os intereſſados reconheceraõ o acerto da ſua boa eleiçaõ. Recebia o Duque os aviſos, e reconhecendo o muito, que havia, que vencer, para lograr empreza taõ ardua, dilatava em declararſe; até que o tempo com mais firmes eſperanças o ſeguraſſe, e com mayores fundamentos, que os males, de que ſe queixavaõ os que o perſuadiaõ. O Conde Duque, que eſtudava o caminho de deſtruir na peſſoa do Sereniſſimo Duque de Bragança as eſperanças dos Portuguezes, fez, que ElRey lhe mandaſſe ſegunda ordem para paſſar à Almada, e replicando, ſe deſvaneceo. Porém em poucos dias recebeo huma Carta delRey, em que depois de varias perſuaſoens, e promeſſas, lhe mandava, que ſe preveniſſe para paſſar com elle a Catalunha, aonde determinava marchar brevemente a ſocegar as revoluçoẽs daquelle Principado, e outras da meſma ſubſtancia vieraõ a todos os Fidalgos do Reyno.

Havia ſuccedido naquelle tempo a ſublevaçaõ

çaõ dos Catalães, e fortificando-se em Barcelona, se resolveraõ a buscar a protecçaõ de França. O Conde Duque querendo atalhar este damno, para se naõ entender, que aquelle excesso era nascido de exasperações do seu governo, persuadio a El-Rey Catholico, que marchasse com hum grande Exercito a castigar os Catalães, porque naõ se satisfazia com menos a sua vingança; e tambem com o pretexto da jornada de chamar a Madrid ao Duque de Bragança, e toda a Nobreza de Portugal, para que entaõ se reduzisse a Provincia o Reyno. Tanto, que ao Duque de Bragança chegou a ordem de acompanhar a ElRey a Catalunha, se resolveo generosamente a aceitar as offertas, que repetidamente lhe tinhaõ feito da Coroa, que de direito lhe pertencia, e livrar a Patria da escravidaõ, em que estava. Considerava, que se obedecia à ordem, o menos mal, que lhe podia succeder, era perder a liberdade, porque todas as noticias insinuavaõ ser este o fim do Conde Duque, para desta sorte pôr em precipicio o respeito do Duque, e a incomparavel grandeza da Serenissima Casa de Bragança, tantos seculos conservada com Real authoridade, naõ bastando a tranquillidade, com que vivia satisfeito na delicia de Villa-Viçosa, Corte dos seus Estados, sendo elle o mais poderoso de Europa entre os que naõ eraõ Soberanos, como diz hum Author Francez. Ainda se adiantou mais a imprudencia dos Castelhanos neste negociado,

Histoire des Revolutions d'Espagne, tom. 4. liv. 9. pag. 358.

que

que ſendo tantas as diligencias, com que procuravaõ apartar de Portugal ao Duque D. Joaõ, antes de o conſeguir, haviaõ publicado, que os Grandes lhe haviaõ de preferir em todos os actos publicos; e quando com verdadeira politica o deviaõ obrigar, para o perſuadir, lhe negaraõ o Arcebiſpado de Evora para ſeu irmaõ o Senhor D. Alexandre, com a frivola razaõ, de que naõ eſtava Doutorado em faculdade alguma, havendo muy pouco, que ſe havia concedido o Biſpado de Viſeu a Leopoldo de Auſtria, Archiduque de Tirol, para hum filho ſeu de tres annos. Eſtes, e outros motivos reſolveraõ generoſamente ao Duque de Bragança a aceitar a Coroa, que repetidas vezes lhe tinhaõ offerecido os zeloſos, e leaes Portuguezes.

Corria já facil, e ſeguro o commercio, ainda que recatado, entre Villa-Viçoſa, e Lisboa, havendo já lugar, de que ſe trataſſe com clareza taõ grande cauſa. Foy enviado Pedro de Mendoça, Alcaide môr, e Senhor de Mouraõ, para que diſtinctamente offereceſſe o Reyno ao Duque de Bragança, e levava memoria dos parciaes, já muitos, e grandes, e o mais era a certeza, de que o povo ſeguiria a ſua voz com largas promeſſas de vidas, e fazendas, que huns, e outros conſtantemente ſe offereciaõ a ſacrificar em obſequio de Principe natural, e da recuperaçaõ da liberdade Portugueza. Fez o caminho por Evora, onde communicou ao Marquez de Ferreira, a D. Rodrigo de Mello ſeu

irmaõ, e ao Conde de Vimioſo, a commiſſaõ, que levava. Eſcreveraõ elles ao Duque com novas perſuaſoens, para que admittiſſe taõ generoſa offerta. Paſſou Pedro de Mendoça a Villa-Viçoſa, onde chegou ao tempo, que o Duque andava caçando na ſua Tapada. Paſſados os primeiros comprimentos, offerecendolhe o campo occaſiaõ de fallar ao Duque, lhe deu parte em como a ſua jornada ſe dirigia a pedirlhe da parte da Nobreza do Reyno aceitaſſe a Coroa de Portugal uſurpada a ſeus avós, expondolhe com vivas razoens todos os motivos, que havia para naõ perder taõ glorioſa empreza; e ultimamente lhe pedia, naõ participaſſe eſte negocio a Antonio Paes Viegas, ſeu Secretario. Era o motivo deſta advertencia o temerſe, que Antonio Paes naõ foſſe deſte parecer, e deſviaſſe o Duque de aceitar o Reyno. O Duque reſpondeo, que a materia, em que lhe fallava, era de taõ alta ponderaçaõ, que lhe pedia tempo para nella ſe determinar, mas que brevemente lhe daria a repoſta: que havella de fiar de Antonio Paes, o podia ſem eſcrupulo fazer, porque delle tinha largas experiencias da ſua fidelidade, e tambem porque naõ era elle, o que menos o eſtimulava ao meſmo, que elle o perſuadia. Conferio o Duque com o ſeu Secretario, e depois de ventiladas todas as materias, que ſobre eſte negocio podiaõ occorrer, e ponderadas com a madureza, moſtrou com evidencia o quanto lhe importava aceitar a offerta, que lhe faziaõ.

ziaõ. Estimou muito o Duque ter ouvido a opiniaõ de Antonio Paes Viegas, e lhe respondeo, que se havia conformado com a sua idéa, e passou ao quarto da Duqueza sua mulher a darlhe conta do empenho, em que se achava, ao qual naõ queria determinarse sem o seu parecer. He fama, que a Duqueza o tirara da perplexidade, em que se via, porque sobre grandes virtudes, era dotada de taõ bom entendimento, como animo varonil, como depois acreditaraõ largas experiencias; assim generosamente lhe disse: Que ainda que a morte fosse a consequencia da Coroa, tinha por mais acertado morrer reynando, que acabar servindo: de mais, que todos os vaticinios seguravaõ a empreza, e que assim sómente a dilaçaõ de se coroar podia ser prejudicial. Achando o Duque taõ conformes as duas opinioens, de que tanto fiava, chamou a Pedro de Mendoça, agradeceolhe o trabalho, e o perigo a que se expuzera por seu respeito, e que elle depois de ponderar tudo, o que elle lhe dissera, antepondo a saude da Patria ao risco particular, se resolvia a aceitar a Coroa, para a fazer respeitada de seus inimigos, e commua aos seus leaes Vassallos. Pedro de Mendoça satisfeito, e contente, pertendeo beijar a maõ ao Duque, o que elle recusou, dizendo, que naõ faltaria tempo para aquella ceremonia. Entaõ Pedro de Mendoça para dissimular a jornada, partio para Mouraõ, e despedio hum Correyo a D. Miguel de Almeida, em que lhe dizia:

Que fora à Tapada, que a caça andava levantada, que se fizeraõ alguns tiros, que huns se acertaraõ, e outros se erraraõ, e que era grande a prudencia de Joaõ Pinto Ribeiro. Deixou este aviso taõ cego, e embaraçado a D. Miguel, que o recatou até que chegou Pedro de Mendoça, e dando aos da Junta conta da reposta do Duque, a celebraraõ com grande contentamento; e resolveraõ, que passasse logo a Villa-Viçosa Joaõ Pinto Ribeiro a ajustar com o Duque o dia, e a fórma de se pôr em execuçaõ toda aquella pratica: porém elle se escusou com justo motivo, no que passaraõ alguns dias, que justamente puzeraõ em cuidado ao Duque; e sabendo, que Pedro de Mendoça passara a Evora, lhe escreveo, pedindolhe noticias do negocio, que lhe encommendara. Pedro de Mendoça o fez taõ confusamente, que o Duque se vio embaraçado, e se resolveo a chamar a Joaõ Pinto Ribeiro com o pretexto de lhe dar conta de huma demanda, que fazia à Casa de Odemira. Deu conta desta ordem a D. Miguel de Almeida para que se participasse aos confederados, e sendo encarregado do que havia de dizer ao Duque, partio para Villa-Viçosa. A sua chegada diminuîo em tudo o cuidado do Duque; porque concordando com o que Pedro de Mendoça lhe referira, accrescentou outras muitas razoens, que facilitavaõ a empreza. Ainda durava a conferencia, quando o Duque teve aviso, de que passavaõ a Madrid algumas pessoas,

que

que poderiaõ ter noticia do negocio, porque a Duqueza de Mantua já fazia observar todos os passos dos Fidalgos de Lisboa. Vendo o Duque o quanto perigava a empreza na dilaçaõ, despedio a Joaõ Pinto com ordem, para que logo em Lisboa tivesse principio a Acclamaçaõ, e naõ em Evora, como lhe tinhaõ avisado; porque se seguiria poderse prevenir a Duqueza primeiro, que se declarassem os Fidalgos confederados; e por ultimo, que se désse caso, de que em Lisboa faltassem ao que lhe haviaõ promettido, o que elle naõ imaginava de taes pessoas, que elle com os Póvos de Alentejo, que estavaõ à sua devoçaõ, tentaria a fortuna, sahindo à campanha. Esta generosa resoluçaõ encheo de alegria a Joaõ Pinto, e voltou para Lisboa, onde chegou, e communicando tudo aos interessados, entregou duas Cartas do Duque, huma para D. Miguel, outra para Pedro de Mendoça, as quaes encheraõ de huma extraordinaria alegria a todos os confederados; porque o Duque dizia nas Cartas, que eraõ para todos, e que se désse inteiro credito a Joaõ Pinto, no que lhe dissesse da sua parte. Assim se dispuzeraõ com novos brios a pôr fim ao tratado, approvando a resoluçaõ de começar por Lisboa aquella gloriosa empreza. Excedeo toda a credulidade a observancia do segredo, em que se fundou a gloria, e a ventura do successo. Juntavaõse os Fidalgos em casa de Joaõ Pinto, que assistia no Paço, que o Duque de Bragança tinha nesta

Cidade,

Cidade, com tanta cautella, que deixavaõ os coches, e os cavallos em differentes partes, tendo anticipadamente Joaõ Pinto retirado os seus criados, e pondo pouca luz para que naõ fossem conhecidos, os que entravaõ nella. Naquella noite, que era Domingo 26 de Novembro, se determinou, que se puzesse em execuçaõ o que estava ajustado, no Sabbado seguinte, o primeiro de Dezembro de 1640, communicando-se a todos, que por intervençaõ do Padre Nicolao da Maya, estavaõ promptos o Juiz do Povo, Escrivaõ, e Missteres, com alguns dos da Casa dos Vinte Quatro, os quaes atemorizados com os successos de Evora, disseraõ, naõ fariaõ movimento sem verem declarada toda a Nobreza.

Determinado o dia, e considerado o modo da obra, a pezar de todos os accidentes, que a contradiziaõ, assentaraõ de dar a execuçaõ à empreza. Deu-se parte desta conferencia ao Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, Varaõ em quem concorriaõ letras, virtudes, e amor da Patria, como havia mostrado constante em Madrid, donde he fama lhe offereceraõ o Capello de Cardeal, se concorresse para que o Reyno se reduzisse a Provincia, que generosamente desprezou; o qual approvando agora a idéa dos confederados, entrou no numero delles, e o seguiraõ os seus parentes, e todos os Ecclesiasticos, que lhe obedeciaõ. Já naõ faltava mais, que tres dias, quando se deu conta a D.

a D. Joaõ da Costa, que era dotado de grande valor, e entendimento, partes, que em poucos annos o habilitaraõ para conseguir toda a estimaçaõ da Corte, (e depois os mayores lugares) porque contando poucos annos, os ornava de admiravel prudencia: e depois de ouvir attentamente a proposta, considerando a gravidade da empreza, discursou com eloquencia, de que era dotado, mostrando os perigos, e inconvenientes, que nella podiaõ occorrer; e depois de ponderar todos com madureza, concluìo, dizendo, que se elle tivera esta noticia mais anticipada, que fora o seu voto, se dispuzesse a empreza com mayor segurança; porém como já o tempo era taõ pouco, que lhe parecia, se naõ dilatasse, porque se se rompesse o segredo, seria este o mayor inimigo. Hum Author moderno, que escreveo a Historia de Portugal, desfigura este incidente, desconhecendo a D. Joaõ da Costa, que elle depois louva muito, quando falla delle na Embaixada de França, naõ sabendo, que era o mesmo. He certo, que as razoens de D. Joaõ da Costa, ponderadas no seu entendimento, e desprezadas do seu valor, alteraraõ os animos dos confederados, de sorte, que causou tanta perturbaçaõ, que Joaõ Pinto avisou ao Duque suspendesse as ordens, que tinha disposto para o dia primeiro de Dezembro. Esta novidade causou grande cuidado ao Duque, de que logo outro expresso o livrou, segurandolhe, que as continuasse, porque infallivelmen-

Ericeira, *Historiarum Lusitanarum*, lib. 2. p. 113.

Clede, *Histoire Generale de Portugal*, tom. 7. pag. 55.

velmente ſe executaria tudo, o que eſtava tratado.

Aſſentado para a concluſaõ deſta grande empreza o dia de Sabbado primeiro de Dezembro, ſe determinou, que com o menor rumor, que foſſe poſſivel, ſe achaſſem todos junto do Paço, repartidos por varios póſtos, e que tanto, que o relogio déſſe nove horas, ſahiſſem todos do coche ao meſmo tempo: que huns ganhaſſem o Corpo da Guarda, onde eſtava huma Companhia de Infantaria Caſtelhana, outros, que ſobindo à ſalla dos Tudeſcos, detiveſſem a Guarda dos Archeiros, outros appellidando a liberdade das janellas do Paço, acclamaſſem ao meſmo tempo o Duque de Bragança Rey de Portugal; e que outros paſſaſſem a matar o Secretario de Eſtado Miguel de Vaſconcellos, diligencia, que julgaraõ importantiſſima, porque nas aras da ſagrada liberdade ſe naõ ſacrificaria outro animal mais, que o tyranno; porque aſſim ſe atalhariaõ as ordens, que a ſua atrevida reſoluçaõ diſtribuiſſe, e tambem para incitar o povo, com a ſatisfaçaõ daquelle merecido caſtigo, reveſtindo-ſe dos affectos da Nobreza para ſeguirem com conſtancia o ſeu exemplo.

Paſſada a noite nos cuidados, de que chegaſſe o dia de Sabbado, e ſe haviaõ confeſſado todos no dia antecedente, implorando o favor de Deos para ſegurar a empreza, em que naõ entrava a vingança, ſenaõ a juſtiça, entendendo podiaõ ſer elles licita-

licitamente entaõ os executores. Haviaõ os quarenta Fidalgos confederados avisado a todos aquelles dependentes daquella acçaõ, os quaes convidaraõ outros, e por este motivo he mayor o numero, do que se lê na Relaçaõ, que entaõ se imprimio no anno de 1641. O Conde da Ericeira, a quem seguimos, diz, serem quarenta, o que constantemente referiaõ muitos, dos que se acharaõ nesta gloriosa empreza; porém com o documento impresso naquelle mesmo tempo, seria injustiça naõ referir os nomes de todos, os que a dita Relaçaõ numerou, porque naõ queremos privar de huma taõ especial gloria aquelles, que a mereceraõ.

Ericeira, *Portug. Restaurado*, liv. 2. pag. 98.

Foraõ elles: D. Miguel de Almeida, D. Antaõ de Almada, Jorge de Mello, Pedro de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ, D. Antonio Mascarenhas, o Doutor Joaõ Pinto Ribeiro, D. Antonio Tello, D. Gastaõ Coutinho, D. Luiz de Almada, D. Alvaro de Abranches, D. Affonso de Menezes, D. Antonio Luiz de Menezes, D. Rodrigo de Menezes, D. Joaõ da Costa, D. Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, D. Joaõ de Sá e Menezes, Camereiro môr, Joaõ Rodrigues de Sá, Antonio de Saldanha, Joaõ de Saldanha de Sousa, Joaõ de Saldanha da Gama, Antonio de Saldanha seu irmaõ, Bartholomeo de Saldanha seu irmaõ, Sancho Dias de Saldanha, o Conde de Atouguia, D. Francisco Coutinho seu irmaõ, D. Vasco Coutinho, Martim Affonso de Mello, Manoel

Relaçaõ impressa em 1641.

de Mello seu filho, Francisco de Mello de Magalhaens, Antonio de Mello de Castro, D. Joaõ Pereira, Prior de S. Nicolao, Fernaõ Telles da Sylva, Antonio Tellez da Sylva, D. Fernando Tellez, Dom Antonio da Cunha, Tristaõ da Cunha de Attaide, Luiz da Cunha de Attaide e Mello seu filho, Estevaõ da Cunha, Deputado do Santo Officio, Luiz da Cunha, neto de D. Antaõ de Almada, Luiz Alvares da Cunha, Duarte da Cunha seu filho, Tristaõ de Mendoça, Henrique de Mendoça seu filho, Luiz de Mendoça filho de Pedro de Mendoça, D. Manoel Childe Rolim, D. Francisco de Sousa, D. Paulo da Gama, D. Thomás de Noronha, D. Francisco de Noronha seu irmaõ, Miguel Maldonado, Gaspar Maldonado, Vicente Soares Maldonado, Francisco Maldonado, Sebastiaõ Maldonado seus filhos, Gonçalo Tavares de Tavora, o Alcaide môr de Cintra, Gil Vaz Lobo, Ruy de Figueiredo, Luiz de Figueiredo seu irmaõ, Gaspar de Brito Freire, Luiz de Brito Freire seu filho, Manoel Velho, Francisco Brandaõ, Francisco Freire Brandaõ, Francisco de Sampayo, o Padre Nicolao da Maya, o Capitaõ Marco Antonio de Azevedo, o Capitaõ Vasco de Azevedo Coutinho seu irmaõ, Francisco de Vasconcellos, Luiz de Loureiro, Informador de Mazagaõ, o Capitaõ Joaõ de Barros de Sousa, Antonio do Rego Beliago, Joaõ do Rego Beliago seu filho, Antonio Figueira da Maya, o Padre Bernardo da Costa,

o Al-

o Alferes Manoel Leitaõ de Lima, o Licenciado Gabriel da Costa, Quartanario da Sé, Manoel da Costa seu irmaõ, Paulo de Sá, o Capitaõ Diogo Penteado, Manoel de Novaes Carvalho, o Capitaõ Joaõ de Novaes Carvalho, Manoel de Azevedo, Joaõ da Sylva do Valle, Miguel da Sylva, Gregorio da Costa, o Alferes Francisco de Tavares, Gonçalo de Sampayo, o Alferes Manoel de Sampayo, Gaspar de Tovar, Pedro de Abreu, Simaõ Correa da Cunha, Luiz Alvares Banha, Bento da Motta de Gusmaõ, Affonso Mendes, Luiz Godinho, Escrivaõ do Pescado, o Capitaõ Antonio Franco de Lima, Alberto Raposo, Paulo de Moura, Joaõ Ribeiro, o Licenciado Gaspar Clemente, e outros.

Preveniraõ-se, e armaraõ-se todos os referidos; e he bem digno de louvor a constancia, e animo de D. Filippa de Vilhena, Condessa de Atouguia, pois ella mesmo ajudou a armar seus dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho, aos quaes exhortou a emprender acçaõ taõ gloriosa. Da mesma sorte, com animo varonil o praticou D. Marianna de Lencastre com seus dous filhos Fernaõ Telles da Sylva, e Antonio Telles da Sylva. Occuparaõ todos os confederados os póstos, de que se encarregaraõ, sem haver hum delles, que se arrependesse, do que tinhaõ determinado. Esperavaõ já com impaciencia as nove horas, e tanto, que deu a primeira, sem esperarem a ultima,

tima, ſahiraõ todos dos coches, e avançaraõ ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Caſtro, e Eſtevaõ da Cunha, com alguma gente, que os ſeguiaõ, detiveraõ os Soldados Caſtelhanos, que eſtavaõ de guarda. D. Miguel de Almeida, ainda que velho, ſobio arrebatadamente à ſalla dos Tudeſcos, e diſparou huma piſtola, ſinal, que ſe havia ajuſtado, para que ſe repartiſſem pelas partes, de que cada hum eſtava encarregado. O Porteiro môr Luiz de Mello, e Joaõ de Saldanha e Souſa ganharaõ o lugar, onde eſtavaõ arrimadas as alabardas dos Soldados. D. Affonſo de Menezes, Gaſpar de Brito Freire, e Marco Antonio de Azevedo, as lançaraõ todas em terra, impedindo, a que pudeſſem chegar os Soldados a tomallas, e alguns intentaraõ impedir o paſſo da porta, que ſahe ao corredor, que acaba no Forte, onde morava Miguel de Vaſconcellos; mas o valor de Pedro de Mendoça, e Thomé de Souſa, os carregou de ſorte, que deſampararaõ a porta, e querendo ganhar huma, que hia ao Quarto da Duqueza de Mantua, já a acharaõ occupada por Luiz Godinho Benavente, criado do Duque de Bragança, e por outras peſſoas, que o acompanhavaõ, as quaes mataraõ hum Tudeſco, e feriraõ outros, e aſſim os fizeraõ retirar. Neſte tempo o primeiro, que com nobre deliberaçaõ no Paço Real pronunciou duas altas ſentenças ao Povo Portuguez, e à Monarchia Heſpanhola, foy D. Miguel de Almeida, veneravel velho de

perto

perto de oitenta annos, com a espada na maõ disse gritando: *Valerosos Portuguezes, viva ElRey D. Joaõ IV. atégora Duque de Bragança, viva; morraõ os traidores, que nos arrebataraõ a liberdade.* Desta sorte chegou às varandas do Paço, repetindo as mesmas palavras muitas vezes, já ouvido do Povo, que se hia ajuntando no Terreiro.

Buscando outros a casa de Miguel de Vasconcellos, entraraõ pelo corredor D. Antonio Tello, D. Joaõ de Sá de Menezes, Camereiro môr, Antonio Tellez, ferido em hum braço de huma balla de pistola, que se disparou na salla dos Tudescos, o Conde de Atouguia, seu irmaõ Dom Francisco Coutinho, D. Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha de Sousa, D. Gastaõ Coutinho, Sancho Dias de Saldanha, Joaõ de Saldanha da Gama, e seus irmãos Antonio, e Bartholomeo de Saldanha, Tristaõ da Cunha de Ataide, seus filhos Luiz, e Nuno da Cunha, D. Manoel Childe Rolim seu genro, e encontrando a Francisco Soares de Albergaria, Corregedor do Civel da Cidade, que sahia da Secretaria de Estado, lhe disseraõ todos: *Viva El-Rey Dom Joaõ*, elle arrebatado, e imprudente, tirando da espada, respondeo: *Viva ElRey Dom Filippe*, e naõ faltando quem o persuadisse a socegarse, naõ sendo possivel, com o tiro de huma pistola, lhe abriraõ na garganta huma ferida, que em poucas horas lhe tirou a vida.

Continuando os confederados a buscar a Miguel

guel de Vaſconcellos, romperaõ facilmente a porta da caſa, em que deſpachava, que era a primeira, que paſſado o corredor, cahe ſobre o Terreiro do Paço, e naõ achando nella a Miguel de Vaſconcellos, entenderaõ, poderia livrarſe paſſando à Caſa da India, para onde tinha caminho: deſta afflicçaõ, em que ſe achavaõ, os livrou huma eſcrava, apontandolhes para hum almario de papeis, que logo abriraõ, e o acharaõ nelles eſcondido. Dom Antonio Tello lhe fez hum tiro com huma piſtola: vendo-ſe elle ferido, ſahio turbado à caſa, onde outros lhe deraõ outras feridas mortaes, com que cahio, mas ainda vivo, o lançaraõ ao Terreiro de huma das janella, dizendo: *Viva a liberdade*, *e El-Rey D. Joaõ IV. morraõ os traidores.* Diſcorria vago hum grande numero de gente do povo no Terreiro, e tanto que viraõ o miſeravel corpo moribundo, e proſtrado no chaõ, cheyos de furor cevaraõ nelle toda a crueldade, porque naõ perdoaraõ a deſprezo algum, que lhe pudeſſe ſer injurioſo, que naõ executaſſem contra aquelle cadaver; e acodindo immenſo povo a ver aquelle triſte, e horroroſo eſpectaculo, de novo o maltratavaõ os que chegavaõ com barbara crueldade, a que a piedade da Santa Irmandade da Miſericordia fez depois dar ſepultura. Eſte funeſto fim teve Miguel de Vaſconcellos, a quem a ſoberba, e a vaidade do governo abſoluto tinha degenerado em violencias, e injuſtiças, de ſorte, que era univerſalmente temi-

do

do pela authoridade, com que violentamente arrogara a si a soberania, desprezando toda a Nobreza de Portugal. Depois de lançado Miguel de Vasconcellos da janella, entrando em huma das casas interiores, encontraraõ ao Capitaõ Diogo Garcez Palha com huma cravina, que disparou, e outras armas de fogo, que tinha na casa, sem effeito; e dandolhe algumas feridas, elle por livrar a vida, se lançou de huma das janellas, e quebrando huma perna, se retirou à Casa da India. Tinha Miguel de Vasconcellos em Lisboa a seu irmaõ Luiz de Mello, Deaõ de Braga, e do Conselho geral do Santo Officio, taõ mal quisto, que o povo o buscou nas casas, em que morava, que eraõ de seu irmaõ, (saõ as do Marquez de Angeja) e com hum motim as destruiraõ, com tanta colera, que arrancaraõ janellas, grades, e tudo arrazaraõ; o Deaõ se tinha acolhido a Santo Eloy, e depois passando escondido a Leiria, onde era Bispo seu irmaõ Pedro Barbosa, ambos passaraõ a Castella: e o povo seguindo a sua furia, sabendo as partes, onde o dito Miguel de Vasconcellos tinha fazendas, lhas destruiraõ, arrancandolhe as arvores, e sepas, e tomandolhe tudo quanto achavaõ, e o mais punhaõ em estado de naõ servir. Taõ mal quistos foraõ estes Ministros, e tanta a vaidade, em que os puzera a fortuna, que conciliaraõ hum geral odio no povo furioso, e inconsiderado no que costuma executar.

Chronica delRey Dom Joaõ IV. de Antonio Coelho, Rey de Armas, m. s. que està na Livraria Ericeiriana.

Ao

Ao meſmo tempo, que a Duqueza de Mantua eſtava ſoprendida do grande ruido, que ſentia no Paço, e muito atemorizada, os confederados depois de forçarem algumas portas, que acharaõ fechadas, chegaraõ à Caſa da Galé, onde eſtava a Duqueza; eraõ elles D. Miguel de Almeida, Fernaõ Telles da Sylva, D. Joaõ da Coſta, que havia atalhado a morte de alguns Miniſtros, que eſtavaõ nos Tribunaes, Thomé de Souſa, Pedro de Mendoça, D. Antaõ de Almada, D. Luiz ſeu filho, Dom Antonio Luiz de Menezes, D. Rodrigo de Menezes ſeu irmaõ, D. Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, D. Antonio da Coſta, D. Antonio de Alcaçova, Joaõ Rodrigues de Sá, Martim Affonſo de Mello, Luiz de Mello, Manoel de Mello ſeu filho, Triſtaõ de Mendoça, Luiz de Mendoça, D. Franciſco de Souſa, D. Thomás de Noronha, D. Franciſco de Noronha, D. Antonio Maſcarenhas, D. Fernaõ Tellez de Faro, Ruy de Figueiredo, Luiz Gomes ſeu irmaõ, Franciſco de Sampayo, Gomes Freire de Andrade, ſeu filho, Gil Vaz Lobo. Turbada, e afflicta a Duqueza, a acharaõ a huma janella das que cahem para a porta da Capella Real, pedindo ao povo, que a ſoccorreſſe, e livraſſe de taõ perigoſo lance. Porém elles com todo o decóro a obrigaraõ, a que ſe retiraſſe, e intentando deſcer ao Terreiro, lho embaraçaraõ tambem, o que ella vendo lhes diſſe: *Senhores, já eſtaes ſatisfeitos, e vingados com a morte do*

Miniſtro

Ministro culpado, elle está castigado, naõ passe adiante o furor, que naõ deve entrar em coraçoẽs taõ nobres: eu prometto, que ElRey Catholico naõ só perdoe a todos, mas vendo a obediencia, com que respeitaes o seu serviço, agradeça ver este Reyno livre dos excessos do Secretario. O Arcebispo de Braga, Presidente do Paço, sahindo do Tribunal chegou a tempo, que a Duqueza acabava de pronunciar estas palavras, e como era de genio violento, e inteiramente entregue ao partido Castelhano, intentou seguir o mesmo estylo; mas o respeito, que se observou com a Duqueza, quebrou D. Miguel de Almeida, naõ o querendo ouvir, dizendolhe, que lhe rogava, que se callasse, porque lhe havia custado naõ pouco na noite antecedente livrallo da morte, o que o Arcebispo ouvindo, se retirou a hum dos aposentos interiores: porém a Duqueza revestida de soberania, continuou com novas persuasoens, segurando o perdaõ delRey Catholico; a que immediatamente lhe responderaõ, que já naõ conheciaõ outro Rey, senaõ a ElRey D. Joaõ, que de Duque de Bragança haviaõ acclamado. A estas palavras se encheo a Duqueza de furor taõ desordenado, que foy preciso a D. Carlos de Noronha atalhalla com menos attençaõ, do que até alli se tinha praticado, e dizerlhe, que lhe rogava se retirasse, porque de outra sorte se lhe poderia perder o respeito. A que ella replicou dizendo: *A mim? Como?* A que D. Carlos respondeo: *Obrigan-*

Passarell. de *Bello Lusitano*, lib. 1. pag. 31. Ericeira, *Historiarum Lusitanarum*, lib. 2. pag. 123.

do a V. Alteza, que quando naõ queira entrar por eſta porta, ſaya por aquella janella: o que ouvindo a Duqueza, perdido o animo, ſe retirou ao ſeu Oratorio com as ſuas Damas, e pedindo-ſelhe paſſaſſe ordem a D. Luiz del Campo, Tenente do Meſtre de Campo General, que governava o Caſtello, para que naõ fizeſſe movimento, a aſſinou na fórma, que eſtava. Ficou de guarda à Duqueza D. Antaõ de Almada com algumas peſſoas. Os outros Fidalgos ſahiraõ ao Terreiro do Paço, e em altas vozes diziaõ: *Liberdade, viva ElRey D. Joaõ o Quarto.*

Era grande o eſtrondo, e mayor a confuſaõ nos moradores da Cidade na incerteza do fim, a que ſe dirigia toda aquella multidaõ de gente, que viaõ diſcorrer confuſamente, e aſſim ſe recolhiaõ muitos às ſuas caſas; porém tanto, que entenderaõ qual era o negocio daquella reſoluçaõ, concorreo todo o povo a acclamar o novo Rey. Corria já pela graõ Lisboa a nova voz, que lhe annunciava novo Principe. Concorreo muito para o ditoſo fim deſta reſoluçaõ o Arcebiſpo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha; porque tendo noticia, que ditoſamente ſe executara tudo, o que ſe havia aſſentado, ſahio da Sé, e no terreiro, que lhe fica diante, achou a D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede, Preſidente da Camera, com todo o corpo do Senado, D. Alvaro de Abranches com a bandeira da Cidade, ſeguido de todos, e buſcando

do ao Arcebispo, já chegavaõ defronte de Santo Antonio, pouco distante da Sé, quando se ouvio gritar o povo, que huma Imagem de prata de Christo Crucificado, que levava hum Capellaõ diante do Arcebispo, despregara o braço direito, o que todos tiveraõ por milagre; o povo prostrado por terra gritava, que era milagre. Assim todos revestidos de confiança, de que Deos approvava aquella causa, naõ se ouviaõ já em toda a Cidade mais, que vivas, e acclamações ao novo Rey, valeroso Author da liberdade da Patria.

Ao supremo Senado da Casa da Supplicaçaõ chegaraõ alguns Fidalgos, e acharaõ as portas fechadas; porém Ayres de Saldanha rogou aos Desembargadores, que as mandassem abrir sem receyo, elles o fizeraõ, e informados da causa, approvaraõ com boa vontade por escrito a resoluçaõ, que se havia tomado, firmando-se todos no assento, que fizeraõ, e Ayres de Saldanha os segurou até as suas casas. D. Gastaõ Coutinho dando liberdade aos prezos, abrio as cadeas, e todos se acharaõ livres. Chegou o Arcebispo ao Paço, que já achou cheyo de gente de todos os Estados, congratulando-se com a liberdade da Patria resgatada do dominio Castelhano. Voltaraõ ao Paço os Fidalgos, que haviaõ discorrido pela Cidade, deixando tudo em tal socego, que foy cousa maravilhosa, que eternamente se admirará, que dentro em tres horas esteve a Cidade em tal socego, como se naõ fora o

meſmo theatro, onde ſe haviaõ repreſentado tantos ſucceſſos differentes: e ainda he mayor a admiraçaõ, que em poucos dias o Reyno, e em ſeis mezes as Conquiſtas, mudaraõ todas de Senhor. Seſſenta annos do dominio Caſtelhano exercitado por tres Principes, ſe eſqueceo em hum inſtante, entregaraõ-ſe os Póvos a hum Senhor, que muitos dos viſinhos naõ tinhaõ viſto, nem ouvido tal vez os diſtantes.

Deu-ſe o governo em quanto o novo Rey naõ chegava de Villa-Viçoſa, ao Arcebiſpo de Liſboa, e ao Arcebiſpo de Braga, que o aceitou mais por temor, que por vontade, e a D. Lourenço de Lima, Viſconde de Villa-Nova de Cerveira, por ſe eſcuſar D. Franciſco de Caſtro, Inquiſidor Geral. Tanto, que os Governadores aceitaraõ, começaraõ logo a expedir ordens a todo o Reyno, participandolhe, que Lisboa havia tomado a reſoluçaõ de reſtituir a Coroa de Portugal à Sereniſſima Caſa de Bragança, acclamando Rey ao Sereniſſimo Senhor D. Joaõ, a quem por direito do ſangue pertencia; e que em cauſa taõ juſta eſperavaõ, que como verdadeiros Portuguezes, ſeguiſſem o exemplo de Lisboa, armando-ſe contra a invaſaõ de Caſtella, que Deos havia de proſperar a juſtiça da ſua cauſa, concedendolhe como aos ſeus antepaſſados a vitoria. Deſpachados os Correyos, ao meyo dia ſe recolheraõ os Governadores à ſua caſa, admirados de verem a Cidade no meſmo ſocego, que no dia antecedente, as logeas dos Mercadores

cadores abertas, e tudo o mais em tal tranquillidade, que logo se vio abraçada a paz, e a justiça, porque o furor de tantos naõ custou a vida a hum só, e bem o indicava a disposiçaõ Divina, porque sendo semelhantes occasioens as mais proprias de vinganças, ainda os que naõ estavaõ conformes, depuzeraõ as inimizades, ficando no mesmo dia a Republica taõ serena, como se houvesse vivido sempre debaixo daquelle mesmo dominio, e assim interpretavaõ alguns felice o repouso, dizendo: *Naõ se deve estranhar o novo Principe, porque naõ he novo: de pay, e de avós Vassallos somos deste Rey, e de seus antepassados.* Socegada a Cidade, Joaõ Rodrigues de Sá, D. Joaõ da Costa, e outros Fidalgos, em huma das galés, que estavaõ no rio, renderaõ tres navios da Armada de Castella, que estavaõ surtos, e guarnecidos de Infantaria, conseguindo só a gloria de emprender acçaõ taõ bizarra. Em tudo se vio o valor, e a fortuna no desacordo dos Castelhanos, para que os nossos obrassem livremente. Esta gloriosa acçaõ naõ tem igual na Historia, porque naõ ha visto o Mundo outra Naçaõ restaurada por semelhantes passos, e por pessoas particulares, sem participaçaõ de algum Principe, e sem soccorros premeditados de outras Nações; hum Reyno cercado de seus inimigos, sem outra visinhança, de que se pudesse valer, seguro com treze presidios em outras tantas Fortalezas. As Conquistas distantes, governadas por pessoas obri-

obrigadas de beneficios. Foy admiravel o ſucceſſo, que tudo ſe conformaſſe de ſorte, que entre a grande diſtancia do Oceano, naõ houve demora entre o aviſo, e a obediencia. Na verdade bem ſe vê, que foraõ auxiliados do favor Divino na felice concluſaõ deſta glorioſa empreza, que eternamente ſerá applaudida como huma das mayores, que vio o Mundo.

Entregou-ſe o Caſtello da Cidade, e no meſmo dia as Torres de Belem, Cabeça Secca, Torre Velha, Santo Antonio, e o Caſtello de Almada, ſendo a Duqueza de Mantua a que paſſava as ordens, que ſem reſiſtencia ſe guardavaõ. Mandaraõ os Governadores ſahir do Paço a Duqueza de Mantua para o de Xabregas, onde foy acompanhada do Arcebiſpo de Braga, e daqui foy mandada para o Moſteiro de Santos das Commendadeiras da Ordem de Santiago. Os Officiaes de Guerra, e Fazenda Caſtelhanos, foraõ póſtos em cuſtodia competente, a ſaber: D. Diogo de Cardenas, Meſtre de Campo General, Thomás de Hibio Calderon, Conſelheiro da Fazenda, Dom Diogo da Rocha, Juiz do Contrabando, Dom Fernando de Alvia e Caſtro, Conſelheiro da Fazenda.

Chegou a Villa-Viçoſa a nova, do que ſe paſſava em Lisboa, e ao meſmo tempo Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello pela poſta, a dar conta a ElRey da felicidade, com que ſe conſeguira taõ ardua, e taõ glorioſa empreza. Chegaraõ na ſegunda

ſegunda feira a tempo, que ElRey queria entrar a ouvir o Sermaõ na ſua Capella: referiraõ-lhe o ſucceſſo, beijaraõ-lhe a maõ, e mandou ſem alteraçaõ, que ſe continuaſſe a ſolemnidade, ſocego, que moſtra bem o quam digno era da Coroa; porém o alvoroço foy tal, que naõ deu lugar a ſeguirſe a ordem. Já ſe achava em Villa-Viçoſa o Marquez de Ferreira, e o Conde de Vimioſo, que haviaõ ſolemnemente acclamado a ElRey em Evora, com aviſo, que tiveraõ de Lisboa. O Marquez de Ferreira D. Franciſco de Mello, que à imitaçaõ dos ſeus mayores, manteve ſempre em igual amor, que reſpeito, o parenteſco com os Duques, agora foy o primeiro, que ſe offereceo no ſerviço delRey D. Joaõ, que agradecido à ſua leal correſpondencia, naõ tardou muito em darlhe o authoriſadiſſimo lugar de Mordomo môr da Caſa da Rainha, e à Marqueza ſua mulher, o cargo de Camereira môr, com que o novo Paço com eſtas, e outras occupações ficou ſervido dos mayores do Reyno.

Reconhecendo ElRey o quanto convinha partir com brevidade para Lisboa, entrou no coche, acompanhando-o nelle o Marquez de Ferreira, o Conde de Vimioſo, Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello, e a cavallo alguns criados de ſua Caſa. E ſem mais guarda, que o ſeguiſſe, partio ElRey para Lisboa a receber a Coroa: entre tanto tomou poſſe dos applauſos dos Póvos circumviſinhos, e dos mais Lugares da Provincia de Alentejo,

tejo, a que se fez aviso; e antes de sahir de Villa-Viçosa o acclamaraõ com mais alegres demonstraçõҽs, do que ceremonias, porque era grande a alegria dos seus, vendo taõ barata a exaltaçaõ do Senhor, a quem serviaõ.

Entrou ElRey em Lisboa seis dias depois da sua acclamaçaõ, e foy salvado com tres descargas de artilharia do Castello, e Fortalezas da Cidade. Estavaõ no Paço os Governadores, e como naõ esperavaõ a ElRey taõ brevemente, tanto que se espalhou a nova, correo ao Paço, e ao Terreiro tanta gente, sendo de sorte o alvoroço, e as vozes alegres do povo, que por instantes era necessario ElRey chegar às janellas, para satisfazer às demonstrações dos seus leaes Vassallos. Na tarde daquelle mesmo dia beijaraõ a maõ a ElRey os Tribunaes, e o Auditor da Legacia, o qual levantou o interdicto por seis mezes, que o Colleitor havia deixado, quando sahio do Reyno, escandalizado dos Ministros de Castella. Na noite se vio a Cidade toda illuminada, e festiva com os repiques dos sinos, salvas da artilharia das Fortalezas, acclamações, e vivas do povo com taõ excessiva alegria, que deu motivo a hum Fidalgo Castelhano, que observava tudo o que se passava, dizer: *Es possible, que se quita un Reyno a ElRey D. Filipe con solas luminarias, y vivas, sin mas exercito, ni poder? Gran señal, y efeto sin duda del brazo Omnipotente de Dios.* E querendo o Senado da Cidade com pomposas fes-

Pirago, *Hist. di Port.* liv.2. pag.206.

tas

tas mostrar o gosto de seus Cidadãos, ElRey o embaraçou dizendo, que naõ queria mais preparações, que as da guerra para defender o Reyno. E assim seguindo todo o Reyno, e as Conquistas a voz de Lisboa, todos contribuiraõ à sua mesma felicidade; porque Santarem sem esperar Carta de Lisboa, acclamou a ElRey: na Cidade de Coimbra recebendo-a, foraõ excessivas as demonstrações de contentamento, de que a sua Universidade nos deixou hum eterno monumento no Livro, que imprimio em Coimbra no anno de 1641 com o titulo de *Applausos da Universidade*, sendo Reytor Manoel de Saldanha, onde se vê os luzidos engenhos, que entaõ floreciaõ. O Porto com leve duvida se veyo a reduzir em breves horas. O Castello de Vianna, que estava presidiado de Infantaria Castelhana, se poz em defensa; porém os seus moradores auxiliados de alguma gente de Braga, Guimaraens, e outros Lugares, o renderaõ. Na Villa de Setuval os Castellos de S. Filippe, a Torre de Outaõ, passados oito dias se entregaraõ. Governava o Reyno do Algarve Henrique Correa da Sylva, que leal, e valeroso, o soube desunir da obediencia de Castella; e finalmente todas as povoações, que estavaõ nos confins do Reyno, e eraõ balizas da separaçaõ dos Reynos, acclamaraõ o novo Rey. Faltava sómente a Fortaleza de S. Giaõ, situada à entrada da barra de Lisboa, de taõ boa fortificaçaõ, que se fazia inexpugnavel pelo sitio, e por domi-

nar a barra de Lisboa. Governava a Fortaleza o Tenente D. Fernando de la Cueva, o qual logo havia despachado huma caravella com aviso ao Duque de Maqueda, General da Armada delRey Catholico, pedindolhe soccorro, de que pouco necessitara em muitos mezes, se se quizera defender, porque além de muitas munições de guerra, e boca, e seiscentos Soldados, era bastante presidio para a pouca terra, que defendiaõ. A sitiar esta Fortaleza mandou ElRey a D. Francisco de Sousa, para que juntando a gente do Terço, de que estava feito Mestre de Campo, e todos os Soldados da Ordenança, que lhe parecesse, atacasse a Fortaleza. He pouco o sitio, que dá a terra para a expugnaçaõ: porém valendo-se de hum monte visinho, que fica padrastro à Fortaleza, levantou nelle hum reducto, e começaraõ a jogar quatro meyos canhoens com pouco effeito: mas com melhor o conseguio Dom Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, que nella se achava prezo injustamente por ordem delRey Catholico, pelo mao successo da empreza de Pernambuco. Vendo aberto o caminho da sua liberdade, se resolveo a propor ao Tenente os grandes interesses, que lhe podiaõ resultar de a entregar, o que o Tenente ouvio com bom semblante; e ajustada a recompensa, se entregou a Fortaleza a 12 de Dezembro, de que tomou posse D. Francisco de Sousa, e ao Tenente satisfez El-Rey com huma Commenda, e outras merces,

com

com que dourou a infidelidade da sua resoluçaõ, mais util, que honrada. A Praça de Cascaes se rendeo a D. Gastaõ Coutinho dous dias antes, que a S. Giaõ.

Vencidas venturosamente todas as difficuldades, se dispoz a solemnidade da Coroaçaõ delRey, e de se lhe dar em nome de todo o Reyno juramento de obediencia, e fidelidade. Determinado o dia 15 de Dezembro, baixando ElRey do Paço a hum grande theatro, que se tinha preparado debaixo das suas janellas, vestido de todas as insignias Reaes, acompanhado da principal Nobreza da Corte na fórma, com que os Reys de Portugal faziaõ semelhantes actos, vinhaõ exercitando os officios da Casa Real todos aquelles, que por privilegios antigos tinhaõ occupações nella; e Secretario de Estado Francisco de Lucena, que ElRey havia elegido do lugar, que exercitava em Lisboa de Secretario das Merces, Ministro antigo, que trinta e seis annos exercitara no Conselho de Portugal em Madrid o lugar de Secretario de Estado, que com grande opiniaõ, e sufficiencia tinha servido: pelo que foy proposto por todos para esta occupaçaõ, indo-o buscar a sua casa, para que empregasse no serviço delRey, e bem publico o seu grande juizo. Já deixámos dito no Capitulo XVIII. do Livro VI. que eraõ seus pays feituras, e criados da Casa de Bragança. Hia ElRey vestido de riço pardo bordado de ouro, com botoens, e collar de

diamantes de grande valor, e delle pendente o habito da Ordem de Chriſto em hum circulo de diamantes, eſpada dourada com opa roçagante de téla branca lavrada de ramos de ouro, ſuſtentavalhe a cauda o Camereiro môr; hia diante delRey o Marquez de Ferreira, do Conſelho de Eſtado, que fazia o officio de Condeſtavel, e logo Fernaõ Tellez de Menezes, que fazia o officio de Alferes môr, com a bandeira enrolada; ſeguia-ſe o Marquez de Gouvea, do Conſelho de Eſtado, Mordomo môr, com a ſua inſignia na maõ, e todos os Grandes, e Fidalgos, que logo diremos, todos deſcobertos, e diante os Reys de Armas Portugal, Arautos, e Paſſavantes, e os Porteiros da Cana com maças de prata. Tanto, que ElRey chegou ao eſtrado, o Repoſteiro môr deſcobrio a cadeira, e ſentado ElRey debaixo de hum docel rico bordado de ouro, e prata, no ſeu throno, tomou o ſceptro de ouro na maõ direita, que lhe deu o Camereiro môr, a quem o entregou Belchior de Andrade, Theſoureiro do Theſouro, que o tinha em huma rica ſalva. O Condeſtavel ficou com o eſtoque nas mãos, em pé, e deſcoberto, como vinha, no eſtrado pequeno da parte direita delRey, e o Alferes môr no eſtrado grande da meſma parte, o Camereiro môr de traz da cadeira, e o Guarda môr adiante do Camereiro môr, tambem à parte direita. No meſmo eſtrado grande da parte direita eſtavaõ os Prelados ſeguintes: D. Rodrigo da Cunha,

Auto do Levantamento delRey, impr. em 1641.

Cunha, Arcebispo de Lisboa, do Conselho de Estado, o Bispo D. Francisco de Castro, Inquisidor Geral, do Conselho de Estado, Dom Sebastiaõ de Mattos de Noronha, Arcebispo Primaz, do Conselho de Estado, D. Francisco de Sottomayor, Bispo de Targa, Deaõ da Capella Real, todos descobertos. Da parte esquerda, no mesmo estrado grande encostado à parede delle, o Mordomo mór, e os mais Grandes do Reyno, e Officiaes móres da Casa delRey, e Fidalgos, sem precedencias, a saber: D. Miguel de Menezes, Duque de Caminha, D. Luiz de Noronha, Marquez de Villa-Real, do Conselho de Estado, D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira, D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede, D. Vasco Luiz da Gama, Conde da Vidigueira, D. Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, D. Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, Pedro da Sylva, Conde de S. Lourenço, Francisco Botelho, Conde de S. Miguel, Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, Simaõ Gonçalves da Camera, Conde da Calheta, D. Jeronymo de Attaide, Conde de Atouguia, Fernaõ Telles da Sylveira, Conde de Unhaõ, D. Francisco de Sá de Menezes, Conde de Penaguiaõ, D. Lourenço de Lima de Brito, Visconde de Villa-Nova de Cerveira, do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço, D. Luiz Lobo, Baraõ de Alvito; e os Officiaes da Casa, a saber: Luiz de Mello,

lo, Porteiro mòr, Luiz de Miranda Henriques, Estribeiro mòr, Bernardim de Tavora, Reposteiro mòr, D. Pedro Mascarenhas, Vèdor da Casa, filho mais velho, e successor do Marquez de Montalvaõ, D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Mestre Salla, D. Lourenço de Sousa, Capitaõ da Guarda, Pedro da Cunha, Trinchante, Francisco de Mello, Monteiro mòr, Manoel de Sousa da Sylva, que servia de Aposentador mòr, D. Pedro da Costa, Armador mòr, Martim de Sousa de Menezes, Copeiro mòr, D. Joaõ de Castellobranco, que fazia o officio de Meirinho mòr pelo Conde de Sabugàl seu irmaõ.

No segundo degrao do estrado grande estavaõ os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, e Porteiros de Maças, e logo se seguiaõ os Senhores de terras, Alcaides mòres, Fidalgos, e Ministros, que se acharaõ presentes nos lugares, em que cada hum se podia melhor accommodar, a saber: D. Antonio Pereira, D. Carlos de Noronha, D. Miguel de Almeida, D. Antaõ de Almada, D. Joaõ de Noronha, D. Antonio de Noronha, Luiz da Sylva Telles, Alcaide mòr de Moura, D. Antonio Mascarenhas, D. Duarte de Castellobranco, Dom Francisco de Castellobranco, D. Gastaõ Coutinho, D. Affonso de Menezes, D. Joaõ de Portugal, D. Joaõ Luiz de Vasconcellos e Menezes, D. Sebastiaõ de Vasconcellos, D. Manoel Mascarenhas, D. Pedro de Menezes, D. Luiz de Menezes, D. Joaõ de

de Menezes, D. Luiz de Noronha, D. Antonio de Castro, Thesoureiro môr da Sé de Lisboa, D. Fernaõ Martins Mascarenhas, D. Jorge Mascarenhas, Dom Luiz de Almada, D. Paulo da Gama, D. Pedro Fernandes de Castro, D. Antonio de Almeida, Dom Joaõ da Costa, D. Henrique Henriques, D. Joaõ Mascarenhas, Alcaide môr de Montemôr o Novo, e Mertola, Martim Affonso de Mello, Alcaide môr de Elvas, Manoel Telles de Menezes, Ayres de Saldanha, Joaõ de Saldanha, Antonio de Saldanha, Julio Cesar de Menezes, Thomé de Sousa, Christovaõ de Tavora, Prior da Magdalena, D. Joaõ Pereira, Prior de S. Nicolao, Gonçalo Tavares, Ruy Lourenço de Tavora, Fernaõ de Lima Brandaõ, Ambrosio Pereira de Berredo, Gaspar de Brito Freire, Miguel de Quadros, Antonio de Miranda Henriques, Alcaide môr de Panoyas, Rodrigo de Miranda Henriques, Manoel da Cunha da Maya, Joaõ de Brito da Sylva, Christovaõ de Magalhaens, Ruy Fernandes de Almada, Fernaõ Martins Freire, Antonio Correa da Sylva, Francisco Gonçalves da Camera, Cosme de Paiva de Vasconcellos, Alferes da Ordem de Christo, Fernaõ Pereira de Castro, Luiz Correa de Menezes, D. Francisco de Menezes, D. Joaõ de Carcamo, Manoel Ribeiro Soares, Gaspar de Faria Severim, Affonso de Barros Caminha, Ruy Dias Pereira, Diogo de Tovar, Damiaõ Dias de Menezes, Pedro Vaz de Sá, Christovaõ de Mattos

Mattos Lucena, D. Antonio de Menezes, Jorge de Figueiredo, Franciſco Luiz de Vaſconcellos, Pedro Guedes de Miranda, D. Pedro de Menezes, Prior de Obidos, D. Franciſco de Noronha, D. Pedro de Alcaçova, Jorge de Mello, D. Antonio de Alcaçova, Franciſco Pereira de Betancurt, o Doutor Sebaſtiaõ Ceſar de Menezes, do Conſelho de Sua Mageſtade, e do Geral do Santo Officio, e Deſembargador do Paço, o Doutor Joaõ Pinheiro, o Doutor Balthaſar Fialho, Thomé Pinheiro da Veiga, Procurador da Coroa, o Doutor Joaõ Sanches de Baena, todos do Conſelho de Sua Mageſtade, e ſeus Deſembargadores do Paço: o Doutor Pedro da Sylva de Faria, o Doutor Franciſco Cardoſo de Torneo, ambos do Conſelho de Sua Mageſtade, e do Geral do Santo Officio: o Doutor Antonio das Povoas, o Doutor Rodrigo Botelho, e o Doutor Franciſco de Carvalho, todos tres do Conſelho da Fazenda: o Doutor Simaõ Torreſaõ Coelho, o Doutor Eſtevaõ Falleiro de Sande, o Doutor Lopo Soares de Caſtro, Deputados da Meſa da Conſciencia, e Ordens: Gonçalo de Souſa de Macedo, e o Doutor Jorge de Araujo Eſtaço, Juizes da Coroa: o Doutor Luiz Pereira de Caſtro, Chanceller da Caſa da Supplicaçaõ: o Doutor Antonio Coelho de Carvalho, o Doutor Lopo de Barros, Deſembargadores dos Aggravos: o Doutor Gregorio Homem Maſcarenhas, o Doutor Pedro de Caſtro, o Doutor Valentim da

da Costa de Lemos, Desembargadores da Casa da Supplicaçaõ; e todos os referidos Prelados, Grandes, e Fidalgos, estiveraõ em pé, porque nestes actos naõ tem pessoa alguma assento, nem se cobre.

Depois delRey estar assentado, o Doutor Francisco de Andrade Leitaõ, Desembargador dos Aggravos, sobindo ao estrado grande, ficando no canto da parte esquerda, e fazendo a devida reverencia a Sua Magestade, disse huma eloquente Oraçaõ, mostrando em prudentes, e bem fundadas razoens a justiça, com que os tres Estados do Reyno acclamaraõ, e restituiraõ a ElRey a Coroa, usurpada a sua avó a Senhora D. Catharina. Porque assim, que falecera ElRey D. Henrique no ultimo de Janeiro do anno de 1580, logo se devolvera a successaõ dos mesmos Reynos à linha do varaõ, que era o Infante D. Duarte seu irmaõ, filho delRey D. Manoel, de gloriosa memoria, na qual em beneficio da representaçaõ se achava em primeiro, e mais proximo grao ao ultimo possuidor a Serenissima Princeza D. Catharina sua sobrinha direita, filha do dito Infante, e neta delRey D. Manoel, da qual havia nascido o muito Excellente Principe D. Theodosio, Duque de Bragança, pay delRey, que estava presente, a quem pertencia o mesmo direito, e acçaõ, que tinhaõ os Principes seus progenitores para se desforçarem (como já entaõ protestaraõ) e para se investir na

meſma ſucceſſaõ, que ſe lhe havia uſurpado, (como depois moſtraraõ em doutos Tratados inſignes Juriſconſultos) e ultimamente expreſſou a ElRey a vontade, com que os Póvos ſe offereciaõ a defendello, e a fidelidade, com que offereciaõ as fazendas, e as vidas, por lhe ſegurarem perpetuamente a Coroa, e o quanto mereciaõ, que Sua Mageſtade lhes guardaſſe ſeus fóros, uſos, e louvaveis coſtumes, privilegios, liberdades, prerogativas, franquezas, e preeminencias, fazendolhe em tudo a honra, e merce, para que unidos no Real amor, e ſerviço de Sua Mageſtade, naõ ſó trataſſem de conſervar, e defender a Coroa, que acabavaõ de lhe reſtituir, mas que lhe dilataſſem, e ampliaſſem o ſeu Imperio.

Tanto, que ſe acabou a falla, o Repoſteiro mór poz diante delRey huma cadeira raza coberta com hum pano de brocado, com almofada do meſmo em cima, e outra aos pés delRey; e logo D. Alvaro da Coſta, Capellaõ mór, poz em cima da dita cadeira, e almofada hum Miſſal aberto, e huma Cruz, e poſto ElRey de joelhos, fez o juramento coſtumado neſtes Reynos, ao qual foraõ preſentes o Arcebiſpo Primaz, o Arcebiſpo de Liſboa, e o Biſpo Inquiſidor Geral: e póſtos de joelhos, Franciſco de Lucena, do ſeu Conſelho, e ſeu Secretario de Eſtado, hia lendo a fórma do juramento, que ElRey repetia, tendo a maõ direita poſta na Cruz, e Miſſal, e o ſceptro na eſquerda. Diſſe:

Disse: *Juramos, e promettemos, com a graça de Nosso Senhor, vos reger, e governar bem, e direitamente, e vos administrar inteiramente justiça, quanto a humana fraqueza permitte, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, merces, liberdades, e franquezas, que pelos Reys passados nossos antecessores foraõ dados, outorgados, e confirmados.* Acabado o juramento, se tornou ElRey a assentar na sua cadeira, e os Arcebispos, e Bispo voltaraõ para os seus lugares. Seguiraõ-se os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, e Nobreza do Reyno, que entaõ se achava presente, a que deu principio o Duque de Caminha, que leu o Secretario de Estado, e a fórma do juramento era a seguinte: *Juro aos Santos Euangelhos corporalmente por minhas mãos tocados, que eu recebo por nosso Rey, e Senhor verdadeiro, e natural, ao muito Alto, e muito Poderoso Rey Dom Joaõ o IV. nosso Senhor, e lhe faço preito, menage, segundo foro, e costume destes seus Reynos.* Tanto, que acabou de jurar sobre a dita Cruz, e Missal, foy beijar a maõ delRey, e na mesma fórma o fizeraõ os outros Grandes, Seculares, e Prelados, sem entre elles haver precedencia, porque o Secretario de Estado declarou, que El-Rey assim o mandava. Concluîo-se o acto com o Alferes môr desenrolar a bandeira Real, voltado para o povo, dizendo tres vezes em voz alta: *Real, Real, Real, pelo muito Alto, e muito Poderoso Senhor Rey Dom Joaõ o IV. nosso Senhor*; o que o

povo repetia entre vivas, e alegres acclamações, demonstradoras do seu contentamento.

Acabada a solemnidade do acto, se levantou ElRey, e foy dar graças ao Senhor à Igreja da Sé Metropolitana de Lisboa, e sahindo do theatro, desceo ao Terreiro, onde estava o Senado da Camera da Cidade com hum paleo de téla branca com oito varas, que levaraõ o Conde de Cantanhede, Presidente do Senado, e os Doutores Paulo de Carvalho, Francisco Rabello Homem, Alvaro Velho, Manoel Homem, Vereadores do mesmo Senado, e Joaõ Sanches de Baena, Desembargador do Paço, por ser filho de Pedralves Sanches, que foy Vereador, e Francisco Bravo da Sylveira, filho tambem do Vereador, e Conservador da Cidade, por cujo officio lhe pertencia, e Sebastiaõ de Tavares de Sousa, Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, e todos vestidos conforme as suas dignidades magnificamente. Montou ElRey em hum fermoso cavallo castanho, com manta de veludo negro, e os mais arreos, guarnecido tudo de passamanes, e galoens de ouro; deulhe o estribo da parte esquerda o Estribeiro mòr, e tendo maõ no da direita Miguel Pereira Borralho, seu Estribeiro menor; levava-o de redea Dom Pedro Fernandes de Castro, na ausencia do Conde de Monsanto, Alcaide mòr de Lisboa, a quem tocava. Hiaõ diante a cavallo os Reys de Armas com suas Cotas ricas, e os Porteiros da Cana com maças de prata, assim

assim como haviaõ estado no acto do juramento; sustentavaõ a cauda da Opa roçagante, ou Manto Real delRey, nas ilhargas dous Moços Fidalgos, no meyo dos quaes hia o Camereiro mór, que tambem os ajudava. Hia adiante o Condestavel com o estoque desembainhado levantado, e o Alferes mór com a bandeira Real, a pé, e descobertos, e na mesma fórma o acompanhavaõ os Grandes, Senhores de terras, Alcaides móres, e Fidalgos, que se haviaõ achado no acto do levantamento, e juramento. Na Praça do Pelourinho parou ElRey, e ouvio huma Oraçaõ ao Doutor Francisco Rabello Homem, Vereador da Camera; e acabada ella, lhe entregou as chaves da Cidade o Presidente do Senado o Conde de Cantanhede, que ElRey tomou, e depois as deu ao mesmo Conde. Na Cathedral o Arcebispo revestido de Pontifical, acompanhado do Cabido, com a Reliquia do Santo Lenho nas mãos, o veyo receber na entrada do taboleiro da porta principal, e no ultimo degrao das escadas, que sobem da rua, se poz em huma alcatifa huma almofada, em que ElRey ajoelhou devotamente, e levantando-se, acompanhado do Arcebispo, e Cabido, foy até o Altar mór, onde outra vez se poz de joelhos, em quanto o Arcebispo disse as Orações costumadas, e lançou a bençaõ. Havia na Igreja diversos Córos de Musica. Voltou ElRey da Sé ao Paço entre vivas, e lagrimas de gosto, de hum numeroso concurso, repe-

repetindo-ſe o applauſo, e geral contentamento do povo, deſprezando todos os perigos, com que o podia ameaçar hum Rey viſinho, e poderoſo, com a juſtiça da cauſa, que defendiaõ, como bem moſtrou depois o tempo.

Antes de darmos noticia dos negocios internos, a que ElRey logo ſe applicou com grande efficacia, he preciſo referirmos como a Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ ſua mulher, ſe transferio de Villa-Viçoſa a Lisboa. No dia de Natal paſſou ElRey a Aldea Gallega a eſperar a Rainha, à qual acompanhavaõ o Marquez de Ferreira, que havia partido a buſcalla, D. Vaſco da Gama, Conde da Vidigueira, e D. Franciſco Coutinho, Conde de Redondo, e outros. Elegeo a Rainha por ſua Camereira môr a Marqueza de Ferreira, como já diſſemos; nomeou ElRey por ſeu Mordomo môr a D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira, e para Eſtribeiro môr a D. Luiz de Noronha; e a Pedro da Cunha, que era ſeu Trinchante, fez ſeu Veador. Entraraõ os Reys em Lisboa com novos vivas, e geral contentamento, porque era grande o goſto ver os Reys em idade florente, e a ſua familia florecida de tres herdeiros, o Principe D. Theodoſio, a Infanta D. Joanna, e a Infanta D. Catharina. Nomeou logo a Rainha por Aya do Principe, e Infantas a D. Marianna de Lencaſtre, viuva de Luiz da Sylva, Védor da Fazenda, e do Conſelho de Eſtado, e ornou-ſe o Paço das

mais

mais illustres, e fermosas Damas da Corte, e dos meninos de igual qualidade.

A 7 de Dezembro chegou a noticia a Madrid de ser acclamado o Duque de Bragança Rey de Portugal, aviso, que havia mandado o Corregedor de Badajoz; porém taõ confusamente, que só servio para despacharem Correyos a diversas partes, e ao Emperador de Alemanha pedindolhe segurasse a pessoa do Infante D. Duarte. O Secretario Diogo Soares despedio hum confidente a Lisboa para que o instruisse, do que se passava; porém tanto que chegou, foy prezo, e manifestando o motivo da jornada, o soltaraõ sem castigo. Causou mayor confusaõ na Corte de Madrid chegar a ella o Conde de Figueiró, que partira de Lisboa nos ultimos dias de Novembro, sem noticia alguma da acclamaçaõ. Conta-se ser estranho o modo de manifestar o Conde Duque a seu Rey a perda de Portugal. Entrou (disseraõ) pedindolhe alviçaras da nova, que lhe levava, porque naquelle dia tinha Sua Magestade mais hum grande Estado, que era o de Bragança, dentro de Hespanha, que possuir, ou dar, como fosse servido. Desta sorte era dominado ElRey Dom Filippe, de natural mansissimo, dos artificios do Valido. Tanto, que na Corte se rompeo esta noticia, os Fidalgos Portuguezes, que nella se achavaõ, se offereceraõ a ElRey para a conquista de Portugal; os mais delles com o coraçaõ na defensa da Patria,

como

como depois, passado pouco tempo, o justificaraõ.

Parecenos dizer tambem como se achava o Reyno quando ElRey D. Joaõ entrou a reynar. Do Estado da India era Vice-Rey Joaõ da Sylva Tello e Menezes, Conde de Aveiras; no Brasil governava o Vice-Rey Dom Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvaõ; em Africa, governavaõ as Praças de Ceuta D. Francisco de Almeida; Tanger D. Rodrigo Lobo da Sylveira, Conde de Sarzedas; Mazagaõ Martim Correa da Sylva, cujo pay Henrique Correa governava o Reyno do Algarve; a Ilha da Madeira Luiz de Miranda Henriques, Senhor de Ferreiros, e Tendaes; a de S. Miguel o Conde de Villa-Franca, Donatario daquella Ilha; a de Cabo Verde Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque; Angola Pedro Cesar de Menezes: e assistiaõ nas Presidencias, o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro no Conselho Geral do Santo Officio; no Desembargo do Paço o Arcebispo de Braga D. Sebastiaõ de Mattos de Noronha; na Mesa da Consciencia, e Ordens, D. Antonio de Ataide, Conde de Castro Dairo; no Senado da Camera D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede; na Misericordia Dom Manrique da Sylva, primeiro Marquez de Gouvea, que sendo Gentilhomem da Camera delRey D. Filippe IV. achando-se na Mesa da Misericordia no tempo, que ElRey D. Joaõ foy acclamado, e levando-selhe esta noticia,

noticia, tirou logo a chave, e a meteo na algibeira; e perguntandolhe os companheiros, o que haviaõ de fazer, respondeo: *O que nos mandarem*, e foy grande servidor delRey, que o fez seu Mordomo môr, e do Conselho de Estado, lugares, que já tinha, e Presidente do Paço; e regía a Metropolitana Igreja de Lisboa o Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha.

Naõ convem menos à Historia a memoria dos Principes, que na Europa dominavaõ. Occupava a Cadeira de S. Pedro o Papa Urbano VIII. possuîa o Imperio o Emperador Fernando III. reynava em França ElRey Luiz XIII. chamado o *Justo*, em Hespanha ElRey D. Filippe IV. a quem os seus appellidaraõ o *Grande*, em Inglaterra ElRey Carlos I. em Suecia a Rainha Christina, filha do grande Gustavo Adolfo, em Dinamarca ElRey Christiano IV.

A este mesmo tempo se achavaõ em Castella, e fóra do Reyno, muy grandes Senhores, e Fidalgos principaes, a saber: Dom Affonso de Lencastre, Marquez de Porto-Seguro, Commendador môr de Santiago, D. Joaõ Coutinho, Arcebispo de Evora, D. Lourenço Pires de Castro, Conde de Basto, Diogo Lopes de Sousa, Conde de Miranda, D. Francisco de Vasconcellos, Conde de Figueiró, D. Jeronymo de Ataide, Conde de Castro-Dairo, D. Gregorio de Castellobranco, Conde de Villa-Nova, D. Luiz Henriques, Conde de

Relaçaõ impressa em 1642.

Villa-Flor, Luiz Carneiro, Conde da Ilha, Dom Miguel de Noronha, Conde de Linhares, D. Francisco de Castellobranco, Conde de Sabugal, e Meirinho môr, Francisco Pereira Pinto, eleito Bispo do Porto, D. Bernardo de Ataide, eleito Bispo de Portalegre, D. Luiz de Lencastre filho do Duque de Aveiro, os quaes todos se achavaõ em Madrid. D. Manoel de Moura, Marquez de Castello-Rodrigo, Embaixador em Roma, Dom Francisco de Mello, Embaixador em Alemanha, D. Joaõ Pereira, Conde da Feira, servindo em Flandes, Felix Machado da Sylva, Senhor de Entre Homem, e Cavado, Marquez de Monte-Bello, Antonio de Magalhaens, Senhor da Ponte da Barca, D. Francisco Manoel, D. Filippe da Sylva irmaõ do Marquez de Gouvea, em Flandes; D. Manoel de Castro, D. Francisco de Azevedo e Ataide, D. Lopo de Menezes, e seu irmaõ D. Bernardo de Menezes, Martim Affonso de Ataide, D. Francisco de Sá, D. Francisco Mascarenhas, e D. Joaõ Mascarenhas seu filho, Francisco Furtado de Noronha, Luiz de Miranda Henriques, Francisco de Vasconcellos, e seu filho Bartholomeu de Vasconcellos, D. Fradique da Camera irmaõ do Conde de Villa-Franca, D. Fernando de Noronha, e D. Jeronymo de Noronha filhos do Conde de Linhares, Francisco Moniz, Senhor de Angeja, D. Alvaro Coutinho, Senhor de Almourol, D. Francisco Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, Dom Simaõ Masca-

Mascarenhas filho do Marquez de Montalvaõ, em Catalunha; D. Alvaro de Mello, Henrique de Sousa, e seu irmaõ Luiz de Sousa filhos do Conde de Miranda, D. Theotonio Manoel, D. Joaõ Sottomayor, D. Antonio da Sylveira, D. Diogo Lobo, Prior môr de Palmella, Affonso Furtado de Mendoça, Deaõ da Sé de Lisboa, Diogo de Sousa, Chantre de Lamego, D. Joaõ de Sousa, Antonio de Sousa, D. Joaõ de Castellobranco filho do Conde de Sabugal, D. Jorge Manoel, Affonso de Lucena filho do Secretario de Estado Francisco de Lucena, Gil de Goes da Sylveira, Dom Luiz de Sousa, Conde do Prado, D. Alvaro de Ataide filho do Conde da Castanheira D. Antonio de Ataide, Duarte de Albuquerque Coelho, Senhor de Pernambuco, D. Sancho de Faro, Jorge Furtado filho de Lopo Furtado, Pedro Jaques de Magalhaens, Dom Jorge Henriques, Estevaõ de Brito, Damiaõ de Sousa de Menezes com dous filhos, hum filho do Estribeiro, D. Diogo Lobo filho do General, D. Thomás seu irmaõ, Diogo de Freitas Mascarenhas, Almirante, D. Rodrigo, Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, Conde de Castello-Melhor, D. Luiz de Abranches filho de D. Antaõ de Almada, Antonio de Mello filho de Martim Affonso de Mello, Dom Rodrigo Lobo, dos quaes muitos se achavaõ em Indias; D. Joaõ Tello de Menezes, Dom Francisco Mascarenhas, e outros muitos em Flandes, e Catalunha, que passavaõ de quatro mil

as peſſoas de diſtinçaõ, que ſe achavaõ fóra do Reyno. Sobre a liberdade de todos foy mandado a Madrid D. Pedro da Motta, Mordomo da Duqueza de Mantua, que naõ voltou. Quaſi todos eſtes Grandes Senhores, e Fidalgos, ſe reſtituiraõ com o tempo ao Reyno, conforme o permittio a occaſiaõ, e alguns com grandes trabalhos, vencidos com leal conſtancia.

Memorias do tempo impreſſas em 1640.

Naõ dilatou ElRey em nomear Miniſtros para o governo, e para o deſpacho de todos os dias, ao Arcebiſpo de Lisboa, o Viſconde D. Lourenço de Lima, e o Marquez de Ferreira, e depois o Marquez de Gouvea. Nomeou para o Conſelho de Eſtado, além dos referidos, ao Arcebiſpo de Braga D. Sebaſtiaõ de Mattos, o Inquiſidor Geral Dom Franciſco de Caſtro, o Marquez de Villa-Real D. Luiz de Noronha, que já na dominaçaõ de Caſtella tinhaõ eſte exercicio; o Conde de Vimioſo, e a D. Miguel de Portugal ſeu irmaõ, D. Antonio de Ataide, Conde da Caſtanheira, e Caſtro-Dairo, D. Jorge Maſcarenhas, Marquez de Montalvaõ, D. Miguel de Almeida, e Henrique Correa da Sylva. Para o Conſelho de Guerra foraõ nomeados Jorge de Mello, General das Galés, D. Joſeph de Menezes, Antonio de Saldanha, Joaõ Pereira Corte-Real, Fernaõ Telles, e ſeu irmaõ Antonio Telles da Sylva, Mathias de Albuquerque Coelho, Fernaõ da Sylveira, Martim Affonſo de Mello, Dom Vaſco Maſcarenhas, Conde de Obidos, D. Alva-

ro

ro de Abranches, e D. Gastaõ Coutinho: estes ultimos quatro foraõ encarregados de outros póstos, como abaixo se dirá, pelo que naõ assistiaõ ao despacho.

Para o supremo Tribunal da Mesa do Desembargo do Paço tambem nomeou Presidente, que foy o Visconde de Villa-Nova de Cerveira, e por Ministros a Sebastiaõ Cesar de Menezes, do Conselho Geral do Santo Officio, D. Rodrigo de Menezes irmaõ do Conde de Cantanhede, o Doutor Joaõ Pinto Ribeiro, o Doutor Francisco de Andrade Leitaõ, e o Doutor Antonio Coelho de Andrade. Para a Casa da Supplicaçaõ foy nomeado Regedor o Conde de S. Lourenço Pedro da Sylva, e Governador da Relaçaõ do Porto Joaõ Gomes da Sylva, e Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens D. Carlos de Noronha. Para Védores da Fazenda D. Miguel de Almeida, e Henrique Correa da Sylva, e Contador mór o Doutor Joaõ Pinto Ribeiro. Ordenou huma Junta para o provimento das Provincias, a saber: D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, D. Joaõ de Menezes, Rodrigo Botelho, do seu Conselho da Fazenda, Pedro Vieira da Sylva, seu Procurador da Fazenda, e D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede, que nella presidia, e por Secretario Affonso de Barros Caminha, Escrivaõ da sua Fazenda. Entaõ, depois das Cortes, teve principio a Junta dos Tres Estados, como adiante diremos.

Era

Era o principal cuidado delRey a defensa do Reyno, e assim tratou logo de nomear Generaes, e Cabos para as Provincias. Elegeo para Capitaõ General de todo o Reyno a D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, em quem concorriaõ excellentes partes por ser dotado de valor, de juizo, e de eleiçaõ; porém naõ chegou a gozar as grandes preeminencias deste posto, porque o Secretario Francisco de Lucena, mudando o animo delRey, lhe aconselhou, que naõ era justo antepor com differença taõ desigual hum Vassallo a tantos benemeritos, a quem devia iguaes finezas. Passou a Elvas a exercitar o seu posto na Provincia de Alentejo, e para a mesma Praça foy mandado Mathias de Albuquerque com o titulo de Governador das Armas, em que succedeo ao Conde, onde tinha por Fronteiro ao Conde de Monte-Rey, que assistia em Badajoz. Ao Reyno do Algarve se mandou por Governador, e Capitaõ General ao Conde de Obidos D. Vasco Mascarenhas, que fez a sua residencia em Castro Marim, Villa fronteira de Ayamonte, onde assistia como Governador General das Costas de Andaluzia o Duque de Medina Sidonia com o Marquez da mesma Villa, e outros Senhores. D. Alvaro de Abranches foy mandado governar a Beira com patente de Capitaõ General, e fez a sua residencia em a Villa de Pinhel, tendo por aquella parte visinho o Duque de Alva. Entre Douro, e Minho se encarregou ao General D. Gastaõ Coutinho,

nho, que assistia em a Villa de Valença, fronteira de Tuy do Reyno de Galliza, que governava o Marquez de Val Paraiso. Traz dos Montes se dividio em dous Fronteiros môres, Ruy de Figueiredo, que assistia em Chaves, e Francisco de Sampayo em Villa-Flor.

O Castello de Lisboa, em que pertendeo ficar D. Alvaro de Abranches, por ter tomado posse delle em nome delRey no dia, em que o evacuaraõ os Castelhanos, ElRey o confirmou ao Conde de Monsanto, como cargo hereditario da sua Casa; a Fortaleza de S. Giaõ se encarregou a D. Joseph de Menezes, e por seu Tenente Luiz de Lomba de Araujo; a Praça de Cascaes a Martim Affonso de Mello, de donde depois foy governar as Armas da Provincia de Alentejo, e por Mestre de Campo a Francisco de Madureira; a Torre de Belém a Antonio de Saldanha, e por seu Tenente Jacintho de Sequeira; a Torre da Cabeça Secca S. Lourenço ao Capitaõ Rolaõ, e por seu Tenente Bernardo Botelho; a Torre Velha a seu Capitaõ môr Ruy Lourenço de Tavora; em Peniche o Conde de Atouguia; no Castello de S. Filippe de Setuval D. Noutel de Castro, e a Fortaleza do Outaõ na mesma Villa a Antonio de Moura; e no Reyno do Algarve a de Sagres a Francisco Ribeiro; no Castello de S. Joaõ da Foz na Cidade do Porto o Conde de Penaguiaõ, seu Donatario D. Francisco de Sá de Menezes; em Vianna Manoel Telles irmaõ do

do Conde de Unhaõ; em a Praça de Olivença o Mestre de Campo Francisco de Mello, e lhe succedeo Rodrigo de Miranda Henriques; em Castello de Vide D. Nuno Mascarenhas; em Serpa Manoel de Mello em lugar de seu pay Luiz de Mello, Porteiro mór; para Béja foy mandado por Mestre de Campo D. Francisco de Sousa, sobrinho, e herdeiro do Conde de Prado, e à sua obediencia os Lugares visinhos; para Moura o seu Alcaide mór Luiz da Sylva; e em Mouraõ Francisco de Mendoça Furtado filho do Guarda mór da Pessoa Pedro de Mendoça; na Praça de Campo Mayor Fernaõ de Lima por Pedro de Alcaçova; as Comarcas da Guarda, e Castello-Branco D. Fernando de Menezes; na Villa de Monçaõ, e seus contornos Dom Affonso de Menezes à ordem de Gastaõ Coutinho; Coimbra, e sua Comarca a Gaspar de Brito, a quem succedeo D. Luiz de Almada na Capitanía mór de Coimbra; para Buarcos foy mandado Gonçalo da Costa Coutinho; e para a Guarda Pedro de Mello; para Alcoutim Fernaõ Pereira; em Lamego ficou Bernardo Correa de Lacerda em lugar de D. Gomes de Mello, Capitaõ, e Alcaide mór da mesma Cidade. Nos Terços, que vagaraõ, entraraõ no de D. Miguel de Almeida D. Francisco de Noronha, e no de Henrique Correa da Sylva Antonio de Saldanha, e no de Martim Affonso de Mello D. Antonio Tello, a quem succedeo Ruy de Moura Telles, e o Generalato das galés se deu a Jorge de Mello;

Mello; e no Reyno se mandaraõ levantar quatro Terços, a Coimbra foy D. Antonio Luiz de Menezes, D. Joaõ de Sousa a Thomar, D. Joaõ da Costa a Evora, e o Balio de Acre Braz Brandaõ ao Minho. Estes foraõ os primeiros Generaes, e Cabos, que no anno de 1641 começaraõ a contrastar o grande poder dos Castelhanos, a que se seguiraõ outros muitos, que deixaraõ glorioso nome à posteridade.

Convocou ElRey Cortes para o dia 28 de Janeiro do referido anno de 1641 na Cidade de Lisboa, e concorreraõ todos os Póvos por seus Procuradores das Cidades, e Villas do Reyno, que tem voto nellas. Juraraõ os Tres Estados do Reyno a ElRey por legitimo Senhor destes Reynos, e por Principe, successor seu, ao Principe D. Theodosio. Dom Manoel da Cunha, Bispo de Elvas, em huma eloquente Oraçaõ representou a ElRey o amor dos Póvos, e a estes a magnanimidade, e resoluçaõ delRey em os querer defender, e amparar. Seguio-se o juramento, em que se observaraõ todos os estylos antigos. No dia seguinte, em que foy a primeira proposiçaõ das Cortes, orou segunda vez o Bispo D. Manoel da Cunha, o qual referio, que ElRey havia por levantados todos os tributos impostos por ElRey de Castella: discorreo o Bispo com propriedade sobre a uniaõ, e desinteresse particular, e que ElRey deixava à eleiçaõ dos Tres Estados do Reyno os meyos para a sua defen-

ſa, offerecendo para o diſpendio da guerra todas as rendas do Patrimonio Real, exceptuando huma curta porçaõ para a Caſa Real, e todas as joyas, e prata lavrada, que havia no Theſouro da Caſa de Bragança. A eſta Oraçaõ reſpondeo o Doutor Franciſco Rabello Homem, Vereador da Camera, por parte dos Póvos, em que rendeo as graças a El-Rey de anticipar aos Póvos a merce de lhe levantar os tributos, os quaes em gratidaõ de taõ ſingular beneficio, lhe offereciaõ as vidas, e fazendas para defenſa, e ſegurança do Reyno. Acabado o acto das Cortes, mandou ElRey, que os Tres Eſtados ſe ajuntaſſem divididos, em S. Domingos o Eccleſiaſtico, a Nobreza em Santo Eloy, e em S. Franciſco os Procuradores dos Póvos; onde depois de diverſas conferencias, concordaraõ nos ſubſidios para a deſpeza da guerra.

Entre os negocios do novo reynado, o que pedia mais prompto remedio era o aviſar ao Sereniſſimo Infante Dom Duarte, irmaõ delRey, com tanta anticipaçaõ, que chegaſſe primeiro a noticia da reſtituiçaõ de Portugal ao Infante, do que aos Miniſtros de Caſtella, que reſidiaõ na Corte do Emperador Fernando III. em cujos Exercitos o Infante ſervia. Eſte era o primeiro negocio do cuidado delRey, aviſar do ſeu reynado a ſeu irmaõ. Porém chegou ao Miniſtro de Caſtella primeiro o aviſo da Acclamaçaõ, que ao Infante, porque a ſua deſgraça foy mayor, que a meſma prevençaõ; porque

como

como moſtrou a experiencia, que ou ſe retardara na execuçaõ, ou no modo; porque deſpachados os aviſos por Flandes, Hamburgo, Hollanda, e Veneza, todos foraõ perdidos, tal vez, que por naõ ſe reduzirem tantas Cartas miſſivas a menos Enviados, que como Cartas vivas pudeſſem calar, ou dizer o ſucceſſo, ſegundo a occaſiaõ o pediſſe; mas por acaſo o alvoroço, mais que a malicia, foy o culpado neſta inadvertencia, que depois com outra mayor foy punida como maldade, e naõ como advertencia. Em Lisboa ſe attribuîo à omiſſaõ do Secretario Franciſco de Lucena, querendo-ſe dar antiga origem a eſte deſconcerto, que naſcia ſer mal affecto ao Infante. Porém outros tambem chegaraõ a proferir houvera deſcuido em ElRey, ſem razaõ, com que ſe coſtuma julgar de ordinario depois dos ſucceſſos; mas he certo, que foy fatal a deſgraça, que ſe armou contra o innocente Infante: e por iſſo neſte tempo o tinha attento o ſerviço do Ceſar, e aquartellado no Paiz de Franconia, diſtante da Corte Imperial, e por eſta cauſa do commercio, para que deſarmados todos os inſtrumentos da ſua liberdade, pereceſſe com horrivel, e infame nota dos motores de hum taõ indigno negoceado, como já deixámos referido no Capitulo XIX. do Livro VI.

Naõ era de menor conſideraçaõ, que importancia, a materia das Embaixadas; porém como ellas ſe expediraõ taõ proximas ao ſucceſſo, naõ

houve lugar de procurar mais ſufficiencia em alguns eleitos, que a fidelidade. Era a diverſaõ da guerra de Catalunha huma das mais importantes ſeguranças do Reyno: pelo que mandou ElRey àquella nova Republica ao Padre Ignacio Maſcarenhas da Companhia de Jeſu, irmaõ do Conde de Santa Cruz, Religioſo, em quem concorriaõ virtudes, e letras, acompanhado do Padre Paulo da Coſta. Aceitaraõ os Deputados a Embaixada, e voluntariamente aceitaraõ a confederaçaõ com Portugal. Ao meſmo tempo mandou por Embaixadores para França a Franciſco de Mello, Monteiro môr, e ao Doutor Antonio Coelho de Carvalho, Deſembargador do Paço, e por Secretario da Embaixada a Chriſtovaõ Soares de Abreu, Deſembargador do Porto. Partiraõ de Lisboa a 28 de Fevereiro, chegaraõ a Rochella a 5 de Março, aonde foraõ recebidos do Graõ Prior de França, da Ordem de S. Joaõ, Governador daquella Cidade, com eſpeciaes demonſtrações de affabilidade, e grandeza. Chegando a Orleans, mandaraõ o Secretario Chriſtovaõ Soares dar noticia a ElRey da ſua chegada, e duas legoas antes de chegar a Pariz acharaõ ao Secretario com huma Quinta prevenida por ordem delRey. Meya legoa antes de Pariz os eſperava o Marichal de Chatillon, e outras peſſoas principaes, com os coches delRey: em hum vinha o Duque de Chevreuſe, e nelle os recebeo, e os conduzio a S. Germain, onde ElRey aſſiſtia.

Franco na Relaçaõ deſta Embaixada impreſſa em 1642.

Em

Em 25 de Março tiveraõ audiencia delRey Luiz XIII. e do Cardeal de Richelieu, primeiro Ministro daquella Monarchia, que os tratou com agradaveis demonstrações de affecto, e excessiva cortezia. Tiveraõ audiencia da Rainha, e depois de varias conferencias ajustaraõ hum Tratado entre huma, e outra Coroa de paz perpetua, em que assentaraõ ambos os Reys de naõ ajudar aos inimigos de qualquer delles com gente, dinheiro, munições, ou navios, deixando livre aos Hollandezes entrarem nesta confederaçaõ, quando a noticia della lhe parecesse conveniente. Que a guerra a El-Rey de Castella se faria com todo o vigor, e por todos os caminhos, que se offerecessem. Que El-Rey Christianissimo se obrigava a mandar a Portugal vinte navios nos ultimos do mez de Junho seguinte, para se unirem a outros tantos delRey de Portugal, esperando-se, que os Estados Geraes os auxiliassem com igual numero. E que aquella Armada intentaria tomar a frota da nova Hespanha, e procuraria fazer todo o damno, que fosse possivel nos pórtos, e navios de Castella, sendo divididos igualmente os interesses. Que se continuaria o commercio entre os dous Reynos na mesma fórma, que no tempo dos antigos Reys de Portugal. E que ElRey Christianissimo permittiria, que pudessem livremente os navios Portuguezes comprar nos seus pórtos toda a sorte de munições de guerra, e boca, que lhe fossem necessarias. Concluido

Prova num. 6.
Prova num. 7.

do assim este Tratado, se despediraõ os Embaixadores com Cartas para ElRey, e voltaraõ a Portugal na Armada, que veyo a Lisboa, de que era General o Marquez de Berzé, sobrinho do Cardeal Richelieu.

Haviaõ sahido de Lisboa no mesmo dia, que os Embaixadores de França, os que ElRey mandou a Inglaterra, que foraõ D. Antaõ de Almada, e Francisco de Andrade Leitaõ, Desembargador do Paço, e por Secretario da Embaixada Antonio de Sousa de Macedo, e a 7 de Março chegaraõ a Plemut, sessenta legoas de Londres, para onde partiraõ, adiantando-se o Secretario a pedir licença a ElRey para entrarem na Corte. Intentou embaraçalla Dom Affonso de Cardenas, Embaixador de Castella, porém o Conde de Pembrave o atalhou com ElRey, que determinou, que entrassem com a solemnidade costumada, e permittida aos mayores Soberanos de Europa, havendo pedido primeiro, como satisfaçaõ da sua curiosidade, a Antonio de Sousa, que lhe declarasse por hum papel o direito, que ElRey D. Joaõ tinha à Coroa de Portugal, o que Antonio de Sousa fez logo com tanta elegancia, e clareza, que naõ só lhe mostrou o incontrastavel direito delRey D. Joaõ, mas a tyrannia de Castella. Depois estando no mesmo Reyno imprimio em Londres no anno de 1645 aquella sua estimadissima Obra de *Lusitania Liberata*, em que diffusa, e egregiamente mostrou quam claro

era

era o direito delRey D. Joaõ. O Embaixador de Castella vendo desvanecida a sua pertençaõ, sahio da Corte, e os nossos a 7 de Abril fizeraõ a sua entrada, e foraõ recebidos delRey com demonstrações de alegria, achando o mesmo agrado na Rainha Henriqueta Maria, a qual era irmãa delRey de França. Conferiraõ com os Ministros, que se lhe deraõ, e ajustaraõ o Tratado de huma paz perpetua para si, e seus descendentes: que os seus Vassallos conservariaõ hum amigavel trato, e commercio: que poderiaõ os Portuguezes comprar munições em Inglaterra, e os Inglezes terem liberdade de poderem passar a servir na guerra em Portugal. Concluido o Tratado, voltaraõ os Embaixadores para Lisboa, ficando em Londres Antonio de Sousa de Macedo, Secretario da Embaixada, encarregado dos negocios, e depois foy Embaixador delRey na mesma Corte.

No mesmo dia, que sahiraõ do porto de Lisboa os Embaixadores para França, e Inglaterra, deu à véla para Hollanda o Embaixador Tristaõ de Mendoça, levando por Secretario da Embaixada a Antonio de Sousa Tavares, Ministro de letras, e tanta sufficiencia, que se entendeo podia supprir a falta de Luiz Pereira de Castro, Chanceller da Casa da Supplicaçaõ, que fora nomeado para com o mesmo caracter, que Tristaõ de Mendoça, o acompanhar àquella Corte, ao que com justos motivos se havia escusado. Foy o Embaixador recebido com

com toda a ſolemnidade, e com grande ſatisfaçaõ de verem o formidavel poder de Heſpanha diminuido, e o Throno de Portugal occupado pela Sereniſſima Caſa de Bragança. He de ſaber, que no tempo da dominaçaõ de Caſtella, ſe haviaõ os Hollandezes apoderado de diverſas Conquiſtas do Reyno de Portugal, como na India de Malaca, e na Ilha de Ceilaõ das Fortalezas de Negumbo, e Gale, e já haviaõ em diverſas partes edificado Fortalezas, e Povoações. No Braſil occupavaõ Pernambuco, Paraiba, Rio Grande, Ciará, as Ilhas de Tamaracá, e de Fernaõ de Noronha: e para a parte do Sul Porto Calvo, e Sageripe. Haviaõ formado huma Companhia, em que eraõ intereſſadas as peſſoas de mayor poder dos Eſtados, ſendo grande a utilidade daquelle commercio, que os obrigava a quererem conſervar aquellas Conquiſtas, que poſſuîaõ ſem mais direito, que da uſurpaçaõ, com que dellas ſe fizeraõ Senhores, approvada pelo ſilencio dos Miniſtros de Caſtella, quando nas Leys de primeiro poſſuidor tocavaõ de direito a ElRey D. Joaõ, como juſto poſſuidor do Reyno. Concluîo o Embaixador huma tregoa por dez annos entre Portugal, e os Eſtados, que ſe ajudariaõ com todas as forças contra Caſtella, e de todos os ſeus Vaſſallos, entendendo-ſe eſte Tratado no Braſil, e na India, com outras condições pouco uteis ao Reyno; e que os Hollandezes mandariaõ à ſua cuſta huma Eſquadra de vinte navios para

para se unirem aos delRey, o qual poderia tirar dos Estados de Hollanda todos os Officiaes de guerra, que lhe parecessem necessarios, os quaes elles mandariaõ à sua custa, e se obrigaraõ a soccorrer em quanto estivessem em Portugal, e que da mesma sorte poderiaõ tirar de Hollanda todas as munições, e instrumentos militares para a guerra. Deste Tratado, diz o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, que se fora manejado com mayor destreza, era indubitavel, que daquella paz se conseguiriaõ mayores utilidades, e se evitariaõ depois taõ prejudiciaes controversias, que foraõ causa de innumeraveis damnos. Com effeito os Hollandezes mandaraõ a Lisboa a Armada, de que era Almirante Arnaldo Cyselis, que da parte dos Estados deu os parabens a ElRey da sua exaltaçaõ ao throno, revestido com o caracter de Embaixador Extraordinario. Na mesma Armada voltou a Lisboa Tristaõ de Mendoça, trazendo dous Regimentos de Cavallaria, e quantidade de Armas, e petrechos de guerra, que foy o melhor effeito da sua missaõ, pela muita falta, que entaõ havia dellas no Reyno.

Ericeira, *Portug. Restaurado*, liv. 3. pag. 157.

Para a Embaixada de Dinamarca, e Suecia destinou ElRey a Francisco de Sousa Coutinho, fiel, e antigo servidor seu, em quem concorriaõ partes, e talento, que o habilitavaõ para os mayores negocios. Partio de Lisboa a 18 de Março em hum navio de Dinamarca, levando por Secretario

da Embaixada a Antonio Moniz de Carvalho, Desembargador da Relaçaõ do Porto, e chegaraõ a 15 de Abril a Coppenhague, aonde foraõ recebidos, e tratados magnificamente pelo Governador daquella Cidade, à despeza delRey por espaço de hum mez, e conhecendo o Embaixador, que toda aquella dilaçaõ se havia gastado em escusas apparentes, que nasciaõ das allianças, que ElRey de Dinamarca tinha com a Casa de Austria, e de dependencias, em que estava com ElRey de Castella, se resolveo o Embaixador em mandar a Antonio Moniz, para que claramente dissesse ao Governador, que elle tinha outros negocios importantes em outras Cortes, e que assim naõ se podia deter mais na de Dinamarca: pelo que, ou pedia audiencia, ou licença para se ausentar. O Governador usando de humas desculpas frivolas, mas attentas, disse, que seu Amo, ainda que desejava muito a amisade delRey de Portugal, o embaraçavaõ algumas difficuldades insuperaveis, pelos negocios daquella Coroa com a de Castella: que se elle quizesse conferir algum negocio, que ElRey lhe nomearia Ministro, com quem o tratasse, ao que ajuntou muitas expressoens cortezes. O Embaixador lhe mandou dizer, que elle naõ pertendia mais, que a audiencia delRey, e que como lha naõ permittia, naõ tinha nada, que communicar aos Ministros de Dinamarca; e que reconhecendo as especiaes honras, com que o tinhaõ tratado, as agradecia como parti-

particular, e naõ como Embaixador, e que assim se lhe permittisse licença para se partir: e que no que tocava às offertas, que se lhe propunhaõ para Portugal, elle deixara o Reyno de sorte, que naõ necessitava de ninguem para se defender de seus inimigos. Entendendo o Governador a justa queixa do Embaixador, se declarou, dizendolhe, que ElRey de Dinamarca naõ podia na presente conjunctura darlhe audiencia, porque serviria de pretexto para o Emperador romper com Dinamarca, e se perderem as dependencias, que aquella Corte tinha com a de Hespanha; e com muitas razoens pertendeo satisfazer ao Embaixador, ao qual disse, que ElRey lhe rogava, que quizesse ver o seu Castello de Fredesbourg, antes que sahisse de Dinamarca. No mesmo dia foy à casa do Embaixador hum Almirante, que o havia levado de Portugal, a entregarlhe da parte delRey dous mil cruzados, que recebera pela passagem. Naõ podendo o Embaixador vencer ao Almirante pela ordem, que trazia, os mandou repartir pelos Officiaes, e Soldados, que o haviaõ comboyado. No outro dia, conduzido do Governador, foy ao Castello de Fredesbourg, onde foy recebido pelos principaes Senhores da Corte, e andando divertido na excellente fabrica do Castello, e no rico adorno, com que se compunha o Palacio de singulares estatuas, e pinturas, neste tempo teve noticia, que ElRey o esperava para lhe fallar. Foy logo o Embaixador

a buſcallo, e foy recebido com as mayores demonſtrações de affabilidade. ElRey lhe pegou na maõ, e lhe repetio o meſmo, que o Governador lhe diſſera, a que o Embaixador ſatisfez com reſpeito, dizendo, que tantas demonſtrações, como elle experimentava da benignidade de Sua Mageſtade, agradecia como favores particulares à ſua peſſoa, viſto negarlhe a audiencia publica. Convidou El-Rey a jantar ao Embaixador, e ficando aquelle na cabeceira da meſa, o poz à ſua maõ direita, e da eſquerda ao Secretario da Embaixada, ſeguia-ſe Joaõ de Rochas de Azevedo, cunhado do Embaixador, que o acompanhou neſta jornada, o Conde de Val de Mar, filho delRey, o Governador de Coppenhague, e o Secretario de Eſtado. Durou largas horas a meſa, aſſiſtida dos Senhores da Corte, e dos Muſicos da Capella delRey, que cantaraõ papeis Italianos; ElRey bebeo à ſaude delRey de Portugal, e perguntou ao Embaixador, que idade tinha ElRey, e quantos filhos: acabando-ſe a meſa, ElRey ſe levantou, e o Embaixador ſe deſpedio com as meſmas ceremonias, uſando ElRey de Dinamarca com o Embaixador atè o fim, das mais exceſſivas expreſſoens, que cabiaõ na benignidade. Como Franciſco de Souſa eſtava encarregado da Embaixada de Suecia, deſte lugar continuou a jornada para aquelle Reyno, onde mandou logo pedir licença à Rainha para entrar na ſua Corte. Foy grande a ſatisfaçaõ, e goſto, que a Rainha

moſtrou

mostrou desta Embaixada, ordenando, que fosse o Embaixador tratado pelos Lugares, donde passasse, magnificamente; e assim em as Provincias de Smolandie, Ostrogothie, e de Sudermanlandie, foy recebido com as mayores honras. Chegou à Cidade de Stochkolm, Corte da Rainha, e logo foy visitado da sua parte, e elle em breve se poz prompto para fazer a sua entrada publica. Foy conduzido em hum coche da Rainha com hum Senador, e Mordomo do Paço, ao qual seguiaõ todos os dos Embaixadores, que residiaõ naquella Corte, e de toda a principal Nobreza: desta sorte, com todas as ceremonias da mayor ostentaçaõ, entrou no Paço. Achou a Rainha Christina, que naõ contava mais que quinze annos, (viva imagem de seu heroico pay o grande Gustavo Adolfo) assistida de cinco Ministros eleitos para a regencia do Reyno; tinha junto da tarima da parte direita as Princezas suas primas, filhas do Conde Palatino de Deux-Ponts, e mais distantes as suas Damas, e os Senhores da Corte. Tanto, que o Embaixador appareceo à porta da ante-camera, se levantou a Rainha, e dando tres passos, lhe fez huma pequena inclinaçaõ. O Embaixador, depois de se haver coberto, deu a Embaixada em Latim, que ella entendeo perfeitamente: o Graõ Chanceller do Reyno respondeo ao Embaixador, assegurandolhe o quanto estimava a Coroa de Suecia contratar huma solida alliança com a de Portugal. Passada a audiencia

Pufendorf *De Rebus à Carolo Gustavo Sueciæ Rege*, lib. 1. pag. 9.

cia publica, começou logo a negociação, para que conduzio muito o Barão de Rotte, Embaixador delRey Christianissimo naquella Corte. O Grão Chanceller foy nomeado Ministro da conferencia, a que assistião dous Senadores, e tiverão ellas poucas controversias, porque estavão unidas as vontades; concluindo finalmente hum Tratado de alliança em cinco artigos na lingua Latina, que continhão observarse entre as duas Nações igual correspondencia, e livre commercio em todos os pórtos de hum, e outro Reyno. Concluido o Tratado, recebeo o Embaixador as Cartas da Rainha de Suecia para ElRey de Portugal, o qual atravessando as Provincias de Uplandie, de Vesminie, de Naricie, e de Vestrogothie, em todas foy tratado pela despeza do Reyno. Concedeolhe a Rainha tres navios de guerra, em que pudesse conduzir artilharia, armas, e munições, para o que logo fez pagar seis mil escudos, segurando o mais em certo tempo nas varias drogas, de que Portugal abunda, e as suas Conquistas. Nesta Esquadra, que mandava o Almirante de Suecia, embarcou o Embaixador, e atravessando pelo Zonte, os Dinamarquezes os deixarão passar sem visitarem os navios. Chegou Francisco de Sousa Coutinho a Lisboa, e dando conta a ElRey da sua Embaixada, foy applaudido por todos o bom successo da sua negociação.

Prova num. 8.
Prova num. 9.

Para Roma foy nomeado o Bispo de Lamego D. Miguel de Portugal, Prelado em quem se ajun-

ajuntavaõ letras, virtudes, sangue, valor, e juizo, ainda que lhe faltava experiencia de negocios grandes: deu-selhe para lhe assistir Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, Ministro em quem concorriaõ grandes letras, e eloquencia, declarando-o Agente dos negocios de Portugal na Corte de Roma, e por Secretario da Embaixada foy Rodrigo Rodrigues de Lemos, Desembargador do Porto, digno da occupaçaõ, de que o encarregavaõ. Partiraõ de Lisboa a 15 de Abril, e tomando o porto de Arochela, atravessando França foraõ a Pariz, e a 20 de Outubro se embarcaraõ em Toulon, e em poucos dias entraraõ em Civita-Vechia, porto, que dista treze legoas de Roma. Fez o Bispo aviso ao Marquez de Fontanay, Embaixador de França naquella Corte, da sua chegada, o qual mandou sem demora parte da sua familia bem armada para lhe assistir, a que se ajuntaraõ os Portuguezes, e Catalães, que residiaõ na Curia, para o defenderem. Esta noticia causou desprazer ao Pontifice, porque o haviaõ de sentir os Hespanhoes, e ordenou ao Cardeal Antonio Barbarino, que fizesse segurar os caminhos; porque lhe havia constado, que os Castelhanos se haviaõ armado: o que vendo os Castelhanos, se contentaraõ com ameaçar ao Papa, que sahiriaõ de Roma, se admittisse o Embaixador de Portugal. Entrou o Bispo Embaixador bem acompanhado de hum grande numero de Francezes,

zes, Portuguezes, e Catalães, e ſe foy apear ao Palacio do Embaixador de França, que o veyo receber à porta, e lhe deu a maõ direita, ſobindo atraz delle, fazendolhe todos os mais obſequios devidos ao ſeu caracter. Demorou-ſe por muitos dias em caſa do Embaixador, e para paſſar para hum Palacio, que tomara na Praça Navona, lhe cuſtou muito; porque o Embaixador de França eſtava encarregado delRey Chriſtianiſſimo para o deter em ſua caſa até que conſeguiſſe a audiencia do Papa, parecendolhe ſeria eſte o mais forçoſo modo para controverter as negociações dos Caſtelhanos, e obrigar ao Papa.

Neſte tempo reſidia em Roma por Embaixador delRey Catholico Dom Joaõ Chumacero, e dentro em poucos dias o rendeo o Marquez de los Velles com o caracter de Embaixador Extraordinario, e começou logo a trabalhar o modo de impedir a audiencia do Biſpo de Lamego, convocando o partido dos Cardeaes, e dependentes de Heſpanha, oppondo-ſe ao recebimento da Embaixada, para o que ſe deu ao meſmo tempo ao Papa hum memorial formado de calumnias, e falſas razoens. Pelo que o Papa nomeou para verem os negocios de Portugal aos Cardeaes Nepotes Franciſco, e Antonio Barbarino, o Cardeal Gaetano, e o Cardeal Panfylio, que com o nome de Innocencio X. ſuccedeo ao Papa Urbano VIII. E ſendo a primeira ſupplica, que Pantaleaõ Rodrigues Pacheco

co fez, nas apparencias bem admittida dos quatro Cardeaes encarregados daquelle negocio, o Cardeal Francisco lhe disse, que desejava ver qual era o direito, com que ElRey de Portugal se introduzira na Coroa. Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, que era prompto, lhe respondeo, que ElRey seu amo naõ mandava huma Embaixada a Roma mais, que a dar obediencia ao Papa, Cabeça da Igreja Catholica, pertendendo só do Pontifice a bençaõ Apostolica; porque da Santa Sé naõ queria mais, que reconhecesse o seu respeito, e a fiel obediencia de hum verdadeiro Catholico; porque o Reyno, de que era Senhor no temporal, era isento de todo o juizo humano. Com tudo, no dia seguinte satisfez Pantaleaõ Rodrigues à curiosidade do Cardeal com hum papel taõ bem fundado, e claro, que se escureceraõ todas as insolentes proposições, que os Castelhanos haviaõ espalhado. E quando deste papel se podia esperar a resoluçaõ de se conceder a audiencia ao Embaixador, sahiraõ com novos pretextos, os quaes foraõ claramente respondidos. Neste tempo conseguio o Bispo Embaixador visitar alguns Cardeaes, que o trataraõ com todas as ceremonias, e cortezias costumadas sómente com os Embaixadores Regios. Os Castelhanos se deraõ por taõ sentidos desta demonstraçaõ, que o Marquez de los Velles entendeo, que o Bispo havia conseguido a audiencia do Papa, de que formou novas, e taõ indecentes queixas, que saõ faceis em quem

negocea com politica pouco Christãa, querendo confundir a verdade com o poder, de que o Summo Pontifice tanto se preoccupou, que declarou, que naõ aceitava a Embaixada do Bispo de Lamego. Esta repulsa foy depois assumpto de diversos Tratados, que se escreveraõ em Portugal, manifestando o justo sentimento da Christandade Portugueza, como foy depois aquella excellente Obra do *Tratado Analytico*, escrito pelo Doutor Manoel Rodrigues Leitaõ, Ministro de huma profunda litteratura, e eloquencia, o qual depois com admiravel vocaçaõ, deixando o ministerio Senatorio, que lhe promettia, pelo seu admiravel merecimento, os mayores lugares de letras no Reyno, com edificaçaõ geral, entrou na Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, recem-estabelecida na Corte, donde depois foy Fundador da Casa da Cidade do Porto. O Marquez de los Velles ficou com tal vaidade da resoluçaõ, que o Papa tomara, que intentou insolente, e aleivosamente prender ao Bispo de Lamego, e remetello a Napoles, e para este horroroso attentado ajuntou em Roma duzentos bandidos, que viviaõ vagamundos espalhados por Italia, sendo taõ imprudente, que publicamente dizia, que havia de matar ao Bispo de Lamego, e para este fim tirou de Napoles sessenta Soldados, e Officiaes, que o acompanhassem; e assim todas as vezes, que sahia, o acompanhavaõ armados. Sentiraõ-se os Ministros da Corte de Roma do desacordo

do do Marquez de los Velles, de que se seguio mandar o Papa, com grande numero de Soldados, segurar as partes suspeitosas, fazendo, que sahissem sem dilaçaõ todos os vagamundos de Roma, com que ficou muy diminuida a familia do Embaixador de Castella. Ao mesmo tempo mandou rogar ao Bispo de Lamego pelo Cardeal Bichi, que se acompanhasse de pouca familia; porque elle lhe dava o seguro da sua palavra, a qual, e as prevenções, que mandava fazer, o podiaõ livrar de todo o receyo. O Cardeal Barbarino assegurou o mesmo a Pantaliaõ Rodrigues Pacheco na presença do Cardeal Bichi.

Confiado o Bispo de Lamego nesta palavra se naõ servia fóra de casa mais, que de dous Gentishomens, e dous Lacayos, mostrando nesta resoluçaõ o quanto se conformava com a insinuaçaõ do Pontifice; porém conhecendo a insolencia dos Hespanhoes, ordenou à sua familia, que disfarçada, o seguisse ao longe, para que o soccorresse em qualquer insulto, que na duvida, esta precauçaõ lhe foy muy util. No dia 20 de Agosto sahio o Bispo às cinco horas da tarde a visitar o Embaixador de França. O Marquez de los Velles, que continuamente o observava, o fez seguir: reparando Diogo de Barcellos, hum dos Gentis-homens, que o acompanhava, que hum homem seguia o coche, conheceo ser espia dos Castelhanos, e avisando ao Bispo, ordenou este logo a hum confidente, que

lhe soubesse, o que passava em casa do Embaixador de Castella, e que achando novidade, lho avisasse em casa do Embaixador de França, onde teve logo a certeza, que os Castelhanos se estavaõ prevenindo de gente, e armas. Na mesma tarde Pantaleaõ Rodrigues Pacheco tendo audiencia do Cardeal Barbarino, soube delle a desordenada resoluçaõ, em que estava o Marquez de los Velles de buscar occasiaõ de se encontrar com o Bispo para o prender, ou matar, e que assim rogasse ao Bispo naõ sahisse aquella tarde de sua casa; a que elle lhe respondeo, que já quando elle sahira ficava fóra della; esta noticia, que o Agente levou logo ao Bispo, confirmou mais a que já tinha do desacordo do Embaixador de Castella: pelo que pareceo prevenirse contra qualquer insulto. O Marquez de Fontenay mandou ajuntar a sua familia à do Bispo, mandando ao seu Secretario, de quem muito confiava, o acompanhasse, a que se uniraõ alguns Francezes, Portuguezes, e Catalães, que se acharaõ, e faziaõ o numero de sessenta pessoas. Sahio o Bispo Embaixador, seriaõ sete horas da tarde, seguido de toda esta gente, conduzida em coches, e outros a pé, mas de sorte repartidos, e caminhando de vagar, que todos se achassem juntos. Pouco havia andado o Bispo, quando encontrou ao Marquez de los Velles muy acompanhado, tomando toda a rua, por onde o Bispo havia de passar; andaraõ os Cocheiros, e vieraõ a toparse os coches dos

dous

dous Embaixadores. Gritaraõ os Castelhanos, que parassem ao Embaixador de Hespanha, e ao mesmo tempo os Portuguezes, e Francezes gritavaõ, que parassem ao Embaixador de Portugal: sem dilaçaõ sahiraõ os Castelhanos dos coches, e da mesma sorte os Portuguezes, e Francezes, com as espadas na maõ, e os carregaraõ furiosamente, disparando-se de huma, e outra parte quantidade de pistolas, e cravinas: os Portuguezes, e Francezes, se portaraõ com tanto valor, que os Castelhanos foraõ obrigados a retiraremse vergonhosamente, desamparando ao Marquez de los Velles, que em todo aquelle tempo naõ havia sahido do coche, de que lhe mataraõ dous cavallos, mas sahio do coche muito perturbado, e falto de alento, perdido o chapeo, e descomposto se recolheo à logea de hum biscouteiro, donde passou à casa do Cardeal Albernoz. Da parte do Bispo ficaraõ mortos hum Cavalleiro de Malta, sobrinho do Embaixador de França, e dous pagens seus, e hum criado de Pantaleaõ Rodrigues, e tres, ou quatro Francezes feridos; da parte dos Castelhanos foraõ mortos oito, em que entrou o Capitaõ Dom Diogo de Vargas, que tinha grande opiniaõ de valeroso, e ficaraõ vinte feridos. O Bispo de Lamego revestido do valor, e constancia dos seus mayores, no principio da pendencia sahio do coche com huma cravina nas mãos, e com todo o acordo, em quanto durou a disputa, deu com a sua presença calor aos que o

acom-

acompanhavaõ, e depois voltou à casa do Embaixador de França, donde se recolheo à sua casa. O coche do Embaixador de Hespanha despedaçado esteve dous dias no mesmo lugar da pendencia. O Cardeal Barbarino mandou hum Gentil-homem seu a visitar ao Embaixador de Portugal, onde concorreraõ o Duque de Brachiano, e muitos dependentes da Coroa de França, como tambem o fizeraõ os da facçaõ de Castella ao Marquez de los Velles. O Cardeal Antonio Barbarino montou a cavallo com as guardas do Papa, e segurou o bairro do Embaixador de Portugal, e de Hespanha. Esta violencia dos Hespanhoes perturbou o animo dos mais graves, e sezudos Senhores Romanos, que chegaraõ a ir a casa do dito Cardeal offereceremse para vingar a afronta, que haviaõ feito à Corte de Roma com a infracçaõ da sua liberdade; e o Papa sentio tambem muito o excesso por ver, que era contra o seu decóro, insultarse na sua Corte a hum Ministro publico, que seguro no direito das gentes o buscava. O Marquez de los Velles se retirou de Roma à Cidade de Aquila com os Cardeaes Albernoz, de la Cueva, e Montalto. O Embaixador de Portugal, que entendeo, que aquella occasiaõ podia justificar ainda mais a justiça, com que pedia ao Papa audiencia publica, e vendo cerrados os caminhos pelas cavilosas diligencias das Castelhanos, sem embargo de ter da sua parte ao Embaixador de França, que com vivas expressoens requeria,

queria, que de justiça o Papa o devia receber, se resolveo por ultimo desengano a fazer huma supplica ao Papa, em que com solidas, e eloquentes razoens lhe mostrava o direito indisputavel, que ElRey tinha à Coroa de Portugal, que gozava em posse pacifica naõ só o Reyno, mas todas as suas dilatadas Conquistas, e a prompta humildade, com que lhe mandara dar obediencia, e que se havia passado já hum anno. Finalmente naõ se resolvendo o Papa a dissaborear a ElRey Catholico, o Bispo de Lamego se embarcou em Leorne para Lisboa, onde, ainda que malograda a sua missaõ, foy recebido com o applauso, que mereciaõ as suas acções, ordenadas com prudencia, e valor; e durandolhe pouco a vida, acabou cheyo de virtudes, e merecimentos, que fizeraõ recommendavel a sua memoria na posteridade.

Naquelle mesmo tempo se ventilou no Conselho de Estado, se devia ElRey fazer a mesma demonstraçaõ com os Principes, e Republicas de Italia, manifestandolhe por seus Embaixadores a sua exaltaçaõ ao throno. Porém a todos pareceo, que por intervençaõ dos Ministros Portuguezes, que estavaõ em Roma, se observasse primeiro a inclinaçaõ daquellas Potencias; porque dellas naõ podia receber outra utilidade o Reyno, que o commercio, o qual era taõ util a ellas, como a Portugal, e que sendo atados aos seus interesses, naõ faltariaõ em os continuarem; e assim o confirmou a experiencia:

encia: porque Veneza, Genova, e Florença, na meſma fórma, que antes, foraõ ſeguindo os ſeus negocios, e remettendo os ſeus effeitos a Lisboa ſem alguma alteraçaõ; antes por bons meyos deraõ a entender ſynceramente, que toda Italia queria ver no throno Portuguez a Mageſtade delRey Dom Joaõ, e que fariaõ publica demonſtraçaõ de amiſade logo, que o Pontifice ſe declaraſſe a favor do Reyno. Eſtas foraõ as primeiras negociações, e os primeiros Miniſtros, que deraõ a conhecer na Europa ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ IV. cujos negociados politicos, e os que ſe ſeguiraõ no ſeu glorioſo reynado, naõ pertencem tanto à Hiſtoria Genealogica, que ſómente informa das acções, que o elevaraõ à herocidade, moſtrando a juſtiça da cauſa, com que foy acclamado pelos Tres Eſtados do Reyno, e as principaes acções, com que o ſeu valor ſegurou a Coroa, caſtigando a infidelidade dos que o mereciaõ, e tambem defendendo a hoſpitalidade dos Principes Palatinos Roberto, e Mauricio, General de Inglaterra, contra o poder da meſma Coroa, que o impugnava.

Nas Provincias ſe continuavaõ as prevenções para a defenſa do Reyno com tanto cuidado, zelo, e valor, como depois moſtrou o tempo. Havia ElRey roto a guerra com poucos Generaes experimentados, e menos Soldados veteranos, e falto o Reyno de dinheiro, munições, e armas, contra hum poderoſo inimigo, a quem ſobrava tudo, o

que

que a elle faltava. Era preciso, com prudente politica, naõ se fiar de todos, nem menos mostrar, que desconfiava de alguns de seus Vassallos, de que se seguio confundiremse as resoluções, e perecerem alguns negocios. Porém he de admirar em hum Rey criado no retiro de Villa-Viçosa, com differentes exercicios, ver os acertos politicos, que manaraõ do seu governo, todos dignos de louvor, com que conseguio immortal memoria. Com a Rainha D. Luiza consultava os negocios de mayor importancia da Monarchia, porque o seu peito era o centro do segredo, e o seu prodigioso talento taõ sublime, que entre os mayores combates, e infortunios, que depois experimentou, lhe brilhou sempre a prudencia, mostrando, que soube reynar para vencer, e vencer para reynar. Dos Ministros, de que ElRey se servia, e fazia mayor estimaçaõ, eraõ o Secretario de Estado Francisco de Lucena, e justamente merecida, porque além da intelligencia, e grandes experiencias, se ornava de huma perspicacia, que foy mais util para os negocios, do que para a sua conservaçaõ; e Antonio Paes Viegas, zelosissimo, e fidelissimo Secretario da Casa de Bragança, (depois o foy de Estado) de quem ElRey justamente fiava os mayores negocios, o qual com entendimento maduro, zelo, e amor, aconselhava a ElRey, inculcandolhe para os póstos, e lugares as pessoas de mayor prestimo, e capacidade: o qual escreveo em defensa da acclama-

çaõ hum *Manifesto*, e hum livro dos *Principios de Portugal* em Castelhano, que se imprimio no anno de 1641, e foy universalmente estimado, e applaudido. Eraõ estes os que familiarmente tratavaõ a ElRey. Entre os mais Ministros preferia ElRey justamente ao Arcebispo de Lisboa, e ao Capellaõ mór D. Alvaro da Costa, no qual naõ faltava destreza para manejar os negocios, quanto no outro sobejava synceridade. Favorecia tambem ElRey ao Visconde D. Lourenço de Lima, ao Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, e ao Conde Camereiro mór Joaõ Rodrigues de Sá, e depois com o tempo se foraõ introduzindo outros.

A Duqueza de Mantua, que vivia no Mosteiro de Santos, para donde a passaraõ do Paço de Xabregas, porque se entendeo ficava mais retirada para communicar os animos duvidosos, e fomentar os que seguiaõ a facçaõ de Castella, o que em breve se veyo a conhecer; pois sem embargo de toda a cautella, ella havia sido a Authora das conspiraçóes contra ElRey, que logo referiremos. Assim se resolveo o mandarse dizer à Duqueza, se preparasse para passar a Madrid, a que ella respondeo, que o faria depois, que tivesse reposta da Carta, que havia escrito a ElRey Catholico, e naõ se lhe admittindo a replica, se lhe ordenou, se preparasse para partir, o que com effeito fez acompanhada de Luiz Gomes de Basto, Corregedor do Crime de Lisboa, e do Juiz do Crime Simaõ de Oliveira

da

da Costa, e da sua familia. Em Elvas a recebeo Martim Affonso de Mello, Governador das Armas, vindo-a esperar duas legoas da Cidade com a Cavallaria, Officiaes, e pessoas de distinçaõ da Praça, observando todas as ceremonias, e respeitos devidos à sua pessoa; e na mesma fórma a acompanhou, quando partio para Badajoz; e assim se dispedio mais obrigada da cortezia dos Soldados, do que dos Ministros, que com imprudencia examinaraõ o seu fato, intentando, que na Alfandega pagasse direito, a que se oppoz Martim Affonso de Mello, obrigando-se elle, e Dom Joaõ da Costa à sua importancia; porém ElRey ordenou se naõ fallasse nesta materia.

Naõ tardou muito, que se naõ descobrisse a conjuraçaõ, que contra ElRey se fabricava. Era o primeiro motor deste desordenado intento o Arcebispo Primaz D. Sebastiaõ de Mattos de Noronha, em quem concorria entendimento sagaz, animo intrepido, e liberalidade, com que facilitava as suas opinioens, e vivia em profundo descontentamento: o que penetrando o povo, porque as paixoens da alma saõ de ordinario reveladas pelos sinaes exteriores, publicamente clamava contra a sua fidelidade. Já deixámos referido, que esta paixaõ começara naquella antiga queixa, que o Arcebispo, quando Bispo de Elvas, tivera delRey sendo Duque de Bragança, no tempo das suas vodas, a qual conservada em hum coraçaõ altivo, e incitada de

novos motivos, andava como o ar violento nas entranhas da terra, acometendo a ſahida, ainda que à cuſta de algum publico terremoto; naõ ſe lembrando, que depois daquelle ſucceſſo, havia ſido a interceſſaõ delRey a cauſa do ſeu melhoramento do Biſpado de Elvas para o Arcebiſpado de Braga; e que depois de haver ſobido ao throno, lhe havia feito tantos favores, que a naõ ſer taõ obſtinado o ſeu animo, baſtariaõ para o moderar da cega paixaõ, com que ſeguia a dominaçaõ Caſtelhana. Aſſim introduzio nas peſſoas, que lhe pareceraõ diſpoſtas a ſeguir as ſuas maximas, ou por queixoſas do governo, ou por dependentes de Caſtella, a pouca permanencia, que podia ter o novo reynado, por ſerem poucas as forças para reſiſtir ao formidavel poder delRey Catholico, que ameaçava fatal ruina a todos os que ſeguiaõ animoſamente o novo governo.

O Marquez de Villa-Real D. Luiz de Menezes poſſuidor daquella grande Caſa, que com o appellido de Noronha, e Menezes, conſervava a ſua varonia delRey D. Henrique II. de Caſtella, e tinha o ſangue delRey D. Fernando de Portugal, o qual ſe naõ dava interiormente por ſatisfeito da confiança, que delle fazia ElRey D. Joaõ; porque vendo-ſe com annos aventajados entre os primeiros dos Grandes do Reyno, em nada ſe via preferido aos outros no Miniſterio. Eſtava em Leiria quando ElRey foy acclamado, e naõ ſe lhe havia participado

cipado o segredo, porque o seu talento naõ lhe havia grangeado o credito, que elle imaginava merecia pelo seu alto nascimento. Era o Marquez facil em se persuadir, e assim se entregou todo à artificiosa industria do Arcebispo, com o qual este fabricou a sua ruina, e a da Casa do Marquez. Communicou este a seu filho D. Miguel de Noronha, Duque de Caminha, a sua queixa, e deliberaçaõ, o qual era dotado de animo nobre, e assaz moderado, e com mais valor, que fortuna, estranhou a seu pay a proposta, lembrandolhe o juramento, a que se obrigaraõ, e o quanto lhe seria mais glorioso sacrificarem as vidas pela liberdade da Patria, do que conservar a sua Casa gemendo no duro cativeiro de Castella. Persuadio o Arcebispo o mesmo delirio a seu sobrinho Ruy de Mattos, primeiro Conde de Armamar, e a D. Agostinho Manoel seu confidente, e a algumas outras pessoas, entre as quaes era a mais util aos seus intentos Pedro de Baeça, Thesoureiro da Alfandega, e homem de negocio, o qual, em serviço del-Rey Catholico, se offereceo assistir com grandes sommas de dinheiro, necessario a qualquer empreza.

He preciso saber, que já se fazia sospeitosa a fidelidade destes Grandes, porque Dom Duarte de Menezes, Conde de Tarouca, neto daquelle famoso Conde de Vianna, do seu proprio nome, era cunhado do Marquez de Villa-Real além de parente,

rente, e amigo, o qual eſtava provido no governo de Tangere, e D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Meſtre-Salla, no de Ceuta, antes da acclamaçaõ; e porque ElRey naõ derogou merce alguma feita até eſte tempo por Caſtella, os mandou governar eſtas Praças. Havendo recebido os dous Capitaens Generaes de Ceuta, e Tangere, as ordens neceſſarias, concertaraõ a fogida para Caſtella, que podiaõ livremente conſeguir com o fim da jornada dos ſeus governos o ſahirem do Reyno; porém como eſta deliberaçaõ foſſe taõ grande, e convidaſſem a outros, he fama, que de todo eſte negoceado interveyo correſpondencia com outros intereſſados do Marquez de Villa-Real, e Arcebiſpo, ſervindo-ſe para a negoceaçaõ deſta machina da induſtria, e authoridade de Fr. Manoel de Macedo, Religioſo Dominico, de grande diſcriçaõ, e com grande applauſo da Nobreza; o qual naõ ſatisfeito com executar a ſua commiſſaõ, paſſou adiante, perſuadindo a outras peſſoas de qualidade, e Senhores de boas Caſas, os quaes por moços eraõ exceſſivamente reſignados ao ſeu conſelho, deixaſſem a Patria, e paſſaſſem a Caſtella.

D. Franciſco Manoel, *Tacito Portug.* M. S. liv. 5.

Foraõ eſtes D. Pedro Maſcarenhas, Veador delRey, filho herdeiro do Marquez de Montalvaõ, e ſeu irmaõ D. Jeronymo Maſcarenhas, já Sacerdote, e Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, Miniſtro já acreditado por talento, e letras, como depois moſtraraõ melhor os ſeus Eſcritos, do

que

que entaõ a eleiçaõ da sua ausencia, em que viveo taõ conforme, que ainda depois da paz se mostrou ingrato à Patria, conseguindo naquella Corte grandes lugares. Eraõ os outros D. Lopo da Cunha, Senhor de Assentar, e seu filho unico herdeiro D. Pedro da Cunha, ao qual por qualidade, e partes naõ podiaõ tardar muito em Portugal os lugares, que esperava; e Luiz da Sylva, proprietario do grande officio de Regedor das Justiças de Portugal, filho de Lourenço da Sylva, que por cego naõ exercitava a occupaçaõ de Regedor, para que o filho esperava a idade. Todos estes, com applausos dos conjurados, puzeraõ em effeito, naõ sem risco, a sua fogida quasi à vista do povo, que os seguia no navio, que levava os Governadores de Tangere, e Ceuta, que com largas familias, mal aconselhados, deixavaõ a Patria para sempre. Entraraõ em Gibaltar, e juntos partiraõ de Sevilha para Madrid, donde foraõ recebidos com todas aquellas demonstrações, que pedia a resoluçaõ, que tomaraõ em beneficio da Coroa de Castella, e em offensa da Patria: porém o tempo lhes mostrou, que se naõ rendia Portugal a poucos lances, como elles diziaõ, e que difficultosa lhe seria a restituiçaõ das suas Casas, de que nunca tiveraõ recompensa.

Foraõ terriveis os effeitos, que produzio aquelle desconcerto, porque entendendo-se, que D. Francisca de Vilhena, Marqueza de Montalvaõ, mãy de D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas, tivera noticia

noticia da fogida de ſeus filhos, mandoulhe ElRey pôr guardas em ſua caſa, e foraõ ſeus criados prezos, e ſendo examinados, naõ lhe achando culpa, foraõ ſoltos: porém a Marqueza, que aos indicios accreſcentava palavras contra o decóro Real, foy remettida preza ao Caſtello de Arrayolos: ſendo toda eſta deſordem, a que arruinou com fatal deſgraça ao Marquez de Montalvaõ, que tanta fidelidade havia moſtrado no Braſil, o qual foy depoſto do governo, que com innocencia entregou aos ſucceſſores, que prezo o remetteraõ ao Reyno, por ſe dizer, que os ſeus o perſuadiaõ entregaſſe o Eſtado do Braſil às Armas Caſtelhanas, que ſedo chegariaõ em ſeu ſoccorro. Da meſma ſorte foy prezo Fr. Manoel de Macedo, e depois de rigoroſa prizaõ, porque nenhum privilegio iſenta o abominavel crime da traiçaõ, paſſados alguns annos o embarcaraõ para a India, e acabou a vida em Angola, arrependido do ſeu deſatino. Tambem foraõ prezos Lourenço da Sylva, e ſua mulher D. Maria de Vilhena, e ſoltos, paſſado algum tempo, por conſtar ignorarem a reſoluçaõ de ſeu filho Luiz da Sylva, ao qual ElRey D. Filippe fez Conde de Vagos, e Meſtre de Campo de Infantaria em Catalunha, e no ſoccorro de Lerida foy morto no anno de 1646. Seguiraõ logo eſte meſmo deſacordo D. Franciſco de Menezes, Alcaide mòr de Proença, onde aſſiſtia, a quem chamaraõ o *Barrabás*, e Pedro Gomes de Abreu, Senhor de

Rega-

Regalados. Requereo o Procurador da Coroa, que fossem citados por Edictos todos os que haviaõ passado a Castella, o que se executou: e sendo passado os termos, e feitas as diligencias escritas nas Leys, foraõ declarados por incursos no crime de leza Magestade, e confiscados os seus bens.

Muitas occasioens haviaõ dado ao sentimento delRey aquelles, que agora se mostravaõ descontentes, tomando este pretexto para lhe fazerem novos deserviços; e parecendolhes, que já seriaõ manifestos os seus designios na Coroa de Castella, trataraõ de os pôr por obra. Alguns politicos, ou cegamente piedosos, se persuadiraõ a naõ serem estes os principios desta conjuraçaõ; porém facil he de interpretar, e de conhecer qualquer acçaõ regulada pelos primeiros successos, e ainda mais quando estes se lhe seguem como infallivel consequencia: pelo que parece injuria, e naõ piedade, querer enfeitar os procedimentos dos criminosos com suppor, naõ tanto a malicia, como o temor, nos cumplices da conjuraçaõ; porque diziaõ serem muitos dos interessados de animo taõ socegado, que se considerassem seguro o novo reynado, se conformariaõ com a fortuna presente; porém tendo por certo a perda, e naõ menos o favor do Rey antigo, no caso de se opporem ao novo Rey, queriaõ antes porse nos perigos da contingencia com a firme esperança do premio seguro.

Havia Pedro de Baeça communicado, o que

tinha paſſado com o Arcebiſpo a Luiz Pereira de Barros, Contador da Fazenda, o qual havia ſido favorecido de Miguel de Vaſconcellos, e já arguido de ter correſpondencia em Caſtella, pelo que fora prezo, e em breves dias ſolto, por juſtificar a ſua innocencia. Porém Luiz Pereira, que moſtrou a Pedro de Baeça ſe havia perſuadido, paſſados poucos dias deu conta a ElRey da conjuraçaõ, e antes de o fazer buſcou a Pedro de Baeça, e lhe diſſe, que elle reflectindo no que elle lhe referira, e conſiderando a importancia da empreza, ſe naõ reſolvia a entrar nella ſem primeiro ſaber os nomes dos conjurados, e o modo com que ſe diſpunha a facçaõ. Elle lhe reſpondeo, que eraõ o Marquez de Villa-Real, ſeu filho o Duque de Caminha, o Inquiſidor Geral, o Arcebiſpo de Braga, ſeu ſobrinho o Conde de Armamar, D. Agoſtinho Manoel de Vaſconcellos, e outras muitas peſſoas, e que a ordem para a execuçaõ ſe eſperava de Madrid: todas eſtas noticias declarou Luiz Pereira a ElRey, dandolhe individual conta de tudo o que paſſara com Pedro de Baeça. ElRey lhe ordenou, que foſſe a caſa de Antonio Paes Viegas, e que por eſcrito lhe referiſſe tudo quanto lhe havia repetido: aſſim o fez Luiz Pereira, a quem ElRey remunerou a ſua fidelidade com huma grande Commenda. Eſta foy a primeira noticia, que ElRey teve da conjuraçaõ, depois ſe ſeguiraõ outras teſtemunhas, que ſe examinaraõ, e ſe averiguaraõ juridicamente, como

como foy Manoel da Sylva Mascarenhas, a quem o communicou Manoel de Vasconcellos, o que elle resoluto estranhou, e obrigou a que logo o participasse a ElRey, o que com effeito fez.

Era chegado à Corte o Conde de Vimioso, já desobrigado do governo das Armas de Alentejo, em que lhe succedeo Mathias de Albuquerque, o qual visitando ao Arcebispo, se deliberou este a tentarlhe o seu fidelissimo coraçaõ, tal vez por imaginar ao Conde queixoso de se lhe haver tirado o governo de Alentejo, se persuadio, se arrojaria a ser parcial do seu designio. Entrou-se à pratica como Ministros, porque ambos eraõ do Conselho de Estado, e houve lugar de fallarem na fórma da defensa, e a pouca esperança, que havia em Portugal para resistir a Castella, e assim o pertendeo induzir a desesperar da conservaçaõ. Nesta fórma declamando o miseravel estado, em que se viaõ, lhe declarou o Arcebispo toda a machina, que havia ordido, ponderando os nomes dos conjurados, e accrescentando outros, que o naõ eraõ, cavilaçaõ taõ prejudicial, que deu motivo a se prenderem muitas pessoas sem culpa. O Conde, em quem o brio competia com o valor, revestido de prudencia rebateo a colera, que lhe causou taõ escandalosa pratica, e se despedio, e artificiosamente usou de palavras geraes para se separar do Arcebispo, a quem o respeito da Dignidade, e dos annos naõ davaõ lugar a outra cousa; e deu logo

conta a ElRey, cujo coraçaõ ornado de grande valor, e prudencia, ſentia, que houveſſe Vaſſallos no ſeu Reyno taõ cegamente precipitados, que ſe reſolviaõ a trocar a gloria de ſe defenderem dos Caſtelhanos pela tyrannia do ſeu governo. E ſendo denunciados Pedro de Baeça, Belchior Correa da Franca, e Diogo Brito Nabo, e depois de juridicamente ſer provado o ſeu crime, ſe mandaraõ prender os tres denunciados, que depois pelas ſuas confiſſoens concordou tudo com o que Luiz Pereira de Barros havia depoſto, e tomou ElRey neſta materia a ultima reſoluçaõ.

No dia 28 de Julho determinou de ver fazer exercicio aos quatro Terços das Ordenanças, para o que mandou ſe formaſſem nas principaes praças da Cidade. Fezſe aviſo à Corte, que naquella tarde, que era Domingo, foſſe ao Paço para acompanhar a ElRey, e juntamente aos Conſelheiros de Eſtado, para que às tres horas da tarde ſe achaſſem no Conſelho. O Marquez de Villa-Real, a quem a propria conſciencia accuſava, ſe penetrou com as prizoens referidas, e ainda mais da admoeſtaçaõ de ſeu filho; e tal vez arrependido, ſahindo ElRey aquella meſma manhãa da Tribuna de ouvir Miſſa, lhe diſſe, que o zelo, que tinha do ſeu ſerviço, naõ ſofria dilatarlhe materias muy importantes, que lhe queria praticar. ElRey reveſtido de Mageſtade, com admiravel prudencia, ſem a menor ſombra de perturbaçaõ, lhe reſpondeo, que

às

às tres horas viesse ao Conselho de Estado. Assim o fez o Marquez, e sobindo a escada do Paço achou ao Porteiro môr, que o encaminhou ao aposento, onde estava Thomé de Sousa, o qual tanto, que o Marquez entrou, lhe disse, que ElRey ordenara, que o prendesse. Perturbado, sem replica, entregou a espada. Dom Rodrigo de Menezes, irmaõ do Conde de Cantanhede, e naquelle tempo Desembargador do Paço, prendeo na mesma fórma ao Arcebispo de Braga; D. Pedro de Menezes, depois Bispo eleito do Porto, prendeo ao Bispo Inquisidor Geral, tambem pela mesma maneira; a prizaõ do Duque de Caminha se encarregou a Pedro de Mendoça, e a Antonio de Saldanha, que o esperavaõ antes, que chegasse às escadas do Paço; e sem lhe darem lugar, a que se apeasse, se meteraõ no mesmo coche, em que vinha, e o levaraõ à Torre de Belem, que governava Antonio de Saldanha.

No mesmo dia, e hora foraõ prezos em suas casas, e logo levados a differentes Torres, Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, e Lourenço Pires de Carvalho na Torre de Belém; na de S. Filippe de Setuval D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira; na de Outaõ Gonçalo Pires de Carvalho, Provedor das Obras do Paço; na Fortaleza de Cascaes Antonio de Mendoça, Commissario Geral da Bulla da Cruzada; no Castello de Lisboa Ruy de Mattos de Noronha, Conde de Arma-

Armamar; no Mosteiro de Belem, e depois passado para a Torre, Fr. Luiz de Mello, Religioso dos Eremitas de Santo Agostinho, Bispo eleito de Malaca, parente do Arcebispo de Braga; nas cadeas do Limoeiro prenderaõ a Paulo de Carvalho, Vereador da Camera, e seu irmaõ Sebastiaõ de Carvalho, ambos Desembargadores da Casa da Supplicaçaõ; Luiz de Abreu de Freitas, Escrivaõ da Camera delRey, Jorge Fernandes de Elvas, que havia poucos dias antes passado de Castella a este Reyno; Diogo Rodrigues Lisboa, Jorge Gomes de Alemo seu filho, e Simaõ de Sousa Serraõ, todos tres homens de negocio de grandes cabedaes; Christovaõ Cogominho, Guarda môr da Torre do Tombo, Manoel Valente, Escrivaõ da Camera de Setuval, e Antonio Correa, Escrivaõ mayor da Secretaria de Estado. No dia seguinte prenderaõ no Limoeiro a D. Agostinho Manoel, e do caminho de Coimbra para Braga trouxeraõ prezo à Torre de Belem ao Bispo de Martyria Dom Francisco de Faria, que fora Provisor do Arcebispo em Elvas, e era seu Coadjutor em Braga. Nesta tormenta padeceo tambem Mathias de Albuquerque por muy leves indicios, e por mal entendidas, e peyor executadas as ordens delRey, o levou Manoel Lobo da Sylva a Setuval para o Castello de Outaõ, aonde as vozes do povo desordenadamente o perseguiaõ, o que sabendo ElRey, o mandou mudar para Belem. Nos mesmos dias prenderaõ pelos mesmos

mos indicios, na Torre de S. Giaõ, ao Padre Joaõ da Refurreiçaõ, Geral da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista, a que chamaõ vulgarmente dos Loyos.

Tanto, que ElRey teve aviso, de que se haviaõ feito as prizoens, sahio magestoso com semblante triste a huma casa, onde a Corte toda o esperava, à qual manifestou o sentimento, com que procedera contra os conjurados, mostrando com solidas razoens a justiça, com que passara àquella demonstraçaõ; affirmando com expressoens synceras, que tratar da segurança do Reyno era mais, que amor da vida, amor de seus Vassallos, que o haviaõ buscado para defensa, e liberdade da Patria. E sendo de todos approvada a sua resoluçaõ, mostraraõ a satisfaçaõ, que recebiaõ do que naquelle dia determinara. Recolheo-se ElRey, e espalhando-se pelo povo a noticia das prizoens, se alterou contra os Fidalgos, que com difficuldade se recolheraõ a suas casas, os que sahiraõ do Paço.

ElRey, que obrava com prudencia, querendo manifestar a equidade da sua justiça, mandou fixar Editaes nas portas da Cidade, que referiaõ o grande sentimento, que lhe custara o haver de mandar proceder contra os que estavaõ prezos; mas que a saude publica se antepunha à sua vontade, que era de fazer merce a todos: ordenando, que com socego se aguardasse a resoluçaõ, que havia tomado, segurando era ajustada com as obrigações

gações da justiça; e se por ventura contra esta ordem se levantasse algum rumor, ou succedesse alguma inquietaçaõ no povo, se daria por taõ mal servido, que mandaria severamente punir os culpados, que alterassem o repouso do Reyno. Socegou-se o povo com este Edital da desordenada furia, com que insultava aos Fidalgos, que passavaõ pelas ruas. Os Prégadores dos Pulpitos concorreraõ tambem muito ao seu socego, exhortando-os à uniaõ, mostrando os perniciosos effeitos do contrario. E ainda luzio mais a benignidade delRey, mandando fixar nos lugares publicos segundo Edital, declarando, que perdoava o delicto de qualquer pessoa, que diante dos Juizes nomeados manifestasse a noticia, que houvesse tido da conjuraçaõ. Servio a muitos comprehendidos este indulto, os quaes fizeraõ mayor a prova, dos que depois se castigaraõ.

Foraõ processados brevemente, observadas todas as regras do Direito, os culpados, os quaes attonitos com o subito golpe, que os ameaçava, escreveraõ diversas Cartas a ElRey, entendendo, que sem manifestaçaõ da verdade se naõ tomaria a ultima resoluçaõ em causa taõ grande; toda a sua industria puzeraõ em desculpar a tençaõ, confessando a obra, com que assim foraõ os primeiros, que assinaraõ na sentença da sua morte. Mandaraõ os Juizes dizer aos reos allegassem a sua justiça no prazo de tres dias. O Marquez de Villa-

Real,

Real, o Duque de Caminha, e o Conde de Armamar, declinaraõ para a Mesa da Consciencia, por serem Cavalleiros professos da Ordem de Christo; porém em 23 de Agosto os relaxaraõ à Justiça secular por lhe ser provado o crime de lesa Magestade da primeira cabeça. Eraõ os Ministros da Mesa D. Leaõ de Noronha, Francisco Lopes de Barros, Estevaõ Fuzeiro, e Simaõ Torresaõ Coelho. O Procurador da Coroa Thomé Pinheiro da Veiga offereceo contra todos os reos hum Libello, para dentro em tres dias responderem conforme a Ley do Reyno. Finalmente se ajuntaraõ na Relaçaõ os Ministros nomeados para sentenciarem aos convencidos no dia 26 de Agosto, os quaes foraõ os Doutores Francisco Lopes de Barros, Juiz Relator, Francisco de Mesquita, Pedro de Castro, Gregorio Mascarenhas Homem, André Velho da Fonseca, Corregedor do Crime da Corte, Francisco de Almeida Cabral, Valentim da Costa de Lemos, Fernaõ de Mattos de Carvalhosa, Marçal Casado Jacome, Duarte Alvares de Abreu, Fernaõ Cabral, Chanceller môr, e Joaõ Pinheiro, Desembargador do Paço. ElRey querendo mostrar, que a sua benignidade justificava em tudo o seu Real animo em huma causa taõ importante, mandou hum Decreto, em que nomeava seis Fidalgos adjuntos nas sentenças do Marquez de Villa-Real, Duque de Caminha, e Conde de Armamar: foraõ estes Pedro de Mendoça Furtado, Fernaõ Telles

de Menezes, D. Pedro de Alcaçova, D. Miguel de Almeida, Henrique Correa da Sylva, e Antonio Telles de Menezes; e dando-se os tres ultimos por suspeitos, se nomearaõ no seu lugar Pedro da Cunha, Tristaõ da Cunha, e Pedro da Cunha, Veador da Rainha. Juntos todos os Juizes nomeados, sentencearaõ à morte ao Marquez de Villa-Real, ao Duque de Caminha, e ao Conde de Armamar. Na tarde do mesmo dia, os Desembargadores nomeados, sem os adjuntos, condemnaraõ a que fosse degollado D. Agostinho Manoel, e que fossem arrastados, e enforcados, em forca mais alta do costumado, Pedro de Baeça, Belchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente. Christovaõ Cogominho foy remettido ao Juizo Ecclesiastico, e depois à Mesa da Consciencia; porém havendolhe mostrado naõ lhe valerem os privilegios, elle, e Antonio Correa foraõ os ultimos, que enforcaraõ a 9 de Setembro defronte do Limoeiro.

No dia 29 de Agosto de 1641 na Praça do Rocio appareceo hum theatro, onde se puzeraõ quatro cadeiras, a do Duque sobre tres degraos, a do Marquez com dous, a do Conde com hum só, e no pavimento a de D. Agostinho Manoel, buscando a vaidade humana distinções ainda na fatalidade de huma morte criminosa. Depois da huma hora se deu principio à execuçaõ, e foraõ degollados, e ao mesmo tempo padeceraõ em differentes

forcas

forcas os acima referidos, sendo castigados com mais espanto, que lastima dos circunstantes; porque o povo, approvando o castigo, gritou: *Viva ElRey D. Joaõ.* Ficaraõ no theatro os corpos dos quatro degollados até à meya noite, que a Tumba da Misericordia os levou à Igreja de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços. Contava o Marquez cincoenta e dous annos, o Duque seu filho vinte e sete, o Conde de Armamar vinte e quatro, D. Agostinho Manoel cincoenta e oito. Este tragico successo deu fim à Casa do Marquez de Villa-Real, huma das mayores de Portugal, pela origem, grandeza, e authoridade, com que se havia conservado por mais de dous seculos, naõ ficando successaõ ao Duque de Caminha, a quem pareceo, como alguns dos Juizes entenderaõ, que podia livrar do ultimo supplicio pela culpa, que só tinha de naõ accusar a seu pay. Sua irmãa Dona Maria Brites de Menezes, casada com D. Pedro Portocarrero, VII. Conde de Medelhim, que naõ era Grande, ainda que dos mayores de Hespanha, tomou os titulos de Duqueza de Caminha, e Marqueza de Villa-Real, e seu marido, em razaõ delles, se cobrio Grande da primeira classe, e depois da paz pertenderaõ a successaõ da Casa de Villa-Real para seu filho D. Pedro Lugardo de Menezes, que foy VIII. Conde de Medelhim, Reposteiro môr delRey, e Gentil-homem de sua Camera. No dia das execuções sahio ElRey de luto à

 casa,

caſa, em que aſſiſtia toda a Nobreza, e com eloquencia, e gravidade, manifeſtou em breves palavras o ſeu grande ſentimento, e qual era a ſua juſtiça.

ElRey, que com moderaçaõ moſtrou caſtigar o delicto, e naõ a queixa, lhe pareceo, ſe devia logo deferir aos mais criminoſos, examinando-ſe as culpas dos que ſe achavaõ prezos, e naõ ſe achando fundamento, foraõ todos ſoltos, ainda que em diverſos tempos. Sahiraõ da prizaõ os Condes da Caſtanheira, e Val de Reys, e Gonçalo Pires de Carvalho; e ſeu filho Lourenço Pires tivera o meſmo ſucceſſo ſenaõ morrera na prizaõ; Antonio de Mendoça foy mandado paſſar da Torre de S. Giaõ para o Moſteiro da Trindade de Santarem, ſendo reſtituido aos ſeus cargos; Mathias de Albuquerque foy ſolto, e admittido logo à preſença delRey, a quem queixoſo diſſe: *Tem V. Mageſtade aos ſeus pés o mais leal Vaſſallo, que póde deſejar*; a que El-Rey benigno reſpondeo, que eſtava inteirado da ſua innocencia, e com vontade de lhe fazer muita merce, o que brevemente ſe veyo a verificar. O Arcebiſpo, e o Inquiſidor Geral eſtiveraõ prezos nas caſas interiores do Forte do Paço, de donde os paſſaraõ para a Torre de Belem, e na de S. Giaõ veyo a falecer o Arcebiſpo, arrependido de haver taõ cegamente ſeguido a ſem razaõ daquella idéa. O Inquiſidor Geral foy ſolto a 5 de Fevereiro de 1643, e reſtituido logo aos ſeus lugares; o Biſpo de Martyria,

tyria, depois de estar muitos annos na Torre de Belem, o passaraõ para o Mosteiro de S. Vicente de Conegos Regrantes, onde acabou a vida. Finalmente ElRey segurou a vida, e o Reyno, conseguindo applausos de prudente, e justo, igualmente dos naturaes, que dos Estrangeiros. Os Castelhanos discursando no modo do castigo, desconfiaraõ da Conquista de Portugal, dizendo, que ElRey D. Joaõ se naõ empenhara com tanta resoluçaõ a castigar pessoas taõ grandes, se duvidara da obediencia, e fidelidade dos seus Vassallos.

No dia 7 de Agosto entrou no Porto de Lisboa a Armada de França, que se compunha de vinte naos, de que era General o Marquez de Brezê, sobrinho do Cardeal de Rechilieu, e herdeiro da sua Casa, o qual vinha revestido do caracter de Embaixador delRey Christianissimo, para dar os parabens da sua exaltaçaõ ao throno a ElRey D. Joaõ. Teve logo audiencia, à qual entrou conduzido pelo Conde de Vimioso, que em hum bergantim bem adereçado o havia ido buscar. Recebeo ElRey ao Marquez com magnifico apparato, e com todas aquellas demonstrações de agrado, que podia dispensar a Magestade. Depois teve audiencia da Rainha, e do Principe D. Theodosio: recolheo-se o Marquez outra vez a bordo da Armada, recusando o aposento, que se lhe havia magnificamente preparado no Paço da Corte Real. ElRey lhe mandou hum grande refresco. Encorporou-se

rou-se a Armada de França com a Portugueza, que mandava Antonio Telles de Menezes, que chegando de governar a India, na mesma noite sobio a beijar a maõ a ElRey, que o fez General da sua Armada, de que era Almirante Fernaõ da Sylveira irmaõ do Conde de Sarzedas. Constava a Armada de treze navios, cinco muy possantes, e os mais ainda que pequenos, bem aprestados, e capazes de peleija. Era o intento, com que sahiraõ as duas Armadas, e a de Hollanda, que se esperava brevemente, interpender a Cidade de Cadiz na Costa de Andaluzia; porque o Cardeal de Richilieu era de parecer, que a guerra a sentissem primeiro os inimigos delRey, que os seus Vassallos: porém aquella Praça bem preparada, e defendida, fez desvanecer a empreza.

Pouco depois a 10 de Setembro chegou a outra Armada auxiliar de Hollanda, igual à Franceza em numero de navios, e naõ na Nobreza, e galhardia dos aventureiros Francezes, de grande qualidade, e Soldados de estimaçaõ, que ficaraõ servindo neste Reyno. Della era General Adriano Gylsels, Soldado de grande valor, e experiencia, que na India havia cedido a Antonio Telles de Menezes, de quem foy vencido em huma batalha naval, e trazia titulo de Embaixador dos Estados. Deulhe ElRey audiencia, e foy conduzido pelo Baraõ de Alvito, e se recolheo à Armada, o qual sabendo da anticipaçaõ da jornada da nossa Armada, e Franceza,

za, procurou ir ser seu companheiro nella, e navegando ao Cabo de S. Vicente, chegou à vista de Cadiz, e naõ encontrando já as duas Armadas, voltou ao mesmo Cabo, donde fez aviso a ElRey, de que determinava esperar os galeoens da prata, que por Novembro costumavaõ buscar aquelle mar, pedindo a Sua Magestade quizesse mandar engrossar a sua Armada com alguns navios da nossa. Quando chegou este aviso já a Armada Portugueza havia ancorado no rio de Lisboa; porém ElRey querendo contemporisar com os Hollandezes, lhe mandou quatro navios, e por Cabo a Ruy de Brito Falcaõ, o qual sahindo a 11 de Outubro, no mesmo dia tomou hum navio mercante Inglez, que os Mouros haviaõ tomado, carregado de ferro, e levavaõ para Salé: no outro dia encontrou o navio dos Mouros, que rendera ao Inglez, e lhe deu caça, obrigando-o a dar à costa; e seguindo a sua derrota chegou ao Cabo de S. Vicente, e naõ achando a Armada Hollandeza, informado do caminho, que tinha feito, tomou a mesma derrota; e gastando vinte e nove dias, a naõ pode encontrar, e recolhendo-se a Lisboa, já a achou refazendo-se do damno, que havia recebido do encontro, que tivera com a Armada Castelhana. Deteve-se a Armada de Hollanda no Porto de Lisboa até Janeiro do anno seguinte de 1642, tempo, em que voltou para Hollanda. ElRey mandou dar ao General huma cadea de ouro com hum anel de diamantes,

mantes, e ao Almirante outra, e outro anel de igual valor, e do mesmo feitio, e a cada hum dos Capitães da Armada huma cadea com o seu retrato em huma medalha de ouro.

Achavaõ-se em Carthagena de Indias algumas reliquias da poderosa Armada, com que o Conde da Torre passou à America em demanda da Conquista de Pernambuco, e na violenta divisaõ daquella Armada, os melhor livrados foraõ aquelles navios, que tomaraõ o porto de Carthagena. E constando a ElRey, que Dom Rodrigo Lobo, General da Armada, que se mandara ao Brasil, havia chegado ao mesmo porto derrotado de hum temporal, e que com elle hia embarcado o Conde de Castello-Melhor Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, e outros Fidalgos dignos de toda a estimaçaõ, se resolveo a fazerlhe aviso, manifestandolhe a sua exaltaçaõ, e posse do Reyno, encarregandolhe, do modo possivel, voltassem ao Reyno com todo o poder, de que estavaõ encarregados, para que como bons Vassallos pudessem chegar a tempo, a ser participantes da defensa, e conservaçaõ da Patria.

O Conde de Castello-Melhor, que por sua condiçaõ, bondade, e boas partes, era a quem todos obedeciaõ, se via cercado de parentes, e amigos de grande valor, obedecido dos Officiaes peritos, e applaudido de tres mil Soldados Portuguezes, intentou huma taõ heroica acçaõ, que ainda naõ conseguida lhe será eternamente gloriosa; e

foy

foy a de querer ganhar os galeoens de prata, que de Porto Bello para Carthagena conduzia Francisco Dias Pimenta, e entrar com elles em Lisboa; desta acçaõ diz o Conde da Ericeira na sua estimada Historia: *Que de toda a prata, que dos galeoens trouxessem, seria pouco para lhe fabricarem Estatuas.* Esta idéa já proxima ao effeito, sem que por algum respeito parecesse duvidosa a sua execuçaõ, se frustrou com universal perigo de todos os Portuguezes, que alli se achavaõ; porque fallando Pedro Jaques de Magalhaens com hum Capitaõ de tres, que estavaõ alojados, para que entrassem na facçaõ, elles o revelaraõ ao Governador, e Ministros Castelhanos, a quem sendo o trato descoberto, procedeo a prizaõ contra o Conde, e Pedro Jaques, e seus confidentes, que todos foraõ asperamente atormentados com tratos, que a constancia venceo, negando tudo o de que os arguiaõ, com tanto valor, que mostrava bem prevenido, o que emprendiaõ. Sem embargo dos defeitos da prova, pela negaçaõ dos reos no tormento, foy Pedro Jaques sentenceado a dez annos de degredo fóra de Carthagena, e seu destricto, e tanto, que se lhe offereceo occasiaõ, passou a Cadiz, e desta Cidade a Lisboa, na qual ElRey lhe fez merce de huma Commenda, e depois cheyo de serviços occupou grandes póstos. O Conde de Castello-Melhor, que foy prezo no Castello de S. Filippe, e procedendo contra elle o Auditor da Armada com dous Ouvi-

Ericeira, *Portug. Restaurado*, tom. 1. liv. 3. pag. 175.

dores por adjuntos, o ſentencearaõ à morte, condemnando-o primeiro a levar tratos, de cuja ſentença appellou o Conde, moſtrando a nullidade na grandeza das prerogativas do titulo por falta de juriſdicçaõ: e naõ valendo a razaõ contra a violencia, fizeraõ deſpir o Conde, e lhe deraõ ſete tratos com o mayor rigor, que excogitou a malicia naquella occaſiaõ; porém o Conde os ſofreo com tanta conſtancia, que naõ pronunciou outra palavra mais, que a com que implorava o ſoccorro Divino. Os Juizes reconhecendo a falta de poder para o ſentencearem, lhe aceitaraõ a appellaçaõ, e permittindo a Jorge Furtado a levaſſe a Madrid, em que elle trabalhou com toda a diligencia pela ſua liberdade, e depois delle a conſeguir, ſe paſſou a Inglaterra, e de Londres a Portugal. O Conde, ainda mal convalecido das feridas, intentou levantarſe com o Caſtello, em que o haviaõ ſegurado, mas por falta de meyos ſe deſvaneceo a empreza, e depois por modo eſtranho ſahio da prizaõ com alguns Soldados (de que ſe fiava) para o navio, que ElRey de Portugal lhe mandara, o qual depois cahindo em mãos de Coſſarios, elle os reduzio a ſerem o meyo da ſua liberdade: e havendo experimentado todos os deſvarios de repetidos infortunios, entrou em Lisboa, e foy recebido delRey com todas as demonſtrações de honra, de que o ſeu merecimento o havia feito acredor, e lhe fez merce do titulo de Conde em duas vidas mais, e

as

as mesmas nos bens da Coroa, e Ordens, e huma Commenda, e o nomeou do Conselho de Guerra, e Governador das Armas da Provincia do Minho, onde com novos serviços conseguio honrado nome; e premiando igualmente, conforme a sua categoria, a todos os que tiveraõ parte na liberdade do Conde, deu ao Capitaõ Hollandez seis mil cruzados, e huma cadea de ouro com huma medalha com o seu retrato, e o Conde, e a Condessa joyas, e outros presentes de valor.

Bem quizera ElRey, e Ministros de Castella, se achassem as suas Armas em tal estado, que de subito se convertessem contra Portugal, julgando utilissima a pressa, mas ella naõ lhe era menos impossivel, que conveniente. O Exercito, que em Hespanha se havia levantado com tanto damno, como se outro inimigo o fizesse, se occupava na reducçaõ de Catalunha; porque esta guerra, que no principio fora voluntaria, já era precisa; porque os Francezes naõ perdendo occasiaõ alguma contra os seus emulos, naõ tanto haviaõ acodido à defensa dos Catalaens, quanto a cobrar o Condado de Roselhon unido àquelle Principado. Em Flandes havendo tambem occupado os Francezes opulentas Cidades, e os Hollandezes naõ menos afortunados davaõ com as suas operações calor às Armas Francezas: com tudo juntaraõ os Castelhanos gente capaz de guarnecer as suas Fronteiras.

Naõ era a guerra igualmente grata a todos os Heſpanhoes. Aos Grandes, porque alguns delles ſendo intereſſados com o ſangue delRey, e da Rainha de Portugal, naõ deſprazia interiormente a ſua elevaçaõ: e tal vez a todos pela conveniencia de ter por taõ viſinho hum Rey Catholico de quem ſe valeſſem naquelles caſos, que a fortuna traz comſigo mayores aos mayores.

O Conde de Monte-Rey, que de Vice-Rey de Napoles naõ havia muito, que deſcançava na preſidencia de Indias, foy nomeado Governador das Armas de Caſtella, e aſſiſtia em Merida, diſtante de Badajoz nove legoas, que governava o Marquez de Toral. Foy o primeiro movimento das Armas Caſtelhanas contra Olivença, que defendendo-ſe com valor, obrigou ao Conde de Monte-Rey a retirarſe, vendo que achava mayor oppoſiçaõ, do que ſuppunha, cuſtandolhe o intento duzentos homens mortos, e feridos, em que entravaõ Officiaes de importancia. Depois conſeguiraõ as noſſas Armas com felicidade diverſas acções, e emprezas, de ſorte, que em quaſi todas as partes ſe viaõ as bandeiras Portuguezas vitorioſas, naõ ſó na Provincia de Alentejo, mas na Beira Fernaõ Telles de Menezes, que ſuccedera a D. Alvaro de Abranches, ganhou o Caſtello de Goardaõ, e conſeguio no ſeu governo reputaçaõ em diverſas emprezas, com que fez reſpeitadas as Armas, que mandava; Ruy de Figueiredo na Provincia de Traz

dos

dos Montes, entrando pelo Reyno de Leaõ, ganhou diversos Lugares, saqueou outros, e depois no de Galliza, onde se apoderou das Villas de Vimbra, e Tamaguelos, e queimando diversas Aldeas, se recolheo naõ menos rico de opiniaõ, que os Soldados de despojos. D. Gastaõ Coutinho, que obrava com valor, e sorte semelhante, fez diversas entradas por Galliza, destruindo os inimigos com taõ valerosa resoluçaõ, que ficando em proverbio, durará sempre a gloria, que nesta Provincia conseguio, fazendo temidas, e respeitadas as bandeiras do seu Rey.

No Algarve, por occasiaõ do terreno, se obrava menos, que nas outras fronteiras: com tudo de huma bataria opposta ao quartel de Alcoutim, foy mortalmente ferido o Mestre de Campo D. Francisco de Castellobranco, de sorte, que o precisou a huma taõ larga cura, que he digna de se escrever. Durou esta cura tres annos, e tantos o perigo da vida; porém Deos pagando a universal compaixaõ de D. Joaõ de Castellobranco seu pay, que com igual piedade soccorria a todos os necessitados, lhe assegurou a vida com aquelle remedio santo da esmola, de que elle foy muy observante; e seu filho vivendo veyo, sendo segundo, a ser successor da Casa, e depois Conde de Redondo, e faleceo no anno de 1686.

Eraõ grandes as despezas, que fazia a guerra, e curtos os meyos, que se estabeleceraõ nas primei-

ras

Cortes do anno de 1642, impreſſas em 1645.

ras Cortes para a ſua ſubſiſtencia: o que conſiderado, ſe convocaraõ ſegundas, que ſe celebraraõ a 18 de Setembro do anno de 1642 na ſalla dos Tudeſcos com as ceremonias coſtumadas. Ajuntaraõ-ſe os Tres Eſtados do Reyno, o da Nobreza em Santo Eloy, o Eccleſiaſtico em S. Domingos, e o dos Póvos em S. Franciſco. Era a propoſta, que ElRey mandou fazer, que os vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos, que eraõ neceſſarios para defender as Fronteiras do Reyno, ſe naõ podiaõ ſuſtentar com menos de dous milhoens, e quatrocentos mil cruzados, e que para eſta quantia ſe apontaſſem os meyos mais ſuaves para ſe tirarem do Reyno. Foraõ varias as conſultas, e finalmente concordaraõ, que as decimas era o tributo mais conveniente, e igual, em que todos entravaõ com proporçaõ; e depois de diſputada em differentes conferencias eſta materia, concordaraõ os Tres Eſtados no tributo dos dous milhoens, e quatrocentos mil cruzados para as deſpezas da guerra.

Por eſte tempo formou o Conde Duque huma Junta, a que deu o titulo de *Intelligencias Secretas*, com tanta eſtimaçaõ, que lhe chamava o ſeu Eſquadraõ, do qual vivia taõ ſatisfeito, que muitas vezes affirmou, que com elle havia de conquiſtar a Portugal primeiro, que com os Exercitos do ſeu Principe: e como no Mundo naõ faltaõ malevolos, naõ faltaraõ calumnias contra os innocentes, porque ſe promettiaõ grandes premios aos que deſco-

descobrissem qualquer obra de infidelidade, e foy Providencia naõ perecerem todos. Assim se viraõ injustas prizoens, e ainda que naõ tragicas, muy penosas. D. Francisco Mascarenhas, que havia sido Vice-Rey da India, e Conselheiro de Estado na Corte, e D. Joaõ de Menezes, já graduado com ter já sido Governador da Ilha da Madeira por El-Rey D. Filippe, foraõ prezos na Cadea publica, sahindo de Madrid vindo para Lisboa, mais resolutos, que acautelados; Alvaro de Sousa filho de Gaspar de Sousa, Conselheiro de Estado, foy recluso em grande segredo; Affonso de Lucena filho do Secretario de Estado de Portugal, desappareceo aos olhos da Corte; semelhante violencia chegou às mayores pessoas, e outras de inferior fortuna, alcançando a todas a desgraça. Porém como com este meyo naõ se satisfazia a vingança, nem a restauraçaõ do Reyno, foy logo reprovado dos melhores Ministros, aos quaes se fazia penosa a carga de tantos Portuguezes, e alguns taõ grandes, sem meyo algum para se sustentarem, o que havia de ser à custa da fazenda Castelhena, para assim animarem os Portuguezes.

Determinou-se, que das fazendas, que muitos dos que estavaõ em Portugal tinhaõ naquelles Reynos, se fizesse hum computo, e que mandando-as ElRey cobrar por Ministros seus, se repartisse o rendimento pelos Portuguezes, que elles nomeavaõ fieis, que se achavaõ na Corte; e que a fazenda

da Real ſuppriſſe a falta daquelles effeitos. Aſſim ſe poz em execuçaõ, acodindo aos Titulos, Fidalgos, e Nobres, cada mez com ſuas penſoens proporcionadas, que naõ paſſavaõ de oitenta mil reis aos Grandes, e mayores, nem aos infimos deſciaõ de ſeis: porém eſte ſoccorro brevemente começou a ſer incerto, e pouco depois faltou pela difficuldade, que ſe experimentava na empreza do Reyno.

ElRey D. Joaõ em Lisboa tinha mandado tambem alimentar aos Miniſtros Caſtelhanos, de que alguns ſe excuſaraõ, naõ com menor vaidade, que incommodo. Porém conſideradas algumas razoens, que naõ pareceraõ deſconvenientes, ſe lhe foy dando liberdade, de cuja acçaõ ElRey cada vez mais ſatisfeito, foy alargando o indulto, chegando ainda àquelles, que alguns julgavaõ mais importantes a ſeu tempo eſte beneficio. Entre os Caſtelhanos de mais brio, que ſe achavaõ priſioneiros, foy D. Sebaſtiaõ Manrique, o qual paſſando ElRey pela Praça de Santarem, onde D. Sebaſtiaõ eſtava prezo, lhe cerrou a janella, o que ſe referio a ElRey, e mandou lha naõ abriſſem mais: durou largo tempo na prizaõ, até que ſendo informado ElRey por parte do prezo, que aquella acçaõ fora de modeſtia, e naõ de odio, como ſiniſtramente ſe lhe interpretara, foy reſtituido à luz do dia, e pouco depois à liberdade da Patria.

Entre tanto nas Fronteiras de Portugal ſe hia obrando tanto mais, do que ao principio temiaõ os inimi-

inimigos, e os mesmos Portuguezes esperavaõ, fazendo os Governadores das Provincias do Minho, e Traz os Montes atrevidas entradas nos Reynos de Galliza, Castella, e Leaõ, abrazando Lugares, e fazendo prisioneiros os moradores, com credito, e utilidade dos Soldados. Na Beira, e no Algarve, se passava com mais socego, mas na Provincia de Alentejo, como mais disposta, e opulenta, era o theatro da guerra, porque nunca socegavaõ as Armas, já temidas, ainda que tambem algumas vezes resistidas dos contrarios; os quaes primeiro estimulados mais do exemplo, do que da ira, procuravaõ com semelhantes correrias impedir, ou vingar, o que padeciaõ. Permanecia ainda na defensa do Castello da Ilha Terceira D. Alvaro de Viveiros, seu Governador, que por quatorze mezes, com igual valor, que disciplina, resistio ao prolixo sitio, que os moradores da Ilha lhe haviaõ posto com mayor valor, que disciplina, e finalmente se rendeo o Governador a 16 de Março de 1642, sahindo com todas as honras militares, que elle mereceo na defensa, que seguio até a ultima extremidade, sem mais culpa, que a desgraça; sendo o Author desta restauraçaõ Francisco de Ornellas da Camera, Fidalgo da mesma Ilha. Depois neste mesmo anno conseguiraõ os Soldados da Fortaleza de S. Filippe da dita Ilha huma boa empreza em dous navios de Indias, que chegando a ella na fé, de que se conservava na obediencia del Rey de Castella,

tella, ſe acharaõ enganados, e quando o reconheceraõ, era já inevitavel o perigo, e foraõ remettidos a Lisboa, e intereſſou ElRey nelles conſideravel fazenda.

Era grande a vigilancia, com que ElRey ſe applicava ao governo do Reyno, e querendo com a ſua preſença dar calor à guerra, reſolveo paſſar à Provincia de Alentejo antes, que o Exercito ſahiſſe à campanha, e aſſiſtir em Evora todo o tempo, que ella duraſſe. Feitas as prevenções neceſſarias declarou ElRey, que a Rainha ficava em Lisboa governando na ſua auſencia, e nomeou para lhe aſſiſtirem no governo ao Biſpo Capellaõ môr Dom Manoel da Cunha, a Sebaſtiaõ Ceſar de Menezes, e ao Marquez de Ferreira. A 19 de Julho do anno de 1643 de tarde montou ElRey a cavallo, adornado, e os que o acompanhavaõ, de galas militares: foy à Sé a benzer o Eſtendarte, que entregou a D. Franciſco Coutinho, Conde de Redondo, ſeu Alferez môr, e ſem voltar ao Paço entrou no bargantim, e paſſou a Aldea-Gallega, e no outro dia fez jornada, e aviſou a Evora, que havia entrar de noite na Cidade; ſem embargo deſta prevençaõ, o povo o foy eſperar a larga diſtancia com incrivel alegria. Apoſentou-ſe ElRey nas caſas do Conde de Baſto, que eſtavaõ prevenidas, e no dia 30 do meſmo mez entrou na Cidade publicamente com grande apparato, e foraõ exceſſivas as demonſtrações na magnificencia, e grandeza de ſeus naturaes,

raes, de que entaõ se imprimio huma Carta em nome de hum Collegial do Real Collegio da Purificaçaõ para hum seu amigo de Lisboa. E porque neste tempo estava a Rainha em vesperas do parto, de que nasceo o Infante D. Affonso, que depois veyo a succeder no Reyno, passou ElRey encoberto a Lisboa a 7 de Agosto; porém vendo, que a dilaçaõ era mayor, do que suppunha, tornou a voltar para Evora, e com admiravel attençaõ dispoz todas as prevenções, que faltavaõ, para sahir em Setembro o Exercito em campanha, governado pelo Conde de Obidos, de que era Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, General da Cavallaria o Monteiro môr, e da Artilharia D. Joaõ da Costa. Sitiaraõ, e renderaõ a Praça de Valverde, em cuja acçaõ o Governador declarou, que capitulava com o Conde de Obidos, Governador das Armas delRey de Portugal. Chegaraõ depois com o Exercito à vista de Badajoz, reconheceo a Cidade Joanne Mendes de Vasconcellos acompanhado de Mathias de Albuquerque, (que nesta Campanha exercitava o officio de Soldado, como se naõ houvera taõ pouco tempo governado aquelle Exercito) e do Padre Joaõ Paschasio Cosmander, Religioso da Companhia, natural de Lovayna, insigne Mathematico, o qual depois com a pratica foy excellente Engenheiro; mas depois com pouca memoria das obrigações do seu estado, faltando à fidelidade, veyo a acabar

Carta impr, em 1643.

desgraçadamente. Porém como já se avisinhava o Inverno, e o grande presidio, com que se achava a Praça, e outras difficuldades, que encontraraõ para poderse continuar o sitio, depois de ouvidos os Cabos, se resolveo retirarse o Exercito, e a 20 de Setembro começou a desalojar. O Conde de Santo Estevaõ, que governava em Badajoz, vendo, que o Exercito se retirava, fez sahir toda a guarniçaõ com o intento de na retaguarda poder conseguir alguma desordem: porém a terra era taõ cortada de sanjas, e vallados, que guarnecendo-se de mangas de Mosqueteiros, impediraõ a resoluçaõ da Cavallaria, no que naõ conseguio pequeno applauso Joanne Mendes pela disposiçaõ desta retirada. Naõ havia ElRey sabido, de que o Exercito marchara sobre Badajoz, senaõ depois, que o havia feito; e dissimulando entaõ o enfado com as esperanças, que lhe deraõ de ganhar aquella Praça, ordenou todas as prevenções, que podiaõ conduzir ao fim da empreza começada; e vendo, que os mesmos, que a facilitaraõ, sem consentimento seu levantaraõ o sitio de Badajoz, despachou hum Correyo, em que ordenava ao Conde de Obidos, e a Joanne Mendes de Vasconcellos, se recolhessem a Lisboa, donde sem nova ordem sua naõ sahiriaõ de suas casas, e que o Exercito ficasse entregue a Mathias de Albuquerque; e naquella mesma noite os dous Generaes sahiraõ do Exercito para Lisboa, e ficou entregue ao novo Governador das Armas com

com grande satisfaçaõ dos Soldados, de quem era summamente amado, assim pelas virtudes, que lhe reconheciaõ, como pela attençaõ, com que procurava as suas commodidades. Naõ alterou Mathias de Albuquerque a disposiçaõ do Conde de Obidos, e no dia seguinte a 29 de Setembro foy sobre Alconchel, como já estava determinado. Estava dentro do seu Castello D. Joaõ de Menezes, Marquez de Castro-Fuerte, Senhor de Alconchel, e tinha trezentos Infantes de guarniçaõ, e todas as munições necessarias para hum largo sitio; porém depois de batido o Castello, e entrada a Villa, seguio-se logo Figueira de Vargas, tres legoas de Alconchel, adonde Mathias de Albuquerque havia mandado a D. Rodrigo de Castro, a quem Dom Gabriel da Sylva, que governava o seu Castello, o entregou logo com a permissaõ de passar a Xeres, levando a sua familia, e os moradores com a sua roupa. Guarneceo-se o Castello com duas Companhias para segurança dos comboyos, em quanto durasse a Campanha. Marchou depois o Exercito para Villa-Nova del Fresno, que sendo vigorosamente batida pela artilharia, se rendeo, o que foy muy sentido dos Castelhanos pela grande oppressaõ, que o presidio daquella Praça dava aos povos visinhos, custandolhe ainda mais a reputaçaõ, que logravaõ as Armas de Portugal, que viaõ prevalecer contra o mesmo Principe, que intentava dominallas. Recolheo-se o Exercito deixando presidiada

da Villa-Nova, arrazado o Castello de Figueira de Vargas, destruida a Villa, executando o mesmo com Cheles, que os Castelhanos haviaõ despovoado, naõ podendo o rigor, com que entrara o Inverno, dar lugar a que Mathias de Albuquerque continuasse com a Campanha. Aquartelado o Exercito, passou Mathias de Albuquerque a Villa-Viçosa, onde ElRey se achava divertindo-se naquelle sitio. Recebeo-o com grandes honras, e na mesma fórma experimentaraõ o mesmo favor da sua grandeza os Generaes, e mais Officiaes do Exercito, que tiveraõ a honra de lhe beijar a maõ. Voltou ElRey para Evora, e a 5 de Outubro partio para Lisboa, onde foy recebido com applausos de vitorioso. Achou nascido o Infante D. Affonso, que sendo o segundo, veyo a succeder na Coroa, como adiante diremos. Depois já no anno de 1645, quando ElRey teve noticia do grande Exercito, com que o Marquez de Legañes sahia em Campanha, havendo applicado os soccorros de Alentejo, e prevenido a defensa de Lisboa, passou segunda vez àquella Provincia, e bastou sómente chegar a Aldea-Gallega para que a mayor parte da Nobreza partisse para a Praça de Elvas, havendo disposto o Exercito, que mandava o Conde de Castello-Melhor, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, e feito todas as prevenções, com que rebateo os designios dos Castelhanos; e depois de retirado o Exercito do Marquez de Legañes

gañes a Badajoz, sem que executasse facçaõ de importancia, vendo ElRey alguma desuniaõ entre os nossos Generaes, resolveo, depois de ouvir os Cabos principaes, dividir o Exercito, e metello em quarteis, considerando, que o rigor do tempo naõ era já para empenhar o Exercito em empreza alguma. Nesta Campanha se achou ElRey das Ilhas de Maldiva, Senhor de muitas riquezas, o qual havia passado a Lisboa a pedir soccorro contra hum irmaõ seu, que se havia apoderado violentamente do Reyno. Joanne Mendes de Vasconcellos o tratou com grande respeito, ordenando, que se observasse com a sua pessoa todas as ceremonias, que na guerra se costumaõ praticar com os Cabos mayores, advertencia, que ElRey estimou. Fezlhe ElRey merce de ser na India do Conselho de Estado, como se vê da Carta, que se lhe passou a 23 de Agosto de 1645, e ao mesmo tempo diversas merces no mesmo Estado da India, humas uteis, outras honorificas, para elle, e seus descendentes, com que passou satisfeito a viver em Goa. De Monte-Môr, onde ElRey estava, passou a Setuval, onde detendo-se poucos dias, depois de ordenar a fortificaçaõ daquella Praça, entrou em Lisboa a 18 de Setembro, na qual foy festejada com grande satisfaçaõ, e gosto de seus Vassallos a sua restituiçaõ à Corte.

Chanchel. delRey D. Joaõ IV. liv. 18. fol. 92.

Corria com prospera fortuna a felicidade do reynado delRey D. Joaõ, porque a lealdade dos corações

corações Portuguezes, auxiliados do poder Divino, haviaõ ſacrificado, e offerecido liberalmente as vidas, e as fazendas pelo amor da Patria, e pela gloria do ſeu Principe; e deſta ſorte venceraõ com conſtancia aos valeroſos Heſpanhoes, que rara vez deixaraõ de peleijar com ſeus inimigos, que naõ ſahiſſem vitorioſos em recontros, choques, e batalhas. Na de Montijo, que no anno de 1644 venceo o General Mathias de Albuquerque, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, à qual deu principio a noſſa artilharia carregada de balas de moſquete, e palanquetas, com taõ venturoſo emprego, que penetrando todo o corpo da Infantaria inimiga, a deſcompoz toda, padecendo igualmente os Officiaes, e Soldados hum terrivel eſtrago. Porém os Caſtelhanos, que naõ ſe embaraçaraõ com aquella primeira deſcarga, tornaraõ a compor a Infantaria, e depois de diſpararem duas peſſas com pouco effeito, o Baraõ de Molinguen, que mandava o Exercito Caſtelhano, carregou com a Cavallaria do ſeu lado direito as noſſas tropas do eſquerdo com tal fortuna, que as deſcompuzeraõ de ſorte, que voltaraõ as coſtas; a eſte deſatino ſe ſeguio outro de desbaratarem hum Terço: e conhecendo os Caſtelhanos a ſua fortuna, a ſeguiraõ de ſorte, que romperaõ a noſſa Infantaria, e ganharaõ a artilharia, o que vendo a Cavallaria do lado eſquerdo, ſe retirou antes de ter recebido damno algum. Os Caſtelhanos vendo os noſſos Terços con-

fundidos

confundidos deraõ a vitoria por conseguida, e se occuparaõ em roubar, e se começaraõ a dividir por toda a Campanha. O General Mathias de Albuquerque acodindo com incrivel valor a todas as partes, lhe mataraõ o cavallo, o que vendo hum Official Francez chamado Henrique de la Morle, lhe deu o seu cavallo, sacrificando a sua vida por salvar a do seu General; porém com tal fortuna, que pelo seu valor cobrou depressa outro. Dom Joaõ da Costa, General da Artilharia, discorria como destrissimo Capitaõ com tanto valor, que excede ao mayor encarecimento, animando a huns, e unindo a outros, e encontrando-se com hum Capitaõ de Cavallos Castelhano, se investiraõ, e o matou às estocadas, recebendo das suas mãos huma grande cutilada na cabeça, e certo, que ao seu incançavel cuidado, e valor, se deveo a mayor parte do bom successo deste dia. Unio-selhe Mathias de Albuquerque, e se deliberaraõ a restaurar o damno perdido, ou sacrificar as vidas com taõ glorioso fim. Formaraõ a Infantaria, e com quarenta Cavallos, que juntou de la Morle, avançaraõ aos inimigos com as espadas na maõ com tanto impeto, que tornaraõ a restaurar a artilharia, que haviaõ perdido, a qual D. Joaõ da Costa fez voltar brevemente contra os inimigos com maravilhoso effeito; e dando sobre elles, obrigaraõ aos Castelhanos a se porem em fogida, largando o campo da batalha, que se via coberto de corpos mortos. Os nos-

ſos os ſeguiraõ taõ picados de ſe terem viſto taõ mal tratados no principio da batalha, que ſem piedade os matavaõ, obrigando a muitos a lançaremſe ao Guadiana, onde afogados naõ tinhaõ melhor ſorte. Em fim ganharaõ os noſſos a batalha, em que os Caſtelhanos perderaõ quatro Meſtres de Campo, dous Sargentos môres, nove Capitaens de Cavallos, (o Conde de Montijo, e ſeu filho) quarenta e cinco de Infantaria, e outros muitos Officiaes, e entre mortos, e feridos foraõ mais de tres mil Soldados, tomaraõ-ſe quatro mil e quinhentas armas dos inimigos mortos, e dos que as largavaõ para mais levemente fogirem. Da noſſa parte ſe perderaõ novecentos homens entre mortos, e feridos, em que entraraõ os Meſtres de Campo Ayres de Saldanha, e D. Nuno Maſcarenhas, Joaõ de Saldanha, Capitaõ de Cavallos, Bartholomeu de Saldanha, Capitaõ de Infantaria, Rodrigo Starh, Capitaõ de Cavallos Hollandez, e os Sargentos môres Belchior do Crato, e Jeronymo Ferrete, e oito Capitaens de Infantaria, tres, ou quatro da Cavallaria, e outros Officiaes. Os priſioneiros, que levaraõ, quando começou a batalha, foraõ o Meſtre de Campo Euſtachio Pique, os Capitães de Cavallos Fernaõ Pereira, e o Conde Franciſco Fieſque, Genovez, Manoel de Saldanha, D. Diogo de Menezes, ferido com huma bala em huma perna, Jorge de Mello, Dom Franciſco de Almada, ambos Capitaens de Infantaria, e Nuno

da

da Cunha, e Francisco Correa da Sylva, que serviaõ de Soldados, com muitas feridas.

Chegou a noticia da vitoria a Lisboa, que ElRey recebeo com gosto, e reconhecendo a merce, que Deos lhe fazia, lhe foy render as graças à Sé, indo a pé com o Principe acompanhado de toda a Corte, Grandes, e Fidalgos, e seguido de muita gente nobre, e de immenso povo. Depois a mandou applaudir com demonstrações publicas de gosto, e participar aos alliados o bom successo das suas Armas: espalhou-se, entre as mais Nações, a vitoria, e reputaçaõ das nossas Armas. A Mathias de Albuquerque fez ElRey Conde de Alegrete. Desta sorte foraõ conseguindo em todas as Provincias do Reyno gloriosos progressos as Armas Portuguezas, que naõ só defendiaõ as suas Praças, mas entrando pelas fronteiras de Castella, destruiraõ Praças, e ganharaõ outras, que conservaraõ por grande numero de annos; de maneira, que alguns dos successos adversos, que experimentaraõ, foraõ motivo de conseguirem novas occasioens de reputaçaõ, e gloria.

Anton. Coelho, Chronica delRey Dom Joaõ IV. m. s.

Nas Conquistas foy ElRey acclamado, e obedecido, onde os nossos obraraõ milagres de valor contra os Hollandezes, que em odio de Castella invadiraõ algumas Praças do Estado da India, e da America; e assim por quatorze annos sustentaraõ na Capitanía de Pernambuco a guerra contra os Estados Geraes das Provincias Unidas, em que foraõ

vencidos por diverſas vezes em particulares recontros, e nas duas celebres batalhas dos Gararapes, ſendo General Franciſco Barreto de Menezes; a primeira no anno de 1648, e a ſegunda no de 1649, devendo-ſe o principio deſta reſtauraçaõ ao heroico, e generoſo animo de Joaõ Fernandes Vieira no anno de 1645, em que começou a fazer guerra aos Hollandezes, em que teve igual gloria André Vidal de Negreiros, e a ambos fez ElRey diverſas merces, com que honrou, e ennobreceo ſuas peſſoas, a que ſe uniraõ D. Antonio Filippe Camaraõ, valeroſo Braſiliano, Governador dos Indios da ſua Naçaõ, e Henrique Dias, Governador dos pretos ſeus naturaes, os quaes com acções de incrivel valor deixaraõ na noſſa Hiſtoria honrada memoria, com os quaes ElRey ſe houve taõ grato, como elles ſatisfeitos; e aſſim lançaraõ fóra daquella Capitanía aos Hollandezes, e veyo ElRey a ficar pacifico Senhor daquelle Eſtado. Na Africa o Reyno de Angola, em que a induſtria, e valor do General Salvador Correa de Sá e Benavides no anno de 1648 recuperou aquella Conquiſta do poder dos Hollandezes. Naõ ſeguio a meſma fortuna a Ilha de Ceilaõ, porque ainda que na ſua defenſa ſe obraraõ acções dignas de eterna memoria, que parecem incriveis na esféra do valor; a diſtancia, e a morte do Vice-Rey Conde de Sarzedas, D. Rodrigo Lobo da Sylveira, difficultava os ſoccorros neceſſarios a perigos mais urgentes, e cedendo o valor

valor à multidaõ reforçada por tantas vezes, veyo a ficar no dominio de Hollanda. Em Africa alcançou ElRey muita gloria, assim em Angola contra a Rainha Ginga, e outros Principes, como em Mazagaõ contra os Mouros, e em Tangere, donde se distinguiraõ desde o Conde de Sarzedas até o da Ericeira os seus valerosos Capitaens Generaes, fazendo este ultimo levantar o sitio com muita perda a Gaylan, que com vinte e cinco mil Mouros intentava ganhar esta Praça.

Entre as gloriosas acções do seu reynado será sempre admirada a protecçaõ, com que generosamente soube conservar a Ley da hospitalidade contra o poder dos Parlamentarios, que a opprimiraõ, e occuparaõ violentamente a Coroa de Inglaterra, de que formaraõ huma Republica, sem que se embaraçasse do seu grande poder para deixar de acodir aos Principes Palatinos Roberto, Duque de Cumberland, General de Inglaterra, e seu irmaõ Mauricio, filhos de Federico V. Conde Eleitor Palatino, e de sua mulher a Princeza Isabel Stuard, irmãa do infelice Carlos I. Rey da Grãa Bretanha, a quem serviaõ. Depois da tragica morte daquelle desgraçado Rey, seu filho ElRey Carlos II. andou discorrendo fugitivo com toda a familia Real para se livrar do tyranno Cromwel, de quem tambem os Principes Roberto, e Mauricio, por se livrarem, tomaraõ o porto de Lisboa por asylo da sua crueldade. Seguio-os o General Blac, e appa-

recendo

recendo em Cascaes com a Armada Ingleza, composta de quinze navios, pertendeo se lhe entregassem os Principes. Sentio ElRey a ousadia, e lhe respondeo com Real resoluçaõ. E pervenindo-se de algum desacato, que pudesse intentar Blac, fez marchar de Alentejo tres Terços de Infantaria, e duzentos Cavallos, prevenindo os Lugares maritimos, nomeando para governar Peniche ao Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes, Setuval o Conde de Prado D. Francisco de Sousa, em Cascaes o Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes, onde passou a mayor parte da Nobreza. Chamou ElRey o Conselho de Estado, em que elle assistio, a Rainha, e o Principe: vacillaraõ os Ministros nos discursos, sem poderem determinarse na resoluçaõ. Alguns reconhecendo ser indespensavel a Ley da hospitalidade, diziaõ, que naõ podia haver modo de se poder violar sem injuria propria, e que era difficultoso de praticar o haver de desamparar huns Principes, depois de seguros, e admittidos na protecçaõ delRey. Outros politicos, que naõ ignorando a sua devida observancia, passavaõ considerando o estado, e situaçaõ presente; assim tinhaõ por mais acertado attender à conservaçaõ propria, quando no risco de quebrar com os Parlamentarios, se lhe seguia o de ter por inimiga huma das Nações mais populosas da Europa, sustentando voluntarios huma guerra com Inglaterra ao mesmo tempo, que na Europa a tinhamos com Castella,

Castella, e na America, e Asia com Hollanda, e na Africa com os Barbaros; e que assim podia muito bem servirnos de idéa o silencio de França, taõ unida em sangue, e outras allianças com o perseguido Rey, e nem por isso soccorrera ao parente, e ao alliado, e que este exemplo nos era taõ favoravel, como a razaõ de evitarmos a nossa total ruina. Porém o Principe D. Theodosio dotado igualmente de hum espirito vivo, que de hum sublime engenho, cheyo de Real resoluçaõ, foy de differente parecer, mostrando com eloquencia, e solidas razoens, que ElRey devia amparar aos Principes Palatinos, quando perseguidos haviaõ buscado a sua protecçaõ; a qual conservada, gozaria Sua Magestade na posteridade taõ gloriosa memoria por esta acçaõ, como merecia haver deixado illeso o sagrado direito da hospitalidade, que iniquamente pertendiaõ os Parlamentarios se violasse, e que era indubitavel, que conservando Sua Magestade a justiça, o Ceo defenderia a causa. E se os Parlamentarios pertendessem entrar no Porto de Lisboa contra sua vontade, por nenhum caso nos deviamos deixar opprimir das suas armas, antes as haviamos de rebater; porque sendo constrangidos, a defensa natural esperava infallivelmente a vitoria: e com outras muitas razoens bem ponderadas mostrou no seu voto o valor, e generosidade do seu animo.

ElRey confirmando a sua idéa com o voto do Principe, se persuadio à protecçaõ dos Principes Palati-

Palatinos. Depois de haverem paſſado diverſas propoſtas do General Blac, e perſiſtindo elle na entrega, ou no rompimento de huma guerra, mandou ElRey guarnecer a Marinha, e apparelhar huma Armada de treze navios, que em breves dias ſe puzeraõ preſtes para dar à véla. Nomeou por General a Antonio de Sequeira Varejaõ, e por Almirante a D. Pedro de Almeida irmaõ do Conde de Avintes, que havia pouco chegara por Capitaõ môr das naos da India. Os Principes Palatinos ſatisfeitos, e alegres ajuntaraõ os ſeus navios à Armada, e a 20 de Julho deraõ à véla. Os Parlamentarios tanto, que viraõ ſahir a Armada, levaraõ as ancoras, e ſe fizeraõ ao mar. O General Antonio de Sequeira os ſeguio, e ſem outro progreſſo ſe recolheo a Lisboa. Foy murmurada eſta taõ prompta volta ao porto ſem haver peleijado, o que poderia fazer com muitas ventagens. Alguns approvaraõ eſta acçaõ, porém ElRey a condemnou, depondo-o do cargo, que deu a Jorge de Mello, que conſervava o titulo de General das Galés, ſem em toda a Armada haver outra mudança. Antonio de Sequeira embarcou por voluntario na Armada, que elle havia taõ pouco mandara. Dentro de poucos dias fizeraõ as duas Armadas ſegunda ſahida, naõ com melhor ſucceſſo. Os Inglezes voltaraõ a Lisboa, e Jorge de Mello querendo dar ſegunda vez caça à Armada, ſe foy chegando ao inimigo, mas apenas ſe havia alargado ao mar, teve

teve hum temporal taõ rijo, que espalhou toda a nossa Armada, da qual alguns navios foraõ dar ao Algarve, padecendo os mais delles grandes incommodos por falta de mantimentos. Dom Francisco de Sousa, Capitaõ de hum dos navios da Armada, encontrou a do Parlamento, que o atacou, sustendo elle com valor desmedido huma cruel contenda, naõ se rendendo o seu navio em quanto lhe durou a vida, e sendo morto, e a mayor parte dos seus, foy tomado o navio. O de Manoel Pacheco de Mello teve melhor fortuna, porque achando-se na barra entre a Armada do Parlamento, e fazendo-lhe esta sinal para que se rendesse, elle lhe respondeo com huma descarga da sua artilharia; e carregando-o os Inglezes, elle se desembaraçou, e ganhou o porto de Lisboa. Continuou a Armada Ingleza em cruzar na nossa Costa, e encontrando a frota do Brasil, levaraõ quinze navios de commercio; e porque o Inverno começava a entrar com grande rigor, largaraõ os nossos mares, desembaraçando a sahida dos Principes Palatinos, que seguiraõ a sua derrota, reconhecendo os grandes beneficios, que haviaõ recebido delRey, que nesta acçaõ mostrou tanto valor, como constancia, conservando na soberania o respeito devido à Magestade, o que eternamente será applaudido.

Finalmente elle se vio Senhor naõ só do Reyno de Portugal, e Algarves, mas de todos os Dominios Ultramarinos da Coroa Portugueza, naõ fi-

cando em taõ dilatadas Conquistas à Coroa de Castella mais, que a Praça de Ceuta em Africa. E vendo-se, que a sua fortuna era incontrastavel a todo o poder de Hespanha, intentaraõ os Ministros de Castella tirarlhe a vida, offerecendo-se para esta aleivosa acçaõ hum Portuguez chamado Domingos Leite, e naõ sendo de humilde nascimento, era de animo perverso, e aleivoso, e intentou executar este delicto no dia 20 de Junho de 1647, quando ElRey fosse acompanhando o Santissimo Sacramento na celebraçaõ da Festa do Corpo de Deos; e naõ podendo conseguir intento taõ atroz, ou por preoccupaçaõ do horror, ou por permissaõ Divina, voltou a Madrid, onde forjando varias desculpas lhe foraõ aceitas, e veyo segunda vez a Portugal com o mesmo proposito; e sendo descoberto anticipadamente por hum seu confidente chamado Manoel Roque, que com mayor reflexaõ conheceo a indigna execuçaõ, a que estava convidado, deu conta a ElRey do caso, e sendo prezo Domingos Leite, foy sentenceado, acabando com morte infame o author de delicto taõ atroz, que fez mais detestavel o seu crime, o ser elle hum dos primeiros homens, a quem ElRey despachou com a merce do officio de Escrivaõ do Crime da Corte. Deste beneficio rendeo ElRey as graças a Deos, e a Rainha em testemunho de taõ assinalada merce do Ceo, no mesmo lugar, em que se pertendeo tirar a vida atrevida, e aleivosamente a ElRey, mandando

dando edificar hum Convento com a vocaçaõ de *Corpus Christi*, que habitaõ os Religiosos de Santa Theresa. Edificou de novo o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, que dotou sobre as rendas, que já tinha, com huma larga quantia, para em quanto durassem as obras, que no reynado de seu filho ElRey D. Pedro se acabaraõ. No seu tempo se estabeleceraõ neste Reyno os Clerigos Regulares de S. Caetano, sendo o primeiro, que nelle entrou no anno de 1648 o Padre D. Antonio Ardizone vindo da India, onde havia sido Missionario Apostolico, e feito grandes serviços a Deos na conversaõ dos Infieis, o qual foy Varaõ douto, com grande zelo, e naõ menor talento. ElRey o favoreceo com Real benignidade, e sendo elle por nascimento Napolitano, era tal o seu modo de vida, que se fez grato à Magestade, que lhe concedeo, que os Religiosos Theatinos Missionarios, sem embargo de Estrangeiros, pudessem passar à India, embarcando-se em Lisboa nas naos, que todos os annos passavaõ àquelle Estado; e juntamente o poder ter hum Hospicio nesta Corte, por hum Alvará passado em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1650. No qual depois de relatar os motivos, que o obrigaraõ a esta merce, sejanos licito referir huma clausula do mesmo Alvará por testemunho do respeito, e gratidaõ, que conservamos à piedade daquelle grande Rey, diz assim: *E tendo a tudo consideraçaõ, e particularmente à satisfaçaõ, que tenho do procedimen-*

Prova num. 10.

to, e virtude, e letras do dito D: Antonio Ardizone, e serem os seus Religiosos de muito exemplo, e a sua Religiaõ bem recebida nesta Cidade de meus Vassallos, pelo grande fruto, que faz na Igreja de Deos, e raro exemplo de pobreza, que professa, por viver dependente da Providencia Divina. Neste Hospicio se conservaraõ os Clerigos Regulares por muitos annos, até que ElRey D. Pedro, sendo Regente, lhe concedeo licença para fundarem a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, orago que já tinha o Hospicio, por Alvará de 11 de Outubro de 1681.

Tendo ElRey D. Joaõ reynado com prospera fortuna, celebrado diversas Cortes, em que poz na sua observancia as Cortes de Lamego, esquecidas de seus Predecessores, e estabelecido Leys utilissimas, que encorporou nas Ordenações do Reyno, restituîo o Paço à sua Real authoridade no exercicio dos Officiaes da sua Casa, do Reyno, Corte, e Casa, ordenando hum Regimento do modo de servirem a sua Real pessoa, que inalteravelmente era praticado, e outros utilissimos usos pertencentes ao modo das audiencias, que determinou certas nas terças, e quintas feiras de cada semana com muita authoridade, para evitar a confusaõ, e indecencia, e cada hum tivesse o lugar, que pela sua dignidade, e caracter lhe pertencia, publicando hum Decreto para o Porteiro môr, feito em 23 de Dezembro de 1640, e outro para o Mestre

Prova num. 11.

Prova num. 12.

Prova num. 13.

o Mestre Salla. Erigio novos Tribunaes para mayor utilidade de seus Vassallos: a saber, o Conselho de Guerra por Decreto de 11 de Dezembro de 1640, ao qual concedeo huma grande authoridade, e preeminencias, ordenandolhe Regimento, feito em 22 de Dezembro de 1643. As pessoas, que ElRey nomea para Conselheiros de Guerra naõ tiraõ Carta, ou Patente do lugar, o qual exercitaõ sómente pelo aviso, que lhe faz o Secretario de Estado. Naõ tem este Tribunal Presidente, porque nelle sómente preferem huns aos outros, naõ pelo tempo do Conselho, mas pelas preeminencias da grandeza, e authoridade dos seus titulos, ou empregos, de sorte, que todos os Conselheiros de Estado, o saõ de Guerra, como se vê declarado no §. 10. do Regimento, que diz: *Quando os Conselheiros de Estado forem ao Conselho, tomaráõ lugar conforme a sua preferencia &c.* Porém estes por hum Decreto delRey D. Pedro II. de 9 de Outubro de 1691 preferem nas Juntas, e nos Tribunaes, e em todas as partes, a que forem por ordem delRey, a todos os que naõ forem Conselheiros de Estado. Costumava ElRey ir a este Tribunal quando lhe parecia, para o que tem sempre docel, e cadeira no topo, e pelas ilhargas bancos de espaldas para os Conselheiros: e quando ElRey hia ao Conselho, dispoem o mesmo Regimento, que se abaixaráõ os espaldares dos bancos, e se tirará a cadeira do Secretario, (que he raza) o qual estará em pé, e quando

Prova num. 14.

quando houvesse de escrever, seria de joelhos em hum bofete pequeno, que para isso haverá no Tribunal; sendo este Tribunal, em que o Secretario o he delRey, e naõ do Tribunal. Ordenou ElRey mais no Regimento, que quando os Conselheiros forem chamados ao Paço por ElRey, teráõ o assento, que lhes será assinalado, de sorte, que este Tribunal he de grande respeito; porque os Conselheiros de Guerra saõ sempre as pessoas de mayor authoridade em grandeza, e illustre sangue, como pelos póstos Militares, e com honras Militares: e pela nova Ley de 1739 seráõ todos Mestres de Campo Generaes, e poderáõ ser tratados por Excellencia.

Prova num. 15.

E por hum Alvará de 18 de Janeiro do anno de 1643 erigio o Tribunal da Junta dos Tres Estados, conformando-se nelle ao que se havia assentado nas Cortes do anno antecedente; e foraõ os primeiros Ministros o Doutor Sebastiaõ Cesar de Menezes, do seu Conselho, e do Geral do Santo Officio, Desembargador do Paço, e Bispo eleito do Porto, D. Antaõ de Almada, do seu Conselho, que havia sido Embaixador na Corte de Grãa Bretanha, e D. Alvaro de Abranches da Camera, do seu Conselho de Guerra, que eraõ nomeados pelo estado da Nobreza, e o Bispo D. Manoel da Cunha, seu Capellaõ môr, pelo estado Ecclesiastico, e Francisco Carvalho, Conselheiro da Fazenda, os quaes começaraõ o despacho daquelle Tribunal, a

que

que pertencia a administraçaõ dos tributos, e mais consignações pertencentes à guerra, nomeando Secretario da Junta a Joaõ Pereira de Castellobranco, Fidalgo da sua Casa, e Escrivaõ da sua Camera.

Erigio o Tribunal do Conselho Ultramarino por Decreto de 16 de Julho de 1643, dandolhe entaõ por Presidente o Védor da Fazenda da repartiçaõ da India, que era o Marquez de Montalvaõ, do Conselho de Estado, e por Secretario hum Escrivaõ do Conselho da Fazenda, creando dous Conselheiros de capa espada, e hum de letras, que foraõ Jorge de Albuquerque, Jorge de Castilho, e Joaõ Figueira Delgado, Inquisidor Apostolico da Inquisiçaõ de Lisboa, e dous Porteiros, dizendo, que seriaõ dos da Cana da Casa Real, e dandolhe huma casa no Paço para o Tribunal: depois se lhe deu Presidente separado do Védor da Fazenda, lugar que sempre occuparaõ as mayores pessoas do Reyno, e o Secretario, ainda que com a mesma igualdade de Carta, differente dos Escrivaens da Fazenda, e mayor numero de Ministros. He muy larga a jurisdicçaõ deste Tribunal, porque comprehende os Estados da India, e Brasil, Guiné, Ilhas de S. Thomé, e Cabo-Verde, e todas as mais partes Ultramarinas, excepto as Ilhas dos Açores, e da Madeira, e lugares de Africa. Por elle se consulta a provisaõ de todos os Bispados, e governos das ditas partes, officios de Justiça, Fazenda, e Guerra: por elle se passaõ as Cartas, e Provimentos,

Prova num. 16.

tos, que delles se fazem, e as Patentes, e despachos dos Vice-Reys, Capitaens Generaes, Governadores, que passaõ às ditas Conquistas, excepto as Cartas das nomeações dos Bispos, que se enviaõ a Roma, porque estas correm pelo Secretario de Estado, as quaes saõ lavradas pelas Portarias feitas pelo Secretario do Conselho, e assinadas pelo Presidente. Este, os Conselheiros, e Secretario do Conselho, gozaõ dos privilegios concedidos na Ordenaçaõ ao Regedor, e Desembargadores da Casa da Supplicaçaõ, e aos mais Tribunaes, e Ministros declarados nas ditas Ordenações do Reyno, de sorte, que logra todas as preeminencias, que saõ concedidas aos mayores Tribunaes, como se vê do Regimento, que ElRey lhe mandou dar, feito a 29 de Janeiro de 1643. A sua origem tambem he mais antiga, porque nelle foy restabelecido o Tribunal do Conselho da India, que creou ElRey D. Filippe III. como se vê do Regimento, que lhe deu, e está na Torre do Tombo, o qual acaba assim: *E mando, que passe pela Chancellaria, e que se imprima, e dê huma copia impressa a cada hum dos Conselheiros, e Secretarios do dito Conselho. Valhedolid a 25 de Julho, Antonio de Almeida o fez 1604, e eu Martim Affonso Mexia, Secretario de Estado, o fiz escrever.* Este Tribunal da India parece naõ durou muitos annos, pelo que ElRey Dom Joaõ, que achou as Conquistas do seu Reyno invadidas de inimigos na India, Brasil, e Angola, quando recuperou

Torre do Tombo liv. 2. das Leys, fol. 7.

cuperou a Coroa, considerando a sua utilidade, o renovou, erigindo o Tribunal do Conselho Ultramarino.

A Companhia da Junta do Commercio, de que entaõ resultaraõ grandes utilidades ao Reyno, teve principio por hum Alvará por modo de contrato, que ElRey mandou passar a 6 de Fevereiro de 1649, em virtude do qual os homens de negocio desta Corte instituiraõ com certas condições a Junta do Commercio, sem que a fazenda Real entrasse com cousa alguma, na qual podiaõ entrar todas as pessoas de qualquer qualidade, assim Portuguezas, como Estrangeiras, com a quantia de vinte cruzados para cima, o qual contrato duraria vinte annos; e no caso de o quererem reformar por mais dez annos, ficaria logo reformado, que dentro em dous poriaõ trinta e seis naos de guerra no mar em duas esquadras, cada huma de dezoito naos de vinte até trinta pessas de artilharia para comboyarem as frotas do Brasil, concedendolhe ElRey por Estanco certos generos comestiveis, a que depois se ajuntou a administraçaõ do pao do Brasil, e que a Junta seria independente de todos os Tribunaes, com livre administraçaõ, e sómente immediata a Sua Magestade. Depois commutando-se os referidos generos em outros direitos, e conveniencias, se reduzio a obrigaçaõ do Comboy a dez naos de guerra sómente, e foraõ os cabedaes da Junta por Decreto de 19 de Agosto de 1664 encorporados à

Prova num. 17.

Coroa, e às partes interessadas se deraõ consignações para o seu pagamento, dando-se à Junta outra fórma com Presidente, de que foy o primeiro o Conde de Atouguia Dom Jeronymo de Ataide, e com certos Deputados, e Ministros para Tribunal; e porque no Regimento de 21 de Setembro de 1663, quando se reformou, e reduzio a Tribunal, se naõ acodio a tudo o que era conveniente, se lhe deu novo Regimento feito a 19 de Setembro de 1672, e nesta fórma durou muitos annos: porém considerando-se depois, que a instituiçaõ, e conveniencias do Tribunal naõ correspondiaõ às utilidades passadas, foy totalmente abolido este Tribunal por hum Alvará com o vigor de Ley, passado no primeiro de Fevereiro de 1720.

Prova num. 18.

Tambem para mayor expediente, e divisaõ dos negocios Politicos, Militares, e Merces, que corriaõ pela Secretaria de Estado, lhe deu ElRey D. Joaõ IV. huma nova fórma, dividindo as materias, que lhe haviaõ de pertencer, e as que haviaõ de tocar à Secretaria, que chamou das *Merces, e Expediente*, como se vê de hum Alvará feito em Lisboa a 29 de Novembro de 1643, e nesta occupaçaõ foy empregado Gaspar de Faria Severim. E para mais alivio dos Secretarios, e utilidade dos seus Vassallos creou novo Secretario para a Assinatura, a quem eraõ remettidos todos os papeis lavrados pelo expediente dos Tribunaes, e deviaõ ser assinados por ElRey, excepto os das Secretarias de

Prova num. 19.

de Eſtado, e das Merces, porque eſtes meſmos os levavaõ à preſença delRey, e neſta fórma duraraõ eſtas Secretarias até o anno de 1736; porque ElRey D. Joaõ V. lhe deu melhor ordem, creando tres Secretarios de Eſtado, como diremos em ſeu lugar.

Deſejou muito pôr as Ordens Militares na obſervancia das ſuas Definições, Bullas, e coſtumes, para o que nomeou Commendadores môres. Ao Infante Dom Duarte ſeu irmaõ fez Commendador môr de Chriſto, e pela ſua auſencia em Alemanha nomeou ſeu Tenente a Dom Vaſco Maſcarenhas, Conde de Obidos, do Conſelho de Guerra. Ao Infante D. Affonſo ſeu filho, que depois foy Rey, nomeou Commendador môr de Santiago, e pela ſua menoridade, por ſeu Tenente a Pedro de Mendoça Furtado, Alcaide môr de Mouraõ. E de Aviz, de que era Commendador môr D. Franciſco Luiz de Lencaſtre, que ſe achava auſente em Caſtella, nomeou por ſeu Tenente a Fernaõ Telles de Menezes, do Conſelho de Guerra. Aos Religioſos de S. Bernardo reſtituîo as rendas, que ſe lhe tinhaõ dividido, com titulo de Abbadia Commendataria do Real Moſteiro de Alcobaça, mandando paſſar Carta Patente aos Dons Abbades de Alcobaça do cargo de Eſmoler môr, feita em Liſboa a 18 de Agoſto de 1642, e nella diz: *Que por outra de 4 de Fevereiro do dito anno, reſtituira ao Moſteiro de Santa Maria de Alcobaça os bens, e*

Torre do Tombo, liv. 14. da ſua Chancellaria fol. 27.

rendas, e juriſdicções, que ſe haviaõ deſannexado, o cargo de eſmoler môr, e lho dá para os Abbades Geraes quando eſtiverem preſentes, e para a ſua auſencia nomearáõ por eſcrito para em virtude della lhe mandar paſſar Carta. O que na meſma fórma ſe pratíca. Tambem ordenou, que no meſmo Moſteiro ſe reſtituiſſe o *Lauſperenne*, que em tempos antigos tinha havido naquella Caſa, e ſe obſerva hoje com grande veneraçaõ do Santiſſimo Sacramento, em cuja preſença eſtaõ Religioſos de dia, e de noite em todo o anno occupados em louvores de Deos. Naõ teve effeito eſta devoçaõ no ſeu reynado, mas veyo-ſe a dar a ella comprimento no anno de 1672 no reynado de ſeu filho. Com o myſterio da Puriſſima Conceiçaõ da Virgem Maria Senhora Noſſa teve taõ grande devoçaõ, que nas Cortes, que celebrou em Lisboa no anno de 1646, a declarou por Padroeira, e Defenſora dos Reynos, e Senhorios de Portugal. Pelo que em o dia, que a Igreja celebrava a feſta da Annunciaçaõ da Senhora, que foy no Domingo de Ramos do anno de 1646, pelas tres horas da tarde jurou a Conceiçaõ Immaculada, e para eterno padraõ da ſua piedade, lançaremos aqui a propria Proviſaõ, que mandou paſſar, e he a ſeguinte.

Santos, *Alcobaça illuſtrada*, tit. 18. pag. 552.

„ Dom Joaõ por graça de Deos Rey de Por„ tugal, e dos Algarves, daquem, e dalem mar, em „ Africa Senhor de Guine, e da Conquiſta, Nave„ gaçaõ, e Commercio de Ethiopia, Arabia, Per„ ſia,

„ sia, e da India, &c. Faço saber aos que esta mi-
„ nha Provisaõ virem, que sendo ora restituido
„ por merce muito particular de Deos Nosso Se-
„ nhor à Coroa desses meus Reynos, e Senhorios
„ de Portugal, considerando, que o Senhor Rey
„ D. Affonso Henriques, meu Progenitor, e pri-
„ meiro Rey deste Reyno, sendo acclamado, e le-
„ vantado por Rey, em reconhecimento de taõ
„ grande merce, de consentimento de seus Vassal-
„ los, tomou por especial Advogada sua a Virgem
„ Mãy de Deos, Senhora nossa, e debaixo de sua
„ sagrada protecçaõ, e amparo lhe offereceo a todos
„ seus successores, Reynos, e Vassallos, com par-
„ ticular tributo em sinal de feudo, e vassallagem.
„ Desejando eu imitar seu santo zelo, e a singular
„ piedade dos Senhores Reys meus predecessores,
„ reconhecendo ainda em mim aventajadas, e con-
„ tinuas merces, e beneficios da liberal, e poderosa
„ maõ de Deos Nosso Senhor, por intercessaõ da
„ Virgem Nossa Senhora da Conceiçaõ. Estando
„ ora junto em Cortes com os Tres Estados do
„ Reyno, lhe fiz propor a obrigaçaõ, que tinha-
„ mos, de renovar, e continuar esta promessa, e ve-
„ nerar com muito particular affecto, e solemnida-
„ de a festa de sua Immaculada Conceiçaõ. E nel-
„ las com parecer de todos assentámos de tomar
„ por Padroeira de nossos Reynos, e Senhorios a
„ Santissima Virgem Nossa Senhora da Conceiçaõ,
„ na fórma dos Breves do Santo Padre Urbano Oi-

„ tavo,

„ tavo, obrigandome a haver confirmaçaõ da San-
„ ta Sé Apostolica, e lhe offereço de novo em meu
„ nome, e do Principe Dom Theodosio meu sobre
„ todos amado, e prezado filho, e todos meus des-
„ cendentes successores, Reynos, e Vassallos à sua
„ Santa Casa da Conceiçaõ sita em Villa-Viçosa,
„ por ser a primeira, que houve em Hespanha des-
„ ta invocaçaõ, cincoenta cruzados de ouro em
„ cada hum anno, em sinal de tributo, e vassalla-
„ gem. E da mesma maneira promettemos, e ju-
„ ramos com o Principe, e Estados de confessar, e
„ defender sempre, (até dar a vida sendo necessario)
„ que a Virgem Maria Mãy de Deos foy concebi-
„ da sem peccado original, tendo respeito a que
„ a Santa Madre Igreja de Roma, a quem somos
„ obrigados seguir, e obedecer, celebra com parti-
„ cular Officio, e Festa sua Santissima, e Immacu-
„ lada Conceiçaõ; salvando porém este juramento
„ no caso, em que a mesma Santa Igreja resolva o
„ contrario. Esperando com grande confiança na
„ infinita misericordia de Deos Nosso Senhor, que
„ por meyo desta Senhora Padroeira, e Protectora
„ de nossos Reynos, e Senhorios, de quem por hon-
„ ra nossa nos confessamos, e reconhecemos Vassal-
„ los, e tributarios, nos ampare, e defenda de nos-
„ sos inimigos com grandes accrescentamentos des-
„ tes Reynos, para gloria de Christo nosso Deos,
„ e exaltaçaõ de nossa Santa Fé Catholica Roma-
„ na, conversaõ das gentes, e reducçaõ dos Here-
„ ges.

„ ges. E se alguma pessoa intentar cousa alguma
„ contra esta nossa promessa, juramento, e vassalla-
„ gem, por este mesmo feito, sendo Vassallo, o ha-
„ vemos por naõ natural, e queremos, que seja lo-
„ go lançado fóra do Reyno; e se for Rey, o que
„ Deos naõ permitta, haja a sua, e nossa maldiçaõ,
„ e naõ se conte entre nossos descendentes, esperan-
„ do, que pelo mesmo Deos, que nos deu o Rey-
„ no, e sobio à Dignidade Real, seja della abati-
„ do, e despojado. E para que em todo o tempo
„ haja certeza desta nossa eleiçaõ, promessa, e jura-
„ mento, firmada, e estabelecida em Cortes, man-
„ dámos fazer della tres Autos publicos, hum, que
„ será levado à Corte de Roma, para se expedir a
„ confirmaçaõ da Santa Sé Apostolica; e outros
„ dous, que juntos à dita confirmaçaõ, e esta mi-
„ nha Provisaõ se guarde no Cartorio da Casa de
„ Nossa Senhora da Conceiçaõ de Villa-Viçosa, e
„ na nossa Torre do Tombo. Dada nesta nossa Ci-
„ dade de Lisboa aos vinte e cinco dias do mez de
„ Março. Balthesar Rodrigues Coelho a fez, an-
„ no do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo
„ de mil e seiscentos e quarenta e seis. Pedro Vi-
„ eira da Sylva a fez escrever.

REY.

E querendo manifestar mais este testemunho da sua piedade, mandou pôr nas partes mais publicas desta Cidade diversos Padroens, onde se lê:

ÆTER-

ÆTERNIT. SACR.
IMMACVLATISSIMÆ
CONCEPTIONI MARIÆ
IOAN. IV. PORTVGALL. REX
VNA CVM GENERAL. COMITIIS
SE, ET REGNA SVA
SVB ANNVO CENSV TRIBVTARIA
PVBLICE VOVIT,
ATQVE DEIPARAM IN IMPERII TVTELARẼ
ELECTAM
A LABE ORIGINALI PRAESERVATĂ PERPETVO
DEFENSVRVM
IVRAMENTO FIRMAVIT,
VIVERET VT PIETAS LVSITAN.
HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE
PERENNE
EXARARI IVSSIT
ANN. CHRISTI M. DC. XL. VI.
IMPERII SVI VI.

E para que se inflammassem os seus Vassallos em obsequio da Virgem Santissima, mandou bater huma medalha de ouro, e prata em louvor da Sagrada Conceiçaõ da Virgem com a Imagem da Senhora, na fórma, que vay esculpida no Livro V. que por huma Ley mandou correr, a de ouro pelo valor de doze mil reis, e a de prata por seis tostoens; e tambem ordenou, que na Universidade de Coimbra ninguem pudesse ser unido ao seu corpo,

po, tomando grao, ſem primeiro jurar a Pureza da Senhora neſte Myſterio. O que mandou intimar à Univerſidade por huma Carta de 17 de Janeiro de 1646, na qual ordenava, que todos os Lentes, e Eſtudantes, quando tomaſſem qualquer grao, juraſſem defender, que a Virgem Noſſa Senhora fora concebida em graça ſem a macula do peccado original, como ſe obſervava na Univerſidade de Salamanca deſde o anno de 1618, e com a dita Carta mandou a fórma do tal juramento, que ſe imprimio no fim dos Eſtatutos da meſma Univerſidade. Leo-ſe a Carta em Clauſtro a 20 de Junho do dito anno, em que ſe aſſentou ſe fizeſſe o juramento com a mayor ſolemnidade poſſivel; e aſſim a 28 do dito mez (precedendo na veſpera à noite luminarias, e repiques na Univerſidade, e em todos os Collegios, e outras demonſtrações de applauſo) ſe ajuntaraõ os Lentes de todas as faculdades na Capella da Univerſidade, onde diſſe Miſſa de Pontifical D. Leonardo de Santo Agoſtinho, Geral dos Conegos Regrantes, e Cancellario da Univerſidade; prégou Fr. Leaõ de Santo Thomás, Monge de S. Bento, Lente de Veſpera de Theologia igualado a Prima. Acabado o Pontifical, o Geral Cancellario ſe poz a hum lado do Altar com Mitra, e Bago, e fez o juramento lendo-o em voz alta, eſtando todos de joelhos, e elle em pé; e deſcendo os degraos do Altar, ſe aſſentou no plano em huma cadeira com hum Miſſal diante, e logo o

Reytor acompanhado do Secretario, e Bedeis com maças, posto de joelhos, fez o juramento, e o mesmo fizeraõ os Lentes de todas as faculdades por sua ordem. Em memoria deste juramento se levantou huma pedra com huma Inscripçaõ, que está na Capella junto do Altar de Nossa Senhora, e desde entaõ se observa inviolavelmente este obsequioso reconhecimento da devoçaõ delRey.

Finalmente tendo feito liga com poderosissimas Potencias de Europa, em que enterteve os seus Embaixadores com grande luzimento, e recebido com magestade os dos seus Alliados; sendo dotado de taõ religiosa piedade, que antepoz sempre as Leys Divinas aos interesses humanos, com tal veneraçaõ à Santa Igreja de Roma, que por justificar a sua obediencia buscou todos os meyos, e fez as diligencias mais poderosas pela conseguir, naõ se persuadindo já mais das razoens, com que os Theologos o persuadiraõ na materia dos Bispos; e tendo vencido a seus inimigos em Europa, e tendo-se defendido em Africa, peleijado na Asia, e triunfado na America, lhe sobreveyo huma suppressaõ, em que naõ obrando os remedios da medicina, luziraõ os da piedade Christãa em fervorosos actos de Fé, Esperança, e Caridade, corroborados com o Santissimo Viatico: e tendo com animo Real exhortado a seus filhos ao amor, e amisade, aos Vassallos de mayor distinçaõ à concordia, e ao zelo do bem da Patria, pacificou as Familias, que estavaõ desavin-

desavindas, aos Ministros de mayor caracter recommendou as obrigações dos seus lugares, aos Generaes, e Officiaes mandou, que partissem logo para as suas Provincias, e chamou à sua presença ao Conde de Soure, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, ao qual advertio todos os accidentes, que podiaõ occorrer depois da sua morte, apontandolhe prudentissimos meyos para os atalhar, e depois de lhe segurar a grande confiança, que sempre fizera do seu zelo, valor, e prudencia, lhe ordenou partisse logo para Alentejo. O Conde opprimido do sentimento, brotandolhe os olhos affectuosissimas lagrimas, foraõ estas as mais eloquentes expressoens, com que agradeceo a ElRey a honra, com que repetia as virtudes, de que elle se adornou, e separado delRey, sem interpolaçaõ, passou para Alentejo.

Ordenou ElRey o seu Testamento com grande piedade, e religiaõ; porque nelle se vê o amor, uniaõ, e estimaçaõ, que fazia da Rainha, que deixou por sua Testamenteira, nomeando-a por Tutora, e Curadora do Principe, e Infantes seus filhos, e Regente, e Governadora, em quanto durasse a menoridade do Principe. E porque no caso de succeder, que falecesse a Rainha, ainda na menoridade do Principe, mandou, que a Rainha neste caso pudesse nomear Tutor, ou Tutores, Curador, ou Curadores, e Governador, ou Governadores dos seus Reynos, como a ella lhe parecesse,

Prova num. 20.

o que tudo ſe compriria como ſe elle o mandara. Eſta ſubſtituiçaõ authoriſou com o poder Real, e abſoluto, diſpenſando as Leys, ou Ordenações, que diſpuzeſſem o contrario. Mandou, que o ſeu corpo foſſe ſepultado no Coro da Capella môr do Moſteiro de S. Vicente de Fóra, no lugar, que pareceſſe mais decente à Rainha, ordenando, que ao meſmo Moſteiro ſeriaõ trasladados os oſſos do Principe D. Theodoſio, e da Infanta D. Joanna ſeus filhos, que eſtavaõ em depoſito no Moſteiro de Belem, inſtituindo quatro Miſſas quotidianas, que diriaõ os Religioſos, duas pela ſua alma, e duas pela do Principe, e Infantes ſeus filhos. Deixou nomeada à Rainha a peſſoa, que havia de ſer Ayo do Principe. Deixou tambem hum papel de couſas particulares, o qual ſe cumpriria como parte do ſeu Teſtamento, e era aſſinado por ElRey, e pelo Biſpo eleito do Japaõ, ſeu Confeſſor, pelo Biſpo eleito da Guarda, pelo Padre Joaõ Nunes, Confeſſor da Rainha, Antonio Cavide, e o Doutor Pedro Fernandes Monteiro. Finalmente ao arbitrio da Rainha entregou todas as ſuas diſpoſições mais particulares com grande confiança, como ſe vê deſtas formaes palavras: *Nomeo por minha Teſtamenteira, executora deſta diſpoſiçaõ, e dos deſcargos de minha alma à Rainha, minha ſobre todas muito amada, e prezada mulher, e lhe rogo pelo amor, que lhe tenho, e pela grande eſtimaçaõ, que ſempre fiz da ſua peſſoa, e de ſuas virtudes, ſe lembre, que a muita confi-*

confiança, com que lhe entrego a minha alma, os Reynos, e os filhos, merece achar tudo isto nella, a correspondencia, que sempre experimentey no seu amor. As Missas, as esmolas, e mais suffragios da alma, e a fórma do meu enterramento deixo à disposição da Rainha minha Testamenteira, de quem tenho por muito certo fará tudo melhor, e com mais largueza, do que eu o declararia; e recommendoulhe a educaçaõ de seus filhos, e o amparo dos seus criados, e outras memorias dignas de hum Rey prudente, e Christaõ: e concluindo com as ultimas clausulas do seu Testamento, faremos o mayor elogio da sua pessoa, porque ellas abonaõ o acerto das suas acções, mostraõ a grandeza do seu coraçaõ, o amor, que teve aos seus Vassallos, a justiça, com que reynou, e sobre tudo a Christandade, com que obrava, de sorte, que estas virtudes, que o fizeraõ digno de hum Imperio, devemos piamente crer lho conseguiraõ mais glorioso na eternidade. Saõ as suas proprias palavras as seguintes: *Os Principes saõ mais obrigados, que os outros homens, a justificar seus procedimentos para com o Mundo, principalmente quando delles resulta honra, e credito para a sua Naçaõ, e Vassallos: por esta razaõ tenho por conveniente declarar neste lugar, que pela hora, em que estou, e pela conta, que hey de dar a Deos, me resolvi a restituirme a esta Coroa, sem nenhum respeito particular da minha pessoa, senaõ por livrar os Reynos, que me pertencem, das miserias, que lhe via padecer*

decer em eſtranha ſogeiçaõ, e por entender era obrigado a iſſo em minha conſciencia, ſogeitandome por eſta cauſa, a vida, e trabalhos, poderaõ ſer differentes da minha inclinaçaõ; e como o meu intento foy taõ juſto, tenho, e tive ſempre por certo da bondade, e juſtiça de Deos, ſe pague muito delle, e aſſim o experimentey, e lho deſejey merecer no governo de meus Reynos; porque pela meſma hora, em que eſtou, affirmo, que naõ fiz nelle couſa contra o que entendi, aſſim no governo commum, como em requerimentos particulares de meus Vaſſallos, a que deſejey contentar, e fazer merce, quanto a juſtiça, e eſtado das couſas do Reyno o permittiraõ. Foy feito o Teſtamento em 2 de Novembro de 1656, eſcrito pelo Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva, ao qual foraõ preſentes, e teſtemunhas nomeadas por ElRey, o Marquez de Niza, do Conſelho de Eſtado, o Marquez Mordomo môr D. Joaõ da Sylva, o Biſpo Capellaõ môr, do Conſelho de Eſtado, o Conde de Odemira, do Conſelho de Eſtado, e Preſidente do Conſelho Ultramarino, o Conde de Villar-Mayor, do Conſelho de Eſtado, o Conde de Villa-Pouca de Aguiar, do Conſelho de Eſtado, o Conde de Miranda, o Conde Camereiro môr, do Conſelho de Eſtado, o Conde de Soure, do Conſelho de Guerra, Ruy de Moura Telles, do Conſelho de Eſtado, e Védor da Fazenda, o Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, o Conde de Prado, Eſtribeiro môr, Luiz de Mello, Porteiro môr, D.

Joaõ

Joaõ de Almeida, Védor da Caſa delRey, D. Antonio de Mendoça, Preſidente da Meſa da Conſciencia, e Ordens, eleito Arcebiſpo Primaz, Gaſpar de Faria Severim, do Conſelho de Sua Mageſtade, e ſeu Secretario do Expediente, Rodrigo de Figueiredo de Alarcaõ, Dom Rodrigo da Cunha, Chantre de Lisboa, Luiz de Souſa, Pedro Severim de Noronha, o Padre Confeſſor de Sua Mageſtade, Biſpo eleito do Japaõ, o Doutor Pedro Fernandes Monteiro, do Conſelho de Sua Mageſtade, e ſeu Deſembargador do Paço, Pedro Vieira da Sylva, do Conſelho de Sua Mageſtade, e ſeu Secretario de Eſtado, Antonio Cavide, Secretario de Sua Mageſtade, e do Conſelho da Fazenda. E no meſmo dia fez hum papel de algumas couſas, que ordenava, que eſcreveo o meſmo Secretario. Aggravava-ſe cada dia a doença, e tendo recebido o Santiſſimo Viatico com grande devoçaõ da maõ do Biſpo Capellaõ môr D. Manoel da Cunha, aſſiſtido da Rainha, Principe, e Infantes, e depois ultimamente o Sacramento da Unçaõ, e repetindo fervoroſamente o Nome de Jeſus, e da Virgem Immaculada da Conceiçaõ, morreo na Corte de Lisboa em huma ſegunda feira 6 de Novembro de 1656, tendo de idade cincoenta e dous annos, ſete mezes, e dezoito dias, dos quaes foy vinte e ſeis Duque de Barcellos, dez Duque de Bragança, e dezaſeis, menos vinte e quatro dias, Rey de Portugal, coroado de vitorias, e glorioſos ſucceſſos,

que

que o fizeraõ amado dos ſeus, e reſpeitado dos inimigos, de ſorte, que nada pode perturbar a felicidade deſte grande Principe, do que a morte de ſeu filho o Principe D. Theodoſio, em quem ſe viaõ as virtudes unidas delRey ſeu pay, e da Rainha ſua mãy, perda a Portugal a mais ſenſivel, em quem as virtudes o faziaõ ainda mais digno da poſſeſſaõ da Coroa.

Creou de novo diverſos titulos, confirmou todos os que ſe haviaõ dado na dominaçaõ de Caſtella, e alguns, que ſe extinguiraõ por falta de ſucceſſaõ, os renovou em peſſoas da meſma Familia, fazendolhe nova merce.

Ao Principe D. Theodoſio herdeiro do Reyno ordenou por huma Carta Patente ſe chamaſſe Principe do Braſil, e Duque de Bragança, annexando eſte grande Eſtado para ſempre ao ſucceſſor da Coroa em quanto naõ ſuccedeſſe nella: foy a Carta paſſada em Lisboa a 27 de Outubro de 1645, que eſtá na Torre do Tombo no livro 13. fol. 357 da ſua Chancellaria. Por ſua morte ſe paſſou Carta de Confirmaçaõ por ſucceſſaõ ao Principe Dom Affonſo ſeu irmaõ, feita a 23 de Mayo de 1654, que eſtá no livro 27. fol. 20.

Ao Infante D. Pedro ſeu filho fez Doaçaõ da Cidade de Béja com o titulo de Duque, renovando eſta dignidade, que tivera ElRey D. Manoel antes de ſer Rey, por merce delRey D. Joaõ II. Foy paſſada a Doaçaõ em Lisboa a 11 de Agoſto de

de 1654, que está na Chancellaria do dito anno, fol. 99, de que se lhe passou tambem Carta de assentamento feita a 7 de Mayo do anno de 1655, e nella diz: *Faço saber aos que esta minha Carta virem, que havendo respeito a ter declarado ao Infante D. Pedro, meu muito amado, e prezado filho, Duque de Béja. Hey por bem, e me praz, que tenha, e haja de minha fazenda com o dito titulo de Duque setecentos e cincoenta mil reis de seu assentamento*, liv. 25. fol. 143.

A D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, creou Duque de Cadaval, de que se lhe passou Carta feita em Lisboa a 18 de Julho de 1648, que está na dita Chancellaria, livro 2. fol. 99 vers. Ao mesmo Duque, vivendo seu pay, e naõ sendo entaõ mais, que Conde de Tentugal, lhe fez merce deste Condado de juro, e herdade para sempre, com as mesmas prerogativas, que tivera o Conde de Alcoutim filho do Marquez de Villa-Real, com duzentos e setenta mil reis, que lhe pertenciaõ, e diz, que o fazia *pelo divido, e parentesco*, que tinha com ElRey. Foy passada a 20 de Março de 1641, e está no livro 3. fol. 186.

A D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, fez Marquez de Aguiar, de que tirou Carta passada a 8 de Setembro de 1643, que está no liv. 17. fol. 114; e nella diz: *Do meu Conselho de Estado, e meu muito amado sobrinho.*

A D. Alvaro Pires de Caſtro, VI. Conde de Monſanto, creou Marquez de Caſcaes, de que ſe lhe paſſou Carta a 19 de Novembro de 1645, que eſtá no dito livro fol. 45.

A D. Vaſco Luiz da Gama, V. Conde da Vidigueira, do ſeu Conſelho de Eſtado, Embaixador Ordinario a França, fez Marquez de Niza, de que ſe lhe paſſou Carta a 18 de Outubro de 1646, que eſtá no dito livro fol. 287, e ao meſmo fez merce para ſeu filho D. Franciſco Balthaſar Luiz Antonio da Gama do titulo de Conde da Vidigueira de juro, e herdade para ſempre, ſegundo a fórma da Ley Mental; e que daquella merce por diante todos os ſucceſſores, que conforme a Ley Mental herdaſſem a Caſa, ſe chamariaõ Condes da Vidigueira, ſem para iſſo ſer neceſſario tirar Carta, Proviſaõ, ou licença dos Reys ſeus ſucceſſores, a quem na fórma deſta Carta os Védores da Fazenda lhe fariaõ paſſar o Padraõ do ſeu aſſentamento. Foy feita a Carta a 24 de Outubro de 1646, e eſtá no livro 17. fol. 285.

A Joaõ da Sylva Tello de Menezes, I. Conde de Aveiras, do ſeu Conſelho de Eſtado, e Regedor da Caſa da Supplicaçaõ, quando foy ſegunda vez por Vice-Rey do Eſtado da India, lhe fez merce, entre outras, do titulo de Marquez de hum dos Lugares, de que elle era Senhor, quando chegaſſe da India, e que pelo referido Alvará ſe lhe paſſaria Carta, o qual foy paſſado a 9 de Fevereiro de

de 1650, que está no livro 15 fol. 265. E lhe fez merce do titulo de Conde de juro, e herdade para elle, e seus successores, conforme a Ley Mental, e em quanto se lhe naõ passava Carta de Marquez, se chamaria o Conde Joaõ da Sylva, a qual merce foy feita a 9 de Fevereiro de 1650; e tambem lhe fez a do Officio de Regedor, em que o proveria quando voltasse da India.

A D. Joaõ da Sylva, II. Marquez de Gouvea, VI. Conde de Portalegre, e seu Mordomo môr, a quem dá o tratamento de sobrinho, fez merce entre outras do titulo de Marquez de juro para elle, e seus descendentes, conforme a Ley Mental, em attençaõ aos serviços do Marquez seu pay, e de estar casado com D. Luiza de Menezes, Dama da Rainha: foy passada a Carta em Alcantara a 20 de Mayo de 1655, e está no livro 16 fol. 422.

A D. Francisco de Faro fez Conde de Odemira de juro, e herdade, conforme a Ley Mental, dandolhe as Villas de Mortagua, e Penacova, por Carta passada a 9 de Julho de 1646, que está no livro 19 fol. 145: dalhe nella o tratamento de meu *muito amado sobrinho*, com o assentamento, que costumaõ ter os Condes, que tem parentesco com os Reys. Este titulo havia caducado em D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira, por naõ deixar successaõ, de quem Dom Francisco ainda que parente transversal, e em grao muito remoto, supposto, que da mesma Real varonia da Serenissima

Casa de Bragança, quiz ElRey continuar este titulo.

A Mathias de Albuquerque, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, creou Conde de Alegrete, de que se lhe passou Carta em Lisboa no primeiro de Junho de 1644, que está no livro 16. fol. 241. vers.

A D. Fernando Mascarenhas, Marichal do Reyno, creou Conde de Serem, como se vê da Carta desta merce feita a 18 de Abril de 1643, que está no livro 16 fol. 112.

A D. Francisco de Sousa em virtude da renuncia, que nelle havia feito seu tio o Conde de Prado D. Luiz de Sousa deste titulo, e das Villas de Prado, e Beringel, lhe mandou passar Carta de Conde de Prado, feita a 17 de Março de 1644, que está no livro 17. fol. 41.

A D. Fernando de Menezes confirmou o titulo de Conde da Ericeira, que seu tio o Conde D. Diogo de Menezes tinha nomeado nelle, em attençaõ aos seus serviços, e tambem por casar com D. Leonor Filippa de Noronha, Dama que fora da Rainha, e para o filho, que nascesse daquelle matrimonio. Foy feita a Carta a 11 de Abril de 1646, e está no livro 17. fol. 270.

A Antonio Telles de Menezes, do seu Conselho de Estado, e General da Armada, creou Conde de Villa-Pouca de Aguiar, de que tirou Carta feita a 5 de Agosto de 1647, que está no livro 18. fol. 263.

A

A D. Miguel de Almeida creou Conde de Abrantes, renovando este titulo, que já tiveraõ seus antepassados, como se vê da Carta feita a 12 de Novembro de 1645, que está no livro 18. fol. 80.

A Dom Joaõ da Costa, do seu Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General do Exercito de Alentejo, creou Conde de Soure, de que se lhe passou Carta feita em Lisboa a 15 de Outubro de 1652, que está no livro 22. fol. 206.

A Fernaõ Telles de Menezes, do seu Conselho de Guerra, Regedor da Casa da Supplicaçaõ, e Gentil-homem da Camera do Principe D. Theodosio, creou Conde de Villar-Mayor, de que se lhe passou Carta a 29 de Agosto de 1652, que está no livro 22. fol. 228.

A D. Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, a quem passou Carta deste titulo, que tinha por Castella, se passou a de Conde sobrinho com o assentamento, que por ella lhe pertencia, a 19 de Mayo de 1646, e está no livro 17. fol. 271.

A D. Vasco Lobo, Baraõ de Alvito, creou Conde de Oriola, de que se lhe passou Carta a 19 de Dezembro de 1652, que está no livro 25. fol. 63.

A D. Antonio de Noronha creou Conde de Villa-Verde, de que era Senhor, e se lhe passou Carta a 10 de Dezembro de 1654, que existe no livro 27. fol. 32.

A Dom Martinho, Principe de Arraçaõ, que era

era filho delRey de Chitigaõ, e neto do de Arracaõ, Principe herdeiro de ſeus Reynos, pelos ſerviços feitos a eſta Coroa no Eſtado da India, depois que fora trazido para Goa de idade de cinco para ſeis annos, e ter recebido a agua do Bautiſmo, fez merce da Capitanía de Goa por Alvará de 19 de Março de 1645 por nove annos, com entertenimento do Paço de S. Lourenço: e do Conſelho de Eſtado da India, com o tratamento de Senhoria, por Alvará de 11 de Janeiro de 1646, que eſtá no livro 17. fol. 233, e nelle diz: *Hey por bem de declarar, que ſe lhe falle por Senhoria, e que aſſim ſeja tratado daqui em diante no Reyno, e fóra delle, em geral, e particular, &c.*

A D. Pedro de Caſtellobranco fez Viſconde de Caſtellobranco junto a Sacavem, de que ſe lhe paſſou Carta a 25 de Setembro do anno de 1649, que eſtá no livro 20 fol. 336.

Seguindo o meſmo methodo, que temos obſervado nas vidas dos Reys, ſeus predeceſſores, referiremos os Fidalgos, que no ſeu Reynado achámos ſerviraõ os officios da Caſa Real, Corte, e Reyno, ſem que pertendamos dar hum Catalogo exacto, como já outras vezes declarámos; os quaes referimos ſem preferencia, mas ſó como os achámos na ſua Chancellaria, ou em outros documentos.

D. Franciſco de Mello, Marquez de Ferreira, do ſeu Conſelho de Eſtado, ſervio de Condeſtavel na

na ſolemnidade do auto, em que foy levantado Rey a 15 de Dezembro de 1640. E depois no da ratificaçaõ do Juramento, que os Tres Eſtados do Reyno fizeraõ a ElRey, em que tambem foy jurado herdeiro da Coroa o Principe D. Theodoſio, na Cidade de Liſboa a 28 de Janeiro de 1641, fez o meſmo Marquez o officio de Condeſtavel. Depois no auto das Cortes naõ aſſiſte o Condeſtavel, e ſómente a inſignia, que he o Eſtoque, que leva na maõ levantado o Copeiro mòr, como entaõ no dia 29 do referido mez levou Martim de Souſa de Menezes, Copeiro mòr, por preeminencia do ſeu officio, e tem differente lugar, que o Condeſtavel; porque eſte tem o ſeu lugar no eſtrado pequeno, em que fica o throno delRey, e o Copeiro mòr eſtá no ſegundo eſtrado. E porque no referido auto das Cortes todos os Grandes Seculares, e Eccleſiaſticos, os Donatarios, Alcaides mòres, e Procuradores das Cidades, e Villas, todos eſtaõ aſſentados, aſſim o eſteve o Marquez no lugar, que lhe competia pela dignidade de Marquez: e por eſta razaõ parece he que naõ coſtuma haver mais, que no dia da ſolemnidade do Juramento a aſſiſtencia do Condeſtavel, que eſtá em pé, e deſcoberto, como todas as mais peſſoas, que aſſiſtem, ainda que ſejaõ Infantes, eſtaõ em pé, e deſcobertos, como ſe vê nos Autos das Cortes, que ſe imprimiraõ. E para que naõ equivoquem o officio de Condeſtavel, como às vezes ſuccede, entendendo-ſe, que porque o Co-

o Copeiro môr tem o Estoque, faz o officio de Condestavel, mostramos a differença, que vay de huma a outra occupaçaõ; e assim se vê, que nunca o Copeiro môr faz o officio de Condestavel, cuja occupaçaõ se deu muitas vezes aos Infantes, e sempre às mayores pessoas do Reyno, como já deixámos escrito no Capitulo XX. do Livro VI.

D. Alvaro da Costa, Doutor em Theologia, Conego Magistral da Sé de Coimbra, que havia sido Collegial do Collegio Real de S. Paulo, e Reytor daquella Universidade, foy seu Capellaõ môr, lugar, que occupou até 13 de Fevereiro de 1642, em que faleceo, estando nomeado Bispo de Viseu. Consta do Auto do Levantamento.

D. Manrique da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr, lugar, que exercitou até o anno de 1647, como adiante se verá, e consta do referido Auto.

D. Joaõ da Sylva, Conde de Portalegre, depois Marquez de Gouvea, foy Mordomo môr por Carta feita em Alcantara a 18 de Mayo de 1647, a qual está no livro 16. da sua Chancellaria, fol. 522. Succedeo ao Marquez D. Manrique seu pay, como refere a mesma Carta, dizendo: *Por ser filho do Marquez de Gouvea, do meu Conselho de Estado, &c. e haver o dito seu pay renunciado o dito officio.* O qual no Auto do Levantamento de 15 de Dezembro de 1640 exercitou já o seu officio.

Luiz de Miranda Henriques, Commendador de

de Cabeço de Vide, Alter Poderoso, e Hospital da Granja na Ordem de Aviz, foy seu Estribeiro môr, como se vê no Auto referido das Cortes de 1641.

Pedro Guedes de Miranda, Senhor de Murça, Branchaes, Agua-Reves, e Torre de Dona Chama, Commendador de Cabeço de Vide, e das mais Commendas de seu pay, succedeo no officio de Estribeiro môr, de que tirou Carta feita em Lisboa a 20 de Junho de 1647, que está no livro 18. fol. 370 da dita Chancellaria.

D. Joaõ de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ, que depois foy do Conselho de Estado, e Embaixador a Inglaterra, foy seu Camereiro môr, como se vê no Auto das ditas Cortes, acima allegado, e depois tirou Carta passada a 24 de Abril de 1647, que está a fol. 97 do livro 20 da sua Chancellaria.

Pedro de Mendoça Furtado, Alcaide mór de Mouraõ, foy Guarda mór da sua pessoa, como se vê no referido Auto das Cortes.

Bernardim de Tavora, foy seu Reposteiro mór, lugar, que já tinha, e exercitou no seu tempo, como se vê no Auto referido das Cortes acima allegadas, e teve Carta passada no primeiro de Agosto de 1644, que está no livro 16. fol. 254 da sua Chancellaria.

Fernaõ Telles de Menezes, Commendador de Moura na Ordem de Aviz, e outras, e depois

Conde de Villar-Mayor, servio de Alferes môr no Auto do Levantamento delRey, como nelle se vê.

Luiz de Mello, Alcaide môr de Serpa, Commendador de Santa Maria de Algodres na Ordem de Christo, e de Serpa na de Aviz, foy Porteiro môr delRey, como se vê no Auto referido das Cortes. Foy tambem seu Capitaõ da Guarda.

Francisco de Mello, Commendador do Pinheiro, e de Santiago de Santarem, e dos Casaes da Feiteira na Ordem de Christo, e outras, que depois foy Embaixador a França, e o primeiro General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, foy Monteiro môr do Reyno, como se vê no referido Auto das Cortes.

D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Alcaide môr de Torres-Vedras, Commendador de S. Pedro na mesma Villa, da Ordem de Christo, foy Mestre Salla, officio, que exercitou no Auto das Cortes, em que ElRey foy levantado, como nelle se vê, e o teve pouco tempo.

D. Pedro da Costa, Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Aviz, foy Armeiro môr delRey, como refere o dito Auto das Cortes.

D. Joaõ de Castellobranco, Commendador de S. Gabriel da Granja de Ulmeiro, da dos Casaes de Paliaõ, e Casa Velha na Ordem de Christo, e da Espada de Elvas da Ordem de Santiago, servio de Meirinho môr na ausencia de seu irmaõ Dom

Fran-

Francisco de Castellobranco, Conde de Sabugal, de quem era este officio, o que consta do Auto das referidas Cortes.

Dom Lourenço de Sousa, Commendador da Ordem de Christo, foy seu Capitaõ da Guarda, como se vê no referido Auto.

Pedro da Cunha, Commendador de Monforte na Ordem de Christo, Alcaide môr da Villa de Aldea-Gallega da Merciana, foy Trinchante, como se vê no referido Auto.

Manoel de Sousa da Sylva, Commendador do Casal, e S. Martinho do Bispo na Ordem de Aviz, servio de Aposentador môr, como refere o mesmo Auto das Cortes, e era Mestre Salla do Principe D. Theodosio, e depois foy Veador da Casa da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

D. Pedro Mascarenhas, no referido anno de 1640, foy Veador da Casa delRey, como se vê no referido Auto das Cortes allegado.

Thomé de Sousa, foy Veador da sua Casa por Carta de 22 de Janeiro de 1646, e della consta, que este lugar estava vago, como se vê no livro 13. da sua Chancellaria, fol. 359. Já havia sido seu Trinchante, o qual lugar vagou por Pedro da Cunha passar ao de Veador da Casa da Rainha, e se lhe passou Carta a 22 de Abril de 1641, que está no livro 11. fol. 302 da sua Chancellaria.

D. Francisco de Sousa, Conde do Prado, do seu Conselho, foy Veador da Casa Real, de que

ſe lhe paſſou Carta em Lisboa a 17 de Janeiro de 1650, que eſtá no livro 15. fol. 262.

Fernaõ de Souſa, foy Veador da Caſa Real por Alvará feito em Lisboa a 15 de Janeiro de 1650, e nelle diz: *Tendo reſpeito aos merecimentos de Thomé de Souſa, que Deos perdoe, Védor da minha Caſa, &c. e principalmente aos que elle me fez depois da minha reſtituiçaõ à Coroa, &c.* lhe faz merce da propriedade do dito officio.

D. Affonſo de Menezes, foy Meſtre Salla, de que ſe lhe paſſou Carta de propriedade feita em Liſboa a 22 de Abril de 1646, que eſtá no livro 18. da ſua Chancellaria, fol. 107.

Dom Nicolao Monteiro, Prior de Sedofeita, eleito Biſpo de Portalegre, foy Meſtre dos Infantes, como ſe vê no Alvará do ſeu ordenado, paſſado a 13 de Abril do anno de 1650, que eſtá no livro 19. fol. 365.

D. Antonio da Sylveira, foy ſeu Pagem da Caldeirinha, como ſe vê no Alvará paſſado em Liſboa a 13 de Outubro de 1647, em que ſuccedeo a Franciſco de Mello, livro 20. fol. 36.

Chriſtovaõ de Almada, foy Pagem da Caldeirinha, que vagou por D. Antonio de Noronha, como ſe vê no Alvará feito a 28 de Outubro de 1649, que eſtá no livro 20. fol. 18 verſ.

D. Antonio de Noronha, foy Pagem da Campainha, em que ſuccedeo a Jeronymo de Mendoça, como ſe vê no Alvará feito em Lisboa a 27 de Julho

Julho de 1649, que está no livro 21. fol. 186.

D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Palma, foy Meirinho môr por Alvará feito em 17 de Outubro de 1653, e nelle diz: *Que vagara por seu avô Dom Francisco de Castellobranco, Conde de Sabugal, de quem era legitimo successor*, &c. *fazendolhe merce da propriedade, que começaria a servir quando tivesse idade*; está o dito Alvará no livro 22. da sua Chancellaria, fol. 320.

Dom Joaõ Mascarenhas, Conde de Sabugal, servio de Meirinho môr pelo Conde de Palma ser menor, como se vê em hum Alvará feito em Lisboa a 19 de Dezembro de 1653, que está no livro 25. fol. 64.

Dom Joaõ de Almeida, foy Veador da Casa por Alvará feito em Lisboa a 18 de Outubro de 1653, e diz, que o fazia por servir o Conde de Prado de Estribeiro môr, o qual Alvará está no livro 22. fol. 321.

D. Francisco de Mello, foy Trinchante por serventia de Diogo de Brito Coutinho, a quem El-Rey tinha feito merce do dito officio, como se vê em hum Alvará passado em Lisboa a 9 de Janeiro de 1651, que está no livro 23. fol. 194.

D. Lucas de Portugal, foy Mestre Salla, de que tirou Carta de propriedade, feita em Alcantara a 12 de Abril de 1652, que está no livro 23. fol. 17.

D. Francisco de Sousa, Conde de Prado, Veador de sua Casa, e do seu Conselho de Guerra, ser-

vio

vio de Eſtribeiro mór por Alvará feito em Lisboa a 22 de Setembro de 1653, e nelle diz: *Por lho pedir Pedro Guedes no ſeu Teſtamento*, o qual Alvará eſtá no livro 26. fol. 10.

Gonçalo Pires de Carvalho, do ſeu Conſelho, foy Provedor das Obras do Paço: conſta de certa merce, que lhe fez em Lisboa a 4 de Agoſto de 1644, que eſtá no livro 18. fol. 59.

Dom Joaõ Maſcarenhas, Commendador de Mertola, e Alcaide mór de Montemór o Novo, o qual foy depois Conde de Santa Cruz pelo ſeu caſamento, foy Veador da ſua Caſa por Carta paſſada a 2 de Abril de 1641, e nella diz: *Havendo reſpeito aos merecimentos, e qualidades, que concorrem na peſſoa de D. Joaõ Maſcarenhas, Fidalgo de minha Caſa, meu muito amado ſobrinho, &c.* Eſtá no livro 11. fol. 99.

Fr. Dionyſio dos Anjos, Eremita de Santo Agoſtinho, foy ſeu Confeſſor, como ſe vê no Alvará do ſeu ordenado feito em Lisboa a 18 de Março do anno de 1641, que eſtá na dita Chancellaria, fol. 117 do livro 10.

Martim de Souſa de Menezes, foy ſeu Copeiro mór, por Carta feita a 2 de Abril de 1641, della conſta ſuccedeo a ſeu pay Jorge de Souſa. A dita Carta ſe conſerva no livro 11. fol. 122. Achouſe no Auto do Levantamento delRey.

Diogo de Brito Coutinho, foy ſeu Trinchante, de que ſe lhe paſſou Carta feita em Lisboa a 20 de

de Setembro de 1641. Nella se vê, que succedeo neste officio a D. Diogo Lobo seu tio, e está no livro 12. fol. 206.

Francisco de Lucena, foy seu Secretario de Estado por Carta feita a 31 de Janeiro do anno de 1641, e nella diz: *Do meu Conselho, havendo respeito à qualidade da sua pessoa, merecimentos, e serviços, continuados por espaço de trinta annos.* Livro 12. fol. 42.

D. Fernando Mascarenhas, foy Capitaõ môr dos Ginetes do Reyno, por Alvará de 27 de Março de 1641, na ausencia de seu irmaõ o Conde de Santa Cruz; está no livro 12. fol. 66.

Dom Jorge de Mello, foy Mestre Salla por Carta de 2 de Abril de 1641, na qual diz, que aquelle lugar se achava vago; e está no livro 12. fol. 87.

Dom Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, foy Almirante do Reyno, de que tirou Carta passada em Lisboa a 9 de Setembro de 1646, que está no livro 20. fol. 56.

Dom Carlos de Noronha, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, por Carta feita a 6 de Janeiro de 1641, que existe no livro 12. fol. 8.

Dom Lourenço de Brito, Visconde de Villa-Nova de Cerveira, do seu Conselho de Estado, foy Presidente do Desembargo do Paço, de que tirou Carta passada a 8 de Janeiro de 1641, que está no livro 13. fol. 6.

Jorge

Jorge de Mello, do seu Conselho, foy Capitaõ General das Galés desta Coroa por Alvará de 8 de Janeiro de 1641, e nelle diz: *Por estar ausente em Castella o Marquez de Porto-Seguro.* Existe o dito Alvará no livro 12. fol. 7.

D. Antonio Luiz de Menezes, do seu Conselho de Estado, foy Védor da sua Fazenda da Repartiçaõ do Reyno, por Carta de 16 de Outubro de 1651, que está no livro 15. fol. 382.

Joaõ da Sylva Tello, Conde de Aveiras, do seu Conselho de Estado, foy Regedor das Justiças, o que consta da merce deste officio, quando passou à India, feita em Lisboa a 9 de Fevereiro de 1650, que se conserva a fol. 265 do livro 15.

D. Joaõ de Menezes, do Conselho de Guerra, foy Governador da Relaçaõ do Porto por Alvará de 13 de Março de 1648, que está no livro 15. fol. 212.

D. Joaõ de Castellobranco, foy Presidente da Camera de Lisboa, como se vê na Carta, que se lhe passou a 14 de Abril de 1644, e nella diz: *O qual cargo servio atégora o Conde D. Pedro* (he o Conde de Cantanhede) *o qual o terá em quanto eu houver por bem.* Está no livro 16. fol. 260.

D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, foy Védor da Fazenda por Carta de 18 de Setembro de 1648, e já o havia sido tres annos. Existe a dita Carta no livro 19. da sua Chancellaria, fol. 311.

D.

Dom Rodrigo de Mello, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que succedeo a D. Carlos de Noronha, como se vê na Carta passada em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1649, que está no livro 21. fol. 90 vers.

Antonio de Mendoça, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, eleito Bispo de Lamego, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que succedeo a D. Rodrigo de Mello, como refere a sua Carta passada em Alcantara a 14 de Abril de 1654, que está no livro 22. fol. 369.

D. Pedro de Lencastre, do seu Conselho de Estado, foy Presidente da Mesa do Desembargo do Paço por Carta feita em Lisboa a 7 de Novembro de 1651, que está no livro 21. fol. 120.

D. Rodrigo da Sylveira, Conde de Sarzedas, do seu Conselho, foy Presidente do Senado da Camera, em que succedeo a Luiz de Mello, Porteiro mór, como se vê na Carta, que se lhe passou em Lisboa a 4 de Março de 1654, livro 26. fol. 75. Naõ acabou a Presidencia, porque no anno seguinte foy mandado por Vice-Rey da India.

Dom Joaõ de Sousa da Sylveira, Veador da Rainha, foy Presidente do Senado da Camera, em que succedeo ao Conde de Sarzedas, como se vê na sua Carta feita em Lisboa a 14 de Abril de 1655, que está no livro 26. fol. 295 vers.

Dom Vasco da Gama, Marquez de Niza, do Conselho de Estado, foy seu Védor da Fazenda

por Carta feita em Alcantara a 16 de Abril de 1654, que está no livro 22. fol. 370.

Ruy de Moura Telles, do seu Conselho de Estado, Veador da Rainha, foy Védor da Fazenda da Repartiçaõ de Africa, consta da Carta passada a 22 de Fevereiro de 1649, que está no livro 15. fol. 172: e por outra passada em Lisboa a 2 de Março de 1652, que está no livro 17. lhe foy conferido o mesmo lugar, e depois por outra a 18 de Março de 1655 se lhe reformou a mesma occupaçaõ.

O Doutor Fr. Francisco Brandaõ, foy Chronista môr por Carta feita em Lisboa a 19 de Janeiro de 1649, e diz, que o dito lugar vagara pelo Doutor Fr. Antonio Brandaõ. Está no livro 16. fol. 155.

Fr. Francisco de Macedo, foy Chronista Latino deste Reyno por Carta feita a 8 de Abril de 1650, que está no livro 20. fol. 271.

O Padre André Fernandes, Bispo eleito do Japaõ, e do seu Conselho, foy seu Confessor, o que consta da Carta, que tirou de Conselheiro, passada em Lisboa a 28 de Janeiro de 1655, que está no livro 25. fol. 144.

O Doutor Francisco de Carvalho, do seu Conselho, e seu Desembargador do Paço, e Chanceller da Casa da Supplicaçaõ, foy Chanceller môr, lugar, em que succedeo ao Doutor Affonso Furtado de Mendoça, como se vê na Carta, que tirou, passada

passada em Lisboa a 6 de Outubro de 1656, que está no livro 25. fol. 193.

D. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvaõ, foy Mestre de Campo General junto à pessoa, por Patente de 17 de Julho de 1648, que está nos livros de papeis varios do Duque.

Antonio Paes Viegas, Commendador de Nossa Senhora da Caridade na Ordem de Christo, Alcaide môr de Barcellos, achamos, que fora Secretario de Estado, mas devia ser sómente de serventia, porque naõ encontrámos a Carta.

Antonio Cavide, foy seu Secretario, consta de varios documentos, e do Testamento delRey, em que elle assina, dizendo: *Antonio Cavide, Secretario de Sua Magestade, e do Conselho da Fazenda.* Havia sido Escrivaõ da sua Camera, e seu Mantieiro, Commendador de S. Pedro de Babe, e da dos Azeites, e Lagares da Villa de Soure na Ordem de Christo, Alcaide môr de Borba, e Provedor das Obras, que se fizessem por conta da Fazenda Real.

Pedro Vieira da Sylva, foy Secretario de Estado, o que consta de certa merce feita a 18 de Outubro de 1645, que está no livro 18. fol. 124, na qual diz, que era: *Meu Moço Fidalgo, que serve de Secretario de Estado*, e servio até a morte delRey; porque no seu Testamento se acha assinado: *Pedro Vieira da Sylva, do seu Conselho, e seu Secretario de Estado.*

Martim de Tavora de Noronha, teve Alvará de Secretario de Eſtado, que foy paſſado a 24 de Março de 1653, que eſtá no livro 25. fol. 63, e nelle diz: *Havendo reſpeito à ſatisfaçaõ, com que Pedro Vieira da Sylva, do meu Conſelho, ſerve o officio de meu Secretario de Eſtado de muitos annos a eſta parte, e deſejando eu pelos meſmos reſpeitos de lhe fazer merce, hey por bem de lha fazer da propriedade do meſmo officio para ſeu filho Martim de Tavora de Noronha, meu Moço Fidalgo, para que lhe ſucceda nelle depois dos dias da ſua vida, tendo para iſſo toda a capacidade, para o que deſde logo irá continuando na Secretaria, e tomando noticia dos papeis.*

Gaſpar de Faria Severim, foy Secretario das Merces, e Expediente, como ſe vê na Carta de Conſelheiro do dito Rey, onde diz: *Que ora ſerve de Secretario das Merces, e Expediente*: foy paſſada a 20 de Dezembro de 1645, e eſtá no livro 13. da ſua Chancellaria, fol. 375.

Pedro Severim de Noronha, teve Alvará de Secretario das Merces, e Expediente, feito a 24 de Setembro de 1653, e foy paſſado a Gaſpar de Faria Severim, Secretario das Merces, ſeu pay, na meſma fórma do proximamente referido; e exiſte o dito Alvará no livro 25. da Chancellaria do dito Rey, fol. 65.

Antonio Pereira da Cunha, foy ſeu Secretario do Conſelho de Guerra por Carta feita em Liſboa a 21 de Janeiro do anno de 1641, que eſtá no

livro

livro 13. fol. 13, e nella relatando os seus merecimentos, diz: *Hey por bem de lha fazer do cargo de meu Secretario do Conselho de Guerra.*

Pedro da Sylva, Conde de S. Lourenço, foy Regedor das Justiças, de que teve Carta passada a 8 de Janeiro de 1641, que está no livro 10. fol. 3.

Garcia de Mello, foy Monteiro mór do Reyno, officio, em que succedeo a Francisco de Mello, do seu Conselho: consta da merce das rendas de Aguiar da Beira, Sataõ, Redemoinhos, e Seleiro de Queiraõ, a qual foy feita a 18 de Setembro de 1652, e está no livro 8. fol. 339.

Dom Jorge Mascarenhas, Conde de Serem, foy Marichal do Reyno por Carta de 27 de Janeiro de 1650, a qual está na Chancellaria delRey D. Affonso VI. livro 28. fol. 239, e diz a Carta, que pelos serviços do Conde D. Fernando seu pay, do Conselho de Guerra, o qual faleceo no anno de 1649, tendo sido General da Beira.

Jaz o seu Real corpo em magnifico Mausoleo no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, em Tumulo com duas faces, que fica debaixo do Sacrario, e da parte do Altar tem este Epitafio:

Prova num. 21.

Siste Hospes: Regum virtutes quæris in uno?
Joannes Quartus conditur hoc Tumulo.
Hic Lysiam asseruit, servavit, rexit, & auxit:
Jure, armis, nutu, limitibusque novis.

Da

Da face da parte do Coro o seguinte:

Impia sacrilegi peteret cum dextra Joannem,
In niveo Custos adsuit orbe Deus.
Ergo vel in Tumulo Rex hanc se sistit ad aram,
Custodem ut Custos excubet ante suum.

No pavimento immediato à Real Urna, mandou o Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes sepultar o seu coraçaõ, e se lhe gravou em memoria de taõ insigne Varaõ estes disthicos:

Hic, ubi Lusiadum jacet Instaurator in Urna,
Pignus habet positum Cor Marialva suum.
Corde suum sequitur Regem Marialva sepultum,
Ut vitam credas, non periisse fidem.

Foy ElRey de meãa estatura, muy gentilhomem antes das bexigas, que alguma cousa lhe diminuiraõ este dote, o cabello era louro, os olhos azues, alegres, e agradaveis, a barba mais clara, que o cabello, o corpo grosso, e taõ robusto, que senaõ tivera desordem no alimento, parece seria mayor a sua duraçaõ. Naõ fez caso da pompa no vestir, antes applicou grande diligencia, porque se naõ alterassem os trages: pelo que costumava dizer, naõ queria, que as outras Nações se fizessem Senhoras dos seus Vassallos pelos trages, e que todo o alimento sustentava, e todo o pano cobria.

Na

Na converſaçaõ foy diſcreto, agudo, e prompto nas repoſtas; e naõ ſendo as palavras as mais polidas, uſava dellas com tal arte, e galantaria, que ainda hoje ſe applaudem em muitos deſpachos, que ſe vem da ſua propria maõ. Delle vimos diverſos papeis excellentemente lançados, e dignos de ſe perpetuarem: entre elles he huma memoria, que deixou à Rainha ſua eſpoſa quando no anno de 1643 paſſou à Provincia de Alentejo, e lhe encarregou o governo do Reyno na ſua auſencia, em que com admiravel providencia previo tudo o que podia occorrer, e o modo como ſe havia de haver, deixando tudo ao arbitrio, e prudencia da Rainha, em que muito confiou a diliberaçaõ, quando naõ houveſſe tempo de elle poder ſer ouvido. Eſte Original ſe conſerva na Livraria manuſcripta do Duque de Cadaval, e outro, que ElRey mandou lançar nas Cortes com nome ſuppoſto, o qual tambem he Original eſcrito da propria maõ delRey: nelle ſe vê a vigilancia, cuidado, e politica, com que procurava o mayor bem do Reyno, ſendo elle o meſmo, que advertia a ſi meſmo, moſtrando os deſcaminhos, e o modo de evitallos, explicandoſe com tanta energia, e enfaſe, que ſendo o eſtylo claro ſem algum artificio, ſe reconhece a prudencia, que faz mais brilhante o ſeu admiravel talento, de que deu ſingulares provas, no que temos referido. Naõ foy menor a politica da idéa de prevenir os animos dos ſeus Vaſſallos para os ter contentes,

Prova num. 22.

Prova num. 23.

tentes, e satisfeitos, com os bons successos das suas armas; e assim elle mesmo compunha as Relações, que naquelle tempo se imprimiraõ, e ditando-as, as escrevia Antonio Cavide seu criado, que occupou grandes lugares, e de quem fez grande confiança, para que assim espalhando-se pelo Reyno, e Conquistas, chegasse à noticia de todos os seus Vassallos a gloriosa defensa, com que as suas Tropas triunfavaõ dos seus inimigos, e saõ as que se vem impressas, e comprehendem desde o anno de 1641 até o de 1653. Amou a Musica com tanto gosto, e inclinaçaõ, que foy eminente nesta Arte, sendo tanta a curiosidade, que nem as grandes occupações de Rey lha puderaõ diminuir para deixar de a seguir em quanto viveo: assim todos os dias se levantava às cinco horas, e até às sete se empregava no estudo da Musica, depois continuava com os negocios, e governo de seus Reynos, e tanto que acabava de jantar, nas horas de sésta, que eraõ para o descanço, se empregava em provar as Musicas, que lhe vinhaõ de fóra para ver as que havia de mandar cantar na sua Capella, e com os sinaes, que lhe punha, as approvava, ou reprovava, e sempre concluîa esta prova com hum *Miserere*. Naõ queria, que os seus Musicos de ordinario cantassem obras humanas, senaõ Musica de Igreja, porque a outra afeminava as vozes. Compoz as Obras seguintes: *Defensa de la Musica moderna contra la errada opinion del Obispo Cyrillo Franco*, que se im-

primio

primio em quarto, sem anno, nem lugar. Depois se imprimio em Lisboa em 1649, tambem sem o lugar da ediçaõ. Outra vez traduzida na lingua Italiana se imprimio em quarto sem dizer onde; porém entende-se, que foy impressa em Roma no anno de 1655. Neste livro se vê no principio hum Soneto do mesmo Author em louvor da Musica moderna, e nas letras iniciaes dos quatorze versos se lê: *ElRey de Portugal.* He dedicado a Joaõ Lourenço Rebello seu criado, taõ insigne na Musica, que mereceo este singular favor delRey, o qual era Fidalgo da sua Casa, Commendador de S. Bartholomeu de Rabal na Ordem de Christo, e no fim da Dedicatoria se vem estas duas letras: *D. B.* que querem dizer: *Duque de Bragança.* O Padre Joaõ Alvares Frowo, Capellaõ, e Bibliothecario delRey, Mestre da Sé de Lisboa, imprimio no anno de 1662 em Lisboa hum livro em quarto intitulado: *Discursos sobre a perfeiçaõ do Diathesaron, e louvores do numero Quartenario, em que se contém hum Encomio sobre o papel, que mandou imprimir o Serenissimo Senhor ElRey D. Joaõ o Quarto em defensa da Musica moderna, e reposta sobre os tres breves negros de Christovaõ de Morales*; nelle vem no fim o referido encomio. Compoz mais: *Respuestas à las dudas, que se pusieron à la Missa*: Panis, quem ego dabo, *del Palestina*; as quaes correm impressas no livro quinto das suas Missas, que se estamparaõ em Lisboa no anno de 1654 em quarto. Depois se

imprimio eſta Obra ſeparada em Roma por Mauricio Balmonti em 1655 em quarto, traduzida em Italiano. Compoz mais dous Motetes, que andaõ impreſſos no fim das Obras de Joaõ Lourenço Rebello, que ſe imprimiraõ em Roma, e foraõ ouvidos com admiraçaõ dos profeſſores, por ſe naõ fazer crivel, que hum Rey compuzeſſe com tanta ſciencia. Fez tambem huma *Magnificat* a quatro vozes; o Pſalmo *Dixit Dominus* a oito vozes; o Pſalmo *Laudate Dominum omnes gentes* a oito vozes; hum Concerto ſobre o Canto-Chaõ do Hymno *Ave maris Stella*, e outras Obras miudas. Tinha compoſto hum livro de Muſica, e quando morreo recommendou ſe mandaſſe imprimir, o que ſe naõ executou. Pelo que, elle foy taõ ſciente na Muſica, que podera ſer hum dos mais celebres profeſſores deſta taõ eſtimada Arte, de que ajuntou a famoſa Livraria, que ſe conſerva, a que deixou ſubſiſtencia para augmentarſe. Foy naquelle ſeculo muy valída dos Principes a Muſica, em que ſe diſtinguiraõ tambem o Emperador Fernando III. e ElRey D. Filippe IV. de Caſtella, os quaes naõ ſó foraõ intelligentes deſta ſuave Arte, mas compuzeraõ Motetes, que ElRey D. Joaõ tinha na ſua Livraria da Muſica; e entre outros era hum Soneto, que ElRey D. Filippe compuzera, e havia poſto em Solfa, que começa:

Yaze a los pies de aquel ſagrado Leño
Bañada en tiernas lagrimas Maria.

A Rai-

A Rainha Christina sabendo o gosto, que ElRey fazia da Musica no principio do seu Reynado, lhe mandou hum manuscrito antigo de Guido Aretino, celebre Author, que reduzio a Musica ao estado presente das seis vozes: *Ut, re, mi, fá, sol, lá*, e destas, e de outras excellentes Obras deixou enriquecida a sua famosa Livraria da Musica, da qual se principiou a fazer hum excellente Catalogo, de que o primeiro tomo corre impresso com o titulo: *Primeira parte do Index da Livraria da Musica do muito Alto, e Poderoso Rey D. João IV. nosso Senhor. Por ordem de Sua Magestade, por Paulo Craesbeck anno 1649* em quarto com 521 paginas. Referemse neste Index os livros, que se guardavaõ numerados em quarenta caixoens, dos quaes huma grande parte saõ manuscriptos de notavel estimaçaõ, e compostos pelos mais peritos Authores das Nações Portugueza, Castelhana, Italiana, Franceza, Ingleza, Alemãa, e Hollandeza. Ao exercicio da caça teve ElRey grande propensaõ, e em huma, e outra foy excellente, destro, e bizarro. Amou a justiça sem declinar em severo, de que alguns delinquentes se atreveraõ ao culpar, o que muitas occasioens desmentio com a piedade, com que se houve com os culpados. Da sua devoçaõ, e piedade deixou immortaes monumentos nos publicos testemunhos da sua Religiaõ, e no ardente zelo, com que tomando por Protectora de seus Reynos a Virgem Santissima no soberano Myste-

rio da ſua Immaculada Conceiçaõ, os fez juntamente tributarios à Igreja deſte titulo de Villa-Viçoſa, como já deixamos dito; e aquella grande Doaçaõ, com que reſtituîo as rendas do Moſteiro de Santa Maria de Alcobaça, que eſtavaõ unidas à Abbadia Commendataria, tornando-as aos Monges na meſma fórma, em que lhas dera o ſeu invicto avô, e predeceſſor o Santo Rey D. Affonſo I. confirmando-a, e ratificando a dita Doaçaõ com generoſa piedade: e foy paſſada a Carta a 4 de Fevereiro de 1642, com condiçaõ, e obrigaçaõ de ſempre terem o Santiſſimo Sacramento expoſto no Altar à publica veneraçaõ em Lauſperenne, aſſiſtido de Monges em turmas, continuando ſem interpolaçaõ de dia, e de noite os Divinos louvores, o que ſe verificou no tempo delRey D. Pedro ſeu filho. Finalmente compunha-ſe de taõ invencivel valor, como ſe vio na empreza, que intentou, e conſeguio com taõ poucos meyos: mas com a induſtria, e com a deſpeza, reſgatou a vida de ſeus Vaſſallos, e neſte politico ſegredo deſpendeo theſouros em publica utilidade: e aſſim a ſua memoria ſerá ſempre ſaudoſa, e ſervirá de admiraçaõ aos ſeculos futuros, pois as ſuas virtudes o fizeraõ digno de mais largo Imperio.

Prova num. 24.

Caſou em 12 de Janeiro do anno de 1633 com a Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ, entaõ Duqueza de Bragança, a qual havia naſcido em hum Domingo 13 de Outubro de 1613 na Cidade

de

de Saõ Lucar de Berremeda, a qual havia ganhado ElRey Dom Affonso o Sabio no anno de 1264 aos Mouros, povoaçaõ agradavel pela situaçaõ, e fertilidade, que tendo contado depois huma larga serie de annos na Casa de Medina Sidonia, ElRey Filippe IV. a unio à Coroa no anno de 1645 nas desconfianças, que teve com esta grande Casa, até que no anno de 1700 lhe restituîo as alcavallas o Catholico, e generoso Rey Filippe V. sendo esta a primeira merce, que fez depois de entrar na Monarchia de Hespanha. Era filha de D. Joaõ Manoel Peres de Gusmaõ, VIII. Duque de Medina Sidonia, e da Duqueza D. Joanna de Sandoval. Foy o seu nascimento festejado com extraordinarias demonstrações de seus pays, em cuja Casa, se refere, havia hum Mouro cativo, que entre os seus se jactava de bem nascido, e estimado por Astrologo Judiciario, com engenho agudo: e desejando conseguir a sua liberdade, e dar da sua sciencia huma demonstraçaõ, fallou aos Duques dizendolhe, que observada a hora, e a dominaçaõ, e conjunçaõ dos Astros de quando nascera a Senhora D. Luiza, indicavaõ, que seria coroada Rainha. Ouviraõ os Duques o prognostico, e sem mais credito, do que deviaõ à pouca fé do Mouro, o despediraõ. Espalhou-se na Cidade a noticia, e com aquella costumada leveza, com que o vulgo discorre, disputavaõ nas conversações qual seria a Coroa, com o fundamento, que naõ era a primeira, que do sangue de

Gusmaõ

Gusmaõ sobiria ao throno de Hespanha. Esta tradiçaõ ainda hoje se conserva na Corte de Madrid entre as pessoas grandes della, e referida pelos seus mayores, como constante na Casa de Medina Sidonia. Durou esta pratica até o dia do seu casamento, em que deraõ por desvanecido o prognostico; mas naõ falta quem affirme com memorias daquelle tempo, que nas ultimas expressoens do carinho do Duque seu pay, quando se despedio da Senhora D. Luiza, ao ultimo abraço lhe dissera, por lhe aliviar as saudades: *Ide filha muito contente, que naõ ides para Duqueza, senaõ para Rainha*; alludindo à grandeza da Casa de Bragança, que no trato, e magnificencia parecia Real, se he que naõ lhe manifestava com occultas idéas o direito da Coroa Portugueza: porém o que entaõ a casualidade referia, sem que parecesse podia ter cumprimento, veyo o tempo a segurar em realidade. Naõ sendo na Historia approvado este vaticinio, naõ he difficultoso o successo, nem menos se faz difficultosa a crença de poder ter sido vaticinado pelo Mouro, porque naõ era profecia; e ainda estas vimos expressadas pela boca da gentilidade, e era formado sobre sciencia, que ainda que fallivel, tem muitas regras, de que lemos admiraveis testemunhos, e fosse, ou naõ verdade o referido, nada implica à possibilidade. Concertou-se o seu casamento, e recebidos por procuraçaõ, se ajustou o dia da partida para Portugal, e sahiraõ de Villa-

Viçosa

Viçosa o Duque de Bragança acompanhado de seus irmãos os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, como já deixamos dito. Foy esta Princeza dotada de excellentes virtudes, e prudencia, com grande viveza de espirito, com notavel animo, e coraçaõ, naturalmente elevado à gloria de desejos grandes, e magnificos; de sorte, que naõ falta quem diga, que assim que entrou a ser Duqueza de Bragança, começou a pôr os olhos no throno, que pertencia ao Duque seu marido, a quem revestia destas maximas, ainda quando mais affectava o retiro. Todo o tempo, que assistio em Villa-Viçosa, foy venerada como Oraculo, e taõ respeitada do Duque seu marido, que na duvida de aceitar a Coroa, o resolveo com a generosa opiniaõ, e prudente maxima, de que era mais conveniente perigar Rey, que Vassallo. ElRey em quanto viveo, lhe communicou os negocios mais graves da Monarchia, em que muitas vezes o seu parecer acreditava a felicidade dos successos, de que nunca fez jactancia de se deverem ao seu discurso, porque só amava a gloria delRey, que em tudo lhe mostrou o grande affecto, com que a estimava; e assim lhe fez Doaçaõ amplissima de muitas Villas, e Lugares, que ficaraõ hereditarios para as Rainhas destes Reynos. Na morte delRey lhe ficou encommendada a regencia do Reyno, para o que instituío para as materias do governo a Junta nocturna, composta dos Ministros mais zelosos, e mais experimentados, os

quaes

quaes ouvia, e resolvia com tal acerto, que a pezar do formidavel poder de Castella, sustentou a guerra com tanta reputaçaõ das suas Armas, victoriosas, e triunfantes, que seguraraõ a Coroa na sua descendencia. Sustentou a Rainha o grande pezo da Monarchia no tempo, em que os embaraços domesticos, e externos, a combateraõ com mayor força, naõ servindo de perturbaçaõ àquelle varonil animo as desattenções, que experimentou em El-Rey seu filho, que dominado de ambiciosas vontades, deu occasiaõ a que lhe largasse o governo antes de tempo no anno de 1662: e vivendo no Paço algum tempo sem governar, com igual Magestade àquella, que soube mostrar quando imperava; movida de mayores pensamentos se recolheo ao Mosteiro de Religiosas Descalças de Santo Agostinho, que ella fundou, e dotou. No dia 17 de Março de 1663 sahio a Rainha do Paço acompanhada del-Rey D. Affonso, do Infante D. Pedro, e de toda a Corte: sahio em publico em hum coche de veludo negro, com duas Senhoras de Honor nos estribos, o coche de respeito, a que se seguia o delRey, precedidos ambos do do Infante, que hia com El-Rey, e o Estribeiro mór no estrivo da parte direita, e no da esquerda o Camereiro mór, e quatro coches de Damas. Tanto que a Rainha se apeou, ElRey, e o Infante a acompanharaõ até à casa do docel, que estava no seu quarto, e alli se despedio de seus filhos, e das Damas, ficando só Dona Isabel

Prova num. 25.

bel de Castro na Clausura, duas Dónas da Camera, e algumas criadas inferiores, o Conde de Santa Cruz seu Mordomo môr, Ruy de Moura Telles, Estribeiro môr, D. Joaõ de Sousa, Veador da sua Casa, e o Doutor Belchior do Rego de Andrade seu Secretario, porque a Rainha do Mosteiro governava a sua Casa, e os tres Fidalgos, e Secretario continuaraõ aquella assistencia fóra da Clausura: a ella reduzio toda a Real grandeza, occupando-se em virtuosos exercicios, que piamente cremos lhe abriraõ as portas da Eternidade. Faleceo no dia 27 de Fevereiro de 1666 em hum Sabbado às nove horas da noite, tendo recebido o Santissimo Viatico, e a Unçaõ, com tantas demonstrações de piedade, que manifestavaõ a pureza do espirito. Fez a protestaçaõ da Fé, e com vós clara, e intelligivel pedio perdaõ aos seus criados, que todos consternados da dor da sua falta, respondiaõ com copiosas lagrimas mostrando a sua fidelidade. Havia feito o seu Testamento por maõ do seu Secretario Belchior do Rego de Andrade, e approvado a 25 de Fevereiro do dito anno, no qual nomeou por seu Testamenteiro, e herdeiro a ElRey seu filho, a quem recommendou os Fidalgos, que a serviraõ, e que lhe agradecesse o cuidado, e amor, com que a haviaõ servido, e juntamente lhe lembra os despachos dos seus criados, e criadas, dizendo: *Que ficaõ muito desamparadas, esperando, que Sua Magestade o faça, como delle espero.* Recommen-

da se acabem as suas fundações, e com poucas clausulas deu o Testamento por acabado, o qual assinou; porém como a doença era mortal, a debilitou de sorte, que já naõ o pode fazer na approvaçaõ, e por seu mandado o fez o Conde de Santa Cruz seu Mordomo môr, e foraõ testemunhas o Marquez de Marialva, o Marquez Almirante, o Conde dos Arcos, Ruy de Moura, Antonio de Mendoça, o Bispo de Targa, Gaspar de Faria Severim, e D. Lucas de Portugal. Em virtude do seu Testamento foy o seu Real corpo depositado na Igreja de *Corpus Christi*, no Hospicio dos Carmelitas Descalços, em quanto se naõ acabava a Igreja do Mosteiro das Religiosas Descalças de Santo Agostinho, que ella havia fundado, e dotado. Para o que logo se ajuntou o Conselho de Estado, aonde se ordenou o seu funeral, ordenando-se tudo o que se havia executado no delRey seu marido. Pegaraõ no caixaõ o Marquez de Marialva, o Marquez de Niza, os Condes de Miranda, Ericeira, S. Joaõ, Arcos, Santa Cruz, Villa-Verde, Unhaõ, e Ruy Fernandes de Almada. Cantou a Missa de Pontifical o Bispo de Targa, e os Responsos o Arcebispo eleito de Braga, os Bispos eleitos de Leiria, do Porto, Esmoler môr, e o Bispo Confessor. Foy a Rainha D. Luiza ornada de heroicas virtudes, e huma das mais excellentes Princezas, que vio o Mundo, com admiravel constancia, grande resoluçaõ, e animo taõ varonil, que nada a perturbava,

bava. Amou com extremo a ElRey seu marido, o qual lhe correspondeo de sorte, que nas emprezas mais arduas seguio o seu parecer, que estimou tanto, que ao seu arbitrio deixou as disposições da Monarchia, que ella seguio na regencia do Reyno com tanta fortaleza, como sentimento da sua falta; mas com taõ grande coraçaõ, que a pezar dos embaraços domesticos, triunfou das Armas de Castella, e dos seus negociados no casamento da Infanta sua filha com ElRey de Inglaterra, com tanta politica, como authoridade. Teve hum entendimento sublime com grande discriçaõ; os seus papeis eraõ excellentemente lançados, de que vimos diversos: alguns se conservaõ na Livraria do Duque do Cadaval, e para gloria da sua memoria, e satisfaçaõ dos curiosos, lançaremos nas Provas hum, que escreveo, quando quiz deixar o governo do Reyno, que regeo com Christãas, e uteis maximas, que faraõ recommendavel na posteridade o seu Real nome.

Prova num. 26.

Como a obra do Mosteiro, que a Rainha fundava, era grande, se mudou o seu corpo do lugar, em que primeiro fora posto, por ordem del-Rey D. Pedro seu filho no anno de 1691. Para o que no mez de Fevereiro foraõ nomeados para irem à Igreja de *Corpus Christi* fazer a mudança do corpo da Rainha, os Conselheiros de Estado, a saber: o Cardeal de Lencastre, o Marquez de Arronches, o Marquez de Alegrete, o Conde de Val de

Memorias m. s. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. 2. dos Copiadores, pag. 235.

Reys, e o Conde de Alvor, e para servir o officio de Reposteiro môr Fernaõ de Sousa Coutinho, Veador da Casa Real, e Lourenço Pires Carvalho, do Conselho de Sua Magestade, que servia de Provedor das Obras do Paço, e Roque Monteiro Paim, que servio de Secretario de Estado. E estando juntos às tres horas da tarde na Igreja do dito Hospicio com as portas fechadas, vieraõ os Religiosos com Cruz, e vélas accesas, com tres Padres revestidos com Pluviaes de veludo negro com o fundo de ouro, e cantaraõ hum Responso: acabado elle, chegaraõ à Eça, onde estava o caixaõ com o corpo da Rainha, assistido dos Conselheiros de Estado, e tirando o Reposteiro môr de cima do caixaõ a almofada, e Coroa, a poz em hum prato de prata dourada, que tinha nas mãos o Guarda da Tapeçaria: tirou depois o pano, que deu ao mesmo Guarda da Tapeçaria, e elle aos Reposteiros; e o Provedor das Obras do Paço tinha as chaves para se abrir o caixaõ, que era de veludo negro com quatro fechaduras douradas, duas por banda, e sendo aberto, tirou a tampa, que se deu a dous Reposteiros, e chegando-se os Conselheiros de Estado, e os Officiaes da Casa Real, pegaraõ nos cordoens, que estavaõ prezos nas seis azas de outro caixaõ, que estava dentro, que tambem era forrado de veludo negro com quatro fechaduras, e o levaraõ para debaixo do Sacrario no lugar, que se havia preparado para o deposito, ao que ajudaraõ

raõ oito Reposteiros a respeito de ser muito o pezo do caixaõ; e posto naquelle lugar, o Provedor das Obras mandou logo pôr grades para resguardo, de que o Secretario de Estado fez hum termo, que os Ministros todos assinaraõ, e o Prelado do Hospicio. Depois, que se acabou a Igreja do Mosteiro de Santo Agostinho de Religiosas Descalças, que ella fundara, e em que vivem com grande aspereza, e continuo silencio, sem trato, nem communicaçaõ alguma com o Mundo, ordenou El-Rey Dom Joaõ V. seu neto, que em virtude, do que a Rainha sua avó mandara no seu Testamento, se trasladasse o seu corpo para aquelle lugar, encarregando esta mudança ao Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, e ao Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real; assim em hum Sabbado, que se contavaõ 17 de Junho do anno de 1717, se trasladou o caixaõ, em que estavaõ os ossos da Rainha na Igreja de *Corpus Christi*, para a de Santo Agostinho, onde jaz de traz do Altar môr. A' sua Real pessoa serviraõ entre outras muitas, as que referiremos, que casualmente encontrámos, e saõ as seguintes.

Prova num. 27.

Dona Filippa de Vilhena, Condessa de Atouguia, foy sua Camereira môr com o titulo de Marqueza de Atouguia, e depois foy Aya delRey D. Affonso VI. e delRey D. Pedro.

Foy tambem sua Camereira môr a Marqueza de Ferreira D. Joanna Pimentel, occupaçaõ, que

que começou a exercitar sendo casada, quando a Rainha veyo de Villa-Viçosa, em que continuou até que faleceo no Paço a 11 de Setembro de 1657.

D. Sancho de Noronha, VI. Conde de Odemira, foy seu Mordomo môr, o qual sendo nomeado a 25 de Dezembro de 1640, se lhe passou Carta em nome da Rainha a 6 de Dezembro de 1641, que está no livro 10. da Chancellaria delRey D. Joaõ IV. fol. 60.

D. Francisco de Mello, Marquez de Ferreira, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr, de que teve Carta passada pela mesma Rainha, feita a 4 de Janeiro de 1642, que está no dito livro fol. 337.

D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes, do Conselho de Estado, foy Mordomo môr, lugar, que exercitava no anno de 1656, como se vê no Auto do Levantamento delRey D. Affonso VI. que se imprimio.

Fernaõ Telles da Sylva, I. Conde de Villar-Mayor, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr.

D. Joaõ Mascarenhas, III. Conde de Santa Cruz, que havia sido Veador da Casa delRey seu marido, foy Mordomo môr, como se vê no Testamento da Rainha, que assinou com este cargo, e depois o foy da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, como se vê no Juramento do Principe

cipe D. Pedro Regente, feito a 27 de Janeiro de 1668, que se imprimio.

D. Luiz de Noronha, Alcaide mór de Monforte, Commendador na Ordem de Christo, foy seu Estribeiro mór, e já o havia sido delRey seu marido sendo Duque de Bragança, de que se lhe passou Carta feita no primeiro de Janeiro de 1641, que se póde ver na dita Chancellaria fol. 197.

D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, foy Estribeiro mór da Rainha, e faleceo estando com ElRey em Salvaterra, em attençaõ do que naõ foy ElRey naquelle dia à caça.

Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, Védor da Fazenda, foy seu Estribeiro mór, e havia sido Veador da sua Casa, e já exercia este lugar no anno de 1656, em que acompanhou ao Infante D. Pedro nas Cortes, que entaõ se celebraraõ, como se vê no Auto, que entaõ se imprimio.

He certo, que outras muitas pessoas de grande nascimento se empregaraõ no seu Real serviço; porém como naõ fazemos Catalogo dellas, sómente referimos as que casualmente encontrámos em documentos, que naõ padecem duvida.

Desta Real uniaõ nasceraõ os filhos seguintes.

18 O PRINCIPE D. THEODOSIO, de quem no Capitulo II. se fará mençaõ.

18 A SENHORA D. ANNA, nasceo em Villa-Viçosa a 21 de Janeiro de 1635, e no mesmo dia pagan-

pagando o tributo à morte, voou à eternidade, e jaz no Coro das Religiosas do Mosteiro das Chagas de Villa-Viçosa, onde tem este Epitafio:

> *Aqui jaz a Senhora Dona Anna, filha do Duque Dom João II. deste nome, e de sua mulher a Senhora Donna Luiza de Gusmaõ, nasceo, e faleceo a 21 de Janeiro de 1635 annos.*

18 A INFANTA D. JOANNA, nasceo em Villa-Viçosa a 18 de Setembro de 1636, e no ultimo dia do mez recebeo o sagrado Bautismo na Capella Ducal, administrado por Antonio de Brito de Sousa, Deaõ da mesma Capella: foy seu Padrinho pela devoçaõ, e piedade dos Duques Fr. Antonio da Covilhãa, Sacerdote professo da Provincia da Piedade, Religioso de grande observancia, de muita oraçaõ, e asperas penitencias, que depois acabou com fama de santidade. A natureza dotou a Infanta de agradavel fermosura, e estando na flor da idade, depois de dilatada doença, acabou a 17 de Novembro de 1653, e jaz no magnifico Mosteiro de Belém, juntamente com seus irmãos.

18 A INFANTA D. CATHARINA, Rainha da Grãa Bretanha, como se dirá no Capitulo III.

18 O SENHOR D. MANOEL, nasceo em Villa-Viçosa a 6 de Setembro de 1640, e no mesmo dia

dia regenerado pela graça com o Santo Bautismo, passou ao Ceo, e jaz no Convento dos Religiosos de Santo Agostinho no enterro dos Duques.

18 Elrey D. Affonso VI. de quem se tratará no Capitulo IV.

18 Elrey D. Pedro II. que occupará o Capitulo V.

Teve ElRey fóra do Matrimonio

18 A Senhora D. Maria illegitima, que viveo recolhida no Mosteiro de Santa Theresa das Carmelitas Descalças de Carnide, Lugar distante huma legoa da Cidade de Lisboa. ElRey estimou muito a esta filha, porque naõ só a declarou no seu Testamento, mas nelle lhe fez merce da Commenda mayor da Ordem de Santiago, e das Villas de Torres Vedras, e Collares, e dos Lugares da Azinhaga, e Cartaxo, que juntamente fez logo Villas com jurisdicçaõ à parte, e estas Doações de juro, e herdade para sempre, sogeitas à Ley Mental: e se no decurso do tempo pudesse haver alguma duvida, ordenava ao Principe seu filho, e successor, lhas houvesse de satisfazer em quantia equivalente. Além disto lhe deu mais cincoenta mil cruzados em dinheiro para compor a sua casa; porque ElRey cuidou em dar estado a esta filha, como elle refere no seu Testamento, dizendo, que tudo sabia Antonio Cavide (pessoa de quem muito confiou) e que assim pedia à Rainha, que se informasse delle para seguir a sua mesma vontade. Depois El-

Rey D. Affonſo por hum Decreto confirmou eſta Doaçaõ em obſervancia, do que ſeu pay ordenara, e accreſcentava: *E pela boa vontade, que tenho a D. Maria minha muito amada, e prezada irmãa*; foy feito em Lisboa a 18 de Novembro de 1656, o que logo paſſou o meſmo Rey por nova Doaçaõ a huma Carta feita em Lisboa a 25 de Novembro de 1656 por Luiz Teixeira de Carvalho, e ſobreſcrita por Pedro Vieira da Sylva. Antes delRey ſeu pay falecer lhe eſcreveo a Carta ſeguinte, que lancey para demonſtraçaõ do amor, e equidade deſte grande Rey: *Minha filha, foy Deos ſervido, que a primeira vez, que tendes Carta minha ſeja deſpedindome de vós, e dandovos a minha bençaõ, acompanhada com a de Deos, que fique comvoſco, e lembraivos ſempre de mim, como eu o fiz de vós: eſcrita em Lisboa a 4 de Novembro de 1656.* (e de propria maõ) *Voſſo Pay, que fica com grande ſentimento de naõ vos ver.* REY. Os Reys, e Rainhas, que depois ſe ſeguiraõ, a trataraõ com grande attençaõ, diſtinguindo-ſe muito ElRey D. Pedro, que muito eſtimou eſta irmãa. A Rainha D. Maria Franciſca a foy ver a Carnide, e para que ſe ſaiba a formalidade, com que os Reys coſtumaõ honrar aos ſeus irmãos, ainda que illegitimos, diremos o modo, com que a Rainha D. Maria Franciſca de Saboya o fez com eſta Princeza, quando a primeira vez foy ao Moſteiro de Carnide. A Senhora D. Maria eſperou a Rainha na portaria da parte

Memorias m.ſ. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. IV. pag. 135.

parte de dentro, e se poz de joelhos para lhe beijar a maõ, a Rainha com grande agrado a fez levantar, e indo para o Coro a fazer oraçaõ, havia no sitial, que estava para a Rainha, huma almofada, que estava descoberta, mais affastada, para a Senhora D. Maria se pôr de joelhos. Acabada a oraçaõ, foy a Rainha para o aposento da Senhora D. Maria, e postas no estrado as almofadas para a Rainha, no mesmo estrado se poz huma almofada para a dita Senhora defronte da Rainha, mais chegada, do que se costuma às Duquezas. Merendou a Rainha, e assentando-se para comer ficou em pé a Senhora D. Maria, naõ de traz da cadeira, mas na ilharga; e quando chegou a confeiteira, deu a Rainha hum bocado de doce à Senhora D. Maria, e quando Sua Magestade tomou a copa para beber, a Senhora D. Maria lhe quiz dar a toalha, o que a Rainha naõ consentio. Era tratada pela Corte de Alteza, tornando Excellencia aos Grandes, e Senhoria aos Fidalgos de qualidade, que naõ eraõ Titulos. Viveo sempre neste Mosteiro em habito de Religiosa, ainda que era de materia mais fina. Fez a Igreja, que ornou com retabolos, e ricas alfayas, preciosa Custodia para expor o Santissimo, em que gastou mais de cincoenta mil cruzados; mandou lavrar os dous Córos das Religiosas; a quem deu quarenta mil cruzados para se empregarem em renda para o Mosteiro, em que fez outras muitas obras de grande custo, de sorte, que

veyo a ser Padroeira delle, como o he do Mosteiro de Religiosos da mesma Ordem no Lugar de Carnide da invocaçaõ de S. Joaõ da Cruz. Morreo a 6 de Fevereiro de 1693, e jaz no Coro debaixo, onde tem o seguinte Epitafio:

Maria inclyti Joannis IV. Lusitaniæ reparatæ Regis filia jacet hic sepulta sub saxo: sex annis Infans Claustrum ingressa, condito Templo, & Virginum Coro Jure patronatus fecit esse suum: expletis denique quinque decennis finem vitæ fecit viam pacis habens ut mortua in pace requiescat. Obiit 7 idus Februarii Anni Domini M.DC.XCIII.

Por sua morte se recolheo ElRey por cinco dias; e tomou luto de capa comprida por hum mez, e à Corte se fez aviso para assim o observar. Ao seu enterro foraõ assistir alguns Conselheiros de Estado, e Titulos, mas sem ser por ordem mais, que por obsequio devido a tal pessoa: para o que advertidamente acabado o Conselho de Estado, se disse, que era justo acharemse no seu funeral, para que cada hum o participasse aos seus parentes, e amigos para assistirem a esta funçaõ.

A Rai-

- A Rainha Dona Luiza Francisca de Gusmaõ, mulher del-Rey Dom Joaõ IV.
  - D. Joaõ Manoel Peres de Gusmaõ, n. a 7 de Janeiro de 1579, VIII. Duque de Medina Sidonia, Conde de Niebla, Cavalleiro do Tusaõ, &c.
    - D. Alonso Peres de Gusmaõ, VII. Duque de Medina Sidonia, Cavalleiro do Tusaõ, &c. + em Julho de 1615.
      - D. Joaõ Calros de Gusmaõ, IX. Conde de Niebla, + em vida de seu pay no anno de 1554.
        - Dom Joaõ Alonso de Gusmaõ, VI. Duque de Medina Sidonia, + em 1559.
          - D. Joaõ Alonso de Gusmaõ, nasceo em Fevereiro de 1464, III. Duque de Medina Sidonia, + a 16 de Julho de 1507.
          - A Duqueza D. Isabel de Velasco.
        - A Duqueza D. Anna de Aragaõ.
          - D. Affonso de Aragaõ, Arcebispo de Çaragoça.
          - Anna Urrea.
      - A Condessa Dona Leonor de Zuniga e Sottomayor.
        - D. Francisco de Sottomayor, V. Conde de Belalcazar, III. Duque de Bejar, &c. + no anno 1544.
          - D. Affonso de Sottomayor, IV. Conde de Belalcazar.
          - A Condessa D. Isabel de Castro.
        - A Duqueza D. Theresa de Zuniga e Gusmaõ, + a 25 de Novembro de 1565. H.
          - D. Francisco de Zuniga e Gusmaõ, II. Marquez de Ayamonte, + a 26 de Março de 1525.
          - A Marqueza Dona Leonor Manrique, + em 1536.
    - A Duqueza D. Anna da Sylva e Mendoça.
      - Ruy Gomes da Sylva, Principe de Melito, I. Duque de Pastrana, nasceo em 1516.
        - Francisco da Sylva, III. Senhor da Chamusca, e Ulme, &c. + em 1566.
          - Joaõ da Sylva, II. Senhor da Chamusca, &c. + em Fevereiro de 1520.
          - D. Joanna Henriques.
        - D. Maria de Noronha, + em 1552.
          - Ruy Telles de Menezes, V. Senhor de Unhaõ, &c. Mordomo môr da Emperatriz D. Isabel, + em 13 de Outubro de 1528.
          - D. Guiomar de Noronha.
      - D. Anna de Mendoça de Lacerda, Princeza de Melito, + a 2 de Fevereiro de 1592.
        - D. Diogo Furtado de Mendoça de Lacerda, Principe de Melito, &c. + a 19 de Março de 1578.
          - D. Diogo Furtado de Mendoça, I. Conde de Melito.
          - A Condessa D. Anna de Lacerda, Senhora de Miedes, Pastrana, &c.
        - A Princeza D. Catharina da Sylva, + em 1576.
          - D. Fernando da Sylva, IV. Conde de Cifuentes, + a 16 de Set. 1445.
          - A Condessa D. Catharina de Andrada e Zuniga, + em 1538.
  - A Duqueza D. Joanna de Sandoval.
    - Dom Francisco de Sandoval, I. Duque de Lerma, + Cardeal a 17 de Mayo de 1625.
      - Dom Francisco de Sandoval, IV. Marquez de Denia, + em 21 de Março de 1574.
        - D. Luiz de Sandoval, III. Marquez de Denia, &c. Mordomo da Rainha Dona Joanna, + em 1570.
          - D. Bernardo de Sandoval, II. Marquez de Denia, Conde de Lerma, + em 1536.
          - A Marqueza D. Francisca Henriq.
        - A Marqueza D. Catharina de Zuniga.
          - D. Francisco de Zuniga e Velhaneda, Conde de Miranda, Mordomo môr da Emperatriz.
          - A Condessa D. Theresa Henriques.
      - A Marqueza D. Isabel de Borja.
        - S. Francisco de Borja, IV. Duque de Gandia, &c. Geral da Companhia, + o 1. de Outub. 1572.
          - D. Joaõ de Borja, III. Duque de Gandia, + em 1453.
          - A Duqueza D. Joanna de Aragaõ.
        - A Marqueza D. Leonor de Castro, + a 27 de Março 1546.
          - D. Alvaro de Castro, Senhor do Morgado do Torraõ.
          - D. Isabel de Mello.
    - A Duqueza D. Catharina de Lacerda.
      - Dom Joaõ de Lacerda, IV. Duque de Medina Cœli, Mordomo môr da Rainha D. Anna de Austria.
        - D. Joaõ de Lacerda, II. Duque de Medina Cœli, &c. + a 20 de Janeiro de 1544.
          - D. Luiz de Lacerda, I. Duque de Medina Cœli, + a 25 de Novembro de 1501.
          - D. Catharina Bique de Orejon, 3. m.
        - A Duqueza D. Maria da Sylva, + a 16 de Agosto 1544. 2. m.
          - D. Joaõ da Sylva, III. Conde de Cinfuentes, + em 1512.
          - A Condessa D. Catharina de Toledo.
      - A Duqueza D. Joanna Manoel.
        - D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira.
          - Dom Affonso, Conde de Faro, + em 1483.
          - D. Maria de Noronha, Condessa de Odemira. H.
        - A Condessa D. Angela Fabra, Camereira môr da Emperatriz, 2. mulher.
          - Gaspar Fabra, Senhor de Barigadu em Sardenha, Embaixador del-Rey Catholico a Portugal.
          - D. Isabel de Centelhas, 2. mulher.

CAPITULO II.

Do Principe D. Theodosio, herdeiro da Coroa de Portugal, Principe do Brasil, e Duque de Bragança.

18 ESTE insigne Principe nasceo em Villa-Viçosa a 8 de Fevereiro de 1634, Duque de Barcellos, às quatro horas da tarde, e foy bautizado a 27 do mesmo mez na Capella Ducal pelo seu Deaõ Antonio de Brito de Sousa, na fórma já referida, e levado à pia por Ruy de Sousa, Fidalgo velho de muita authoridade, que havia sido Copeiro môr do Duque seu pay: foy seu Padrinho o Senhor Dom Duarte seu tio,

tio, depois Infante de Portugal: foylhe posto o nome de Theodosio em memoria de seu avô; e sobindo ElRey seu pay ao throno, foy jurado Principe, e herdeiro do Reyno a 28 de Janeiro de 1641.

Prova num. 28.

Depois por huma Carta patente, passada a 2 de Mayo de 1642 o nomeou Coronel da Nobreza, com quatro Terços, dos quaes tres se formariaõ de oito Companhias cada hum da Nobreza, para o que se haviaõ tirado listas no anno antecedente, e o quarto seria das Companhias dos privilegiados, naturaes, e estrangeiros da Cidade de Lisboa, e foraõ nomeados Tenentes do Principe, e Governadores dos quatro Terços, o Marquez de Montalvaõ, os Condes da Torre, Unhaõ, e da Calheta. No anno de 1645 por outra Carta patente feita a 27 de Outubro, o declarou Principe do Brasil, e Duque de Bragança, fazendolhe Doaçaõ de todo o Estado desta Casa, com todas as jurisdicções, rendas, Padroados, e datas, que pertenciaõ aos Duques de Bragança, na mesma fórma das Doações da Casa, pelas quaes elle a possuira até o tempo, em que fora restituido à Coroa destes Reynos, e que na mesma fórma a possuiria o Principe, e passaria a todos os Principes herdeiros do Reyno, ordenando, que em nenhum tempo se pudesse unir à Coroa, da qual totalmente a separava, e que os successores dos Reys deste Reyno se chamariaõ Principes do Brasil, e Duques de Bragança; declarando, que no tempo, que faltasse Principe, os Reys governassem

Prova num. 29.

o Es-

o Estado da Casa de Bragança com a mesma divisaõ de Ministros do seu Tribunal, independente de todos os outros, na fórma, que nella se praticava. E para corroborar esta sua disposiçaõ, usou de poder Real, e absoluto, de motu proprio, dispensando, e abolindo quaesquer Leys, Ordenações, Regimentos, Capitulos de Cortes geraes, ou especiaes, que houvesse em contrario, dando pela dita Carta patente todas por derogadas para a sua validade: em virtude da qual foy o Principe D. Theodosio Duque de Bragança, e depois o foraõ sempre os Principes presumptivos herdeiros do Reyno.

A natureza, e a graça ornaraõ este Principe de virtudes heroicas, porque fundando o edificio da sua vida em santo temor de Deos, se admirou nelle veneraçaõ ao culto Divino, piedade, e grande religiaõ, inviolavel castidade, com que conservou a sua alma pura, com tal modestia, que se offendia de ouvir palavras obcenas, e nunca mais tornou a conversar voluntariamente com a pessoa, a quem ouvio termos immodestos; liberal com a pobreza, magnanimo, liberal, admiravel juizo, e igual valor, e sobre tudo observantissimo da Ley de Deos. Nos annos da sua puericia lhe foy dado por Mestre D. Pedro Pueros, Cavalhero Irlandez, que o instruîo nas bellas letras; e de poucos annos soube, e fallou perfeitamente a lingua Latina, deixando nella compostos alguns Tratados curiosos, e erudítos de diversas materias, que a sua anticipada morte naõ

deixou

deixou aperfeiçoar para se imprimirem, os quaes se intitulaõ: *Aureum Sæculum*, outro *Macareopolis*, nome Grego, que val o mesmo, que Bemaventurada Cidade, de que o Original se conserva na Livraria, que foy do Cardeal de Sousa, e possue o Duque de Lafoens. Este livro foy glorioso instrumento para que a Rainha Christina de Suecia seguisse a Religiaõ Catholica Romana; com esta doutissima Rainha teve o Principe communicaçaõ litteraria, e este foy o motivo da felicidade referida; outro *Historia Universal do Mundo*, semelhante à do Padre Tursselino; outro particular de *Suecia*, e outro finalmente de *Sacramento Altaris*, que ambos dedicou, e mandou à Rainha Christina de Suecia, que contribuiraõ muito para a sua conversaõ, e pela estimaçaõ, que fez destes livros, tratou o seu casamento com o Principe, querendo vir para Portugal viver em hum Reyno Catholico, pois naõ podia no de Suecia por causa da Religiaõ. Teve sufficiente noticia da lingua Grega, de cujos caracteres, feitos pela sua propria maõ, illustrava os seus escritos; e da Hebraica naõ teve menos: entendia a Franceza, e Italiana, e fallava com energia a Castelhana. A sciencia, a que mais o genio o levava, foy a da Mathematica, em que teve por Mestre ao Padre Joaõ Paschasio Sciermans, chamado na nossa Historia *Cosmander*, Flamengo de nascimento, e professor insigne desta sciencia, o qual costumava dizer, que quando entrara a lhe dar liçaõ, o achara

ra mais Mestre, que Discipulo; e na verdade elle tendo excellentes Mestres, parece que só o foy de si mesmo nesta faculdade, em que foy insigne com admiraçaõ dos que o trataraõ. Soube com excellencia a Filosofia, e Theologia; naõ contava ainda dezasete annos, quando estava senhor destas sciencias, com tanta vastidaõ, como se as professara pacias, com tanta vastidaõ, como se as professara para o Magisterio. Da Medicina, e da Chymica teve bastante luz, especulando os termos, com que disputava com os Medicos. Do Direito Canonico, e Civil, tocante às Leys Municipaes, aprendeo o que lhe era necessario para administraçaõ do governo do Reyno. Nas Artes liberaes era muy versado, jogava as armas com perfeiçaõ, e destreza, e assim no manejo dos cavallos, e na architectura militar se exercitava, delineando, e riscando perfeitamente as fortificações: ainda as Artes mechanicas lhe deveraõ curiosidade, obrando relogios, e torneando ovados, como o mais pratico, e forjando espadas de admiravel tempera. Na liçaõ da Historia humana, e Sagrada era erudito, lendo-a com tanta reflexaõ, que apontava com a penna os lugares mais notaveis, colhendo desta sorte copioso fruto da mais alta doutrina. Naõ perdeo de vista os livros politicos, em que se ensina a arte de reynar; porém destes escolhia a politica Christãa, abominando aquelles, que a encontravaõ. Estimava aos Varoens doutos em qualquer faculdade, ou arte liberal; admittia os eruditos à sua presença, e os tra-

Monconys *Voyages* 1. part. pag. 129 da ediçaõ de Pariz de 1695.

tava com ſingular benevolencia, favorecendo-os nas ſuas pertenções. Aos Soldados de conhecido valor generoſamente amparava, ſentindo, que algum benemerito ſe achaſſe ſem premio digno do ſeu merecimento, como ſe vio no breve tempo, que aſſiſtio na Praça da Cidade de Elvas.

Eſta jornada intentou o Principe aconſelhado ſómente do ſeu valor, e ſem mais companhia, que a de D. Luiz de Portugal, Conde de Vimioſo, e Joaõ Nunes da Cunha, ſeus Gentis-homens da Camera; ſahio do Paço de noite, paſſou a Aldea-Galega, onde Joaõ Nunes tinha prevenido o que era neceſſario para a jornada, a qual executou a 2 de Novembro de 1651, e chegando à venda do Duque, achou ao General da Cavallaria André de Albuquerque com alguns Cavallos, e a Tropa de Diogo de Mendoça, que baſtava para a ſegurança daquelle paſſo, naquelle tempo pouco arriſcado. E paſſando de Eſtremoz a Elvas, o eſperavaõ quinze Tropas, e na Fonte dos Çapateiros tres Terços de Infantaria, com os quaes entrou em Elvas com pompa. André de Albuquerque lhe offereceo as chaves da Cidade, e montado o Principe a cavallo, debaixo de hum Pallio, o levou de redea Dom Joaõ da Coſta, que governava as Armas da Provincia na auſencia do Conde de S. Lourenço. Chegou à noticia delRey a jornada do Principe, e ouvio o Conſelho de Eſtado, em que foraõ diverſas as idéas dos Conſelheiros. ElRey lhe mandou eſcrever

crever logo no mesmo dia huma Carta, em que lhe dizia, que assim, que soubera da sua partida para a Fronteira, ordenara a D. Joaõ da Costa, que estava encarregado do governo das Armas daquella Provincia, obedecesse, e executasse as suas ordens, da mesma maneira, que o havia de fazer às suas, dizendo estas palavras: *Encomendovos muito tomeis o trabalho de querer governar as Armas dessa Provincia em quanto a visitardes, obrando nella tudo, o que vos parecer, sem exceiçaõ de caso, ou de negocio algum: espero me deis conta, do que vos parecer capaz de o fazerdes.* O Conde de Miranda Henrique de Sousa Tavares, e o Conde dos Arcos D. Thomás de Noronha, seus Gentis-homens da Camera, o seguiraõ com beneplacito delRey, e todos os mais, de que se compunha a sua Casa: o mesmo fez huma grande parte da Nobreza. O Conde de S. Lourenço, que conservava o titulo de Governador das Armas de Alentejo, intentou seguir ao Principe para lhe assistir, mas naõ lho permittio ElRey. O Conde da Ericeira referindo esta jornada diz, que se entendeo, que ElRey levado de particular inclinaçaõ, que tinha à grande prudencia, e zelo de D. Joaõ da Costa, naõ quiz, que entre o Principe, e D. Joaõ se interpuzesse outro poder: a que posso accrescentar, que tambem foy a vontade do Principe, que lhe fosse immediato D. Joaõ da Costa; porque em huma Carta delRey de 9 do mesmo mez de Novembro, respondendo ao

Prova num. 30.

Ericeira, *Portug. Restaurado*, tom. I. liv. 11. pag. 745.

Prova num. 31.

Principe com importantes direcções às perguntas, que lhe fizera, diz: *Aqui tenho mandado reſponder ao Conde de S. Lourenço o meſmo, que me advertis.* Paſſados alguns dias, depois do Principe eſtar em Elvas, lhe eſcreveo ElRey de propria maõ huma larga Carta, feita a 26 do referido mez, moſtrandolhe os inconvenientes da jornada, e o quanto poderia ſer prejudicial à meſma defenſa do Reyno, com razoens taõ concludentes, como naſcidas das prudentiſſimas maximas da ſua politica; nella ſe lê em eſtylo claro, e agradavel, a recta intençaõ daquelle grande Rey. Tambem a Rainha lhe havia anticipadamente eſcrito outra da ſua propria maõ a 11 de Novembro com differente methodo; porque ſómente explica carinhoſa, e diſcretamente o ſeu amor, e a ſua ſaudade, de ſorte, que na Carta delRey ſe admira, o que diz, e na da Rainha, o que calou, e em ambas ſe vê o brilhante daquelles ſublimes talentos. Eſtes Anedoctos veraõ os curioſos nos Tomos das Provas. De Elvas paſſou o Principe a Villa-Viçoſa, e da montaria, que fez, remetteo a ElRey dous porcos montezes, que matou na Tapada, liſongeando a ElRey com a ſua meſma inclinaçaõ, que lhe reſpondeo, que ſem a ſua companhia nada lhe era agradavel, e que o deſafiava para os porcos de Salvaterra, porque era juſto fazella nos boſques, quando a razaõ pedia ſuſpendella nas Fronteiras. Vendo o Principe, que por nenhum caminho podia vencer a deliberaçaõ delRey,

Prova num. 32.

Prova num. 33.

delRey, voltou para Lisboa nos ultimos dias de Dezembro do referido anno, com grande satisfaçaõ das Magestades, e applauso da Corte, e povo.

Naõ tardou ElRey em attender ao gosto do Principe, porque o declarou Generalissimo das Armas de todo o Reyno, de que se lhe mandou passar Patente, ficando todos os póstos Militares, e Consultas, que tocavaõ à guerra, ao seu arbitrio, com a mesma jurisdicçaõ, e faculdade, que competiaõ a ElRey, passando as Patentes em seu nome, privando, diminuindo, e accrescentando tudo, o que lhe parecesse. Para o que se mandou ordem ao Conselho de Guerra, Junta dos Tres Estados, Contadoria Geral, Governadores das Armas, e a todos os mais Officiaes, assim de Guerra, como de Fazenda de todo o Reyno, para que ao Principe dirigissem suas Consultas, e negocios, e todos os mais Vassallos de qualquer qualidade, e preeminencia, lhe obedeceriaõ nas materias de guerra, e fazenda della, sem limitaçaõ alguma. E que esta Patente, pela preeminencia della, se naõ registaria em livro algum, porque em virtude das Cartas, e Decretos mandados aos Tribunaes, Governadores das Armas, e Cameras principaes do Reyno, seria a todos notoria, a qual foy passada em Lisboa a 25 de Janeiro de 1652, o que elle soube administrar com admiravel prudencia, e justiça. Entaõ fez o Regimento, a que chamaõ do *Principe*, para administraçaõ dos tributos, que ainda hoje na Junta dos

Prova num. 34.

dos Tres Estados se observa. No dia, em que tomou posse deste emprego soberano, fez a seguinte Oraçaõ, que todos os dias recitava de joelhos diante da Imagem de Christo Crucificado, de quem esperava com fé os acertos.

„ Domine, qui potestates, & regna toti ter-
„ rarum Orbi dispensas, præis exercitibus, & Dei
„ Sabahot nomine dignaris, tu de tua immensa bo-
„ nitate mihi, etsi vilissimæ creaturæ tuæ, Regnum
„ istum Lusitanum tuendum dedisti, quod & ad
„ maiorem laudem tuam suscepi, & pro charitate,
„ quà tua gratia fretus, intendo, nil aliud volo,
„ quam quod tuo Sanctissimo nomini gloriosius, &
„ decentius fuerit. Unde, potentissime Deus, qui
„ omnia diligenti Te in bonum cessura promisisti,
„ qui Salomoni regendi scientiam dedisti, Davidi,
„ & Josue militarem fortitudinem induisti: Te pre-
„ cor per Unigenitum Filium tuum, Dominum
„ meum Jesum Christum, ut dum hoccemet mu-
„ nere fungere velis, sic fortem, & sapientem me
„ geram, ut plurimas inde tibi referam gratias, quod
„ de me spondeo, semper facturus. Amen.

Amou de tal sorte a Nobreza, que quando via a ElRey seu pay desgostado com algum Fidalgo, naõ cessava sem o restituir à sua graça: com o povo parecia pay, mostrando-se com os pobres compassivo, e com todos clementissimo, e amava tanto o de Lisboa, que poucos dias antes de morrer chamou o Juiz do Povo, e lhe disse: *Dizey ao povo,*

povo, que se Deos me der vida, toda hey de gastar em sua defensa, e senaõ, que mais efficazmente o defenderey no Ceo. E muitas vezes costumava repetir: *Que senaõ houvesse tempo de ver seus Vassallos livres das oppressoens, que padeciaõ, que naõ queria ser Rey de Portugal.* Estas expressoens do amor, que mostrava aos Vassallos, o faziaõ igualmente respeitado, que amado, de sorte, que naõ havia pessoa, que lhe fallasse huma vez, que o naõ desejasse repetir muitas, pela affabilidade, e portentosa graça, e genio deste Principe. O seu talento foy taõ sublime, e elevado, que de treze annos começou a assistir no Conselho de Estado, em que de ordinario o seu voto era o mais seguro, e mais bem fundado, com discursos taõ solidamente ponderados, que se ouviaõ como vozes de Oraculo. Quando contava quinze annos, já ElRey lhe fiava os negocios mais graves da Monarchia, esperando no seu voto o mais seguro conselho, ou fosse nas materias Politicas, ou Militares. Naõ só no Conselho ouvia ElRey ao Principe, mas domesticamente lhe participava importantissimas materias, dizendo estas palavras: *Quero ouvir o meu Salamaõ*; termo, que repetia em semelhantes occasioens. Delle se conservaõ votos nas materias Politicas, e Militares mais importantes, que nas Provas se veraõ, tirados dos Originaes escritos da sua propria maõ, que se conservaõ na Livraria do Conde da Ericeira, os quaes já deixámos referidos no

Prova num. 35.

Capitulo

Capitulo I. deſte Livro, quando fallámos na vinda dos Principes Palatinos a eſte Reyno.

Principiava o dia com exercicios ſantos, em que gaſtava muitas horas em profunda contemplaçaõ, e vivendo ſempre abrazado no amor Divino, perſuadia aos que tratava familiarmente a conſiderarem, que couſa era Deos, ſobre o que fazia humildemente altiſſimas contemplações. As palavras, que ordinariamente repetia, eraõ: *Que grande Deos temos, que immenſa fermoſura he a ſua.* Todas as vezes, que o Relogio dava horas, fazia hum fervoroſo Acto de contriçaõ; confeſſava-ſe quaſi todos os dias, e commungava todos os Domingos, e todas as feſtas mayores do anno de Chriſto, Noſſa Senhora, e Santos de ſua mayor devoçaõ. Nelle ſe anticipou o uſo da razaõ por eſpecial graça, porque naõ contava quatro annos, idade incapaz da culpa, quando já a reconhecia para ſe confeſſar della. Continuou deſde os primeiros annos com taõ admiravel impulſo a penitencia, que ſe recreava com a ſolidaõ, retirando-ſe como Eremita no tempo, que aſſiſtia na Quinta. Caſtigava aſperamente o ſeu corpo com cilicios, diſciplinas, e jejuns; e aſſim ſe exercitava em obras de mortificaçaõ, naõ havendo couſa alguma, em que naõ deſejaſſe imitar aos mais perfeitos Heroes da Santidade. Ornado de taõ admiraveis virtudes, veyo a enfermar, e aggravando-ſe a doença, apuraraõ os Medicos os remedios: e elle abraçando de todo o coraçaõ os Divinos, tendo

tendo recebido com profunda humildade, e ternissima devoçaõ os Sacramentos, desde o dia 9 de Mayo até 15, que gastou em santos exercicios, resignado na vontade Divina esperava alegre a ultima hora, e abraçado com huma Imagem de Christo na Cruz, repetindo fervorosamente: *Præbe mihi cor tuum, & ego dabo tibi cor meum: sicut desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus*; elevado em profunda contemplaçaõ, rendeo a sua ditosa alma nas mãos de seu Redemptor, em que lhe tributou o Sceptro, e a Coroa a 15 de Mayo de 1653 para ser coroado entre os Espiritos por toda a eternidade. Jaz no Mosteiro de Belem, depositado na Capella môr debaixo do Sacrario. ElRey seu pay ordenou no seu Testamento, que fossem os seus ossos trasladados para o Mosteiro de S. Vicente de Fóra com os de sua irmãa a Infanta D. Joanna, onde manda lhes façaõ sepulturas magnificas, e instituindo quatro Missas quotidianas naquella Igreja, diz: *Duas por mim, e duas pelo dito Principe, e Infantes meus filhos, com Responso, &c.* Foy este virtuoso, e excellente Principe de estatura proporcionada, e de galharda presença, com o rosto grave, branco, e córado, olhos, e cabellos negros, o corpo robusto, antes que os achaques o debilitassem. O seu casamento tratou a grande politica delRey seu pay com a Infanta de Hespanha D. Maria Theresa, depois Rainha de França, e esteve muy adiantada esta delicada negociaçaõ, ma-

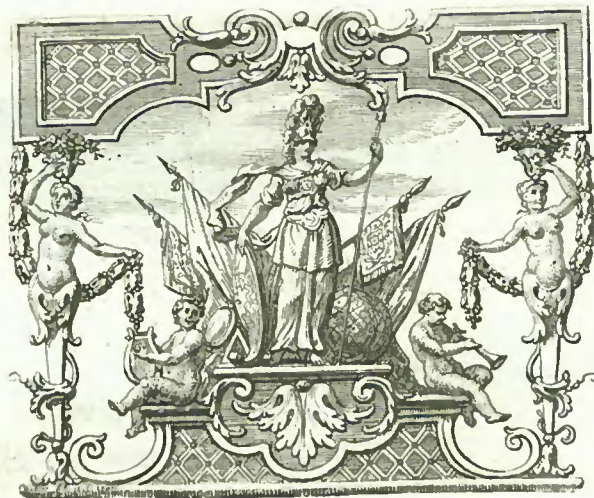
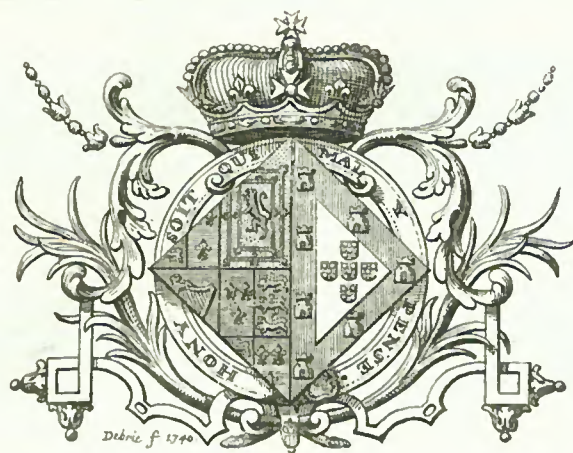
nejando este negocio o grande talento do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, que passou a Napoles com grandes creditos, e prudentes instrucções: e se o Duque de Guisa soubesse conservarse, e o tumulto daquelle Reyno se naõ dissipasse, se ajustaria sem duvida este tratado, e o da paz com Hespanha com condições muy ventajosas a Portugal. A sua Vida compoz em Latim o Padre Manoel Luiz, da Companhia de Jesu; e o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes fez huma larga Dedicatoria à sua memoria, que anda na Vida del-Rey D. Joaõ I. Delle trata como de Varaõ Santo Jorge Cardoso no *Agiologio Portuguez* a 15 de Mayo, e com a sua costumada elegancia o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes no primeiro Tomo do seu *Portugal Restaurado*, que testemunha muitas cousas particulares por se haver creado com este Principe, que fez saudosa a sua memoria entre os seus naturaes. Luiz de Sousa, depois Arcebispo de Lisboa, e Capellaõ môr, e Cardeal da Santa Igreja de Roma, que entre os favorecidos deste Principe conhecidamente teve a sua graça, estampou hum livro com o titulo de *Tumulus Theodosii*, o qual acabou com este Cenothafio:

EPITAPHIUM.

DEO,
Qui aufert
Spiritum Principum
S.
M. E.
THEODOSIUS,
Princeps Lusitaniæ,
Et Brasiliæ
Imperator vix dum adolescens:
Spei summæ:
Expectationis maximæ,
Sed victæ:
Nostri nec ævi, nec moris,
Sed prisci.
Intra florem ætatis maturus:
Ante canos senex:
Citra disciplinam doctus:
Supra mortalem excelsus:
Ultra hominem ingeniosus:
Vix imbutus, cum perfectus:
Ægre in limine,
Jam in limite constitutus:
Acerba morte ereptus,
Non immatura præreptus,
Ante diem,

Sed poſt lucem.
Magna commendatione famæ
Ingenti ſplendore gloriæ
Occidit innocenti morte.
Rea vitæ,
Quæ deſtituit,
Cum pondus virtutum
Ferre non poſſet;
Sed hæc provocavit ad Superos,
Qui ornarunt: pene culpans,
Quod obruerunt.
Conſtat nullam in ejus morte
Fuiſſe culpam, fuiſſe cauſam,
Caduca oderat.
Immortalia anhelabat:
Humanum modum exceſſit:
Cœlum attigit. Pulſavit.
Receptus eſt.
Quem terra non caperet
Ingreſſus eſt æternitatem,
Aliena reliquit,
Sua repetiit.
Ne lugem viator
Illius haud lugenda mors eſt,
Cujus vita fuit admiranda.
Vixit
Annos XIX. votis ſuorum
Parum, ſuis diu,
Famæ ſatis,

Dotibus

Dotibus nimium.
Desiderio æternum vivet.
Ei
Gratiæ, officii, obsequii, amoris,
Doloris ergo
Unus ex intimis Aulæ
mœstissimus
Aloysius à Sousa
Comitis Mirandæ filius
H. Cœnot. P.
Anno M. DC. LIII.

CAPI-

CAPITULO III.

Da Infanta D. Catharina, Rainha da Grã Bretanha.

18 AVENDO em todas as idades a Caſa Real Portugueza dado Rainhas, e Princezas às mais poderoſas Coroas, e Soberanos de Europa, como fica referido; tinha paſſado mais de hum ſeculo, em que ſe ſuſpendera eſta felicidade, ſendo a ultima do Real ſangue Portuguez a Infanta D. Maria, mulher de Dom Filippe, Principe herdeiro da Monarchia Caſtelhana, que pela falta da ſucceſſaõ do infeliz Rey D. Sebaſtiaõ, ſe apoderou da Coroa de Portu-

Portugal, de que depois de hum intruso dominio, que durou sessenta annos, foy restituida pelo valor dos seus mesmos naturaes ao Magnanimo Rey D. Joaõ IV. que sendo casado com a Rainha Dona Luiza, deste Real consorcio, como temos dito, nasceo terceira filha a Infanta D. Catharina, ornada de taõ excellentes virtudes, que depois com o exercicio dellas illustrou a Coroa da Grãa Bretanha. Vio a primeira luz do dia no Paço de Villa-Viçosa a 25 de Novembro do anno de 1638 das oito para as nove horas da noite, dia, em que a Igreja celebra a festa da gloriosa Santa Catharina Virgem, e Martyr. A devoçaõ de seus pays lhe quiz conservar o nome como feliz auspicio, dando huma Santa Princeza, e douta, por Protectora da recemnascida Princeza, e o tempo depois acreditou a eleiçaõ, vendo-se a prudencia, e sabedoria da Infanta D. Catharina, em quem concorreraõ tantas virtudes, que fizeraõ glorioso o seu nome na Grãa Bretanha. Foy bautizada na Capella Ducal de Villa-Viçosa em hum Sabbado 12 de Dezembro deste referido anno, administroulhe este Sacramento o Deaõ da mesma Capella Antonio de Brito e Sousa, Fidalgo em quem concorriaõ merecimentos para aquella Dignidade, e foy seu Padrinho o Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, que com notavel pompa, e ostentaçaõ se achou neste acto, mostrando o gosto, com que recebia a honra do novo parentesco espiritual, que contrahia com o Duque

Duque de Bragança sobre os repetidos do sangue, estimando agora esta demonstraçaõ, com que o Duque manifestava o seu affecto, como premio da boa correspondencia, que a sua Casa conservara em todos os tempos no respeito da Serenissima de Bragança.

Contava poucos dias sobre dous annos, quando trocando a fortuna de Vassallos pela incomparavel felicidade da soberania, passaraõ as Magestades de seus pays de Villa-Viçosa para Lisboa, e sendo creada com as prudentes maximas Christãas daquella admiravel Heroîna a Rainha D. Luiza sua mãy, a estimou com notavel carinho, e naõ menos ElRey seu pay, de que ella se fazia digna acredora: assim o testemunhou ElRey na grande Doaçaõ, que lhe fez, dandolhe a Ilha da Madeira com todos seus Lugares, a Cidade de Lamego, e seu Termo, a Villa de Moura, e seu Termo, com todas as suas rendas, fóros, e tributos, officios, datas de Castellos, e Padroados, excepto as Alfandegas, e cisas, e o provimento dos Bispados de Lamego, e Funchal; porque esta nomeaçaõ sempre seria da Coroa, como era ao presente: e que gozaria da mesma sorte, que ElRey possuîa a Ilha da Madeira, Cidade de Lamego, e Villa de Moura, com toda a jurisdicçaõ, Crime, e Civel, mero, e mixto imperio, e todas as mais prerogativas, que tem as Doações da Casa de Bragança, que alli deu por expressadas, entendendo as que saõ incorpora-

Prova num. 36.

das na Casa para os successores, e naõ as pessoaes, que por outra Doaçaõ concederia à Infanta, como convinha à sua pessoa, e lhe concederiaõ seus successores aos da Infanta; e lhe fez mais merce dos Celleiros de Moura, que pertencem à dita Villa, da mesma maneira, que concedera ao Infante D. Pedro os de Serpa, de que era Donatario. E de mais lhe fez Doaçaõ do Paul de Magos, tudo de juro, e herdade na fórma da Ley Mental, para ella, e seus successores, varoens legitimos, em que preferio o neto filho de filha mais velha, falecido antes de succeder, ao tio filho segundo, e mais filhos do ultimo possuidor; querendo seguir o mesmo, que já na Serenissima Casa de Bragança se tinha declarado, como em seu lugar fica escrito. Por obviar embaraços, manifestou ElRey, que a Doaçaõ da Ilha era sómente no que pertencia à Coroa, salvando o direito dos Donatarios, que nella havia, que ficariaõ em seu vigor em quanto durasse o termo das suas Doações; e que acabando elles, e havendo de os ditos lugares, bens, e jurisdicções, e o mais, que possuissem, de voltar à Coroa, naõ vagariaõ para ella, senaõ para a Infanta, e seus successores, para os possuirem na fórma, em que ElRey delles lhe fizera Doaçaõ: com declaraçaõ, que havendo de casar a Infanta fóra do Reyno, dandolhe a Coroa hum justo equivalente por estas merces, seria a Infanta obrigada a desistir dellas. E porque os Beneficios da Ilha eraõ providos, como perten-

pertencentes à Ordem de Christo, pela Mesa da Consciencia; ElRey os dava à Infanta, e seus successores para os possuirem como Donatarios daquelles Padroados, e o uso delles, da mesma sorte, que a Casa de Bragança provê algumas Commendas da mesma Ordem, o que fazia ElRey de juro, e herdade, e quando nisto pudesse haver duvida, a dava em tres vidas na melhor fórma, que pudesse ter effeito; e que sendo necessario se supplicaria a Sua Santidade para supprir o que preciso fosse. Determinando, que se em alguma parte naõ podesse ter effeito esta Doaçaõ, se lhe suppriria com outra equivalente, de sorte, que se inteirasse o valor da merce, que nesta Doaçaõ fazia à Infanta, no que obrava de motu proprio, certa sciencia, poder Real, e absoluto, a qual foy feita na Cidade de Lisboa no primeiro do mez de Novembro de 1656.

Ericeira, *Portug. Restaur.* tom. 2. lib. 6. pag. 369.

Governava a Monarchia Portugueza a Rainha D. Luiza como Regente do Reyno na menoridade delRey D. Affonso seu filho, e achandose a Infanta D. Catharina com hum bom dote na Doaçaõ, que referimos, e com idade para se lhe dar estado, e considerando, que convinha ao Reyno darlhe hum esposo, com cuja alliança se pudessem fazer os interesses communs; depois de varias proposições em diversas partes, concluìo o casamento da Infanta com Carlos II. Rey de Inglaterra, por meyo do zelo, e intelligencia do seu Embai-

xador Francisco de Mello, depois Conde da Ponte, que a pezar das negociações dos Castelhanos, deu feliz conclusaõ a este negocio; porque naõ admittio ElRey da Grãa Bretanha as varias proposições, que lhe fizeraõ para a escolha de esposa, de differentes Princezas, que se lhe nomearaõ, nem menos as ventajosas condições, com que ElRey de Castella o persuadia, a que aceitasse qualquer das Princezas Protestantes, a quem para este fim lhe promettia outro tanto dote, como às Infantas de Hespanha. Tendo ElRey da Grãa Bretanha ajustado o seu casamento com a Infanta D. Catharina, e approvado pelo seu Conselho de Estado, o manifestou ao Parlamento no dia 18 de Agosto de 1661 com huma pratica; e elle com outra chea de reverentes expressoens, agradeceo a honra daquella taõ agradavel noticia, e o Chanceller de Inglaterra visitou ao Embaixador, levandolhe os papeis das resoluções, que se haviaõ tomado nas Cameras dos Senhores, e dos Communs, que se veraõ nas Provas com outras do mesmo negocio. Seguio-se hum Tratado de paz, e casamento de vinte artigos publicos, e hum secreto, que continhaõ: Que todos os Tratados feitos do anno de 1641 até aquelle tempo entre as Coroas de Portugal, e Grãa Bretanha, se ratificariaõ, e confirmariaõ por aquelle Tratado: Que ElRey de Portugal faria entregar a Cidade, e Fortaleza de Tangere a ElRey da Grãa Bretanha com tudo o que lhe pertencesse; e para este effeito manda-

Clede, *Hist. de Portug.* tom. 2. p. 708.

Prova num. 37.

Prova num. 38.

mandaria ElRey da Grãa Bretanha cinco naos de guerra ao porto de Tangere, e que a entrega se effeituaria depois de celebrado o casamento, concedendo-se aos Soldados, e moradores, ou a passagem livre para Portugal, ou ficarem vivendo em Tangere com exercicio livre da Religiaõ Catholica Romana, e todos os bens, que na dita Cidade possuissem: Que ElRey mandaria a Lisboa a sua Armada com toda a preparaçaõ, e decencia para conduzir a Rainha a Inglaterra: Que ElRey de Portugal se obrigava a dar em dote a sua irmãa dous milhoens de cruzados Portuguezes, hum que em dinheiro, e generos iria na Armada, e outro, que pagaria no termo de hum anno: Que ElRey permittia a toda a familia da Rainha o livre exercicio da Religiaõ Catholica Romana, para cujo effeito a Rainha em todos os Palacios, em que vivesse, teria Capella com todos os Capellães, que fossem necessarios para o exercicio, e decencia do culto Divino; e que ElRey naõ persuadiria, nem constrangeria a Rainha por si, ou por outra alguma pessoa, nem lhe daria molestia na profissaõ da Religiaõ Catholica Romana: Que dentro de hum anno, depois da chegada da Rainha, lhe constituiria ElRey, e estabeleceria de Doaçaõ, em razaõ do casamento, trinta mil livras esterlinas Inglezas cada anno, e hum Palacio, em que a Rainha residisse, ornado, e guarnecido com todas as alfayas convenientes à sua grandeza, as quaes lograria em

sua

ſua vida, ainda que excedeſſe em dias a ſeu marido: Que a ſua familia ſe comporia de todos os criados, e grandeza, que havia tido a Rainha Mãy: Que ſuccedendo viver mais a Rainha, que ElRey, e quizeſſe tornar para Portugal, ou ir para alguma outra parte, o poderia fazer livremente, e levar comſigo todas as ſuas joyas, bens, e moveis, para cujo effeito ElRey da Grãa Bretanha ſe obrigava a ſi, e a ſeus herdeiros, e ſucceſſores, os quaes mandariaõ conduzir a Rainha honorificamente, e com toda a ſegurança à ſua propria cuſta, e deſpeza, com o decóro conveniente à grandeza da ſua peſſoa; obrigando juntamente a ſeus herdeiros, e ſucceſſores a pagarem à Rainha as trinta mil livras cada anno, como ſe eſtivera em Inglaterra: Que ElRey de Portugal concedia a ElRey da Grãa Bretanha a Ilha de Bombaim na India Oriental, com todas as ſuas pertenças, e Senhorios, para ficarem daquelle porto mais promptas as ſuas Armadas para ſoccorro das Praças de Portugal na India, ficando livre aos moradores, que naõ quizeſſem ſahir das ſuas caſas, o uſo da Religiaõ Catholica Romana: Que os Mercadores Inglezes, naõ excedendo o numero de quatro familias, poderiaõ reſidir em todas as Praças da India dos Dominios de Portugal, e em todas as Cidades principaes da America: Que reſtaurando-ſe a Ilha de Ceilaõ, daria ElRey de Portugal ao da Graõ Bretanha o livre dominio do porto de Gále, ou ſe recuperaſſe a dita Ilha com

as

as Armas de Portugal, ou com as Armas de Inglaterra, ficando livre a Praça de Columbo, e todo o mais Senhorio da Ilha a ElRey de Portugal: Que em consideraçaõ de tantas ventagens como Inglaterra recebia no casamento da Rainha, promettia, e declarava, com consentimento do seu Conselho, trazer sempre no intimo do coraçaõ as conveniencias de Portugal, e de todos os seus Dominios, defendendo-o de seus inimigos com as mayores forças do seu Reyno, assim por mar, como por terra, como à mesma Inglaterra; e que à sua custa mandaria a Portugal dous Regimentos de quinhentos cavallos cada hum, e dous Terços de Infantaria cada hum de mil Infantes, armados à custa delRey da Grãa Bretanha; porém depois de chegarem a Portugal, seriaõ pagos por conta delRey Dom Affonso; e no caso de se diminuirem na guerra, se haviaõ de reencher com novas levas à custa delRey da Grãa Bretanha, assim a Cavallaria, como a Infantaria: Que ElRey da Grãa Bretanha promettia, com consentimento, e deliberaçaõ do Parlamento, assistir a Portugal com dez navios de guerra, os de mayor força, e mais bem apparelhados da sua Armada, todas as vezes, que fosse invadido de quaesquer Nações; e que sendo infestadas as Costas de Piratas, mandaria todos os annos tres, ou quatro naos de guerra com mantimentos para oito mezes, que se contariaõ do dia, que dessem à véla de Inglaterra, para seguirem as ordens delRey de Portugal;

tugal; e em o caso, que ElRey de Portugal quizesse, que estes navios se detivessem nas Costas do seu Reyno mais de seis mezes, seria obrigado a fornecellos de mantimento todo o tempo da dilaçaõ, e mais hum mez para a viagem de Inglaterra; e que dado caso, que ElRey de Portugal fosse mais estreitamente apertado das Armadas de seus inimigos, todas as naos delRey da Grãa Bretanha, que em qualquer tempo estivessem no mar Mediterraneo, ou porto de Tangere, teriaõ ordens para obedecerem a tudo o que ElRey de Portugal lhe mandasse, assistindo nas partes, onde fossem necessarias para a sua ajuda, e soccorro; e em virtude das sobreditas concessoens, os herdeiros delRey da Grãa Bretanha, e seus successores, em nenhum tempo já mais pediriaõ satisfaçaõ alguma por estes soccorros: Que além da faculdade, que ElRey de Portugal tinha de fazer gente em Inglaterra em virtude dos Tratados passados, ElRey da Grãa Bretanha pelo presente Tratado se obrigava, no caso, que Lisboa, a Cidade do Porto, ou outra qualquer Praça maritima fosse sitiada, ou apertada pelos Castelhanos, ou outros quaesquer inimigos, de dar soccorros convenientes de Soldados, e naos, conforme os accidentes, que sobreviessem, e a necessidade de Portugal o pedisse: Que ElRey da Grãa Bretanha, com consentimento do seu Conselho, protestava, e promettia, que elle nunca faria paz com Castella, que lhe pudesse directa, ou indirectamente ser mi-

nimo

nimo impedimento a dar a Portugal pleno, e inteiro soccorro para sua necessaria defensa, e que nunca restituiria Dumquerque, ou Jamayca a ElRey de Castella, nem se descuidaria já mais de fazer tudo o que necessario fosse para ajuda de Portugal, ainda que por qualquer respeito se achasse obrigado a fazer guerra a ElRey de Castella. Acordou-se tambem, e se ajustou por ElRey da Grãa Bretanha, que em virtude do dote, que recebia delRey de Portugal com a Rainha sua mulher, renunciava todas as suas heranças, e direitos, assim paternos, como maternos, ou qualquer herança, que pudesse ter de terras, casas, moveis, joyas, ou dinheiro, que por qualquer via de direito, ou titulo lhe pertencessem, conforme as Leys de Portugal; e que só exceptuava naõ renunciar os titulos, que lhe pertencessem em direito na falta de successor à Coroa de Portugal, na qual entraria a Rainha, e seus descendentes. E finalmente por Artigo secreto se ajustou, que ElRey da Grãa Bretanha se obrigava a mediar a paz entre ElRey de Portugal, e os Estados de Hollanda; e que naõ o podendo conseguir, mandaria huma Armada à India, que tomasse posse de Bombaim, e fizesse guerra aos Hollandezes. Foraõ estas Capitulações firmadas solemnemente por ElRey com todas as ceremonias legaes de Inglaterra a 23 de Junho de 1661, e pelo Embaixador Conde da Ponte, que brevemente passou a Portugal com ellas, onde foy recebido com gran-

de contentamento da Rainha Regente, e differentes affectos da Nobreza, e povo; porque a Rainha a todo o cuſto lhe parecia barato conſeguir o caſamento da Infanta com ElRey de Inglaterra; porém os Póvos ſentiaõ vivamente a entrega de Tangere, e Bombaim, por verem ultrajada a Religiaõ Catholica Romana com os erros da hereſia. O Conde da Ponte aſſim que chegou a Lisboa, tendo feito a ratificaçaõ dos Tratados, principiou com todo o ſegredo a diſpor com a Rainha a entrega de Tangere, e Bombaim, e de ſe ajuntar dinheiro para a ſatisfaçaõ do dote, e apreſtos da Caſa da Rainha, que no anno ſeguinte de 1662 partio de Liſboa a 23 de Abril.

Rapin Thoyras *Hiſtoire d'Angleterre*, t. 8. l. 23. pag. 201. impreſ. em 1722.

Celebrou-ſe o ajuſte deſte caſamento com magnificas feſtas de fógos, luminarias, e touros, em que tourearaõ com grande luzimento, e deſtreza da arte, os Condes de Sarzedas, e da Torre, e D. Joaõ de Caſtro, Senhor do Paul de Boquilobo. A Rainha em attençaõ deſte negociado fez Marquez de Sande ao Conde da Ponte. Chegou a Armada de Inglaterra ao porto de Lisboa a 10 de Março, a qual havia conduzir a Rainha, que conſtava de quatorze naos de guerra, e cinco ſumacas, e huma barca, de que era General Duarte de Montaigue, Conde de Sandwich, reveſtido com o caracter de Embaixador Extraordinario, para conduzir a Rainha a Inglaterra. Mandou-o ElRey viſitar a bordo por D. Pedro de Almeida, Veador da ſua

Relacion de las Fieſtas, que ſe hizeron en Liſboa con la ocaſion del caſamiento de la Sereniſſima Infanta de Portugal D. Catalina Reyna de la Gran Bretanha con el Rey Carlos II. impreſſ. em 1662.

sua Casa, que foy em huma falua muy bem adereçada, em que entrarão alguns criados seus, e em outra hião os de mais da sua comitiva, todos com luzidas galas. Assim, que a falua esteve perto da Capitania, o Embaixador o esperava ao portaló, aonde havia huma bem lançada escada, que o Embaixador desceo quasi toda a receber a D. Pedro, salvando-o ao mesmo tempo com vinte e sete pessas. Sobirão a escada, chegarão à camera, dando-lhe sempre a porta, e a melhor cadeira, e depois de se cobrir, estando sentado, se levantou, e descobrindo-se, deu o recado delRey, em que lhe significava o contentamento, que tinha da sua chegada, e a este mesmo tempo se deu outra descarga de artilharia de vinte e sete pessas: e respondendo o Embaixador com grande apreço à honra, que ElRey lhe fazia, se sentarão, e conversarão algum tempo. D. Pedro de Almeida se despedio, e o Embaixador o acompanhou até o ultimo degrao da escada, e tanto, que passou a falua, lhe derão tres boas viagens, e o salvarão com outra descarga de artilharia como a primeira. Depois foy o Embaixador hospedado por tres dias nas casas da Corte-Real do Marquez de Castello-Rodrigo com grande magnificencia, regalo, profusão, e abundancia, aonde o conduzio em hum coche da Casa Real D. Duarte de Castellobranco, depois Conde de Redondo, e era Veador da Casa Real, e daqui fez a sua entrada publica, sendo seu Conductor o Marquez de

 Gouvea,

Gouvea, do Conselho de Estado, e Mordomo môr. Teve audiencia formal delRey, e passados dous dias a teve tambem da Rainha Mãy, e da Rainha da Grãa Bretanha, entregandolhe huma Carta delRey seu esposo, escrita na lingua Castelhana, chea de affectuosas, e attentas expressoens, e outra à Rainha D. Luiza, que logo lhe respondeo, todas dignas de se perpetuarem na estimaçaõ daquelles, que sabem avaliar semelhantes descobrimentos: pelo que iraõ lançadas nas Provas. Acompanharaõ a Rainha nesta jornada o Marquez de Sande, Embaixador Extraordinario, Nuno da Cunha, Conde de Pontevel, D. Francisco de Mello, depois Embaixador a Hollanda, e Inglaterra, Francisco Correa da Sylva, com as mais pessoas da sua familia, que passavaõ de cem; Duarte de Montaigue, primo do General, como Estribeiro môr da Rainha, Henrique Zevout, Veador da Rainha Mãy de Inglaterra, a cujo cargo vinha toda a despeza, que fazia por conta delRey, Ricardo Russel, Bispo eleito de Portalegre, como seu Esmoler, Dom Patricio, Clerigo Irlandez, com o mesmo cargo, e Monsieur Alse destinado para Estribeiro menor, e outras pessoas de qualidade. Feita a funçaõ da entrada, partio a Rainha a 23 de Abril, na fórma seguinte. Sahio da antecamera da Rainha à sua maõ direita, e dous passos adiante ElRey, e o Infante D. Pedro, e os Officiaes da Casa, Grandes, e Fidalgos. Desceraõ pela escada do quarto, que entaõ era da Rainha,

Prova num. 39.

Prova num. 40.

Prova num. 41.

nha, e baixaraõ à salla dos Tudescos, e chegando ao topo da escada, que vay para o pateo da Capella, se deteve a Rainha Regente; e como era o lugar das ultimas despedidas da Rainha sua filha, pertendeo esta beijarlhe a maõ, (o que naõ consentio a Rainha) e abraçando-a, lhe lançou a sua bençaõ. Baixou a Rainha da Grãa Bretanha a escada entre ElRey, e o Infante seus irmãos, e fazendo instancias para que a Rainha Mãy se recolhesse, antes de chegar o ponto de lhe voltar as costas, o naõ conseguio, porque a Rainha esperou, que ella entrasse no coche, o que fez depois de huma profunda reverencia, a que a Rainha lhe correspondeo com outra bençaõ, e voltou as costas antes, que seus filhos entrassem na carroça, onde ElRey dando a maõ direita à Rainha, o Infante D. Pedro tomou o assento de diante; e acompanhados de toda a primeira Nobreza com luzidissimas carroças, e custosas galas, seguindo a carroça Real os Capitães da Guarda, que a cobria, foraõ pela rua nova à Cathedral, entre duas alas de Infantaria, que guarnecia as ruas, que estavaõ ricamente adereçadas com arcos custosamente fabricados. A este tempo se ouviaõ repetidas salvas de artilharia das Fortalezas, e navios, que estavaõ ancorados no rio, e os repiques dos sinos dos Mosteiros, e Freguesias da Cidade, encontrando-se pelas ruas diversas danças, que entre instrumentos, trombetas, e charamellas, faziaõ huma gostosa consonancia. Chegaraõ a Sé pelas

pelas nove horas da manhãa, a qual estava ricamente ornada, e entrando na Capella môr, se cantou o Hymno *Te Deum laudamus*: os Reys se recolheraõ à cortina, precedendo sempre a Rainha de Inglaterra no melhor lugar. Em quanto durou a Missa, se encommendou a varios Fidalgos entretivessem nos Claustros da Sé ao Embaixador de Inglaterra, o Estribeiro môr, Veador da Rainha, e outros Inglezes de qualidade, que vinhaõ na Armada para acompanhar a Rainha, por serem de differente Religiaõ. Acabada a Missa, tornaraõ os Reys a entrar no coche, e vieraõ buscar o Terreiro do Paço, achando as ruas, por onde novamente passavaõ, com riquissimos adereços, naõ inferiores aos antecedentes, e com arcos de differentes architecturas. Chegaraõ ao Paço pela parte da Campainha, aonde era o jardim, junto à Ribeira das Naos, e no muro se abrio huma porta de boa architectura, por onde entrou só o coche dos Reys, e todos os Senhores, que hiaõ no acompanhamento, se apearaõ, e sahiraõ por outra porta do jardim a huma ponte soberbamente adereçada, que cahia sobre o mar, onde estavaõ os bargantins Reaes. A' Rainha de Inglaterra, antes de embarcar, beijaraõ a maõ todos os que a acompanhavaõ, e querendo fazer a mesma ceremonia a ElRey, o naõ consentio em obsequio da Rainha sua irmãa. Entrou a Rainha no bargantim magnificamente preparado, levando-a ElRey pela maõ: seguia o Infante aos Reys, e depois

pois

pois de todos ſentados, entraraõ no bargantim a Camereira môr, Damas, e Senhoras de Honor, o Embaixador de Inglaterra, Eſtribeiro môr, e Veador da Rainha, Inglezes, o Marquez de Sande, Nuno da Cunha, Conde de Pontevel, Franciſco Correa da Sylva, e D. Franciſco de Mello, que eraõ as peſſoas principaes, que acompanhavaõ a Rainha a Inglaterra, e os Officiaes da Caſa delRey em varias faluas, e em outras embarcações bem adereçadas embarcou a Nobreza, que tinha acompanhado aos Reys. Tanto, que o bargantim Real começou a navegar, ſe repetiraõ as ſalvas da artilharia até a Rainha chegar à Capitania de Inglaterra, chamada o *Graõ Carlos*, que tinha oitenta peſſas de bronze, e ſeiſcentos homens de guarniçaõ. Nella eſtava prevenida huma eſcada commoda para ſobirem as Mageſtades: e entrando na camera, que eſtava ricamente ornada, ſe deſpediraõ da Rainha ElRey, e o Infante ſeus irmãos, e lhe beijaraõ a maõ as Damas. A's que foy ſómente permittida eſta jornada de paſſarem a Inglaterra com a Rainha, foraõ: D. Elvira de Vilhena, Condeſſa de Pontevel, filha de D. Joaõ de Souſa, Alcaide môr, e Commendador de Thomar, Veador da Caſa da Rainha, e Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, que hia já recebida com Nuno da Cunha de Ataide, que por ella teve eſte titulo, e D. Maria de Portugal, Condeſſa de Penalva, que ſem caſar morreo em Inglaterra, e era irmãa de D. Franciſco de

de Mello, que foy Embaixador naquella Coroa, Alcaide mór de Lamego, e Trinchante delRey, com a grandeza dos titulos de Condessas, em attençaõ à jornada, e à estimaçaõ, que dellas fazia a Rainha, a qual acompanhou seus irmãos até o primeiro degrao da escada da Capitania, naõ querendo voltar para a camera, por mais instancias, que ElRey lhe fez, sem que elle, e o Infante entrassem, e ficassem debaixo do toldo do bargantim; e despedido do navio, seguia a ElRey todo o acompanhamento. Voltaraõ tambem a Camereira mór, Damas, e Senhoras de Honor Portuguezas em huma falua, que lhe estava prevenida. Navegou ElRey para o Paço, e toda a Armada se fez à véla. Compunha-se esta de quatorze naos de guerra: a Capitania, como dissemos, era o *Graõ Carlos*; a Almiranta chamada *Henrique*, em memoria do Duque de Escosester, com sessenta pessas de bronze, e quatrocentos homens de guarniçaõ, nella embarcaraõ alguns criados da Rainha, que por naõ caberem todos na Capitania, se dividiraõ por todos os navios da Armada: mandava a Almiranta D. Joaõ de Menezes, Fidalgo velho, descendente do seu illustre appellido, de grande experiencia, e valor. A Fiscal era a nao *Jaques*, denominada do Duque Jore, com cincoenta pessas de bronze, e quinhentos homens de guarniçaõ. A nao *Monteguit*, em que hia a recamera da Rainha, com cincoenta e quatro peças de bronze, e trezentos homens; e as naos *York*,

York, *Lion*, *Princeza*, *Breda*, *Rubi*, todas com a mesma lotaçaõ, e pessas, *Duran* com trinta, *Colchestre*, o mesmo, e tres de trinta, em que embarcaraõ mil caixas de assucar; porém o tempo naõ deu lugar à Armada a fazer viagem, senaõ no dia 25 de Abril, dilatando-se mais tres dias no porto de Lisboa, em que a Rainha incessantemente mandou saber como passava a Rainha sua filha com os descommodos do navio, e ElRey, e o Infante se embarcavaõ de noite, levando comsigo varias faluas de Musica para divertir a Rainha. Sahio finalmente a Armada para fóra da barra, e navegando com ventos pouco favoraveis, por serem rijos os Nordestes, em que alguns navios padeceraõ, foy preciso entrar em huma Bahia chamada Monts-Bay, ou Bahia dos Montes, a 18 de Mayo, e sossegado o vento, tornou a seguir a sua viagem. Nesta Bahia começaraõ a ter principio os obsequios da Naçaõ Ingleza à sua nova Rainha, celebrando o felice desposorio delRey, e a fortuna daquelle Reyno; e assim por toda a Costa resplandeciaõ no ar artificios de fogo, e se ouviaõ em toda a parte retumbar os eccos das salvas da artilharia. Antes de entrar em Porstmouth se avistaraõ cinco fragatas de guerra, com que o Duque de York, irmaõ delRey, andava naquelle lugar esperando a Armada. Assim que reconheceo a Capitania, mandou lançar fóra hum batel, em que mandou o seu Secretario Ventrich a pedir licença à Rainha para lhe beijar a maõ; res-

pondcolhe, que qualquer dilaçaõ lhe ſeria penoſa. Sahio o Duque de York do ſeu navio na lancha do General da Armada, acompanhado do Duque de Ormond, Mordomo delRey, do Conde de Cheſtrefield ſeu genro, Camereiro môr da Rainha, do Conde de Solfolk, e do Conde de Carlinfod, Irlandez, Meſtre das Ceremonias da Rainha, e de outros Cavalheros, e entrou na Capitania acompanhado deſta luzida comitiva, com ricas, e viſtoſas galas. O Marquez de Sande, Conductor da Rainha, e os mais Fidalgos o vieraõ eſperar: recebeo-o a Rainha no ultimo gabinete da camera da popa, que por ſer o mais interior, era o mais proprio para a ceremonia da familiaridade da viſita. Eſperou-o a Rainha aſſentada, veſtida à Ingleza de téla côr de cana, guarnecida de rendas de prata, e quando entrou o Duque, o ſahio a receber tres paſſos fóra do docel, e querendo o Duque beijarlhe a maõ, ella o levantou nos braços, e voltando ao ſeu lugar, eſtiveraõ hum pouco em pé fallando, ſendo interprete o Biſpo eleito Ruſſel. Depois inſtando a Rainha com o Duque para que ſe ſentaſſe em huma cadeira de eſpaldas, que lhe eſtava prevenida, e recuſando-a elle, puxou huma raza, em que ſe ſentou à maõ eſquerda da Rainha, e fóra do docel. Havia o Duque fallado em pé na lingua Ingleza, e ſentado continuou na Caſtelhana, e depois de largas expreſſoens do ſeu affecto, e proteſtações do ſeu rendimento, a que a Rainha correſpondeo com agrada-

agradavel urbanidade, se levantaraõ. Entrou a beijarlhe a maõ o Duque de Ormond, que lhe deu huma Carta delRey, e se seguiraõ o Conde de Chestrefield, eleito seu Camereiro môr, e outras pessoas principaes. A Rainha antes do Duque se despedir, lhe apresentou os Fidalgos Portuguezes, que a acompanhavaõ, dizendolhe quem eraõ, que elle tratou com grande urbanidade. Despedio-se o Duque de York, e a Rainha deu tres passos, e naõ podendo o Duque impedilla, como intentou, dizendolhe, que reparasse Sua Magestade, em que por elle ser General, aquella casa, em que estava, era sua, a que a Rainha respondeo, que a sua casa era muito mayor, e que o que naõ devesse por obrigaçaõ, queria ella fazer por affecto, reposta, de que o Duque muito se obrigou. Todos os dias seguintes veyo o Duque visitar a Rainha, a quem elle havia rogado se vestisse à Portugueza para a ver naquelle trage: ella em huma visita o recebeo assim, o que o Duque applaudio dizendolhe, que lhe parecera muito bem: neste dia fallou a Rainha a todos os Officiaes da nao, que lhe beijaraõ a maõ, e por já estarem muito perto do porto, mandou hum collar de ouro ao Capitaõ, e ao Piloto, e Mestre huma porçaõ de dinheiro, e outra, que se repartio por todos os Marinheiros. Começou logo a Rainha a accommodarse aos estylos da Naçaõ Ingleza, e assim lhe fallava no aposento, em que tinha o leito. Mandava a Rainha correspon-

der às visitas do Duque de York pelo Conde de Pontevel, D. Francisco de Mello, e Francisco Correa. Entrou a Armada em Portsmouth a 24 de Mayo, seguida a Capitania do navio do Duque de York, e desembarcou a Rainha, levando-a pela maõ o Duque a embarcar em hum bargantim dourado, e custosamente adereçado. Acompanhou-a a Condessa de Pontevel, e a de Penalva ficou no navio sangrada seis vezes, mas logo foy conduzida a terra. Estava na praya o Governador, as Justiças, e pessoas principaes, e os da governança com maças douradas. Entrou a Rainha vestida à Ingleza em huma carroça, e passando pelas ruas principaes, começaraõ os seus Vassallos a satisfazerse da sua Real, e galharda presença. Apeou-se nas casas, que lhe estavaõ prevenidas com magnificos adornos. Esperava-a a Condessa de Solfolk, sua Camereira môr, e quatro Damas, e a familia inferior. No dia seguinte lhe disse Missa Mylord de Aubing, seu Capellaõ môr. Os dias seguintes mandou ElRey saber da Rainha, escrevendolhe varias Cartas. Sobreveyo à Rainha, depois de estar tres dias em terra, huma defluxaõ na garganta, que lhe naõ permittia levantarse da cama; porém teve taõ facil remedio, que se naõ deu do achaque conta a ElRey. Chegou este a Portsmouth a 30 de Mayo, acompanhado de toda a Corte com galas custosissimas. O Marquez de Sande o esperou no pateo com todos os mais Portuguezes, que ElRey recebeo

beo com grande agrado, e ao Marquez de Sande honrou com notaveis expressoens, dizendolhe o quanto o estimava ver naquelle Reyno na occasiaõ da sua mayor fortuna. Ao sobir da escada intentou o Principe Palatino Ruberto, que tinha vindo na carroça com ElRey, adiantarse ao Embaixador, ficando mais immediato à pessoa delRey. O Marquez de Sande, que naõ ignorava as prerogativas do seu caracter, pegandolhe no braço, o deteve, dizendo a ElRey, que lhe désse o seu lugar, ao que respondeo, que tinha muita razaõ, e mandou ao Principe, que se apartasse, e désse lugar ao Embaixador, o que o Principe reconheceo tanto, que no tempo, que ElRey se dilatou em se vestir, antes de entrar a ver a Rainha, buscou ao Conde de Pontevel, D. Francisco de Mello, e Francisco Correa, e ao Secretario da Embaixada Francisco de Sá de Menezes, e os tratou com grandes cortezias. Entrou ElRey na Camera da Rainha, que ainda estava na cama, porque os Medicos lhe naõ permittiaõ, que se levantasse: ElRey com finissimas expressoens lhe manifestou o seu contentamento, que se diminuiria, se do seu achaque o naõ tiveraõ informado os Medicos com seguras affirmações, que naõ merecia o seu cuidado, e lhe fallou na lingua Castelhana, e a Rainha lhe respondeo com tanta prudencia, e discriçaõ, que depois delRey voltar para o seu quarto, manifestou a satisfaçaõ da fortuna do seu desposorio. Toda aquella noite se gastou em

em festas, e banquetes, e no dia seguinte se levantou a Rainha já melhorada; e estando prevenido tudo, o que era preciso para esta solemnidade, no dia 31 de Mayo se effeituou o desposorio; e depois de jantar sahio ElRey com a Rainha pela maõ a huma grande salla, onde debaixo de hum docel estava hum throno com duas cadeiras, em que os Reys se sentaraõ, e diante de toda a Nobreza, e Povo, que concorreo a esta celebridade, leu o Secretario delRey o Instrumento, que o mesmo Monarca havia dado ao Embaixador, e o Secretario Francisco de Sá e Menezes, o que o Embaixador deu a ElRey; e acabada esta ceremonia, disse o Bispo de Londres em voz alta, que aquella era a mulher, com quem ElRey estava casado, e todos com alegria responderaõ, que vivessem infinitos seculos. Levantou-se ElRey, e tornou a levar a Rainha pela maõ ao seu quarto, onde entraraõ a beijarlhe a maõ todas as Damas, e pessoas principaes da Corte; e a Camereira môr observando o estylo daquella Coroa em semelhantes actos, tirou os laços de fitas azues, que a Rainha levava em hum vestido de téla encarnado à Ingleza, naõ lhe deixando nenhum, e deu o primeiro ao Duque de York, e repartio os mais pelos Officiaes, Damas, e Titulos de mayor supposiçaõ. Como a Rainha estava mal convalecida, por conselho dos Medicos se tornou a deitar na cama, despindo-a a Camereira môr, que desde o primeiro dia começou a exercitar

citar o ſeu officio com todas as mais Senhoras Inglezas, e as duas Damas Portuguezas. Veyo a cea da Rainha, e ElRey, que em tudo moſtrou o quanto eſtava della agradado, ceou com ella ſobre a cama, ſoando ao meſmo tempo diverſos inſtrumentos. Os dias, que a Corte aſſiſtio em Portſmouth, mandou ElRey hoſpedar ao Embaixador, e a todos os Portuguezes, que acompanharaõ a Rainha, pelo Conde de Mancheſter, magnificamente. Neſta occaſiaõ recebeo huma Carta da Rainha Henriqueta de França, mãy delRey, que ſe achava em Pariz, a qual entregou o Conde de Sant-Alban, ſeu Eſtribeiro môr, com grandes expreſſoens, e conhecimento das ſuas virtudes, a que a Rainha reſpondeo com igual affecto, e eſtimaçaõ.

Detiveraõ-ſe os Reys poucos dias em Portſmouth, porque a 6 de Junho paſſaraõ para a Caſa de Campo de Hamptoncurt, onde chegaraõ de tarde. As Companhias de pé, e de cavallo eſtavaõ todas em duas alas, por entre as quaes paſſaraõ as Mageſtades, que ſahiraõ do coche, em que lhe foraõ aſſiſtindo as Condeſſas de Pontevel, e Penalva, e Miledy Solſolk, que ſervia de Camereira môr, e os Officiaes da Caſa. O Paço eſtava ricamente ornado com tapeçarias de ouro, e ſeda, camas, doceis, e cadeiras riquiſſimamente bordadas, e quadros de pinturas de grande preço: o toucador da Rainha era todo de peſſas de ouro excellentemente trabalhadas. O Graõ Chanceller, e todos

Relaçaõ Diaria da jornada da Rainha da Grãa Bretanha Dona Catharina, de Lisboa a Londres. Impreſſa em 1662.

dos os Tribunaes de Juſtiça, e o Conſelho de Eſtado, foraõ dar à Rainha os parabens da ſua chegada, e beijarlhe a maõ, e na meſma fórma todos os mais, e os Miniſtros Eſtrangeiros a felicitaraõ igualmente do ſeu caſamento, e da ſua chegada àquelles Reynos. A Duqueza de York veyo de Londres em huma gondola, ElRey a foy buſcar à porta do Jardim, que cahia para o rio Thamaſis, e a trouxe pela maõ à preſença da Rainha, que a recebeo na ſua Camera: a Duqueza lhe quiz beijar a maõ, mas a Rainha o naõ conſentio, e levantando-a nos braços a ſaudou com a paz. Aſſentaraõ-ſe os Reys, e os Duques junto da cama da Rainha, onde eſtiveraõ converſando nas Mageſtades Portuguezas. Continuava ElRey nas demonſtrações do ſeu agrado multiplicando as finezas em diverſos divertimentos, indo huns dias ao campo, e aos Parques, nas noites com Comedias, Muſicas, e Saraos, em que entraraõ ElRey, e Suas Altezas, e muitas Damas, e Senhores, a que ElRey excedia no ar, e na graça, com que dançava, o que a Rainha celebrou com grande ſatisfaçaõ delRey. Naõ faziaõ os divertimentos eſquecer à Rainha as devoções, com que fora creada; e aſſim ouvia Miſſa todos os dias, para o que tinha bem concertado, e ſervido Oratorio. Naõ deixava a Rainha de ſatisfazer em tudo, no que ElRey moſtrava goſto; porém com a mudança dos exercicios taõ diverſos, era neceſſario ao Embaixador pôr toda a diligencia, e rogos,

para

para vencerlhe a repugnancia, que tinha de sahir fóra em publico todas as vezes, que ElRey desejava. Mas o novo trage Inglez, a que se naõ accommodava facilmente, lhe ficava ainda assim taõ naturalmente, que lhe accrescentou muito o affecto daquella Naçaõ. A 8 de Agosto chegou a Granvich (Villa, que dista duas legoas de Londres) a Rainha, mãy delRey, que havia vindo de França, e no dia seguinte a foy visitar ElRey, e a Rainha acompanhados de toda a Corte: ao Conde de Pontevel, e Francisco Correa da Sylva mandou Sua Magestade hum coche para que os acompanhassem: o Embaixador Marquez de Sande, e D. Francisco de Mello, o naõ puderaõ fazer por estarem doentes.

Chegaraõ os Reys pouco depois de haver jantado a Rainha Mãy, que veyo esperar a visita à primeira porta do Paço, depois de sobida a escada, e fazendo a Rainha D. Catharina acçaõ de se pôr de joelhos, e beijarlhe a maõ, a levantou nos braços com grande carinho, e mostras de amor, repetindolhe diversas vezes a paz. Entrando na casa, em que se havia de tomar a visita, a Rainha Mãy disse à Rainha, que evitasse todos os cumprimentos, porque ella naõ passara àquelles Reynos mais, que por ter a ventura de a ver, e de a amar como filha, e servilla como Rainha, e Senhora daquelles Reynos. Satisfez a Rainha com iguaes expressoens de respeito, e estimaçaõ, mostrando o grande gos-

to, que tinha de a ver, e ſegurando, que o tempo lhe moſtraria, que no amor, e obediencia de ſervilla, naõ lhe havia de exceder nem ElRey, nem o Principe ſeus filhos. Acabados os primeiros cumprimentos, a Rainha Mãy ſe ſentou em huma cadeira de eſpaldas à maõ direita da Rainha, que eſtava em outra em tudo igual, ElRey ſe ſentou em huma cadeira raza, a Duqueza de York em outra, e o Duque ſeu marido ficou em pé. Todos os que ſe acharaõ preſentes beijaraõ às mãos à Rainha com grande ſatisfaçaõ. Offereceolhe a Rainha Mãy de merendar, que naõ aceitou, porque havia pouco tinha jantado antes, que partiſſe de Hamptoncurt: durou a viſita quatro horas, em que a Rainha Mãy fez quantas demonſtrações dicta o goſto, em obſequio, e attençaõ da nora. Deſpediraõ-ſe as Mageſtades, e a Rainha Mãy as acompanhou até o meſmo lugar, em que as recebera, e com huma hora de noite chegaraõ a Hamptoncurt, onde a Rainha ceou com ElRey em publico, com extraordinaria alegria de todos os que a viaõ. No dia ſeguinte foy ElRey a Londres, e na tarde foy a Rainha acompanhada dos Officiaes da ſua Caſa a encontrar a ElRey ao caminho, galantaria, que ElRey eſtimou tanto, que com finas expreſſoens moſtrou agradecerlha, o que foy muy applaudido na Corte. Voltou a Rainha Mãy de Londres em coche, acompanhada de huma grande parte das guardas delRey, a viſitar as Mageſtades. ElRey a

foy

foy buscar onde ella se apeou, e a levou pela maõ até onde a Rainha a esperava. Tanto, que sobiraõ ao ultimo degrao da escada, sahio a Rainha a recebella, e depois de se cumprimentarem com reciprocas mostras de alegria, entraraõ em huma antecamera, e se sentaraõ ambas as Rainhas debaixo de hum rico docel em cadeiras, ficando à maõ direita a Rainha Mãy, e à esquerda a Duqueza de York hum pouco affastada, ElRey esteve em pé, e o Duque de York seu irmaõ, e hum, e outro serviraõ de interpretes às duas Rainhas. Jantaraõ juntas as Magestades; o Duque, e Duqueza de York, acabado o jantar, passaraõ para a Camera da Rainha, aonde entraraõ os seus Musicos, que a Rainha Mãy applaudio muito.

A grandeza, e a commodidade do Palacio de Hamptoncurt, e a frescura do sitio deu motivo às Magestades passarem nelle todo o Veraõ. Determinando ElRey fazer a sua entrada em Londres pelo rio Thamasis a 3 de Setembro, embarcaraõ em hum dos bargantins Reaes, em que entraraõ o Duque, e a Duqueza de York sua esposa, o Principe Roberto, e o Principe Duarte seu irmaõ, que tambem naõ havia muito, que chegaraõ de França com a Rainha Mãy, e a Condessa de Solfolk, primeira Dama da Camera da Rainha, e naõ foraõ as Condessas de Penalva, e Pontevel por estarem doentes, e em outros bargantins hiaõ as Damas da Camera, e Officiaes da Casa Real. Toda

a diſtancia, que era de ſete legoas, eſtava occupada de Soldados, e gente do povo. Em Brefort, lugar, que diſta oito milhas de Londres, eſperava hum bargantim grande, que naõ podia ſobir pelo rio acima, guarnecido todo de vidraças, com toldo carmezim bordado de ouro, para as Damas de Honor, e mais criadas da Rainha; e em Potnem, tres milhas de Londres, eſtava outro bargantim, em que os Reys haviaõ de fazer a entrada, com vinte e quatro remeiros veſtidos de eſcarlate, com as Armas no peito, e nas coſtas, o qual era todo dourado, com hum toldo de brocado de ouro, por dentro, e por fóra, guarnecido de franjas, e paſſamanes de ouro, ſuſtentado em quatro pilares, abertos por todos os lados, para melhor verem, e ſerem viſtos de todos, e ſeguidos de outros muy luzidos, e de diverſas embarcações empavezadas. Chegaraõ pelas ſeis horas da tarde a Londres, e deſembarcaraõ em huma ponte, que ſe havia preparado junto ao Paço, onde a Rainha Mãy eſperava, e toda a Corte, e Nobreza do Reyno adornada com riquiſſimas galas. Seguiraõ-ſe notaveis feſtas, em que ſe moſtrou a grandeza do poder, e luzimento, com que a Naçaõ Ingleza ſe naõ deixa vencer das mais celebres da Europa. A Caſa da Rainha formou El-Rey de peſſoas de grande qualidade, e diremos as que achámos em memorias daquelle tempo, além das já referidas. Foy ſua Camereira môr a Condeſſa de Arlington; Damas da Camera a Duqueza de Clere-

Clereland, a Condessa de Tindal, a Condessa de Manchester, a Condessa de Hertford, a Condessa de Linzit, a Condessa de Clarendon; Mordomo môr o Conde de Chesterfield, Estribeiro môr Joaõ Arundel, seis Conselheiros, todos titulos, e Chanceller, todas pessoas de qualidade. Thesoureiro Thomás Tim, Camereiro menor Monsieur Serrans, Secretario Ricardo Belim, Monsieur Ropor, e Monsieur Portor, Gentis-homens da Camera privada; mais quatro Cavalheros com o mesmo emprego, quatro Estribeiros, dous Copeiros, ou Trinchantes, que serviaõ quando comia em publico, quatro Pagens de Honor, e outros de inferior foro; criadas para toucarem, e outras para diversos empregos, e na mesma fórma homens pertencentes ao serviço da sua Casa, que era tratada com a mayor magnificencia, e Magestade, que se póde imaginar.

Naõ passou muito tempo, que naõ começasse a Rainha a sentir os illicitos divertimentos delRey, o que tolerava com tanta prudencia, que deu a conhecer ao Mundo ser o exemplar da mayor constancia, assim como o manifestava na prudencia, e virtudes Catholicas, que desejava se exercitassem com mais liberdade. Inflammada no zelo da Fé conseguio, com intervençaõ do Chanceller, e diligencia do Marquez de Sande, que mandasse ElRey da Grãa Bretanha a Roma hum Irlandez chamado Belling, Catholico de conhecida virtude, e in-

e intelligencia de largas experiencias, para que obſervando as intelligencias daquella Corte ſobre as couſas de Portugal, ſoubeſſe o eſtado, em que ſe achavaõ as differenças entre o Pontifice, e ElRey de França, ſobre o ſabido ſucceſſo do Duque de Creguy, Embaixador em Roma ao Pontifice Alexandre VII. e que de tudo déſſe particular noticia ao Chanceller. A Rainha eſcreveo ao Papa huma larga, e bem formada Carta, que continha haver chegado a Inglaterra, e que havendo aceitado aquella Coroa pela grandeza da Monarchia, era nella mais poderoſo o deſejo de ſervir a Religiaõ Catholica Romana: e que nos poucos mezes da ſua reſidencia vira manifeſtado pela miſericordia de Deos effeitos, que paſſando de naturaes, pareciaõ milagroſos; felicidade, que ella attribuîa ao zelo da Religiaõ do Real ſangue de Portugal, de que ella naſcera: razaõ porque ſe achava obrigada a repreſentar aos pés de Sua Santidade, que naõ mereciaõ menos attençaõ da Sé Apoſtolica os ſerviços dos fideliſſimos Catholicos de Portugal, que a infelicidade dos eſtragos de Inglaterra, e neſta conſideraçaõ ſe achava obrigada a expor ao Pontifice pela importancia da Igreja, e pela juſtiça clara, e manifeſta, as muitas, e forçoſas cauſas, que o obrigavaõ a acodir a Portugal; e tirando o eſcandalo, que dava aos Catholicos, e o motivo, que tomavaõ os Hereges, (ainda que foſſe falſo) de eſpalharem naõ ſer a juſtiça da Cadeira de S. Pedro com a equi-

equidade, que se segurava na infallivel assistencia do Espirito Santo: e que estes motivos, que ella experimentava, naõ só como Infanta de Portugal, mas como Rainha de Inglaterra, a obrigaraõ, além da veneraçaõ de beijar o pé a Sua Santidade, a mandar em qualidade de Enviado a Beling, a quem poderia dar inteiro credito, e fé, a tudo quanto da sua parte lhe representasse, segurando a Sua Santidade, que na sua maõ estava sómente abrir a porta a grandes felicidades da Igreja nos Reynos de Inglaterra, para o que se achavaõ tantas disposições opportunas, que lhe seguravaõ ditoso fim; reconhecendo assim os Hereges, que a summa justiça de Sua Santidade começava a abrir caminho ao remedio de Portugal, e que succedendo o contrario, o que naõ podia esperar, protestava a Sua Santidade o imminente perigo, a que expunha naõ só os principios da reducçaõ de Inglaterra, senaõ o risco da constancia de Portugal, de que a uniaõ temporal, em que se achava com Inglaterra, pudesse passar (o que Deos naõ permittisse) a damnos espirituaes, e que a Sua Santidade, como Vigario de Christo, tocava ponderar, e attender madura, e desinteressadamente à disposiçaõ do estado da Religiaõ Portugueza, e Ingleza; huma para sustentarse, outra para se melhorar, e que da justiça, juizo, clemencia, e bondade de Sua Santidade, esperavaõ os dous Reynos o mais seguro remedio: e que succedendo abandonarse taõ bem fundado discurso,

curſo, tomava a Deos por teſtemunha, de que o unico motivo, que a perſuadira a ſer Rainha de Inglaterra, fora mais, que de Sceptros, e Coroas, o deſejo de ſervir a Religiaõ Catholica Romana, que confeſſava, e eſperava confeſſar até os ultimos alentos da vida. Neſta meſma ſubſtancia eſcreveo a Rainha aos Cardeaes, e principalmente ao Cardeal Urſino, recommendandolhe tambem a Milord de Aubing, ſeu Capellaõ môr, para que foſſe nomeado Cardeal pelas ſuas grandes virtudes, e elevados merecimentos. ElRey de Inglaterra tambem eſcreveo a muitos Cardeaes, com quem tinha particular correſpondencia, pedindo na pertençaõ de Portugal repoſta formal, que era a da nomeaçaõ dos Biſpos, de que temos tratado.

Depois da Rainha deſpedir o Enviado para Roma, applicou cuidadoſamente todas as diligencias poſſiveis a favor dos Catholicos de Inglaterra, contra a poderoſa oppoſiçaõ dos Proteſtantes, eſpalhando eſtes, que as affectuoſas diligencias da Rainha perſuadiaõ a ElRey a ſe declarar Catholico: e entendendo ElRey, que em tempo taõ perigoſo, e entre animos taõ obſtinados, era neceſſario temperar com a prudencia movimentos revoltoſos, chamou o Parlamento, onde deu por eſcrito huma proclamaçaõ, que continha circunſtancias eſſenciaes para melhor direcçaõ do governo do Reyno; e chegando a fallar nos Catholicos, em hum dos Capitulos, dizia por palavras expreſſas as razoens ſeguintes,

guintes, inspiradas pela efficaz diligencia, e zelo da Rainha, como escreve o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes. „ Com a mesma liberdade confessamos ao Mundo, que a nossa tençaõ naõ he
„ excluir da nossa piedade nossos subditos Catholi-
„ cos Romanos, que taõ igualmente se portaraõ
„ em beneficio nosso nos successos passados, que
„ os fizeraõ merecedores por suas acções de nossas
„ Reaes promessas, esperando da prudencia do nos-
„ so Parlamento nos assista à fórma, que lhe pare-
„ cer conveniente para alivio de tenras conscien-
„ cias; porque naõ seria menos semjustiça, que
„ aquelles, que foraõ merecedores de premio, se
„ lhes negasse alguma parte da misericordia, que te-
„ mos mostrado àquelles, que procederaõ em mui-
„ to differente fórma; e além destas razoens saõ
„ taõ fortes as Leys capitaes, que estaõ estabeleci-
„ das contra elles, que supposto, que fossem jus-
„ tificadas no seu rigor pelos tempos, em que se
„ promulgaraõ, confessamos, que nos seria pezado
„ vir na execuçaõ dellas, dando morte a alguns dos
„ nossos subditos sómente pelas materias da Reli-
„ giaõ. Porém no mesmo tempo, em que decla-
„ ramos o mal, que nos parece effusaõ de sangue,
„ e nossas graciosas tenções sejaõ para aquelles nos-
„ sos subditos Catholicos Romanos, que viverem
„ pacificamente sem escandalo; queremos, que el-
„ les todos entendaõ, que devem fazer aquillo, a
„ que saõ obrigados pela sua lealdade, e pelo nosso

Ericeira, *Portug. Restaurado*, tom. 2. liv. 9. pag. 600.

,, reconhecimento , naõ offendendo as Leys, que
,, já estaõ, ou se fizerem para impedir, ou espalhar
,, sua doutrina em prejuizo da Religiaõ Protestan-
,, te, ou se pela nossa declaraçaõ, conforme a qua-
,, lidade Christãa de nos naõ parecer bem effusaõ
,, de sangue sómente por Religiaõ, os Sacerdotes
,, tomarem confiança de apparecerem, e se darem a
,, conhecer em offensa, e escandalo dos Protestan-
,, tes, e das Leys em seu vigor contra elles, de
,, pressa conheceráõ, que sabemos ser severos, quan-
,, do a prudencia o requere, assim como somos bran-
,, dos, quando a caridade, e o conhecimento do me-
,, rito o pede. ,, Desta maneira soube a Rainha ir
dispondo o animo delRey, para que o tempo com
as diligencias espiritualmente politicas fossem com
o seu poder enfraquecendo as forças dos Hereges,
sendo para estas disposições a Rainha gloriosa ex-
ecutora da grande prudencia, e incançavel disvelo,
com que lhas ministrava o Marquez de Sande, Em-
baixador, o que ella depois soube taõ bem mane-
jar, como mostrou o tempo em perigosas conjun-
cturas, que nelle aconteceraõ, naõ só no seu rey-
nado, mas depois na revoluçaõ daquella Coroa,
conservando sempre illeso o respeito pelas maximas
da sua prudencia.

Em differentes occasioens experimentou a Rai-
nha a opposiçaõ dos Inglezes Protestantes, irrita-
dos com a viva suspeita, de que introduzira no ani-
mo delRey as verdades Catholicas, e com a cer-

teza

teza de que contribuira muito para a conversaõ de seu cunhado o Duque de York, que depois reynou com o nome de Jacob II. e perdeo o Reyno de Inglaterra por ganhar o do Ceo: e se como seguio os conselhos da Rainha no verdadeiro zelo, se governasse pela prudencia, com que ella os moderava, póde ser, que conservasse o Reyno em grande beneficio da verdadeira Religiaõ. E tanto reconheceo o Principe de Orange (que em 1668 tirou a Coroa a ElRey seu sogro) as virtudes da Rainha, que apezar de hum partido taõ contrario, lhe conservou o mayor respeito nos cinco annos, que ella residio em Londres, depois que o Principe com o nome de Guilherme III. occupou aquelle throno, tendo-se ausentado para França com toda a sua familia ElRey Jacob II. Antes havia padecido a Rainha grandes contratempos, chegando a ser publicamente accusada no Parlamento por fautora da nobre culpa de querer introduzir a Religiaõ Catholica em Inglaterra, e por outras, que com mais falsidade fomentou a inveja, sendo a esterilidade huma das causas, com que os Protestantes pertendiaõ o divorsio, com horrivel exemplo de Henrique VIII. que repudiou outra Rainha do mesmo nome, e igualmente Catholica, e naõ infecunda. ElRey defendeo a Rainha com grande constancia, e ainda com perigo, estando muito na memoria a horrenda tragedia, e parrecidio delRey Carlos I. seu pay, e o exemplo da fatal memoria

da Rainha Maria Stuarda, sem que a nenhum privilegiasse a innocencia, e o sagrado da Magestade. O Conde de Castello-Melhor Luiz de Vasconcellos e Sousa, que mais por infelice, que por culpado vivia ausente da sua Patria em Inglaterra, servio à Rainha com tanto valor, e zelo, que esperava ao entrar do Parlamento aos mesmos Deputados, que votavaõ se lhe cortasse a cabeça, o que ella remunerou com preciosas joyas, e grossas quantias, de que o Conde perpetuou o agradecimento, fundando com ellas hum Morgado, que intitulou de *Santa Catharina*, que deixou aos seus descendentes. Prevaleceo finalmente a virtude contra a malicia, e ficou a Rainha triunfante; e se merecessem fé as Memorias de Burnet, Bispo de Salisbury, mais credulo nas noticias incertas do povo, que nas verdades infalliveis da Religiaõ, se achariaõ nas suas Memorias alguns successos particulares, ainda que inverosimeis, da vida da Rainha, que sem outras provas mais, que a sua pouca averiguaçaõ, ainda que no essencial a vem a justificar, refere, que propuzeraõ a ElRey repudiasse a Rainha, mas elle o abominou, como merecia taõ sacrilego projecto. Eraõ os atrevidos fautores desta machina, que passaraõ de temerarios a publicos accusadores, Hostk, e Belhô, e era em summa a accusaçaõ, que a Rainha por suggestaõ do Papa, e de outros Principes Catholicos, sendo occultos instrumentos deste negociado Filippe Houvard, Cardeal de Norfolck,

Burnet, *Histoire des Dernieres Revolutions d'Angleterre*, tom. 1. pag. 459, &c. Impress. na Haya em 1725.

folck, e Thomás Whit, Superior da Companhia de Inglaterra, com outros muitos Padres da mesma Companhia, como de outras Religioens, machinava contra a pessoa delRey seu esposo, contra a Religiaõ Protestante, e estado publico de Inglaterra, com o fim de introduzir naquelle Reyno a Religiaõ Catholica Romana, para cujo effeito se tinha prevenido o Medico delRey com veneno, e com armas Milord Arundel de Wardour, destinado Graõ Chanceller de Inglaterra, o Conde de Powisgran, Thesoureiro, Milord Rellasis, General da Armada, Milord Peters, Mestre de Campo General, e o Visconde de Staffort, Commissario Geral, e Thesoureiro da mesma Armada. A que accrescentavaõ, que morto ElRey, exaltariaõ ao throno o Duque de Yorck por ser Principe Catholico; sendo o primeiro movel desta detestavel, e blasfema accusaçaõ Milord Herbert Cherbury, que sobre a aversaõ, que tinha à Religiaõ Catholica Romana, aborrecia mortalmente ao Duque de Yorck, sentido de em certa occasiaõ o haver tratado mal com as mãos, e palavras na salla do Parlamento, como elle merecia. Esta exacranda novidade chegou à noticia da Rainha, sem outra prevençaõ, que a sua innocencia; e vendo-se em taõ imminente perigo, em que poderia triunfar a falsa perfidia daquelles Vassallos, participou ao Principe Regente D. Pedro seu irmaõ, por hum Expresso, o estado, em que a ambiçaõ, e odio da Religiaõ Catholica puzera o

seu

Sousa Moreira, *Theat. Hist. Geneal. da Casa de Sousa*, pag. 940.

ſeu Real decóro. Mandou logo o Principe Regente à Corte de Inglaterra ao Marquez de Arronches a aſſiſtir à Rainha, que partio deſte Reyno a 9 de Fevereiro de 1680, e chegando a Londres a tempo, que havia pouco ſahira deſterrado daquella Corte o Duque de Yorck com o pretexto de haver deſcompoſto no Parlamento a Milord Cherbury, ficaraõ com a auſencia daquelle Principe deſaſſombrados os traidores, esforçando intrepidamente a accuſaçaõ de ſorte, que já era formidavel o ſemblante deſta perfidia. Porém Deos, que nos mayores perigos ſómente póde firmar a felicidade, ſerenou tanto a tempo eſta taõ terrivel tormenta, que ſe vio ultrajada a calumnia, e ſem perigo a innocencia; porque ElRey ſeu eſpoſo, que por maligna ſuggeſtaõ havia cinco annos, que faltava naõ ſómente às attenções de eſpoſo, mas tambem às que devia à ſua Real peſſoa, lhas reſtituìo fino, e attento, com pleno conhecimento, do que merecia a ſua amada Conſorte. Belhô, hum dos accuſadores, teve com morte apreſſada caſtigo infame; Hoſtk expoſto na praça publica à irriſaõ, ſobreviveo à ſua deshonra: ao Doutor Hequemá por premio da ſua innocencia, lhe foy reſtituido naõ ſó o credito, mas a graça, e merce delRey. Cherbury, que havia ſido o primeiro movel deſta deteſtavel machina, e o que a movia, e animava, vendo, que naõ prevalecia a perfidia, paſſou a huma impiedade, inſtando no Parlamento pelo repudio da

Rainha

Rainha com o exemplo, que temos referido acima, delRey Henrique VIII. Mas finalmente vendo, que o amor, com que ElRey tratava a Rainha, destruira, e arruinara as suas machinas, antes que cahissem na sua pessoa, se passou a Hollanda, aonde em breve tempo acabou, mas naõ taõ apressadamente, que naõ visse primeiro restituido à Corte o Duque de Yorck, para que vivamente sentisse acabar sem honra, nem visse satisfeita a vingança, que intentara. Este he em summa todo aquelle terrivel contratempo, que cercou a Magestade da Rainha, em que triunfou naõ menos a innocencia, do que a constancia, e brilhou o amor do Principe Regente seu irmaõ na prompta resoluçaõ, com que entrou neste negociado, a que a sua Real fortuna conseguio taõ feliz conclusaõ.

Foy a Rainha D. Catharina de estatura pequena, grossa, e de agradavel presença, ornada de excellentes virtudes, grande Christandade, e devoçaõ, honesta, prudente, e entendida: fallava pouco, mas com bellas palavras, magnifica, liberal, benigna, grandemente esmoler, e com generoso animo, e larga maõ fazia este serviço a Deos, e ao proximo, e muito agradavel, sem embargo de estar sempre revestida da Magestade. A larga ausencia, que fez da Patria, naõ lhe pode trocar a gravidade dos costumes, em que fora criada; e praticando todos os decentes da Naçaõ Ingleza com Magestade, era com tal suavidade, que se fazia grata

grata à melhor, e mayor parte dos ſeus Vaſſallos, de ſorte, que nelles experimentou amor, que ella ſabia conciliar com natural agrado, ſem que lhe diminuiſſe a affabilidade, com que eſtimava a Naçaõ Ingleza, o conhecimento daquella natural inconſtancia, que ella por qualquer leve accidente coſtumava uſar com os proprios Reys, a qual a Rainha ſupportou com conſtancia admiravel, ainda quando eſteve expoſta a evidentes perigos pelo augmento da Religiaõ Catholica Romana. ElRey ſeu marido a eſtimou com publicas demonſtrações, como ſe vio na commiſſaõ, que por ſeu reſpeito mandou a Roma, e em outras occaſioens, e ella ſe fazia merecedora dos mais reverentes obſequios, porque o amou terniſſimamente. Na doença, de que ElRey morreo, foy tal a ſua efficacia, que introduzindolhe Miniſtros Catholicos, abjurou El-Rey a hereſia, e morreo reconciliado com a Igreja Catholica Romana a 16 de Fevereiro de 1685. A Rainha, em quanto viveo, lhe mandava dizer pela ſua alma neſte dia hum grande numero de Miſſas em todas as Igrejas de Lisboa. Quando deſta Princeza naõ ſouberamos outra couſa mais, que eſte importante negociado, em que fez, quanto cabe na fé humana, feliz a alma de ſeu eſpoſo, trocandolhe a Coroa, que perdia, por huma eterna; eſta acçaõ ſómente baſta para a fazer huma das mais celebres Heroînas, que ſe coroaraõ com a Mageſtade. Burnet referindo a reconciliaçaõ del-Rey

Burnet, *Hiſtoire des Dernieres Revolut. d'Anglet.* tom. 1. liv. 2. pag. 643.

Rey Carlos com a Igreja Catholica Romana, declama furiosamente contra ElRey, como costuma sempre, que se lhe offerece occasiaõ de fallar na Religiaõ Catholica, de que se vê, que daqui nascia o motivo, porque taõ arrojadamente se atreveo contra o Real decóro destes Reys. Porém como neste Author vivia o espirito da soberba, e opposiçaõ contra a Religiaõ Catholica, naõ admira, que rompesse a sua má vontade nos absurdos, que escreveo contra a Rainha; porque na Obra, que tambem imprimio da *Historia da Reformaçaõ*, escreveo taõ cegamente preoccupado da sua má vontade, que deu motivo ao illustre Prelado Jaques Benigno Bossuet, Bispo de Meaux, para que na sua admiravel Obra da *Historia das variações das Igrejas Protestantes*, impressa no anno de 1688 em dous volumes de quarto, convencesse os erros de Burnet com o mesmo, que elle havia escrito: e sendo taõ estimaveis as Obras do insigne, e douto Bossuet, nesta parte merecem ainda mayor applauso pela evidencia, com que convenceo a arrogancia daquelle Author. Tambem o Abbade Joachim le Grant convenceo com muita energia a Burnet na *Historia*, que escreveo, *do Divorcio de Henrique VIII. e da Rainha Catharina*, refutando os primeiros livros de Burnet, impressa em Pariz em 1688 em tres volumes de doze; e nas Notas, e Observações, que fez à Carta de Burnet para Thevont, que imprimio no referido anno, desfez as calumnias

 daquel-

daquelle Sectario. O erudîto Poeta Pedro de Azevedo Tojal em hum Poema Heroico de doze Cantos, que intitulou: *Carlos reduzido: Inglaterra illustrada*, e se imprimio em Lisboa no anno de 1716, eternisou com grande elegancia a memoria desta Princeza, louvandolhe as suas virtudes, e descrevendo as festas do seu casamento, do qual formou a idéa para a composiçaõ desta Obra.

Residio a Rainha na Corte de Londres na companhia delRey seu marido vinte e dous annos, nove mezes, e oito dias, e depois da sua morte mais de sete annos, até que saudosa da patria escreveo a ElRey Dom Pedro seu irmaõ, que desejava recolherse a Portugal. Como ElRey entendeo, que podia ser possivel lograr a companhia de sua irmãa, promptamente dispoz tudo o que podia pertencer à vinda de Sua Magestade Britanica para Portugal. Segurou a Rainha as suas rendas com a Corte de Londres na fórma das Capitulações do seu casamento, e deixou por effeito da sua generosidade, e naõ por obrigaçaõ, consignada subsistencia para os ordenados dos criados, que a haviaõ servido naquelle Reyno, pagandolhe em Portugal pontualmente duzentos e quarenta mil cruzados cada anno, que se continuaraõ quasi treze, que viveo neste Reyno. Entrando ElRey Jacob II. como dissemos, a reynar em Inglaterra em 1685, e vendo a Rainha com grande gosto florecer a Religiaõ Catholica, sentio, como tambem já ponderámos, que o zelo se

naõ

naõ moderasse com a prudencia; o que deu occasiaõ, a que os Inglezes chamassem, entrando a mayor parte da Naçaõ nesta idéa, a Princeza Maria, mulher de Guilherme de Nassau, Principe de Orange, Statouder de Hollanda, pelos motivos, que foraõ causa da liga de Ausburg contra o grande poder de Luiz XIV. Rey de França, e vendo a Rainha as consequencias, que podia ter esta mudança, e que ElRey Jacob havia de passar com a sua familia para França, cuidou em recolherse a Portugal, para onde já no dito anno de 1685 tinha vindo o Conde de Castello-Melhor com permissaõ del-Rey D. Pedro. Este nomeou depois em 1688 para conduzir a Rainha a Nuno da Cunha de Ataide, Conde de Pontevel, Estribeiro môr da Infanta D. Isabel. Partio o Conde para França por terra com seu sobrinho Nuno da Cunha de Ataide, hoje Cardeal, e Inquisidor Geral, que o acompanhou até Pariz, donde voltaraõ por mudar a Rainha entaõ de parecer, vendo podia ser util aos Catholicos a sua assistencia em Londres; e experimentando depois no Principe de Orange, já novo Rey com o nome de Guilherme III. e na Rainha sua mulher toda a attençaõ, que mereciaõ as suas grandes prerogativas, determinou a sua jornada. Sahio de Londres, e fazendo caminho por França, e Hespanha, entrou em Portugal pela Provincia da Beira. Nomeou ElRey para a conduzir ao Marquez de Arronches Henrique de Sousa, do Conse-

lho de Eſtado, que já fora ſeu Embaixador na Corte de Londres, cuja peſſoa era grata à Rainha. Partio o Marquez para Almeida anticipadamente a eſperalla acompanhado do Marquez de Arronches, Principe do Sacro Romano Imperio, caſado com ſua neta, de D. Joſeph de Menezes, e do Marquez de Tavora ſeus genros, de D. Diogo de Menezes, D. Antonio de Noronha, e do Conde de S. Joaõ ſeus netos, e do Conde da Calheta, em quem concorria a meſma razaõ por ſer caſado com ſua neta, e de huma boa comitiva de criados muy luzidos. Teve o Marquez Conductor noticia das jornadas, que fazia a Rainha, e de que chegando a Matapoſſuelos, Lugar da Coroa de Caſtella, enfermara de huma eryſipela: tanto, que o Marquez de Arronches teve eſta noticia, mandou à Univerſidade de Coimbra buſcar o Doutor Antonio Mendes, Lente de Prima de Medicina, e Medico da Camera delRey, hum dos mayores profeſſores, que teve aquella ſciencia. Tanto, que elle chegou a Almeida, partio o Marquez com elle a Matapoſſuelos, a Rainha agradeceo muito ao Marquez o ſeu cuidado, juſtamente merecido do ſeu zelo; e convalecida a Rainha, continuou a ſua jornada para Almeida: governava as Armas daquella Provincia, com Patente de General da Artilharia, o Viſconde de Barbacena Jorge Furtado de Mendoça. Deſta Praça continuou a Rainha a jornada para Liſboa, achando por toda a parte aquelle amor, que

os

os Portuguezes costumaõ tributar aos seus Principes. Entrou em Lisboa a 20 de Janeiro de 1693 entre vivas, e acclamações do povo. ElRey D. Pedro seu irmaõ a foy buscar ao caminho, e sahio do Paço da Corte-Real às nove horas da manhãa acompanhado de toda a Corte, e se encontraraõ na calçada do Lumear, e naõ dando o sitio lugar de voltar o coche, emparelhou o em que ElRey hia com o da Rainha: do delRey desceraõ logo o Conde de Vianna seu Estribeiro mór, o Marquez de Marialva, Mordomo mór, e o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera; sahio ElRey do seu coche, e chegando ao estribo do coche da Rainha, lhe mostrou com agrado, e com expressoens o grande gosto, que tinha de a ver: depois de Sua Magestade Britanica agradecer o affecto delRey seu irmaõ, com igual contentamento passou a entrar no coche delRey, e tomando o lugar da maõ direita, se continuou o acompanhamento na fórma costumada. Foy conduzida à Quinta de Alcantara, aonde a esperava a Rainha D. Maria Sofia, que a veyo receber ao topo da escada, e depois de se cumprimentarem com grandes mostras de contentamento, se despedio a Rainha D. Maria; e a Camereira mór, as Senhoras de Honor, e Damas, e Officiaes da Casa, que a acompanhavaõ, beijaraõ a maõ à Rainha da Grãa Bretanha, e ElRey voltou com a Rainha sua mulher para o Paço. Foy magnifica a hospedagem, que durou por muitos

Memorias m.s. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. XI. pag. 69.

tos dias. Depois quando as Rainhas ſe aviſta-vaõ, cada huma na ſua caſa, cedia huma à outra o melhor lugar, e aſſim ſe viſitavaõ muitas vezes, creſcendo tanto na amiſade, que em effeito della, e do parenteſco aſſentaraõ, que naõ ſahiriaõ da caſa, em que cada huma ſe achaſſe, o que ſeria reciproco em ambas; e tambem em demonſtraçaõ da amiſade, e carinho aſſentaraõ fallaremſe por *vós*. Com todo eſte amor, e humanidade ſe trataraõ eſtas duas Rainhas, ornadas ambas de excellentes virtudes. Aſſiſtia a Rainha D. Catharina na Quinta de Alcantara, e depois buſcando ſitios accommodados ao ſeu genio, e ſaude, occupou alguns Palacios, depois do de Alcantara. Foy primeiro para o do Conde de Redondo junto a Santa Martha, depois para o do Conde de Soure, de donde foy para o do Conde de Aveiras em Belem, e ultimamente edificou hum novo Palacio, Capella, e Quinta no ſitio da Bempoſta, onde viveo, e para donde ſó ſe apartou dos poucos dias, que reſidio no Palacio da Corte-Real com ElRey ſeu irmaõ, e antes tinha feito no mez de Fevereiro do anno de 1699 huma jornada a Villa-Viçoſa, onde eſteve com goſto, e depois na Cidade de Evora, na qual a 4 de Mayo fez entrada publica; e ſendo recebida com magnificas feſtas, ricos arcos, e com todas as ceremonias devidas à Mageſtade, voltou para Liſboa, aonde chegou a 8 do referido mez. Conſervou ſempre alguns criados, e criadas Inglezas, e

tendo

tendo voltado para Inglaterra a Condessa de Fingal com huma filha sua, Senhoras Irlandezas Catholicas, e de muita qualidade, recebeo com o exercicio de Cameristas, e largos ordenados, Senhoras Portuguezas da primeira qualidade, que foraõ as Condessas da Ericeira, de Pombeiro, e S. Lourenço, todas viuvas; D. Archangela Maria de Portugal, irmãa do Conde de Sarzedas, viuva de Dom Joaõ de Castro Telles, D. Ignes Antonia de Tavora, filha do Morgado de Oliveira, e viuva de Joaõ de Saldanha de Sousa, D. Joanna de Tavora, viuva de Simaõ de Vasconcellos e Sousa, Governador da Casa do Infante D. Pedro, e filha de Joaõ Gomes da Sylva, Regedor das Justiças.

No anno de 1704, em que o Archiduque Carlos com o nome delRey D. Carlos III. de Castella passou a Portugal, pouco depois de chegado, enfermou a Rainha de huma erysipela, que a teve muito tempo de cama, e mandando ElRey Catholico saber della por hum Gentil-homem da sua Camera, e dando o recado à sua Camerista, que estava de semana, lhe representou juntamente o grande desejo, que ElRey tinha de ver a Sua Magestade: pelo que a Rainha ordenou ao Duque de Cadaval, que dissesse a ElRey Catholico, que ella o esperava com grande desejo de o ver, que o dia, e hora deixava à eleiçaõ de Sua Magestade. Dous dias depois avisou o Almirante de Castella ao Duque, que no Domingo 13 de Abril havia ElRey

Catho-

Catholico de ir cumprimentar a Rainha da Grãa Bretanha. Aviſou-ſe pela Secretaria de Eſtado aos Grandes, e Officiaes da Caſa delRey, para que ſe achaſſem no Paço da Rainha de Inglaterra, e por parte da Rainha ſe aviſaraõ todas as Senhoras para que ſe achaſſem no ſeu Paço, com o que esteve numeroſo, e luzidiſſimo o concurſo da Corte. O Conde de Vianna, Eſtribeiro môr, teve ordem para mandar os coches, que foſſem neceſſarios para ElRey Catholico, que foy em hum coche da peſſoa delRey de Portugal, com outro de reſpeito. Entraraõ no coche, na cadeira de diante, o Principe de Lichtenſtein, Ayo, e Mordomo môr, à maõ direita, e da eſquerda o Almirante de Caſtella, e no eſtribo eſquerdo o Principe de Darmſtad: hia o coche coberto com a ſua guarda de Corpo, e a mais comitiva ſe meteo nos coches, e o Conde de Aſſumar ſe adiantou no ſeu, naõ indo no acompanhamento, como nunca fez quando era em coche, pelo ſeu naõ ſer precedido pelo dos Cameriſtas delRey Catholico.

A fórma, que ſe obſervou neſta viſita foy, que na porta da ſalla eſtava Rodrigo de Almeida, Guarda das Damas do Paço delRey de Portugal, ſeguia-ſe a primeira, e ſegunda caſa, em que ficou toda a Corte, e à porta da terceira caſa eſtava André Mendes, Porteiro da Camera da Rainha, com ordem para naõ deixar entrar dalli para dentro nenhum Fidalgo: eſtavaõ neſta terceira caſa todas as Senho-

Senhoras. A' porta da Camera da Rainha estava João Carneiro Brûm, tambem seu Porteiro da Camera. Tanto, que ElRey Catholico chegou, toda a Corte o foy buscar a baixo, e o tornou a acompanhar até o coche. ElRey hia descoberto, e por esta causa o foraõ tambem os Grandes de Portugal, e sómente o acompanhou até a Camera da Rainha o Principe de Lichtenstein, seu Ayo, e Mordomo môr, que lhe chegou a cadeira, e sahio para fóra a esperar à porta da Camera, que era a mesma casa, em que estavaõ as Senhoras; e vendo, que o Almirante estava à porta da casa de fóra, disse ao Porteiro Joaõ Carneiro, que deixasse entrar o Almirante, ou o deixasse sahir; porém elle observante da ordem, que tinha, respondeo, que Sua Excellencia tinha alli, que fazer, e o Almirante naõ, que se quizesse sahir o podia fazer, mas que o Almirante naõ podia entrar; porque aquella casa era reservada às Senhoras, e elle naõ tinha alli occupaçaõ. Entrou ElRey na Camera da Rainha, onde estava posta huma cadeira de veludo negro em distancia competente da cama, e chegandolhe a cadeira o seu Ayo, se sentou. Na Camera estava só D. Ignez Antonia de Tavora, Camerista de semana, assistindo aos pés da cama da Rainha, e tanto, que ElRey Catholico chegou para se sentar, se affastou até chegar à parede. Acabada a visita, se levantou ElRey Catholico sem esperar, que lhe affastassem a cadeira, e se despedio da Rainha

com grande cortezia, que foy muito bem correspondida, tendo-se observado huma singular ordem, e advertencia naquelle Paço, que dava a reconhecer, que era habitaçaõ de huma Rainha taõ prudente, e de tantas virtudes, como foy a Rainha D. Catharina.

No mesmo anno de 1704 quando ElRey D. Pedro seu irmaõ passou à Beira, lhe encarregou a regencia dos seus Reynos, para cujo effeito baixaraõ Decretos a todos os Tribunaes, e ordenou ao Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, que ficasse em Lisboa (ainda que ao depois resolveo o contrario, como adiante se verá) com a incumbencia de assistir ao Principe, e Infantes seus filhos. E em hum papel, que ElRey mandou à Rainha sua irmãa pelo seu Confessor o Padre Sebastiaõ de Magalhaens, da Companhia, entre outras cousas lhe recommendava, que em todas as cousas do governo se servisse das largas experiencias do Duque de Cadaval, e da grande fidelidade, e zelo, com que se havia empregado sempre no seu Real serviço. Deixou tambem em Lisboa para assistirem no Conselho de Estado, além do Duque, a seu filho o Duque D. Jayme, os Marquezes de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro, o de Niza D. Francisco Balthasar da Gama, o Inquisidor Geral D. Fr. Joseph de Lencastre, os Arcebispos de Lisboa D. Joaõ de Sousa, e de Braga Ruy de Moura Telles, os Condes de Val de Reys Lou-

Prova num. 42.

renço

renço de Mendoça, e o de Sarzedas Dom Luiz da Sylveira, o Monteiro mór do Reyno Garcia de Mello, e D. Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda Alemãa, o Secretario de Estado Dom Antonio Pereira da Sylva, Bispo de Elvas, e para Secretario das Merces, e Expediente a D. Thomás de Almeida, (hoje digníssimo Cardeal, e Patriarca de Lisboa) substituindo a Diogo de Mendoça Corte-Real, de quem era o cargo, o qual acompanhava a ElRey seu irmaõ, exercendo a occupaçaõ de Secretario de Estado, e assistia tambem o Secretario Roque Monteiro Paim, o que sempre tinha feito à Rainha. Depois segunda vez no anno de 1705 teve a Rainha D. Catharina a regencia do Reyno pela perigosa enfermidade, que padeceo ElRey seu irmaõ, concorrendo para a guerra com tanta actividade, que naquella Campanha se ganharaõ Valença de Alcantara, Albuquerque, Salvaterra, e Çarça. No mesmo anno faleceo a Rainha de huma colica em huma quinta feira ás dez horas da noite do dia 31 de Dezembro do anno de 1705, havendo cumprido sessenta e sete annos, hum mez, e seis dias. Mandou-se depositar no Real Mosteiro de Belem junto ao Principe D. Theodosio seu irmaõ, declarando, que em caso, que os seus ossos, se trasladassem para o Convento de S. Vicente de Fóra, como dispuzera no seu Testamento ElRey seu pay, era sua vontade, que os seus se trasladassem na mesma fórma, e se lhe déssem sepultura na

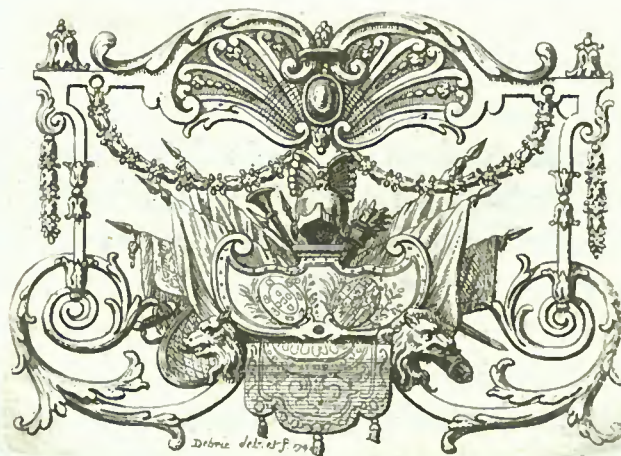
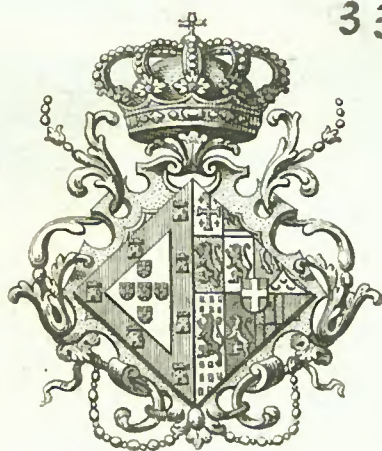
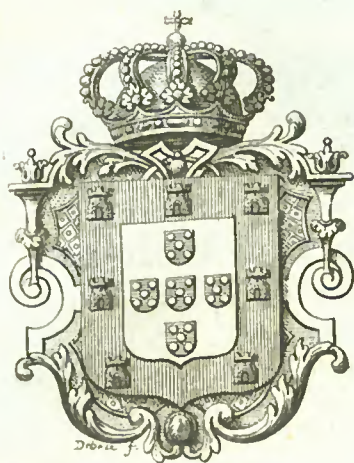
Capella môr do dito Mosteiro. Tinha muy anticipadamente ordenado o seu Testamento em 14 de Fevereiro de 1699, em que instituîo por seu universal herdeiro a ElRey Dom Pedro seu irmaõ, a quem pedia fosse seu Testamenteiro, e reduzindo a hum papel, em que faz mençaõ dos legados, e esmolas aos Mosteiros pobres, e recoletos desta Cidade, e de Villa-Viçosa, e outros legados pios, com que satisfazia a sua devoçaõ, e a sua familia, porque de toda se lembrou liberalmente: com poucas regras deu por acabado o Testamento, que escreveo Roque Monteiro Paim, do Conselho delRey seu irmaõ, e seu Secretario. Dotou, e mandou edificar huma Casa aos Religiosos da Companhia para nella se criarem pessoas para as Missoens da India, que fica fóra da Cidade de Lisboa no sitio, que chamaõ *Arroyos*.

Prova num. 43.

ElRey Dom Pedro, que havia ido assistir à Rainha, se recolheo a Alcantara depois das nove horas da noite, e ordenou, que o Conselho de Estado ficasse no Paço da Bemposta, para que dispuzesse tudo o que fosse necessario no caso, que morresse a Rainha. Depois da sua morte, logo na presença do Conselho de Estado, se leu o seu Testamento, o qual abrio por especial ordem delRey o Secretario de Estado D. Thomás de Almeida, e o Conselho de Estado resolveo a fórma do enterro, e tambem assentou, que os Officiaes da Casa delRey seu irmaõ haviaõ de assistir ao serviço do funeral da Rainha.

No

No meſmo Paço ſe fez o Officio de corpo preſente, em que celebrou Pontifical D. Antonio de Saldanha, Biſpo de Portalegre, eleito da Guarda, aſſiſtido dos Biſpos do Algarve Dom Antonio Pereira da Sylva, do do Maranhaõ D. Fr. Timotheo do Sacramento, do de Bona D. Fr. Pedro de Foyos, e do de Hypponia D. Fr. Antonio Botado, e cada hum dos quaes cantou ſeu Reſponſo. De tarde todo o Clero, Religioens, e ainda as Monacaes, e as que por privilegio naõ coſtumaõ acompanhar, eſtavaõ diſtribuidas deſde o Paço da Bempoſta, ſeguindo-ſe pela rua de Santo Antonio dos Capuchos, S. Joſeph, Annunciada, ao Rocio até a Eſperança. Quando houve de começar o enterro tirou o pano, que cobria o caixaõ, Manoel de Vaſconcellos e Souſa, que fazia o officio de Repoſteiro môr por ſeu irmaõ o Conde de Caſtello-Melhor. Pegaraõ no caixaõ o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, o Conde de Sarzedas D. Luiz da Sylveira, o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, o Conde de Villa-Verde D. Pedro Antonio de Noronha, o Conde de Alvor Franciſco de Tavora, o Conde das Galveas Diniz de Mello de Caſtro, e D. Franciſco de Souſa, todos do Conſelho de Eſtado; e aſſim foy poſto na liteira, e levado a Belem com o acompanhamento, e fórma obſervada nos enterros das peſſoas Reaes, e ſervido de toda a Caſa delRey ſeu irmaõ; e os meſmos Conſelheiros de Eſtado,

Eſtado, que levaraõ o caixaõ à liteira, o tiraraõ em Belem, e no adro da Igreja o entregaraõ à Irmandade da Miſericordia, conforme ſe pratíca com os dos Reys. O Principe do Braſil com os Infantes D. Franciſco, e Dom Antonio lhe foraõ deitar agua benta ao Paço da Bempoſta, e acompanharaõ o corpo até ſe meter na liteira, a cuja ceremonia ElRey naõ aſſiſtio por lho naõ permittirem os achaques, que padecia, de que finalmente veyo a falecer. Em demonſtraçaõ do ſentimento tomou luto a Corte com as ſuas familias por hum anno, mandando-ſe ſuſpender por oito dias o deſpacho dos Tribunaes, e que os Miniſtros delles, e as ſuas familias tomaſſem luto na meſma fórma, que a Corte.

- Carlos II. Rey da Grãa Bretanha, casado com a Infanta D. Catharina.
  - Carlos I. Rey da Grãa Bretanha, nasceo a 19 de Novembro de 1600, e + a 30 de Janeiro de 1649.
    - Jacobo Stuart, Rey da Grãa Bretanha, nasceo a 19 de Junho de 1566, + a 27 de Março de 1625.
      - Henrique Stuart, Baraõ de Darnley, Duque de Rothsay, depois Rey de Escocia, + a 20 de Fev. de 1567.
        - Matth. Stuart, Conde de Lenox, Regente de Escocia, + em 1572.
          - Joaõ Stuart, Conde de Lenox, + em Setembro de 1527.
          - A Condessa Isabel Stuart.
        - A Condessa Margarida Douglas. + a 10 de Março 1578. H.
          - Archimbaldo, Conde de Angus.
          - A Condessa Margarida de Inglaterra.
      - Maria, Rainha de Escocia, + a 18 de Fev. de 1587.
        - Jacobo V. Rey de Escocia, nasc. a 15 de Abril de 1512, + a 13 de Dezembro de 1542.
          - Jacobo IV. Rey de Escocia, nasc. a 16 de Março de 1472, + a 10 de Setembro de 1513.
          - A Rain. Margarida Tudor, filha de Henriq. VII. Rey de Ingl. + 1539.
        - A Rainha Maria de Lorena, + em 10 de Junho de 1560.
          - Claudio de Lorena, Duque de Guise, n. a 20 de Outubro de 1496, + a 12 de Abril de 1550.
          - A Duqueza Antonia de Bourbon, + em 1583.
    - A Rainha Anna de Dinamarca, + a 2 de Março de 1619.
      - Federico II. Rey de Dinamarca, e Noruega, + a 4 de Abril de 1588.
        - Christiano III. Rey de Dinamarca, + em o primeiro de Janeiro de 1559.
          - Federico I. Rey de Dinamarca, e Noruega, + a 3 de Abril de 1533.
          - A Rainha Anna de Brandebourg, + em 3 de Mayo de 1514.
        - A Rainha Dorothea de Saxonia, + a 7 de Outubro de 1571.
          - Magno II. Duque de Saxonia Lawembourg, + em 1547.
          - A Duqueza Catharina Brunswik, + em 1563.
      - A Rainha Sofia de Mekelbourg, + a 4 de Outubro de 1631.
        - Ulrico, Duque de Mekelbourg, + a 14 de Março de 1603.
          - Alberto V. o Fermoso, Duque de Mekelbourg, + a 10 de Jan. 1547.
          - Anna de Brandenbourg, ✱ a 19 de Junho de 1567.
        - A Duqueza Isabel de Dinamarca, + a 4 de Outubro de 1586.
          - Federico I. Rey de Dinamarca.
          - A Rainha Anna de Brandebourg.
  - A Rain. Henriqueta Maria de França, + a 10 de Agosto de 1669.
    - Henrique IV. Rey de França, n. a 13 de Dezemb. de 1553, + a 14 de Mayo de 1572.
      - Antonio de Bourbon, Duque de Vandoma, Rey de Navarra, nasc. a 22 de Abril de 1518, + a 17 de Novembr. 1562.
        - Carlos de Bourbon, Duque de Vandoma, nasceo a 2 de Junho de 1489, + a 25 de Março de 1537.
          - Francisco de Bourbon, Conde de Vandoma, nasc. em 1470, ✱ a 3 de Outubro de 1495.
          - Maria de Luxembourg, Condessa de S. Paulo, ✱ o 1. de Abril 1546.
        - Francisca de Alençon, Duqueza de Beaumont, + a 18 de Mayo de 1513.
          - Renato, Duque de Alençon, ✱ em o 1. de Novembro de 1492.
          - A Duqueza Margarida de Lorena, ✱ em 1521.
      - Joanna de Albret, Rainha de Navarra, + a 9 de Junho de 1572.
        - Henrique de Albret, Rey de Navarra, n. em 1503, + a 25 de Mayo de 1555.
          - Joaõ de Albret, Rey de Navarra, ✱ a 17 de Junho de 1516.
          - Catharina de Fox, Rainha de Navarra, ✱ a 17 de Fever. de 1517.
        - A Rainha Margarida de Valois, + a 21 de Dezembro de 1549.
          - Carlos de Valoes, Conde de Angoulesme, ✱ em 1496.
          - A Condessa Luiza de Saboya, ✱ em 1531.
    - A Rainha Maria de Medicis, + a 3 de Julho de 1642.
      - Francisco de Medicis, Graõ Duque de Toscana, + a 9 de Outubro de 1587.
        - Cosme de Medicis, Duque de Florença, + em 21 de Abril de 1574.
          - Luiz dito Joaõ de Medicis, ✱ em Novembro de 1526.
          - Maria de Salviati.
        - A Duqueza D. Leonor de Toledo, + em 1562.
          - D. Pedro Alvares de Tol. Vice-Rey de Napol. ✱ a 22 de Fev. de 1553.
          - Dona Maria Osorio Pimentel, II. Marqueza de Villa-Franca.
      - A Graõ Duqueza Joanna de Austria, + a 6 de Abril de 1578.
        - Fernando I. Emperador, + a 26 de Julho de 1564.
          - D. Filippe I. Rey de Castella, ✱ em 25 de Setembro de 1506.
          - D. Joanna, Rainha de Castella. H. ✱ a 4 de Abril de 1555.
        - Anna de Hungria, Rainha de Hungria, + em 1517.
          - Ladislao, Rey de Bohemia, e Hungria, ✱ em 1516.
          - A Rainha Anna de Fox, ✱ em 1506.

CAPITULO IV.

DelRey D. Affonſo VI.

18 ANTICIPADA morte do Principe D. Theodoſio, como fica eſcrito, deixou para herdeiro do Reyno de Portugal ao Infante D. Affonſo ſeu irmaõ, o qual naſceo na Cidade de Liſboa em huma ſeſta feira 21 de Agoſto de 1643 pelas oito horas da manhãa, eſtando neſte tempo ElRey ſeu pay na Cidade de Evora: foy bautizado a 13 de Setembro do meſmo anno na Capella Real pelo Biſpo Capellaõ mór D. Manoel da Cunha, e por ſeu mandado benzeo a agua o Doutor Vicente Feyo Cabral, Prior da Fregue-

Freguesia de S. Juliaõ, e foy levado à pia pelo Marquez de Ferreira, Mordomo môr da Rainha, que hia com opa de brocado rico debaixo do Palio, acompanhado de todos os Senhores, e Nobreza da Corte: levavaõ as varas do Palio D. Miguel de Almeida, e Henrique Correa da Sylva, Védores da Fazenda, D. Carlos de Noronha, Presidente da Mesa da Consciencia, e D. Antaõ de Almada, Governador das Armas da Corte, que tinha sido Embaixador a Inglaterra: levava o saleiro o Marquez de Cascaes, a véla o Marquez de Aguiar, a toalha, e veste candida o Conde de Cantanhede, o gomil o Conde de Villa-Franca, e o maçapaõ o Conde de S. Lourenço. Foy Padrinho o Principe D. Theodosio, que hia atraz do Palio, vestido de chamalote anogueirado picado sobre branco, com os cabos brancos, transelim de ricas perolas, e huma rosa de diamantes no chapeo de grande valor, e junto a elle o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro, para o advertir das cousas, a que havia de responder na celebraçaõ daquelle Sacramento: hia junto do Principe a sua Aya D. Marianna de Lencastre, viuva de Luiz da Sylva Telles, Védor da Fazenda, e do Conselho de Estado. Na Tribuna assistio a Rainha sua mãy com as Infantas em quanto durou a funçaõ, que foy celebrada com notavel pompa. Foy jurado Principe successor da Coroa Portugueza a 22 de Outubro do anno de 1653. havendo falecido em 15 de Mayo seu Irmaõ o Principe D. Theodosio.

Era

[Marginal manuscript notes:]
o famozo aclamador d'ElRey seu Pai.

a D. Pedro de Menezes

D. Joanna, q tinha sete a. que Completava a 18 do mesmo mes; faleceo a 17 de Novembro de 1653 e D. Catherina, q depois foi R.a de Gran Bretanha; e entaõ tinha cinco a. naõ completos

Era curta a idade, em que o Principe do Brasil, e Duque de Bragança D. Affonso se achava, quando pela morte delRey seu pay sobio ao throno. Para o que se destinou o dia 15 de Novembro de 1656 para o auto do levantamento, e juramento, que os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas lhe haviaõ de fazer. Era aquelle dia huma quarta feira, na qual pelas tres horas da tarde baixou ElRey do seu aposento à salla dos Tudescos, e sahio a huma varanda, que corria immediata ao Paço, desde o lado do Forte até o outro da varanda, que fica da parte da terra, que estava magnificamente adereçada. Vinha ElRey com opa roçagante de téla de prata com flores de ouro, forrada de carmesim, e vestido de téla de ouro, e pardo, guarnecido de rendas de prata, e ouro, com abotoadura de pedraria, e hum collar ao pescoço de grande valor, e delle pendente o habito da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo em hum circulo de diamantes, espadim dourado, e mangas de téla branca lavrada de ramos de ouro, e no chapeo huma joya de diamantes, que prendia a aba do mesmo chapeo: trazialhe a cauda da opa Joaõ Rodrigues de Sá, Conde de Penaguiaõ, do Conselho de Estado, e seu Camereiro môr: immediato a Sua Magestade vinha o Infante Dom Pedro descoberto fazendo o officio de Condestavel com o estoque desembainhado, e levantado em ambas as mãos, e junto a elle Ruy de Moura Telles, do Conselho

de Eſtado, e Védor da Fazenda, Eſtribeiro môr da Rainha D. Luiza, para lhe ajudar a ſuſtentar o eſtoque por ſer o Infante de oito annos. Nomeou a Rainha ao Infante para exercitar eſte officio por evitar a contenda, que havia entre o Duque de Cadaval, e Conde de Odemira, que com fortes motivos pertendia hum preceder ao outro; porém era claro o direito do Duque no proximo parenteſco da Caſa Real Reynante. Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa-Pouca de Aguiar, General da Armada Real, e do Conſelho de Eſtado, hia adiante fazendo o officio de Alferes môr com a bandeira deſenrolada, e a elle ſe ſeguia D. Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conſelho de Eſtado, e Guerra, ſeu Mordomo môr, e na meſma igualdade D. Joaõ Maſcarenhas, Conde de Sabugal, fazendo o officio de Meirinho môr, e mais adiante D. Rodrigo de Menezes, Regedor das Juſtiças, e o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva, e aſſim ſe hiaõ ſeguindo os mais officiaes da Caſa Real: à maõ direita delRey vinha o Duque de Aveiro D. Raymundo de Lencaſtre, do Conſelho de Eſtado, e à maõ eſquerda o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, ambos em hum andar, tres, ou quatro paſſos mais adiante delRey: ao Duque de Aveiro ſe ſeguia o Marquez de Caſcaes D. Alvaro Pires de Caſtro, Alcaide môr de Lisboa, e ao Duque de Cadaval o Marquez de Niza D. Vaſco Luiz da Gama, do Conſelho

lho de Estado, e Védor da Fazenda, e assim se seguiaõ por hum, e outro lado os Condes, observando da mesma sorte as suas precedencias, que saõ reguladas conforme a antiguidade das Cartas das suas Dignidades, e no meyo delles os Officiaes da Casa. Todos os Grandes, e Senhores hiaõ vestidos de gala com collares, e cadeas ao pescoço, e descobertos, por assim ser costume em semelhantes actos. Depois delRey estar no seu throno, e todos em seus lugares, e preparado assim tudo, e depois del-Rey ter jurado, e promettido de guardar os fóros, costumes, privilegios, graças, e merces, liberdades, e franquezas, que pelos Reys seus predecessores foraõ dadas, concedidas, e confirmadas, disse o Rey de Armas Portugal: *Manda ElRey nosso Senhor, que neste acto venhaõ jurar, e beijar a maõ os Grandes, Titulos Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas da Nobreza assim como se acharem, sem precedencias, nem prejuizo do direito de algum.* A primeira pessoa, que jurou, foy D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes, Mordomo môr da Rainha, mãy de Sua Magestade, em cujo nome fez o dito juramento, por virtude da Carta de poder, e procuraçaõ, que para esse effeito lhe deu a mesma Senhora, a qual foy lida em voz alta, e intelligivel pelo Secretario de Estado. A segunda pessoa, que jurou, foy o Infante D. Pedro, jurando neste lugar como Infante; porque se o fizesse como Condestavel havia de ser no penultimo, e largando o

estoque a Ruy de Moura em quanto jurava. Depois se seguiraõ o Duque de Aveiro, e o Duque de Cadaval, o Marquez de Cascaes, o Marquez de Gouvea, e o Marquez de Niza, a que se seguiraõ logo os Condes, sem entre elles haver precedencia, e depois de jurarem os Grandes, foraõ jurar os Bispos, e os mais Bispos eleitos, nesta fórma continuando pelos Ministros dos Tribunaes, e Donatarios da Coroa, Alcaides mòres, e Fidalgos, e mais pessoas de Nobreza, os quaes foraõ jurar assim, que podiaõ chegar, sem entre elles se guardar ordem de precedencias, e depois de todos, em ultimo lugar, jurou o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. Acabado este acto com as demais ceremonias costumadas, descendo ElRey do seu throno com o Sceptro Real na maõ encostado ao peito, voltou pela mesma parte acompanhado sómente, dos que com elle tinhaõ vindo, pelo declarar em voz alta o Rey de Armas Portugal, que elle assim o mandava, e foy à Capella, aonde se cantou o *Te Deum* com geral contentamento dos seus Vassallos.

Ficou ElRey debaixo da tutela daquella sábia, e prudente Matrona a Rainha D. Luiza, que naõ innovando cousa alguma, se servio dos mesmos Ministros, e Secretarios, e lhe nomeou por Ayo a D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, em que concorriaõ grandes virtudes, e declarou a Rainha, que ElRey seu marido antes da sua morte

te lhe havia communicado aquella eleiçaõ: deu-selhe quarto no Paço, e ficou Nicolao Monteiro, Prior de Cedo-Feita, depois digniſſimo Biſpo do Porto, continuando no exercicio de Meſtre delRey, e de ſeu irmaõ o Infante D. Pedro, que já lograva. Começaraõ logo a luzir a fortuna do filho, e a virtude da mãy em proſperos ſucceſſos do ſeu reynado, vendo-ſe as noſſas armas em todas as Provincias vencedoras das de ſeus inimigos, de que ſaõ glorioſos teſtemunhos a batalha do Forte de S. Miguel em Badajoz, conſeguida no anno de 1658, ſendo Governador das Armas Joanne Mendes de Vaſconcellos, General da Cavallaria André de Albuquerque, Meſtre de Campo General D. Rodrigo de Caſtro, Conde de Miſquitella, e outros ſubalternos, que todos obraraõ com valor. Neſta occaſiaõ ficou ferido o Duque de Cadaval, que ſe achava como particular, com huma perigoſa bala em hum hombro, e outra ferida mais leve; e Diniz de Mello de Caſtro, Tenente General da Cavallaria, com ſete feridas. No meſmo anno ſahio o Exercito Caſtelhano mandado por Dom Luiz Mendes de Haro a pôr ſitio à Cidade de Elvas, e poz em aperto aquella Praça por ſer poderoſo o Exercito; e pela falta de numero de defenſores, e de mantimentos, eſteve reduzida à ultima miſeria, de que a livrou a fortuna, e valor de D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, a quem a Rainha Regente encommendou o governo do noſſo

Prova num. 44.
Prova num. 45.

noſſo Exercito, buſcando elle os inimigos dentro das ſuas meſmas linhas, que forçadas rompeo com fatal eſtrago do Exercito Caſtelhano, e grande gloria das noſſas armas a 14 de Janeiro de 1659. Governava a Praça de Elvas Dom Sancho Manoel, e foy mandado meter nella o Conde de Prado, contribuindo tambem muito para a ſua defenſa o General da Artilharia Pedro Jaques de Magalhaens, e a Cavallaria governada pelo Commiſſario geral D. Joaõ da Sylva, e o Capitaõ das Guardas do General D. Luiz de Menezes com a ſua companhia, fazendo a guarniçaõ da Praça huma ſortida, que contribuîo muito para a vitoria. Sendo vencidos os Heſpanhoes, ficou livre a Praça do ſitio, e os noſſos vitorioſos com taõ glorioſa acçaõ deraõ fim à Campanha. Os Caſtelhanos tiveraõ huma das mayores perdas, que em muitos annos haviaõ experimentado dentro de Heſpanha; porque depois de no ſeu Exercito haverem entrado de ſoccorro trinta e ſeis mil homens, naõ achou D. Luiz de Haro mais, que quatorze mil Infantes, e tres mil e quinhentos Cavallos; e paſſando-ſe moſtra em Badajoz no dia depois da batalha, ſe naõ acharaõ mais, que cinco mil Infantes, e mil e trezentos Cavallos, de que muitos ainda pereceraõ com o rigor do Inverno, e incommodidades do ſitio. Ficaraõ priſioneiros mais de cinco mil, em que entraraõ grande numero de Officiaes mayores, vivos, e reformados, e muitas peſſoas de qualidade. Perderaõ treze peſ-

ſas

ſas de artilharia, tres morteiros, cinco petardos, quinze mil armas, muitas bandeiras, quantidade de munições, e mantimentos, que ſe conduzirað para a Praça de Elvas. Dos noſſos morreo o Meſtre de Campo General, e General de Cavallaria André de Albuquerque, perda que ſe fez muy ſentida pelo ſeu valor, e ſciencia militar, tendo adquirido geral opiniaõ, e amor nos Soldados. Naõ foy menor a perda na morte de Fernaõ da Sylveira, irmaõ ſegundo do Conde de Sarzedas, Conſelheiro de Guerra, que depois de ter ſervido em Flandes, e neſte Reyno em muitas occaſioens com diſtinçaõ, acabou glorioſamente. O Meſtre de Campo Luiz de Souſa de Menezes morreo das feridas, que recebeo na batalha, onde perecerað tambem os Capitaens de Cavallos Joaõ Ferreira da Cunha, e André Gatino, dez Capitaens de Infantaria, dous Ajudantes, dez Alferes, e cento e ſeſſenta e ſete Soldados. Ficaraõ feridos os Meſtres de Campo Conde de S. Joaõ, o Conde da Torre, Simaõ Correa da Sylva, Miguel Carlos de Tavora, Joaõ Furtado de Mendoça, Bartholomeu de Azevedo Coutinho, Antonio Galvaõ, Aſcenſo Alvares, Tenente do Meſtre de Campo General, Luiz Franciſco Correa Baharem, quatro Sargentos môres, hum Ajudante de Tenente, vinte e tres Capitaens de Infantaria, oito Ajudantes, vinte e dous Alferes, trinta e dous Sargentos, e ſeiſcentos Soldados, tendo todos obrado com tanto valor, como conſtancia,

cia, de ſorte, que glorioſamente rompendo aos ſeus inimigos dentro das linhas, os venceraõ, e totalmente derrotaraõ. Tambem no principio do ſitio ficando doente no ultimo perigo o Conde Camereiro môr no Convento de S. Franciſco fóra de Elvas, morreo entre os Caſtelhanos, perdendo o Reyno hum varaõ de grande valor, e fidelidade. Chegou a noticia a Lisboa a tempo, que ElRey eſtava aſſiſtindo ao Sermaõ da feſta, que a Nobreza coſtuma fazer ao Santiſſimo Sacramento em deſaggravo do deſacato commettido na Freguefia de Santa Engracia; e logo ſe cantou o *Te Deum laudamus*, e voltou ElRey ao Paço entre applauſos do povo, que alegres acclamavaõ a vitoria. O Conde de Cantanhede paſſou a Lisboa a lograr o applauſo, que merecia a vitoria, conſeguida pelo ſeu valor. Quando o Conde chegou à caſa, em que ElRey o eſperava, deu alguns paſſos a recebello, honra ſingular, mas merecida do ſeu eſclarecido procedimento.

Eraõ grandes as deſpezas do Reyno, as quaes ſuaviſavaõ os proſperos ſucceſſos, que em todo elle alcançavaõ as noſſas armas contra as de Caſtella, das quaes ſe viaõ triunfantes nas batalhas de S. Miguel, e Linhas de Elvas, logrando geral applauſo entre as Nações; porém naõ ſe podiaõ diſſimular as faltas de gente, e cabedaes para ſe proſeguir huma guerra taõ dilatada. A Rainha Regente attenta aos intereſſes do Reyno conſiderava prudentemente

mente o quam preciso era conseguir soccorros de alguma Potencia estrangeira, e que de França seria mais facil pela guerra, que tinha com Castella, a qual poderia fazerlha ainda mais dura com as Tropas auxiliares, que mandasse a Portugal. A este fim nomeou Embaixador Extraordinario a ElRey de França o Conde de Soure, do qual era taõ conhecido o valor, como o talento para os negocios politicos, fiando do seu louvavel zelo esta importante negociaçaõ: e agradecendo o Conde à Rainha a escolha, que delle fizera, sacrificou pelo bem publico os pezares, que sentia, e depondo as queixas, e superando os achaques, que padecia, se dispoz a partir para França a 13 de Abril de 1659 em huma Nao Ingleza, levando por Secretario da Embaixada a Duarte Ribeiro de Macedo, pessoa de conhecida estimaçaõ, que depois foy Enviado na mesma Corte. Já quando o Conde chegou a França tinha noticia, que o Tratado de paz entre as Coroas de França, e Castella se dava por ajustado; porque em Flandes se havia publicado huma suspensaõ de armas até nova ordem. Deu grande pena ao Embaixador esta noticia, porque a verdade della alterava toda a substancia das suas instrucções; porque de todas ellas eraõ os mais importantes pontos, que a Rainha lhe recommendava, representar a perigosa conservaçaõ do Reyno, ainda que vitorioso, com a perda das muitas Tropas veteranas nas Campanhas, e sitios de Badajoz, Elvas, e Monçaõ,

motivo, que a obrigava a pedir a ElRey Christianissimo soccorro de quatro mil homens de Infantaria, e mil Cavallos, que seriaõ pagos por Sua Magestade Christianissima, e de lhe permittir escolher dous Officiaes Generaes de conhecida opiniaõ para occuparem os póstos de Mestres de Campo Generaes, dos quaes a fidelidade, e prestimo seriaõ approvados pelo Cardeal Mazarino, e que ao mesmo tempo pedisse licença para levantar igual numero de gente por conta delRey, entregandolhe logo creditos para este effeito, e ultimamente a conclusaõ da liga offensiva, e defensiva das duas Coroas contra a de Castella, materia já tratada nas Embaixadas antecedentes, e sempre differida.

Continuava o governo da Monarchia de França a Rainha D. Anna de Austria, toda entregue às disposições do Cardeal Mazarino, seu primeiro Ministro, que havia elevado França ao mais alto cume da gloria com as continuas vitorias, que havia conseguido o Marechal de Turene, hum dos mais scientes Generaes, que teve a Europa, cujo nome será sempre glorioso nos Fastos daquella Monarchia. Era o mayor cuidado daquella Corte o casamento delRey Luiz XIV. que entrava na idade de vinte e dous annos, para o qual se propunhaõ quatro Princezas, a Infanta D. Catharina de Portugal, que depois foy Rainha da Grãa Bretanha, Henriqueta de Inglaterra, depois Duqueza de Orleans, Margarida de Saboya, que depois veyo a

ser

ser Duqueza de Parma, e D. Maria Theresa Infanta de Castella, a qual preferia a todas no gosto da Rainha, sendo apparentes todas as mais diligencias, que se faziaõ, e sómente dirigidas a dar ciumes à Coroa de Castella, encaminhando-se todo o poder das armas de França a fazer precisa a paz por este matrimonio. E mandando a Rainha a Madrid o Senhor de Lionne para tratar da paz, declarou este aos Ministros delRey D. Filippe IV. que naõ esperassem a conclusaõ daquelle Tratado sem esta condiçaõ. E ao mesmo tempo mandou a Rainha ao Conde de Cominges, seu Embaixador em Portugal, negocear publicamente o casamento delRey Luiz com a Infanta D. Catharina. E logo publicou, que casava a ElRey em Saboya, para o que passava a Leaõ com ElRey seu filho para se avistar com a Duqueza de Saboya sua cunhada, e ajustar esta alliança com sua filha a Princeza Margarida, e com effeito partiraõ de Turim, e se avistaraõ; e chegando esta noticia a Madrid ao tempo, que a Rainha havia dado à luz huma Infanta, se concluío o Tratado do Matrimonio entre a Infanta D. Maria Theresa, e ElRey Luiz XVI. Todas as noticias destes negociados achou o Conde de Soure em Avre de Grace, e que a tregoa estava em pratica, e já declarado o dia da jornada do Cardeal Mazarino para as conferencias com D. Luiz de Haro nos Pyreneos. Partio o Embaixador para Leaõ, onde recebeo hum aviso de Feliciano

Dourado, Miniſtro de Portugal, que reſidia em Pariz, que lhe dizia, ſe naõ adiantaſſe ſem elle chegar a buſcallo, o que logo fez, e lhe diſſe, que participando ao Cardeal a ſua chegada, lhe advertira, que convinha paſſaſſe elle incognito a Pariz para tratar os ſeus negocios; porque naõ era conveniente receber huma Embaixada publica de Portugal no tempo, em que o Tratado da paz com Caſtella fazia preciſo naõ amparar os intereſſes de Portugal.

Neſte perigoſo eſtado, em que ſe achavaõ os negocios, partio o Embaixador de Leaõ para Pariz, e teve audiencia do Cardeal, a quem expoz brevemente o fim da ſua Embaixada; mas que via naquella Corte taõ varios accidentes, que lhe parecia neceſſario fallar primeiro nelles, que no ſoccorro dos Cabos, que hia buſcar; que ouvia eſtar ajuſtada a paz de Caſtella com excluſaõ de Portugal, o que lhe parecia incrivel, ſabendo o quanto Sua Eminencia attendia aos intereſſes da Monarchia Franceza, houveſſe de ſacrificar Portugal aos intereſſes delRey Catholico; e com hum diſcurſo elegante, e nervoſo diſcorreo moſtrando, que naõ devia deſamparar França naquella conjunctura a Portugal: a que reſpondeo o Cardeal allegando os motivos, que o obrigavaõ àquelle Tratado, concluindo, que no Tratado da tregoa, que conſeguira por tres mezes, tinha reſoluto mandar hum Gentil-homem a Portugal com propoſições, que avaliava praticaveis, e que quando foſſe tempo lhe daria parte

te das instrucções, que levava. Desenganado o Embaixador de poder melhorar o empenho naquelle Congresso, suspendeo as diligencias até saber das proposições, que se mandavaõ a Portugal, e dando conta à Rainha Regente de tudo o que passara com o Cardeal, tratou de buscar todos os meyos, que lhe pudessem ser uteis à sua negociaçaõ.

Neste tempo chegou à Corte de França o Visconde Marechal de Turene de novo vitorioso com a batalha de Dumquerque, em que totalmente havia derrotado o Exercito de Castella, mandado por D. Joaõ de Austria. O Marechal de Turene, que em todas as occasioens havia mostrado a estimaçaõ, que fazia do valor dos Portuguezes, costumava dizer, com o exemplo do Duque de Rohan, que era taõ importante a França desunir Portugal de Hespanha, como Hespanha do Imperio. O Conde de Soure com a occasiaõ da sua chegada o visitou, e elle o recebeo com huma singular estimaçaõ, offerecendo-selhe para da sua parte lhe procurar todos os Officiaes, que elle reconhecesse de mayor merecimento, para mandar a Portugal, e o primeiro, que fez partir para este Reyno, foy Jeronymo Giovet por Coronel de hum Regimento de Cavallaria, o qual servindo com distinçaõ em quanto durou a guerra, passou depois à Alemanha ao serviço do Principe de Brunswik Lunebourg, e occupou o posto de Mestre de Campo General.

O Ma-

O Marechal de Turene em huma pratica, que teve com o Cardeal ſobre a paz de Heſpanha, lhe diſſe, que elle naõ podia conſiderar mayor erro, do que expor Portugal à invaſaõ dos Caſtelhanos, que ſempre ſeriaõ inimigos dos Francezes, e ainda mais, quanto mais poderoſos foſſem; e que com eſta reſoluçaõ perderiaõ a confiança dos ſeus alliados, acompanhando o ſeu diſcurſo de razoens taõ ſolidas, que o Cardeal ſe perſuadio: porém a Rainha, que deſejava ver no throno de França ſua ſobrinha, naõ deu attençaõ alguma ao que lhe repreſentou o meſmo Cardeal.

Teve-ſe neſte tempo noticia, de que D. Luiz de Haro havia partido de Madrid para Fuente Rabia, e logo diſpoz o Cardeal a ſua jornada, com a qual pertendia acabar as longas diſſenções de França com Heſpanha, e duas horas antes de partir deu audiencia ao Conde de Soure; e tornandolhe a repreſentar a incluſaõ de Portugal no Tratado da Paz, os Cabos, e ſoccorros, lhe pedio licença para o ſeguir tanto, que recebeſſe novas ordens de Portugal, que já lhe naõ podiaõ tardar. O Cardeal lhe diſſe o quanto deſejava aſſiſtir aos negocios do Reyno, tanto pelos intereſſes de França, como pelo reſpeito, com que elle venerava as virtudes da Rainha Mãy de Portugal; porém que elle ſe achava na preſente conjunctura muito embaraçado para lhe nomear Cabos Francezes; porque ſeguindo-ſe a paz, ſeria o primeiro motivo de ſe ter por huma infracçaõ

fracçaõ do Tratado : porém que elle lhe nomeava dous sogeitos, com quem se poderia ajustar, que eraõ o Conde Federico Schomberg, Alemaõ de Naçaõ, e o Conde de Inchiquin, Irlandez, pessoas, que haviaõ occupado os póstos de Mestres de Campo Generaes nos Exercitos de França, e adquirido grande opiniaõ de praticos, e valerosos Soldados, e que para o de mais ficava tempo. Approvou o Marechal de Turene as pessoas nomeadas para Mestres de Campo Generaes, e o primeiro, que partio, foy o Conde de Inchiquin, e embarcando na Arrochella, foy atacado de hum cossario Argelino na Costa de Portugal, e depois de hum vigoroso combate, o Conde com hum filho seu foraõ cativos a Argel, e a nossa Rainha o resgatou. E vindo ao Reyno, passou à Alentejo, mas apenas chegou a esta Provincia, teve aviso da restituiçaõ de Carlos II. ao throno de Inglaterra, o que lhe facilitou poder voltar à sua Patria, e entrar na posse dos seus Estados, que havia perdido por seguir o seu partido.

Neste tempo fez o Conde de Soure a sua entrada publica. Sahio de Pariz com toda a magnificencia devida ao seu caracter, e lhe deu ElRey audiencia em Fontainebleau, onde se achava a Corte, e no caminho o esperavaõ as carroças delRey, da Rainha, e Duque de Orleans, e entrando na delRey, na qual vinha o Marechal Duque de Aumont, o conduzio a hum quarto do Paço, que lhe esta-

estava preparado. No seguinte dia o veyo buscar o Conde de Soissons, filho do Principe Thomás de Saboya, e o levou à audiencia delRey, e da Rainha. E depois no mesmo dia o Marechal du Plessis, que havia sido Ayo do Duque de Orleans, o levou à casa deste Principe, de donde partio para Pariz. Aqui querendo dissipar os falsos motivos, que os Ministros da Corte de França haviaõ publicado, a fim de se escusarem dos interesses de Portugal, publicou o Conde hum Manifesto na lingua Franceza, que continha vinte e sete razoens, que elegantemente concluîaõ, que o mayor interesse de França, era naõ ajustar a paz com Castella, sem a inclusaõ da de Portugal. Foy geralmente applaudido o Manifesto com tanta aceitaçaõ, que o Cardeal julgou ser preciso supprimir este papel, passando ordem para que se recolhesse, e para ser prezo o Impressor, e tambem aquelle, que o traduzira da lingua Portugueza na Franceza; mas elle se acolheo à casa do Conde de Soure, donde o livrou a immunidade do Embaixador. Ao mesmo tempo o Senhor de Briene, Secretario de Estado, buscando ao Conde Embaixador, lhe disse da parte do Cardeal, que a materia daquelle papel poderia alterar o socego publico da Corte; que lhe rogava se dignasse mandarlhe entregar todos os exemplares, porque as razoens, que continhaõ, só pertenciaõ a El-Rey seu amo, e aos seus Ministros, e naõ à censura publica, concluindo, que se queixaria a Portugal.

tugal. O Conde de Soure lhe respondeo, que o seu intento fora sómente na publicação daquelle papel instruir aos Ministros delRey de França, e expor as justas razoens, em que se fundava a pertenção delRey seu Senhor contra as injustas pertenções de Castella, totalmente ignoradas naquella Corte, e que não podia entender, que pudesse alterar o repouso publico com a impressão de hum papel, que continha conveniencias reciprocas a ambas as Coroas; e que por não faltar à boa harmonia mandava entregar os exemplares, que tinha, os quaes forão oito, havendo-se espalhado mais de quinhentos. Ultimamente o Cardeal se deu por tão pouco satisfeito, que se queixou à Rainha do Conde de Soure, que ouvindo as suas razoens se deu por bem servida, e lhe agradeceo, e approvou tudo quanto tinha feito. Forão muy delicados os pontos desta missão, que omittimos, e o Conde de Soure os manejou com tanta destreza, que deixou da sua prudencia, e talento, famoso nome naquella Corte, como se vio quando sahindo occultamente de Portugal o Duque de Aveiro, passou a França para seguramente fazer o caminho de Castella, procurando com grande efficacia dissuadir ao Duque dos errados intentos, de que depois sem remedio se veyo arrepender, porque não corresponderão as attenções da Corte de Madrid às idéas do Duque.

Finalmente junto aos Pyreneos, onde acabão, e começão a dividir França de Hespanha, se fabri-

cou huma especie de Palacio de madeira na Ilha dos Fayzoens entre Fuente Rabia, ultima Praça de Guipuscua, e Andaya ultimo lugar da Biscaya: aqui se ajuntavaõ os dous Ministros a conferir, e depois nelle se viraõ os dous Monarcas de França, e Castella, e em fim se veyo a concluir o matrimonio da Infanta D. Maria Theresa com ElRey Luiz XIV. Chegando o Conde de Soure a S. Joaõ da Luz, o Cardeal o mandou cumprimentar por hum seu Gentil-homem, e o mesmo fizeraõ todos os Ministros Estrangeiros. Seguio-se logo ter o Conde de Soure huma conferencia com o Cardeal, e depois de discorridos diversos pontos com a destreza, e engenho, de que eraõ dotados aquelles dous Ministros, disse o Cardeal, que conveniencias se poderiaõ propor aos Castelhanos, para que elles admittissem a Portugal no Tratado da Paz. O Conde Embaixador, que era prompto, sem se alterar, respondeo: *Tudo o que D. Luiz de Haro propuzer, e Vossa Eminencia approvar, salva a soberania, e independencia da Coroa, tenho poderes para o ajustar.* O Cardeal disse, que elle empregaria todos os bons officios para este negocio, e depois de hum largo discurso concluîo, que tinha nomeado ao Marquez de Choup para o enviar a Portugal com as condições, que mandava à Rainha Regente. Esta conferencia acabou de persuadir ao Embaixador, que o Cardeal naõ estava de boa fé.

Chegou neste tempo a S. Joaõ da Luz Carlos

los IV. Duque de Lorena, depois de huma larga prizaõ em Castella, noticia, que chegando a Pariz, fez, que o Duque de Guise, e o Conde de Harcourt o fossem logo buscar. Tanto, que o Duque de Lorena chegou, mandou o Embaixador pedir hora para o visitar, de que o Duque se desculpou com as dependencias dos Castelhanos; e para mostrar mais justa a sua escusa, mandou visitar ao Conde pelo Duque de Guise para lhe segurar o seu affecto, e de toda a sua Casa aos interesses de Portugal, de que era boa demonstraçaõ a proposta de mandar servir a este Reyno seu filho o Conde de Vaudemont com dous mil homens póstos em Portugal à sua custa; e que o Conde de Harcourt se offerecia para ir mandar as armas de Alentejo com o posto de Capitaõ General, levando dous Regimentos de Infantaria, de que seriaõ Mestres de Campo seus dous filhos, e para o effeito desta jornada lhe bastava sómente huma tacita permissaõ de França. O Conde Embaixador rendeo as devidas graças ao Duque de Guise das proposições, que lhe havia feito, e participando-as à Rainha, chegou a ajustar os Tratados, que depois se desvaneceraõ; porque os ajustes do Duque de Lorena se dilataraõ tanto em França, que naõ teve meyos de levantar os Regimentos, e o Cardeal negou ao Conde de Harcourt naõ só a tacita licença de passar a Portugal, mas lhe disse, que se persistisse naquella resoluçaõ, perderia o grande officio de Estribeiro môr

delRey, cuja merce já tinha para seu filho o Conde de Armagnac, deixando-se assim conhecer quaes eraõ as apparentes demonstrações do Cardeal Mazarino: porque sendo os dous pontos mais apertados do Tratado da paz a exclusaõ de Portugal, e a restituiçaõ do Principe de Condé, ambos conseguiraõ os Castelhanos com a inclinaçaõ da Rainha Mãy, ficando o Principe restituido à graça delRey, e aos seus Estados: e sendo declarado em hum dos artigos da paz, que França, nem directa, nem indirectamente assistiria à defensa de Portugal, este artigo foy abominado de toda a França, como offensivo à gloria da Naçaõ; porém o Cardeal passou pela murmuraçaõ geral, porque já era tido por parcial dos Ministros de Castella, e ainda mais abominado, porque de todo julgou Europa por infallivel a ruina de Portugal, que depois o tempo mostrou, que rompendo pelo mesmo, que parecia impossivel, fez mayor a gloria da defensa coroando-a de triunfos.

Determinado o Cardeal a enviar a Portugal ao Marquez de Choup, mandou communicar as instrucções ao Conde de Soure, o qual com generoso desprezo, confessando, que as vira, disse ao Cardeal, que lhe rogava escusasse daquella viagem ao Marquez, porque lhe assegurava, que ElRey seu Senhor naõ daria nunca ouvidos a semelhantes proposições, o que se verificou em breve tempo; porque passando a Portugal o Marquez de Choup, depois

pois de ser tratado com toda a attençaõ por Ministro de taõ grande Principe, lhe nomeou a Rainha Regente aos Condes de Odemira, e Cantanhede para conferentes, e assistia a esta conferencia o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. E depois de ouvidas as suas proposições, ordenou a Rainha ao Conde de Prado buscasse ao Marquez, e que entendesse delle se trazia poderes mais amplos, do que as materias, que havia proposto; e confessando ao Conde, que naõ trazia mais poderes, do que para aquella commissaõ, o despedio a Rainha com admiravel resoluçaõ, e o Marquez voltou para França.

Desfeitas as conferencias, e ajustado o Tratado da paz entre os Reys Christianissimo, e Catholico, voltou este para Madrid, e o outro para Pariz. O Conde de Soure seguio a Corte, sem embargo de que pela Capitulaçaõ da paz ficava Portugal totalmente separado dos interesses de França: gastou alguns mezes no ajuste dos Officiaes, que haviaõ de passar a Portugal com o Conde de Schomberg, escolhendo Artilheiros, e Mineiros, que entre todos faziaõ o numero de seiscentos, a pezar de todas as diligencias do Conde de Fuent-Saldanha, Embaixador de Castella; porém a assistencia do Marechal de Turene dissipava todas aquellas diligencias. Teve o Conde audiencia de despedida, que o Ministro Castelhano pertendeo naõ fosse publica, mas tambem inutilmente; e naõ sómente a conse-

conseguio com todas as honras costumadas, mas foy recebido delRey com grande agrado, e estimaçaõ, e na mesma fórma do Cardeal: e para mayores demonstrações da singular estimaçaõ, que faziaõ da sua pessoa, ElRey lhe mandou huma joya de sobido preço, e o Cardeal (contra o costume) hum presente de grande valor, sendo ainda mayor o conceito, em que tinha as suas virtudes. Pois chegando a Pariz o Cardeal de Rets, lhe perguntou o Cardeal Mazarino se tinha visto o Embaixador de Portugal, e dizendolhe, que naõ, lhe replicou, que o visse, antes que partisse, para conhecer hum homem de taõ grande merecimento, que era digno de ser conhecido de todos os que amaõ as virtudes. O Cardeal de Rets o tratou, e conheceo ser o Conde hum Varaõ cabal, e digno da mayor estimaçaõ.

Clede, *Hist. de Port.* liv. 31. pag. 245. tom. 8.

Deixando o Conde de Soure a Corte, passou a Havre de Grace, onde se deteve algum tempo, esperando os tres navios, que havia fretado em Inglaterra o Conde de Schomberg para a sua passagem para Portugal, para donde fizeraõ viagem com os de mais Officiaes, Soldados, e Gentis-homens Francezes, que passavaõ a servir neste Reyno, e embarcando a 29 de Outubro do anno de 1660, chegaraõ a Lisboa a 11 de Novembro. A Rainha recebeo ao Conde de Soure inteiramente satisfeita da sua missaõ, e toda a Corte igualmente applaudia a prudencia, e sabedoria, com que elle se houvera

em

em França. Ao Conde de Schomberg tratou com iguaes honras, e aos de mais Francezes, de sorte, que todos ficaraõ satisfeitos do agrado, e modo da Rainha Regente.

Havia cumprido ElRey dezaseis annos, e resolveo a Rainha ordenarlhe Casa, o que se executou com toda aquella pompa, com que a Magestade deve ser servida: assinou para a sua habitaçaõ hum quarto do Paço, que novamente se havia fabricado à borda do Tejo. Nomeoulhe para Gentis-homens da Camera ao Marquez de Gouvea, ao Conde de Prado, a Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno, a Luiz de Mello, Porteiro môr, e a Dom Joaõ de Almeida: servia o Marquez de Gouvea de Mordomo môr, Garcia de Mello de Camereiro môr, o Conde de Prado de Estribeiro môr, e passando este a governar as armas da Provincia de Entre Douro, e Minho, lhe succedeo o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, e a D. Joaõ de Almeida, que servia de Reposteiro môr pelo Conde de Castello-Melhor. Depois se augmentou este numero com as pessoas dos Condes de Aveiras, Val de Reys, e Obidos, D. Thomás de Noronha, e Francisco de Sousa Coutinho, por cuja morte succedeo o Conde de Pombeiro, ficando o Conde de Odemira com a preeminencia de Ayo, e assim foraõ nomeados outros Officiaes, e criados inferiores para assistencia da Casa delRey. Entrou este a servirse de algumas pessoas, que com differentes

moti-

motivos se serviaõ do seu favor, e lhe inspiraraõ maximas pouco decorosas à Mageſtade; entre os mais favorecidos era conhecidamente Antonio de Conti, que da humilde occupaçaõ, em que vivia, passou ao Paço a ser cortejado de todos os Grandes. Sentia a Rainha Regente as desordens, que cresceraõ depois da morte do Conde de Odemira seu Ayo, que havia sido a 15 de Março do anno de 1661, e vendo, que quasi eraõ irremediaveis, desejava dar conclusaõ ao casamento da Infanta D. Catharina com ElRey de Inglaterra, materia sobre que ultimamente tinha voltado àquelle Reyno o Embaixador Francisco de Mello, já Conde da Ponte, como já deixámos largamente referido, quando tratámos da Infanta, e tambem o dar Casa ao Infante D. Pedro com a authoridade, que convinha a hum Principe immediato successor do Reyno, para que livre destes dous pontos, que a embaraçavaõ, entregar a ElRey o governo do Reyno, e passar a viver retirada em hum Convento, ainda que naõ obrigada à Religiaõ: e desta virtuosa resoluçaõ deu conta por hum discreto papel escrito da sua letra, que entregou à conferencia de alguns Ministros, do qual já fizemos mençaõ; e sendo diversos os discursos, que sobre aquelle papel entaõ se fizeraõ, naõ pode ter effeito, por urgentes razoens, a deixaçaõ, que a Rainha pertendia fazer naquelle tempo.

Clede, *Hist. de Portugal*, tom. 2. pag. 725.

Adiantaraõ-se as negociações de Inglaterra, e se

se effeituou o Tratado do casamento delRey Carlos com a Infanta Dona Catharina, e no anno de 1662 embarcou a Infanta já Rainha da Grãa Bretanha no porto de Lisboa em huma Armada, que ElRey seu esposo mandara para a conduzir, e no mesmo anno deu Casa ao Infante D. Pedro, que começou a servirse com os criados, que lhe nomearaõ, e entrou a 4 de Junho no quarto, que se lhe tinha preparado, e no mesmo ponto começou a Rainha a dispor a entrega do governo do Reyno a ElRey, mandando declarar pelo Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva aos Ministros, e Tribunaes, que no mez de Agosto, dia de S. Bernardo, determinava pôr o governo nas mãos delRey, o que havia dilatado pelos continuos embaraços militares, e politicos, em que o Reyno se achava, e pela pouca applicaçaõ, que ElRey mostrava ao governo da Monarchia, em que quizera, que elle entrasse bem instruido: e que naõ permittindo Deos pelos seus peccados, que lograsse o fim dos seus bons intentos, os deixava nas mãos de Deos para que amparasse esta Monarchia, e com outras prudentissimas razoens mostrava o zelo, e amor, que a interessavaõ na conservaçaõ do Reyno. Eraõ varios os discursos sobre a resoluçaõ da Rainha, e respondendo os Ministros, que ella mandara consultar, disseraõ, que todos os Estados do Reyno se achavaõ taõ cabalmente satisfeitos das sabias heroicas acções de Sua Magestade, assim na vigilancia

da guerra, como nos negocios politicos, como eraõ as allianças de Inglaterra, e as aſſiſtencias de França, a paz de Hollanda, e outros muitos, de que ſe ſeguiraõ as mayores felicidades aos intereſſes da Monarchia, que com tanta gloria ſua havia conſervado, triunfando dos ſeus inimigos. E que agora ſería expolla a algum funeſto incidente; porque ainda que ElRey ſe achava com idade para ſe lhe entregar o governo, a pouca applicaçaõ o fazia incapaz, porque entregue aos ſeus divertimentos, ſeria deixar a Monarchia às diſpoſições dos ſeus favorecidos, que dominandolhe a vontade, ſeriaõ muy perniciosas as conſequencias, que ſe ſeguiriaõ ao Reyno; e que ao menos ficaſſem diſſipadas aquellas nuvens, que eclipſavaõ a Mageſtade, e entaõ poderia a Rainha ſeguir a ſua determinaçaõ. Naõ ſe venceo de todo a Rainha, ſem que o Conſelho de Eſtado, a Nobreza, e os Tribunaes, deſſem meyo à preſente oppreſſaõ.

Diſſipadas as revoluções de Inglaterra, e reſtituido ao throno da Grãa Bretanha ſeu legitimo Senhor ElRey Carlos II. depois de varios negociados ſe celebrou o contrato do caſamento da Infanta D. Catharina, ainda na regencia da Rainha ſua mãy, como deixámos eſcrito no Capitulo III. deſte Livro. Determinou-ſe tambem o modo de ſe apartarem da peſſoa delRey aquellas, que eraõ prejudiciaes com a ſua aſſiſtencia, e ſe reſolveo, que no tempo, em que ElRey eſtava no deſpacho com a Rai-

a Rainha, se prendessem, e se degradassem para fóra do Reyno. Este negocio se communicou ao Duque de Cadaval, aos Marquezes de Gouvea, e Marialva, aos Condes de Soure, e S. Lourenço, ao Bispo de Targa, a D. Rodrigo de Menezes, a Jorge de Mello, a Nicolao Monteiro, ao Padre Antonio Vieira, e ao Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. Era Antonio de Conti a primeira pedra do escandalo: pelo que se determinou, que o prendessem dentro do Paço. A Rainha para facilitar aquella execuçaõ, entrou com ElRey para o despacho em hum Sabbado 20 de Junho de 1662, e o Duque de Cadaval com o Porteiro môr Luiz de Mello, e seu filho Manoel de Mello, levando comsigo a Duarte Vaz de Orta, Corregedor da Corte, para prender Antonio de Conti, e ao mesmo tempo estava ordenado, que prendessem a seu irmaõ Joaõ de Conti, e a outras pessoas da mesma facçaõ, e categoria: e supposto, que Antonio de Conti se fechou por dentro na casa, que tinha junto da camera delRey, intentando poder avisallo, o naõ conseguio, porque o Duque de Cadaval, vencendo alguns obstaculos, o obrigou a que se entregasse; porque do contrario se seguiria, que abrindolhe violentamente as portas, perderia sem duvida a vida, cujo ameaço o fez render com o receyo de perder a vida, na confiança da palavra, que o Duque lhe tinha dado de lha conservar: e sendo ao mesmo tempo prezos os outros, os embar-

barcaraõ com Antonio de Conti em hum navio, que hia para o Braſil, no qual já eſtava embarcado ſeu irmaõ, e aſſim que os recebeo deu à véla, e ſeguio a ſua viagem.

Tanto, que a Rainha teve noticia de que eſtava executado, o que ſe tinha ordenado, mandou entrar na caſa do deſpacho, em que eſtava com ElRey, aos Grandes, Fidalgos, Tribunaes, Senado da Camera, e Caſa dos Vinte e Quatro, e na preſença de todos leo o Secretario de Eſtado hum papel, que continha o motivo, porque a Rainha ſe encarregara da regencia do Reyno, que fora por ſatisfazer aos preceitos delRey ſeu marido, e pelo amor, que tinha a ElRey ſeu filho, e nelle relatava tudo, o que tinha obrado até aquelle tempo: e que temendo, o que podia ſucceder em grande prejuizo da Monarchia, mandara chamar a todos os que eſtavaõ preſentes, para que pediſſem a ElRey, que lembrando-ſe de ſi, e do Reyno, ſe empregaſſe com cuidado, e diſvello nos negocios publicos, gaſtando o tempo em occupações dignas da ſua Real peſſoa, para poder governar por ſi meſmo, naõ expondo a ſua vida, como por tantas vezes havia feito, havendo introduzido no Paço, e junto à ſua Real peſſoa, algumas de inferior qualidade, e de taes coſtumes, conſelhos, e artes, que por eſtabelecerem a ſua fortuna, haviaõ ſemeado diſſenções entre os Grandes, e feito outras perturbações prejudiciaes à Corte, que a todos eraõ notorias,

torias, as quaes tal vez se ElRey as soubera, as castigaria como mereciaõ. Acabada esta representaçaõ, beijaraõ todos a maõ a ElRey, e à Rainha, e se recolheraõ. ElRey naõ havendo percebido nada, perguntou ao Monteiro mór, se aquelle ajuntamento foraõ Cortes. Respondeolhe, que as publicas queixas de todo o Reyno, assim de Antonio de Conti, como de outras pessoas semelhantes, que haviaõ posto em evidente perigo a vida de Sua Magestade, com diminuiçaõ da sua authoridade, obrigaraõ à Rainha a ordenar os separassem da companhia de Sua Magestade, o que se executara com o conselho dos Vassallos mais zelosos, de que lhe dera conta na presença dos Tribunaes naquelle papel, que lera o Secretario de Estado. ElRey entrando em colera, perguntou ao Monteiro mór, onde estava Antonio de Conti, que o queria ir buscar. Respondeolhe com palavras de respeito, moderando-o muito, que havia embarcado para a Bahia em hum navio, que já se fizera à véla pela barra fóra, e ElRey ficou por entaõ moderado.

Naõ durou muito aquelle socego em ElRey, porque inspirado com novas idéas, que lhe haviaõ suggerido, se retirou para a Quinta de Alcantara com o Conde de Castello-Melhor, ordenando, que o seguissem o Conde de Atouguia, (descontente por se lhe haver tirado o governo das Armas de Alentejo) e Sebastiaõ Cesar de Menezes, que ElRey Dom Joaõ IV. deixara prezo por culpas de pouca

pouca fidelidade, e depois da sua morte sahira sobre o indulto de fieis carcereiros. Logo se deu a conhecer esta resoluçaõ delRey, que era para tomar posse do governo do Reyno. Porém a Rainha, que nunca intentou encontrar esta determinaçaõ, ainda que sentia o modo dos authores daquella machina, a naõ quiz castigar, havendo quem lhe aconselhava, que antes de dimittir o governo o fizesse. Foraõ grandes as machinas, que logo daquelles tres Ministros se começaraõ a forjar; mas o generoso animo da Rainha revestida de huma singular prudencia, evitou toda a dissençaõ, que se podia seguir, mandando pelas dez horas da noite ao Bispo de Targa, Capellaõ mór, com huma Carta a ElRey, que dizia:

„ Muito alto, e poderoso Principe, Eu a
„ Rainha envio muito a saudar a Vossa Magesta-
„ de, como aquelle, que sobre todos meus filhos
„ muito amo, e prézo. Agora soube, que havieis
„ passado à Quinta de Alcantara, e que mandareis
„ levar cama, chamar Fidalgos, e alguns Officiaes
„ de vossa Casa, o que junto a me naõ dares noti-
„ cia desta jornada, parecem indicios de intentares
„ separarvos da minha companhia, e supposto, que
„ eu naõ faltey até agora às obrigações de mãy,
„ me chego a persuadir, que vos podereis arrojar a
„ faltar à obediencia de filho, e neste sentido vos ro-
„ go muito, que para fazer cessar o rumor deste
„ povo, vos queiraes logo recolher ao Paço, certi-
„ ficando.

„ ficando-vos, que nenhuma das pessoas, que vos
„ assistem, vos tem tanto amor como eu, nem de-
„ sejaõ mais, que eu a vossa conservaçaõ, e aug-
„ mento, sem me obrigar a este affecto nenhum res-
„ peito particular, porque todos dedico ao mayor
„ interesse, e credito vosso; e se esta vossa acçaõ se
„ encaminha a querer entrar a governar estes Rey-
„ nos, sabe Deos, que o desejo muito mais, que
„ vós, e que só a este fim se encaminharaõ algumas
„ resoluções, de que vós sem causa justa tomarieis
„ sentimento. Comigo deveis tratar esta materia,
„ porque assim podereis conseguir o vosso intento
„ sem estrondos, nem inquietações, e com a sua-
„ vidade, e obediencia, que deveis a Deos, e a
„ vossos pays. Vossos saõ estes Reynos, e eu os
„ governo em vosso nome, e se foraõ meus, só pa-
„ ra vós os quizera. Vinde, como vos peço, e
„ aqui juntaremos o Reyno, como for possivel, e
„ elle, que me entregou este governo, vo lo entre-
„ gará, antes que qualquer desuniaõ, que entre nós
„ haja, o entregue a nossos inimigos, que se achaõ
„ com tres Exercitos poderosos, e com este, se ago-
„ ra se levantar, mais poderoso, que todos, a quem
„ sem duvida se seguirá a total ruina. Querey pe-
„ lo amor de Deos, pelo amor de vossos Vassallos,
„ e pelo que vos mereço, considerar esta materia
„ com madura reflexaõ, pois he taõ importante, e
„ tanto para encommendar a Deos, que guarde a
„ Vossa Magestade, muito alto, e poderoso Prin-
„ cipe,

,, cipe, meu ſobre todos amado, e prezado filho,
,, e o encaminhe como muito muito deſejo, e lhe
,, peço. Eſcrita em Lisboa a vinte e hum de Ju-
,, nho de mil e ſeiſcentos ſeſſenta e dous. Voſſa
,, boa mãy.

RAINHA.

A eſta Carta reſpondeo ElRey com outra de ſua propria maõ, de que vi a Original, e a mandou pelo Conde dos Arcos à Rainha, e era a ſeguinte:

,, Muito alta, e muito poderoſa Princeza Rai-
,, nha de Portugal, e dos Algarves, daquem, e além
,, mar em Africa, Senhora de Guiné, da Conquiſ-
,, ta, Commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e
,, da India, minha ſobre todas muito amada, e pre-
,, zada mãy, e Senhora, Eu ElRey envio muito a
,, ſaudar a Voſſa Mageſtade.

,, Tendo reſpeito ao eſtado, em que eſte Rey-
,, no ſe acha pelos Exercitos do inimigo, e deter-
,, minar acodir a elles, como obediente filho de
,, Voſſa Mageſtade, compadecido do continuo tra-
,, balho, que Voſſa Mageſtade depois da morte del-
,, Rey meu Senhor pay governa eſtes Reynos a-
,, via, cuja conſervaçaõ ſe deve ao deſvello, e pru-
,, dencia de Voſſa Mageſtade, me reſolvi a aliviar
,, a Voſſa Mageſtade, pois ſegundo as Leys do
,, Reyno excedo muito nos annos deſtinados à Tu-
,, toria, eſperando com o favor Divino, e approva-
,, çaõ de Voſſa Mageſtade, aſſiſtencia, e conformi-
,, dade

„ dade com o Sereniſſimo Infante D. Pedro meu
„ irmaõ, ſatisfazer a meus Vaſſallos, e triunfar dos
„ inimigos da Coroa deſtes Reynos de Portugal.
„ Muito alta, e muito poderoſa Princeza Rainha
„ de Portugal, e dos Algarves, daquem, e de além,
„ mar em Africa, Senhora de Guiné, da Conquiſ-
„ ta, Commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, da
„ India, minha ſobre todas muito amada, e preza-
„ da mãy, e Senhora. Noſſo Senhor aja a Voſſa
„ Mageſtade em ſua guarda, eſcrita em Alcantara
„ aos 21 de Junho de 1662.

„ Beija a Real maõ de Voſſa Mageſtade

„ Seu muito obediente filho.

REY.

A eſta Carta ſe ſeguiraõ outras, em que a Rainha com juſtificadas, e prudentiſſimas razoens lhe dizia voltaſſe para o Paço, para da ſua maõ receber nos Sellos do Reyno o governo. A eſte fim mandou ao Infante D. Pedro a Alcantara para que o perſuadiſſe, e lhe diſſeſſe, que voltaſſe ao Paço, e nelle ſe lhe entregaria logo o governo, ao que ElRey deu taõ pouca attençaõ, que o Infante voltou para a Corte-Real. Eſtando ElRey em Alcantara creou ſeis Conſelheiros de Eſtado, que foraõ o Marquez de Caſcaes, o Conde de Atouguia, o Conde dos Arcos, o Viſconde de Villa-Nova da

Cerveira, o Conde de Obidos, e Antonio de Mendoça. Com esta impensada novidade houve muitas conferencias sobre o modo, com que ElRey pertendia tomar posse do governo, sem a formalidade costumada, e depois de se vencerem as duvidas com o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, que acordou o modo, segurando, que a Rainha naõ tinha duvida alguma em dimittir o governo, e só procurava, que em huma acçaõ taõ séria se naõ confundisse a authoridade, e para livrar a ElRey de toda a duvida, lhe mandou ella huma Carta, que levou o Conde de Pombeiro, em que dizia: *Muito alto, e poderoso Principe, &c. à manhãa às dez horas do dia teraõ recado os Tribunaes para em sua presença vos entregar os Sellos, e com elles o governo destes vossos Reynos na fórma, que se costuma; e porque nesta materia naõ haverá duvida alguma, vos rogo muito vos queiraes recolher à vossa Casa. Muito alto, e poderoso Principe, &c.* Em virtude desta Carta voltou ElRey ao Paço acompanhado do Infante D. Pedro, e entrando na casa, em que a Rainha o esperava, revestida de Magestade, que com taõ agradavel severidade, e constancia mostrava quaes eraõ as heroicas virtudes, que taõ perfeitamente sabia praticar, se sentou ElRey à maõ direita, e o Infante à esquerda, e entraraõ tambem os Grandes, Tribunaes, Fidalgos, e algumas pessoas do povo. Depois do Reposteiro môr pôr diante delRey huma cadeira raza de veludo carmesim com almofada do

Ericeira, *Portug. Restaur.* liv. 7. pag. 490.

do meſmo, e o Secretario de Eſtado ſobre ella huma bolſa, em que eſtavaõ os Sellos Reaes, a Rainha tomando-os na meſma bolſa, os entregou, dizendo eſtas formaes palavras: *Eſtes ſaõ os Sellos, com que os Reynos de Voſſa Mageſtade me entregaraõ o governo em virtude do Teſtamento delRey meu Senhor, que Deos tem: entrego-os a Voſſa Mageſtade, e o governo, que com elles recebi, praza a Deos, que debaixo do amparo de Voſſa Mageſtade tenhaõ as felicidades, que eu deſejo.* ElRey os recebeo ſem dizer palavra, e beijandolhe a maõ todos os que ſe acharaõ preſentes, ſe acabou eſta ceremonia em o dia 23 de Junho do referido anno de 1662.

Seguio-ſe logo ordenarſe, que os Gentis-homens da Camera delRey naõ tiveſſem exercicio, deixandolhe ſómente as entradas livres nas horas deſoccupadas. Ordenou-ſe a Franciſco de Sá de Menezes, Marquez de Fontes, ſerviſſe o ſeu officio de Camereiro mór, e ao meſmo tempo nomeou ElRey a Henrique Henriques de Miranda Tenente General da Artilharia do Reyno, e Provedor dos Armazens, ſatisfazendo-ſe a propriedade deſte officio a Luiz Ceſar de Menezes, que o exercitava, e havia ſido de ſeus avós, com o lugar de Alferes mór. Seguiraõ-ſe outras merces a varias peſſoas dependentes dos tres Miniſtros, ſendo eſcolhido Henrique Henriques para aſſiſtir a ElRey nos exercicios domeſticos.

Desta ſorte diſpuzeraõ o ſerviço delRey, e querendo-ſe elles deſembaraçar de peſſoas, que pela ſua authoridade lhe poderiaõ ſervir de obſtaculo, com o pretexto de haverem aconſelhado à Rainha no papel, que ſe deu a ElRey, e prizaõ de Antonio de Conti, (que foy depois reſtituido ao Paço, e ſeu irmaõ Joaõ de Conti, e outros homens, a quem a fortuna ſem algum merecimento havia levado à graça delRey) foraõ deſterrados para os lugares mais remotos do Reyno o Duque de Cadaval, o Conde de Soure, Manoel de Mello, o Monteiro môr, o Conde de Pombeiro, o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva, o Padre Antonio Vieira, e Luiz de Mello teve ordem para naõ entrar no Paço, havendo-ſelhe primeiro feito merce do officio de Porteiro môr para ſeu filho Chriſtovaõ de Mello, que entaõ governava Mazagaõ, e o de Capitaõ da Guarda para Manoel de Mello ſeu filho ſegundo, ſendolhe negociado eſte deſpacho pelo Conde de Atouguia. O Marquez de Gouvea Mordomo môr, vendo-ſe deſtituido dos amigos, e defraudado nas preeminencias do ſeu officio, pedio licença para ſe retirar da Corte, que ſe lhe negou, e inſtando, ſe lhe concedeo com a clauſula de naõ poder voltar a ella ſem ordem delRey. Para o lugar de Secretario de Eſtado eſcolheo o Conde de Caſtello-Melhor a Antonio de Souſa de Macedo, em quem concorriaõ partes dignas da occupaçaõ; e porque ſe havia retirado o Prior de Cedo-Feita

Feita para a sua Igreja, foy nomeado para Confessor delRey, e eleito Bispo de Angra Fr. Pedro de Sousa, Religioso de S. Bento, tio do Conde de Castello-Melhor.

Estava o governo entregue à pessoa do Conde de Castello-Melhor, Ministro cheyo de zelo, vigilancia, e com admiravel capacidade, a qual mostrou em tantas occasioens, que o constituiraõ Atlante da Monarchia, porque nelle descançavaõ os negocios politicos, e militares do Reyno: para o que ElRey o mandou passar com a sua familia para hum quarto do Paço, que havia occupado o Principe D. Theodosio, sem mudança alguma nas portas das serventias interiores, mandandolhe passar Carta de Escrivaõ da Puridade feita a 12 de Julho do anno de 1662, e com poder absoluto de governar o Reyno, e grandes preeminencias, e que em todos os Tribunaes levaria as propinas dos Presidentes, como se vê no Regimento, que lhe foy dado a 12 de Março do anno de 1663.

Prova num. 46.

Prova num. 47.

Celebrada a paz entre ElRey Filippe IV. e ElRey Luiz XIV. vendo-se os Castelhanos desembaraçados de taõ poderoso inimigo, começaraõ a seguir com todo o calor a guerra contra Portugal, e emprenderaõ pôr nella todo o cuidado, e esforço, e com esta resoluçaõ entrou pela Provincia de Alentejo D. Joaõ de Austria, filho naõ legitimo delRey D. Filippe IV. com hum Exercito taõ poderoso, como pedia o empenho de pessoa taõ grande,

de, que o mandava com o posto de Capitaõ General, e tinha já ganhado Arronches em 1662, e Juremenha depois de huma vigorosa defensa, e honrosa capitulaçaõ, que fez Manoel Lobato Pinto, que a governava, e pondo sitio no anno de 1663 à Cidade de Evora, cabeça daquella Provincia, a rendeo; porém naõ conservaraõ muito temto aquella Cidade, porque depois de huma gloriosa vitoria a recuperou o Conde de Villa-Flor, que governava as Armas, auxiliado do valor, e sciencia do Conde de Schomberg, Mestre de Campo General dos Exercitos Portuguezes, que havia passado a este Reyno com o Conde de Soure, e as Tropas Francezas, que vieraõ a soldo delRey de Portugal, como já deixámos referido, o qual depois o creou Conde de Mertola, e lhe fez outras merces, de que os seus relevantes serviços o tinhaõ feito acredor. Feita depois a paz com Castella, passou a França, e foy Marechal daquella Coroa, a quem servio, até que por naõ abraçar a Religiaõ Catholica Romana, quando Luiz o Grande de França revogou o Edicto de Nantes no anno de 1685, mandando despejar os Hugonotes de seus Reynos, voltou a Portugal, de donde passou ao serviço do Eleitor de Brandebourg, e delle ao serviço delRey Guilherme III. da Grãa Bretanha, e acabou heroicamente, sendo morto no anno de 1690 na batalha de Boyne.

Buscou o nosso Exercito o de Dom Joaõ de Austria,

Austria, e atacada, e desfeita huma parte delle, se puzeraõ os de mais em desordenada fogida. Dom Joaõ de Austria fez tudo o que manda a arte pelos ordenar, e meter outra vez no conflicto, mas inutilmente; porque abandonando a artilharia, e bagagem, venceraõ os nossos huma completa batalha, porque foy grande a mortandade, e mayor o numero dos prisioneiros. Ficaraõ dos inimigos na Campanha mais de quatro mil mortos de todas as Nações, de que se compunha o seu Exercito, e os prisioneiros passaraõ de seis mil, em que entraraõ dous mil e quinhentos feridos. Dos prisioneiros foraõ os Officiaes de mayor supposiçaõ, cinco Mestres de Campo Castelhanos, dous Coroneis Alemaens, quatro Commissarios Geraes de Cavallaria, hum Tenente de Mestre de Campo General, onze Capitaens de Cavallos, sessenta e cinco de Infantaria, vinte e dous Reformados, trinta Alferes, grande numero de Officiaes menores, e de pessoas de qualidade o Marquez de Liche, o Mestre de Campo D. Anelo de Gusmaõ filho do Duque de Medina de las Torres, o Conde de Escalante D. Joaõ Henriquez, e das Tropas Estrangeiras o Conde de Fiesco, o Conde de But, o Conde de Locesquin, e outras pessoas de qualidade. Tomou-se o trem da artilharia, que constava de dezoito pessas, hum morteiro, grande quantidade de armas, mil e quatrocentos cavallos, mais de dous mil carros carregados de fato precioso, em que entrava quantidade de

de prata, ouro, e joyas, dezoito carroças, tres dellas de D. Joaõ de Auſtria, a ſua Secretaria com todos os ſeus papeis, que continhaõ ſegredos importantiſſimos, os livros das contas das Védorias do Exercito, e artilharia, doze bandeiras de Infantaria, muitos eſtandartes da Cavallaria: entre tantos deſpojos foy o de mayor eſtimaçaõ o eſtandarte de D. Joaõ de Auſtria com as Armas Reaes de Caſtella de huma parte perfeitamente bordadas, e da outra huma empreza, que continha o Sol em campo Celeſte, dando reſplandor à Lua entre Eſtrellas, com eſta letra: *Si nò es Sol, ſerá Deidad.*

Eſta vitoria taõ glorioſa conſeguida no dia 8 de Junho de 1663 cuſtou entre outros Cabos de diſtinçaõ a vida de Manoel Freire de Andrade, General da Cavallaria da Beira, que nella morreo: e ſe naõ logrou com os vencedores os applauſos dos triunfos daquelle dia, em que o ſeu valor teve taõ grande parte, que fez preciſa a batalha, atacando primeiro com grande vigor aos inimigos; naõ deixará de lograr eternamente glorioſa memoria, que elle ſoube adquirir em repetidas occaſioens pelo valor do ſeu braço. Eſta alegre nova mandou logo o Conde de Villa-Flor a ElRey por Jeronymo de Mendoça, que às onze horas da noite entrou no Paço, de donde ElRey logo baixou à Capella a dar graças a Deos por huma taõ inſigne vitoria, que as ſuas Armas alcançaraõ, e com piedoſa attençaõ mandou fazer ſuffragios, e celebrar muitas Miſ-

ſas

ſas pelos Officiaes, e Soldados, que morrerað na batalha. Depois deſta vitoria determinarað os Generaes recuperar a Cidade de Evora, para onde marchou todo o noſſo Exercito, em que tambem ſe achou mandando outro Exercito, que ſahio de Liſboa, o Marquez de Marialva, e reconhecendo a guarniçað da Cidade, que nað podia eſperar ſoccorro, ſe rendeo (capitulando dentro no prazo, que lhe foy dado) a 24 de Junho do referido anno, e o Conde de Villa-Flor, depois de rendida a Cidade, paſſou a Lisboa. Eſta foy a celebre batalha chamada do *Amexial*, e do *Canal*, pelo ſitio, em que ſe deu junto a Eſtremoz, e libertou a Provincia de Alentejo, de que huma grande parte tinha D. Joað de Auſtria poſto em contribuiçað; e pela perda de Evora houve em Lisboa hum motim, em que o povo ſaqueou injuſtamente as caſas de alguns Fidalgos illuſtres, e outras, ſendo huma dellas a do Marquez de Marialva, que conſtante deſprezou eſta ingratidað, e concorreo para a liberdade da Patria, tendo ſido hum dos motivos principaes deſta vitoria o eſtrago, que os Caſtelhanos padecerað na paſſagem do rio Vegeve, em que D. Luiz de Menezes, General da Artilharia, a fez plantar com rara actividade nos lugares mais imminentes da Serra viſinha, e Diniz de Mello de Caſtro com a Cavallaria obrou como ſempre; ſendo eſtes dous Generaes a cauſa principal de darſe, e vencerſe a batalha, em que ſe diſtinguio o Conde de Schomberg, e ou-

tros Generaes, e Officiaes, que se naõ individuaõ pelas muitas Relações impressas, que entaõ se imprimiraõ desta Campanha.

Entrou o anno de 1664, e foy entregue o governo das Armas da Provincia de Alentejo ao Marquez de Marialva com Patente de Capitaõ General, e por alguns motivos, que tinhaõ queixoso ao Conde de Schomberg, o accommodaraõ com o titulo de Governador das Armas Portuguezas, e Estrangeiras. Sahio à Campanha o Marquez com hum Exercito luzido, e formado diante de Badajoz, aonde Dom Joaõ de Austria assistia, resolveo com os Cabos do Exercito sitiar Valença de Alcantara, que rendeo em huma terça feira, dia de S. Joaõ Bautista, em que se contava hum anno, que os mesmos Soldados entraraõ vitoriosos em Evora, e agora o faziaõ naquella Praça, que se rendeo com as condições, se dentro em quatro dias naõ fosse soccorrida com derrota do nosso Exercito, às sete horas da manhãa se entregariaõ as portas, e Castello da Praça, onde só aceitariaõ a guarniçaõ Portugueza, concedendo ao Governador sahir com huma pessa de artilharia do calibre, que escolhesse, e que os Religiosos, e Religiosas ficaria a seu arbitrio, sahirem, ou ficarem nos seus Conventos, e que aos Soldados, e Paizanos se fariaõ as commodidades costumadas. Seguio-se logo, que os moradores do Lugar de S. Vicente, os de Santiago, Caruajo, e outros, dessem obediencia ao Marquez,

que

que em nome delRey de Portugal os reconheceo por seus Vassallos, de que fizeraõ hum termo publico.

Em todo o Reyno era igual a fortuna delRey Dom Affonso, porque havendo o Duque de Ossuna sitiado Castello-Rodrigo na Provincia da Beira a 7 do mez de Julho do mesmo anno, Pedro Jaques de Magalhaens, Governador das Armas daquella Provincia, o obrigou a levantar o sitio, derrotandolhe o Exercito em huma batalha, em que lhe ganhou a artilharia, e bagagem do Exercito do Duque de Ossuna. Hum Author Estrangeiro padeceo equivocaçaõ neste, e em outros grandes successos das nossas armas; porque esta batalha de Pedro Jaques a attribue ao Conde de Villa-Flor, como tambem a de Montes Claros, que foy ganhada pelo Marquez de Marialva, como logo se verá. Na Provincia de Alentejo intentou Alexandre Farnezio, Principe de Parma, General da Cavallaria Estrangeira, que servia à Coroa de Castella, ganhar por entrepreza a Valença; porém sendo sentido da Praça, foraõ tantas as balas, que se retirou com muito grande perda. Este foy o principio do anno de 1665, em que as nossas armas chegaraõ ao ponto da mayor gloria dos Portuguezes. Eraõ grandes as prevenções de Castella, e estas noticias obrigaraõ ao Conde de Castello-Melhor, primeiro Ministro, e Valído delRey D. Affonso, de quem dependiaõ os negocios mayores da Monarchia, pro-

Maugin. *Abregé de l'Histoire de Portugal.* Cap. LXXIII. pag. 410, e 411, Imp. em 1699.

curar com inceſſante cuidado deſarmar as idéas dos Caſtelhanos, e com fortuna, e diligencia, o conſeguio com felicidade. Nomeou ElRey de Caſtella D. Filippe IV. ao Marquez de Carracena por General do Exercito da Eſtremadura, pelo que ſe retirou D. Joaõ de Auſtria para Conſuegra pouco ſatisfeito: e havendo o Marquez de emendar os erros da Campanha paſſada, entrou com hum grande Exercito pela Provincia de Alentejo com tanta ſoberba, como quem ſe fiava no poder das ſuas armas. Poz ſitio ao Caſtello de Villa-Viçoſa, que o defendeo valeroſamente Chriſtovaõ de Brito Pereira: e ſabendo, que o Marquez de Marialva ſahia de Eſtremoz com Exercito a ſoccorrella, deixando guarnecidas as linhas, intentou desbaratallo na marcha, e encontrando-ſe no campo de Montes Claros, ſe deu huma das mais diſputadas batalhas, que até àquelles tempos ſe vio, o que acreditaraõ o valor, e ſciencia dos noſſos Generaes diante de tantas Nações da Europa, que ſe acharaõ militando de huma, e outra parte, e foy eſta a ultima batalha das ſeis, que os Portuguezes ganharaõ aos Caſtelhanos depois da feliz acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. e a vigeſima depois da fundaçaõ do Reyno, conſeguida no dia 14 de Junho do referido anno.

Foy grande a perda do Exercito de Caſtella, porque na Campanha ficaraõ mais de quatro mil mortos, e de ſeis mil priſioneiros. Tomaraõ-ſe tres mil

mil e quinhentos cavallos, que se dividiraõ pelas Companhias, e pelo Reyno. As pessoas de mayor distinçaõ, que ficaraõ prisioneiras, foraõ: o General da Cavallaria D. Diogo Correa, D. Gaspar de Haro, filho do Conde de Castrilho, genro do Marquez de Carracena, e Capitaõ das suas Guardas, que morreo em Estremoz das feridas, que recebeo na batalha, padecendo a mesma desgraça os Generaes de batalha Dom Manoel Carrafa, e Nicolao de Langres, que tambem ficaraõ prisioneiros, D. Francisco de Alarcaõ, filho de D. Joaõ Soares de Alarcaõ, os Tenentes Generaes da Cavallaria Dom Belchior Portocarrero, e D. Joseph de Reategui, os Commissarios Geraes da Cavallaria D. Joseph Roguera, e D. Garcia Sarmiento, o Principe de Chalê, Coronel de hum Regimento de Cavallaria Franceza, D. Francisco Flanquet, Coronel de Infantaria, o Tenente Coronel Fiderico Henrique de Ganceut, os Sargentos môres Claudio Cubim e Tiburt, D. Antonio Gindaste, Mestre de Campo Reformado, D. Gonçalo da Guerra, Governador das Guardas do Marquez de Carracena, o Conde de S. Martim, o Baraõ de Estubeque, quatro Capitães de Cavallos, trinta de Infantaria vivos, vinte e sete Reformados, dezanove Tenentes, e seis Ajudantes de Cavallaria, cinco de Infantaria, sessenta e dous Alferes vivos, dezasete Reformados, quatorze Forrieis, sessenta e dous Sargentos, os Administradores Geraes do Exercito, e do Hospital, quatorze pessas

de

de artilharia, dous morteiros, com grande quantidade de ballas, todas as armas da Infantaria, porque toda, a que ſe achou na batalha, ficou em Portugal, oitenta e ſeis bandeiras de Infantaria, dezoito eſtandartes da Cavallaria, os timballes do Marquez de Carracena, e do Principe de Parma, todos os fornos, e inſtrumentos de expugnaçaõ, que trazia o Exercito.

Com a noticia da vitoria mandou o Marquez de Marialva à Corte a Simaõ de Vaſconcellos, que chegou no outro dia, e foy grande a alegria, e geral o contentamento do povo. ElRey acompanhado do Infante, e da Corte, baixou à Capella a render as graças ao Deos das vitorias por huma taõ manifeſta felicidade: houve Sermaõ, que diſſe com a ſua coſtumada diſcriçaõ Fr. Domingos de Santo Thomás, hum dos inſignes Oradores, e Letrados daquelle tempo. Depois houve Prociſſaõ, em que ElRey ſahio da Capella acompanhando ao Santiſſimo Sacramento, que levava o Biſpo de Targa, que ſervia de Capellaõ môr, eleito Biſpo de Lamego, e foraõ à Sé, de donde voltou ao Paço acompanhado da Nobreza, e ſeguido de innumeravel povo, que em alegres expreſſoens congratulavaõ a ElRey da felicidade da vitoria, com que as ſuas Armas de novo triunfaraõ de ſeus inimigos. No meſmo dia deſpachou o Conde de Caſtello-Melhor pela poſta hum Correyo com Carta delRey para o Marquez de Marialva, em que ElRey lhe engrandecia o valor, e diſ-

e disposiçaõ, com que havia ordenado a batalha, e outras na mesma fórma para os Generaes, e Cabos mayores, com ordem, que deixava no seu arbitrio os progressos da Campanha, e a utilidade das suas Armas.

Naõ foy menos glorioso nas mais Provincias o anno de 1666 às nossas Armas; porque na Provincia do Minho, de que era Governador das Armas D. Francisco de Sousa, III. Conde de Prado, depois I. Marquez das Minas, entrou por Galliza quasi sem opposiçaõ, e sitiou a Villa da Guarda, que deixando rendida, a guarneceo depois de huma vigorosa defensa, tendo ganhado outras Praças. Intentou recuperar esta Praça o Condestavel de Castella, que governava as Armas no Reyno de Galliza; porém o Conde de Prado se lhe oppoz com vigilancia, e fortuna. Na Provincia de Traz os Montes conseguio o Conde de S. Joaõ Luiz Alvares de Tavora, depois Marquez de Tavora, os frutos merecidos do seu valor. Na Beira Pedro Jaques de Magalhaens com dura guerra opprimia aos inimigos, saqueandolhe os Lugares, e destruindolhe muitos, tomou Redondo, e Umbrales, em que estava D. Joaõ Sallamanques, General da Artilharia, que capitulando livre a sua pessoa, e de alguns Officiaes, e cento e sessenta Cavallos, tudo o mais entregou à merce. Em todas as Provincias os Generaes, Cabos, e Officiaes procediaõ de sorte, que a sua memoria será sempre gloriosa nas nossas histo-

hiſtorias. Deſta torrente de proſperidades, com que os noſſos triunfaraõ em memoraveis recontros, e ſinaladas acções, mereceo ElRey D. Affonſo o titulo de *Vitorioſo*, ſem que lhe pudeſſe diminuir tanta gloria a perda, que na India recebeo aquelle Eſtado dos Hollandezes. E ſem duvida, que ſe o governo politico da Corte correſpondera às felicidades da Campanha, ſeria incomparavel a grandeza deſte Principe. Porém nos primeiros annos da ſua idade hum accidente de ar, que ſe ſeguio a huma febre maligna, que lhe tomou ametade do corpo, o deixou leſo, e menos livres, e quaſi confuſas as deliberações do entendimento, de que ſe ſeguiraõ varias deſordens, que a Rainha Regente intentou evitar: porém ElRey, que era colerico ſem cauſa, e demaſiadamente com ella, ſe ſentio de maneira, que faltou àquella attençaõ devida à Rainha ſua mãy chea de virtudes, que lhe tinha conſervado a Coroa combatida de taõ poderoſos inimigos, pelo que dimittio a Rainha de ſi o governo, como fica eſcrito. Deſembaraçado do reſpeito da Rainha Mãy, correraõ ſem limite as deſordens de alguns daquelles, que com o favor delRey, e com a ſua protecçaõ ſe atreviaõ a commetter crimes graviſſimos, ſem que a prudencia do Valído pudeſſe modificar hum genio abſoluto, e ſem reflexaõ, como era o delRey, em quem as operações do entendimento moſtraraõ a leſaõ, que padecia nos negocios mais arduos, e ainda de mayor empenho, como depois

depois se vio quando a Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya se retirou para a Esperança, em que entrando primeiro em colera, com leve motivo se esqueceo daquelle successo, entregando-se aos divertimentos, em que inutilmente gastava o tempo.

Era o negocio de mayor importancia o casamento delRey: e sendo diversas as Princezas, que entaõ se apontaraõ para esposas, foy escolhida a Princeza Maria Francisca Isabel de Saboya, a quem chamavaõ *Madamoisele de Aumale*, em quem concorriaõ sobre fermosura singulares virtudes, que a faziaõ merecedora da Coroa. Ajustados os Tratados do Matrimonio entre Francisco de Mello, Conde da Ponte, Marquez de Sande, Embaixador delRey, como seu Procurador, e o Duque de Estrees Par, e primeiro Marechal de França, e Cesar de Estrees, Bispo Duque de Laon, Par de França, como Procuradores da Princeza, e o Duque de Vandôme, e Madama de Vandôme, tio, avô, e Tutores da Serenissima Princeza; dotou-se a Princeza com seiscentos mil escudos da moeda de França, que faziaõ a quantia de hum milhaõ, e oitocentas mil livras Tornezas, a saber: quatrocentos mil escudos, que seriaõ levados em dinheiro a Lisboa, cem mil livras, que já tinhaõ sido entregues em a dita Cidade por Monsieur Gravier à ordem do Conde de Castello-Melhor; e dos cem, que faltavaõ para a dita somma, se poriaõ noventa mil livras em as

Prova num. 48.

mãos da Princeza para os gaſtos da viagem, e para outras couſas, que lhe foſſem convenientes ao tempo da partida, e que aſſim ſeria o dote ſem diminuiçaõ da dita ſomma. ElRey ſe obrigou a darlhe o meſmo, que tiveraõ as mais Rainhas deſte Reyno; e que em quanto naõ ſuccedeſſe no Dominio da Cidade de Faro, e nas Villas de Alenquer, Cintra, e outras Villas, Caſtellos, Governos, Juriſdicções, Abbadias, e outros Beneficios annexos aos Eſtados das Rainhas, que gozava a Rainha ſua mãy, lhe daria certas rendas para os ſeus gaſtos, e outras condições, que ſe podem ver neſte Tratado, aſſinado em Pariz a 24 de Fevereiro de 1666 pelo Marquez de Sande, o Duque de Eſtrees, e Ceſar de Eſtrees, Biſpo, e Duque de Laon, Par de França. Em virtude do que ſe tinha ajuſtado, diſpoz o Marquez de Sande com grande diligencia a ſua volta para o Reyno.

Partio a Princeza para Arrochella acompanhada de ſua avó a Duqueza de Vandôme, viuva de poucos mezes, e de ſeu filho o Duque de Vandôme. Eſperava-a fóra de Pariz o Marquez de Sande com luzido acompanhamento, e o Duque de Eſtrees, Marechal de França, e ſeus filhos o Marquez de Coewres, e o Biſpo Duque de Laon, Par de França, e Monſieur de la Nauve, Conſelheiro del-Rey no Parlamento de Pariz, Curador da Rainha, e Superintendente da ſua Caſa, e outras muitas peſſoas principaes. Chegou em vinte e dous dias a Arrochella,

rochella, (diſtante cento e vinte legoas de Pariz) aonde a eſperava fóra da Cidade o ſeu Governador o Duque de Novaylhes, Par de França, com toda a Cavallaria, e Infantaria da ſua guarniçaõ, e com todas as ceremonias militares, e politicas, que ſe coſtumavaõ fazer nas entradas dos Reys de França, o que ſe havia praticado com a meſma ſolemnidade em todas as Villas, e Cidades por ordem delRey Chriſtianiſſimo. Eſtava prevenido hum ſumptuoſo Palacio para aſſiſtencia da Rainha, e depois de haver deſcançado da jornada, deu audiencia publica ao Marquez de Sande em hum Domingo de tarde, que ſe contavaõ 27 de Junho. Chegou o Embaixador à preſença da Rainha, que eſtava com a Duqueza de Vandôme, aſſiſtida das principaes Senhoras de Arrochella, e lhe entregou a Carta de Crença, que levava delRey. E baixando à Capella, onde eſtava o Duque de Laon, o Biſpo de Xaintes, o Biſpo de Lucon, o Vigario Geral da Cidade, o Parocho da Freguesia, o Duque de Vandôme, o Duque de Novaylhes, e outras muitas peſſoas, e Damas, que concorreraõ das Cidades viſinhas, ſe leu a Procuraçaõ delRey, que o Marquez de Sande apreſentou, e o Duque de Vandôme a da Rainha, e em virtude dellas o Biſpo Duque de Laon celebrou o caſamento na fórma, que ordena a Igreja Romana.

Tanto, que ſe acabou eſta funçaõ, foraõ todos, os que nella ſe acharaõ, aonde a Rainha os

eſperava, que era em huma grande ſalla, ſentada debaixo de hum docel de brocado ſobre hum throno de quatro degraos, e no ſegundo eſtava ſentado o Duque de Vandôme em hum tamborete, lugar, que lhe competia diante da Rainha de França. O Marquez Embaixador, depois das coſtumadas ceremonias, chegou aos pés da Rainha, a quem cumprimentou com hum largo, e bem compoſto diſcurſo, e lhe entregou huma Carta delRey, mandada para aquella occaſiaõ, e beijandolhe a maõ, e toda a ſua comitiva, o fizeraõ muitos Gentis-homens Francezes. E tomando o Marquez de Sande o lugar, que lhe tocava, entrou o Duque de Novaylhes reveſtido do caracter de Embaixador delRey Chriſtianiſſimo a dar o parabem à Rainha. Seguio-ſe hum Gentil-homem delRey de Inglaterra com huma Carta de ſeu amo, e depois o Enviado de Saboya, e ultimamente o Magiſtrado da Cidade da Arrochella; e acabado eſte acto, ſe recolheo a Rainha, declarando, que havia de embarcar na quarta feira ſeguinte, que ſe contavaõ 30 de Junho. No dia determinado ſahio do Paço em huma cadeira de téla verde debaixo de hum Pallio, do qual levavaõ as varas os Magiſtrados da Cidade, e em outra cadeira ſe ſeguia a Duqueza de Vandôme, ſervindolhe de guarda toda a Infantaria, e Cavallaria da Cidade, e rodeando a cadeira da Rainha toda a Corte a pé, e chegando ao bargantim, ſe deſpedio da Duqueza ſua avó. O Duque

que de Novaylhes acompanhou a Rainha até a bordo da Capitania, e toda a Armada solemnisou a sua chegada com repetidas salvas, entrando em huma excellente camera ricamente adereçada. Para que a viagem fosse sem susto a respeito da guerra de França com Inglaterra, lhe deu ElRey da Grãa Bretanha hum salvo conducto. Por causa do tempo naõ partiraõ, senaõ a 4 de Julho, e depois de alguns contratempos, de que se naõ livraõ as Magestades pela inconstancia do tempo, chegou ao porto da Cidade de Lisboa em a manhãa do dia 2 de Agosto de 1666, conduzida em huma Armada de França composta de dez navios de guerra, de que a Capitania jogava oitenta peças de bronze com setecentos homens de guarniçaõ, da qual era General o Marquez de Ruvigni, pessoa de quem ElRey de França fazia merecida estimaçaõ, e os Capitaens dos navios eraõ pessoas de grande qualidade. Deu fundo defronte da praya da Junqueira. Foraõ muy repetidas as salvas dos navios, e Torres, e em quanto ElRey se prevenia para ir buscar a Rainha, foraõ logo a bordo da Capitania o Conde de Castello-Melhor, e a Marqueza sua mãy, que já ElRey tinha nomeado Camereira môr, e o Conde de Santa Cruz D. Joaõ Mascarenhas para seu Mordomo môr, Manoel de Sousa da Sylva, que servia de Aposentador môr, e D. Joaõ de Sousa, que depois foy Graõ Prior do Crato, Veadores de sua Casa. Na tarde pelas seis horas sahio ElRey

do

do Paço cuſtoſamente veſtido, acompanhado do Infante D. Pedro, e embarcaraõ em hum bargantim entalhado, e dourado, ſoberbamente adereçado com cortinas, e almofadas de brocado carmeſim franjadas de ouro, e prata[1], com trinta remeiros veſtidos de damaſco carmeſim guarnecido de galoens de ouro, e prata. Entraraõ no bargantim o Infante, os Conſelheiros de Eſtado, e entre elles o Marquez de Niza D. Vaſco da Gama, Védor da Fazenda da repartiçaõ dos Armazens, e India, que exercitou no mar, precedendo a todos nas preeminencias deſta occupaçaõ naquelle lugar: ſeguia-ſe o bargantim do Infante, e outros, que faziaõ agradavel, e viſtoſo o acompanhamento. Aſſim, que chegou o bargantim delRey à Capitania, em que a Rainha vinha embarcada, que eſtava com os de mais navios da Armada Franceza, empavezados, e ornados de flamulas, e galhardetes de differentes cores, abateo a Capitania a bandeira, diſparou toda a artilharia, e o meſmo fizeraõ os de mais navios da ſua conſerva. Deſceo o Marquez de Sande, Conductor da Rainha, a beijar a maõ a ElRey, e ao Infante, ſeguio-ſe o Biſpo de Laon (depois Cardeal de Eſtrees) com grandes expreſſoens da grande honra, que a ſua Caſa recebia naquelle dia. Sobio ElRey, e o Infante por huma eſcada, e no primeiro degrao della eſtava o Marquez de Ruvigni, General da Armada, a quem ElRey agradeceo o cuidado, e diſvello da viagem. A Com-

[1] Ericeira, *Portug. Reſtaurado*, tom. 2. liv. 12. pag. 833.

Companhia do Conde de Mare, que com licença delRey havia passado a casarse em França, e voltando nesta occasiaõ, trazia cem Soldados de Cavallo, que se haviaõ de montar neste Reyno, com fardas de pano verde guarnecidas de prata, dos quaes cincoenta estavaõ com cravinas, e cincoenta com partazanas, postos em ala do portaló até à porta da camera, em que estava a Rainha, onde ElRey, e o Infante entraraõ, e depois de passados os primeiros cumprimentos, com todas as demonstrações de agrado, que o Marquez de Sande explicava, chegou o Infante a beijarlhe a maõ, e naõ consentio, que se puzesse de joelhos: seguiraõ-se todas as pessoas Grandes, que o acompanharaõ, e o Mordomo mór, e Camereira mór lhos hiaõ dando a conhecer. Detiveraõ-se as Magestades na camera hum breve espaço, e ElRey sahio logo com a Rainha ao bargantim, em que entrou ElRey, e a Rainha, o Infante, a Marqueza Camereira mór, e Madama de Puy, que veyo de França com a occupaçaõ de Subgovernante, o Marquez de Fontes, Camereiro mór, o Conde de Castello-Melhor, Reposteiro mór, Simaõ de Vasconcellos e Sousa, Gentil-homem da Camera, e Governador da Casa do Infante, que estava de semana, o Porteiro mór, e o Marquez de Sande. Tanto, que o bargantim se apartou da Capitania, tornou a disparar a artilharia, e o mesmo fizeraõ os navios da Armada Franceza, as Torres, e os mais navios, que estavaõ

vaõ ſurtos neſte porto, com repetidas ſalvas de artilharia. Chegou o bargantim à ponte, que magnifica, e cuſtoſamente eſtava levantada na praya da Junqueira, digna de hum tal recebimento, e nella eſperava toda a Nobreza, e Grandes da Corte com ricas, e luzidiſſimas gallas. Deſembarcaraõ os Reys, e entraraõ em hum magnifico coche com o Infante, e em outro a Marqueza Camereira môr, e acompanhados de toda a Corte, ſe apearaõ na Igreja das Religioſas Flamengas da primeira Regra de Santa Clara, Convento que fica junto da Quinta delRey, que eſtava preparada para a ſua aſſiſtencia nos dias, que foſſem preciſos para fazerem a ſua entrada em Lisboa. Na porta da Igreja, por ſer já noite, eſtavaõ os Moços da Camera eſperando com tochas acceſas, e tanto que chegou o coche, em que vinhaõ as Mageſtades, ſahiraõ da Igreja as Damas, Meninas, e Guarda Mayor D. Violante Henriques, e as Dónas de Honor, que eſtavaõ nomeadas para ſervir a Rainha, e no adro da meſma Igreja beijaraõ a maõ aos Reys. Da parte de dentro eſtava o Biſpo de Targa, eleito de Lamego, Capellaõ môr, reveſtido de Pontifical debaixo de Pallio com a Reliquia do Santo Lenho, que Suas Mageſtades beijaraõ, tendolhe prevenido almofadas para ajoelharem; e entoado o *Te Deum laudamus*, que ſeguiraõ os Muſicos da Capella, foraõ até à Capella môr, onde eſtava preparado o ſitial, e o Biſpo lançou as bençãos aos deſpoſados: e feita

eſta

esta ceremonia com toda a solemnidade, tornaraõ as Magestades a entrar no coche, e se apearaõ na Quinta de Alcantara, que estava magnificamente adereçada. O Infante acompanhou aos Reys até à porta da segunda antecamera, e se recolheo à Quinta de Luiz Cesar de Menezes, que tinha prevenida. A Rainha ceou em publico, assistida das Damas, Camereira môr, e Officiaes da Casa, e El-Rey no seu aposento, onde entertido com os seus continuos assistentes, se divertio tanto da oppressaõ, que tivera no tempo daquella funçaõ, que chegadas as horas, em que havia de voltar para o quarto da Rainha, naõ houve diligencia, nem persuasaõ, que o obrigasse, tomando varios pretextos de indisposições, que deraõ logo, que sentir à Rainha, ainda que ElRey com galanteos, e musicas as pertendia encobrir; porém estas apparentes finezas se encontravaõ com notoria incongruencia, de sorte, que crescia na Rainha o justo pezar da infelicidade, em que se via, sem que a elevaçaõ da Coroa pudesse diminuir a adversidade da fortuna, de que taõ depressa começava a ver os effeitos da inconstancia. No dia seguinte foy o Conde da Torre buscar ao Bispo Duque de Laon em hum coche de Sua Magestade, e o aposentou nas casas de D. Antonio de Alcaçova: ao General Marquez de Rovuigni foy conduzir Dom Lucas de Portugal, Mestre Salla, e ordenou Sua Magestade, que todos os Titulos, e Conselheiros de Estado tratassem

de Excellencia ao Bispo, e que elle a restituiria sendo igual, e reciproco o tratamento.

Em hum Domingo 29 de Agosto entraraõ os Reys em Lisboa, e sahindo da Quinta de Alcantara ao meyo dia, se deu principio ao acompanhamento pelos dous Procuradores do Senado com todos os mais Ministros da sua jurisdicçaõ, montados em cavallos bem adereçados, com as librès dos Lacayos vistosas, e todos luzidamente vestidos. Seguiaõ-se os Porteiros delRey com as maças aos hombros, os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, com as suas Cotas de Armas, e cadeas de ouro, e a estes os Corregedores do Crime da Corte com as garnachas forradas de téla branca, os Juizes do Crime, e mais Justiças, todos luzidamente vestidos. Continuavaõ-se os coches, e liteiras douradas, e guarnecidas com todo o primor, e capricho, e o mesmo se admirava nas librès, seguindo-se sem precedencia os da Nobreza até chegar ao do Estribeiro môr delRey, que seguiaõ os de respeito do Infante, da Rainha, e delRey, e no ultimo hiaõ as Magestades. Hia ElRey sentado à maõ direita da Rainha, e o Infante na cadeira de diante, e no estribo da parte esquerda a Camereira môr. Naõ levava o coche tejadilho, e reparava o Sol hum chapeo de damasco carmesim guarnecido de ouro, que levava Rodrigo de Almeida, Moço da Camera, e assim era vista a Rainha de todas as janellas com applauso da sua fermosura. Seguiaõ o coche

os

os Capitaens da Guarda, Tenentes, e Soldados, e Moços da Estribeira. Era a librè da guarda Real verde, guarnecida de galoens verdes, e prata. Estavaõ as ruas armadas com admiraveis tapeçarias; e com bellos, e ricos arcos levantados pelas naçóes Franceza, Alemãa, Ingleza, Italiana, Flamenga, e os Misteres dos officios da Cidade. Estava o primeiro às portas de Santa Catharina junto às casas do Marquez de Marialva, onde esperava o Senado da Camera, e o Vereador mais antigo Christovaõ Soares de Abreu fez a falla em nome da Cidade, e acabada, o Presidente da Camera Ruy Fernandes de Almada entregou as chaves a ElRey, que lhe ordenou as désse à Rainha, que aceitando-as, lhas tornou a restituir, e caminharaõ à Sé, que estava magnificamente armada: cantou-se o *Te Deum laudamus*, e entre os repiques dos sinos, e salvas de artilharia, e vivas do povo voltaraõ ao Paço. Passou-se Decreto ao Desembargo do Paço para perdaõ geral aos prezos, em que se naõ comprehendia os prizioneiros de guerra, nem os de inconfidencia, e certos crimes exceptuados. Pirmittio-se licença ao Marquez de Liche, a D. Anelo de Gusmaõ, e a D. Belchior Porto-Carrero, para verem a entrada da casa do Enviado de Inglaterra, que morava nas casas da rua direita, que vaõ dar ao poço dos negros no beco, que chamaõ do *Carrasco*, e depois passearaõ as ruas com Gonçalo da Costa de Menezes, Mestre de Campo da Guar-

 niçaõ

niçaõ da Cidade, no ſeu coche, e jantaraõ com elle.

No tempo, em que com mayor contentamento ſe applaudia o caſamento delRey, em que o ſeu genio ſe pudera moderar, naõ pode a modeſtia do Infante Dom Pedro tolerar mais algumas deſattenções, de ſorte, que ſe retirou a aſſiſtir na Quinta de Quéluz, donde vinha todos os dias ſaber da Rainha, que eſtava doente, a qual perſuadida do Conde de Caſtello-Melhor, diſſe ao Infante, que por evitar trabalho de taõ largo caminho, ao menos em quanto durava a ſua moleſtia, quizeſſe ficar na ſua caſa da Corte-Real, a que o Infante obedeceo. Socegados por entaõ os incidentes, que tanto deſgoſtavaõ ao Infante, e havendo melhorado a Rainha, continuaraõ com alvoroço as prevenções das feſtas, e entre outras ſe ordenou huma feſta de Canas, que ſe jogaraõ no dia 15 de Outubro no Terreiro do Paço. Tanto, que as Mageſtades appareceraõ na tribuna, que lhe eſtava preparada, e regada a praça, entrou D. Franciſco de Souſa, Capitaõ da Guarda Alemãa, com grande luzimento a deſpejar a praça da grande multidaõ do povo, que a embaraçava, e tanto, que ſahio da praça, entraraõ nella Henrique de Souſa Tavares, Conde de Miranda, Governador das Armas, e Relaçaõ do Porto, do Conſelho de Eſtado, e D. Diogo de Lima, Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, Eſtribeiro mór delRey, e do ſeu Conſelho de Eſtado, Preſidente

da Junta do Commercio, que eraõ os Padrinhos. Depois de haverem cumprido com todas as obrigações devidas naquella funçaõ, de pedir licença a ElRey, tornaraõ a sahir da praça, e immediatamente voltaraõ, seguidos cada hum de quatro quadrilhas. Eraõ os Quadrilheiros oito, a saber: Dom Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, Mordomo môr delRey, e do seu Conselho de Estado, a quem sahio nas sortes das cores, que se tiraõ na Secretaria de Estado, a de pardo, e ouro; Luiz de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castello-Melhor, Escrivaõ da Puridade, azul, e ouro; D. Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva, do Conselho de Estado, Védor da Fazenda, Capitaõ General de Alentejo, Governador das Armas de Lisboa, e Provincia da Estremadura, anogueirado, e prata; Luiz da Sylva Tello e Menezes, Conde de Aveiras, Gentil-homem da Camera do Infante, e Regedor das Justiças, branco, e ouro; D. Joaõ Mascarenhas, Conde da Torre, Gentil-homem da Camera do Infante, do Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General da Corte, e Provincia da Estremadura, acamurçado, e prata; D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Sabugal, Meirinho môr do Reyno, do Conselho de Guerra, encarnado, e prata; D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor, do Conselho de Guerra, alaranjado, e prata; Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. Joaõ, Gentil-homem da Camera do Infante, do Conselho de Guerra, Governa-

vernador das Armas da Provincia de Traz os Montes, Meſtre de Campo General de Entre Douro, e Minho, verde, e ouro. Cada hum dos Quadrilheiros nomeou cinco Fidalgos ſeus parentes, e amigos, com que todas as quadrilhas ſe formaraõ de quarenta e oito Cavalleiros. Havia ordem de naõ poder exceder nenhum, dos que entravaõ nas Canas, de dous Lacayos, nem os Padrinhos de vinte e quatro. Eraõ as librès, e jaezes, tudo taõ luzido, e rico, que a todos ſe fazia agradavel a bizarria, e deſtreza dos Cavalleiros, e o cuſto, e diſpendio, com que brilhavaõ nas invenções, e primores da arte. Houve diverſos, e differentes artificios de fogo, e tres dias de Touros: tocou o primeiro dia ao Conde da Torre, que levava doze Lacayos com alamares de ouro batido ao martello; o ſegundo a D. Joaõ de Caſtro, Senhor de Boquilobo, que levou cento e ſeſſenta Lacayos veſtidos de trages de diverſas Nações, de differentes ſedas, guarnecidas de paſſamanes de ouro, e prata; o terceiro tocou ao Conde de S. Joaõ, e a ſeu irmaõ Franciſco de Tavora, depois Conde de Alvor, que levaraõ trezentos homens veſtidos de diverſas télas, e chamalotes de prata, guarnecidos de paſſamanes de ouro, e prata, e todos com excellentes cavallos, clinas, e jaezes de muito cuſto, de ſorte, que igualando à deſpeza a bizarria dos Cavalleiros, brilharaõ no primor da arte, e nas admiraveis ſortes, e manejo dos cavallos.

Naõ

Naõ passou muito tempo, que se naõ começassem logo a sentir os passados desconcertos em domesticos dissabores, sendo o mayor a incapacidade delRey para o matrimonio, a que se seguiraõ diversos incidentes, que pondo em afflicçaõ a Rainha, depois de haver consultado Letrados, tomou a resoluçaõ de se recolher ao Mosteiro da Esperança da Ordem de Santa Clara, por ser habitado de Religiosas da primeira Nobreza do Reyno, e de exemplar observancia, onde entrou a 2 de Novembro de 1667, e logo tratou do divorsio, e separaçaõ. As desordens do governo, e a notoria incapacidade delRey para o thalamo, obrigaraõ aos Vassallos mais zelosos da saude da Republica, que viaõ correr infallivelmente à ultima ruina, a que procurassem remedialla com tempo, buscando ao Infante D. Pedro, para que nas suas virtudes evitasse a sua prudencia os imminentes damnos, que entaõ ameaçavaõ ao Reyno. Assim se conseguio com tanta felicidade, que ElRey dimittio o governo por hum papel assinado por elle, e escrito por Antonio Cavide, que servia de seu Secretario de Estado, tendo-se deposto do lugar Antonio de Sousa de Macedo, pelo desacordo, com que fallou à Rainha. Huma das mayores difficuldades para esta mudança era a presença do Conde de Castello-Melhor; porém elle com admiravel constancia, sacrificando toda a sua fortuna particular, e publica do Reyno, naõ só naõ usou dos meyos violentos, que

Prova num. 49.

que podiaõ fomentar huma guerra civil, mas tolerou os pretextos, que se buscaraõ para a sua deposiçaõ, achando-se innocente em muitos, que entaõ se allegaraõ; deixou a Corte, e entre grandes perigos, de que se naõ livrou sem prodigios, sahio do Reyno, aonde deixava a sua casa, mulher, e filhos, e atravessando occultamente toda Hespanha, achou em Pariz singular estimaçaõ em ElRey Luiz XIV. e a mesma teve em Turim, aonde assistio à Duqueza de Saboya, irmãa da Rainha, e ultimamente fixou a sua residencia em Londres, onde tambem buscou a protecçaõ de huma Rainha, irmãa do seu Rey, a quem servio, como já deixamos dito, e depois recolhendo-se a Lisboa, teve com huma larga vida a estimaçaõ, que sempre mereceo. Finalmente foy ElRey recluso em hum quarto do Paço em 23 de Novembro de 1667, e tomou o Infante D. Pedro o governo do Reyno com o titulo de Principe Regente, com approvaçaõ das Cortes, que foraõ logo convocadas, e em 27 de Janeiro de 1668 foy o Infante jurado pelos Tres Estados do Reyno Principe herdeiro da Coroa, a qual lhe offereciaõ; porém elle revestido de huma singular modestia, a naõ aceitou. Depois por alguns motivos politicos, que entaõ se ponderaraõ, se tomou a resoluçaõ de ir ElRey para o Castello da Cidade de Angra na Ilha Terceira, aonde naõ residio muito tempo, e voltou para o Reyno, e sendo aposentado no Palacio de Cintra, nelle acabou

bou a vida de hum repentino accidente em hum Domingo 12 de Setembro do anno de 1683 estando ouvindo Missa. Em pouco espaço foy absolvido pelo seu Confessor, com actos de contriçaõ, e arrependimento, e suffocado de hum tuberculo, espirou, sem dar o mal tempo, a que se applicassem remedios. Tolerou com grande paciencia os trabalhos da sua vida, que lhe seguraraõ a eterna, como piamente podemos crer, e o testemunharaõ Varoens de grande exemplo acreditados em virtudes. He fama, de que S. Bernardo, de quem foy cordeal devoto, lhe apparecera em fórma visivel, e tambem he constante, que nos seus ultimos dias se lhe aclarou o entendimento da lesaõ, que havia padecido, quando no tempo, que contava sómente cinco annos, teve huma febre maligna, que o deixou leso da parte esquerda, como dissemos, a qual foy a infelice causa da inhabilidade, porque foy deposto. Naquella pequena idade o nomeou ElRey seu pay Inquisidor Geral destes Reynos. Manifestou ElRey D. Pedro (successor immediato de seu irmaõ na Coroa, que em sua vida naõ admittio) com vivas lagrimas, e as mayores demonstrações de sentimento, a dor da morte delRey, que amava como irmaõ, e venerava como Rey: e porque naõ teve lugar de fazer Testamento, fez executar promptamente tudo o que entendeo elle poderia determinar, mandando fazer pela sua alma todas as obras pias, e suffragios, que se julgaraõ mais necessarios.

O ſeu corpo foy levado com Real pompa na fórma, que ſe obſervara nas mortes dos Reys ſeus anteceſſores, ao Moſteiro de Belem, onde jaz depoſitado.

Foy ElRey D. Affonſo de eſtatura proporcionada, de agradavel preſença, alvo, olhos azues, nariz perfeito, o cabello louro, e comprido, com grande memoria, que naõ applicando em nenhuma liçaõ, ainda deſta ſorte era taõ prodigioſa, que fez della em algumas occaſioens admiraveis provas. Teve animo Real, e generoſo em fazer merces, liberal para todos; e ſem embargo da leſaõ, que padecia em meyo corpo, era muy forte a cavallo, exercicio, de que goſtava, ſahindo algumas vezes em publico. Firmou Tratados de confederações importantiſſimas, como foraõ a glorioſa alliança, e correſpondencia, que ſuſtentou com Inglaterra, que ſe governava como Republica, no anno de 1659 aceitando a Embaixada publica de Franciſco de Mello; e depois ainda conſeguio mayores utilidades, quando foy a reſtituiçaõ de ſeu legitimo Rey Carlos II. em que o meſmo Franciſco de Mello no anno de 1660 teve a honra de ſer recebida a ſua Embaixada primeiro, que a de outros Miniſtros, que a pertenderaõ. O dos Hollandezes, que celebrou no meſmo anno o Conde de Miranda, depois primeiro Marquez de Arronches, e outros muitos glorioſos do ſeu reynado, e o Tratado da liga offenſiva, e defenſiva com França, que ſe celebrou

lebrou em Lisboa em *1666*. Na sua morte o Papa Innocencio XI. celebrou solemnes Exequias em Roma; com esta occasiaõ o Cardeal de Estrees, Protector de Portugal, na presença do Papa, junto o Sacro Collegio em Consistorio, fez huma eloquente Oraçaõ, rendendo as graças ao Papa, em que mostra o quanto eraõ benemeritos os Reys de Portugal da attençaõ da Sé Apostolica, e os grandes serviços, que haviaõ feito em seu obsequio, e da Religiaõ, desde o seu principio sem intermissaõ alguma. O famoso Padre Fr. Jeronymo Vahia, Monge Benedictino da Congregaçaõ Portugueza, em hum Poema Heroico, que compunha, intitulado: *Alphonseida*, empregou a suavissima melodia da sua admiravel Musa no Elogio, e na Historia das acções, e virtudes Reaes, e Christãas, de que ElRey se adornou. Delle se conserva huma copia na Bibliotheca Cadavalense. Na Villa de Santarem edificou ElRey hum Templo à Virgem Santissima com o titulo da *Piedade*, a quem a devoçaõ commua attribuîo a vitoria do Canal, affirmando-se por sentença da Relaçaõ Ecclesiastica de Lisboa dada em 11 de Dezembro de 1663, que sendo aquella Imagem formada de barro, se viraõ nas vesperas daquelle memoravel dia na Imagem Sacrosanta movimentos sobrenaturaes à vista do povo. Passou ElRey a esta Villa a lançar a primeira pedra na Igreja, que lhe dedicava, situada no Chaõ da Feira. Entrou ElRey na Villa acompanhado de to-

Prova num. 50.

Vasconcellos; *Histor. de Santarem*, part. 2, liv. 1. cap. 12.

da a Nobreza da Corte a pé, levando-o de redea D. Diogo Fernandes de Almeida, Alcaide môr da dita Villa, a quem tocava este exercicio, e só o Visconde de Villa-Nova de Cerveira, que exercitava o officio de Estribeiro môr, hia a cavallo. No dia seguinte, que era sesta feira, em que se contavaõ 25 de Janeiro, lhe lançou a primeira pedra com as ceremonias, que manda o Ritual Romano, onde se lia a seguinte Inscripçaõ:

Deiparæ Virgini à Pietate denominatæ
Alphonsus VI. Lusitaniæ Rex,
Quod ejus ope ad miraculum insigni
Joannem Austriacũ Philippi IV. Castellæ Regis filium
Pugna Canalensi,
Sexto Idus Junias an. Dñi M. DC. LXIII.
Circa Stremotium commissa
Profligaverit,
Multos hostium interfecerit, plures ceperit,
Tormentis, armis, impedimentis
Potitus sit:
Hoc Sacellum
Impensis suis faciendum curavit,
Primumque fundamentorum lapidem
Propria manu
In æternum, grati, devotique animi monumentum
Posuit
Seq. anno octavo Kalend. Februar.

Creou

Creou de novo os titulos seguintes:

A D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, do seu Conselho de Estado, e Guerra, e Vêdor da sua Fazenda, Governador das Armas da Cidade de Lisboa, e Estremadura, creou Marquez de Marialva, em duas vidas, por Carta passada em Lisboa a 11 de Junho de 1661, que está no livro 19 da sua Chancellaria. Depois por Carta de 14 de Mayo do anno de 1663 lhe fez merce deste titulo de juro, e herdade, dispensado huma vez na Ley Mental; e que casando seu filho, o mais velho se pudesse logo cobrir com o mesmo titulo, como consta da Carta, que está no livro 37 da sua Chancellaria. Ao mesmo Marquez fez merce do titulo de Conde de Cantanhede de juro, e herdade, assim como he a sua Casa duas vezes fóra da Ley Mental. Foy feita a merce a 15 de Junho de 1661, e está no dito livro 19, fol. 152.

A Francisco de Mello, Conde da Ponte, do seu Conselho de Guerra, e seu Embaixador a Inglaterra, fez Marquez de Sande, de que tirou Carta passada a 21 de Abril de 1662, que está no livro 25, fol. 277, e ao mesmo havia já feito Conde da Ponte por Carta de 16 de Mayo de 1661, que está no livro 24, fol. 154; e depois por Carta de 10 de Outubro de 1665 fez merce do Condado da Ponte de juro, dispensado duas vezes na Ley Mental, a seu filho Garcia de Mello e Torres, a qual existe no livro 26, fol. 107.

A D.

A D. Francisco de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ, seu Camereiro môr, fez Marquez de Fontes, de que se lhe passou Carta a 2 de Janeiro de 1659, como se vê no seu assentamento, que está no livro 23, fol. 56. vers.

A Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa-Pouca de Aguiar, do Conselho de Estado, lhe fez merce do titulo de Marquez, quando voltasse de Vice-Rey da India para onde foy naquelle anno, e naõ teve effeito por falecer. Foy este Alvará passado a 2 de Março de 1657, e está no livro 25, fol.36.

A Dom Rodrigo de Castro creou Conde de Mesquitella por Carta passada a 14 de Mayo de 1658, como se vê no seu assentamento, que está no livro 21, fol. 120.

A D. Sancho Manoel creou Conde de Villa-Flor, de que tirou Carta passada a 23 de Junho de 1661, e está no livro 24, fol.188. vers.

A Joaõ Nunes da Cunha creou Conde de S. Vicente no anno, em que passou por Vice-Rey do Estado da India, aonde, logo que chegasse, se chamaria Conde. Foy a Carta passada a 2 de Abril de 1666, que está no livro 20, fol.80.

A Nuno da Cunha de Ataide fez Conde de Pontevel em virtude da merce, que havia feito a sua mulher D. Elvira Maria de Mendoça, Dama da Rainha, por passar a Inglaterra no serviço da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, de que tirou

tirou Carta passada a 15 de Abril de 1662, e está no livro 19, fol. 19.

A D. Pedro de Castellobranco, Visconde de Castello-Branco, fez Conde de Pombeiro, de que tirou Carta passada a 6 de Abril de 1662, que está no livro 26, fol. 163.

A D. Manoel da Camera fez Conde da Ribeira Grande de juro, e herdade, conforme a Ley Mental, mudando neste titulo o de Villa-Franca, por Carta de 15 de Setembro de 1662, que está no livro 27, fol. 366.

A D. Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, do seu Conselho de Estado, quando passou ao Brasil por Vice-Rey, lhe fez merce deste Condado de juro, e herdade para elle, e seus successores, conforme a Ley Mental, de que tirou Carta feita a 14 de Abril de 1663, e está no livro 25 fol. 211.

A Dom Luiz de Almeida, do seu Conselho, creou Conde de Avintes, de que tirou Carta passada a 17 de Fevereiro de 1664, que está no livro 25 fol. 323.

A Lourenço de Sousa da Sylva, seu Aposentador môr, fez Conde de Santiago de Biduido, de que se lhe passou Carta a 12 de Novembro de 1667, que está no livro 28, fol. 444 da sua Chancellaria.

A Affonso Furtado de Mendoça, do seu Conselho de Guerra, fez Visconde de Barbacena, de que se lhe passou Carta a 19 de Dezembro de 1661, que está no livro 41, fol. 133.

A

A Martim Correa de Sá fez Visconde de Asseca, de que tirou Carta feita a 15 de Janeiro de 1666, que está no livro 20, fol. 36.

A Luiz de Sousa de Macedo, filho de Antonio de Sousa de Macedo, do seu Conselho, e Secretario de Estado, fez Baraõ da Ilha Grande de Joannes, de que se lhe passou Carta feita a 27 de Setembro de 1666, que está no livro 28, fol. 219.

Temos observado nas vidas dos seus antecessores fazer mençaõ dos Officiaes da Casa Real, e do Reyno, sem preferencia das prerogativas dos lugares: agora referiremos os de que achamos noticia serviraõ no tempo do seu reynado.

D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, do seu Conselho de Estado, e Presidente do Ultramarino, foy seu Ayo; e supposto logo, que El-Rey Dom Affonso succedeo na Coroa, entrou o Conde a servir de Ayo, como temos referido, a Carta se lhe passou a 15 de Mayo de 1659, que está no livro 23 da sua Chancellaria, fol. 165 verso.

Joaõ Rodrigues de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ, do Conselho de Estado, foy seu Camereiro môr, de que tirou Carta passada a 4 de Dezembro de 1656, que está na dita Chancellaria, livro 19, fol. 2.

D. Francisco de Sá e Menezes, Marquez de Fontes, succedeo no officio de Camereiro môr ao Conde seu pay, de que tirou Carta passada a 3 de Janei-

Janeiro de 1659, que está no livro 23 da dita Chancellaria, fol. 215.

D. Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr, como se vê no Auto do Levantamento do mesmo Rey, celebrado a 15 de Novembro de 1656, que entaõ se imprimio, e já o havia sido delRey seu pay, como fica dito.

Joaõ Guedes de Miranda, Senhor de Murça, a quem foy feita merce de Estribeiro môr por morte de seu pay, teve Carta passada a 8 de Abril de 1657; porém naõ exercitou por ser de menor idade, e morreo moço: está no livro da dita Chancellaria, fol. 18.

D. Francisco de Sousa, Conde de Prado, do seu Conselho de Guerra, servio de seu Estribeiro môr, e já havia servido a ElRey seu pay, como deixámos escrito. E sendo mandado o Conde governar as Armas da Provincia do Minho, lhe mandou ElRey passar hum Decreto, para que em voltando tornasse a servir o dito officio de Estribeiro môr, e teria na Camera delRey a mesma assistencia, que tinha antes de ir ao governo, o qual Decreto foy passado a 25 de Agosto de 1669.

Prova num. 51.

D. Diogo de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado, servio de Estribeiro môr, e succedeo ao Conde de Prado.

Luiz de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castello-Melhor, foy Escrivaõ da Puridade por Carta

de 21 de Julho de 1662, como deixámos referido, e se conserva no livro 19, fol. 162 da sua Chancellaria; e era seu Reposteiro mór, e seu Gentil-homem da Camera.

O Doutor Nicolao Monteiro, Bispo eleito de Angra, foy seu Mestre, e Confessor, como refere a Carta do ordenado de Confessor, passada a 25 de Dezembro de 1663, que está na dita Chancellaria, liv. 20, fol. 224.

D. Diogo de Menezes, servio de Reposteiro mór por Alvará de 7 de Agosto de 1659, e nelle diz, que serviria esta occupaçaõ *na menoridade do filho mais velho do Conde de Castro-Dairo D. Gaspar de Tavora e Sousa, a quem tinha feito a merce da propriedade*, o qual Alvará está na dita Chancellaria, livro 19, fol. 78.

Lourenço de Sousa da Sylva e Menezes, foy seu Aposentador mór, e o era no anno de 1659, como se vê em hum Alvará de 6 de Outubro do dito anno de certa moradia, que está no livro 25 da sua Chancellaria, fol. 136 vers.

D. Lucas de Portugal, foy seu Mestre Salla, de que tirou Carta passada a 11 de Dezembro de 1656, que está no livro 27, fol. 11 da dita Chancellaria.

D. Joaõ de Almeida, foy Veador da sua Casa, como consta do Auto do Levantamento do dito Rey.

D. Pedro de Almeida, depois Conde de Assumar,

sumar, foy Veador da sua Casa, de que se lhe passou Alvará a 15 de Julho de 1661, que está no liv. 19 da dita Chancellaria, fol. 151.

D. Duarte de Castellobranco, foy Veador da sua Casa, e depois foy setimo Conde de Redondo por sua mãy ser herdeira da Casa de seu pay Dom Joaõ Coutinho, quinto Conde de Redondo.

Luiz de Mello, foy seu Porteiro môr, e Capitaõ da Guarda Portugueza, como refere o allegado Auto do Levantamento, e Juramento.

Manoel de Sousa da Sylva, que servia de Aposentador môr, servio de Reposteiro môr a ElRey D. Affonso no anno de 1656, como se vê no Auto do Juramento daquelle anno, e depois foy Veador da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Sabugal, servio de Meirinho môr, como refere o sobredito Auto.

D. Antonio Alvares da Cunha, foy Trinchante, lugar, em que succedeo pela renuncia de Simaõ da Cunha, de que tirou Carta passada a 31 de Julho de 1658, que está no livro 27 da dita Chancellaria, fol. 207.

D. Lourenço de Sousa, foy Capitaõ da Guarda Alemãa, e com o mesmo lugar havia servido a ElRey seu pay, e no Auto do Levantamento do anno de 1656 se achou servindo a mesma occupaçaõ.

D. Francisco de Sousa, foy Capitaõ da Guar-

da Alemãa, em que entrou a ſervir por ſeu tio D. Lourenço de Souſa, por Alvará do primeiro de Agoſto de 1662.

Garcia de Mello, foy Monteiro môr do Reyno, e já o era no anno de 1656, como ſe vê no Auto do Juramento allegado.

Henrique Carvalho, Senhor da Azambugeira, foy Provedor das Obras do Paço, por Carta feita a 4 de Novembro de 1661, como ſe vê da merce das tendas da Capella, que eſtá no liv. 22, fol. 269.

Fernaõ de Souſa Coutinho, foy Veador da ſua Caſa por Carta paſſada a 15 de Março de 1664, ſuccedendo no meſmo lugar a ſeu pay Thomé de Souſa, e eſtá no livro 52, fol. 20.

D. Pedro da Coſta, foy ſeu Armador môr, e ſe achou no Auto do Levantamento do anno de 1656, e já havia ſervido a ſeu pay.

Franciſco de Faria da Sylva, foy Almotacé môr do Reyno, e o tinha ſido tambem delRey D. Joaõ ſeu pay, como ſe vê no Auto referido.

Martim de Souſa de Menezes, foy ſeu Copeiro môr, que tambem havia ſervido a ElRey ſeu pay, e como tal o nomea o referido Auto.

D. Theodoſio de Mello, irmaõ do Duque de Cadaval, foy ſeu Sumilher da Cortina, e como tal faz delle mençaõ o allegado Auto.

Antonio de Mendoça, do ſeu Conſelho, e Preſidente da Meſa da Conſciencia, foy tambem ſeu Sumilher, como ſe vê no dito Auto.

D.

D. Manoel da Cunha, Bispo de Elvas, do seu Conselho de Estado, foy seu Capellaõ môr, e como tal exercitou no anno de 1656 no juramento, que se fez a ElRey, como se vê no allegado Auto.

D. Francisco de Sottomayor, Bispo de Targa, foy Deaõ da sua Real Capella, e o era em 1656, como consta do dito Auto.

Dom Vasco Luiz da Gama, do Conselho de Estado, foy Védor da sua Fazenda por Carta de 11 de Junho de 1660, que está no livro 27, fol. 226 da sua Chancellaria, e já o era no anno de 1656, que assistio ao Auto do Juramento, que nelle se celebrou.

Pedro Vieira da Sylva, foy Secretario de Estado, e já o havia sido delRey seu pay, como fica dito em seu lugar, e servindo este lugar se achou no anno de 1656 no Auto do Levantamento, e Juramento, que nelle se fez.

Antonio de Sousa de Macedo, do Conselho da Fazenda, e Juiz das Justificações, foy Secretario de Estado, como se vê de hum Alvará passado a 7 de Setembro de 1662, que está no livro 27 da sua Chancellaria, fol. 371.

Luiz Cesar de Menezes, foy seu Alferez môr, de que se lhe passou Carta a 23 de Julho de 1664, que está no livro 20 da dita Chancellaria, fol 44.

A Dom Joaõ Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, que havia sido Mordomo môr da Rainha sua

ſua mãy, lhe confirmou o poſto de Capitaõ mór dos Ginetes, e Cavalleiros da ſua Guarda, por Carta de 18 de Janeiro de 1660, que eſtá no livro 5 da ſua Chancellaria, fol. 79.

D. Rodrigo de Menezes, foy Regedor das Juſtiças, e ſe achou com eſte lugar no Auto do Levantamento, e Juramento, que ſe fez no anno de 1656, e o foy no anno de 1663, de que ſe lhe paſſou Carta a 29 de Julho, que eſtá no livro 25 da dita Chancellaria, fol. 29.

Ruy de Moura Telles, do Conſelho de Eſtado, foy Preſidente do Paço por Carta de 4 de Fevereiro de 1660, que eſtá na dita Chancellaria, livro 19, fol. 83.

D. Diogo de Lima, Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, foy Preſidente da Junta do Commercio por Carta de 27 de Julho de 1666, lugar, em que ſuccedeo ao Conde de Atouguia: a qual eſtá no livro 22 da dita Chancellaria, fol. 127.

Antonio Cavide, Alcaide mór de Borba, foy Secretario de Eſtado da Caſa de Bragança, como ſe vê na Carta da dita Alcaidaria mór, feita a 11 de Fevereiro de 1664, onde diz: *Meu Secretario do Eſtado da Caſa de Bragança*, a qual eſtá no livro 25, fol. 93, da dita Chancellaria: e ſendo teſtemunha no Teſtamento delRey D. Joaõ IV. diz: *Antonio Cavide, Secretario de Sua Mageſtade, e do Conſelho da Fazenda.*

Dom Joaõ de Caſtro, Senhor de Reris, &c. foy

foy Almirante de Portugal por Carta feita a 26 de Abril de 1662, que está na dita Chancellaria no livro 27, fol. 366.

O Doutor Fr. Francisco Brandaõ, Religioso de S. Bernardo, Chronista môr do Reyno, foy Esmoler môr por Carta de 27 de Junho de 1660, sendo Abbade Geral de S. Bernardo Fr. Constantino de Sampayo. Livro 45, fol. 73.

Fr. Luiz Coutinho, Religioso de S. Bernardo, foy tambem Esmoler môr.

D. Joaõ da Costa, Conde de Soure, do Conselho de Guerra, foy Presidente do Conselho Ultramarino, de que se lhe passou Carta a 6 de Agosto de 1661, que está na dita Chancellaria, livro 24, fol. 180.

D. Thomás de Noronha, Conde dos Arcos, do Conselho de Estado, foy Presidente do Ultramarino por Alvará de 12 de Dezembro de 1663, que está na dita Chancellaria, liv. 25, fol. 239.

Luiz de Sousa, Deaõ do Porto, (que depois foy Arcebispo de Lisboa, e Cardeal) foy Governador da Relaçaõ do Porto por Carta passada a 23 de Setembro de 1659 no tempo, em que seu irmaõ, Governador proprietario daquella Relaçaõ, foy nomeado Embaixador Extraordinario aos Estados Geraes, existe a dita Carta no livro 21 da dita Chancellaria, fol. 82.

Ruy Fernandes de Almada, Senhor de Ilhavo, Gentil-homem da Camera do Infante D. Pedro,

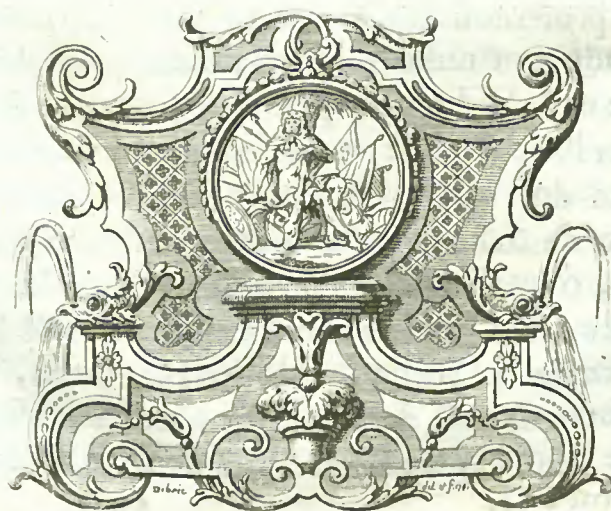
dro, foy Preſidente da Camera, de que ſe lhe paſſou Carta a 27 de Julho de 1667, que eſtá na dita Chancellaria, livro 22, fol. 199.

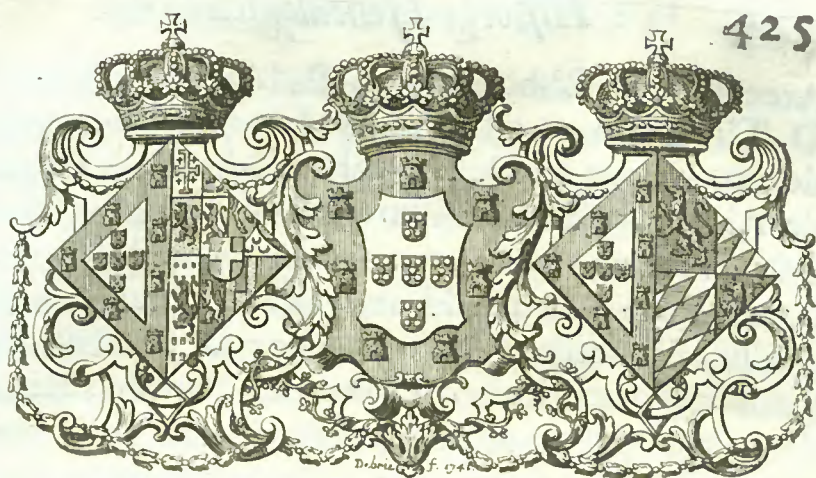
Franciſco Pereira da Cunha, foy ſeu Secretario do Conſelho de Guerra por Carta de 21 de Junho de 1660, ſuccedendo a ſeu pay Antonio Pereira, e eſtá no livro 22 da ſua Chancellaria, fol. 272.

Caſou em 27 de Junho de 1666 com a Rainha D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya, a qual apartando-ſe delRey ſeu marido, como fica dito, e pondo em juizo a cauſa do divorcio, ſe proceſſou, e nomeou por ſeu Procurador ao Duque de Cadaval D. Nuno, e ſeguio-ſe a cauſa até final ſentença, para a qual foraõ nomeados Miniſtros Varoens de grandes letras, coſtumes, e integridade, a ſaber: D. Franciſco de Sottomayor, Biſpo de Targa, Coadjutor, e Proviſor da Igreja Metropolitana de Lisboa, os Doutores Valentim Feyo da Motta, Conego da dita Cathedral, e Vigario Geral do Arcebiſpado, e Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, do Conſelho delRey, e do Geral do Santo Officio, eleito Biſpo de Elvas, o qual falecendo antes da ſentença, entrou em ſeu lugar Antaõ de Faria da Sylva, Conego da dita Sé de Lisboa, Deputado do Santo Officio, e da Meſa da Conſciencia, e Ordens, e para eſcrever na cauſa Sebaſtiaõ Diniz Velho, Deſembargador da Relaçaõ Eccleſiaſtica, Prior da Igreja de Santa Marinha; e paſſados os termos legaes, e concluſo o proceſſo a final, de

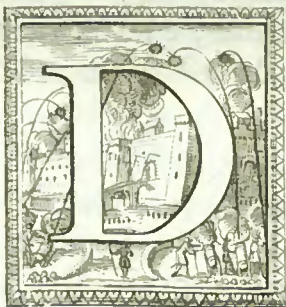
de que era Relator o Bispo Coadjutor, votando, além do que o haviaõ actuado, Manoel de Saldanha, Sumilher da Cortina, depois Bispo de Viseu, Francisco Barreto, do Conselho delRey, e do Geral do Santo Officio, depois Bispo do Algarve, Nuno da Cunha de Eça, Conego Doutoral na Sé Metropolitana de Lisboa, que depois recusou o Bispado de Miranda, Pedro de Ataide de Castro, Inquisidor Apostolico da Inquisiçaõ de Coimbra, todos Conegos da Sé de Lisboa, e os Desembargadores da Relaçaõ Ecclesiastica Gaspar Barata de Mendoça, Prior da Igreja de Santa Engracia, e depois Arcebispo da Bahia, Joaõ de Passos de Magalhaens da de S. Juliaõ, Joaõ Serraõ da de S. Thomé, depois Provisor, e Vigario Geral do mesmo Arcebispado, todos Juizes nomeados pelo Cabido. Na Casa delle, e na sua presença foy examinado o processo por cada hum dos Juizes, e com maduro acordo proferiraõ sentença a 24 de Março de 1668, declarando por nullo o matrimonio contrahido de facto, e naõ de direito; pelo que poderiaõ fazer, o que bem lhe parecesse, e que haveria divisaõ de bens na fórma dos seus contratos. Era filha de Carlos Amadeo de Saboya, ramo da Serenissima Casa de Saboya, o qual nasceo no anno de 1624 Duque de Nemours, de Genebra, de Aumale, Par de França, Marquez de S. Sorlin, e de S. Rambert, Conde de Grisors, Baraõ de Foucigny, e de Beaufort, Senhor de Poncin, de Cedron, e de Bray sobre o Se-

na, Coronel General da Cavallaria ligeira de França, o qual foy morto em hum duelo a 30 de Julho de 1652 por seu cunhado Francisco de Vandôme, Duque de Beaufort: casado com a Princeza Isabel de Vandôme, que faleceo a 19 de Mayo de 1664, filha de Cesar de Bourbon, Duque de Vandôme, e de Mercoeur, de Pentheure, de Beaufort, e de Estampes, Principe de Anet, e de Martignes, Par de França, filho delRey Henrique IV. de França, e de Gabriela de Estrees, Duqueza de Beaufort, e da Duqueza Francisca de Lorena, filha de Filippe Manoel de Lorena, Duque de Mercoeur, e de Penthievre, ramo da Serenissima Casa de Lorena. Naõ teve ElRey filhos, ainda que fóra do matrimonio lhe quizeraõ attribuir algum; porém com evidendencia se mostrou ser ficçaõ, levantada com fins particulares.

Ribeiro, *Paneg. Hist. Genealog. da Casa de Neomurs*, impress. em Pariz em 1669.
Guichenon, *Hist. Geneal. de Savoye*, liv. 3. cap. 21. pag. 1071.

A Rai-

- A Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.
  - Carlos Amadeo de Saboya, nasc. em 1624 Duque de Neomurs, + a 30 de Julho de 1652.
    - Henrique de Saboya, nasc. a 2 de Novemb. de 1572 Duque de Neomurs, + em 10 de Julho de 1632.
      - Jaques de Saboya, nasc. a 12 de Outub. de 1531 Duque de Neomurs, + em 15 de Junho de 1585.
        - Filippe de Saboya, n. em 1490 Duque de Neomurs, &c. + a 25 de Nov. de 1533.
          - Filippe Duque de Saboya, Rey de Chipre, nasceo a 5 de Fevereiro de 1438, + a 7 de Nov. de 1497.
          - A Duqueza Claudia de Brosse, + a 13 de Outub. de 1513, 2. mulher.
        - A Duqueza Carlota de Orleans, + a 8 de Setemb. de 1549.
          - Luiz I. Duque de Longueville, + em 1516.
          - A Duqueza Joanna Botelin, + em 1504.
      - A Duqueza Anna de Este, + a 7 de Mayo de 1606.
        - Hercul. de Este, Duque de Ferrara, &c. nasc. a 4 de Abril de 1508, + em 3 de Outubro de 1558.
          - Affonso de Este, Duque de Ferrara, Modena, &c. n. a 21 de Julho de 1476, + a 31 de Out. de 1534.
          - A Duq. Lucrecia de Borja, + 1520.
        - A Duqueza Renata de França, + a 12 de Junho de 1557.
          - Luiz XII. Rey de França, nasceo a 27 de Junho de 1462, + no 1. de Janeiro de 1515.
          - A Rainha Anna de Bretagne, + a 20 de Janeiro de 1513.
    - A Duqueza Anna de Lorena, + a 14 de Mayo de 1638. H.
      - Carlos de Lorena, Duque de Aumale, nasceo a 5 de Janeiro de 1555, + em 1618.
        - Claudio de Lorena, Duque de Aumale, n. em o 1. de Agosto de 1526, + a 14 de Mayo de 1573.
          - Claudio de Lorena, Duq. de Guise, n. a 20 de Outubro de 1496, + a 12 de Abril de 1550.
          - A Duqueza Antonia de Bourbon, + a 20 de Janeiro de 1583.
        - A Duqueza Luiza de Brezé. H.
          - Luiz de Brezé, Conde de Manlevrier.
          - A Condessa Diana de Poitiers.
      - A Duqueza Maria de Lorena.
        - Renato de Lorena, Duque de Elboeuf, n. a 14 de Agosto de 1536, + em 1566.
          - Claudio de Lorena, Duque de Guise.
          - A Duqueza Antonia de Bourbon.
        - A Duqueza Luiza de Rieux, + em 1550.
          - Claudio de Rieux, Conde de Harcourt, + em 1532.
          - A Condessa Susana de Bourbon, 2. mulher.
  - A Duq. Isabel de Vandome, + em 19 de Mayo de 1664.
    - Cesar de Bourbon, nasceo em 1594 Duque de Vandome, e de Mercour, &c. + a 22 de Outubro de 1665.
      - Henrique IV. Rey de França, e de Navarra, n. a 13 de Dezembro de 1553, + a 14 de Mayo de 1610.
        - Antonio de Bourbon nasc. a 22. de Abril de 1518 Duque de Vandome, Rey de Navarra, + a 17 de Novemb. de 1562.
          - Carlos de Bourbon, Duque de Vandome, n. a 2 de Junho de 1489, + a 25 de Março de 1537.
          - Francisca de Alençon, Duqueza de Beaumont, + a 18 de Mayo, 1513.
        - Joanna de Albret, Rainha de Navar. + a 9 de Junho, 1512.
          - Henrique II. Rey de Navarra, + em 1555.
          - A Rainha Margarida de Valois, + em 1548.
      - Gabriela de Estrees, Duqueza de Beaufort, + a 10 de Abril de 1599.
        - Antonio de Estrees, Senhor de Coeures.
          - ~~Joaõ~~ Antonio de Estrees, Senhor de Valleu, + em 1567.
          - Catharina de Bourbon Vandome.
        - Francisca de Babou.
          - Jacobo de Babou, Senhor de Bourdaissere.
          - Francisca Robert.
    - A Duq. Francisca de Lorena.
      - Filippe Manoel de Lorena, Duque de Mercoeur, nasceo em 1559, + a 19 de Fev. de 1602.
        - Nicolao de Lorena, Duque de Mercoeur, Cond. de Vaudemont n. em 1519, + a 23 de Janeiro de 1577.
          - Antonio Duque de Lorena, e de Bari, nasc. a 4 de Junho de 1489. + a 15 de Junho de 1544.
          - A Duqueza Renata de Bourbon.
        - A Duqueza Joanna de Saboya, + a 4 de Julho de 1568.
          - Filippe de Saboya, Duque de Neomurs.
          - A Duqueza Carlota de Orleans.
      - A Duqueza Maria de Lucembourg. H.
        - Sebastiaõ de Lucembourg, ~~Senhor~~ Signor de Penthievre.
          - Francisco de Lucembourg, Visconde de Martigue.
          - Carlota de Penthievre.
        - Maria de Beaucaire.
          - Joaõ de Beaucaire. S.r de Puiguillon e Senechal de Poithieu
          - N. . . . .

CAPITULO V.

DelRey D. Pedro II.

18

EIXAMOS eſcrito no Capitulo I. deſte Livro, que do Real thalamo dos Auguſtos Reys D. Joaõ IV. e D. Luiza fora o terceiro filho o Infante D. Pedro, que naſceo em Lisboa em hum Domingo 26 de Abril, em que a Igreja Bracharenſe celebra a feſta de ſeu illuſtre Prelado S. Pedro de Rates, do anno de 1648. Foy celebrado o ſeu naſcimento por muitos dias com grandes demonſtrações de alegria, e bautizado a 25 de Mayo com Real pompa pelo Biſpo Capellaõ môr D. Manoel da Cunha, eleito Arce-

Arcebifpo de Lisboa; foraõ Padrinhos o Principe D. Theodofio, e a Infanta D. Joanna, fendo levado nos braços de D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes, do Confelho de Eftado, e Mordomo mór da Rainha, que com opa roçagante hia debaixo do Palio, de que levaraõ as varas Francifco de Mello, Monteiro mór do Reyno, D. Francifco de Caftellobranco, Pedro de Mendoça Furtado, Guarda mór da peffoa delRey, e D. Alvaro de Abranches. Levaraõ as infignias, principiando pelo mais moderno, D. Antonio Luiz de Menezes, III. Conde de Cantanhede, huma toalha em huma falva; D. Luiz de Portugal, VI. Conde de Vimiofo, o gomil; Dom Fernaõ Mafcarenhas, I. Conde de Serem, outra toalha em huma falva; e D. Jeronymo de Ataide, VI. Conde de Atouguia, o gomil, os quaes eraõ para fervirem a Infanta, e ao Principe, para que depois, que tocaffem, lavaffem as mãos; Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, do Confelho de Eftado, Regedor das Juftiças, levou a fogaça; Dom Fernaõ Mafcarenhas, I. Conde da Torre, do Confelho de Eftado, a véla com a offerta; D. Francifco Coutinho, VI. Conde de Redondo, o faleiro, e praticando-fe tudo na fórma de femelhantes funções, acompanhou à Infanta a Aya D. Luiza de Menezes, a Guarda mayor, Senhoras de Honor, e Damas. A Rainha efteve na Tribuna vendo todo o tempo, que durou a ceremonia.

Contava

Contava o Infante pouco mais de seis annos, quando ElRey seu pay lhe formou hum Estado digno da sua pessoa, a que chamou *Casa do Infantado*, ao qual concedeo todos aquelles privilegios, isenções, e prerogativas, que gozava o da Casa de Bragança. Para o que lhe fez Doaçaõ da Cidade de Béja, declarando-o Duque daquella Cidade, renovando na sua pessoa esta mesma Dignidade, que tivera seu terceiro avô ElRey D. Manoel, a quem elle succedera na Coroa pelo direito do sangue, querendo nesta acçaõ conservar a memoria daquelle grande Rey, naõ só na Coroa, que elle gozava, e nos seus descendentes primogenitos; mas tambem a de Duque de Béja, que elle havia possuido antes de succeder no Reyno, que agora nomeava no Infante D. Pedro, para mais com huma Real linha multiplicar os seus descendentes, e segurar nella a conservaçaõ, e defensa do Reyno. Com este bem considerado motivo, lhe fez Doaçaõ da Cidade de Béja, e seu Termo, e juntamente de todas as Villas, Lugares, Castellos, Padroados, datas, terras, fóros, tributos, com tudo o mais, que se havia confiscado para a Coroa, pela condemnaçaõ do Marquez de Villa-Real, e Duque de Caminha seu filho; concedendolhe entre outras prerogativas, que o primogenito do Infante, e todos os mais dos seus successores, logo, que nascessem, se chamassem Duques de Villa-Real, e teriaõ as rendas, e jurisdicçaõ pertencentes à dita Villa.

Prova num. 52.

Prova num. 53.

Villa. Foy feita esta Doaçaõ a 11 de Agosto do anno de 1654. A esta merce se seguiraõ outras, a saber: a da Quinta de Quéluz com as suas pertenças, entaõ confiscada para a Coroa, de que se lhe passou Alvará a 17 de Agosto de 1654. E por huma Carta se lhe mandou assentar a quantia, que lhe pertencia do titulo de Duque, como tinhaõ os demais Duques do Reyno, que venceria da data do dia da Doaçaõ acima, a qual Carta foy feita a 7 de Mayo de 1655. E por outra lhe fez merce da Villa de Serpa, seu Termo, e parte dos Celleiros, que foy feita a 16 de Setembro de 1655, e já lhe havia conferido a Dignidade de Commendador môr da Ordem da Cavallaria de Christo, na mesma fórma, e com as rendas, com que a havia nomeado no Infante Dom Duarte seu irmaõ, como se vê de hum Alvará passado a 22 de Dezembro de 1654. E porque os possuidores da Casa de Villa-Real alcançaraõ por huma Bulla do Papa S. Pio V. passada em Roma no primeiro de Julho do anno de 1556, a faculdade de tirarem certos frutos das Igrejas do seu Padroado, com que formaraõ os Prestimonios, que o Papa lhe concedeo por modo de Beneficios simplices, os quaes pertenciaõ de presente ao Infante, lhe concedeo ElRey os conferisse com a Ordem de Christo para ficarem em Commendas na mesma fórma, que se proviaõ as que pertenciaõ à Serenissima Casa de Bragança, como consta de hum Alvará feito a 22 de Dezembro de 1654. Deulhe tambem

Prova num. 54.
Prova num. 55.
Prova num. 56.
Prova num. 57.
Prova num. 58.
Prova num. 59.

bem as Lezirias da Golegãa, de Borba, Mouchoens, e Sylveira, sitas por baixo de S. Liborio no Termo de Santarem, de que se lhe passou hum Alvará feito a 3 de Novembro do anno de 1655. E por outro lhe declarou, que podiaõ os Ouvidores das terras da sua Casa prover todas as serventias dos officios de Justiça, assim como o podiaõ fazer os Corregedores das Comarcas, conforme a Ordenaçaõ, e Ley do Reyno: foy feito a 23 de Julho de 1656. Fezlhe tambem ElRey seu pay Doaçaõ das Saboarias da Cidade do Porto, Villas, e Lugares das Comarcas de Traz os Montes, e Entre Douro, e Minho, que foy feita a 12 de Outubro de 1656. Depois da morte delRey seu pay, ElRey D. Affonso VI. seu irmaõ mandou à sua instancia, que os Ouvidores do Ducado de Béja, e Casa de Villa-Real, pudessem passar Cartas de Seguro na mesma fórma, que as passavaõ os da Serenissima Casa de Bragança; foy feito o Alvará a 12 de Fevereiro do anno de 1658: e por outro de 14 de Novembro do dito anno concedeo aos Ouvidores das terras da Casa do Infantado outras prerogativas. Depois lhe fez o mesmo Rey merce por hum Decreto de 20 de Agosto de 1662, de poder mandar tirar todos os annos do Estado do Brasil mil quintaes de pao, chamado *Brasil*, cuja quantia lhe dobrou depois por hum Decreto de 2 de Janeiro de 1665. Confirmou ElRey D. Affonso VI. a Casa do Infantado por huma nova Carta de Padraõ, e Doaçaõ, em que en-

Prova num. 60.
Prova num. 61.
Prova num. 62.
Prova num. 63.
Prova num. 64.
Prova num. 65.
Prova num. 66.
Prova num. 67.

encorporou a delRey ſeu pay, e todas as mais merces, que até àquelle tempo ſe lhe haviaõ feito, tudo de juro, e herdade para ſempre, a qual foy paſſada em Lisboa a 15 de Setembro de 1663. O Infante D. Pedro logrou a Caſa do Infantado ainda depois de Rey, e em quanto viveo, a qual augmentou muito em Villas, Lugares, Padroados, e rendas, e fez della Doaçaõ ao Infante D. Franciſco ſeu filho, como adiante veremos.

Prova num. 68.

Pela morte delRey ſeu pay ficou o Infante debaixo da tutela da ſábia Rainha D. Luiza, Regente do Reyno, ſua mãy, que o amou muito, e elle ſe ſoube fazer acredor de todo o ſeu carinho. No anno de 1662 vencendo a Rainha as difficuldades, que ſe lhe oppunhaõ, e já deixamos tocadas no Capitulo antecedente, que a obrigaraõ à reſoluçaõ de querer largar a Regencia, que entaõ naõ teve effeito, e vendo, que o Infante havia chegado à idade de quatorze annos, ornado de excellentes virtudes; porque reconhecendo-ſe nelle valor, e entendimento, ſe admirava huma docilidade, que a todos ſe fazia agradavel. Pelo que, a Rainha ſe via juſtamente obrigada de o apartar, quanto lhe foſſe poſſivel, de algumas das peſſoas, que indignamente continuavaõ na aſſiſtencia da Camera del-Rey, inculcandolhe indecentes divertimentos, determinou dar caſa ao Infante, reſoluçaõ, que approvaraõ os Miniſtros de mayor ſuppoſiçaõ; e aſſim elegeo para quarto do Infante as caſas do Mar-

quez

quez de Castello-Rodrigo sobre o Tejo, no sitio chamado *Corte-Real*, nome, que tomou do appellido do primeiro, que as possuîo. E sendo o costume dos antigos Reys de Portugal, quando davaõ Casa separada aos Infantes, nomearemlhe Officiaes de igual qualidade aos dos Principes, nomeou para seus Gentis-homens da Camera a Martim Affonso de Mello, Conde de S. Lourenço, do Conselho de Estado, e Védor da Fazenda da repartiçaõ de Africa; a D. Joaõ da Costa, Conde de Soure, do Conselho de Guerra, e Presidente do Conselho Ultramarino; Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, Presidente do Paço, e Estribeiro môr da Rainha; Dom Rodrigo de Menezes, Regedor da Justiça; Jorge de Mello, do Conselho de Guerra, e General das Galés; Joaõ Nunes da Cunha, Governador das Armas de Setuval, e Deputado da Junta dos Tres Estados; e para Sumilher da Cortina Rodrigo da Cunha de Saldanha, Chantre da Sé de Lisboa, e por Secretario Antonio de Sousa Tavares, Desembargador do Paço: e porque as molestias de Nicolao Monteiro, Prior de Sedofeita, o desobrigaraõ do exercicio de Mestre, foy escolhido Francisco Correa de Lacerda.

Foy geralmente approvada a referida eleiçaõ, porque as pessoas nomeadas, assim na qualidade, e merecimentos, eraõ as mais capazes do Reyno para a perfeita educaçaõ de hum Principe. Estes foraõ os primeiros criados, que teve o Infante, e de-

depois por diversos impedimentos lhe deu ElRey outros; porque o Conde de Soure estava injustamente desterrado, Joaõ Nunes da Cunha Entre Douro, e Minho, o Conde de S. Lourenço, e Ruy de Moura Telles com mais politica, que motivo, tomaraõ o pretexto das suas occupações, ficando só Jorge de Mello. Pelo que foraõ nomeados Gentis-homens da Camera o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, Pedro Cesar de Menezes, Ruy Fernandes de Almada, Rodrigo de Figueiredo, D. Diogo de Menezes, e Antonio de Miranda Henriques, pessoas nas quaes concorriaõ merecimentos para aquella occupaçaõ.

As domesticas dissensoens, e os extraordinarios dissabores, que a Rainha D. Luiza experimentou depois, que ElRey D. Affonso entrou a governar, excedendo a mesma tolerancia, com que as dissimulava a prudencia desta sábia Heroina, a obrigaraõ a recolherse no Mosteiro das Agostinhas Descalças no anno de 1663 para acabar a vida neste retiro, como já temos referido. O Infante D. Pedro revestido de huma natural modestia, sentia em extremo os dissabores da Rainha sua mãy, que naõ podia remediar, nem menos os desabrimentos, que experimentava em ElRey seu irmaõ. Continuavaõ os Gentis-homens da Camera no serviço do Infante, excepto o Conde da Ericeira, que por justo motivo se havia despedido delle, quando foy nomeado Simaõ de Vasconcellos, Gentil-homem

da

da Camera, e Governador da sua Casa, occupação, que privava quasi totalmente aos Gentis-homens da Camera das suas prerogativas; e assim se foraõ separando do serviço do Infante, Pedro Cesar de Menezes, Jorge de Mello, Rodrigo de Figueiredo, Antonio de Miranda, D. Diogo de Menezes, e Ruy Fernandes de Almada, que foy occupado na Presidencia da Camera, e no seu lugar foy nomeado seu filho Christovaõ de Almada, e ao mesmo tempo em Secretario do Infante, de que se havia escusado Antonio Cavide, Joaõ de Roxas de Azevedo, entaõ Desembargador dos Aggravos, e depois Desembargador do Paço, e Secretario da Assignatura, merecedor de todos os grandes empregos.

Adiantava-se o Infante nos annos, e juntamente no conhecimento, do que convinha à sua consciencia, e à sua reputaçaõ para se separar dos escrupulosos divertimentos delRey; e assim sem que faltasse ao respeito, se foy desviando quanto lhe foy possivel da sua assistencia, gastando o tempo proveitosamente na liçaõ da Historia, e no conhecimento pratico das fortificações. Jogava as armas com admiravel destreza; no manejo dos cavallos se havia taõ bizarro, como sciente; frequentava a caça destro, e robusto, e a estas, e a outras louvaveis doutrinas o inclinava a vigilancia, e cuidado de seu Mestre Francisco Correa de Lacerda. E quando estes exemplos poderiaõ servir a ElRey de huma

Ericeira, *Portug. Restaurado*, tom. 2. liv. 9. pag. 597.

huma louvavel emulaçaõ às virtudes, degeneraraõ em inveja, que se augmentou de sorte, que sendo publico o desprazer, cresciaõ as circunstancias do desabrimento; e quando podiaõ ser perigosas as consequencias da Monarchia em tempo taõ delicado, brilhou de sorte a modestia do Infante, que conseguio resistir aos combates de taõ poderosos inimigos, evitando huma fatal ruina, e tirando dos perigos huma immortal Coroa.

No anno de 1666 acompanhou o Infante a ElRey a Salvaterra, aonde tiveraõ a noticia, de que aggravando-se as queixas da Rainha sua mãy, ficava já deplorada, e sem esperanças de vida: neste estado escreveo a seus filhos por ultima despedida, e a Carta, que mandou ao Infante, dizia:

„ Filho, o tempo, que me póde durar a vi-
„ da, he taõ pouco, que por instantes me vejo aca-
„ bar. Sou vossa mãy, e estando de caminho pa-
„ ra a sepultura, naõ vos quero deixar sem a minha
„ bençaõ. Com ella vos encommendo o temor de
„ Deos, e a obediencia de vosso irmaõ, em que
„ vos fica toda a felicidade; e ultimamente, que de-
„ pois da minha morte vos lembreis da minha al-
„ ma, que tudo deveis ao meu amor. Deos vos
„ guarde felices, e dilatados annos. Xabregas 26
„ de Fevereiro de 1666.

RAINHA.

Causou ao Infante grande sentimento esta Carta,

ta, augmentando-selhe na dilaçaõ, com que desejava partir no mesmo instante a tomarlhe a bençaõ, o que lhe impedio outros motivos, que ainda accrescentavaõ mais a sua dor, e havendo de lhe responder, mandou por Simaõ de Vasconcellos, Governador da sua Casa, huma Carta para a Rainha, que he a seguinte:

„ Minha mãy, e Senhora, se em taõ poucas „ regras pudera explicar as ancias, com que fica o „ meu coraçaõ, depois de haver recebido a Carta, „ que Vossa Magestade me fez merce escrever, co„ nhecera Vossa Magestade o como correspondem „ as lagrimas exteriores ao sentimento, que a al„ ma padece na consideraçaõ da falta de huma taõ „ grande mãy, como Vossa Magestade; e de hum „ taõ obediente filho, como eu sou, se póde crer, „ que pela doutrina de Vossa Magestade naõ falta„ rey nunca no temor de Deos, e na obediencia „ delRey, meu Senhor. Fio da misericordia Di„ vina, que me naõ castigue taõ rigorosamente, e „ que ha de dilatar a V. Magestade por muitos an„ nos a vida, que hey mister. A Real pessoa de „ V. Magestade guarde Deos como eu mais, que „ todos desejo. Salvaterra 26 de Fevereiro de 1666. „ Filho mais obediente de Vossa Magestade.

O INFANTE.

Esta Carta, que chegou juntamente com a delRey, ouvio a Rainha ler com grande ternura, conhe-

conhecendo-ſe huma ancia de ver ſeus filhos antes de eſpirar. Os quaes chegaraõ a tempo, em que já deſtituida de forças, naõ lhe pode reſponder mais, que com os affectos, que ſe lhe obſervaraõ nos olhos, e beijandolhe a maõ o Infante com copioſas lagrimas, por teſtemunho do ſeu amor, ſe recolheo com ElRey ao Paço. Com a morte da Rainha experimentou o Infante mayor contradiçaõ, ſeguindo-ſe a hum pezar outros; porque ElRey dominado dos ſeus divertimentos, havia entregado o governo ao Conde de Caſtello-Melhor, que com a morte do Conde de Atouguia, e haver ElRey mandado para o Caſtello da Feira a Sebaſtiaõ Ceſar de Menezes, ficou o Conde de Caſtello-Melhor com abſoluto dominio na Monarchia, e deſembaraçado de toda a controverſia, e para ſe livrar do cuidado, que o Infante lhe poderia cauſar, pois via, que ſe adiantava nas virtudes, entendeo, que o ſegurava com a aſſiſtencia de ſeu irmaõ Simaõ de Vaſconcellos, a quem o Infante eſtimava; porém em breve tempo conheceo o ſeu engano, porque o Infante vendo-ſe com poucos criados ao tempo, que ſe eſperava a Rainha, pedio licença a ElRey para nomear Gentis-homens da Camera, a qual lhe concedeo, e aſſim nomeou a Dom Luiz da Sylveira, Conde de Sarzedas; a Miguel Carlos de Tavora, (depois Conde de S. Vicente) General da Artilharia da Provincia de Traz os Montes; a D. Vaſco Lobo, Conde de Oriola, e Baraõ de Alvito; e a D.

Lou-

Lourenço de Lencastre. Publicada a nomeaçaõ, passou o Infante à Camera delRey a agradecerlha, e lhe respondeo, que tinha motivos para dilatarlha, mas que lhe concedia a nomeaçaõ dos dous ultimos, o que o Infante naõ aceitou, sem lhe conceder a dos outros dous. Sentio o Infante esta novidade, e sem mostrar perturbaçaõ alguma sahio da presença delRey, a quem com a noticia, que no dia seguinte chegara de haver a Rainha partido de Pariz, tornou com novo motivo a fazer nova instancia a ElRey, que lhe respondeo com tanto desabrimento, que o Infante se vio precisado a separarse (fóra das funções publicas) totalmente da sua assistencia, e deste seu retiro se levantaraõ novas dissenções; porque se espalhou no povo, que o Infante pertendia, revestido de modestia, e affabilidade, ganhar os animos dos mal satisfeitos da condiçaõ delRey, e excessos do seu governo; e diz o Conde da Ericeira, que este temor veyo a ser a primeira disposiçaõ, que tiveraõ os espiritos dos Varoens esclarecidos, e prudentes a livrarem o Reyno do precipicio, a que caminhava.

Ericeira, *Portug. Restaur.* liv. 12. pag. 832. Passarel. *De Bello Lusitano*, lib. 10. p. 450.

Neste tempo chegou ao porto de Lisboa a Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, como deixámos referido no Capitulo antecedente; e havendo de voltar a Armada de França, de que era General o Marquez de Ruvigni, pedio audiencia ao Infante para lhe fallar, e despedirse. Achava-se a sua Casa sem mais criados, que D. Rodrigo de

Menezes, porque naquelle tempo haviaõ adoecido Simaõ de Vaſconcellos, e Chriſtovaõ de Almada: pelo que mandou ElRey a alguns Grandes, que aſſiſtiſſem na caſa, em que o Infante dava audiencia ao General. Acabada eſta funçaõ, mandou o Infante ao ſeu Secretario Joaõ de Roxas de Azevedo, diſſeſſe ao Conde de Caſtello-Melhor, que repreſentaſſe a ElRey, lhe permittiſſe poderem aſſiſtir no ſeu ſerviço os Gentis-homens da Camera, que havia nomeado; porque era contra o ſeu decóro, que faltandolhe criados proprios, ficar dependente dos que o naõ eraõ, para lhe aſſiſtirem nas funções publicas.

Deſcuidou-ſe o Conde de Caſtello-Melhor de fazer a diligencia, de que o Infante ſe deu por mal ſatisfeito; porque quando o fez foy inutilmente, pois havendo-ſe encontrado o Infante com ElRey na praya da Junqueira a tempo, que naõ havia precedido a diligencia, de que tinha encarregado ao Conde de Caſtello-Melhor, lhe diſſe ElRey ſevero, que pois tinha dado em ſer teimoſo, que elle tambem eſtava determinado em teimar. O Infante lhe reſpondeo, que naõ havia dado cauſa alguma para aquella propoſiçaõ, nem podia entender pudeſſe naſcer mais, que da inſtancia, que havia feito para ſe ſervir dos criados, que havia nomeado com permiſſaõ de Sua Mageſtade; e que ſendo taõ benemeritos, como todos reconheciaõ, privallo da aſſiſtencia delles, naõ podia ter outra cauſa, do

que

que a de o desgostarem, e que sem criados naõ podia assistir na Corte com aquelle decóro, que era justo: pelo que pedia licença a Sua Magestade para se retirar della. ElRey lhe respondeo, que elle o naõ mandava sahir da Corte, mas que se quizesse, o podia fazer. Beijoulhe o Infante a maõ com a resoluçaõ de se recolher à Quinta de Quéluz tanto, que passasse a entrada publica dos Reys na Corte, entendendo prudentemente, que seria justamente notado se faltasse a assistir a ElRey em quanto estava com a Rainha em Alcantara. Dilatou-se o Infante, e ElRey motejando a sua dilaçaõ, lhe disse por varias vezes, como naõ havia partido, a quem respondeo com modestia, que a causa era sómente por naõ faltar à obrigaçaõ de acompanhar a Sua Magestade no dia, que entrasse em Lisboa. Naõ pezava ElRey as graves consequencias, que se podiaõ seguir dos pezares, que dava ao Infante, o qual sentia interiormente tudo quanto podia, ainda que algumas vezes desaffogava o seu sentimento.

Passava hum dia o Infante da Quinta, em que estava, para a delRey, em hum coche, em que o acompanhava D. Rodrigo de Menezes, e Simaõ de Vasconcellos, e disse, que estava persuadido, de que em todo o desabrimento, que reconhecia em ElRey, era comprehendido o Conde de Castello-Melhor, porque os affectos naturaes delRey eraõ a seu favor, antes de communicados; e depois

O mais indigno e insolente homem q. entrou no Paço, sem fé, sem leald.e e unicamente cuidadoso do seu interesse q. pello querer do Inf.e se fez seu parcial como elle mesmo confessou depois.

todas as resoluções eraõ contrarias: pelo que folgaria, que Simaõ de Vasconcellos dissesse a seu irmaõ, que puzesse cuidado em emendar tantos desacertos, porque o naõ precisassem a tomar outra resoluçaõ. Simaõ de Vasconcellos, que era de natural arrebatado, quando devia brandamente moderar o dissabor do Infante, atalhando as consequencias, que poderiaõ seguirse, lhe disse, que visto Sua Alteza fazer taõ contrario conceito, do que seu irmaõ merecia, se achava obrigado a despedirse do seu serviço. O Infante revestido de prudencia lhe respondeo, que o advertia lhe naõ tornasse a fallar por aquelles termos. Porém cego da paixaõ replicou, que estava firme na resoluçaõ, que proferia. O Infante lhe disse, que a considerasse bem, para o que lhe dava de prazo o tempo, que se detivesse no Paço, e que se o naõ achasse moderado, como esperava, que estivesse certo, que a porta, que tantas vezes achara franca para entrar, havia de experimentar cerrada para sempre. E quando eraõ bastantes para moderar a colera de Simaõ de Vasconcellos as prudentes palavras, com que o Infante pertendeo modificalla, levado della, naõ esperou, que o Infante voltasse para o acompanhar até o coche, e depois de haver aquelle entrado nelle, lhe ordenou tomasse o seu lugar, e escusando-se de lhe obedecer, instou o Infante, e naõ se persuadindo, mandou andar o coche com firme resoluçaõ de o naõ admittir mais ao seu serviço, para o que se

naõ

naõ deixou vencer das diversas diligencias, que depois se fizeraõ para o obrigarem a mudar de resoluçaõ, com grande sentimento do Conde de Castello-Melhor, que bem via, que a colera de seu irmaõ era a primeira porta, por onde entrava a desgraça, abatendo a sua fortuna; pois tinha por infallivel, que o Infante naõ havia de despedir a Simaõ de Vasconcellos sem causa justificada, e que em quanto elle continuasse na sua assistencia, raras seriaõ as pessoas, que se resolvessem a tratar com o Infante cousa alguma, que naõ fosse a favor do Conde, o qual depois de ter tentado todos os caminhos para moderar o Infante, tomou a resoluçaõ de lhe fallar, buscando o pretexto de lhe communicar alguns negocios politicos. Assim foy huma tarde à Quinta buscar ao Infante, e depois de huma larga oraçaõ, em que referio os serviços, que havia feito ao Reyno, e os que particularmente fizera ao Infante, concluîo, pedindolhe fosse servido de se persuadir da sua syncera justificaçaõ, admittindo-o na sua graça, e no seu serviço a Simaõ de Vasconcellos. O Infante lhe respondeo, referindo, que as repetidas semrazoens, que tinha experimentado em ElRey, tinhaõ sido o motivo do seu justo escandalo, e que se elle conhecera o industrioso author daquella zizania, com a vida lhe fizera pagar os seus atrevidos desconcertos; porém se o Conde se pertendia justificar no que lhe havia relatado, na sua maõ tinha o remedio, moderando as acções delRey, governa-

vernadas conhecidamente pela ſua direcçaõ ; e que conſeguida na experiencia a ſua diligencia, daquelle ponto ſe eſqueceria totalmente de tudo o que havia paſſado, dando-o inteiramente por juſtificado, e que para entaõ reſervava reſponderlhe ſobre tornar a admittir ao ſeu ſerviço a Simaõ de Vaſconcellos.

Seria melhor se lhe cortara a paixaõ com outro remedio.

Naõ tirou o Infante fruto algum deſta pratica, porque naõ experimentou mudança alguma no trato delRey, motivo, que lhe augmentou o eſcandalo, e o ſentimento. Naõ achou entaõ o Conde inconveniente em o Infante ſe apartar da Corte, como depois conheceo; e aſſim naõ lhe embaraçou a partida, como pudera. Sahio o Infante da Corte-Real para Quéluz acompanhado ſómente de Dom Rodrigo de Menezes, e da familia inferior; porque Chriſtovaõ de Almada eſtava mal convalecido de huma queixa, que padecera, e Simaõ de Vaſconcellos ſe havia ſeparado do exercicio de Gentil-homem da Camera. Tanto, que na Corte ſe eſpalhou a noticia da auſencia do Infante, paſſaraõ a Quéluz aquelles meſmos, que ſem attençaõ a dependencias, coſtumavaõ aſſiſtirlhe na Corte-Real. Cauſou eſta novidade perturbaçaõ no Reyno, e nos Caſtelhanos, que eſtavaõ priſioneiros, huma alegre eſperança, de que por huma guerra civil poderiaõ conſeguir pelos meſmos Portuguezes, o que em vinte e ſeis annos naõ puderaõ alcançar as ſuas armas.

O Con-

O Conde de Caſtello-Melhor conhecendo na deliberaçaõ do Infante o perigo, que ao principio deſprezara, entrou em juſto cuidado, como quem reconhecia tambem a incapacidade delRey; e ponderando maduramente a delicadeza da materia, buſcou todos os caminhos para perſuadir ao Infante voltaſſe para a Corte, e com effeito valendo-ſe de huma opportuna occaſiaõ, que ſe lhe offereceo na queixa da Rainha, conſeguio por ella, que o Infante ficaſſe na Corte, ao menos o tempo, que lhe duraſſe a moleſtia, como já deixamos referido. Nos dias, que o Infante ſe deteve, creſceraõ as negociações, e ultimamente ſe lhe propoz, que para ſe deſvanecer o principio da deſconfiança da falta, com que ſe achava de Gentis-homens, que contentando-ſe com quatro, os poderia nomear, naõ entrando nelles o Conde de Sarzedas, e Miguel Carlos de Tavora. Eſte meyo pareceo difficultoſo ao Infante, porque tinha empenhado a ſua palavra na nomeaçaõ dos primeiros Gentis-homens, dignos por virtudes, e grande qualidade de toda a attençaõ; porém ponderando as conſequencias, que ſe ſeguiaõ da ſeparaçaõ, em que eſtava delRey, que todas reſultariaõ em damno da Monarchia; porque já conſtava, que os Caſtelhanos punhaõ toda a diligencia em fomentar a diſcordia, ſuperando todos os embaraços com beneplacito dos meſmos excluidos, nomeou para ſeus Gentis-homens da Camera a Luiz Alvares de Tavora, Con-

de

de de S. Joaõ; a D. Joaõ Maſcarenhas, Conde da Torre; a Luiz da Sylva Tello, Conde de Aveiras, e Regedor das Juſtiças; e a Manoel Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor. Naõ foy do agrado delRey eſta eleiçaõ, nem dos Miniſtros, que familiarmente lhe aſſiſtiaõ; mas por ſe evitar outros novos inconvenientes, ficou approvada por ElRey, e voltou o Infante para o Paço da Corte-Real com geral ſatisfaçaõ da Corte, e do Reyno, mandando-ſe ſuſpender as prevenções, que ſe haviaõ mandado fazer na Villa de Almada, onde determinava paſſar o Inverno. No dia ſeguinte, em que entraraõ os Gentis-homens da Camera, ſe deſpedio do ſerviço do Infante Chriſtovaõ de Almada, que era muy parente do Conde de Caſtello-Melhor, com termos taõ cortezãos, e pretextos taõ decoroſos, que o Infante os louvou, confeſſando o muito, que ſempre ſe dera por ſatisfeito da ſua aſſiſtencia, pelo amor, e zelo, e acerto, com que o ſervira; o que acreditou depois no ſerviço das Rainhas D. Maria Franciſca, e D. Maria Sofia, logrando nas aſſiſtencias do Paço, as acclamações de ſingular Cortezaõ.

Naõ durou muito eſta ſerenidade, porque foy alterada logo com novas deſconfianças, pois a averſaõ, que ElRey moſtrava ao Infante, era já publica, ainda que eſte a diſſimulava com rara prudencia, e ao meſmo tempo creſciaõ as deſordens, de ſorte, que chegaraõ a violar o ſoberano reſpeito da Rainha, naõ ſó em domeſticos diſſabores, mas ainda

ainda na imprudente inadvertencia, com que o Secretario de Eſtado Antonio de Souſa de Macedo ſe houve com a ſua Real peſſoa, fallandolhe com deſconcertadas vozes, e pertendendo-a deter quando naõ o querendo ouvir, lhe voltou as coſtas, o que com eſcandalo univerſal ſe ſentio, e mais quando ſe determinou ſatisfazer à queixa da Rainha com ſe mandar abſter a Antonio de Souſa do officio de Secretario por poucos dias para logo tornar ao exercicio da ſua occupaçaõ. Fazendo-ſe ainda mais ſenſivel entre tantas deſordens, ver o quanto ſe augmentavaõ, o que o Infante pertendeo atalhar pelo modo mais ſuave, livrando o Reyno dos eminentes perigos, a que por outro modo ficava expoſto.

Eraõ grandes as deſordens, e já paſſavaõ a eſcandalo univerſal, de ſorte, que o Infante eſtimulado daquelle exceſſo, e de outros, que ſe haviaõ executado contra o decóro da ſua peſſoa, e o riſco a que eſtava expoſto o Reyno, que taõ vigoroſamente havia ſido combatido de ſeus inimigos, ſe determinou depois de ter louvavelmente ſofrido a irregularidade do humor, que dominava o animo inconſtante, fogoſo, e colerico delRey, a livrar a patria do precipicio, a que caminhava. Communicou a reſoluçaõ, em que eſtava, aos Gentis-homens da ſua Camera, a ſeu Meſtre Franciſco Correa de Lacerda, ao ſeu Secretario Joaõ de Roxas de Azevedo, que ajuſtaraõ ſe communicaſſe ao Marquez

 de

de Marialva, ao Conde de Villa-Flor, ao Conde de Sarzedas, a Miguel Carlos de Tavora, Luiz de Mendoça Furtado, Franciſco Correa da Sylva, e D. Joaõ da Sylva, e eſtes a ſeus amigos, e parentes, e ao meſmo tempo a Dom Luiz de Menezes, que ſe achava deſterrado na Villa de Santarem por eſta cauſa, donde logo veyo occulto a caſa de D. Joaõ da Sylva, participando-ſe ao Duque de Cadaval, que havia poucos dias tinha chegado da Praça de Almeida, onde injuſtamente tinha eſtado deſterrado; e todos os referidos, e outros muitos ſe foraõ unindo à juſta reſoluçaõ do Infante, diſpondo-ſe a fórma de ſe executar com o ſegredo, que neceſſitava materia taõ grave. Com tudo naõ foraõ eſtas diſpoſiçóes taõ occultas, que naõ chegaſſem, ainda que confuſamente, à noticia do Conde de Caſtello-Melhor, que perſuadindo-ſe ſer elle o alvo, contra quem ſe movia toda aquella machina, ſe reſolveo a armar o Paço com todas as chamadas patrulhas delRey, dobrar as guardas, e ter prompta a Cavallaria nos quarteis. Eſtas demonſtraçóes, naõ occultas, eſcandalizaraõ de ſorte o animo do Infante, que fazendo aviſo aos Fidalgos já nomeados, e de mais ao Conde de Villa-Verde, achando-ſe todos na Corte-Real, ſe reſolveo fazer por eſcrito huma larga propoſta a ElRey, que continha o ſeu ſentimento em ver ſe armava o Paço, novidade já mais viſta até aquelle tempo em Portugal, e reſoluçaõ, que o deixara muy confuſo, por

ſe

se lhe naõ participar o motivo; mas que recorrendo aos antecedentes, já executados contra o seu respeito, entendia naõ haverem nascido das resoluções de Sua Magestade; e assim estava no inteiro conhecimento, de que aquella demonstraçaõ taõ arrojada fora effeito do mesmo author das machinas antecedentes, que elle havia desprezado; e com outras razoens reverentes concluîa, que prostrado aos Reaes pés de Sua Magestade, a quem respeitava como Rey, e amava como irmaõ, lhe rogava quizesse apartar da sua assistencia ao Conde de Castello-Melhor, ao qual como a primeiro Ministro devia attribuir aquella taõ desusada novidade, executando nelle hum exemplar castigo, com que ficasse satisfeita a culpa commettida contra o seu decóro: e que succedendo, o que elle naõ esperava, naõ deferir Sua Magestade a taõ justa supplica, se veria precisado a tomar a resoluçaõ de passar a Reynos estranhos.

Mandou o Infante aquelle papel por Joaõ de Roxas seu Secretario, que o entregou a ElRey, o qual sem o ver, o deu ao Conde de Castello-Melhor, e juntando-se o Conselho de Estado na presença delRey, e da Rainha, se procurou moderar o Infante com se lhe mandar dizer pelo Marquez de Marialva, que por justas razoens ElRey mandara armar o Paço, e dobrar as guardas, e que o Marquez procurasse modo de ver se o Infante admittiria a demonstraçaõ de o Conde de Castello-

 Me-

Melhor ir beijarlhe a maõ, e deitarſe aos ſeus pés, para que conſtando ao Mundo aquella ſubmiſſaõ do Conde, ficaſſe diſſipada a queixa do Infante, e juſtificado o procedimento do Conde. Aceitou o Marquez a commiſſaõ, de que nada conſeguio; porque o Infante juſtamente moſtrou, que a ſua queixa pedia outro genero de ſatisfaçaõ, da que ſe lhe inſinuava, com tanta conſtancia, que accreſcentou em ElRey o receyo, e no Conde de Caſtello-Melhor mayor cuidado na deſgraça, que o ameaçava.

Portugal Reſtaurado, tom. 2. liv. 12. p. 862.

O Infante vendo, que naõ era a todos manifeſta a razaõ do ſeu ſentimento, ſe deliberou a dar conta aos Tribunaes, ao Senado da Camera, e Caſa dos Vinte e Quatro, manifeſtandolhe as juſtificadas razoens da ſua queixa, e de tudo quanto havia repreſentado a ElRey; e no meſmo dia, que foraõ eſtes papeis, mandou recado aos Conſelheiros de Eſtado, e mais Nobreza, que lhe foſſem fallar, e a todos os que chegaraõ à ſua preſença, informou individualmente de tudo o que havia paſſado. Chegou à noticia delRey o caminho, que o Infante tomara de ſatisfazer à Corte, e ao Reyno todo do ſeu juſtificado procedimento, e ordenou ao Marquez de Marialva, ao Marquez de Sande, e Ruy de Moura Telles, que da ſua parte diſſeſſem ao Infante, que tanto, que lhe manifeſtaſſe a peſſoa, que conſpirava contra a ſua vida, ſem dilaçaõ a mandaria juridicamente examinar, e que ſeria

ria logo castigado o delinquente, ou convencido o delator de falsario; e que era razaõ, que entendesse o quanto convinha à conservaçaõ do Reyno a sociedade de ambos. O Infante reconhecendo as dissimulações daquellas propostas concluîo, que naõ podia haver razaõ para se tratarem materias taõ graves, permanecendo o Conde de Castello-Melhor no lugar, que occupava de primeiro Ministro, sendo já notorio, que se constituîa parte, porque do seu poder eraõ todos dependentes para a liberdade, dos que houvessem de ser Juizes naquella materia, sem o soborno da dependencia.

Naõ conseguido o fim daquelle meyo, nem de outros, que entaõ se tomaraõ, para que ElRey separasse da sua assistencia ao Conde de Castello-Melhor, chegando a declarar, que aquelle pleito do Infante era seu, e naõ do Conde, prohibio a muitos Fidalgos a assistencia do Infante, e já dominado da colera mandou chamar o Juiz, e Escrivaõ do Povo, a quem notificou o que havia resoluto. Ao mesmo tempo se despacharaõ proprios a todos os Governadores das Armas, a quem ElRey escreveo a resoluçaõ, que havia tomado, e com especialidade ao Conde de S. Joaõ, ordenandolhe, que naõ se apartasse da sua Provincia sem expressa ordem sua. E mandando participar ao Infante a referida resoluçaõ, a qual communicou, aos que mais familiarmente lhe assistiaõ, com admiravel constancia, e valor invencivel, res-

pondeo

pondeo a ElRey, o que contém o papel seguinte:

SENHOR.

,, Pelos Conselheiros de Estado, o Marquez
,, de Marialva, o Marquez de Sande, e Ruy de
,, Moura Telles, foy V. Magestade servido man-
,, darme dizer, que tinha resoluto, que o Conde
,, de Castello-Melhor naõ sahisse desta Corte para
,, o fim de se apurar a verdade das minhas queixas,
,, fundando-se Vossa Magestade nos pareceres dos
,, Letrados, que foy servido mandar consultar, cu-
,, jos votos me trouxeraõ, dizendome juntamente,
,, que Vossa Magestade me ordenava, que me re-
,, solvesse a responder logo, por quanto o Reyno
,, naõ podia estar na perturbaçaõ, em que se acha-
,, va; e reconhecendo, que sou obrigado a me ac-
,, commodar com a resoluçaõ de Vossa Magestade,
,, como fiz em todas as minhas acções, parece que
,, sempre me fica salva a liberdade para pedir a V.
,, Magestade com todas as veras seja servido tornar
,, a mandar pezar esta materia, pois sendo licito em
,, negocio de menor importancia, quanto mais o se-
,, rá neste, cujas consequencias levaõ infallivelmen-
,, te a perder hum unico Infante, irmaõ, e fidelissi-
,, mo Vassallo de Vossa Magestade? E infiro desta
,, resoluçaõ, que o intento, a que se encaminha,
,, he averiguarse a minha queixa com maõ armada,
,, querendo-se com a violencia amedrentar os ani-
,, mos,

,, mos, e disputarse huma materia Civil, em que
,, se entrou a votar com exquisitas diligencias ante-
,, cedentes a som de tambores, e trombetas, vendo-
,, se no congresso a minha proposiçaõ taõ apressada-
,, mente, que alguns, dos que votaraõ, a naõ per-
,, ceberaõ, como se vê das declarações, que depois
,, fizeraõ; e os que votaraõ a favor do Conde de
,, Castello-Melhor, tomaraõ fundamentos contra a
,, verdade, do que eu pedia, e contra o effeito,
,, que de o conseguir resultava; porque nem eu pe-
,, dia, que o Conde se desterrasse, nem de se apar-
,, tar por alguns dias da assistencia de Vossa Mages-
,, tade, como eu procurava, se lhe seguia perigo
,, na honra, e neste sentido ficava satisfeita a justi-
,, ça; porque se acaso se provasse a sua culpa, justo
,, era, que perdesse honra, e vida; e quando se naõ
,, averiguasse, tornaria para o seu lugar muito mais
,, acreditado, do que se apartara delle: o que sup-
,, posto parece, que com pressa, e perturbaçaõ se
,, consideraraõ os fundamentos de taõ grave nego-
,, cio; e deve-se inferir, que melhor o penetraraõ os
,, Doutores Martim Affonso de Mello, Joaõ de
,, Roxas de Azevedo, e Pedro Fernandes Montei-
,, ro, mostrando este ultimo com a pratica de vin-
,, te e sete annos, que tratou o crime de Magesta-
,, de offendida, o exemplo de Francisco de Luce-
,, na, que bastaraõ as queixas de alguns Fidalgos
,, particulares para ser posto em custodia em huma
,, prizaõ; e resolve-se agora, que naõ basta a mi-
,, nha

„ nha queixa para que o Conde se retire das suas
„ occupações por alguns dias, deixando por defen-
„ sor da sua innocencia naõ menos, que o favor,
„ e grandeza de Vossa Magestade, e a seus Reaes
„ lados seus parentes, confidentes, e feituras, cujo
„ numero accrescentou neste mesmo tempo a per-
„ turbaçaõ publica, achando, que era melhor ficar
„ com a nota, de que se desviava da averiguaçaõ,
„ que porse em hum perigo da prova, e conseguio,
„ que Vossa Magestade declarasse ser a sua causa
„ particular, propria de Vossa Magestade, sendo
„ eu o contendor queixoso; mostrando Vossa Ma-
„ gestade nesta resoluçaõ, que saõ os interesses do
„ Conde inseparaveis da Coroa, ainda a respeito
„ meu, unico Infante, e hoje immediato successor
„ de Vossa Magestade em quanto à successaõ, que
„ espero ha Vossa Magestade de conseguir o naõ
„ alterar, e crescendo de sorte o favor, que Vossa
„ Magestade lhe faz, que sobio a prohibir V. Ma-
„ gestade, que naõ viessem assistirme aquelles Fi-
„ dalgos, que o costumavaõ fazer, armando-se,
„ com nota de minha pessoa, e de toda a Nobreza,
„ o Paço, e Corte com Cavallaria, e Infantaria,
„ justificando-se agora aquella minha primeira quei-
„ xa, que posto, que Vossa Magestade entendesse
„ fora outra a causa, verifica o successo, que aquel-
„ le seria o pretexto, com que Vossa Magestade
„ fora persuadido; pois com evidencia se alcança,
„ que saõ contra mim as armas, que se preparaõ;
„ por-

„ porque, ou eu ſou author, e cauſa de motim, ou
„ entro no perigo delle? Se o primeiro; contra mim
„ ſe tomaõ as armas: ſe o ſegundo; eu ſou huma
„ das peſſoas Reaes, a quem ſe havia defender, por
„ cuja cauſa devia Voſſa Mageſtade mandarme cha-
„ mar para me advertir, que me ſeguraſſe do peri-
„ go, que nos ameaçava, e para me mandar, que
„ foſſe o primeiro, que aſſiſtiſſe à defenſa da Caſa
„ Real, e a eſte paſſo ſe me devia dar parte, de
„ que por creſcer o receyo, ſe accreſcentaõ as pre-
„ venções no augmento das armas, e como todo o
„ procedimento deſte ſucceſſo tem ſido taõ con-
„ trario, venho claramente a conhecer, que todo
„ eſte ruidoſo eſtrondo das armas he contra mim, e
„ que por minha cauſa à viſta da Nobreza, e Povo
„ deſte Reyno ſe atemoriza, e perturba o eſtado
„ politico, para que ſe naõ obre com o juizo livre
„ em huma cauſa, em que he parte hum irmaõ de
„ Voſſa Mageſtade: porém, Senhor, a fortuna deſ-
„ te titulo, e o alento deſte ſangue me fazem deſ-
„ prezar as armas, que me ameaçaõ, e ſendo taõ
„ eſtimavel, raſgara as veas para o eſgotar, ſenaõ
„ correſpondeſſe às obrigações, com que naſci, pa-
„ ra imitar os Reys progenitores de Voſſa Mageſ-
„ tade; e por concluſaõ torno com todo o devido
„ reſpeito aſſegurar a Voſſa Mageſtade, que ſe V.
„ Mageſtade for ſervido reſolver, que ſe me negue
„ o que tenho propoſto, que ſem falta alguma buſ-
„ carey em domicilio alheyo a igualdade da juſtiça,

,, que me falta na Patria propria, onde ao menos
,, terey segura a minha vida, a dos meus criados,
,, e a das mais pessoas, que generosamente perten-
,, dem acompanharme, e terey por premio desem-
,, baraçar o Reyno, e Vassallos de Vossa Mages-
,, tade da perturbaçaõ, que padecem.

Manifesta a resoluçaõ do Infante sahir da Corte, se della naõ separassem ao Conde de Castello-Melhor, se introduzio na Nobreza, e Povo hum bem fundado zelo de atalhar os inevitaveis damnos, que se poderiaõ seguir, o que obrigou a ElRey a escreverlhe huma Carta, supposto, que chea de expressoens muy affectuosas, naõ lhe offerecia partido algum, que pudesse suavisar a resoluçaõ, que tinha determinado. Esta demonstraçaõ fez de novo conhecer ao Infante serem escusadas todas as diligencias, e assim respondeo a ElRey com o ultimo desengano da sua partida. Nesta grande confusaõ se achava a Corte no anno de 1667, e ao mesmo tempo embaraçado todo o Reyno, quando o Conde de Castello-Melhor com resoluçaõ admiravel, e a todas as luzes grande, se determinou a sacrificar os interesses proprios pela saude da Patria, cedendo às proposições do Infante, persuadido das prudentissimas negociações da Rainha, que era dotada de grandes virtudes, e de sublime talento; e querendo atalhar as terriveis consequencias, que ameaçavaõ ao Reyno com a ausencia do Infante, lhe mandou dizer pelo seu Confessor o Padre Francis-

co

co de Ville, da Companhia de Jesus, que antes de pôr em execuçaõ a sua jornada, ella desejava satisfazer com a sua mediaçaõ as suas justas queixas. O Infante com admiravel respeito respondeo o quam prompto estava para obedecer a Sua Magestade; e assim se effeituou o negocio, sahindo o Conde de Castello-Melhor da Corte, e em pouco tempo incognito do Reyno, que havia governado com grande fortuna, e acerto, acreditando depois nas Cortes Estrangeiras, onde residio, o seu admiravel talento, e amor da Patria.

Pertendeo o Infante congraçarse com ElRey apartandolhe todo o receyo, e desconfiança, que se lhe havia introduzido; porém por mayores, que foraõ as diligencias, que o Infante fez, todas sahiraõ baldadas; porque ElRey inspirado dos que o dominavaõ, faltava ao reconhecimento do carinho, e submissaõ, com que o Infante o respeitava; de sorte, que considerado com maduro conselho o estado, em que se achava o Reyno com a incapacidade natural delRey, havendo-se já retirado a Rainha para o Mosteiro da Esperança, e convencido o Infante de taõ justificados motivos, se resolveo a libertar a Patria da oppressaõ, que padecia, depois de haver ElRey feito desistencia do Reyno na pessoa do Infante. Deu este principio ao seu governo por hum Decreto, que mandou aos Tribunaes, que he hum Manifesto da sua recta intençaõ, e huma admiravel prova do justificado motivo de se en-

Prova num. 69.

carregar da Regencia do Reyno, em quanto as Cortes naõ tomassem assento no modo do governo. Foy passado a 24 de Novembro de 1667.

Convocaraõ-se Cortes, em que o Infante foy jurado Principe, e successor da Coroa na tarde de 27 de Janeiro de 1668, na qual baixou do seu quarto acompanhado dos Officiaes da Casa, e dos Grandes, e Titulos do Reyno, vestido de pinhoella negra guarnecida de rendas de ouro, e por cima outras negras, chapeo negro com duas rosas de renda de ouro, volta Franceza, e punhos com rendas bordadas, e no peito o habito de Christo de diamantes prezo de fitas negras, e encarnadas, espada dourada, e meyas negras. Hia diante o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, do Conselho de Estado, fazendo o officio de Condestavel destes Reynos, e logo se seguia o Mordomo mór D. Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço, e adiante D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Sabugal, que fazia o officio de Meirinho mór, continuando-se assim os Officiaes da Casa com as insignias dos seus cargos, e entre elles vinhaõ os Grandes do Reyno sem precedencia, todos vestidos com custosas galas, collares, e cadeas ricas, e descobertos, como he costume em semelhantes autos. A traz de Sua Alteza hia o Conde de S. Joaõ Luiz Alvares de Tavora, Gentil-homem da sua Camera, e do Conselho de Guerra, que estava de sema-

Auto do Jurament. Impresso em *1669*.

ſemana, e fez o officio de Camereiro môr, e Dom Franciſco de Sottomayor, Biſpo de Targa, o de Capellaõ môr, e os Sumilheres da Cortina. Sentado Sua Alteza, ſe poz à ſua maõ direita na ponta do eſtrado pequeno o Duque de Cadaval, que fazia o officio de Condeſtavel, e de traz da cadeira o Conde de S. Joaõ, que fazia o officio de Camereiro môr, e da parte eſquerda o Mordomo môr com a ſua inſignia na maõ, e logo mais abaixo o Meirinho môr, e no meyo do eſtrado hum pouco para a parte eſquerda o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva, do Conſelho de Sua Mageſtade. E tendo todos tomado os lugares, que lhe competiaõ, depois de fazer a falla D. Manoel de Noronha, Prior môr da Ordem de Santiago, Biſpo eleito de Viſeo, leo o Secretario de Eſtado a fórma do juramento, que he a ſeguinte:

„Juramos aos Santos Euangelhos corporal„mente com noſſas mãos tocados, e declaramos, „que reconhecemos, e recebemos por noſſo verda„deiro, e natural Principe, e Senhor, ao muito al„to, e muito excellente Principe D. Pedro, filho „legitimo delRey D. Joaõ IV. e da Rainha D. „Luiza ſua mulher, e irmaõ do muito alto, e mui„to poderoſo Rey D. Affonſo VI. noſſo Senhor, „ſeu verdadeiro, e natural ſucceſſor na Coroa deſ„tes Reynos, e como ſeus verdadeiros, e natu„raes ſubditos, e Vaſſallos, que ſomos, lhe faze„mos pleito, e homenagem, e promettemos, que

„depois

„ depois dos dias de Sua Mageſtade, falecendo ſem
„ filhos legitimos o reconheceremos, e receberemos
„ por noſſo verdadeiro, e natural Rey, e Senhor
„ deſtes Reynos de Portugal, e dos Algarves, da-
„ quem, e dalém, mar em Africa, Senhor de Gui-
„ né, e da Conquiſta, Navegaçaõ, Commercio de
„ Ethiopia, Arabia, Perſia, e India, &c. e lhe obe-
„ deceremos em tudo, e por tudo, e a ſeus man-
„ dados, e juizos no alto, e baixo, e faremos por
„ elle guerra, e manteremos paz a quem nos man-
„ dar, e naõ obedeceremos, nem reconheceremos
„ outro algum Rey, ſalvo a elle, e tudo o ſobre-
„ dito juramos a Deos, e a eſta Cruz, e aos Santos
„ Euangelhos, em que corporalmente pomos noſſas
„ mãos, de aſſim tudo, e por tudo o guardar, e em
„ ſinal da ſubmiſſaõ, e obediencia, e reconhecimen-
„ to do dito Senhorio Real beijamos a maõ a Sua
„ Alteza, que eſtá preſente. „

Entraraõ os Tres Eſtados do Reyno a dar principio aos congreſſos, propondo ao Principe ſublimallo ao Throno pela notoria incapacidade de ſeu irmaõ; mas foy tal a ſua modeſtia, que recuſou o coroarſe Rey, naõ ſe deixando perſuadir das repetidas inſtancias, com que as Cortes, em nome de todo o Reyno, lho pediraõ, naõ admittindo mais, que ſer Governador do Reyno, e aſſim ſendo já Principe: depois ſe determinou a tarde de 9 de Junho de 1668 em hum Sabbado, na qual os Tres Eſtados do Reyno fizeraõ o Juramento de Regen-

Auto do Juramento do Regente o Principe D. Pedro, impreſſo em *1669.*

Regente, e Governador destes Reynos, naõ querendo usar de outro Titulo em quanto viveo ElRey seu irmaõ, sem embargo das vivas instancias, que depois se lhe fizeraõ nas Cortes do anno de 1674, em que constantemente o recusou.

Havia-se neste mesmo anno de 1668 proferido a sentença do divorsio entre a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, e ElRey D. Affonso VI. como já dissemos, e vendo-se a Rainha desembaraçada dos laços do matrimonio, mandou declarar aos Tres Estados do Reyno, que em virtude da sentença dada a seu favor, estava resoluta sem dilaçaõ voltar para França, o que naõ podia pôr em execuçaõ, sem ser entregue da restituiçaõ do seu dote, e que reconhecendo a inteireza das Leys, e equidade dos Portuguezes, esperava se lhe fizesse sem demora a entrega. Quando a Rainha se recolheo no Mosteiro da Esperança, e principiou a causa do seu divorsio, mandou a França a Luiz de Verju, que assistia em Lisboa com o titulo de Enviado do Duque de Vandôme, para informar naquella Corte a ElRey, e a seus parentes das justificadas acções do seu procedimento, e com a certeza, com que se achava de ter a seu favor a sentença do divorsio, a qual tanto, que foy proferida, a mandou pela posta, e referindo, que muito tempo antes de ella tomar a resoluçaõ referida, era notoria a incapacidade delRey.

Mandou-se entregar em cada hum dos Tres

Esta-

Estados do Reyno, que estavaõ juntos em Cortes, o papel da Rainha com a copia da sentença dada a seu favor na separaçaõ do matrimonio. Uniformemente se entendeo, que convinha à conservaçaõ do Reyno, o celebrarse o casamento do Principe com a Rainha, naõ só pelas grandes virtudes, que nella resplandeciaõ, mas por se conseguir com mayor brevidade, sendo a sua Real pessoa a unica esperança da successaõ do Reyno, e tambem pela difficuldade, que se considerava em restituir com brevidade à Rainha o seu dote, que se havia dispendido nas guerras antecedentes; e assim depois de dilatadas conferencias, em que maduramente se consideraraõ todos os motivos, porque convinha este matrimonio ao Principe, fez cada hum dos tres braços dos Estados do Reyno a sua consulta ao Principe, em que ultimamente lhe pediaõ com grande efficacia se quizesse accommodar ao commum consentimento dos seus Vassallos, e ao mesmo tempo o Senado da Camera fez igual representaçaõ. O Principe depois de ver as propostas, que lhe haviaõ feito, e fazer encommendar a Deos fervorosamente por pessoas de vida exemplar o acerto daquella resoluçaõ, ouvindo o parecer dos homens mais doutos, dos Ministros mais interessados no bem da Monarchia, e do Conselho de Estado, se conformou com o seu parecer, dizendo, que estava prompto para executar o que fosse mais do serviço de Deos, e utilidade do Reyno, precedendo

dendo a vontade da Rainha, a quem os Tres Estados, tanto que tiveraõ a reposta do Principe, representaraõ o desejo universal de todo o Reyno, e o quanto estimariaõ de a ter por Senhora; e ella depois de ter feito encommendar a Deos este negocio, que ponderou com a prudencia, de que era largamente dotada, respondeo, que obrigada do affecto, que devia aos Portuguezes, e das razoens politicas, que lhe representaraõ da conservaçaõ do Reyno, se ajustaria ao que parecesse mais justificado, e de mayor utilidade ao bem commum. Com a resoluçaõ da vontade dos Principes, e geral contentamento de todos os Vassallos, se determinou se fizesse o Tratado deste matrimonio, para o que o Principe nomeou por seus Procuradores ao Marquez de Niza, Conde da Vidigueira, Almirante da India, do Conselho de Estado, e Védor da Fazenda; e D. Rodrigo de Menezes, seu Gentil-homem da Camera, e seu Estribeiro mór; e a Rainha nomeou ao Duque de Cadaval, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, e ao Marquez de Marialva, Conde de Cantanhede, do Conselho de Estado, e Védor da Fazenda, os quaes em virtude dos seus poderes ajustaraõ o Tratado deste Matrimonio a 27 de Março de 1668. A Princeza se dotou com hum milhaõ de cruzados da moeda do Reyno de Portugal, o qual dote quando veyo de França fora entregue aos Ministros deputados para o receberem: pelo que a Co-

Prova num. 70.

roa eſtava obrigada à reſtituiçaõ; e aſſim ſe dava por entregue da dita quantia. O Principe para moſtrar a eſtimaçaõ deſta alliança lhe dotou todas as Villas, terras, juriſdicções, e Padroados, com todos os mais, que poſſuira a Rainha D. Luiza ſua mãy, e outras condições coſtumadas em ſemelhantes Tratados, que ſe podem ver nelle.

No tempo, em que ſe concluîa eſte Tratado em Portugal, ſuccedeo acharſe o Cardeal Duque de Vandôme, Legado à Latere em França, com poderes ampliſſimos do Papa Clemente IX. e em virtude delles, à inſtancia de Luiz de Verju, que ſe achava na Corte de Pariz, já informado da vontade do Reyno para o effeito deſte negocio, recorreo ao Cardeal Legado, o qual paſſou hum Breve, em virtude da ſentença proferida a favor da Rainha na ſeparaçaõ do matrimonio, no qual diſpenſava o impedimento da publica honeſtidade para ſe poder effeituar o caſamento entre os Principes D. Pedro de Portugal, e D. Maria Franciſca Iſabel de Saboya, o qual foy paſſado em Pariz a 15 de Março de 1668. Com eſte Breve voltou pela poſta a Portugal Luiz de Verju com Cartas delRey de França, e de todos os parentes da Rainha, em que applaudiaõ o acerto da reſoluçaõ do caſamento do Principe, e foy recebido com geral contentamento na noſſa Corte, e logo ſe diſpoz a fórma da celebridade do caſamento do Principe, que naõ quiz entaõ mais, que as indiſpenſaveis para a validade do Sacramento.

Prova num. 71.

to. Nesta conformidade, na primeira Oitava da Pascoa, que se contavaõ 2 de Abril de 1668, os recebeo o Bispo de Targa, que servia de Capellaõ môr, em virtude das procurações, que tinha do Principe o Marquez de Marialva, e da Rainha o Duque de Cadaval, a que sómente assistiraõ os Gentis-homens da Camera do Principe. Depois no dia determinado às tres horas da tarde sahio o Principe do Paço acompanhado de toda a Corte, e foy ao Mosteiro da Esperança, e apeando-se, achou a Princeza na Portaria, e sahindo della entraraõ ambos os Principes no coche, e passaraõ para a Quinta de Alcantara, onde, tanto que chegaraõ, entraraõ no Oratorio, em que esperava o Bispo de Targa, e receberaõ as bençãos matrimoniaes na fórma, que determina a Igreja, de que em breve se viraõ conseguidas felices esperanças da desejada successaõ na fecundidade da Princeza; a qual supposto, que no Breve do Legado do Papa lhe seguravaõ os Letrados a validade do matrimonio, com tudo querendo em negocio taõ grave a mayor justificaçaõ, e a mayor segurança da consciencia, mandou a Roma ao seu Confessor o Padre Francisco de Villes, da Companhia, darlhe conta do que havia, para que o Papa declarasse tudo o que fosse mais conveniente, para que naõ pudesse haver o menor escrupulo, ao que o Papa respondeo muy benignamente com hum amplo Breve, passado em Roma em Santa Maria Mayor a 10 de Dezembro de 1668, o qual com-

Prova num. *72.*

commetteo a Diogo de Sousa, primeiro Inquisidor por authoridade Apostolica no officio da Inquisição contra a heretica pravidade nos Reynos de Portugal, e Algarve; Antonio de Mendoça, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, Deputado no mesmo officio da Inquisição; Martim Affonso de Mello, Deaõ da Igreja Metropolitana de Evora, Deputado no mesmo officio da Inquisição; Luiz de Sousa, Deaõ da Igreja do Porto; e Manoel de Magalhães de Menezes, Arcediago da Igreja de Evora, os quaes depois de justificadas as premissas proferiraõ a sentença em Lisboa a 18 de Fevereiro de 1669.

Prova num. 73.

Começou o Principe Regente o seu governo pela felicidade da paz, conseguida com grande satisfaçaõ dos seus póvos, depois de mais de vinte e sete annos de dura guerra, sendo ainda mais gloriosa esta paz por ser negociada pelos mesmos Castelhanos, que se achavaõ prisioneiros no Castello de Lisboa, sendo o de mayor supposiçaõ o Marquez de Eliche, a quem a Rainha Regente da Monarchia de Castella concedeo poderes para negocear com o Principe o Tratado de Paz. Tanto, que o Marquez recebeo este aviso, o que lhe pareceo mais conveniente foy publicar em Lisboa, e em todo o Reyno, quanto lhe foy possivel, que tinha poderes da Rainha de Castella para tratar da paz com todos os interesses, que Portugal quizesse. Soaraõ estas vozes nos corações dos póvos, já cançados

dos de huma prolixa guerra, com taõ vigorosas forças, que foraõ bastantes estes clamores para que o Principe naõ seguisse os impulsos do seu generoso animo, que o inclinavaõ a continuar a guerra, indo governar os seus Exercitos.

Duvidava entaõ o Principe prudentemente entrar no Tratado da Paz com Castella considerando os interesses da Coroa. Sendo o primeiro motivo de querer deferir entrar neste Tratado o da liga offensiva, e defensiva, que ElRey D. Affonso havia celebrado com ElRey Christianissimo pelo seu Embaixador o Abbade de S. Romain, que havia mandado a este Reyno tratar este negocio. Tanto, que este teve noticia do que o Marquez de Eliche propuzera, representou com todo ardor ao Principe as forçosas razoens, que tinha para sustentar em todo o seu vigor o Tratado, que ElRey seu irmaõ havia feito com França, pois tomara com o Reyno as obrigaçoẽs delle, ajuntando outros motivos, com que sustentava a sua proposta. Naõ tardou em chegar às mãos do Marquez de Eliche a proposta do Embaixador de França, e fazendo hum papel, em que contradizia as proposiçoẽs do Abbade de S. Romain, logo o espalhou pela Corte, e pelo Reyno todo. No tempo, que mais vivamente discorriaõ os Ministros, debatendo por huma, e outra parte o mais conveniente à Coroa, entrou em Lisboa, sem haver precedido aviso, o Conde de Sanduick Duarte Montegu, Embaixador

Extra-

Extraordinario delRey da Grãa Bretanha na Corte de Madrid, a quem a Rainha Regente de Castella obrigara a esta jornada, para que encobrindo o intento della, unido com o Marquez de Eliche, solicitasse a conclusaõ deste Tratado, o que se seguio taõ felizmente, que admittindo-se as proposições, nomeou o Principe para Plenipotenciarios ao Duque de Cadaval, aos Marquezes de Niza, Marialva, Gouvea, o Conde de Miranda, e ao Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, e depois de varias conferencias, que os Plenipotenciarios tiveraõ com o Marquez de Eliche, superadas as difficuldades de huma, e outra parte com a mediaçaõ do Embaixador de Inglaterra, se deraõ por ajustados os artigos do Tratado a 10 de Fevereiro de 1668, e se assinaraõ a 13 no Convento de Santo Eloy de Lisboa pelos referidos Ministros, e o Conde de Sanduick o fez como mediador, e fiador em nome delRey Carlos II. de Inglaterra, de quem tinha poderes: e depois de ratificados, e trocados os Tratados, se publicou a paz na Cidade de Lisboa a 2 de Março do referido anno, com condições muy ventajosas à nossa Coroa, e reciprocamente se mandaraõ Embaixadores desta Corte, e da de Madrid, para onde partio o Conde de Miranda, depois Marquez de Arronches, a 13 de Junho de 1669, de donde tambem veyo por Embaixador o Baraõ de Bataville, Conde de Corbiers, Marquez de Usiâ, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, e do Conse-

Conselho de Guerra, e do Estado de Flandes, e de Borgonha, a residir na nossa Corte. Entrou nella a 12 de Novembro de 1668, e depois de ser hospedado magnificamente por tres dias na Quinta do Duque de Aveiro em S. Sebastiaõ da Pedreira, fez a sua entrada publica a 13 de Fevereiro de 1669, sendo conduzido em coche do Principe pelo Conde de Obidos D. Vasco Mascarenhas. Neste anno a 6 de Janeiro nasceo a Infanta D. Isabel Luiza Josefa com universal contentamento de todo o Reyno. Achava-se nesta Corte o Abbade de S. Romain, Enviado da de França, e com esta occasiaõ se declarou Embaixador para dar aos Principes os parabens do nascimento da Infanta, e a 2 de Março fez a sua entrada publica, sendo conduzido à presença do Principe pelo Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes em hum coche da pessoa do Principe.

Mandou o Principe a Roma a D. Francisco de Sousa, Conde de Prado (depois Marquez das Minas) por Embaixador Extraordinario a dar obediencia ao Papa Clemente IX. que entaõ residia na Cadeira de S. Pedro, e partindo de Lisboa fez em Roma a sua entrada publica a 22 de Mayo do anno de 1670, que foy huma das mais magnificas, que vio aquella Corte, residindo já na Cadeira de S. Pedro o Papa Clemente X. por falecer o seu antecessor estando já em Roma o Embaixador. No referido dia fez Antonio Moniz de Carvalho, Secretario

cretario da Embaixada, no Consistorio publico a Oração, conforme o costume das Embaixadas de Obediencia. Nomeou o Principe Prelados para as Igrejas deste Reyno, e suas Conquistas, que todas se achavaõ vagas, e sem Pastores, que as governassem. Em virtude da nomeaçaõ do Principe conferio o Papa Clemente X. no anno de 1671 o Arcebispado de Braga em D. Verissimo de Lencastre, do Conselho Geral do Santo Officio, Sumilher da Cortina; o de Lisboa em Antonio de Mendoça, do Conselho de Estado, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens; no de Evora a Diogo de Sousa, do Conselho de Estado, e do Geral do Santo Officio; em Capellaõ môr a Luiz de Sousa, Deaõ, e Governador do Porto, e Bispo titular de Bona. Nos Bispados de Coimbra a D. Manoel de Noronha, Prior môr da Ordem de Santiago; no de Viseu Manoel de Saldanha, Conego da Sé de Lisboa, Sumilher da Cortina; no Porto Nicolao Monteiro, Prior da Collegiada de Sedofeita; em Miranda André Furtado de Mendoça, Deaõ da Sé de Lisboa, Chanceller môr do Reyno; na Guarda Fr. Alvaro de S. Boaventura, Religioso Capucho da Provincia de Santo Antonio; em Lamego D. Luiz de Sousa, Sumilher da Cortina, Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra; em Leiria Pedro Vieira da Sylva, Secretario de Estado; em Portalegre Dom Richardo Russel, Inglez; no Algarve Francisco Barre-

Barreto, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio. Dos Ultramarinos, foy Bispo do Funchal D. Fr. Gabriel de Almeida, da Ordem de Cister; de Angra D. Fr. Lourenço de Castro, da Ordem dos Prégadores; Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente D. Fr. Christovaõ da Sylveira, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho; Bispo da Bahia (ainda entaõ naõ erigido em Arcebispado) D. Estevaõ dos Santos, Conego Regrante de Santo Agostinho; de Angola D. Fr. Pedro Sanches, da Ordem de Christo; de S. Thomé D. Fr. Manoel do Nascimento, da Ordem de S. Jeronymo; de Malaca D. Fr. Antonio da Paz, Monge de S. Bento; de Cabo Verde D. Fr. Fabiaõ dos Reys, Carmelita Calçado; de Meliapor D. Fr. Antonio de S. Dionysio, da Ordem Serafica da Provincia de Portugal, e outros; com que todas as Igrejas do Reyno, e das Conquistas ficaraõ regidas por proprios Pastores. Estes negociados felices do cuidado do Principe Regente accrescentava em os Póvos o amor de sorte, que crescendo o contentamento, e o gosto de lograrem em doce tranquillidade a suavidade da paz por muitos annos, ao mesmo tempo, que na Europa ardia huma sanguinolenta guerra: pelo que mereceo ElRey D. Pedro o titulo de *Pacifico*, em que permaneceo até o anno de 1704, como veremos.

Corria com prospera fortuna a Regencia do Principe, e applicado aos negocios domesticos, flo-

recia o commercio com grande utilidade, e abundancia dos Vassallos. Achava-se o Principe casado havia annos, sem que lograsse outro fruto do Real thalamo, do que a Infanta D. Isabel: pelo que convocando-se Cortes, foy jurada herdeira do Reyno a 15 de Janeiro de 1674. Nestas Cortes o Estado da Nobreza propoz aos Póvos por hum papel, que mandou pelo Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e o Conde de Villar-Mayor Manoel Telles da Sylva, para se dar ao Principe, que dizia: „ Unidos ditosamente o Estado do Povo, e „ o da Nobreza, foraõ duas vezes gloriosos restau„ radores da Monarchia Lusitana, huma apoyando „ a valente resoluçaõ delRey D. Joaõ I. outra de„ fendendo a justiça violentada do Senhor Rey D. „ Joaõ IV. Sendo estes os braços, que só podem „ tirar os Reynos aos Principes intrusos, estranhos, „ e violentos, saõ os que só devem, e podem dar „ as Coroas aos Principes justos, naturaes, e suaves, „ como Vossa Alteza. Estes saõ os dous braços, „ com que offerecemos a Vossa Alteza esta Coroa, „ a Nobreza com a authoridade do seu amor, do „ seu merecimento, e da sua prudencia; os Póvos „ com huma assistencia Divina no concurso dos seus „ clamores. Unidos os pareceres dos dous braços com os de muitos Bispos, que se achavaõ na Corte, persuadiraõ ao Principe, que aceitasse a Coroa. Ajuntou-se o Conselho de Estado a 21 de Fevereiro, aonde o Principe mandou se vissem as Consultas,

Memorias m. s. do Duque de Cadaval D. Nuno, t. VI. pag. 40.

tas, que o Estado da Nobreza, e Povo lhe rogavaõ aceitasse a Coroa: o Marquez das Minas D. Francisco de Sousa, e o Duque de Cadaval votaraõ com tal energia, e solidas razoens, que todo o Conselho de Estado se conformou com o seu parecer, entendendo, que o Principe devia coroarse Rey: eraõ os Conselheiros Ruy de Moura Telles, o Visconde de Villa-Nova da Cerveira Dom Diogo de Lima, o Marquez de Niza Dom Vasco Luiz da Gama, o Marquez das Minas, e o Duque do Cadaval. E sem embargo dos Estados da Nobreza, e Povo estarem conformes, e o Ecclesiastico, que naõ insistia com ardor, naõ o impugnou; porém o Principe com louvavel modestia, naõ quiz admittir a offerta, conservando-se em quanto seu irmaõ viveo, com este titulo, no que mostrou o seu admiravel talento livre, e o quam longe estava de ambiçaõ.

Era a Infanta D. Isabel Luiza Josefa herdeira presumptiva da Coroa, jurada nas referidas Cortes, e achando-se os Principes, ainda que moços, sem esperanças de mais successaõ, determinaraõ darlhe estado, e sendo diversos os Principes sobre que entaõ se votou, foy preferido o Duque de Saboya Victor Amadeo de Saboya seu primo com irmaõ, por ser filho de Madama Real Joanna Bautista, irmãa inteira da Princeza D. Maria Francisca. Oppunha-se a este fim a Ley fundamental do Reyno das Cortes de Lamego, que dispoem, que as filhas

herdeiras naõ casem fóra do Reyno, de que entaõ os Tres Estados do Reyno juntos em Cortes, dispensaraõ por aquella vez sómente, em virtude do que se desposou a Infanta com o Duque de Saboya no anno de 1682.

Para conclusaõ deste Tratado mandou o Duque de Saboya a Lisboa por seu Embaixador Extraordinario ao Marquez de Ornano, que a 10 de Março do mesmo anno fez a sua entrada publica com grande pompa, sendo conduzido pelo Marquez de Fronteira D. Joaõ Mascarenhas, do Conselho de Estado, Gentil-homem da Camera do Principe, Védor da sua Fazenda, e Mestre de Campo General da Provincia da Extremadura. Concorreraõ todos os coches dos Grandes, e Nobreza da Corte, como he costume, com os seus Gentis-homens; a este cortejo se seguiaõ quatro coches de respeito da Princeza, e cinco do Principe, e em hum da sua pessoa hia o Embaixador à maõ direita do Marquez Conductor, com dezoito Lacayos com librés de pano azul fino guarnecidas de passamanes de prata, fitas amarellas, e espadins dourados, oito pagens com uniformes vestidos do mesmo pano, mas com mais custosa guarniçaõ. Levava huma liteira forrada por dentro, e por fóra de veludo carmesi, com grandes franjoens de ouro, e o primeiro coche na mesma fórma, tirado por seis fermosos cavallos bayos; no segundo, que tambem era rico, hiaõ seis Gentis-homens com luzidas galas; no terceiro,

ceiro, que imitava no custo ao segundo, hiaõ alguns Cavalheros Saboyardos, que acompanhavaõ o Embaixador, vestidos de capa de varias sedas de ouro, e prata, guarnecidas de passamanes da mesma qualidade: e depois de ter tido audiencia do Principe na grande salla do Forte no Paço do Terreiro, passou ao da Corte-Real, onde teve audiencia da Princeza, assistindo a ella a Infanta D. Isabel. No dia 25 do referido mez teve o Embaixador segunda funçaõ; porque neste dia se haviaõ de celebrar os desposorios da Infanta com o Duque de Saboya, e foy conduzido em hum coche da pessoa do Principe pelo mesmo Marquez de Fronteira, que havendo dado na primeira conducçaõ libré a vinte e cinco Lacayos, sahio neste dia de sua casa às duas horas da tarde com o mesmo numero, e nova libré de pano fino verde cuberta de rendas de ouro, e prata, fitas encarnadas, plumas brancas, e junto aos estribos doze Pagens em corpo com galas de admiravel seda negra, multidaõ de fitas amarellas, e plumas da mesma cor, e todos os Lacayos diante, precedidos de dous trombetas a cavallo, vestidos de melanea verde, guarnecidos de rendas de prata, e ouro, fitas encarnadas, e plumas brancas. Detraz do coche hia o seu Estribeiro montado em hum soberbo cavallo, seguiaõ-se quatro Pallafreneiros vestidos como os trombetas com outros tantos cavallos à maõ, com ricas sellas, e jaezes bordados de ouro, e prata; e logo huma liteira, hum coche

de

de reſpeito, e tres mais, todos de cuſto, de ſorte, que naõ era facil de decidir qual dos eſtados era mais luzido. O Embaixador com o meſmo eſtado, mas differente libré; porque a dos Lacayos era de pano azul guarnecida de paſſamanes de ouro, fitas cor de fogo, e plumas brancas, os Pagens com capas do meſmo pano, e quatro ordens de paſſamanes, giboens de téla amarella, calças Imperiaes com diverſas fitas, e plumas de varias cores, os Gentiſhomens com galas de capas taõ cobertas de rendas de prata, e ouro, que mal ſe diviſavaõ as ſedas, de que eraõ os veſtidos. Entraraõ os coches do Principe, e do Embaixador no pateo do Paço, onde o eſperou D. Franciſco de Souſa, Capitaõ da Guarda Alemãa, e D. Lucas de Portugal, Meſtre Salla: ſobiraõ à ſalla dos Tudeſcos, e dahi ſe encaminharaõ à caſa do Forte, onde no ſeu throno eſtava o Principe, e a Princeza debaixo de docel com grande magnificencia: no terceiro de grao eſtava o Marquez de Gouvea, Mordomo mór, exercitando o ſeu cargo, e o Conde de Villar-Mayor, Gentilhomem da Camera, que eſtava de ſemana, ficou detraz da cadeira do Principe: no ſegundo degrao eſtava hum bofete coberto com rico pano, e junto a elle o Duque de Cadaval, o Embaixador, e o Biſpo D. Fr. Manoel Pereira, Secretario de Eſtado; ſeguiaõ-ſe os Grandes Seculares, e Eccleſiaſticos com a ſua coſtumada precedencia: da meſma parte no fim da tea, que cerca a caſa, eſtavaõ os cama-

camaradas, e familia do Embaixador; da parte da cadeira da Princeza à maõ esquerda ficava a Camereira môr, Senhoras de Honor, Damas, e Officiaes da sua Casa, dando entrada à porta da tea Manoel de Mello, que servia de Porteiro môr por seu sobrinho Luiz de Mello, admirando-se em todos o custoso das galas, a riqueza dos adereços das Senhoras, de admiraveis diamantes, e preciosas perolas, que tudo fazia huma gostosa, e prodigiosa vista. Leu o Secretario de Estado huma Carta do Duque de Saboya, que o Embaixador entregou, na qual promettia acharse neste Reyno na Primavera do anno de 1682, e logo huma procuraçaõ com o poder para o Embaixador celebrar os Esponsaes. Lidos estes papeis, o Marquez Embaixador fez as devidas reverencias aos Principes dandolhe os parabens, e o Marquez Conductor, D. Francisco de Sousa, e D. Lucas de Portugal lhe beijaraõ a maõ, e despedidos passaraõ à Corte-Real, onde teve audiencia da Senhora Infanta, a quem o Embaixador, e todos os da sua familia lhe beijaraõ a maõ, e o Embaixador lhe entregou humas perolas de grande valor, que se disse serem as mesmas, que ElRey D. Manoel dera à Infanta D. Brites, quando casou com Carlos Duque de Saboya.

Era hum dos artigos, que se contrataraõ, que o Duque seria conduzido a este Reyno em huma Armada Portugueza; e assim mandou o Principe Dom Pedro buscar ao Duque de Saboya em huma

das

das mais ricas Armadas, que vio fobre fi o mar Oceano, e Mediterraneo, de que era General Pedro Jaques de Magalhaens, Vifconde de Fonte Arcada: compunha-fe de oito grandes naos, de que era Capitania S. Francifco de Affis, a que chamaraõ o *Monte de ouro*, em que fe via igualmente competir a riqueza com o delicado do gofto, e perfeiçaõ. Era o feu primeiro Governador (nome, que naquella occafiaõ fe deu aos Capitaens) Dom Joaõ de Lencaftre; o fegundo Manoel Jaques de Magalhaens, filho do General da Armada; primeiro Tenente Pedro de Figueiredo de Alarcaõ. Nefta nao embarcou o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Embaixador Extraordinario, para conduzir o Duque de Saboya, com a prerogativa de o General, e todos os mais Cabos da Armada irem à fua ordem. Servia de Almirante o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, que embarcou em S. Benedicto, e o feu Governador era Lourenço Nunes; as demais eraõ Santa Clara, em que hia por Fifcal Gonçalo da Cofta de Menezes; da Conceiçaõ Luiz Lobo da Sylva; de Santo Antonio de Padua o Marquez de Fronteira D. Fernando Mafcarenhas; de S. Francifco de Borja Victorio Zagallo; de Santo Antonio de Flores D. Joaõ de Caftro; e de S. Boaventura o Conde de Coculim D. Francifco Mafcarenhas. Embarcaraõ voluntarios Francifco de Brito Freire, que havia fido General da Armada do Commercio, e Al-

e Almirante da Armada Real, Tristaõ da Cunha de Ataide, Senhor de Povolide, depois Conde daquella Villa, D. Joaõ Diogo de Attaide, hoje Conde de Alva, e outros, e foraõ os Officiaes da Casa Real para servirem ao Duque de Saboya, D. Joaõ de Almeida, Veador da Casa delRey, depois Conde de Assumar; Trinchante D. Antonio Alvares da Cunha, Senhor de Taboa; Sumilher da Cortina D. Joaõ de Sousa, que depois faleceo Arcebispo de Lisboa; Escrivaõ da Cosinha Balthasar Rebello; doze Moços da Camera, dezoito Reposteiros, e todos os mais Officiaes, de que se compoem a Casa Real.

Chegou a Armada a Niza com prospera viagem, havendo sahido de Lisboa a 23 de Mayo de 1682. Daquella Cidade passou o Duque de Cadaval a Turim acompanhado de muitos Senhores, e Cabos da Armada, e foy recebido com aquellas demonstrações de obsequio, e gosto, que pedia hum negocio, em que Madama Real se empenhava. Achou ao Duque de Saboya mal convalecido de huma febre, que padecera por quarenta dias com grande perigo da vida, e dilatando-se a restituiçaõ da saude mais, do que se desejava, mostrou o Duque de Cadaval a impossibilidade da Armada invernar nos pórtos de Italia, e assim voltou para Lisboa. Este foy o fim de huma negociaçaõ taõ desejada pela Princeza Dona Maria Francisca, que quasi parecia indubitavel a sua conclusaõ. Porém

Deos, que tinha decretado a felicidade da noſſa Monarchia, diſpoz, que o Duque de Cadaval, entaõ arrebatado do amor do ſeu Principe, lhe perſuadiſſe o quanto devia valerſe da occaſiaõ, que Deos lhe offerecia para deſvanecer aquelle caſamento, o que depois acreditou o tempo, como vimos. O Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes taõ excellente Eſcritor, como Politico, referindo eſte ſucceſſo, diz: *Deſempenhou o Duque neſta acçaõ as obrigações do ſeu ſangue, e o zelo, e amor da Patria, que com a eſpada defendeo, e aſſegurava com a prudencia.*

Ericeira, *Compendio da Vida da Rainha Dona Maria Franciſca*, m.ſ.

No anno ſeguinte de 1683 faleceo a 12 de Septembro ElRey D. Affonſo VI. em cuja vida naõ quiz o Principe mais titulo, do que o de Regente, como temos dito, e depois começou a ſer conhecido pelo de Rey D. Pedro II. de Portugal. No meſmo anno a 27 de Dezembro faleceo a Rainha D. Maria Franciſca de Saboya, o que ElRey ſentio com tanto exceſſo, que penetrado da dor de ſua falta, paſſaraõ annos ſem que conſentiſſe pratica ſobre haver de paſſar às ſegundas vodas, de que tanto pendia a felicidade do Reyno; e como já ſe dilatava muito, aſſentou o Conſelho de Eſtado de lhe fazer huma repreſentaçaõ, e no dia 6 de Janeiro de 1685, em que cumpria annos a Infanta D. Iſabel Luiza Joſefa, foy o Conſelho de Eſtado à preſença delRey manifeſtarlhe a obrigaçaõ, que tinha Sua Mageſtade de caſar ſegunda vez. Tocou

ao

ao Duque de Cadaval naõ só por mais antigo, mas tambem pelo seu titulo, que o preferia aos de mais Conselheiros, para que em nome daquelle esclarecido corpo fizesse huma taõ justa representaçaõ, a qual reduzio o Duque a huma breve supplica, dizendolhe: „Que o Conselho de Estado junto na „sua Real presença, pedia fosse Sua Magestade „servido de apressar o importante negocio do seu „casamento; porque em a sua Real successaõ estavaõ em perigos os seus Reynos, pois a necessidade, que havia do seu effeito, naõ era sómente „do Conselho de Estado, porque era commua a „todos os seus Vassallos, e tambem à mayor parte „da Europa. Que o Nuncio do Papa, e os Ministros Estrangeiros, que residiaõ nesta Corte, lhe „tinhaõ referido as diligencias, que com Sua Magestade tinhaõ feito da parte dos seus Amos. E „assim o Conselho de Estado confiadamente esperava de hum Principe taõ prudente, como era „Sua Magestade, que obedecesse ao Papa, e satisfizesse aos Reys seus parentes, e Alliados, amparando, e remediando assim a huns Vassallos, que „com trabalho mais, que ordinario, buscaraõ na „pessoa de Sua Magestade a conservaçaõ do nome, „e da gloria Portugueza.„ O Duque em quem „concorriaõ annos, e authoridade, lhe disse: „Que „Sua Magestade lhe havia de permittir, que valendo-se da confiança de o haver trazido nos seus „braços, lhe pudesse dizer, que a Princeza, que

„ tiveſſe a dita de Sua Mageſtade a eſcolher para
„ eſpoſa, já era naſcida; porque parecia concorria
„ Deos naquelle dia com o Conſelho de Eſtado;
„ porque naõ ſem myſterio tinha permittido, que
„ em dia de Reys foſſem aos Reaes pés de Sua
„ Mageſtade pedirlhe feliciſſimos Reys para eſte
„ Reyno. „

Eſta eloquente, e taõ juſta ſupplica, e outras ſemelhantes ajudou muito a poderoſa interpoſiçaõ da Santidade do Papa Innocencio XI. que movido do paternal amor, com que eſpecialmente amava a ElRey D. Pedro, entre os mais Principes Catholicos, lhe enviou hum Breve, em que o exhortava, e prudentemente perſuadia para que contrahindo ſegundas vodas, ſeguraſſe a ſua Real deſcendencia, da qual ſe ſeguia univerſal contentamento aos ſeus Vaſſallos, e ſocego à Chriſtandade. Communicava ElRey com homens doutos, e de ſãa conſciencia eſta materia, e todos lhe repreſentavaõ a obrigaçaõ, que tinha de caſar ſegunda vez, em que teve grande parte o Padre Manoel Rodrigues Leitaõ, da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, Fundador da Caſa do Porto, aonde foy mandado buſcar para eſte negocio, e foy Varaõ eminente em letras, e coſtumes, dotado de eloquencia, e igualmente deſintereſſado: finalmente lavrou tanto no coraçaõ delRey a razaõ, que deſterrou a magoa, e determinou eſcolher eſpoſa. Propuzeraõ-ſelhe de todas as Princezas de Europa aquellas,

que

que pela soberania do nascimento, e pelo claro das virtudes se faziaõ dignas do Real consorcio, fazendo-se a este fim diversos negociados por parte das mayores Coroas da Europa por meyo dos seus Ministros residentes na nossa Corte, que interpuzeraõ poderosos officios a favor de varias Princezas. Porém ainda que todas eraõ dignas de se coroarem no Real thalamo, foy preferida pelas prerogativas, e partes, que concorriaõ na sua pessoa, a Serenissima Princeza Eleitoral Maria Sofia Isabel, filha do Eleitor Palatino do Rhim Filippe Vilhelmo de Neubourg. E antes de se entrar neste negocio, mandou ElRey à Corte de Heidelberg incognito ao Doutor Antonio de Freitas Branco, entaõ Desembargador da Casa da Supplicaçaõ, e depois do seu Conselho, e da sua Fazenda, a fim de se informar sómente da saude desta Princeza, o que este Ministro fez na fórma, que se lhe havia encarregado; e entendendo-se dos seus avisos, que a disposiçaõ da Princeza era a melhor, que se podia desejar, e das insinuações, que da parte delRey havia feito ao Eleitor seu pay dos intentos, que Sua Magestade tinha de se aparentar com a sua Casa, foraõ recebidas todas com particular agrado, e estimaçaõ. E tendo dado fim à sua missaõ o Doutor Antonio de Freitas se recolheo a Lisboa, e para a conclusaõ deste negocio nomeou ElRey por Embaixador Extraordinario ao Conde de Villar-Mayor Manoel Telles da Sylva, do seu Conselho de Estado, e

Guerra,

Guerra, Gentil-homem da sua Camera, e Védor da sua Fazenda, depois Marquez de Alegrete.

No dia 8 de Dezembro de 1686 sahio de Lisboa o Embaixador, passou o Tejo a Aldea-Gallega, e além da luzida comitiva de criados, o acompanharaõ seu filho Joaõ Gomes da Sylva, depois Conde de Tarouca, que com poucos annos de idade começou a observar aquelles mesmos Paizes, que depois foraõ glorioso theatro, em que brilhou o sublime do seu talento por espaço de muitos annos em diversos empregos, até que faleceo em Vienna de Austria. Eraõ os outros Fidalgos Jorge Furtado de Mendoça, Visconde de Barbacena, depois do Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General dos Exercitos desta Coroa, e Fernaõ Correa de Lacerda, filho de Francisco Correa de Lacerda, que havia sido Secretario de Estado; e por Secretario da Embaixada foy Antonio Rodrigues da Costa, em quem concorriaõ partes, que o habilitaraõ para grandes empregos, e ultimamente acabou no de Conselheiro do Conselho Ultramarino. A 13 do referido mez passou o Embaixador o rio Caya, que divide o nosso Reyno do de Castella, e seguindo a sua jornada chegou a Alemanha; e depois de haver concluido o Tratado Matrimonial, o assinou a 22 de Mayo do anno de 1687 em virtude do seu pleno poder, como Procurador delRey: e por parte do Eleitor foraõ Procuradores Wolfango Theodorico, Conde do Sacro Romano Imperio,

perio, Senhor de Castel, do Conselho de Estado do Eleitor, e seu Mordomo môr, Burgario em Alzey, e Joaõ Fernando de Yosch, Senhor hereditario de Castro Mazen, do Conselho de Estado do Eleitor, Chanceller môr, Presidente da Camera Neoburgica, e Governador da Corte Feudal de Neoburg, e do Senhorio de Reycherzhoviense. Deu o Eleitor de dote à Princeza sua filha cem mil florins do Rheno, (que era o mesmo dote, que havia dado à Emperatriz Leonor sua filha, quando casara com o Emperador Leopoldo) e ElRey lhe prometteo a mesma Casa, rendas, Villas, Lugares, e prerogativas concedidas às outras Rainhas deste Reyno, com outras condições commuas, e reciprocas em semelhantes Tratados, o qual depois foy ratificado por ElRey.

Prova num. 74.

Teve o Embaixador audiencia publica no primeiro de Julho para nella fazer a funçaõ de pedir a Princeza Maria Sofia para esposa delRey D. Pedro, na fórma, que se tinha ajustado. O Eleitor o veyo esperar à primeira porta da casa, por onde se entrava para o seu quarto, e dandolhe sempre a maõ direita, e entrada, o conduzio ao quarto da Eleitriz, que estava com a Princeza Maria Sofia; e fazendo o Embaixador a supplica a Suas Altezas Eleitoraes com o obsequio devido à Princeza, respondeo o Eleitor com grande satisfaçaõ desta alliança, e respeito à pessoa de Sua Magestade: e tanto, que proferio, que estava concedida a Princeza para esposa de Sua

Mages-

Mageſtade, ſe levantou o Embaixador, e ſe poz em pé, reconhecendo-a já como ſua Soberana, e depois de cortezes expreſſoens do Embaixador, e dos Principes, ſe acabou a audiencia.

Antonio Rodrigues da Coſta, *Embaixada do Marquez de Alegrete, e conducçaõ da Rainha D. Maria Sofia*, impreſſa em 1694.

No meſmo dia à tarde ſe declarou publicamente a Princeza Maria Sofia, Rainha de Portugal, para o que o Conde Embaixador à hora, que ſe tinha determinado, acompanhado de toda a ſua luzida familia, tanto, que recebeo o recado, que lhe levou o Conde de Caſtel, ſahio do ſeu quarto, e achou ao Eleitor, que o eſperava na parte coſtumada; e o tratou com as meſmas ceremonias, e dandolhe ſempre a maõ direita, e a porta, o conduzio à principal antecamera do Palacio, que eſtava riquiſſimamente ornada, e tinha os retratos dos Principes da Caſa Palatina, e alliados della, em que já ſe via o delRey D. Pedro com ſingularidade ornado. Eſtava a Rainha debaixo de hum rico docel, e ao lado direito, fóra delle, a Eleitriz ſua mãy, e Principes de ambos os ſexos, e ao eſquerdo a Camereira mór, Aya, e Damas das Princezas; o Eleitor conduzio o Embaixador até a tarima, que beijando a maõ à Rainha, ſe ſeguio o Eleitor ſeu pay a darlhe os parabens, moſtrando quererlhe beijar a maõ, o que a Rainha naõ conſentio, e ſe ſeguio a Eleitriz, e mais Principes a fazerem a meſma demonſtraçaõ, e depois delles ſe ſeguio a Camereira mór, Guarda mayor, Damas, e a eſtas os Fidalgos Portuguezes, Gentis-homens, e mais familia

familia do Embaixador, e todos os mais Senhòres da Corte do Eleitor.

Tanto, que se deu fim ao acto, deu o Eleitor o braço à Rainha, e lhe levou a cauda da roupa Real a Princeza Dorothea sua irmãa, (depois Duqueza de Parma) e o Embaixador deu o braço à Eleitriz, e recolhendo-se com todo o acompanhamento ao seu quarto, depois de estar na ultima antecamera, lhe offereceo o Embaixador a joya, que ElRey lhe mandava, que a todos pareceo digna da sua Real grandeza, e a Rainha a recebeo com grande estimaçaõ. Na noite houve Comedia Italiana, e se seguiraõ diversos festins, com que se applaudia o gosto desta Real alliança. No dia 2 de Julho em virtude da procuraçaõ, que o Conde Embaixador tinha, se fez o acto do recebimento na Capella Eleitoral de Heidelberg, onde o Bispo Coadjutor de Spira revestido em Pontifical o celebrou com grande solemnidade, na fórma ordenada pela Igreja Romana, sendo applaudido com tres salvas de artilharia, e mosquetaria da Praça. Neste dia, e no seguinte repartio o Embaixador ricas joyas pelas Damas, e Senhoras da Corte do Eleitor, e repartio tambem, conforme o costume de Alemanha, grossa quantia de dinheiro por toda a familia inferior, mostrando em tudo a Real grandeza, e poder de Sua Magestade Portugueza. E tendo o Embaixador audiencia de despedida, no dia 5 de Julho pelas sete horas da tarde sahio a Rai-

nha daquella Praça em publico em hum coche, em que hia sómente na cadeira de detraz, e na de diante os Sereniſſimos Eleitores ſeus pays, o qual cobriaõ na dianteira duas tropas de Dragoens, a que ſe ſeguiaõ quatorze coches do Eleitor, tirados por ſeis cavallos cada hum, e acompanhada de luzida Nobreza, entraraõ em Manheim, onde a Rainha foy recebida com todas as demonſtraçóes de goſto, entretendo-a com feſta de fógos, de grande artificio, e deſpeza, em que ſe via a magnificencia do Soberano, e o primor dos artifices. Aqui ſe deteve a Rainha tres dias, que ſe gaſtaraõ em diſpoſiçóes para a jornada. E no dia 10 deſtinado para lhe dar principio, ſahio o Embaixador dos ſeus apoſentos com todo o ſeu magnifico trem de carroças, e cavallos, na meſma fórma, que havia entrado em Heidelberg, e chegando à margem do Rhim, que fica pouco eſpaço fóra da Cidadella, em que eſtavaõ os bargantins, em que haviaõ de embarcar, ſe apeou com toda a ſua comitiva, eſperando, que chegaſſe a Rainha, que naõ tardou, e vinha com hum grande, e luzidiſſimo acompanhamento em hum rico coche com Suas Altezas Eleitoraes ſeus pays na meſma fórma, que viera de Heidelberg. Entraraõ no bargantim, que eſtava prevenido para a Rainha, e aqui ſe deſpedio de ſeus pays, e irmãos com reciprocas, e affectuoſas demonſtraçóes de ternura, que a natureza deſcobre, ainda quando ſe previne a diſſimulaçaõ, e diſtinguio-ſe o affecto

da

da Princeza Marianna ſua irmãa, (depois Rainha de Heſpanha) querendo-a acompanhar até Duſſeldorp. Entrarão no bargantim a Condeſſa de Wifel, que ſervio a Sua Mageſtade de Camereira mór até Hollanda, donde ſe não atreveo a paſſar pelo temor do mar, a Condeſſa de Gravenek, que ſervia de Guarda mayor, fez o officio de Camereira mór até Lisboa, e as Baronezas de Speth, e de Retz, Damas da Rainha; accommodarão-ſe no meſmo bargantim algumas Moças da Camera, e a outra familia feminina inferior do ſerviço da Rainha em outros bargantins. Veyo ſervindo tambem à Rainha por ordem do Eleitor, o Conde de Caſtel, ſeu Mordomo mór, e os Baroens de Creuter, e Novellis, Gentis-homens da ſua Camera, e quatro Pagens do Eleitor, que na qualidade, e foro correſpondem o de Moços Fidalgos. O Embaixador embarcou em hum bargantim do Eleitor de Treveris, em que arvorou as Reaes Armas Portuguezas, que levarão os demais bargantins, e barcos, em que hia a ſua familia, e fato.

Tanto, que a Rainha entrou no bargantim, e ſe deſpedirão os Eleitores, começou a artilharia da Praça com continuas ſalvas, até que dando à véla o bargantim, em que hia a Rainha, ſeguido dos mais, perdeo em breve tempo a viſta daquella Cidade, e ſeguio a ſua viagem, ſendo comprimentada por todos os Soberanos dos dominios das Cidades, e Praças, por onde paſſavão, não deſembar-

 can-

cando em nenhuma, e sómente o fez em Dusseldorp, Corte do Principe Eleitoral Joaõ Guilhelmo, Duque de Juliers, seu irmaõ mais velho, onde com a Archiduqueza Marianna Josefa, sua primeira mulher, filha do Emperador Fernando III. a esperaraõ na margem do Rhim, e seus irmãos os Principes Francisco Luiz, entaõ Bispo de Bressauu Governador de Sillesia, depois Eleitor de Treveris, e Alexandre Segismundo, entaõ Bispo Coadjutor, e depois Proprietario de Ausburg, acompanhados de grande numero de Nobreza, de Cavalheros, e Damas, todos com ricas galas. Depois de se haver entretido nesta Corte com magnificos obsequios daquelles Principes, chegou a Rotherdaõ, onde teve noticia, de que a Armada Ingleza, que ElRey da Grãa Bretanha mandara pôr prompta para conduzir a Rainha a Portugal, era chegada a Brila. Os Estados Geraes a comprimentaraõ pelos seus Deputados, e o Principe de Orange, que depois foy Rey da Grãa Bretanha, com grandes obsequios mostrou o quanto estimava aquella occasiaõ. O Duque de Graffton Henrique Fitz Rey, General da Armada, filho delRey Carlos II. Almirante de Inglaterra, Coronel de hum Regimento de Infantaria das Guardas delRey, Cavalleiro da Jarretiere, veyo logo visitar a Rainha da parte de Sua Mageftade Britanica, e lhe entregou huma Carta, em que a congratulava dos seus felilices desposorios, dizendo, que mandava aquella Arma-

Armada à ſua ordem, a que o Duque ajuntou reverentes expreſſoens da ſumma eſtimaçaõ, que fazia da honra, que lhe reſultava de ſervir, e obedecer à Rainha. No dia 26 de Julho, deſembarcando Sua Mageſtade do bargantim, entrou em hum Yate Inglez por ſer mais ſeguro para entrar no mar alto, onde eſtava a Armada, porque naõ podia ſobir mais acima, pelo perigo dos baixos daquelle porto; e aſſim no meſmo dia pelas duas horas da tarde abordou o Yate a Capitania Real, que eſtava toda empavezada, em que entrou a Rainha, ſendo recebida com tres ſalvas de artilharia, e vozes, como he coſtume no mar, e com feliz viagem a 11 de Agoſto entrou no porto de Lisboa, havendo ſido ſalvada das Torres com tres deſcargas de artilharia, a que o Duque de Graffton mandava reſponder. Pouco depois do meyo dia deu fundo a Capitania Ingleza defronte da Igreja de S. Paulo, e dando huma ſalva geral com todos os navios da Armada, lhe reſponderaõ os Portuguezes, e todos os mais navios, que eſtavaõ ſurtos no rio. Naõ havia ainda acabado de entrar a Capitania, quando chegou a ella o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Védor da Fazenda da repartiçaõ da Marinha, em hum excellente bargantim, com huma luzida comitiva, que ſe compunha de dez Gentiſhomens, e ſeis Pagens, todos excellentemente veſtidos, e depois de offerecer da parte de Sua Mageſtade ao General da Armada tudo o que foſſe neceſſario

cessario dos Armazens Reaes para provimento da Armada, passou a beijar a maõ à Rainha, e seu filho primogenito D. Francisco Xavier de Menezes, depois Conde da Ericeira, no qual brilhava já em poucos annos o sublime engenho, com que depois havia de assombrar o Mundo com a sua larga erudiçaõ; porque explicou à Rainha o seu obsequio em hum breve discurso formado de cinco linguas, a que ella respondeo nas mesmas. Naõ tardou em chegar o Conde de Santa Cruz Dom Joaõ Mascarenhas, Mordomo môr da Casa Real, a comprimentar da parte de Sua Magestade a Rainha, ao qual acompanhavaõ oito Gentis-homens, e seis Pagens, vestidos todos magnificamente; e depois de receber a reposta da Rainha, voltou ao Paço a dar conta a Sua Magestade. Quasi ao mesmo tempo chegou o Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça, do Conselho de Estado, Presidente do Ultramarino, e Mordomo môr da Casa da Senhora Infanta D. Isabel, que da parte de Sua Alteza hia significar à Rainha o grande alvoroço, com que esperava a Sua Magestade, e o quanto festejava a sua feliz chegada, e hia ricamente vestido com oito Gentis-homens, e seis Pagens, todos com grande luzimento; e depois de ter beijado a maõ à Rainha, e recebido a reposta do seu recado, voltou ao Paço, havendo visitado da parte delRey a Henrique Fitz Jemes, filho delRey Jacobo II. da Graõ Bretanha, que vinha na Armada.

Naõ

Naõ se deteve ElRey em ir buscar a Rainha mais tempo, que o que foy preciso para se ajustar huma magnifica escada na Capitania para a Rainha poder desembarcar por ella, commoda, e seguramente, como era conveniente. Embarcou ElRey no Paço da Corte-Real em hum bargantim muy rico, e de custosa fabrica, entalhado, e dourado, a camera toda guarnecida de vidraças crystallinas, com toldo, e cortinas de setim de ouro, e carmesim, cadeiras, almofadas, e alcatifa do mesmo, com vinte e dous remeiros vestidos ao uso Africano de escarlata, e galoens de ouro. O Patraõ vestia de borcado encarnado com a mesma guarniçaõ, e o Patraõ môr de pano custosamente guarnecido de ouro, com o Estandarte Real ricamente bordado com as Armas Reaes: hiaõ os Trombetas na proa do bargantim com trombetas de prata, e bandeirollas com as Armas Reaes bordadas. Accompanhavaõ a ElRey os Grandes do Reyno, Officiaes da Casa Real, Presidentes dos Tribunaes, e mais pessoas, que costumaõ acompanhar os Reys em semelhantes occasioens, que para isso tiveraõ aviso, indo todos com os vestidos cobertos de ouro, e prata, taõ magnificos, que esgotavaõ o primor da arte.

ElRey, que era de huma soberana, e galharda presença, excedia na bizarria natural aos mesmos adornos da arte. Levava huma casaca cor de fogo bordada de ouro de inestimavel preço, espadim, e

baſtaõ

baſtaõ guarnecido de riquiſſimos diamantes, ſendo de incomparavel valor hum, que levava na garavata, e os que ornavaõ o habito de Chriſto, e chapeo. Os que entraraõ no bargantim Real foraõ o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Védor da Fazenda; D. Pedro de Menezes, Marquez de Marialva, Gentil-homem da Camera delRey; D. Joaõ Maſcarenhas, Conde de Santa Cruz, ſeu Mordomo mór; D. Joſeph de Menezes, ſeu Eſtribeiro mór; D. Franciſco Maſcarenhas, Eſtribeiro mór da Rainha; Manoel de Mello, Graõ Prior da Ordem de S. Joaõ em Portugal, Porteiro mór; D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval, do Conſelho de Eſtado, Meſtre de Campo General junto à peſſoa de Sua Mageſtade, Mordomo mór da Rainha; Henrique de Souſa Tavares, Marquez de Arronches, do Conſelho de Eſtado; Luiz de Souſa, Arcebiſpo de Lisboa, Capellaõ mór, e do Conſelho de Eſtado; D. Luiz de Souſa, Arcebiſpo Primaz das Heſpanhas, do Conſelho de Eſtado; Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, e D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, ambos do Conſelho de Eſtado; o Biſpo D. Fr. Manoel Pereira, Secretario de Eſtado: entrou tambem no bargantim Real por eſpecial graça de Sua Mageſtade D. Fr. Domingos de Guſmaõ, Arcebiſpo de Evora, porque todos os mais pelas prerogativas dos ſeus miniſterios lhe era concedida aquella honra.

Depois

Depois delRey ter embarcado no bargantim Real com as pessoas referidas, entraraõ os mais Grandes em vinte e quatro bargantins muy bem esquipados, e adereçados de toldos de sedas de differentes cores com grande numero de remeiros, todos vestidos à proporçaõ do mais, e diversos córos de trombetas: e vogando com pressa se adiantaraõ todos ao bargantim Real, que hia em ultimo lugar. Tanto, que ElRey entrou no bargantim, a Capitania Real colheo a bandeira, e disparou tres vezes toda a artilharia, que se alternou com outras tantas cargas de mosquetaria, e o mesmo fizeraõ todos os mais navios da Armada.

Chegou ElRey à Capitania, e assim que sobiraõ os Grandes, baixou ao bargantim Real o General Duque de Graffton, a quem ElRey fallou com grande agrado, e attençaõ, como merecia a sua pessoa, e posto. Ao mesmo tempo baixou tambem o Conde Embaixador, e Conductor a beijar a maõ a ElRey, que o recebeo com especial honra, mostrando o quanto se dava por bem servido da sua commissaõ, como depois mostrou, fazendolhe a merce do titulo de Marquez de Alegrete. Sahio ElRey do bargantim, e havendo baixado o Conde da Ericeira, Védor da Fazenda, a exercitar a sua occupaçaõ, sendo huma das preeminencias do seu officio dar a maõ a Sua Magestade ao sahir do bargantim, succedeo, que quando houve de pôr o pé na escada da Capitania, onde estava o Duque

de Graffton; ao mesmo tempo, que o Conde da Ericeira foy dar a maõ a Sua Mageſtade, fez o meſmo o Duque, e ElRey com diſcreta promptidaõ deu a maõ aos dous, dizendo, que a dava a ambos, naõ querendo faltar em ſatisfazer ao hoſpede, e honrar ao Vaſſallo. Sobindo à Capitania, o eſperavaõ no bordo os Fidalgos Inglezes, e Alemaens, que acompanhavaõ a Rainha, aos quaes fallou com agradavel benevolencia, e muy eſpecial a Henrique Fitz Jayme. Entrou ElRey na camera, em que eſtava a Rainha veſtida de riquiſſima téla de ouro branca, ornada de muitos, e cuſtoſos diamantes de ineſtimavel valor. Feitos aquelles decoroſos comprimentos, que paſſaraõ neſta primeira viſta, em que foy reciproca a ſatisfaçaõ das Mageſtades, diſparou neſte tempo a Capitania, e mais navios da Armada toda a artilharia, e todos os mais, que eſtavaõ no rio; e ſahindo ElRey, e a Rainha, e as Damas, que a acompanhavaõ, e a Marqueza de Alenquer D. Catharina Barbara de Noronha, Camereira môr, que antes de chegar ElRey havia entrado a beijar a maõ à Rainha, e exercitar a ſua occupaçaõ, acompanhada de ſeus ſobrinhos o Conde de Aveiras Joaõ da Sylva Tello, e o Conde de Villa-Verde D. Pedro de Noronha: na camera do bargantim naõ entraraõ mais, que as duas Mageſtades, e de mais dos Grandes, que haviaõ ido nelle, foy o Embaixador Conductor. A Marqueza Camereira môr entrou logo no bargantim, em que havia

havia vindo, e as Damas Alemãas em outro, em que as conduzio o Conde de Oriola, Baraõ de Alvito, Veador da Casa da Rainha; estes dous bargantins se adiantaraõ aos mais para que a Camereira mór, e Damas, pudessem acompanhar a Rainha quando desembarcasse.

Chegou o bargantim Real a huma ponte, que se havia fabricado na da Casa da India de admiravel architectura, a qual se communicava com o pateo da Capella Real, por onde se encaminharaõ as Magestades acompanhadas de todos os Grandes, e demais Nobreza, Ministros, Fidalgos particulares, todos luzidamente vestidos, e a Guarda Real: quando chegaraõ ao pateo acharaõ ahi a Senhora Infanta D. Isabel, acompanhada de todas as Damas, e Senhoras de Honor, que havia baixado do Paço a buscar a Rainha. Vestia primavera de ouro sobre setim encarnado, ricamente ornada; e sobre a riqueza da gala se via huma prodigiosa fermosura, com que a natureza a havia dotado, e as Damas assim da Rainha, como da Infanta, estavaõ vestidas de borcados guarnecidos de rendas de ouro, e prata, com diversas, e magnificas invençoes. Intentou a Infanta em demonstraçaõ do seu respeito beijar a maõ à Rainha, que com grande agrado naõ o consentio, e levando-a nos braços, com carinhosas expressoens mostrou o seu affecto, que foy reciprocamente correspondido. Sobiraõ à Capella, que estava soberbamente ornada, e rece-

beraõ Suas Mageſtades as benções nupciaes do Arcebiſpo Capellaõ mốr, e baixando, ſobiraõ ao Paço, e foraõ ao quarto da Rainha, onde eſtavaõ eſperando as mais Senhoras da Corte com differentes, e ricos veſtidos. Na noite houve luminarias, e ſalvas da artilharia das Torres, e dos mais navios, e Armada, que eſtavaõ no rio, que por tres dias repetiraõ.

Paſſados poucos dias teve o Duque de Grafſton audiencia delRey, e foy conduzido à ſua Real preſença por D. Joaõ de Souſa, Veador da ſua Caſa, e juntamente com Henrique Fitz Jayme ſeu primo; falloulhe ElRey em hum gabinete interior, e aos mais Officiaes, e peſſoas de qualidade da Armada com demonſtrações de grande benevolencia, particularizando os dous primos, como filhos de dous Reys de Inglaterra, hum que reynava, e outro, que havia pouco occupara o meſmo throno. Haviaõ-ſe prevenido caſas para os hoſpedarem com toda a magnificencia, como pediaõ as eminentes prerogativas das ſuas peſſoas; e aſſim tanto, que a Rainha deſembarcou entraraõ na Capitania Dom Joaõ de Souſa, e D. Joaõ de Almeida, Veadores da Caſa delRey, que os mandava convidar, D. Joaõ de Souſa ao Duque de Graffton, e D. Joaõ de Almeida a Henrique Fitz Jayme, e para os conduzirem às caſas, que lhe eſtavaõ prevenidas, que eraõ as de Dom Diogo de Menezes, e as de Manoel de Souſa Tavares às Chagas: porém como as ordens

do

do General naõ lhe permittiaõ dormir em terra, naõ desembarcou entaõ nem elle, nem o outro Principe; e Gonçalo da Costa de Menezes, Mestre de Campo de hum dos Terços da guarniçaõ da Corte, conduzio os Fidalgos Alemaens às casas, que saõ de Ignacio Xavier Vieira Matoso, hoje General de Batalha, onde se lhe havia preparado a hospedagem, que se lhe continuou todo o tempo, que assistiraõ na Corte, até voltarem para Alemanha.

Quando sahiraõ os dous Principes da audiencia, os dous Veadores acima nomeados, os convidaraõ para as hospedagens, e como se naõ quiz separar do General o outro, os conduzio D. Joaõ de Sousa a ambos ao lugar, que estava prevenido para o Duque; e assim foraõ ambos com as suas comitivas tratados com a magnificencia, e regalo digno da mayor grandeza. Deu ElRey em outro dia audiencia separadamente ao filho delRey Jacobo, e lhe fallou no mesmo gabinete, com novas demonstrações de affabilidade, e de honra. Desejava ElRey, que aquelles Principes se detivessem para verem a entrada da Rainha, e as festas, mas as ordens, que o General trazia, lho naõ permittiraõ; e assim passados alguns dias partio a Armada, havendo-selhe primeiro mandado hum grande refresco com muita abundancia de carnes, frutas, e doces, que se repartio por toda a Armada. Ao Duque de Graffton mandou ElRey o mesmo espadim,

e bas-

e baſtaõ de diamantes, que havia levado quando foy ao mar, e ao outro Principe hum broche de grande valor, e joyas de preço a todos os Officiaes, e Cavalheros da Armada, e quantidade de dinheiro à familia inferior, que havia vindo no ſerviço da Rainha.

Determinou-ſe o dia 30 de Agoſto para Suas Mageſtades haverem de fazer a entrada publica do Paço à Sé a dar graças naquella Cathedral ao ſupremo Author das felicidades, para o que ſe erigiraõ vinte arcos de mageſtoſa fabrica, em que os naturaes, e Eſtrangeiros com louvavel emulaçaõ quizeraõ moſtrar a Suas Mageſtades o goſto, com que celebravaõ as ſuas auguſtas vodas. Na tarde do dia referido às quatro horas baixaraõ Suas Mageſtades, e a Senhora Infanta D. Iſabel do Paço ao pateo da Capella a entrar no coche Real, que era de huma magnifica fabrica, acompanhados de todos os Officiaes das ſuas Caſas, Grandes, Preſidentes dos Tribunaes, Fidalgos, e Miniſtros, todos veſtidos de ricas galas, e ornados de precioſas joyas. Seguio-ſe o acompanhamento pela parte da Tanoaria, em que ſem precedencia caminhavaõ os coches dos Grandes precedidos dos Corregedores da Corte, e mais Miniſtros, e eſtes dos Porteiros das Maças, Reys de Armas, Arautos, e Paſſavantes com as ſuas Cotas de Armas deſte Reyno, e ſuas Conquiſtas. Depois de todos os referidos coches hiaõ os dos Eſtribeiros môres; o primeiro, o da Se-

nhora

nhora Infanta, em que naõ hia o Eſtribeiro môr de Sua Alteza, o Conde de Pontevel, por ſer preciſa a ſua aſſiſtencia no Senado da Camera, de que era Preſidente: ſeguia-ſe atraz o do Eſtribeiro môr da Rainha D. Franciſco Maſcarenhas, e em ultimo lugar o do Eſtribeiro môr delRey, D. Joſeph de Menezes, que depois foy Conde de Vianna, e logo immediatamente os coches de reſpeito com a meſma preferencia. Seguia-ſe o coche Real coberto com as guardas dos Archeiros em duas alas, guiadas pelos Tenentes Belchior Rodrigues de Mattos, e Franciſco Rodrigues de Almeida, montados em bons cavallos com cuſtoſos adereços, e atraz do coche os Capitães das meſmas guardas o Conde de Pombeiro D. Antonio de Caſtellobranco, e D. Filippe de Souſa, montados em ſoberbos cavallos ajaezados com grande primor, e cuſto: hum pouco diante do meſmo coche hiaõ os Eſtribeiros Manoel Galvaõ, e Franciſco Banha, e os Moços da Eſtribeira, e logo quarenta Moços da Camera de huma, e outra banda das portinholas do coche Real, todos veſtidos com bellas galas: detraz do coche das Mageſtades, e das guardas marchavaõ as Camereiras môres da Rainha, e Infanta, a que ſe ſeguiaõ os coches das Damas, e Senhoras de Honor da Rainha, e Infanta.

Tanto, que o coche Real chegou defronte da porta de Santo Antonio, onde eſtava o Senado da Camera, o ſeu Preſidente o Conde de Pontevel

Nuno

Nuno da Cunha de Ataide chegou ao coche com os Vereadores, a ſaber: os Deſembargadores Joaõ Coelho de Almeida, Ignacio do Rego de Andrade, Antonio da Coſta Novaes, Franciſco da Fonſeca Siſnel, Sebaſtiaõ Ruys de Barros, Franciſco Ferreira Bayaõ, o Eſcrivaõ da Camera Antonio Rebello, e os Procuradores da Cidade Miguel de Mello, e Franciſco Pereira de Viveiros, e os Procuradores dos Meſteres, com todos os mais Officiaes, e Miniſtros do Senado: e parando neſte lugar o coche, o Doutor Joaõ Coelho de Almeida, hum dos Vereadores do Senado, a quem por mais antigo tocou repreſentar a Suas Mageſtades em nome delle, e da Cidade, a alegria, que lhe cauſava aquelle dia, de que ſe havia ſeguir a felicidade de todos os ſeus Vaſſallos, o executou em huma Oraçaõ muy bem feita, o que o povo applaudio com alegres vivas. Acabada a arenga, o Preſidente offereceo a Suas Mageſtades as chaves da Cidade em huma ſalva dourada em nome do povo della, El-Rey pegandolhe as tornou a entregar ao meſmo Preſidente.

Entraraõ Suas Mageſtades na Sé, onde o meſmo Senado os recebeo com hum Paleo muy rico, em cujas varas pegavaõ o Preſidente, e Vereadores: eſtavaõ à porta daquella Cathedral o Cabido com o ſeu Arcebiſpo debaixo de rico Paleo com a Reliquia do Santo Lenho, que Suas Mageſtades, e Alteza adoraraõ, para o que ſe poz huma alcati-

fa,

ſa, e almofadas, que os Repoſteiros trouxeraõ no acompanhamento; e o Marquez de Alegrete Manoel Telles, Gentil-homem da Camera, que aſſiſtia de ſemana, accommodou a almofada para El-Rey ajoelhar, e o Duque de Cadaval D. Nuno a almofada da Rainha, e o Conde de Val de Reys a da Senhora Infanta. Feita a adoraçaõ, acompanharaõ Suas Mageſtades, e Alteza a Sacroſanta Reliquia até o Altar môr, onde eſtava hum rico ſitial, em que Suas Mageſtades fizeraõ oraçaõ. Eſtava o Templo armado com a mayor grandeza, e cuſto, que ſe póde imaginar; e cantados os Hymnos, e Orações, que a Igreja coſtuma em ſemelhantes acções, voltaraõ Suas Mageſtades pela meſma fórma pelo Terreiro do Paço, aonde ſe recolheraõ entre acclamações, e demonſtrações feſtivas de toda a Cidade.

Segundo o coſtume do Reyno ſe continuaraõ as feſtas, em que houve tres dias de Touros, em que no primeiro toureou o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora; e no ſegundo Dom Lourenço de Almada, e no terceiro o Conde de Villa-Flor D. Chriſtovaõ Manoel, em que ſobre a deſtreza dos Cavalleiros em primoroſas ſortes, ſe admirou a grandeza na exceſſiva comitiva de criados, com que cada hum cobrio o corro, ricamente veſtidos com excellentes invenções. Seguio-ſe à feſta dos Touros a de artificios de fogo, que com grande primor ſe executaraõ por tres dias no mar,

e na terra, feitos pela direcçaõ do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Védor da Fazenda, em quem a grandeza do animo competio com as excellentes virtudes, de que foy ornado. Ao mesmo tempo se celebraraõ em todo o Reyno os Augustos desposorios de Suas Magestades.

Foy esta uniaõ abençoada por Deos, porque sobre a grande harmonia, em que viveraõ ditosamente estes Principes, a fecundidade da Rainha, a que se ajuntavaõ grandes virtudes, a faziaõ universalmente amada dos seus Vassallos; porque deste Real thalamo se seguio a mayor ventura de Portugal. No dia 30 de Agosto, que se compria hum anno, em que os Reys haviaõ ido à Cathedral de Lisboa, renderlhe as graças daquella uniaõ, e pedirlhe a mayor felicidade della, que era a successaõ, deu a Rainha à luz hum Principe com grande satisfaçaõ dos seus Vassallos, que em breves dias sentiraõ a sua falta. Porém como aquelle naõ era o Principe, que Deos havia promettido para a perpetuidade da Monarchia Portugueza, em breve satisfez os votos de todos os seus Vassallos; porque a Rainha os encheo de huma viva esperança, que Deos satisfez no dia 22 de Outubro do anno seguinte de 1689 com o Principe D. Joaõ, seguindo-se depois, com alguma interpolaçaõ, tres Infantes, e duas Infantas, como adiante veremos, glorioso fruto deste Real thalamo, que com geral sentimento naõ chegou a durar doze annos perfeitos, sendo a pena delRey inexplicavel.

Esta continuada felicidade, que entaõ applaudiaõ os Vassallos, se fazia ainda mais estimavel na doce tranquillidade, e na suavidade da paz, que por tantos annos gozaraõ, ao mesmo tempo, que na Europa ardia em toda a parte huma sanguinolenta guerra; e por esta causa mereceo entaõ ElRey D. Pedro o titulo de *Pacifico*, como dissemos, nome, que os seus Vassallos repetiaõ com veneraçaõ.

Havia pouco, que respirava Europa da cruel guerra, que havia padecido, quando succedeo a morte delRey D. Carlos II. de Castella em o primeiro de Novembro de 1700, e aberto o seu Testamento se achou chamar à successaõ da sua larga Monarchia a Filippe de França, Duque de Anjou, seu sobrinho, que acclamado Rey em Madrid a 24 de Novembro, e entrando de posse, mostraraõ entaõ os interesses do nosso Reyno ser conveniente reconhecer este Principe por verdadeiro possuidor daquella Monarchia, e nesta conformidade passou a Portugal com o caracter de Enviado D. Domingos Cappecellatro, e na Corte de Madrid continuou com o mesmo emprego Diogo de Mendoça Corte-Real, que já havia annos, que residia nella por Enviado Extraordinario delRey D. Pedro. Interessava-se na sua conservaçaõ ElRey Christianissimo Luiz XIV. a quem chamaraõ o *Grande*, avô delRey D. Filippe: e propondo à nossa Corte hum novo Tratado de alliança, o veyo finalmente a conseguir, e outro com Hespanha, e ambos se assinaraõ

raõ no meſmo dia de 18 de Junho do anno de 1701, ſendo hum dos artigos o auxiliar as noſſas armas com huma Armada, que defendeſſe o porto de Liſboa de alguma invaſaõ de inimigos, e ſe ſeguraſſem os noſſos mares, em virtude do que a 21 de Setembro de 1701 deu fundo em Caſcaes huma Eſquadra, que mandava o Conde de Chaternau, Vice-Almirante da Armada de França, a qual ſe compunha de vinte e hum navios de guerra, de fogo, e ſerviço da Armada.

Entrou a Armada pela barra, ſalvando a nao do General as Torres de S. Lourenço, S. Juliaõ, e Belem, que lhe reſponderaõ com igual numero de tiros. Tanto, que a Armada deu fundo no rio, o Preſidente Roville, que reſidia neſta Corte com o caracter de Embaixador de França, pedio ao Secretario de Eſtado audiencia de Sua Mageſtade, dizendolhe, que o Conde de Chaternau deſejava ir à ſua Real preſença; porque naõ queria executar as ordens delRey Chriſtianiſſimo, ſem primeiro receber as de Sua Mageſtade, como elle lhe mandava. Havia ElRey neſte dia ſahido fóra, e chegando ao Paço à noite, ſe aviſou ao Embaixador de França, que podia ir à audiencia com o General da Armada: foy eſta audiencia particular, e ſem as ceremonias coſtumadas. Entraraõ às nove horas da noite à preſença delRey, que mandou cobrir ſómente ao Embaixador, e ElRey honrou muito ao General com palavras de eſtimaçaõ, dizendolhe a muita,

Memorias m. ſ. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. X. pag. 392.

muita, que fazia da sua pessoa, e o quanto lhe fora grata a eleiçaõ, que della fizera ElRey Christianissimo, e outras semelhantes attenções, com que sahiraõ o Embaixador, e o General muy satisfeitos da sua presença. Ordenou-se a Joaõ Rebello de Campos, Corrector da Fazenda Real, que dispuzesse hum grande refresco para a Armada, o qual levou a 26 do referido mez, em tanta abundancia, que o General o mandou repartir por todos os navios da sua Armada. A 3 de Outubro teve audiencia de Sua Magestade para pôr na sua Real presença os Cabos, Officiaes, e pessoas de mayor distinçaõ da Armada. Foy o General conduzido nos coches do Embaixador de França, e os Officiaes, que vieraõ nos seus escaleres, desembarcaraõ na praya da Corte-Real. Estava ElRey na casa costumada do Paço da Corte-Real, coberto, assistido dos Grandes, e dos seus criados, todos no lugar, que lhe competia. Entrou o Conde de Chaternau com cento e cincoenta Officiaes muy luzidos, e depois de haver fallado a ElRey, lhos apresentou todos, que enchendo a casa fizeraõ hum circulo: ElRey honrou muito a todos com agradavel presença, e estava com o chapeo na cabeça, que nunca tirou, e despedidos, satisfeitos da sua Real attençaõ, se recolheraõ aos seus navios.

Era o fim desta Armada segurar o porto de Lisboa de algum insulto da Armada Ingleza, que governava o General Rook; porque se tinha espa-

lhado,

lhado, que os Inglezes sentidos do nosso Tratado com França emprenderiaõ alguma facçaõ, sendo ella a que désse o primeiro aviso do rompimento. O que deu motivo a determinarse a defensa de Lisboa, e a prevenir os Lugares maritimos da nossa Costa. Foy logo guarnecida a Cidade de Infantaria, e Cavallaria, e encarregando-se o governo della a Generaes de grande valor, se distribuiraõ os empregos na fórma seguinte. Na Ribeira desde a porta do Conde de Coculim até Xabregas, o Conde de Atalaya Dom Luiz Manoel de Tavora, do Conselho de Guerra; da Ribeira até à Boa vista o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, do Conselho de Estado; deste lugar até o Forte de Alcantara o Conde de Alvor Francisco de Tavora, do Conselho de Estado. A Torre de S. Juliaõ da Barra como mais importante, se entregou ao Marquez das Minas Dom Antonio Luiz de Sousa, do Conselho de Guerra, juntamente com todos os Fortes até o Paço de Arcos, e os mais, que se seguem até Cascaes, com o governo desta Praça. Os Fortes, que guarnecem toda a Marinha, se encommendaraõ a Officiaes experimentados, e pessoas da primeira grandeza. A Praça de Setuval foy governar Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa, e para Peniche foy o Marquez de Niza D. Francisco Balthasar da Gama, do Conselho de Guerra. A Armada Real se entregou ao seu General o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, de quem era

era Almirante o Conde do Rio Grande Lopo Furtado de Mendoça.

Desta sorte se havia preparado o porto de Lisboa, quando se deu por certo, que a Armada Ingleza, que governava o General Rook, se recolhera ao Canal, havendo sómente expedido para fóra trinta navios, cujo destino se ignorava. O General Chaternau com esta noticia, juntamente com o Embaixador, pediraõ audiencia a Sua Magestade, que lha concedeo particular à noite, na qual lhe representaraõ, que era conveniente, que a Armada, que se achava neste porto, passasse ao de Cadiz a unirse com a do Conde de Estrees, para tomarem noticia do rumo, que haviaõ seguido os trinta navios Inglezes, que se apartaraõ do Almirante Rook; e que no caso de ser necessario, que elle fosse à altura das Ilhas dos Açores esperar as nossas frotas, o faria seguindo as ordens, que tinha del-Rey de França para este mesmo intento: e que tambem se lhe constasse, que os navios Inglezes tivessem tomado a derrota das Indias de Hespanha, determinava ir em seu seguimento, (e na verdade este era o intento, passar às Indias a conduzir os galeoens com os cabedaes de Hespanha.) ElRey lhe respondeo logo promptamente na mesma audiencia, sem ter ouvido o Conselho de Estado, dizendolhe, que podia sahir com a sua Armada deste porto quando lhe parecesse, porque naõ desejava faltar a cousa alguma, em que ElRey de França tivesse

vesse conveniencia; e que assim queria, que o Conde de Chaternau fizesse, o que fosse mais util àquelle fim. Tratou logo o General de pôr corrente a Armada de tudo o que necessitava para se fazer à véla; e ultimamente pedio audiencia o Embaixador de França para Chaternau se dispedir, e agradecerem ambos a Sua Magestade a urbanidade, e grandeza, com que se houvera com a Armada de França neste porto. Era o Duque de Cadaval conferente do Embaixador de França, o qual lhe disse, que a marinhagem da Armada Franceza necessitava de algum tabaco de fumo, e que pedia a Sua Magestade lho mandasse dar no Estanco pelo seu dinheiro, e que fiasse do Embaixador, que aquelle tabaco naõ teria outro consumo, nem com elle se faria fraude à fazenda Real. Ordenou Sua Magestade, que se lhe désse logo graciosamente por conta da sua Real fazenda quinze mil arrateis de tabaco, que se mandaraõ pagar ao Contratador, e El-Rey mandou ao General huma joya de muito valor.

Despedido o Conde de Chaternau, levou ferro, e passando pela Capitania da Armada Portugueza, que estava por cima de Belem, em que se achava embarcado o Conde de S. Vicente, General della, a salvou com onze pessas, e lhe respondeo o Conde de S. Vicente com outras onze, e passando pela Torre de Belem lhe fez a mesma salva, e a Torre lhe respondeo igualmente; e sahindo

pela

pela barra a 20 de Outubro do referido anno de 1701 foy na volta de Cadis. Estava ordenado neste tempo a D. Joaõ Diogo de Ataide, Mestre de Campo de hum dos Terços da Guarniçaõ da Corte, que se achava embarcado, para que sahisse a correr a nossa Costa com outro navio, que governava D. Luiz de Almada; e como D. Joaõ levasse ancora primeiro, que a Armada de França, naõ podendo sahir naquella maré, deu fundo na bahia de S. Joseph: logo, que D. Joaõ passou a Torre, poz no mastro da mezena a bandeira, que pertencia ao seu posto; quando passou a Capitania de França a salvou D. Joaõ com onze pessas, e Chaternau lhe respondeo com outras tantas, e depois de terem os comprimentos costumados no mar de se lhe agradecerem as salvas, se foraõ de ambas as partes diminuindo os tiros, até que ficou a Capitania de França em tres; e unindo-selhe na outra maré o navio de D. Luiz, foraõ ambos logo pela barra a correr a Costa. Nesta Armada se embarcou huma grande parte da primeira Nobreza.

No anno seguinte de 1702 em 15 de Julho chegou ao rio de Lisboa em huma fragata de guerra Ingleza o Principe Jorge Darmstad, primo com irmaõ da Rainha D. Maria Sofia, e dando fundo defronte das Tercenas, na mesma tarde desembarcou, e foy para casa do Conde de Valdestein, Embaixador de Alemanha, que já havia tido a sua audiencia de despedida, e morava este Ministro nas

casas do Visconde da Asseca, que tem communicaçaõ com a marinha; e assim na porta, que tem para o mar, desembarcou o Principe, e pedio audiencia a ElRey, que foy servido darlha no dia 29 às dez horas da manhãa, aonde o conduzio o Conde de Assumar D. Joaõ de Almeida, Veador da Casa Real, e o esperou no primeiro degrao da escada do Paço da Corte-Real. ElRey estava na casa de dentro à em que dava audiencia, e nesta estavaõ alguns Officiaes da sua Casa, e alguns Grandes. Na Camera delRey se achavaõ o Marquez de Marialva, seu Mordomo mòr, e Gentil-homem da sua Camera, que estava de semana; o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera; o Conde de Vianna, Estribeiro mòr, e tambem Gentil-homem da Camera; o Duque de Cadaval; e Joseph de Faria, que servia de Secretario de Estado, e entre estas pessoas naõ houve differença, nem preferencia de lugares. Entrou o Principe de Darmstad conduzido pelo Conde de Assumar, e ElRey estava encostado no bofete, e naõ poz o chapeo na cabeça, e lhe fallou com muito agrado, e quando se despedio, ficou no mesmo lugar, em que estava encostado ao bofete. O Conde de Assumar ficou na mesma casa em quanto durou a audiencia, e o tornou a conduzir ao mesmo lugar. A sua liteira entrou no saguaõ da Corte-Real; porém as guardas naõ lhe pegaraõ nas armas. Era o Principe de Darmstad muy addicto às conveniencias do Emperador, a quem

servia,

ſervia, e como ElRey naquelle tempo havia feito a liga com França, e Heſpanha, os Miniſtros deſtas Cortes, que eraõ o Preſidente Roville, Embaixador de França, e o Enviado de Caſtella Dom Domingos Capecellatro, repreſentaraõ a Sua Mageſtade, que naõ devia conſentir na ſua Corte hum Principe totalmente oppoſto às duas Coroas de França, e Heſpanha, com quem Sua Mageſtade eſtava ligado, principalmente naõ tendo o Principe negocio, nem intereſſe proprio, que o trouxeſſe a Lisboa. Determinou ElRey mandarlhe hum recado pelo Secretario de Eſtado Joſeph de Faria, que lhe diſſeſſe, que a conjunctura preſente naõ dava lugar à ſua aſſiſtencia neſte Reyno, e ainda que com muito pezar delRey, era preciſo dizerlhe, que ſahiſſe logo delle. O Principe de Darmſtad lhe reſpondeo, que logo o faria, e a 16 de Agoſto embarcou no navio Inglez, em que tinha vindo, que eſtava na bahia de Caſcaes, a que ſe ajuntou outro, em que tinha vindo D. Joaõ Methuwin, pay de D. Paulo Methuwin, Enviado de Inglaterra, que reſidia neſta Corte, aonde já ſeu pay havia tido o meſmo emprego, que vinha reveſtido de grandes poderes, e começou logo a negocear com taõ boa direcçaõ, que elle foy o primeiro motor de entrar ElRey D. Pedro na grande alliança, que o Emperador havia feito com Inglaterra, e Hollanda, como adiante ſe dirá.

No meſmo anno entrou em Portugal pela Ci-

dade de Miranda o Almirante de Caſtella D. Joaõ Thomás Henriques, e caminhando em direitura a Lisboa, parou no Lugar de Villa-Longa na Quinta do Conde de Val de Reys, de donde eſcreveo ao Secretario de Eſtado Mendo Foyos Pereira, dizendolhe, que por dependencias particulares ſuas deixava a Patria, e paſſara a Portugal, com animo de ſe pôr aos pés delRey, e buſcar o ſeu Real amparo. O Secretario lhe reſpondeo com palavras geraes aconſelhandolhe, que ficaſſe naquelle ſitio; porém elle lhe reſpondeo, que naõ tinha alli o neceſſario para a ſua familia, pelo que paſſava a Belem para a Quinta (que entaõ era) do Conde de S. Lourenço, onde já ſe achava parte do ſeu fato. Publicou entaõ o motivo da ſua reſoluçaõ, que naſcera, porque a Corte de Madrid o nomeara Embaixador Ordinario para reſidir na Corte de Pariz, contra o uſo daquella Corte, que naõ permittia, que os homens da ſua grandeza aceitaſſem, ſenaõ o caracter de Embaixadores Extraordinarios; e ſendo compellido a fazer huma couſa contra a ſua peſſoa, e grandeza, ſe paſſara a eſte Reyno, e deixando o caminho para França, tomara o de Portugal, e remettendo pelo ſeu Secretario à Rainha de Caſtella todas as inſtrucções, e papeis da ſua Embaixada, o deſpedio da ſua companhia, mandando-o para Madrid. O Embaixador de Alemanha, que aqui ſe achava, tanto, que teve eſta noticia, intentou perſuadir, que o Almirante vinha determinado a reconhecer

nhecer o Archiduque Carlos Rey de Castella, e foy a Villa-Longa incognito a ver o Almirante; este lhe naõ quiz fallar, respondendo, que se presumira, que naquelle lugar se havia de encontrar com sua Excellencia, naõ viera por aquella estrada. Havia já o mesmo Embaixador tomado, e preparado as casas de Manoel Lobo da Sylva a Santa Apollonia, publicando, que eraõ para o Almirante, e mandandolhas offerecer, naõ as quiz aceitar; e no dia 24 de Outubro do referido anno de 1702 chegou o Almirante a Lisboa, e foy pousar a Belem na Quinta do Conde de S. Lourenço, onde depois o visitou toda a Corte. Havia trazido comsigo a seu sobrinho D. Pascoal Henriques, filho herdeiro de seu irmaõ o Marquez de Alcaniças, o qual ou fosse suggerido pelo Almirante, ou por propria resoluçaõ do mesmo Fidalgo, buscou a casa do Enviado de Castella, que aqui se achava, e lhe disse, que elle queria passarse à obediencia delRey Dom Filippe, e ficando em casa do Enviado, pedio este Ministro a ElRey D. Pedro o mandasse segurar até Badajoz, e se ordenou ao Corregedor do Crime do Bairro Alto Crispim Mascarenhas, que o acompanhasse até o pôr na Raya de Castella, o que com effeito se executou. Naõ buscou o Almirante ao Enviado de Castella, nem ao Embaixador de França, e teve audiencia delRey. Achava-se na galaria o Porteiro da Camera, e entrando nella o Almirante, sem que fosse conduzido por pessoa alguma,

ma, nem menos haver entrado a ſua carruagem no ſaguaõ do Paço, lhe diſſe, que ſe ſua Excellencia pertendia fallar a Sua Mageſtade, daria recado ao Gentil-homem da Camera, que eſtava de ſemana, e reſpondendolhe, que iſſo pertendia, deu o Porteiro da Camera recado ao Conde de Vianna, e elle lhe ordenou diſſeſſe ao Almirante, que Sua Mageſtade o eſperava; e entrando, ElRey praticou com elle o meſmo, que com o Principe de Darmſtad, eſtando em pé encoſtado a hum bofete, onde tinha o chapeo, e fallandolhe com muito agrado, ſe deſpedio. Na Caſa, que era a meſma já referida, eſtiveraõ o Conde de Vianna, Gentil-homem da Camera, que eſtava de ſemana, o Marquez de Alegrete, o Duque de Cadaval, o Secretario de Eſtado Mendo Foyos Pereira, e Joſeph de Faria, que ſervia por elle a dita occupaçaõ. Teve depois audiencia do Principe, e Infantes, na qual ſe obſervou o meſmo, que na delRey; porque eſtavaõ em huma caſa immediata à antecamera do quarto da Rainha, em que viviaõ, na qual havia hum bofete com duas cadeiras de cada parte, e encoſtados ao bofete, e cadeiras eſtavaõ Suas Altezas; o Principe tinha à ſua maõ eſquerda os Senhores Infantes D. Franciſco, D. Antonio, e D. Manoel; de traz da cadeira do Principe eſtava a Condeſſa de Pombeiro, Senhora de Honor, na auſencia da Marqueza de Unhaõ, Aya de Suas Altezas; na caſa aſſiſtiraõ ſem preferencia o Duque Mordomo

domo môr, e os Veadores de Suas Altezas, e o Principe, e Infantes tinhaõ o chapeo na maõ. Na mesma tarde foy o Almiranre à audiencia da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, que estava na sua antecamera em estrado, assentada em cadeira debaixo do docel; acompanhavaõ-na da parte direita as Marquezas, Condessas, e muitas Senhoras, e da parte esquerda muitos Grandes, e Fidalgos, com a mesma ordem, e preferencia, que costumaõ ter na casa delRey, e como a Rainha naõ havia de mandar cobrir ao Almirante, naõ mandou cobrir aos Grandes. Entrando o Almirante achou a Rainha em pé encostada à cadeira, que estava no estrado debaixo do docel, e elle por obsequio quando chegou onde estava a Rainha, poz o joelho no chaõ, e dizendolhe a Rainha, que naõ estava assim bem, se levantou, e fallou em pé descoberto, e a Rainha lhe respondeo com igual agrado, que discriçaõ. Naõ tardou muito em se descobrir a devoçaõ do Almirante ao Emperador Leopoldo, a quem todo se havia offerecido, como elle declarou em hum Manifesto, que entaõ imprimio, em que vem as repostas das Cartas do Emperador. Em Castella se procedeo contra o Almirante, até que por sentença foy condemnado à morte, e confiscados todos os seus bens, e publicada a sentença no Conselho Real de Castella a 17 de Agosto de 1703. Havia já o Emperador Leopoldo I. feito huma liga offensiva, a que chamaraõ a *Grande Alliança*,

com

com Inglaterra, e Hollanda, na qual depois entrou Saboya, ſendo o fim deſta alliança meterem de poſſe da Monarchia de Heſpanha ao Archiduque Carlos, filho ſegundo do Emperador.

Convidaraõ os intereſſados da grande alliança a ElRey D. Pedro a entrar naquelle Tratado, com o qual lhe offereceraõ condições muy ventajoſas à noſſa Coroa: e diſcorrendo os Miniſtros Portuguezes o eſtado da Europa, perſuadiraõ muitos a ElRey, que abraçaſſe as propoſições, que lhe facilitavaõ os Miniſtros, que tratavaõ eſte negocio. Eraõ elles Carlos Erneſto, Conde de Valdeſtein, Embaixador do Emperador, D. Joaõ Methwin, e D. Paulo Methuwin ſeu filho, Miniſtros de Inglaterra, e D. Franciſco de Schonomberg, Miniſtro de Hollanda, que todos reſidiaõ neſta Corte, e trabalharaõ eſte negocio com grande cuidado. O qual finalmente depois de debatido por huma, e outra parte, ſe reduzio a hum Tratado de liga offenſiva entre o Emperador, e ElRey de Portugal com as mais Potencias intereſſadas na grande alliança, o qual ſe aſſinou em Lisboa a 16 de Mayo de 1703, em que foraõ Plenipotenciarios por parte de Portugal o Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de Mello, o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, o Conde de Alvor Franciſco de Tavora, o Secretario de Eſtado Joſeph de Faria, e o Secretario Roque Monteiro Paim, e da parte do Emperador o Conde de Valdeſtein, e no meſmo dia

dia se assinaraõ outros Tratados com Inglaterra, e Hollanda da mesma liga, em que foraõ os Plenipotenciarios, de Inglaterra D. Paulo Methwin, e de Hollanda D. Francisco Schonomberg, e de Portugal os mesmos referidos acima.

Pelo referido Tratado se obrigou ElRey de Portugal a sustentar à sua despeza sómente doze mil Infantes, e tres mil cavallos. E que para se formar hum Exercito de vinte e oito mil homens, levantaria ElRey mais treze mil homens de gente Portugueza, dos quaes seriaõ onze mil Infantes, e dous mil Cavallos, e seriaõ pagos pelos Alliados, para o que se obrigaraõ a dar a ElRey Dom Pedro hum milhaõ de patacas todos os annos em quanto durasse a guerra, o qual seria pago às mezadas, tendo principio a satisfaçaõ no rompimento da guerra. E além do dito milhaõ de patacas, se obrigaraõ a dar quinhentas mil patacas para o apresto do Exercito, e mais cousas necessarias, as quaes se haviaõ de entregar ao tempo da ratificaçaõ deste Tratado. Os Alliados se obrigaraõ a porem neste Reyno para servirem na guerra todo o tempo, que ella durasse, doze mil homens de Tropas Estrangeiras veteranas, a saber: dez mil Infantes, mil Cavallos ligeiros, e mil Dragoens, todos armados, e pagos à custa dos ditos Alliados, e que à mesma sua despeza mandariaõ hum trem de dez pessas de artilharia de bronze com tudo o que lhe pertencesse, excepto as mulas. E que juntamente com as armas

para os onze mil homens Portuguezes dos treze, que ſe haviaõ mandar levantar, viria outro trem de dez peſſas de artilharia de bronze de calibre de doze até vinte e quatro, o qual trem, e armas haviaõ de ficar como proprias em Portugal, ſem ſe poderem repetir, nem pedir o cuſto dellas. E para ſervir na primeira Campanha mandariaõ os Alliados pôr em Portugal quatro mil quintaes de polvora. E em quanto duraſſe a guerra, todos os annos poriaõ em Portugal o meſmo numero de quintaes de polvora à ſua cuſta, antes que ſe abriſſe a Campanha. E que com a gente Eſtrangeira, que vieſſe de ſoccorro, viriaõ dous Meſtres de Campo Generaes, quatro Generaes de Batalha, quatro Officiaes de Cavallaria, dous Tenentes de Meſtre de Campo General, dous Tenentes Generaes da Artilharia, doze Engenheiros, quarenta Condeſtaveis, dez Officiaes de fogo, vinte Mineiros, todos pagos à cuſta dos Alliados. Com a declaraçaõ, que toda a gente Eſtrangeira, que os Alliados mandaſſem a Portugal, eſtaria naõ ſó ſogeita ao mandado ſuperior del-Rey, mas tambem ao dos ſeus Generaes. E que as Potencias maritimas ſuſtentariaõ nas coſtas, e pórtos de Portugal competente numero de naos de guerra para as guardarem com ſegurança dos inimigos; e aſſim tambem tendo-ſe noticia, de que ſe pertendia fazer invaſaõ em algum dos pórtos de Portugal, mandariaõ a elle numero de navios ſuperior aos dos inimigos. E ſuccedendo fazer qualquer Potencia

tencia guerra nas Conquistas de Portugal, e seus Dominios, ou tendo-se noticia, de que a intentava fazer, dariaõ os Alliados todos os navios de guerra, que fossem necessarios para poderem impedir a tal guerra, o que fariaõ em quanto ella durasse. E estariaõ todos os navios de soccorro às ordens delRey para tudo o que lhe ordenasse; e que passando às Conquistas de Portugal, obedeceriaõ ao que se lhe ordenasse da sua parte pelos seus Vice-Reys, e Governadores nas ditas Conquistas, e Dominios. E tambem quando os navios de soccorro das duas Potencias, em qualquer occasiaõ, ou qualquer caso, que se unissem com os de Portugal, o Cabo da Armada, ou Esquadra Portugueza, seria o que faria os sinaes, e chamaria a Conselho, que se faria na Capitania de Portugal, e do que se determinasse passaria as ordens pelo Cabo da Armada, ou Esquadra Portugueza, as quaes executariaõ os Cabos dos navios auxiliares, cada qual na sua Esquadra. E que se naõ fariaõ pazes, ou tregoas, sem consentimento reciproco de todos os Alliados. E que o Archiduque Carlos viria a este Reyno a desembarcar com todos os soccorros, a que os Alliados se haviaõ obrigado pelo referido Tratado, e sem que tivessem chegado a este Reyno todos os soccorros, assim de gente, como de navios, naõ seria ElRey de Portugal obrigado a romper a guerra. E que tanto, que o Archiduque chegasse a este Reyno, Sua Magestade Portugueza o reco-

nheceria, e trataria como Rey de Heſpanha, aſſim como a poſſuira ElRey D. Carlos II. mas com declaraçaõ, que primeiro havia de conſtar a ElRey D. Pedro juridicamente, que o direito de ſer Rey daquella Monarchia eſtava cedido, e transferido na peſſoa do Archiduque; e outras condições comprehendidas em vinte e nove artigos. Houve mais dous artigos ſecretos pertencentes à meſma liga, nos quaes o Archiduque ſe obrigava; que aſſim, que foſſe reveſtido do direito de Rey de Heſpanha, e Indias Occidentaes, cederia logo, e faria doaçaõ a ElRey Dom Pedro das Praças de Badajoz, Albuquerque, Valença de Alcantara na Provincia da Eſtremadura, e das Praças da Guarda, Tuy, Bayona, e Vigo no Reyno de Galliza, e todas eſtas Praças, Cidades, e Fortalezas, com o territorio de cada huma dellas *in perpetuum* para a Coroa de Portugal; e o direito, que tinha, ou pudeſſe ter às terras ſitas na margem Septentrional do rio da Prata, para que por aquella parte ſe dividiſſem os Dominios da America de huma, e outra Coroa. O que tudo por hum artigo ſecreto ſeparado pertencente à liga ſe corroborou, e depois o Archiduque já reveſtido da dignidade Real, com o nome de Carlos III. os ratificou, como nelles ſe continha.

Neſte tempo reſidia neſta Corte com o caracter de Enviado da Corte de Madrid D. Domingos Capecellatro, o qual com pouca reflexaõ entrou em hum empenho, de que ſahio muy mal. Succedeo

cedeo ir a ſua caſa hum Caſtelhano, ao qual por ter com elle humas razoens, ou por outro motivo premeditado, o prendeo em ſua caſa, e a poucos dias de prezo, em huma noite o mandou violentamente embarcar em hum navio Francez: ſabido eſte caſo, e tambem, que hum criado Portuguez havia ſido o que por ſua ordem levara o Caſtelhano a embarcar, foy o dito criado prezo na Torre de Belem. O Embaixador de França o Preſidente Roville ſe interpoz para compor eſte caſo, dizendo ao Duque de Cadaval, ſeu conferente, que pedia a Sua Mageſtade ſe naõ queixaſſe a ElRey de Caſtella, como determinava; porque o Enviado reporia o Caſtelhano outra vez em Lisboa, e que rogava a Sua Mageſtade mandaſſe ſoltar o criado do Enviado. Reſpondeo-ſelhe, que a queixa a ElRey Catholico Sua Mageſtade a ſuſpenderia, e que o criado do Enviado ſeria ſolto quando o Caſtelhano foſſe repoſto; porque do contrario correria a meſma fortuna, que o Caſtelhano, e que Sua Mageſtade ſuſpendia o Enviado de poder ir à ſua preſença em quanto ſe naõ repunha em Lisboa o Caſtelhano. Eſta repoſta poz em grande conſternaçaõ ao Enviado, porque correo baſtante tempo na diligencia de ſe buſcar o Caſtelhano. Ultimamente antes, que eſte chegaſſe a Lisboa, em 15 de Novembro de 1703 eſcreveo o Enviado ao Secretario de Eſtado dizendolhe, que ElRey ſeu amo o mandava recolher, e retirar da Corte, que pedia a Sua

Mageſ-

Mageſtade o mandaſſe ſegurar até à Praça de Elvas, aonde eſperaria, que chegaſſe a Badajoz o Enviado de Portugal, que eſtava em Madrid, para que hum, e outro ſe recolheſſem às ſuas Cortes. ElRey D. Pedro ſem dar audiencia ao Enviado, nem lhe mandar dar a joya coſtumada, pelo attentado, que havia commettido contra as Leys da hoſpitalidade, naõ quiz faltar em o mandar ſegurar até Elvas, e foy com elle o Ajudante da Cavallaria Joaõ Pereira Fidalgo com trinta Cavallos. Poucos dias antes do Enviado partir, o Caſtelhano, que elle havia prezo, e remettido a Caſtella, chegou voluntariamente a eſta Corte a caſa do Almirante, que mandou dizer ao Secretario de Eſtado, que em ſua caſa eſtava o homem, que o Enviado prendera. Tanto, que eſte teve noticia da chegada do homem, buſcou ao Secretario de Eſtado, e lhe diſſe, que o Caſtelhano, que elle eſtava obrigado a repor, ſe achava em caſa do Almirante, e que aſſim pedia ſe lhe mandaſſe ſoltar o ſeu criado; porém naõ ſe lhe reſpondeo, e o Enviado partio para Elvas, e depois foy ſolto o ſeu criado, que eſtava na Torre de Belem. Neſte meſmo tempo ſe eſcreveo a Madrid ao Enviado Diogo de Mendoça Corte-Real, que ſe recolheſſe a eſte Reyno. Poucos dias depois de lhe chegar eſta ordem a Madrid, huma noite entrou em caſa do Enviado hum Alcaide de Corte, e lhe diſſe, que ſe abſtiveſſe de ſahir fóra, e com effeito o deteve em caſa; e dando conta

Diogo

Diogo de Mendoça por hum Expresso, o Conde das Galveas, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, mandou pôr guardas, e sentinellas ao Enviado, mandandolhe dizer, que naõ tinha outros Alcaides de Corte, com que poder guardar ao Enviado; porém este quiz tomar como obsequio as guardas, que eraõ reclusaõ. Achava-se nesta Corte já por Embaixador delRey de França o Marquez de Châteauneuf, que quiz com muita prudencia mostrar, que a Corte de Madrid naõ procedera contra o Enviado Diogo de Mendoça Corte-Real, porque como estando taõ proximo o rompimento da guerra entre as duas Coroas de Portugal, e Castella, tendo ElRey Catholico noticia, que o povo se alterava contra o Enviado Diogo de Mendoça, o mandara guardar, e segurar. Finalmente a 13 de Dezembro do referido anno entrou em Elvas o Enviado Diogo de Mendoça, e o Enviado D. Domingos Capecellatro passou a Badajoz.

Em quanto isto passava em Portugal, se apressava na Corte de Vienna a jornada do Archiduque, para o que o Emperador seu pay o fez acclamar Rey de Hespanha, e dos mais Dominios pertencentes àquella Coroa a 12 de Setembro de 1703, com o consentimento das Potencias interessadas na grande alliança. E assim com o nome de Carlos III. Rey de Castella sahio da Corte de Vienna, e passando a Hollanda, embarcou em huma Armada,

que

que os Alliados tinhaõ prompta para nella passar a Portugal com os soccorros, que se haviaõ estipulado no Tratado, de que fizemos mençaõ. A 7 de Março em huma sesta feira do anno de 1704 amanheceo sobre a barra de Lisboa a Armada Ingleza, e Hollandeza, de que era Almirante o Cavalleiro Jorge Rook: entrou toda junta por achar vento, e maré, e foy salvada tres vezes com toda a artilharia das Torres, e Fortalezas da marinha, por onde passou, observando-se em cada huma das salvas colherse a bandeira. A Capitania naõ respondeo a nenhuma das ditas salvas em quanto naõ deu fundo, o que fez defronte de Pedrouços, e entaõ salvou com huma andaina de artilharia de estibordo, e outra de bombordo; e tanto, que a Capitania deu fogo à primeira pessa, poz huma bandeira no estais do masto grande por final à Armada, a qual logo toda salvou, e continuando a salva juntamente por toda a Armada, fez huma fermosa, e agradavel vista pelo bem compassado, com que todos os navios seguiraõ a Capitania. Achava-se nesta Corte o Marquez de Châteauneuf, Embaixador de França, que havia sido testemunha dos grandes aprestos, que se haviaõ feito para receber o Archiduque, de que se naõ deu por entendido, e de novo propoz huma neutralidade para o Reyno de Portugal, de que pedia a reposta no termo de quinze dias; neste negociado gastou algum tempo, até que chegando a dar fundo a Armada Ingleza, que condu-

Memorias do Duque de Cadaval D. Nuno m. s. t. XI. pag. 213.

conduzia a ElRey Carlos III. havendo tido audiencia de despedida, partio de Lisboa no dia 8 de Março, passando o Tejo a Aldea-Galega para voltar a Pariz por Hespanha.

Estava ajustado o Ceremonial, que se havia de praticar naõ só entre ElRey Carlos III. e ElRey D. Pedro II. mas entre huma, e outra Corte, de modo, que regulada a fórma, naõ pudesse haver dissabor de nenhuma parte. Nesta conformidade o Conde de Villa-Verde, Védor da Fazenda da repartiçaõ da Marinha, foy logo no mesmo dia a bordo da Capitania, e offereceo ao General da parte delRey seu amo tudo o que pudesse necessitar para a sua Armada, que promptamente se lhe daria nos Armazens delRey; e passando a ver a ElRey Catholico, o recebeo na sua Camera em pé, e descoberto, e despedindo-se, o General o acompanhou até o portaló com grandes cumprimentos de huma, e outra parte.

Encarregou ElRey ao Marquez de Marialva, seu Gentil-homem da Camera, que servia de seu Mordomo mór, a quem por este exercicio tocava cumprimentar da sua parte a ElRey Catholico, e ao Duque de Cadaval, Mordomo mór, que fora da Casa da Rainha sua mulher, e se conservava a mesma Casa no serviço de Suas Altezas, que fosse da parte da Rainha da Grãa Bretanha, sua irmãa, e do Principe do Brasil, e dos Senhores Infantes, seus filhos, a dar a boa vinda a ElRey Carlos. Po-

rém o Marquez de Marialva se deteve tanto, que entendendo o Duque, que já teria feito a sua commissaõ, embarcou em hum bargantim acompanhado do General de Batalha Diogo Luiz Ribeiro, e Tristaõ de Mendoça, Tenente General da Cavallaria da Corte, e em outro bargantim hia hum grande numero de Officiaes de guerra. Chegou já de noite, e o General o esperou ao portaló, e o conduzio acima. Entre as pontes estava o Principe de Lichtenstein, Ayo, e Mordomo môr delRey D. Carlos, que o conduzio até a primeira Camera, dizendolhe, que hia dar recado a ElRey Catholico. Entrou o Duque na segunda Camera, em que estava ElRey só, em pé, e descoberto, e tanto, que o Duque lhe fez a primeira reverencia, deu ElRey huns passos largos a recebello quasi até o meyo da Camera, e deulhe o Duque o recado, que levava: o primeiro foy o cumprimento da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, viuva de Carlos II. Rey daquella Coroa, querendo ElRey D. Pedro, que precedesse ao Principe, e deste foy o segundo, e o terceiro da parte dos Infantes. Depois delRey Catholico haver respondido aos referidos cumprimentos, o Duque fez hum da sua parte, a que ElRey respondeo com grande benevolencia; e tanto, que o Duque fez a reverencia para voltar, ElRey deu outros passos, como na entrada, e o Principe de Lichtenstein o acompanhou até o lugar, em que o havia recebido, e na mesma fórma o General da Armada.

mada. O Marquez de Marialva chegou à Capitania às onze horas da noite em hum bargantim, e outro, em que hiaõ os ſeus criados, a tempo, que ElRey Catholico eſtava já recolhido, e voltou ſem lhe dar recado, o que fez no outro dia, que era Sabbado.

No Domingo, que ſe contavaõ 9 de Março, levou ferro a Capitania Ingleza, chamada a *Real Catharina*, em que vinha ElRey Catholico, e veyo dar fundo defronte da Corte-Real, ſendo ſalvada de todos os Fortes da Marinha por onde paſſou, na meſma fórma, que o fizeraõ as Torres, e mais Fortes na entrada da barra. Tanto que deu fundo, mandou ElRey Catholico ao Principe de Lichtenſtein, ſeu Ayo, e Mordomo môr, a cumprimentar a ElRey, e darlhe o pezame da morte da Infanta D. Thereſa ſua filha, que a 16 de Fevereiro morreo de bexigas, poucos dias antes de cumprir oito annos. ElRey o recebeo na ſua Camera ſó, e deſcoberto, e havendo-o tratado com grande benignidade, voltou com a repoſta para a Capitania. Na hora, que ſe havia aſſentado, ſahio ElRey do Paço da Corte-Real, (entaõ andava a Corte de luto pela morte da Senhora Infanta D. Thereſa, o que ElRey ſuſpendeo neſta occaſiaõ, ordenando, que toda a Corte veſtiſſe de gala por tres dias, e depois tambem aliviou o luto, permittindo, que veſtiſſe de pano branco forrado de preto, que naõ foſſe ſeda) e ornando-ſe ElRey da ſua natural ga-

lhardia, brilhavaõ com ventura os adornos. Hia vestido em corpo com casaca de veludo cor de prata, forrada de seda adamascada cor de fogo, botoens do mesmo veludo, vestia de veludo cor de fogo, forrada da mesma seda, calções do mesmo, meyas da cor da vestia, çapatos negros com fivellas de diamantes, no chapeo centilho, e prizaõ, e o habito de Christo, tudo de diamantes de hum grande valor. Hia acompanhado de toda a Corte, e das pessoas a que he permittido acompanhar aos Reys em semelhantes occasioens, todas vestidas como elle, segundo a Pragmatica, mas com grande luzimento, e despeza; e vindo pelo passadisso do Paço da Corte-Real para o do Forte, desceo à ponte, que se tinha fabricado do Forte até o mar.

Havia ElRey encarregado a obra desta ponte a D. Joaõ da Costa, III. Conde de Soure, seu Provedor das Obras, em quem concorriaõ excellentes partes; porque era naturalmente animado de hum espirito generoso, e com huma actividade taõ viva, que nenhuma cousa lhe parecia difficultosa poder executar; e assim o seu cuidado em breves dias fez construir da parte do mar hum magnifico espaço com huma Cupula, ou Domo, taõ bem executada pelos primores da arte, que era de agradavel vista; no fim, aonde fazia principio a entrada da ponte, era dourada, e pintada com grande primor, e guarnecida com Estatuas, e Inscripções proprias do assumpto. O portico por onde se entrava no saguaõ

guaõ do Forte era tambem de admiraveis talhas magnificamente dourado, e pintado. Era esta ponte, ou transito do mar para o Paço, espaçosa, e com tanta largura, e proporções geometricas, que sem confusaõ, nem embaraço, antes com boa ordem, coube todo o grande acompanhamento de Sua Magestade. A guarda dos Archeiros na fórma costumada estava por hum, e outro lado, e na ultima escada, aonde batia o mar, estava o bargantim Real, e por huma, e outra parte os bargantins para os Grandes, Officiaes, e mais pessoas, que acompanhavaõ a ElRey.

Entrou Sua Magestade em hum bargantim todo ornado de huma bella talha dourada com a Camera guarnecida, e toldo de téla encarnada, e por dentro na mesma fórma com duas cadeiras da mesma téla, com vinte e quatro Remeiros vestidos de grãa guarnecidos de prata, e o Estandarte Real soberbamente bordado. Ao entrar ElRey no bargantim, o Conde de Villa-Verde, a quem pelo lugar de Védor da Fazenda da repartiçaõ da Marinha tocava a preeminencia de dar a maõ a Sua Magestade, cumprio com aquella ceremonia tendo o melhor lugar. Entraraõ no bargantim o Duque D. Jayme, genro delRey, que ainda naõ era do Conselho de Estado, e poucos mezes depois lhe fez ElRey esta merce; o Duque de Cadaval seu pay; o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Gentil-homem da Camera, ambos do Conselho de

Estado;

Estado; Dom Antonio Pereira da Sylva, Bispo de Elvas, Secretario de Estado, e naõ se acharaõ mais Conselheiros de Estado nesta occasiaõ por estarem impedidos; o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, Gentil-homem da Camera, que servia de Mordomo mór na menoridade do Conde de Santa Cruz D. Martinho Mascarenhas; o Conde de Vianna D. Joseph de Menezes, Estribeiro mór, e Gentil-homem da Camera, que estava de semana; e Alvaro de Sousa e Mello, Porteiro mór. Assim, que ElRey se embarcou no bargantim Real, os Grandes, e Officiaes da Casa entraraõ nos bargantins, e escaleres, que estavaõ promptos, sem que houvesse precedencias, e em cada huma das referidas embarcações estava hum Capitaõ de mar, e guerra, ou Tenente das naos da Coroa. Todos os bargantins estavaõ toldados de varias sedas com os Remeiros vestidos de encarnado: o mar estava todo coberto de barcos, e diversas embarcações, que faziaõ huma fermosa vista, e pelas bordas da marinha grande numero de povo, soando de todos os navios huma harmoniosa confusaõ de instrumentos, e trombetas.

O Conde Védor da Fazenda mandou ao Patraõ mór fizesse vogar o bargantim Real, e o mesmo fizeraõ todos os de mais escaleres, que acompanhavaõ a ElRey, que havia pouco antes ordenado ao Conde, que mandasse ferrar o Estandarte Real, e ferrado elle pelo Patraõ mór, arreou a Ca-

pitania

pitania a bandeira, largando ao mesmo tempo immensidade de flamulas pelas vergas, e ensarceas do navio, que ficou com bella vista. Tanto, que o bargantim Real chegou à escada, que na Capitania mandara pôr o Conde de Villa-Verde, sobiraõ diante todos os que acompanhavaõ a ElRey, ficando só detraz o Conde de Vianna, Gentil-homem da sua Camera, que estava de semana, e o Conde de Villa-Verde deu a maõ a ElRey ao sobir da escada. No portaló da banda de dentro estava ElRey D. Carlos III. acompanhado da sua familia; e assim, que se avistaraõ os Reys, se deraõ os braços, e com hum breve cumprimento sobiraõ acima, ElRey Catholico deu sempre a maõ direita a ElRey de Portugal, e tambem a porta, e a melhor cadeira. Entraraõ as Magestades na Camera, em que naõ havia mais, que duas cadeiras, e hum bofete coberto com hum pano; a em que ElRey se sentou, lhe chegou o Conde de Vianna, seu Gentil-homem da Camera, a delRey Catholico o Principe de Lichtenstein seu Ayo, e Mordomo môr; e depois de estimarem ambas as Magestades reciprocamente a occasiaõ daquella vista, e uniaõ, disparou a Capitania toda a artilharia, e todos os mais navios da Armada seguiraõ a salva: acabada ella, deu o Conde de Villa-Verde, Védor da Fazenda, recado, que o bargantim estava prompto. Levantaraõ-se os Reys, e pelo mesmo caminho, porque haviaõ ido, chegaraõ ao portaló, e fazendo ElRey

cumpri-

cumprimento ao Catholico para que passasse primeiro, o fez assim, e na escada, que descia para o bargantim, lhe deu o Conde de Villa-Verde a maõ, e fazendo o mesmo a ElRey de Portugal, entraraõ os Reys no bargantim Real, e o de Castella se assentou à maõ direita. O Conde de Villa-Verde mandou vogar o bargantim, e largar o Estandarte Real, e em quanto os Reys estiveraõ no mar, naõ largou a Capitania Ingleza a bandeira, que havia arreado. Entraraõ no bargantim Real de mais das pessoas, que haviaõ acompanhado a ElRey, os Principes de Lichtenstein, o de Darmstad, o Almirante de Castella, e o Conde de la Corsana. No bargantim Real nem à ida, nem à volta houve differença de lugares entre os Grandes, nem preferencia, e todos foraõ em pé. Tomaraõ os Grandes, e mais Senhores da Corte os seus bargantins, e escaleres, e vieraõ seguindo o Real. O Principe, e os Senhores Infantes D. Francisco, e D. Antonio, acompanhados dos seus Officiaes, e alguns Grandes, desceraõ do Paço, e vieraõ pela ponte ao mesmo tempo, que os Reys desembarcavaõ. As trincheiras, que desde Xabregas até o Forte de Alcantara estavaõ guarnecidas de Infantaria, deraõ tres cargas, e juntamente toda a artilharia. Chegaraõ Suas Altezas, e fazendo primeiro cortezia a ElRey seu pay, a fizeraõ a ElRey Catholico, a quem significaraõ o contentamento, que tinhaõ da sua chegada, e da sua presença, a que ElRey respondeo com

com igual ceremonia, e attençaõ. Deu ElRey de Portugal a maõ direita ao de Castella, e a esquerda ao Principe seu filho, e seguiaõ-se os Infantes D. Francisco, e Dom Antonio: sobiraõ para o Paço, cobriraõ-se os Reys, Principe, e Infantes, e mandaraõ cobrir os Grandes de hum, e outro Reyno, e o fizeraõ o Almirante, os Principes de Lichtenstein, e de Darmstad, e naõ houve no acompanhamento preferencia. Por huma, e outra banda da ponte estava a guarda dos Archeiros, e as portas entregues aos Capitaens da Guarda, e Tenentes della. Passaraõ Suas Magestades, e Altezas pela salla dos Tudescos; os Terços, que estavaõ formados no Terreiro a cargo de Diogo Luiz Ribeiro, deraõ tres cargas de mosquetaria; e sobindo pela escada principal, foraõ parar à Tribuna da Capella Real. Deitoulhe agua benta o Bispo Dom Fr. Joseph de Lencastre, Capellaõ môr, e Inquisidor Geral, primeiro a ElRey Catholico, logo a Sua Magestade, ao Principe, e aos Senhores Infantes D. Francisco, e D. Antonio. Tirou o Capellaõ môr o sitial, e correraõ as cortinas os dous Sumilheres Nuno da Cunha de Ataide, que depois succedeo nos mesmos lugares, e no de Cardeal, e D. Joseph de Almada. Ouviraõ Suas Magestades o *Te Deum* de joelhos cantado pela Musica da Capella, e estavaõ na Tribuna as cadeiras postas nesta ordem: à maõ esquerda da delRey de Castella, a delRey de Portugal, à sua maõ esquerda a do Principe, e tam-

 bem

bem à ſua eſquerda a do Infante D. Franciſco, e em ultimo a do Infante D. Antonio. Detraz da cadeira delRey Catholico ſe poz o Principe de Lichtenſtein, da delRey de Portugal o Conde de Vianna, da do Principe, Fernaõ de Souſa, Védor da Caſa Real, da dos Infantes eſtavaõ Gaſtaõ Joſeph da Camera Coutinho, e D. Joſeph de Menezes, os quaes haviaõ chegar as cadeiras quando as Mageſtades, e Altezas, ſe houveſſem de aſſentar, e eſta meſma ordem ſe obſervou todas as vezes, que os Reys, e Suas Altezas ſe ajuntaraõ na Tribuna. Acabado o *Te Deum*, ſe levantaraõ os Reys, e Suas Altezas, e ſe encaminharaõ à Camera do quarto, que eſtava preparado, e ſoberbamente adereçado para ElRey Catholico. Na Camera havia cinco cadeiras poſtas na fórma referida, mas a do Principe chegou-a o Duque de Cadaval. Acabada a viſita ſe recolheo ElRey, e Suas Altezas ao Paço da Corte-Real pelo paſſadiſſo, acompanhados de toda a Corte. Naquella noite houve luminarias, e nas duas ſeguintes, com ſalvas de artilharia das Torres, e Fortes, que guarnecem a Cidade. Suſpenderaõ-ſe os Tribunaes por tres dias, ordenando ElRey, que foſſem à preſença delRey de Caſtella a felicitaremno da ſua vinda, e entraraõ aſſim como chegaraõ ſem guarda, nem ordem, nem precedencia, e foy o primeiro, que entrou, o Senado da Camera, e o ultimo a Caſa da Supplicaçaõ.

Havia-ſe aſſentado, que as Mageſtades Portugueza,

gueza, e Catholica, o Principe, e o Senhor Infante D. Francisco haviaõ de cear juntos em publico; e assim à hora determinada voltou ElRey com o Principe, e Infante, e entrando na Camera delRey Catholico, sahiraõ todos para a mesa: o Conde de Assumar, Veador da Casa delRey, que tinha sido nomeado para assistir a ElRey Catholico, ordenou aos Moços da Camera fossem buscar as iguarias, e depois de feita a ceremonia da prova, deu recado às Magestades, e póstos os Reys, e Principes à mesa, antes de se assentarem, no topo da banda, aonde estava ElRey Catholico, benzeo a mesa D. Pedro de Sousa, Dom Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, por impedimento do Capellaõ mór. D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante da Casa Real, fez à mesa o seu officio, e a ElRey Catholico servio o Conde de Althen, seu Gentil-homem da Camera. Mandou ElRey de Portugal cobrir os Grandes, e em quanto durou a mesa, os Musicos da Capella Real em huma casa separada cantaraõ muito suavemente. Acabada a mesa, o mesmo Sumilher posto no lugar referido, foy dar graças a Deos, e em quanto o fez, Suas Magestades, e Altezas, estiveraõ em pé, e acabadas as graças, se recolheraõ, e tornaraõ com ElRey de Castella até a sua Camera, e alli se despediraõ: ElRey Catholico sahio com Sua Magestade, e Altezas até a casa de fóra, e rogandolhe ElRey, que ficasse, o fez, e Sua Magestade com seus filhos se recolheo para o Paço

da Corte-Real, acompanhados na fórma costumada.

No dia seguinte, que era segunda feira 10 de Março, foy ElRey D. Pedro acompanhado de toda a sua Corte visitar a ElRey Carlos, que o veyo esperar na terceira casa da Camera do Paço, em que estava, e sempre ElRey de Portugal lhe deu a porta, e a melhor cadeira, por huma convençaõ, que se havia assentado entre o Duque de Cadaval, e o Almirante de Castella, e havia sido firmada por ambos em nome de seus Senhores. Nella se declarava, que em todas as partes deste Reyno, teria a preferencia ElRey Catholico; porque tambem em todas as partes do seu Reyno, elle daria o melhor lugar a ElRey de Portugal. Entrou este na Camera delRey de Castella, onde os criados de cada hum lhes chegaraõ as cadeiras na fórma, que se havia determinado; a casa se despejou, e depois de breve tempo, Sua Magestade Portugueza se levantou, e Sua Magestade Catholica veyo com elle até sahir da casa, em que lhe tomou a visita, que era aonde tinha a sua cama; e depois de passar a porta para a segunda casa, ElRey rogou a ElRey de Castella, que se deixasse ficar, e assim o fez. No outro dia foy ElRey Catholico ver a ElRey ao Paço da Corte-Real acompanhado da sua familia, e o veyo esperar à terceira casa acompanhado de toda a Corte, e voltaraõ para a em que tinha a cama, aonde só entraraõ os criados, que chegaraõ as cadeiras, obser-

observando-se o mesmo ceremonial em tudo, como na visita passada. Neste mesmo dia foy o Principe com os Senhores Infantes visitar a ElRey Catholico, e sahiraõ do Paço da Corte-Real pelo passadisso, acompanhados dos Officiaes da Casa, e dos Grandes, e nesta visita praticaraõ com ElRey Catholico o mesmo, que havia praticado ElRey seu pay com o mesmo Monarcha. Chegaraõ-lhe as cadeiras ao Principe o Duque de Cadaval, e aos Infantes os seus Veadores; e porque succedeo declararse, que havia bexigas no Paço da Corte-Real, jantaraõ Suas Altezas nas casas do Arco, que chamaõ do *Ouro*, de D. Antonio da Costa, Armeiro mór, e à noite se recolheraõ à Quinta de Alcantara acompanhados do Duque, seu Mordomo mór e de Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, seu Veador.

Neste mesmo dia o Almirante Rook mandou a terra o Contra-Almirante Dilkes para cumprimentar a ElRey da parte da Rainha Anna da Grãa Bretanha, e foy levado à audiencia por D. Paulo Methwin: ElRey o recebeo com agrado, e despedido, teve depois audiencia delRey Catholico. Teve tambem audiencia delRey o Duque de Schomberg, General das Tropas Inglezas, que haviaõ de servir neste Reyno, e lhe apresentou a Milord Portmore, e todos os mais Generaes, e Officiaes daquella Coroa, que acharaõ em ElRey huma doce benignidade, de que ficaraõ muy satisfeitos.

No

No dia ſeguinte, que era o de 12 de Março, mandou ElRey D. Pedro hum Gentil-homem da Camera ſaber como tinha paſſado ElRey Catholico. O Cameriſta entrou na ſua Camera, e eſtando ElRey Catholico em pé, e deſcoberto, lhe deu o recado, e recebeo a repoſta. Seguio-ſe outra viſita com a meſma formalidade da parte do Principe, e Infantes, cujo recado levou o Duque ſeu Mordomo môr; e todos os dias pela manhãa mandavaõ os dous Reys ſaber hum do outro, e a ſatisfazer à viſita do Principe, e Infantes, foy o Principe de Lichtenſtein da parte delRey Catholico a Alcantara, os quaes o receberaõ em pé, e deſcobertos, e lhe deraõ a repoſta com muita affabilidade. Neſte meſmo dia deſembarcou o Almirante Rook com todos os Officiaes principaes da ſua Armada, e teve audiencia delRey no Paço da Corte-Real, e foy levado por D. Paulo Methwin, e Sua Mageſtade os recebeo com demonſtrações de eſtimaçaõ, de quem o Almirante Rook ſe deſpedio muy obrigado.

Havia Sua Mageſtade mandado ao Conde de Aſſumar, Veador da ſua Caſa, para aſſiſtir a ElRey Catholico, exercitando o ſeu officio: e aſſim nomeou a D. Carlos de Noronha para ſervir de Porteiro môr, com os Porteiros da Cana neceſſarios para aſſiſtirem, e para Porteiro da Camera a Miguel Diogo da Gama; e a Joaõ de Seixas, ſeu Manticiro, com os Moços da Camera, e Repoſteiros neceſſa-

necessarios para aquella assistencia. Nos primeiros dous dias levaraõ os Moços da Camera as iguarias para a mesa delRey Catholico, e o serviraõ da mesma maneira, que he uso, e costume no nosso Reyno; porém depois o serviraõ os seus Pagens, que hiaõ com a sua guarda buscar as iguarias, e o serviraõ os seus criados à mesa, e sómente ficou o Mantieiro delRey, Joaõ de Seixas com a mantearia, e Reposteiros, e por sua ordem se punha a mesa, e tudo o mais, que pertencia à mantearia, em quanto durou esta hospedagem.

No Paço se accommodaraõ os criados precisos para o serviço delRey Catholico, como tambem algumas pessoas de mayor supposiçaõ, que aposentou o Conde de Santiago, Aposentador mòr. Ficaraõ no Paço os Principes de Lichtenstein, e Darmstad, o Almirante de Castella, e alguns criados Alemaens, de que eraõ os principaes os Condes de Althen, Colloredo, e Sinsendorf, e o Marquez da Laufrani, Gentis-homens da Camera, o Conde de Ulfeld, Capitaõ da Guarda, e a todos se lhe concertaraõ os seus quartos com grande magnificencia, e com o mesmo apparato foraõ servidos nas mesas, que eraõ differentes, conforme a categoria das pessoas, e dos lugares, sendo servidos pelos Reposteiros de Sua Magestade Portugueza; e tudo o que pertencia à hospedagem delRey Catholico, dentro no Paço, encommendou Sua Magestade se seguisse a direcçaõ, e ordem do Conde de Assumar,

que

que com admiravel disposiçaõ ordenou tudo de sorte, que todos foraõ tratados com muita grandeza, e todo o tempo, que ElRey Catholico assistio em Portugal, foy hospedado por conta, e despeza de Sua Magestade, que foy em tudo magnifica, com huma grande abundancia de iguarias, vinhos, e licores, e huma incrivel profusaõ, de sorte, que se gastavaõ cada mez cem mil cruzados.

Haviaõ-se preparado os presentes, que ElRey, o Principe, e Infantes, haviaõ de mandar a ElRey Catholico: pelo que ordenou ElRey D. Pedro ao Conde de Vianna, seu Estribeiro môr, que da sua parte fosse offerecer a ElRey Catholico doze cavallos. Sahiraõ estes das Cavalhariças da Corte-Real com mantas de veludo carmesim guarnecidas com franjas de prata, e os quatro cantos bordados, e sobre a anca com humas cifras grandes de prata, e bridoens, e ferraduras tambem de prata: levavaõ-nos os moços, que tratavaõ delles, com hum Sota das mesmas Cavalhariças, que hia atraz a cavallo. O Conde de Vianna sahio do Paço da Corte-Real, e pelo passadisso entrou na Camera delRey Catholico a darlhe o recado de Sua Magestade. ElRey Catholico depois de agradecer, e estimar muito os cavallos, disse, que os queria ver: o Conde o levou a huma janella, que cahia para o Terreiro do Paço, da qual vio os cavallos, e os gabou muito, e de novo os tornou a agradecer ao Conde, e logo alli ordenou ao Principe de Lichtenstein os mandasse

dasse recolher, e ter nelles grande cuidado. Mandou dar aos moços, que os levavaõ, duzentas moedas de ouro, do valor de quatro mil e oitocentos, que elles naõ aceitaraõ, como tinhaõ por ordem.

No mesmo dia, que era hum Sabbado 15 de Março, foy o Duque de Cadaval, Mordomo mór de Suas Altezas, a offerecerlhe da sua parte o presente, que lhe mandavaõ. ElRey Catholico o recebeo na sua Camera, e depois de lhe dar o recado, e responder, ElRey dando as graças a Suas Altezas, disse ao Duque, que desejava, que lhe mostrasse, o que Suas Altezas lhe mandavaõ, e sahindo à casa de fóra os quatro Moços da Camera, que levavaõ as bandeijas, as puzeraõ sobre dous bofetes, que estavaõ prevenidos. O presente do Principe era hum espadim de ouro guarnecido de diamantes, e o do Infante D. Francisco duas pistolas, todas guarnecidas de ouro, e diamantes, e o do Infante D. Antonio hum bastaõ guarnecido de diamantes, tudo obra de grande custo, e primor; e o do Infante D. Manoel constava de luvas, e outras cousas de ambar, feitas com admiravel perfeiçaõ, e cada pessa destas hia de per si em huma bandeija de ouro, coberta com huma toalha de ló. Vio ElRey o espadim, e depois de o gabar muito, ordenou ao Principe de Lichtenstein, que lhe tirasse o que tinha à cinta, e lhe puzesse aquelle; e ficando com o bastaõ na maõ, tornou a dizer ao Duque a estimaçaõ, que fazia da attençaõ de Suas Altezas. Depois dis-

to, e poucos dias antes delRey D. Carlos ſahír de Lisboa, em attençaõ das peſſoas, que conduziraõ eſtes preſentes, mandou ao Duque huma fonte de prata, que tambem era relogio, e ao Conde de Vianna hum relogio tambem de grande artificio, guarnecido de prata, que tambem era eſpelho.

Deſejava ElRey Catholico ſahir ao campo; mas achava-ſe impoſſibilitado por naõ ter cavallos para montar a guarda de Corpo, que trazia, nem para a ſua comitiva: e dando-o o Principe de Lichtenſtein a entender ao Conde de Aſſumar, ElRey mandou ao Conde de Vianna, ſeu Eſtribeiro mór, que das Cavalhariças déſſe todos os cavallos, que foſſem neceſſarios para a familia delRey Catholico, e ordenou ao Duque Meſtre de Campo General, que das tropas de Lisboa mandaſſe para a guarda todos os neceſſarios, de ſorte, que em huma ſegunda feira 4 de Abril pode ElRey Catholico ſahir em publico a cavallo. Acompanhou-o o Almirante, o Principe de Lichtenſtein, o Conde de la Corſſana, e toda a Corte, naõ havendo naquelle acompanhamento preferencia, e ſó de traz delRey Catholico hia o Conde de Ulfeld, Capitaõ da ſua guarda de Corpo, com huma eſquadra de vinte cavallos. O Conde de Aſſumar, Veador da Caſa Real, dizendolhe ElRey Catholico, que folgaria o acompanhaſſe, o fez, e aſſim foy até o ſitio de Pedrouços. Em outro dia querendo ElRey Catholico ir ver o Convento de Belem, baixou do Paço acom

panhado

panhado da sua Corte, e da sua Guarda ao pateo da Capella, e alli entrou no coche, levando na cadeira de diante ao Principe de Lichtenstein, seu Ayo, e Mordomo môr, à maõ direita, e da esquerda o Almirante de Castella, e o Principe de Darmstad no estribo esquerdo, e levava outro coche com Gentis-homens da sua Camera: o Conde de Assumar se adiantou partindo primeiro, que El-Rey. Os Religiosos o receberaõ com Paleo, Reliquia, e *Te Deum*, da mesma sorte, que recebem os Reys deste Reyno, menos na Oraçaõ: *Regem nostrum.* Vio o Convento, e os Religiosos lhe offereceraõ hum refresco, que elle naõ aceitou, e recolhendo-se ao Paço, o foraõ buscar doze Moços da Camera com tochas, e o vieraõ allumiando até acima. Teve ElRey D. Pedro noticia pelo seu Confessor o Padre Sebastiaõ de Magalhaens, a quem o Principe de Lichtenstein havia representado, que ElRey Catholico se achava com falta de dinheiro, porque se retardavaõ as remessas, que esperava: pelo que ElRey D. Pedro lhe mandou gratuitamente cem mil patacas, que se entregaraõ à ordem do Principe de Lichtenstein.

Neste anno de 1704 a 26 de Abril comprio ElRey D. Pedro cincoenta e seis annos. ElRey Catholico pela manhãa o foy ver ao Paço da Corte-Real com toda a sua Corte de galla, e depois de cumprimentar a ElRey foraõ ambos para a Tribuna da Capella, e juntamente o Principe, e In-

fantes; e acabada a Missa, se recolherao os Reys. Deve-se saber o modo, com que estes Reys se juntavaõ quando hiaõ à Tribuna. Vinha Sua Magestade do Paço da Corte-Real, e na casa, que lhe parecia, que costumava ser na que está antes da que chamaõ da *Galé*, se detinha em quanto ElRey Catholico chegava à casa, que tambem se chama *do Conselho de Estado*; e na outra casa, que se lhe segue, se encontravaõ os dous Reys, e quando voltavaõ, no mesmo lugar se despediaõ.

Na tarde do mesmo dia dos annos de Sua Magestade mandou ElRey Catholico ao Picadeiro os seus Trombetas, e Timbaleiros, vestidos com luzidas librés, a celebrarem os annos de Sua Magestade com os seus instrumentos, e lhe mandou dar huma consideravel somma de dinheiro, que elles naõ aceitaraõ. Nesta mesma tarde o Principe de Lichtenstein disse ao Conde de Assumar, que a Corte delRey Catholico desejava ter a honra de ir cumprimentar a Sua Magestade ao Paço da Corte-Real, para o que lhe pedia mandasse abrir o passadisso: abrio-se este, e foy toda a Corte delRey Catholico vestida de galla com grande pompa, em que hia o Almirante de Castella, o Principe de Darmstad, o de Lichtenstein, o Conde de la Corssana, já Grande de Hespanha, e os de mais Gentis-homens da sua Camera, e Officiaes, e pessoas de distinçaõ, e pararaõ todos na gallaria da Corte-Real. O Principe de Lichtenstein pedio pelo Conde de Vianna,

Vianna, que estava de semana, audiencia a Sua Magestade, que sahindo à casa, aonde a costumava dar, lhe fallou sem pôr o chapeo. O Principe de Lichtenstein lhe disse, que ElRey Catholico seu amo mandava a sua Corte assistir no Paço de Sua Magestade, em obsequio daquelle dia, cuja celebridade elle festejava, como devia: e depois de Sua Magestade com palavras de estimaçaõ lho agradecer, passou ao quarto do Principe, e Infantes a fazerlhes as mesmas expressoens, e Suas Altezas o receberaõ na mesma fórma, que ElRey seu pay. Da Corte delRey Catholico, só o Principe de Lichtenstein fallou a Sua Magestade, e Altezas, e todos se detiveraõ na gallaria até à noite, e se recolheraõ pelo mesmo passadisso, que estava allumiado com tochas em tocheiras de prata. Temos com alguma individuaçaõ referido o que entaõ se passou na vinda delRey Carlos III. a Portugal, como materia, que costuma ser poucas vezes succedida, verse a juncçaõ de Reys; e assim se fará agradavel ao Leitor, o instruirse do Ceremonial, que se observou, e de tudo o mais, que na nossa Corte entaõ se passou. No fim deste mez de Abril declarou ElRey Dom Pedro ao Duque de Schomberg, (que pouco durou no serviço deste Reyno por lhe succeder Milord Conde de Gallovay) e ao Baraõ de Fagel, por Mestres de Campo Generaes dos seus Exercitos, dando ao mesmo tempo a outros Generaes Inglezes, e Hollandezes, semelhante graduaçaõ

çaõ nas ſuas Tropas, conforme os póſtos, que exercitavaõ nas ſuas, rolando a meſma igualdade com os noſſos Cabos nacionaes, por evitar diſputas, conforme o que ſe havia ajuſtado pelo Tratado, e tambem porque as peſſoas, e experiencias militares os faziaõ dignos daquella merce.

Era o fim da vinda delRey Carlos, como já diſſemos, introduzirſe na Monarchia de Heſpanha, o que facilitaraõ tanto os ſeus parciaes, que lhe aſſiſtiaõ, que achavaõ eſcuſados todos os apreſtos, que ſe faziaõ para a Campanha; e em breve tempo ſe deſenganaraõ, vendo os poucos, que eſtavaõ à ſua devoçaõ, como os malcontentes por fins particulares eſpalharaõ, dizendo eſtes, que o meſmo ſeria apparecer ElRey Carlos na Raya, que divide Portugal de Caſtella, que daremlhe obediencia os Póvos, e as meſmas Tropas paſſarem a unirſe com as ſuas, porque raro ſeria dos Heſpanhoes, que naõ ſeguiſſe a ſua voz, acclamando a ſua peſſoa.

Memorias do Duque de Cadaval m. ſ. tom. XI. pag. 140.

Depois de varios pareceres, e naõ conformes, reſolveo ElRey D. Pedro partir para a Provincia da Beira, ſeguindo o projecto ideado de ſer eſta a parte, por donde ſe havia de introduzir ElRey Carlos naquella Monarchia, ainda que primeiro ſe fizeraõ as preparações da guerra pela Provincia do Alentejo. Depois delRey chegar a Santarem, fez huma promoçaõ de Conſelheiros de Eſtado, em que creou de novo os ſeguintes: a D. Joſeph de Lencaſtre, Inquiſidor Geral, e ſeu Capellaõ

mór,

mór, Ruy de Moura Telles, Arcebispo Primaz, D. Joaõ de Sousa, Arcebispo de Lisboa, D. Simaõ da Gama, Arcebispo de Evora; aos Marquezes de Marialva D. Pedro de Menezes, de Cascaes Dom Luiz Alvares de Castro, das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, e de Niza D. Francisco Balthasar da Gama; aos Condes de Vianna Dom Joseph de Menezes, de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, de Val de Reys Lourenço de Mendoça, de Villa-Verde D. Antonio de Noronha, de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, de Sarzedas Dom Luiz da Sylveira, das Galveas Diniz de Mello de Castro, e o da Castanheira Simaõ Correa da Sylva; a Garcia de Mello, Monteiro mór, e a D. Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda Alemãa, e havia dous mezes antes feito do Conselho de Estado ao Duque de Cadaval D. Jayme, seu genro. Neste grande lugar estava entaõ sómente o Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira, o Marquez de Arronches, o de Alegrete, o Conde de Alvor, e o de Castello-Melhor, que antes o havia sido, e depois o exercitou. Encarregou na sua ausencia o governo dos seus Reynos à Rainha da Grãa Bretanha sua irmãa.

Elegeo ElRey para o acompanharem a Manoel Telles da Sylva, Marquez de Alegrete, D. Pedro de Menezes, Marquez de Marialva, D. Joseph de Menezes, Conde de Vianna, D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, Dom

Anto-

Antonio Joseph de Mello, Conde da Ponte, D. Rodrigo da Sylveira, Conde de Sarzedas, Fernaõ Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor, Manoel Telles da Sylva seu filho primogenito, tambem Conde de Villar-Mayor, Joaõ Gomes da Sylva, Conde de Tarouca, Aleixo de Sousa, Conde de Santiago, D. Pedro de Noronha, Conde de Villa-Verde, D. Joaõ de Almeida, Conde de Assumar, D. Thomás de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, D. Pedro de Castellobranco, Conde de Pombeiro, D. Martinho Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, Dom Jeronymo de Ataide, Conde de Atouguia, e Dom Rodrigo Telles de Menezes, Conde de Unhaõ, que de Santarem pedio licença para o acompanhar. Alguns destes tambem eraõ Officiaes da Casa, que he preciso nomear. O Marquez de Marialva, Mordomo môr, e Gentil-homem da Camera, o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, o Conde de Vianna, Estribeiro môr, e Gentil-homem da Camera, o Conde de Assumar, Veador da sua Casa, D. Pedro de Sousa, Dom Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, D. Joseph de Almada, Sumilher da Cortina, Fr. Pedro de Lencastre, Esmoler môr, D. Pedro da Cunha, Trinchante, Joaõ Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacel môr, o Conde de Santiago, Aposentador môr, Francisco de Mello, Monteiro môr do Reyno, D. Lourenço de Almada, Mestre Salla, D. Antonio da Costa, Armador môr, o

Conde

Conde de Pombeiro, Capitaõ da Guarda Portugueza, Diogo de Mendoça, Secretario das Merces, e Expediente, para exercitar a occupaçaõ de Secretario de Estado; e de Fidalgos foraõ Antonio Telles da Sylva, filho segundo do Conde de Villar-Mayor, e Thomé de Sousa Coutinho, filho de Fernaõ de Sousa, Veador da Casa Real, depois Conde de Redondo. As pessoas referidas, que acompanharaõ a ElRey, tiveraõ Cartas firmadas da sua Real maõ, na fórma, que se póde ver nas Provas.

Prova num. 75.

Havia nomeado para Capitaens da sua Guarda de Corpo aos Condes de Assumar, de Tarouca, de Sarzedas, e o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, de que tiraraõ Patentes pelo Conselho de Guerra, com a graduaçaõ de Tenentes Generaes da Cavallaria, os Tenentes com a de Capitaens de Cavallos, os Alferes com a de Tenentes, os Furrieis com a de Alferes, e os Cabos de Esquadra com a de Furrieis. Nomeou, já na Beira, para levarem as ordens com o nome de Ajudantes delRey, ao Conde de Villar-Mayor Fernaõ Telles, ao Conde de Prado D. Joaõ de Sousa, ao Conde de Atalaya D. Pedro Manoel, e ao Conde de Atouguia D. Jeronymo de Ataide. Para Governadores das Armas das Provincias tinhaõ sido nomeados a 24 de Junho do anno antecedente de 1703, para a Beira o Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, para o Minho o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel,

noel, para Traz dos Montes o Conde de Alvor Francisco de Tavora, a de Alentejo governava o Conde das Galveas Diniz de Mello de Castro, todos do Conselho de Estado, e na da Estremadura ficava o Duque de Cadaval, Mestre de Campo General junto à Pessoa. O Reyno do Algarve governava o Conde de Avintes D. Antonio de Almeida. A D. Fernando Mascarenhas, Marquez de Fronteira, se encarregou o governo da Marinha de Belem até Cascaes: a Torre de Belem, na ausencia do Conde de Atalaya, ao Conde da Ribeira Grande Dom Joseph Rodrigo da Camera: para a Praça de Setuval foy Ayres de Saldanha de Sousa, e para a de Peniche D. Fernaõ Martins Mascarenhas, que havia sido Governador da India.

No mez de Abril passou ElRey D. Filippe V. de Madrid a Placencia para se pôr em Campanha. Naquella Cidade imprimio a declaraçaõ da guerra contra ElRey de Portugal, e o Archiduque Carlos, com a data de 30 de Abril de 1704, que se publicou em Madrid a som de trombetas, com a sua costumada formalidade. Sobre esta declaraçaõ, fez ElRey D. Pedro imprimir hum Manifesto a favor delRey D. Carlos III. mostrando os justos motivos, que o obrigavaõ àquella guerra, que logo fez imprimir na lingua Castelhana, e se espalhou por Hespanha, e para ser notorio a todas as Nações da Europa se imprimio outro na lingua Latina com este titulo: *Justa Lusitanorum*, *pro vindi-*

vindicanda Hispanorum libertate Gallico dominatu oppressa; e continha mais largamente o mesmo, que o Hespanhol. Passou ElRey D. Filippe depois a Alcantara a 5 de Mayo, e marchou com o seu Exercito contra Portugal, o qual mandava o Duque de Berwik, Marichal de França, e era composto a mayor parte de Cabos, e Tropas Francezas. Naõ estavaõ as nossas cousas em estado de se poder formar promptamente o Exercito pela parte da Beira; e assim naõ lhe foy difficil occupar algumas pequenas Praças daquella Provincia, como foy Salvaterra, que era das mais expostas, e visinha de Alcantara, pelo que a 7 de Mayo a fez investir pelo Conde de Aguilar, e o Marquez de Thovi, e a 8 se rendeo o Governador com a guarniçaõ prisioneira de guerra; e escrevendo o General ao Governador de Segura, seguio aquelle mao exemplo, e lhe dizia, que naõ expozesse a guarniçaõ a ser passada à espada, resistindo sem força a hum Exercito Real. Continuou o inimigo de se aproveitar da dilaçaõ, que as nossas Tropas tiveraõ de sahir em Campanha; e assim tomaraõ alguns Castellos, e Povoações, sem resistencia alguma, excepto Monsanto, e Idanha a Nova, que foy por assalto. Entraraõ em Castello-Branco, e passando o Tejo em Villa-Velha, onde lançaraõ huma ponte de barcas, entrou o Exercito dos inimigos na Provincia de Alentejo, tendo primeiro já entrado na mesma Provincia o Principe de Tserclaes Tylli, e unindo-se os

 dous

dous Exercitos, ganharaõ Portalegre, e depois o Marquez de Villa Darias Caſtello de Vide, e ſe apoderaraõ de alguns Lugares abertos, e Praças de pouca defenſaõ, o que naõ conſervaraõ, porque logo deixaraõ humas, e outras, e ſe recuperaraõ tanto que os noſſos ſe puzeraõ em campo, e em eſtado de lhe diſputar aquellas emprezas. Como com effeito fez o Marquez das Minas, Governador das Armas da Beira, que vencendo algumas difficuldades, por ſe haverem feito os Armazens pela parte de Alentejo, ſahio de Almeida, e ſe poz em marcha a 2 de Junho, e chegando à Aldea da Ponte lhe foy preciſo dilatarſe alli dous dias, para refreſcar as Tropas das grandes marchas, que haviaõ feito: e tendo alli noticia, que a Villa de Fuente Ginaldo ſe achava com todo o precioſo dos moradores de Arganhaõ, que he huma das mais ferteis, e ricas campanhas do Reyno de Caſtella, ordenou ao Tenente General da Cavallaria o Conde de S. Joaõ Luiz Bernardo de Tavora, que com ſeiſcentos Cavallos, e outros tantos Granadeiros, foſſe logo atacar aquella Villa. E ſuppoſto, que a povoaçaõ era de quatrocentos viſinhos, e eſtava bem guarnecida de Infantaria paga, e miliciana, com ſua trincheira, e palliçada, e muy boas cortaduras nas ruas; o Conde de S. Joaõ excitado do ardor do ſeu eſpirito, executou com tal valor, o que lhe mandaraõ, que ſem embargo da reſiſtencia, a entrou com o primeiro aſſalto, e a rendeo à merce,

ſem

sem capitulaçaõ alguma, com tanta felicidade, que naõ perdeo mais, que hum Soldado. Deu-se a Villa a sacco aos Soldados, perdoando porém ao muito, que se havia recolhido às Igrejas, em que se naõ tocou por ordem, que o Conde levava do Marquez Governador das Armas; mas ainda assim foy o sacco rico, e taõ importante, que os Soldados vieraõ bem providos, e contentes. A preza dos gados foy muy consideravel, porque os boys passaraõ de mil, e o numero do gado miudo com grande excesso. E continuando a marcha, e chegando ao sitio das Talliscas, huma legoa de Penamacor, teve noticia, que o inimigo havia marchado de Castello-Branco para a Raya de Castella, e que as guarnições, que tinhaõ na Idanha, e alguns Lugares abertos, se haviaõ retirado para o seu Exercito. E supposto, que a guarniçaõ da Villa de Monsanto, que constava de cento e cincoenta Francezes, tivesse ordem para se retirar, o naõ pode fazer, porque o Marquez se anticipou, mandando na noite de 9 do referido mez trezentos Infantes com os Paizanos daquelle Lugar a atacallos, os quaes degollaraõ todos os Francezes, que acharaõ fóra do Castello; e tendo os inimigos noticia, de que os nossos estavaõ atacando o Castello, marchou para os soccorrer D. Francisco Ronquilho, General deste Exercito, e que governava as Armas, do que teve noticia o Marquez no dia 11 pelas onze horas da manhãa, e que o inimigo se poria em

poucas

poucas horas ſobre a noſſa gente, que atacava o Caſtello: pelo que mandou logo pegar nas armas, e marchou com a Cavallaria na vanguarda, dando ordem à Infantaria, que o foſſe ſeguindo; e aſſim com huma arrebatada marcha ſe achou o Marquez com a Cavallaria formada diante do inimigo, e vendo, que já haveria pouco mais de huma hora de dia, marchou para elle ainda antes da Infantaria ſer metida em batalha; mas eſtando já junto à ſegunda linha da Cavallaria, procuraraõ os inimigos pelo ſeu lado eſquerdo, em que ſe achava a mayor parte dos Officiaes da ſua Cavallaria, e o melhor della, atacar o noſſo lado direito, em que eſtava o Marquez Governador das Armas; porém foraõ rechaçados depois de hum vigoroſo combate: e ſuppoſto, que fizeraõ hum grande esforço pelo ſeu lado eſquerdo contra o direito, pertendendo por eſta parte meter a noſſa linha em confuſaõ; o Marquez com todos os Cabos, Officiaes, e Soldados, ſe houve com tal valor, que naõ ſó rechaçou os deſte lado eſquerdo, mas tambem os do direito, pondo-os em precipitada fogida, que foraõ ſeguidos da noſſa Cavallaria, em quanto houve dia, para a parte da Idanha a Velha, onde de noite tomaraõ o caminho da Sarſa para Caſtella com grande deſordem, deixando muitas barracas, armas, e equipagens dos Officiaes, e tres Eſtendartes, que lhe ganhámos, pondo fogo na Idanha a alguma parte da bagagem. Neſta derrota da Cavallaria inimiga perderaõ muita

ta gente, entre elles ſeis Capitaens de Cavallos, ſeis Tenentes, e muitas peſſoas de diſtinçaõ, entendendo-ſe, que à ſua parte entre mortos, e priſioneiros chegaria a trezentos homens. Dos noſſos, entre mortos, e feridos, foraõ ſómente cincoenta, e hum dos feridos foy o Capitaõ das Guardas do Marquez Joaõ Dantas da Cunha, e o Ajudante Alexandre Palhares, e o Tenente da Companhia de Antonio Carlos de Caſtro. O Marquez das Minas naõ lhe ſofrendo o ardor do ſeu grande coraçaõ ſatisfazer com as obrigações de General, paſſou a exercitar as de valeroſo Soldado com tal esforço, que recebeo varias feridas, levando huma em hum braço, e huma contuſaõ na cabeça: porém o inimigo, que o havia ferido, naõ pode gloriarſe de o haver feito, porque acabou alli. Acharaõ-ſe tambem neſta occaſiaõ os Condes de Alvor, e Atalaya, que eſtavaõ com os ſoccorros das ſuas Provincias, e obraraõ com todo aquelle coſtumado valor, e prudencia, com que ſempre acreditaraõ os ſeus nomes, e o meſmo fizeraõ os Condes de Prado, e Atalaya D. Pedro Manoel, e todos os mais Cabos, e Officiaes do Exercito. Depois, que mandou o Marquez das Minas atacar a Villa, e Caſtello de Monſanto, como fica dito a 9 do meſmo mez, continuaraõ os do Caſtello a defenderſe valeroſamente; o que vendo o Marquez, o mandou atacar pelo Tenente do Meſtre de Campo General Franciſco Ferraõ de Caſtellobranco com quatro-

centos

centos Granadeiros; e porque o ſitio do dito Caſtello he quaſi inexpugnavel, e ſe achava com muitos mantimentos, ordenou o Marquez ao Quartel Meſtre Franciſco Pimentel, que ajuntando algumas faxinas, procuraſſe queimarlhe as portas, o que aſſim ſe executou; e vendo os inimigos queimadas as portas, ſe retirou ao interior delle para fazer capitulaçaõ, o que o Marquez das Minas lhe naõ admittio, e ficaraõ priſioneiros de guerra, e rendido o Caſtello em 14 do referido mez. Conſtava a guarniçaõ de cento e cincoenta Francezes com dous Capitaens de Infantaria, quatro Tenentes, e hum Alferes: da noſſa parte ficou morto o Sargento môr do Terço de Antonio de Sá de Almeida, e ferido em huma perna o Quartel Meſtre Franciſco Pimentel, e mais dez Soldados feridos. No Caſtello ſe acharaõ muitas armas, e bayonetas, e varias munições de guerra, e boca. Na Provincia de Alentejo, de que era Governador das Armas o Conde das Galveas, querendo reparar os damnos, que os inimigos no principio deſta Campanha haviaõ feito no Termo da Villa de Serpa, e viſinhança de Moura, deſtruindo a Aldea Nova, e Villa de Santo Aleixo, mandou a Franciſco de Mello, Governador da Villa de Moura, que fizeſſe huma entrada pelo Condado de Niebla, e o puzeſſe à obediencia delRey Carlos; e aſſim com o Terço do Algarve, e com dous de Auxiliares, e algumas milicias, levando tres peças de artilharia, duzentos cavallos,

vallos, e quatrocentas egoas, que por todos os Soldados fariaõ o numero de quatro mil homens: entregou a Cavallaria a seu irmaõ Joseph de Mello; e no dia 25 de Julho chegaraõ à Villa de Alqueria, que por outro nome chamaõ *Puebla de Gusman*, povoaçaõ de mais de novecentos visinhos, distante quatro legoas da nossa Raya, defendida com hum Forte regular de quatro baluartes, presidiado por tres Companhias, o qual se poz em defensa, ainda que naõ muy vigorosa: o que vendo Francisco de Mello, lhe mandou hum recado, que senaõ cessassem de atirar com a artilharia, havia de passar todos os seus moradores à espada; e avisinhando-se Francisco de Mello, sem disparar tiro para o Forte, os cercados lhe mandaraõ algumas pessoas a dizer, que elles já se rendiaõ. Foy entrada a Villa, e havendo os seus moradores recolhido muitos moveis às Igrejas, mandou Francisco de Mello, que nellas se naõ entrasse, e que se guardasse o decóro ao sexo feminino, o que tudo se observou pontualmente; e foy saqueada toda a Villa, (excepto o que estava nas Igrejas) e mandou pôr fogo à povoaçaõ, eximindo as casas dos Ecclesiasticos, e recolhendo-se com trezentos prisioneiros, entre os quaes era o Governador da Praça, e dous Capitaens, trazendo o Estandarte do Forte, e muitas armas; e vindo arrebanhando a Campanha, conduzio della mais de dez mil ovelhas, e o sacco foy muy consideravel por ser a Villa muy rica. Os

Soldados Infantes todos trouxeraõ, o que puderaõ carregar, naõ ſó elles, mas hum grande numero de mulas, que alli tomaraõ: e os da Cavallaria trazia as garupas taõ cheas de deſpojos, que mal podiaõ com ellas; os Soldados tomaraõ muitas armas, e Franciſco de Mello naõ quiz couſa alguma para ſi. Na meſma Provincia no mez de Agoſto o General da Cavallaria D. Joaõ de Lencaſtre, com hum deſtacamento de mil e duzentos cavallos, rendeo Barcarota, pequena Praça junto de Olivença, e por naõ ſer ſaqueada ſe compoz pela contribuiçaõ de ſete mil patacas.

Em hum Sabbado, que ſe contavaõ 28 de Mayo do anno de 1704, ſahio ElRey D. Pedro de Lisboa para a Beira, e baixando do Paço da Corte-Real acompanhado de toda a Corte, entrou no coche, e levando comſigo ao Principe D. Joaõ, e aos Sereniſſimos Infantes D. Franciſco, D. Antonio, e D. Manoel, foy fazer oraçaõ à milagroſa Imagem da Madre de Deos, e depois de feita oraçaõ, entrou no coche com ſeus filhos, acompanhado do Marquez de Marialva, Mordomo môr, e do Conde de Vianna, Eſtribeiro môr. Parou o coche ao chafariz de Arroyos, aonde ſe dividem as duas eſtradas de Sacavem, e Loures, aqui ſe apartou de ſeus filhos, e reveſtido de Mageſtade, com animo conſtante vencia o amor de pay; mas os poucos annos de Suas Altezas, naõ ſe podendo ſeparar do pay, com todos os affectos indeſpenſaveis

ao

ao amor, se pegaraõ ao estribo do coche, rogando-lhe, que os levasse na sua companhia, porque era impossivel a separaçaõ. ElRey ultimamente dissimulando os affectos da natureza, e revestida a Magestade de severidade, imperiosamente mandou a seus filhos, que tomassem o coche, em que se haviaõ de recolher para o Paço: e fazendo caminho pelo da Rainha de Inglaterra sua tia, que acharaõ tambem magoada, e saudosa, se recolheraõ à Corte-Real acompanhados do Duque de Cadaval, seu Mordomo môr, e de Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, Veador da sua Casa. Continuou ElRey a sua jornada pela estrada de Loures, e foy dormir à Castanheira, e foy dentro de poucos dias a Santarem, onde visitou a milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Piedade, e foy adorar o Santo Milagre, que prodigiosamente se conserva por taõ grande numero de annos. Nesta Villa esperou a ElRey Carlos, que partio de Lisboa a 30 de Mayo, acompanhado da sua Corte, e conduzido pelo Conde de Assumar, Veador da Casa de Sua Magestade Portugueza, por cuja despeza se continuou o gasto da jornada da mesma maneira, que se fazia em Lisboa. O dia, que chegou àquella Villa ElRey Catholico, o foy Sua Magestade esperar hum quarto de legoa fóra da Villa acompanhado de toda a Corte, e marchando juntos, chegaraõ a Santarem. ElRey foy com ElRey Catholico até às casas de D. Francisco de Sousa, que lhe estavaõ pre-

venidas para seu aposento, e ElRey se recolheo às do Conde de Unhaõ aonde estava pousado. Nesta Villa se deteve ElRey até o mez de Agosto, no qual a 3 partio para Coimbra, deixando a ElRey Catholico molestado de huma leve queixa, que durou alguns dias. Havia ElRey ordenado ao Conde de Assumar, que o avisasse da desejada melhoria delRey Catholico, como tambem do progresso, que corria a molestia, a que sobreveyo febre, e ultimamente se declarou tiricia, com que se suspendeo a jornada delRey Catholico para Coimbra. Sabendo-se da sua molestia em Lisboa, a Rainha da Grãa Bretanha, que havia ficado com a Regencia do Reyno, mandou logo a Santarem ao Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, para que da sua parte significasse a ElRey Catholico o grande cuidado, com que estava na sua queixa; e o Principe, e Infantes fizeraõ o mesmo por Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, seu Veador, os quaes dando os recados a ElRey Catholico, voltaraõ com as repostas a Lisboa, aonde tinhaõ ficado muy poucos Fidalgos, que a pezar das instancias, que fizeraõ de acompanhar a ElRey, para o que todos estavaõ prevenidos, foraõ obrigados por Cartas firmadas por sua Real maõ, assistirem à Rainha Regente, e Principe, prevenindo-se para alguma invasaõ, que pudesse haver por mar nas nossas Costas.

Sahio ElRey de Santarem no referido dia, que

que era hum Domingo, com toda a ſua Corte, e foy dormir a Rio-Mayor, dando ſempre pelo caminho meſa de Eſtado a todos os ſeus Criados, e Officiaes da Caſa, e tambem aos Fidalgos, que voluntariamente queriaõ ir comer a ella. A primeira meſa era ſervida pelos Repoſteiros, como he coſtume; e a ſegunda dos Capellaens da Capella, e Moços da Camera, pelos Moços da Prata. No dia ſeguinte entrou na Cidade de Leiria, e pouſou nas caſas do ſeu Biſpo D. Alvaro de Abranches, o qual com muita grandeza mandou prover as ocharias de carnes, frutas, e doces, e o meſmo fez depois a ElRey Catholico. Deteve-ſe ElRey hum dia em Leiria, e ſeguindo a ſua jornada, paſſou a Pombal, dahi a Condeixa, e foy a Coimbra. Antes de entrar na Cidade, como a eſtrada, que ſeguia, paſſava pelo Moſteiro de Santa Clara, pouco antes de chegar a elle, o eſperava o Reytor da Univerſidade D. Nuno Alvares Pereira de Mello com alguns Lentes, que por ſer tempo de ferias, e a mayor parte dos Lentes teremſe recolhido a ſuas caſas, por eſta cauſa naõ fez a Univerſidade mayores demonſtrações. Quiz ElRey entrar na Igreja, e apeando-ſe do coche a fazer oraçaõ à Rainha Santa Iſabel, ſeguio a jornada, e à entrada da Cidade eſtava a Camera de Coimbra em ceremonia, e depois de huma Oraçaõ, entregou as chaves a ElRey hum Vereador, como he coſtume; e com luminarias, e repiques, applaudio a ſua chegada, obſequio,

ſequio, que em toda a parte, que entrava, lhe faziaõ com fiel affecto os ſeus leaes Vaſſallos.

Determinou ElRey ver, e adorar o Sagrado Corpo da Rainha Santa Iſabel, ſua glorioſiſſima aſcendente, que depois de tantos ſeculos ſe conſerva incorrupto; e aſſim acompanhado de toda a Corte, foy à Igreja de Santa Clara, onde por ſer a Tribuna pequena, ordenou, que ficaſſem na Igreja os Grandes, e Officiaes da Caſa, e que ſó ſobiſſem com elle os Conſelheiros de Eſtado, que foraõ o Duque de Cadaval, os Marquezes de Marialva, e Alegrete, os Condes de Villa-Verde, e Vianna, e o Secretario de Eſtado Diogo de Mendoça Corte-Real, e D. Pedro de Souſa, D. Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, que eſtava de ſemana: e porque haviaõ de ſer ſeis dos Grandes, que tiraſſem o tampo do caixaõ, ſe aviſou ao Conde de Santiago, que ſobiſſe à Tribuna com Sua Mageſtade, a quem o Conde de Vianna pertendeo pelo cargo de Conſelheiro de Eſtado preceder ao de Santiago; porém ElRey reſolveo, que havia preceder o Conde de Santiago por mais antigo. Tem o caixaõ tres chaves, a primeira tem ElRey, a ſegunda o Biſpo de Coimbra, e a terceira o Guardiaõ de Saõ Franciſco da Ponte. Com a chave delRey o abrio Diogo de Mendoça Corte-Real, Secretario de Eſtado, com a do Biſpo o Deaõ de Coimbra Antonio Monteiro Paim por ſe achar a Sé Vacante, e com a terceira o meſmo Guardiaõ da Ponte, em

cujo

cujo poder estava. Tirado o tampo do primeiro caixaõ, que he de prata com crystaes, se tirou tambem o caixaõ, em que está o Corpo, e aberto elle, beijou Sua Magestade a maõ à Santa Rainha, naõ só com a veneraçaõ merecida de sua Santidade, mas com o affecto, e memoria de sua ascendente: seguiraõ-se os Conselheiros de Estado na fórma, em que se costumaõ preceder, depois o Conde de Santiago, e o Sumilher D. Pedro de Sousa, e os mais Grandes pela sua antiguidade, e depois os Officiaes da Casa, havendo-se disposto tudo por avisos do Secretario de Estado. Encerrado o Santo Corpo, se recolheo ElRey com toda a sua Corte à Universidade. Depois foy ElRey em publico, acompanhado de toda a Corte, ao Mosteiro de Santa Cruz, e sendo recebido, na fórma do ceremonial, com grande authoridade, fez oraçaõ, vio os sepulchros dos Invictos Reys D. Affonso I. e D. Sancho I. seus gloriosos predecessores, e entrou a ver o Convento; e assim vio tambem outros Conventos na mesma Cidade.

Antes de Sua Magestade sahir de Coimbra, lhe pareceo fazer merce às Escolas de algum tempo por lho pedirem os Estudantes; e em attençaõ ao applauso, com que festejaraõ a sua entrada naquella Cidade, como tambem ao alvoroço, com que esperavaõ a ElRey Catholico, lhe fez graça de seis mezes aos naturaes do Reyno, e aos do Ultramar de oito: foy passado o Decreto a 17 de Agosto

Prova num. 76.

Agoſto de 1704. Achava-ſe a Cadeira da Igreja de Coimbra vaga pela morte do ſeu Biſpo D. Joaõ de Mello, e o Cabido Sede Vacante mandou eſpontaneamente offerecer a Sua Mageſtade hum donativo de mil moedas, por duas Dignidades da ſua Cathedral, que ElRey agradeceo, e aceitou a offerta, e ſe entregaraõ à ordem de Sua Mageſtade; o Reytor da Univerſidade lhe offereceo quatorze mil cruzados das rendas da meſma Univerſidade, que ElRey aceitou, e agradeceo, e ordenou, que ſe mandaſſem receber, e ſe applicaſſem da meſma maneira, que os doze mil cruzados do Cabido, para pagamento dos Soldados. A Abbadeſſa do Moſteiro de Santa Clara mandou a Sua Mageſtade hum magnifico preſente de diverſos doces, que Sua Mageſtade lhe mandou agradecer, e ordenou ſe repartiſſem pelos Grandes, Fidalgos, Officiaes da Caſa, e Miniſtros, que o acompanhavaõ. A Camera da Cidade tambem lhe mandou outro grande preſente em demonſtraçaõ do ſeu rendimento. Sahio ElRey da Cidade de Coimbra a 23 de Agoſto acompanhado de toda a ſua Corte, e foy dormir à Vacariça, e no outro dia, que era Domingo, foy a Buſſaco, deſerto dos Carmelitas Deſcalços, onde ſe vive em grande obſervancia. ElRey naturalmente pio, ſe agradou muito da amenidade do ſitio, e dos ſantos exercicios, em que frequentemente ſe vive naquelle deſerto, ſervindo a Deos; e depois de venerar aquelle Santuario, e de pedir aos

Reli-

Religiosos, que o encommendassem a Deos, se recolheo a Vacariça, de donde continuou a sua jornada para a Cidade da Guarda, na qual entrou a 30 de Agosto. Tinhalhe preparado a casa para a sua assistencia o Conde de Santiago, Aposentador môr, como havia feito em todas as partes, em que ElRey pernoitou; e assim agora tinha preparado o Seminario da Cidade para habitaçaõ de Sua Magestade, entregandolhe a chave da sua Camera por preeminencia do seu officio.

No dia 27 de Agosto do referido anno, em huma quarta feira, chegou ElRey Catholico à Cidade de Coimbra, e se aposentou no Palacio da Universidade. O Reytor o foy esperar com os Lentes fóra da Cidade por cima de Santa Clara, aonde chamaõ Nossa Senhora da Esperança: alli se apeou o Reytor da sua liteira, e acompanhado do corpo da Universidade cumprimentou a ElRey Catholico: parou elle o cavallo, e com o chapeo na maõ, o ouvio, e respondendo ao cumprimento, o Reytor, e Lentes se puzeraõ a cavallo, e foraõ acompanhando a Sua Magestade Catholica, naõ havendo entre elles preferencia por assim o ter determinado ElRey de Portugal. Nas portas da Cidade da banda de dentro estava o Senado da Camera da Cidade, e o Vereador Manoel do Valle fez a pratica, e lhe entregou as chaves da Cidade: ElRey tirando o chapeo, lhe poz a maõ, e disse ao Vereador as tornasse a recolher: e sendo recebido com to-

das as demonſtrações de alegria, danças, e folias, com que o povo applaudia a ſua vinda, guarnecidas as ruas das Ordenanças da Cidade, paſſou por entre duas alas de Infantaria ao Palacio da Univerſidade, que lhe eſtava preparado. No dia 29 foy ElRey Catholico ouvir Miſſa ao Moſteiro de Santa Clara, e alli o receberaõ com Palio, e *Te Deum laudamus*, ſem oraçaõ alguma, por ſer eſta ceremonia devida ſómente ao Rey natural. Paſſou ElRey Catholico da Igreja à Tribuna a adorar o Corpo da Santa Rainha, para cujo effeito ſe mandou entregar ao Reytor da Univerſidade a chave, que tocava a Sua Mageſtade Portugueza, e as outras tinhaõ os meſmos a quem pertencia, como já diſſemos. Sobio ElRey Catholico à Tribuna com o Almirante de Caſtella, o Principe de Lichtenſtein, e outros ſeus criados, a quem ElRey encarregou o ſerviſſem naquella funçaõ: aberto o caixaõ pelas peſſoas, a quem tocavaõ as chaves, venerou ElRey Catholico com grande piedade aquella prodigioſa Reliquia, e permittio, que a ſua familia ſobiſſe à Tribuna a adoralla. Foy ElRey à Capella da Univerſidade ouvir Miſſa, aonde foy recebido com *Te Deum*, e Reliquia, e na meſma fórma no Moſteiro de Santa Cruz, no Collegio da Companhia, e outros, que ElRey foy ver. O Cabido lhe offereceo hum preſente, que conſtava de grande numero de caixas de doces, e o Geral de Santa Cruz lhe mandou outro grande preſente de doces, frutas, caças,

e ou-

e outras carnes. No primeiro de Setembro, em huma segunda feira, sahio ElRey Catholico de Coimbra tomando o caminho para a Cidade da Guarda, acompanhado do Reytor na mesma fórma com os Lentes quando entrara na Cidade. Hum quarto de legoa mandou ElRey Catholico por hum Pagem dizer ao Reytor, que se podia recolher: apeou-se o Reytor da liteira, chegou ao coche delRey, que lhe fallou com o chapeo na maõ, inclinado alguma cousa da cadeira, em que estava assentado, e assim se despedio. Antes de chegar à Cidade da Guarda, ElRey D. Pedro o foy esperar a cavallo com toda a Corte meyo quarto de legoa: avistaraõ-se os dous Reys, e se fallaraõ com a costumada urbanidade. ElRey Catholico, que tambem vinha a cavallo, foy à maõ direita delRey; o Almirante de Castella, e mais Senhores Alemaens, acompanharaõ a Suas Magestades adiante, sem haver preferencia, e atraz hia o Principe de Lichtenstein, e à sua maõ esquerda o Conde de Vianna, Estribeiro môr, e o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, que estava de semana, e à sua maõ esquerda Milord Conde de Galoway, que no principio de Agosto tinha chegado a este Reyno para General das Tropas de Inglaterra, o qual acompanhava a ElRey Catholico. Foy recebido com todas as demonstrações de obsequio, e na porta da Cidade o aguardava o Senado da Camera, onde o Vereador mais velho Antonio das Povoas de Brito

tinha em hum prato dourado as chaves da Cidade, e parando os Reys com os cavallos, se encaminhou para ElRey de Portugal, que lhe disse as offerecesse a ElRey Catholico, e fazendo-o assim, ElRey Carlos as tomou, e tornou a pôr no prato: a Cidade o salvou com descargas da artilharia, e deixando ElRey de Portugal ao de Castella na casa, que tinha prevenido, se recolheo à sua. Havia ElRey declarado, que o Duque de Cadaval, Mestre de Campo General da Extremadura junto à sua pessoa, por huma Carta escrita a 28 de Junho de 1703, exercitasse o mesmo posto junto à sua Real pessoa, em qualquer parte destes Reynos, onde se achasse ElRey: pelo que lhe ordenou, que em applauso da celebridade, com que naquelles tres dias se festejava a chegada delRey Catholico, lhe fizesse o obsequio de lhe ir tomar o Santo, e assim o fez naquelles tres dias; porém na Campanha, o tomou sempre a ElRey de Portugal, e na mesma Tenda o passava ao Baraõ de Fagel, Mestre de Campo General: e duvidando os Inglezes recebello do Baraõ de Fagel, o Conde de Galoway, seu General, mandou ao seu Mestre de Campo General Windon o tomasse do Duque. No tempo, que os Reys se detiveraõ nesta Cidade, se visitaraõ reciprocamente, mandando-se cumprimentar com grande cuidado, na mesma fórma, que já temos dito.

Achava-se na Praça de Almeida o Marquez das Minas, Governador das Armas da Beira, maltratado

tratado dos olhos, por cuja causa se deteve em ir à Corte; porém tanto, que cessou a enfermidade, foy logo informar a Sua Magestade de todas as cousas da sua Provincia. O Conde de Alvor, Governador das Armas de Traz os Montes, que se achava no Quartel de Trancoso, e o Conde de Atalaya, Governador das Armas do Minho, que estava no de Pinhel, foraõ ambos a beijar a maõ a Sua Magestade, e na mesma fórma os mais Cabos, e Officiaes do Exercito, sahindo da sua Real presença satisfeitos, e contentes da honra, que experimentavaõ no agrado, e benevolencia delRey. Em hum Sabbado 20 de Setembro sahiraõ os Reys da Guarda para o Exercito, que se achava junto da Praça de Almeida, e ainda que por differentes caminhos, chegaraõ no mesmo dia. ElRey de Portugal chegou primeiro às quatro horas da tarde ao Exercito, que logo vio, passando pela vanguarda da primeira, e segunda linha, e depois foy esperar a ElRey Catholico, e o encontrou antes de chegar à ponte do Rio Coa, e passando ambos os Reys pelo Exercito, o de Portugal levou ao Catholico ao seu alojamento, e despedido delle, se recolheo à sua Tenda. Na Campanha, como nas outras partes, se visitaraõ os Reys da mesma maneira, que sempre. Tanto, que entraraõ nos Dominios da Coroa de Hespanha, logo ElRey Catholico cedeu o melhor lugar a ElRey de Portugal; e assim continuaraõ até o Exercito tornar a entrar em Portugal. Em

26

26 do referido mez fez o Exercito a primeira marcha, e a pouco se reconheceo, que os inimigos tinhaõ occupado os póstos das passagens do Rio Agueda, que impedia totalmente a determinaçaõ da empreza de Ciudad Rodrigo. Determinou ElRey de Portugal pôr em Conselho esta materia, e avisando a ElRey Carlos, que esperava por elle para o Conselho, que no dia de antes estava assentado entre ambas as Magestades, veyo ElRey Catholico à Tenda delRey de Portugal, em que entraraõ o Duque de Cadaval, o Marquez das Minas, ambos do Conselho de Estado; o Principe de Lichtenstein, Ayo, e Mordomo môr delRey Catholico, o Conde de Ulfeld, Capitaõ da sua Guarda, o Almirante de Castella, o Conde Galoway, General das Tropas Inglezas, o Marquez de Alegrete, do Conselho de Estado, D. Joaõ de Lencastre, do Conselho de Guerra, General da Cavallaria de Alentejo, o Conde de Villa-Verde, do Conselho de Estado, o Conde de Alvor, do Conselho de Estado, o Baraõ de Fagel, Mestre de Campo General do Exercito, e General das Tropas de Hollanda, o Marquez de Marialva, do Conselho de Estado, o Conde de Vianna, do Conselho de Estado, o Conde de la Corssana, e o Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real, e todos tiveraõ assento em cadeiras de couro razas, na mesma fórma, que se usa no Conselho de Estado. E propondo-se, se se havia de continuar a empreza de

Ciudad

Ciudad Rodrigo, se consideraraõ as difficuldades de ter o inimigo occupado os póstos da passagem do Rio Agueda, e acharse com o seu Exercito encostado àquella Praça: pelo que pareceo uniformemente, que se continuassem as marchas, e se chegasse ao rio, para que tomando quartel perto delle, se observaria melhor os movimentos do inimigo, e com este parecer se conformaraõ os Reys. Porém ElRey de Portugal se achava já sentido de ver, que lhe faltava o que tantas vezes haviaõ promettido, e ratificado o Almirante de Castella, e o Conde de la Corssana, que tanto, que chegasse o nosso Exercito à Raya de Castella, naõ ficaria naquelle Reyno pessoa, que se naõ passasse a Portugal, de que tambem alguns Ministros Portuguezes se haviaõ persuadido, dizendo a ElRey, que sem golpe de espada, haviaõ de conquistar Hespanha. Estas, e outras circunstancias na occasiaõ presente, deraõ motivo a alguma impaciencia a ElRey: pelo que queria, que a todo o risco se forçassem os pórtos do Rio Agueda, e passasse o Exercito à outra banda: e cançado das persuasoens, que o zelo, e amor dos seus Ministros lhe faziaõ, determinou reconhecer elle mesmo as difficuldades do porto. E tendo-o intentado, foy preciso, que voltasse, por naõ ser cortado dos inimigos, porque com valor incrivel expoz a sua Real pessoa. No dia seguinte, quatro de Outubro, marchou o nosso Exercito ao rio: governava a linha da vanguarda o Duque

Duque de Cadaval, e a ſegunda o Conde de Alvor, e depois de duas horas de combate com a artilharia de hum, e outro Exercito, na meſma Campanha chamou ElRey a Conſelho aos Miniſtros, e Generaes, que alli ſe achavaõ, a ſaber: o Duque de Cadaval, os Marquezes das Minas, de Marialva, e Alegrete, os Condes de Vianna, de Villa-Verde, de Alvor, de Atalaya, D. Joaõ de Lencaſtre, o Principe de Lichtenſtein, o Almirante de Caſtella, Milord Galoway, e o Baraõ de Fagel, aos quaes ElRey D. Pedro quiz perſuadir, que ſe naõ devia de deſiſtir de paſſar o rio; porém a todo o Conſelho pareceo (depois de ponderadas muitas razoens, e motivos) o contrario, excepto ao Marquez das Minas, que ſuſtentava, ſe naõ devia de deſiſtir de paſſallo: o Almirante de Caſtella o contrariou, e o Duque de Cadaval, moſtrando, que ſe naõ devia intentar. ElRey Catholico approvando, o que ſe tinha vencido, diſſe, que os meſmos motivos, que ſe haviaõ diſcorrido, eraõ o fundamento para ſe conformar, reconhecendo o acerto, com que haviaõ votado aquelles Miniſtros, e Generaes, e que ſe dava por ſatisfeito, pois os intereſſados na cauſa commua entendiaõ, que era contra ella o que Sua Mageſtade pertendia executar; a que ElRey hum pouco ſentido, reſpondeo ao Catholico, que daquella maneira naõ ſeria Rey de Heſpanha, e voltaria para Alemanha. ElRey Catholico moſtrou no ſemblante naõ lhe agradar repoſta taõ deſabrida.

Memorias do Duque de Cadaval, tom. II. pag. 140.

Hum

Hum illustre Author muy conhecido pela sua muita erudiçaõ, que escreveo huns Commentarios desta guerra com admiravel estylo, padeceo grande equivocaçaõ nas nossas cousas, trocando lastimosamente este, e outros successos, tal vez porque as diversas missoens, em que andou occupado fóra de Hespanha, fossem o motivo de ser taõ mal informado, do que nella se passou. O successo, que referimos, succedeo na fórma, que acima fica escrito, contado pelos mesmos Generaes, que se acharaõ naquelle Real Conselho, de que só o Marquez das Minas se conformou com a vontade delRey D. Pedro, votando se naõ retirasse o Exercito, e buscasse o dos inimigos, a que se oppuzeraõ todos os mais Generaes, que alli se acharaõ, Portuguezes, e Estrangeiros, com quem ElRey Carlos se conformou, como temos dito. E se, como refere o mesmo Author, foy prejudicial esta resoluçaõ aos interesses dos Alliados, que podiaõ entrar, como elle diz, livremente por Castella, e turballa muito; claramente se tira, que Deos queria conservar no throno de Hespanha a ElRey Filippe, e por isso foraõ inevitaveis estes, e outros erros daquella guerra.

Marqũez de San Philipe, *Com. de la Guer. de España*, lib. V. p. 175.

Estava o Exercito acampado junto ao Lugar de Guinaldo, e determinando-se, que naõ se devia continuar a Campanha, por se haver anticipado o Inverno, e serem grandes as chuvas, retrocedendo a marcha, acampou junto à Praça de Alfayates, de donde ElRey D. Pedro passou à Cidade da Guar-

da, e dalli continuou a jornada para Lisboa. Passou ElRey Catholico à Guarda, aonde já naõ achou a ElRey de Portugal, que tinha partido para Lisboa, e seguindo a jornada até a Villa de Santarem, achou a ElRey ainda nesta Villa, e nella ficou depois delRey continuar a jornada para Lisboa: e havendo passado alguns dias, depois de ElRey de Portugal estar na Corte, lhe mandou dizer, que desejava accommodarse na Quinta, que o Conde de Aveiras tinha no sitio de Belem, a qual logo se lhe poz prompta. Na Provincia de Alentejo, por estar impedido o Conde das Galveas seu Governador das Armas, foy nomeado o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, Capitaõ General da Armada, do Conselho de Estado, para governar o Exercito, que acampou sobre o rio Sever, e poz em contribuiçaõ as Villas de S. Vicente, Ferrera, e outros Lugares.

Chegando ElRey D. Pedro a Lisboa a 17 de Novembro do referido anno de 1704, o Principe com os Infantes seus irmãos, o foraõ esperar ao Campo Grande, e depois de lhe tomarem a bençaõ, e Sua Magestade ter o gosto de ver seus filhos, foraõ todos a fazer oraçaõ à milagrosa Imagem da Madre de Deos, e logo à da Senhora das Necessidades. Tendo ElRey cumprido com a piedade, e devoçaõ daquellas visitas, passou com Suas Altezas ao Paço da Rainha da Grãa Bretanha, que com grande satisfaçaõ recebeo a ElRey seu irmaõ, e acaba-

acabada a visita, se recolheo com seus filhos ao Paço da Corte-Real. A 17 de Dezembro, em huma quarta feira, chegou ElRey Catholico à Quinta do Conde de Aveiras, e logo no mesmo dia o foy cumprimentar da parte de Sua Magestade o Conde de Vianna, e depois de elle sahir, entrou o Duque de Cadaval a darlhe a boa vinda da parte da Rainha D. Catharina, do Principe, e dos Infantes. O Conde de Assumar teve ordem para assistir em Belem, o que elle fez continuando aquella assistencia, de sorte, que merecia o agrado delRey seu Amo, justamente devido ao zelo do Conde, e ao modo, com que sabia agradar a ElRey Catholico. Continuaraõ os Reys sempre em boa correspondencia, mandando por muitas vezes reciprocamente saber hum do outro, e na mesma fórma, da Rainha de Inglaterra, do Principe, e Infantes; e assim se visitavaõ muitas vezes, e ElRey Catholico o fazia tambem algumas à Rainha da Grãa Bretanha.

Havia ElRey Dom Pedro muito antes de ir para a Campanha padecido humas somnolencias fóra do tempo, e horas do descanço, e ainda que ElRey facilmente cahia no somno, cresceo sempre de maneira, que nos despachos, e na força dos mayores negocios, se achava preoccupado do somno em fórma, que o naõ podia vencer, e continuava o achaque, naõ sem grande cuidado, e reparo dos seus criados, e Ministros, que lhe assistiaõ, de que o zelo de alguns, revestido do amor, com que o ser-

Memorias m.s. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. XI. pag. 258.

viaõ, o advertiaõ, e naõ bastava a advertencia para diminuir a propensaõ, que se originava de vapores, que sobiaõ à cabeça; porque naõ era facil todo o cuidado de os poder emendar. Procedeo este achaque de hum defluxo de estillicido, a que ElRey era sogeito muitas vezes, e durando mais tempo, dous mezes antes de partir para a Campanha, se queixou por vezes da garganta, até que ultimamente crescendo a inflammaçaõ, teve Sua Magestade difficuldade em engolir, e com ella se sogeitou a usar de alguns medicamentos leves, e os seus Medicos julgavaõ necessarios outros, a que ElRey se naõ queria sogeitar, já pela repugnancia natural, que tinha a remedios, como tambem por entender lhe deteria a cura a brevidade, com que queria ir à Campanha. Finalmente a 27 de Dezembro, se achou totalmente rendido da queixa, e se sogeitou à disposiçaõ dos Medicos, e antes de se principiar a cura, que lhe haviaõ determinado ser mais conveniente, se começou a aggravar a doença de sorte, que no dia primeiro de Janeiro, que era huma quinta feira, do anno de 1705, amanheceo Sua Magestade com muito somno, e mayor febre: foy logo sangrado naquella manhãa, e seguiraõ-se a esta sangria mais tres. Aggravaraõ-se os symptomas no discurso do dia de maneira, que recearaõ os Medicos se constituisse apopletico, e foraõ uniformemente de parecer, que se sacramentasse. Participou o Padre Sebastiaõ de Magalhaens, Confessor delRey, o parecer

recer dos Medicos, e o que haviaõ assentado: Sua Mageſtade, que era naturalmente pio, quiz logo commungar da Freguesia, e fazendo-se Conselho de Eſtado, pareceo, que na ſua Camera entraſſem ſó os Conſelheiros de Eſtado, e os Sumilheres da Cortina Nuno da Cunha de Ataide, e Dom Joſeph de Almada, para exercitarem o ſeu officio, adminiſtrandolhe o Santiſſimo Viatico o Capellaõ mór D. Fr. Joſeph de Lencaſtre, com aſſiſtencia dos referidos Sumilheres, o que aſſim ſe executou. E recebido o Santiſſimo Viatico com ſingular piedade delRey, e com grande edificaçaõ, dos que lhe aſſiſtiaõ, o Principe com toda a Corte acompanhou o Santiſſimo à Freguesia dos Martyres. Eraõ ſete horas da noite, quando ElRey recebeo o Santiſſimo Viatiaco, e ſuſpendeo-ſe a Unçaõ por parecer dos Medicos. Era neſte tempo Nuncio Apoſtolico neſtes Reynos D. Miguel Angelo Conti, Arcebiſpo de Tarſo, (depois Cardeal, e Papa Innocencio XIII.) que ſe achava notificado por ordem da Rainha da Grãa Bretanha, quando na auſencia delRey ficou governando o Reyno, para que naõ entraſſe no Paço, nem foſſe admittido pelo ſeu Conferente a tratar negocio algum, por haver mandado notificar aos Padres da Companhia ſobre a ſatisfaçaõ dos quindennios, que o Papa pertendia lhe pagaſſem de certas Igrejas, que a Companhia poſſuîa em Portugal. No dia ſeguinte depois ao em que ElRey havia recebido o Santiſſimo Viatico,
man-

mandou o Nuncio dizer ao Duque de Cadaval, que era seu Conferente, que desejava lhe houvesse permissaõ de Sua Magestade para ir a huma das antecameras do seu Paço, a saber do Gentil-homem da Camera, como Sua Magestade estava. O Duque lhe escreveo, que Sua Magestade dizia, podia ir à sua Real presença, e darlhe a absolviçaõ, e Indulgencias concedidas no artigo da morte. Na mesma manhãa da sesta feira, foy o Nuncio ao Paço, e na casa immediata à Camera delRey, lhe poz a estola hum seu Capellaõ, e lhe deu o Ritual para a absolviçaõ. Chegou à ilharga da cama del-Rey, e em pé, depois de repetir a Confissaõ, perguntou a Sua Magestade, se queria receber as Indulgencias, que elle lhe podia communicar naquella hora: ElRey lhe fez sinal com a cabeça, de que as queria receber, e por estar muy embaraçado da falla, se valeo a sua piedade daquella demonstraçaõ. Depois do Nuncio haver applicado a ElRey as Indulgencias, e acabada a ceremonia, lhe disse o seu grande sentimento de o ver naquelle estado: El-Rey abraçou o Nuncio com grandes mostras de piedade, e o Nuncio lhe correspondeo com todas aquellas demonstrações, que cabiaõ no respeito, e no sentimento. Passou ElRey o dia com tanto trabalho, que os Medicos entenderaõ, que nelle acabava a vida; e assim às oito horas da noite tomou a Unçaõ, que lha administrou o Parocho da Freguesia de Nossa Senhora dos Martyres, porque o

Capellaõ

Capellaõ môr era muito velho: pelo que se determinou fosse o Parocho, assistindo D. Joseph de Almada, Sumilher da Cortina, que alimpava os Oleos. Na noite teve algum alivio, porém no dia seguinte começaraõ os Medicos a temer o mesmo, e lhe applicaraõ remedios violentos, que foraõ bem succedidos, principalmente a tintura do ouro potavel, que lhe mandou ElRey Catholico. Vendose ElRey taõ prostrado, nomeou a Regencia do Reyno na Rainha sua irmãa, na mesma fórma, que quando fora para a Campanha. Neste mesmo dia, que era Sabbado 3 de Janeiro, foy ElRey Catholico saber de Sua Magestade: naõ lhe fallou, mas sim ao Principe, que o recebeo na casa do Docel, debaixo do qual se puzeraõ duas cadeiras. Neste mesmo dia veyo a Rainha da Grãa Bretanha, e na mesma noite, na presença do Duque, e dos Cameristas, o Confessor delRey entregou ao Bispo de Elvas, Secretario de Estado, o Testamento, e Codicillo de Sua Magestade, o qual havia feito no anno antecedente na Cidade da Guarda. Fizeraõse preces publicas em todas as Igrejas da Cidade; em algumas esteve o Senhor exposto, e nellas concedeo o Nuncio por hum Edital Indulgencias a todos os que confessando-se, e commungando, rogassem a Deos pela saude delRey. Na Cidade se fizeraõ muitas Procissoens com Imagens milagrosas, e todas hiaõ à Capella Real: o povo em grande multidaõ, e com geral sentimento acompanhava

com

com muita devoçaõ as Procissoens, pedindo a Deos a vida delRey. A Santissima Imagem do Senhor com a Cruz às Costas, que vulgarmente chamaõ dos *Passos*, veyo do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, e ficou na Capella sete dias, e concorrendo immensa multidaõ de gente, se continuavaõ as preces.

Era ElRey muy devoto da milagrosa Imagem de Nossa Senhora das Necessidades, que fica em huma Ermida fóra da Cidade, onde costumava ir todos os Sabbados a visitalla, e pedirlhe a sua protecçaõ: pelo que inflammado da sua devoçaõ, pedio, que lha trouxessem, e assim se executou, vindo a Santissima Imagem em Procissaõ, e se collocou em hum Altar na mesma Camera de Sua Magestade, que ficou livre do perigo, mas continuou a doença com diversos symptomas, que davaõ, que discorrer aos Medicos. Desejou ElRey mudar de sitio, e parecendo conveniente aos Medicos as casas do Conde de Vimioso, em hum Sabbado, que se contavaõ 14 de Fevereiro do referido anno, passou do Paço da Corte-Real para aquelle sitio, onde sobrevindo diversos incidentes à saude de Sua Magestade, continuaraõ os remedios. O desejo, que todos tinhaõ da saude, e vida delRey, fez entender pela mudança o desejado effeito da melhoria: pelo que o Senado da Camera fez huma Procissaõ publica, que sahio da Cathedral de Lisboa em 20 de Fevereiro, acompanhada do Clero, e Religioens,

e se

e se recolheo na Igreja de S. Domingos. Pareceo a Sua Magestade, que se devia repor a Imagem de Nossa Senhora das Necessidades na sua Ermida, para o que se convocaraõ todas as Religioens ao Paço da Corte-Real, onde foy a Capella Real com Cruz, e se fez aviso aos Grandes, e a outras pessoas, na fórma do estylo; ordenou, que os Grandes, e Conselheiros de Estado, haviaõ de levar o andor, e depois da Capella cantar o *Te Deum*, se poz em ordem a Procissaõ, e sahindo do Oratorio do Paço da Corte-Real, foy levada a Imagem à sua Ermida em Domingo 28 de Fevereiro. O Principe, e Infantes acompanharaõ a Procissaõ, indo detraz do Andor vestidos de gala, para o que tambem teve aviso a Corte. No outro dia foraõ Suas Altezas à Ermida de Nossa Senhora, acompanhados da mesma Corte, e houve Missa cantada em acçaõ de graças, e prégou o Arcebispo de Cranganor D. Diogo da Annunciaçaõ Justiniano.

Vendo ElRey, que a mudança do sitio naõ tinha sido remedio, antes lhe tinhaõ sobrevindo outras molestias, cuidou em passar para Azeitaõ; porém naõ parecendo conveniente aos Medicos, e reconhecendo gosto em ElRey de ir para a Quinta de Alcantara, onde lhe mostrava a experiencia, que padecia menos defluxos, naõ tiveraõ os Medicos duvida, em que fizesse a mudança, e em 12 de Março passou Sua Magestade das casas do Conde de Vimioso para aquella Quinta, onde com diversos

medicamentos, em poucos mezes, teve melhoria, conhecendo-se com mais forças, e mais nutrido, de sorte, que começou a sahir fóra, montar a cavallo, e ir à caça: pelo que se suspenderaõ por entaõ os remedios, que se tinhaõ determinado, que totalmente se deixaraõ, porque cessou o achaque, que taõ grande cuidado deu a todos os seus Vassallos.

Neste anno de 1705 faleceo a 5 de Mayo o Emperador Leopoldo I. Achava-se na nossa Corte ElRey Carlos seu filho, que logo mandou participar a ElRey D. Pedro esta noticia. E supposto se naõ tinha recebido ainda a conta delRey dos Romanos, como he costume entre todas as Coroas, serem semelhantes noticias mandadas pelos successores; pareceo a ElRey, que achando-se ElRey Catholico nesta Corte, que lha participava, e que pelo parentesco, que havia entre elles, Sua Magestade, e Altezas, deviaõ fazer as demonstrações costumadas. ElRey se encerrou por oito dias, que começaraõ a 16 de Junho do referido anno, tomando luto de capa comprida por dous mezes, e tres de capa curta; este luto se estendeo a toda a Corte, sómente nas pessoas, e naõ nas familias. Achava-se ElRey outra vez doente da grande molestia, que acabámos de referir: pelo que mandou ao Marquez de Alegrete, seu Gentil-homem da Camera, que fosse ao Paço delRey Catholico, que ainda estava na Quinta do Conde de Aveiras, e Sua Magestade na de Alcantara, para que da sua parte representasse

se a ElRey Carlos o grande sentimento, que tinha da morte do Emperador. E no dia seguinte foy o Duque de Cadaval da parte da Rainha da Grã Bretanha, que se achava com a Regencia do Reyno, e tambem da parte do Principe, e Infantes; depois recebeo ElRey a Carta delRey dos Romanos, escrita da sua propria maõ, que lhe levou o Principe de Lichtenstein.

Estava ordenado ao Conde das Galveas, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, que sahisse em Campanha com o Exercito daquella Provincia no principio da Primavera. E a mesma ordem teve o Marquez das Minas, Governador das Armas da Provincia da Beira; e executando os dous Generaes pontualmente as ordens de Sua Magestade, sahio o Conde das Galveas de Estremoz, e marchando dalli com a mayor parte do Exercito à Praça de Arronches, junto della se ajuntou o resto das Tropas, que estavaõ repartidas pelos quarteis; e acabando de formar o Exercito, entrou por aquella parte em Castella. Avistando a Praça de Albuquerque, a deixou, e passando a 2 de Mayo do anno de 1705, se poz à vista da Praça de Valença de Alcantara, huma das melhores, e mais bem fortificadas, que tinha Hespanha na Fronteira de Portugal. Era o General supremo deste Exercito o Conde das Galveas, do Conselho de Estado, e Governador das Armas de Alentejo, e Mestres de Campo Generaes o Conde de la Corssana, o Con-

Letteres Historiques an. 1705.

Ultima noticia da expugnaçaõ da Praça de Valença de Alcantara, impr. em 1705.

de de Galoway, General tambem das Tropas Inglezas, que militavaõ no noſſo Exercito; o Baraõ de Fagel, a cujo cargo eſtava o mando das Tropas Hollandezas: eraõ tambem Meſtres de Campo Generaes o Conde de Villa-Verde, do Conſelho de Eſtado, com o governo da Cavallaria, e o Viſconde de Barbacena, do Conſelho de Guerra, com o governo da Artilharia. Achavaõ-ſe no Exercito o Conde de Alvor, do Conſelho de Eſtado, e Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, com o partido das Tropas da ſua Provincia; eraõ Generaes de Batalha Pedro Maſcarenhas, depois Conde de Sandomil, D. Joaõ Diogo de Ataide, depois Conde de Alva, o Conde de Monſanto D. Manoel de Caſtro, depois Marquez de Caſcaes, o Conde de S. Joaõ Luiz Bernardo Alvares de Tavora, e o Conde do Rio-Grande Lopo Furtado de Mendoça, que ſendo Almirante da Armada, para acharſe na Campanha quiz exercitar eſte poſto. Formado o ſitio, e plantadas as batarias debaixo do fogo da Praça, que era muito, e incommodava os noſſos com algum damno, matando, e ferindo alguns Officiaes, e Soldados, e hum dos mortos foy o Capitaõ de Cavallos Ayres de Souſa de Caſtro; começaraõ a 6 a jogar as batarias contra a Praça, das quaes a principal para abrir a brecha na face do baluarte conſtava de doze peças de calibre de vinte e quatro, e naquelle dia, e no ſeguinte, tirou dous mil e quinhentos tiros. Havia outra bataria de oito

peças

peças de Campanha, e outra de ſeis, e além deſtas tres, huma de ſete morteiros grandes, e quarenta pequenos. Obrou com taõ bom effeito a bataria deſtinada para a brecha, que naquelles dous dias a poz capaz do aſſalto; e recuſando o Governador da Praça Dom Alonſo Madariaga, Marquez de Villa Fuerte, entregalla por capitulaçaõ, porque eſtava reſoluto a defendella, eſperando o ſoccorreſſe o Marquez de Bay, que havia chegado com quatro mil Cavallos a Piedra Buena, quatro legoas do noſſo Exercito, onde elle pertendeo juntar mais tres mil Infantes, e todas as Tropas Francezas, para poder ſoccorrer eſta importante Praça: o que ſabendo o Conde das Galveas, Governador das Armas, reſolveo mandarlhe dar o aſſalto; e aſſim foy enveſtida na manhãa de 8 de Mayo por dous Terços de Infantaria Portugueza, e dous Regimentos Eſtrangeiros, hum de Inglezes, e outro de Hollandezes; o primeiro foy o de D. Franciſco Naper de Lencaſtre, que ficou morto em cima da brecha, havendo procedido valeroſiſſimamente. Seguio-ſe o do Conde de Coculim, que procedeo da meſma ſorte, deſprezando huma contuſaõ, que lhe fez huma balla de moſquete, e a eſte o Regimento do Coronel Dunkinſen, que ficou ferido, e elle, e os ſeus Soldados, deixaraõ bem acreditado o valor da ſua Naçaõ. Na retaguarda hia o Conde de Noyelles, Brigadeiro Hollandez, que todos correſponderaõ à grande opiniaõ do ſeu esforco. Durou o conflicto

na

na brecha hum bom espaço; e naõ podendo os Castelhanos já supportar os golpes da nossa gente, se retiraraõ ao Castello, onde logo fizeraõ final, largando bandeira branca, e mandou o Governador capitular: porém ao tempo, que se estavaõ propondo as condições da entrega, se houveraõ com tal desacordo, e perturbaçaõ os que estavaõ no Castello, que abriraõ as portas antes de ajustada a capitulaçaõ, e entrando por ellas os nossos Soldados, se fizeraõ inteiramente senhores de tudo. Os moradores haviaõ salvado no Castello as suas mais preciosas alfayas para as segurarem, e naõ se pode embaraçar, que os Soldados as tomassem, segundo o costume, e maximas da guerra. Da nossa parte houve além da perda do Mestre de Campo Dom Francisco Naper, morrer junto a elle hum valeroso Capitaõ de Infantaria do mesmo Terço, chamado Manoel Jorge de Figueiredo; e dos feridos de mayor consideraçaõ, foy o General de batalha D. Joaõ Diogo de Ataide, passado com huma balla no peito junto ao hombro, havendo procedido neste assalto com singular valor. No mesmo dia 8 de Mayo, em que foy ganhada a Praça, despedio logo o Governador das Armas a seu filho o Tenente General da Cavallaria Pedro de Mello de Castro, para participar a Sua Magestade esta estimavel noticia, e Sua Magestade em attençaõ do bom serviço do Conde das Galveas, e remuneraçaõ do trabalho de seu filho Pedro de Mello, lhe fez merce

de

de o mandar cobrir Conde, para que desde logo lograsse as honras da grandeza em vida de seu pay. O Author dos Commentarios da Guerra de Hespanha referindo, que os nossos ganharaõ esta Praça, diz, que fora o Governador della obrigado a entregalla depois de cinco assaltos, com a guarniçaõ prisioneira de guerra: o assalto naõ foy mais que hum, e montando-se a brecha, se rendeo na fórma, que deixamos dito; e accrescenta, que a guarniçaõ, sendo prisioneira, fora enviada a Lisboa, escoltada por cento e trinta cavallos, e que deixando os Castelhanos, ainda que despidos, e desarmados, descuidar aos nossos, os ataraõ, e opprimiraõ repentinamente, e lhe tomaraõ os cavallos, e fogiraõ. Se os successos, que este illustre Author escreveo, acontecidos aos Hespanhoes no theatro daquella guerra em diversas partes, saõ com semelhante verosimilidade, merecem muy pouco credito as suas memorias, pelo mal, que se informou; porque esta guarniçaõ foy remettida a Castello de Vide, e naõ estava em estado da aventura, de que elle se persuadio, com hum Exercito taõ visinho, e vitorioso, que occupava os passos da Raya por toda aquella parte. Demais, que despidos, e desarmados, como podiaõ atreverse aos Soldados armados, que elle suppoem descuidados pela arte dos seus? Na verdade, que me causa admiraçaõ, que hum homem, ainda que naõ militar, sendo erudito, se persuadisse de hum taõ inverosimil successo. De mais, que no mesmo lugar, diz,

Marquez de San Philipe, *Com. de la Guer. de Hespaña*, lib. 6. p. 183.

diz, que depois de se render Valença, tomaraõ os nossos Albuquerque, e deixando acima ao Marquez das Minas na Beira, a elle attribue o mando, e governo deste Exercito, de que era General o Conde das Galveas; e sendo este grande Varaõ taõ conhecido na Europa, naõ teve delle noticia, nem lha deraõ, que governava neste tempo as Armas da Provincia de Alentejo.

Depois do Conde das Galveas haver ganhado a Praça de Valença, e mandado para a de Castello de Vide cento e quatorze Officiaes, e duzentos e oitenta e tres Soldados prisioneiros, e ter reparado a Praça, em que se acharaõ muitas munições de boca, e guerra, e além da artilharia de ferro, dez peças de bronze, e hum morteiro grande; no dia 14 de Mayo mandou occupar o Lugar de S. Vicente, advertindo aos Soldados, que se abstivessem de lhe fazer qualquer violencia, por ter aquelle Lugar dado obediencia a Sua Magestade, como já se disse, e marchou logo o Exercito em duas linhas, cobrindo a artilharia, e era o Mestre de Campo General de semana o Conde de la Corssana, e General de Batalha o Conde do Rio-Grande Lopo Furtado de Mendoça. No dia 15 marchou o Exercito na fórma sobredita, e passando à vista do Castello de Piedra Buena, se mandou hum Alferes com huma partida para que examinasse os frutos, que alli estavaõ recolhidos, e se acharaõ mais de oitenta moyos de trigo, e cevada, muita quantidade de lãas, e ou-

e outros generos, de que se aproveitaraõ os Soldados, e muitos Paizanos. Chegou o Exercito à vista de Albuquerque, e se aquartelou na sua campanha. Fica esta Praça em hum alto, distante tres legoas da Fronteira de Portugal, com muros antigos, mas de forte fabrica, e hum Castello situado no mais imminente da Praça, reputado por inexpugnavel, sendo o terreno fertil de frutos, e gados, com a visinhança do rio Gebra a meya legoa. Habitavaõ-na dous mil visinhos, repartidos em duas Parochias, com hum Convento de Frades, e outro de Freiras. Era governada a Praça por D. Joseph de Losada, Coronel de hum dos Regimentos daquella Provincia, Soldado de valor, e experiencias militares. Mandoulhe o Conde das Galveas por hum Bolatim hum escrito, e outro ao corpo Secular, e outro ao Ecclesiastico, os quaes levou o Tenente de Mestre de Campo General Antonio Pessanha de Castro, em que lhe persuadia, se rendessem, sem chegar à violencia das armas, a que o Governador respondeo briosamente, que se havia de defender até a ultima gotta de sangue: o corpo Secular, e Ecclesiastico responderaõ, que elles naõ tinhaõ voto em materias de guerra, e que a Villa estava entregue ao Governador, cujas ordens elles deviaõ seguir. Depois dos Generaes reconhecerem a Praça, mandou o General segundo Bolatim com Carta sua, e havendo-se respondido na conformidade da primeira, foy nomeado o Conde de S.

Joaõ, General de Batalha, para ganhar os póstos com os Terços do Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama, e do Conde de Alvor Bernardo Antonio de Tavora, em que hiaõ por particulares o Mestre de Campo Pedro da Cunha de Mendoça, D. Luiz Joseph da Gama, filho do Marquez de Niza, D. Fernando de Noronha, filho do Marquez de Cascaes, e Antonio de Miranda de Mendoça, e se ganharaõ os póstos com valor, e presteza, a pezar da resistencia dos inimigos, em que da nossa parte houve quinze mortos, e trinta feridos, e da outra mayor numero. No mesmo dia, que eraõ 16, foy nomeado o Conde de Soure D. Joaõ Joseph da Costa para com o seu Terço assistir ao principio dos ataques, e defender seiscentos homens trabalhadores, que lhe deraõ para o trabalho, o que fez com tanto valor, como actividade, deixando-os capazes de logo servirem. Entendeo-se, que o inimigo poderia fazer alguma sortida de noite: pelo que o Conde das Galveas mandou reforçar os dous Terços do Conde da Vidigueira, e Alvor, por outros dous, que foraõ os do Mestre de Campo Francisco de Abreu, e o que governava o Sargento mór Manoel Gomes, os quaes foy meter o Conde do Rio, General de Batalha. No dia 17 começou a artilharia a bater o muro, que cinge a Praça, e constava de seis peças, e tres morteiros, e se mandaraõ mudar os Terços dos arrebaldes pelos dos Inglezes, ficando duas Companhias de Portuguezes para guarda

da das Igrejas. Na noite se deu principio às minas, que pareceraõ serem precisas, pelo pouco effeito, que as ballas da artilharia faziaõ na muralha, que por antiquissima, resistia de sorte, que com pouco sentimento seu rebatia as ballas. Porém o Visconde de Barbacena, Mestre de Campo General, que governava a artilharia, esforçou a bataria com mais quatro meyos canhoens, e a fez laborar incessantemente de dia, acodindo a tudo com tal promptidaõ, que a elle se lhe deve justamente attribuir huma grande parte do bom successo desta empreza, como o havia tido na expugnaçaõ de Valença, acreditando assim o seu valor com as mesmas experiencias. No dia seguinte se mandaraõ pôr promptas mil e duzentas faxinas com novos trabalhadores para as minas, que adiantaraõ de tal sorte, que no dia seguinte ficariaõ na sua ultima perfeiçaõ. Neste dia entrou de guarda nos ataques o Marquez de Fontes Rodrigo Annes de Sá, em cujo Terço serviaõ, como particulares, o Conde de Villar-Mayor Manoel Telles da Sylva, seu irmaõ Antonio Telles da Sylva, e Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, porque o Conde da Ericeira, que servia no mesmo Terço, foy nomeado no principio da Campanha Mestre de Campo, e Governador de Evora, e nesta occasiaõ se acharaõ outros muitos Fidalgos; e no arrabalde entraraõ tambem de guarda os Mestres de Campo Joaõ de Saldanha da Gama, D. Antonio de Noronha, filho do Conde de Villa-Verde, e o Conde

de S. Vicente Joaõ Alberto de Tavora. Entrou de ſemana no dia 20 o Meſtre de Campo General Conde de Galoway, e o General de Batalha Marquez de Montandre, e eſtando já a brecha aberta para ſe poder inveſtir, pelas dez para as onze do dia fez ſinal a Praça no ſitio da brecha para capitular, e ceſſando as armas, deſceo pela brecha hum Sargento môr para refens, e da noſſa parte lhe mandaraõ os Sargentos môres dos Terços do Marquez de Fontes, e do Conde de S. Vicente; e entrandoſe a capitular, propuzeraõ os inimigos, que entregariaõ a Villa, e naõ o Caſtello, cuja propoſta foy logo regeitada, e outras ſemelhantes.

Concederaõ-lhe finalmente a de ſahir pela brecha a guarniçaõ da Villa, e Caſtello, com balla em boca, bandeira ſolta, caixa batida, e huma peça de artilharia, e os mandaraõ conduzir com ſegurança até Merida, com huma baſtante eſcolta. E que entregando-ſe a Villa, e Caſtello de Albuquerque, todos os moradores della, aſſim Eccleſiaſticos, como ſeculares, ſeriaõ conſervados no meſmo eſtado, em que ſe achavaõ, guardandolhe os ſeus privilegios, e fóros, que tinhaõ, até o tempo delRey D. Carlos II. gozando pacificamente todos os ſeus bens, aſſim moveis, como de raiz, o que ſeria inviolavelmente guardado, paſſando-ſe para iſſo ordens aos Cabos, Officiaes, e Soldados. Permittindo-ſe de mais a qualquer Paiſano, morador na Villa, que quizeſſe ſahir della até o termo de oito dias,

dias, para onde lhe parecesse, o poderia fazer, levando todos os seus bens moveis, e se lhe daria passaporte. Que aos Officiaes de Capitaõ para cima, se concedia levarem suas bagagens, para o que lhe dariaõ as carruagens, que faltassem, por naõ as haver na Villa, e a guarniçaõ poderia conduzir o mantimento necessario para a marcha, a qual se executaria no dia 22 do mez de Mayo às duas horas da tarde. E que os Officias da Praça entregariaõ todos os prisioneiros, e desertores, que estavaõ ao presente na Villa. E para segurança da capitulaçaõ, entregariaõ na noite do mesmo dia 20 huma porta da Villa, e outra do Castello, e a parte exterior da brecha, os quaes póstos seriaõ guarnecidos pelos Portuguezes até à sahida da Praça. Aceitadas estas capitulações pelo Governador, foy mandado o Marquez de Fontes com o seu Terço guarnecer os sobreditos lugares, o que executou, havendo-se com os rendidos com prudencia, e civilidade. Acharaõ-se nesta empreza, e na de Valença, além dos particulares já referidos, o Conde de Tarouca Joaõ Gomes da Sylva, e o Conde de Sarzedas D. Rodrigo da Sylveira, tendo adoecido o Visconde de Villa-Nova da Cerveira D. Thomás de Lima no principio da Campanha, e todos se fizeraõ dignos pelo seu valor do applauso commum do Exercito, e da estimaçaõ dos Generaes. As Tropas Inglezas, e Hollandezas, se houveraõ com incrivel valor em todos os conflictos, e accidentes deste

deste sitio, às quaes as nossas em nada lhe cederaõ, de sorte, que o Mestre de Campo General Conde de Galoway, recommendava aos Officiaes Portuguezes, que dessem os agradecimentos aos subalternos, e aos Soldados da actividade, desembaraço, e valor, com que se houveraõ. Esta agradavel noticia mandou o Governador das Armas à Corte por seu neto D. Joaõ de Almeida, a quem ElRey fez merce de huma Commenda. Estas Praças conservaraõ os nossos até que Valença foy demolida em 1709, e ambas restituidas pelo Tratado da Paz de Utrech.

Estes gloriosos successos deixaraõ muy satisfeitos aos Generaes dos nossos Alliados, que serviaõ no mesmo Exercito, vendo o valor, com que os Soldados Portuguezes se expunhaõ destimidos aos mayores perigos. O nosso Exercito ficou quinze dias depois junto a Albuquerque, e discorrendo os Generaes, qual seria a empreza, a que se encaminhariaõ, foraõ diversos os pareceres: porque huns votaraõ, fosse o sitio da Praça de Alcantara, Villa forte, e rica, situada sobre o Tejo; porém a outros pareceo melhor sitiar Badajoz, que era a chave da Extremadura da parte de Castella, mostrando, que tomando-se aquella Praça, a de Alcantara, e outras, facilmente cahiriaõ por si mesmo, vendo-se cortadas para os soccorros: cada huma das partes sustentou o seu parecer, e como se naõ puderaõ concordar, se determinou mandarem à Corte

te ao Conde do Rio Grande, para que levaſſe as ordens, do que ſe havia de executar. Com a ſua volta houve Conſelho de Guerra, em que ſe reſolveo, que no dia 2 de Junho marchaſſe o noſſo Exercito para Badajoz. Haviaõ os Francezes fortificado aquella Praça com muito cuidado, e lhe meteraõ huma numeroſa guarniçaõ. O Marichal de Teſſé ſe tinha amparado junto da Praça com o principal Exercito de Caſtella, em que eſtava o Marquez de Bay, em tanto, que o Marquez de Thovy com outro menor, obſervava o pequeno Exercito do Marquez das Minas na Beira junto a Penamacor. Tudo iſto difficultava o ſitio de Badajoz, ao qual ſe fazia preciſo darſelhe principio para ſe offerecer huma batalha ao Marichal de Teſſé, a qual os noſſos Generaes reſolveraõ ſe lhe déſſe, conſiderando, que eſtando o Marichal acampado deſta parte do Guadiana, naõ recuſaria o combate. Neſta eſperança marcharaõ para o Exercito dos inimigos a 4 do referido mez, e chegaraõ à noite, duas legoas diſtantes do ſeu Exercito, que ſe achava com ventagem de lugar, e com ſuperior numero de Tropas; porém como da outra parte eraõ os ſeus mayores intereſſes, e a perda de huma batalha podia ſer de perniciofas conſequencias a ElRey D. Filippe, e tambem cauſa de huma ſublevaçaõ geral em Heſpanha, naõ julgou o Marichal ſer conveniente o exporſe a hum lance da fortuna, e fez que o ſeu Exercito repaſſaſſe o Guadiana, tendo tido a pre-

cauçaõ

cauçaõ de fazer marchar diante as bagagens. E assim se retirou ao amparo da artilharia de Badajoz, que lhe ficava nas costas, e o Guadina defronte. Com esta disposiçaõ do Marichal de Tessé, perderaõ os nossos as esperanças do premeditado sitio de Badajoz, que deixaraõ, e marcharaõ no dia 5 da ribeira da parte de Elvas, e no outro dia passaraõ o váo, malogrando a resistencia do destacamento do inimigo, que havia intentado impossibilitarlhe o caminho. Depois foy o nosso Exercito acampar, tendo a direita a la Casa, e a esquerda a Campo-Mayor, e como sobrevieraõ huns calores excessivos, que na Provincia de Alentejo saõ nesta estaçaõ insoportaveis, e naõ permittem persistir na Campanha em quanto duraõ, se recolheo o nosso Exercito, e se puzeraõ as Tropas nos quarteis. Depois o Conde de S. Joaõ com hum destacamento recuperou a Praça de Marvaõ, muito forte pelo sitio, com quatrocentos homens de guarniçaõ. Estando já os Generaes na Praça de Estremoz, faleceo de huma apoplexia a 29 de Junho Dom Joaõ Thomás Henriques, Almirante de Castella, que se havia achado naquella Campanha.

Havia ao mesmo tempo na Provincia da Beira sahido de Almeida o Marquez das Minas, Governador das Armas daquella Provincia, com hum pequeno, mas luzido Exercito, formado das Tropas daquella Provincia, e de muitas do Minho, naõ havendo nelle nenhuma das Estrangeiras; e fazendo

mar-

marcha pela Beira Baixa, e em algumas partes, além da nossa Raya, por terras de Castella, por poupar o proprio Paiz, chegou a 4 de Mayo junto à Praça de Salvaterra, que na Campanha do anno antecedente tinha sido o primeiro emprego do Exercito de Castella, mandado pelo Duque de Berwick, em que vinha ElRey D. Filippe. Nomeou o Marquez das Minas aos Mestres de Campo D. Joaõ Manoel de Noronha, (depois Conde de Atalaya) D. Braz da Sylveira, e Manoel Carlos da Cunha de Tavora, (depois Conde de S. Vicente) para ganharem a estrada encoberta, e se alojarem nella, o que fizeraõ galharda, e valerosamente, com que conseguiraõ hum singular applauso; porque D. Joaõ Manoel se arrojou logo intrepidamente à estacada, cortando algumas estacas com a sua propria maõ para se baldear dentro, como fez, e da mesma sorte D. Braz da Sylveira, que depois de estar na estrada coberta, mandou pedir escadas para escalar a muralha, como tambem o fez Manoel Carlos de Tavora, naõ obstante o fogo, que se fazia da Praça. Foy disputado o ataque, e a Infantaria sahio da Praça a impedir as operações dos nossos, e foy rechaçada com grande valor. Vendo o Marquez o fogo da Praça, mandou para o impedir marchar ao Terço de D. Luiz Manoel da Camera, (depois Conde da Ribeira) que chegou à operaçaõ no tempo do mayor fogo, havendo-se os Cabos, Officiaes, e Soldados, com grande resolu-

çaõ, e brio: e quando já eſtava prevenido hum petardo para romper a porta, que ſahe à eſtrada coberta, fez chamada o Governador da Praça D. Antonio Lopes Galhardo, pertendendo capitular com condições ventajoſas, as quaes naõ quiz o Marquez ouvir; e aſſim foy forçoſo tornar às armas, segunda, e terceira vez, porque o Marquez eſteve conſtante em lhe naõ conceder mais ventagem, que aquella, com que ſe havia entregue no anno antecedente, quando ElRey D. Filippe a rendeo peſſoalmente, com que o Governador ſe entregou à diſcriçaõ do Marquez Governador das Armas, com a guarniçaõ priſioneira de guerra, que foraõ trezentos e ſetenta e tres Soldados, dos quaes eraõ quarenta e oito Officiaes, e entre elles dous Sargentos môres, hum Tenente Coronel, ſeis Capitaens, e os mais eraõ Tenentes, Alferes, e Sargentos. A perda dos noſſos foy de trinta e dous Soldados mortos, e quarenta e ſeis feridos, em que entravaõ tres Capitaens; dos offenſores morreraõ muitos, e os feridos naõ paſſaraõ de vinte.

Havendo o Marquez das Minas conſeguido com tanta felicidade a recuperaçaõ da Praça de Salvaterra, teve noticia, que no Lugar da Sarça, hum dos mais ricos, e populoſos daquelle partido, eſtava alojado hum Regimento Francez de Sellerim, unido com a muita gente do Lugar, com reſoluçaõ de nelle ſe manter nas fortificações, que tinhaõ. Marchou o Marquez com toda a Cavallaria, e cinco

co Terços de Infantaria a atacallo, mas os Francezes, e moradores, ſendo aviſados pelos ſeus batedores, que o Marquez os hia buſcar, ſe retiraraõ com toda a preſſa a Saclavim, paſſando em barcas o rio Alagaõ. Mandou o Marquez dar ſacco livre à ſua gente, que foy muy conſideravel, e com os Soldados entrou tambem a ſaquear hum grande numero de payſanos Portuguezes, o que permittio o Marquez para os reſarcir dos muitos damnos, que os da Sarça lhe haviaõ feito na Campanha paſſada, e mandou pôr fogo à Villa, demolir os edificios, e tudo o que tocava às fortificações. Acharaõ-ſe na Sarça tres peças montadas, huma de bronze de calibre de doze, duas de ferro, cincoenta carros manchegos, e trinta galeras, tudo com as armas delRey D. Filippe, ainda que ſem rodas, por lhas haverem quebrado os Francezes; quarenta mil alqueires de cevada, grande quantidade de farinhas, e biſcouto: e deſta quantidade de mantimentos, e das carruagens, ſe entendeo, que da Sarça intentavaõ os inimigos fazer alguma operaçaõ, que os noſſos lhe fruſtraraõ.

Neſte anno de 1705 chegou à barra de Lisboa a Armada de Inglaterra, e Hollanda, da qual era Almirante o Cavalleiro Schowel, e deixando no porto de Lisboa huma Eſquadra de quinze naos de guerra, ſe fez à véla com o reſtante para as Coſtas de Heſpanha da parte de Gibaltar, e Cadiz. Ficou em Lisboa eſta Eſquadra às ordens de Milord

Conde de Peterborough, General das forças maritimas, e terrestres de Inglaterra, o qual havia trazido hũma Carta a ElRey Carlos da Rainha Anna da Grãa Bretanha, em que offerecia às suas ordens todas as forças da sua grande Armada, no caso de querer embarcar nella para emprender alguma facçaõ, ou se achar com toda na invasaõ, que se intentava fazer nas Costas de Hespanha, o que elle aceitou persuadido dos seus, e resolveo embarcar na Armada, com o designio de desembarcar em Catalunha, onde se esperava o recebesse aquelle Principado: e participando esta resoluçaõ a ElRey D. Pedro, elle com muita prudencia, a naõ reprovou, nem menos o persuadio, deixando toda a resoluçaõ ao seu arbitrio, a qual veyo a seguir. Despedio-se ElRey Catholico delRey, da Rainha de Inglaterra, do Principe, e Infantes, com a formalidade costumada, e o Principe com seus irmãos lhe pagaraõ a visita. ElRey o naõ fez por continuarem as molestias, de que já temos feito mençaõ. Tornou ElRey Catholico a visitar a ElRey de Portugal no dia 23 de Junho, em que embarcou, e dalli foy para o seu Palacio. O Principe com o Infante Dom Francisco, e o Infante D. Antonio, acompanhados do Duque de Cadaval, e de D. Joseph de Menezes, Veador da sua Casa, embarcaraõ na Junqueira em hum bargantim bem adereçado, e dourado, e mandou o Principe vogar para Belem; e chegando defronte da Quinta, em que assistia ElRey Catholico,

tholico, mandou a D. Joseph de Menezes lhe dissesse, que estavaõ alli, para o conduzirem a bordo: chegando ElRey Catholico, o Principe, e Infantes, o receberaõ fóra do bargantim, e entraraõ juntos, acompanhando a Suas Altezas, além do Duque, e D. Joseph de Menezes, o Conde de Assumar D. Joaõ de Almeida, e da familia delRey Catholico, o Principe de Lichtenstein, hum Gentilhomem da Camera, dous Cavalheros mais, e o Conde de Peterborugh, General da Armada, os quaes foraõ em pé, e descobertos. Chegou o bargantim à Capitania, chamada Rnol, de oitenta e quatro peças de artilharia, que era o mayor dos navios, que haviaõ ficado da Esquadra. Sobio ElRey Catholico, o Principe, e Infantes, ao portaló do navio, onde se despediraõ, e depois do Principe fazer os cumprimentos a ElRey Catholico, de que fosse para dentro, e ElRey ao Principe, que descesse primeiro, se apartaraõ ao mesmo tempo, ElRey Catholico para a sua camera, e o Principe, e Infantes para o bargantim. O General da Armada, depois delRey recolhido, o salvou com toda a artilharia da Capitania, e de toda a Armada, e na mesma fórma salvou ao Principe, e seus irmãos. No dia seguinte mandou ElRey saber de Sua Magestade Catholica, e o mesmo fez a Rainha da Grãa Bretanha, o Principe, e Infantes. Havia-se prevenido mandar prover a ocharia delRey Catholico com grandeza, e com a attençaõ, de que o provimento

mento para o mar parecesse, que o era da mesma ocharia. Assim foy grande a abundancia de tudo, o que poderia ser necessario para a mesa delRey, e da sua familia, de tudo quanto se podia imaginar, e podia pertencer ao regalo; e todos os dias em quanto ElRey Catholico esteve embarcado no rio de Lisboa, se repetiaõ os refrescos. No dia 26, que era Domingo, se fez a Capitania à véla do sorgidouro, em que estava defronte da Junqueira, e ao mesmo tempo levaraõ ancora todos os mais navios da sua Esquadra. A Torre de Belem salvou a ElRey, e todas as mais Fortalezas na fórma, que quando entrara em Lisboa. A Capitania lhe correspondeo com toda a artilharia; e no dia 28 sahio pela barra com toda a sua Esquadra.

Diario da viagem, que o Conde de Assumar D. Joaõ de Almeida, fez na companhia del-Rey Carlos III. m. s. que mandou à Corte.

Havia ElRey D. Pedro nomeado para assistir a ElRey Catholico com o caracter de Embaixador Extraordinario ao Conde de Assumar, com ordem para que depois de sahir de Lisboa, lhe désse a sua Carta credencial, seguindo as formalidades costumadas. Embarcou o Conde no navio Pembrock de sessenta e quatro peças de artilharia. No dia referido se poz a Capitania, e mais navios à capa, quasi defronte de Cascaes, esperando por alguns navios da sua conserva, que ainda tinhaõ ficado no rio de Lisboa. Neste tempo mandou o Conde de Assumar hum seu Gentil-homem com huma Carta ao Principe de Lichtenstein, em que referia haver chegado àquella Armada com o caracter de Embaixador

xador Extraordinario a Sua Mageſtade Catholica, para o ſeguir, e acompanhar naquella expediçaõ, a que o Principe de Lichtenſtein reſpondeo tambem por Carta, dandolhe os parabens do novo emprego para hum miniſterio de tanta importancia, de que era taõ digno pela ſua peſſoa. Ao meſmo tempo mandou ElRey Catholico por hum Cavalhero da ſua Corte dar ao Embaixador a boa vinda, e ſignificarlhe a grande ſatisfaçaõ, que tinha do novo caracter, que Sua Mageſtade lhe havia conferido, moſtrando, que nenhuma outra peſſoa lhe ſeria igualmente agradavel, e bem aceita. Poucos dias depois mandou o Embaixador o meſmo Gentil-homem ao Principe de Lichtenſtein com outra Carta junta com a copia das ſuas credenciaes para as fazer preſentar a ElRey Catholico, pedindolhe hora para a ſua primeira audiencia publica, a que lhe reſpondeo, que por ſer o vento rijo, e eſtar o mar empollado, e Sua Mageſtade Catholica alguma couſa enjoado, lhe naõ era poſſivel darlhe audiencia naquella occaſiaõ; porém, que no primeiro dia de bonança, ou chegando a dar fundo em qualquer porto, faria o Embaixador a ſua funçaõ. Finalmente depois de paſſados alguns dias, havendo tido recados muy honrados, e de grande eſtimaçaõ, que ElRey fazia da peſſoa do Conde, e das juſtas impoſſibilidades, que haviaõ deferido a audiencia; no dia primeiro de Agoſto, tendo aviſtado logo pela manhãa terra da Coſta de Heſpanha, e

as

as montanhas, que eſtaõ viſinhas a Cadiz, depois de terem embocado o eſtreito, mandou ElRey Catholico aviſar ao Embaixador, que como o tempo era de bonança, e elle ſe achava melhor da cabeça, (em que muito havia padecido com o mar) lhe deſejava dar audiencia na tarde daquelle dia, em que podia fazer a ſua funçaõ publica. Mandou logo o Conde Embaixador veſtir a ſua familia de gala, e pôr tudo prompto com muito luzimento, e o participou ao Enviado de Inglaterra por hum Gentil-homem, que mandou hum eſcaler com outro Gentil-homem para o acompanhar. Eſtando a hora determinada, fez a Capitania ſinal com dous tiros de moſquete, e ſahio della o Conde de Altem, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, na chalupa Real com ſeu toldo, acompanhada de outras, e foraõ ao navio do Embaixador, que o recebeo ao portaló, e levou à Camera, dandolhe a maõ, e a porta; e depois de ſe cumprimentarem, baixaraõ para a chalupa, em que o Embaixador entrou primeiro, e teve o melhor lugar, e toda a mais familia embarcou em outras, que eſtavaõ prevenidas. Chegou à Capitania, onde o Conde de Sizindorff, tambem Gentil-homem da Camera, o eſperava na ultima eſcada, eſtando toda a guarniçaõ em armas, que apreſentou ao Embaixador, quando paſſou, e os Officiaes fizeraõ reverencia com a eſpada, tocando a marcha os tambores. Na ſegunda eſcada eſperava ao Embaixador o Principe de Lichtenſtein, e

depois

depois de lhe fazer ſeu cumprimento, o conduzio à Camera delRey Catholico, que eſtava em pé, e coberto; logo, que o Conde Embaixador appareceo, ſe deſcobrio, e fazendo eſte as ſuas reverencias, deu ElRey tres paſſos a recebello, e tornando ao ſeu lugar, poz outra vez o chapeo, e mandou ao Embaixador fazer o meſmo, e depois de ſe cobrir deu a Embaixada, entregando a Carta de crença, e foy depois conduzido ao ſeu navio na meſma fórma, com que havia ſahido, acompanhando-o o Conde de Altem até à ſua Camera, aonde o Embaixador tinha prevenido hum refreſco de frutas, e doces, e daquellas couſas, que o mar podia permittir, que lhe offereceo, havendo a meſma providencia para todos os que o haviaõ acompanhado, com varias caſtas de vinhos; e deſpedindo-ſe o Conde de Altem, o acompanhou o Embaixador até o portaló na fórma, que havia feito antes. Quando o Embaixador ſahio da Capitania, depois de lhe darem varias boas viagens, como he coſtume no mar, o ſalvou com quinze peças, que o Conde Embaixador ſatisfez com igual numero, quanto que chegou ao ſeu navio. Havemos referido a formalidade deſta Embaixada dada no mar, como materia rara vez ſuccedida. A Armada ſeguindo a ſua viagem, depois de varias eſcalas, deu fundo a vinte e dous de Agoſto defronte de Barcellona, e pondo a gente de deſembarque em terra, ſe deu principio à Conquiſta daquelle Prin-

cipado com ſe renderem algumas Praças.

Depois da glorioſa Campanha, que temos referido, na Provincia de Alentejo, o Conde das Galveas, Governador das Armas, paſſou à Corte a gozar os merecidos applauſos dos triunfos, conſeguidos nas Praças, e Lugares, que tomou aos Caſtelhanos, a quem ſempre foy fatal o ſeu braço, como ſe vio em tantos ſucceſſos glorioſos, com que na guerra paſſada da Acclamaçaõ havia triunfado delles; e aſſim mereceo ſer o ſeu nome reſpeitado pelo ſeu valor, o qual lhe adquirio grande reputaçaõ entre as Nações Alliadas, e inimigas de Europa. Achava-ſe o Conde já em idade muy avançada, ainda que nelle o valor, com huma incrivel viveza, animava as forças já attenuadas com os duros trabalhos da guerra, e com os muitos annos: a que attendendo ElRey Dom Pedro, querendo naõ abbreviar com novas fadigas huma vida, que eſtimava, e ſe fizera ſempre merecedora da ſua Real attençaõ, nomeou, ſem que deixaſſe queixoſo ao Conde, o governo das Armas de Alentejo no Marquez das Minas, e deu o governo das Armas da Beira, que elle mandava, ao Marquez de Fronteira D. Fernando Maſcarenhas. Determinou o Marquez das Minas no meſmo anno de 1705 fazer huma Campanha no Outono, emprendendo ſitiar Badajoz, o que com effeito poz em execuçaõ; e aſſim nos principios de Outubro, com o ſeu Exercito começou a ſitiar a Praça, ſendo aberta a trincheira a tres

tres do referido mez. Acampou o Exercito de sorte, que lhe ficava da parte esquerda o rio Guadiana, e da outra parte hum pequeno corpo de Tropas nossas entregues ao Conde de S. Joaõ. Distava duas legoas o Marichal de Tessé com o Exercito inimigo junto a Talavera. Postas as batarias, começaraõ a laborar contra a Praça, principalmente huma grande bataria, que lhe fazia hum continuado fogo; os inimigos se defendiaõ canhoneando continuamente o nosso campo com a sua artilharia, e com as bombas, que tambem do nosso campo se lançavaõ na Cidade, com bastante damno. No dia onze, em que os nossos começaraõ a bater a Praça, perdeo o General Conde de Galoway do tiro de huma bala de artilharia o braço direito, que elle logo fez cortar, e foy preciso, para continuar a cura, passar do campo para Elvas. Neste accidente chegou da Corte ao Exercito o Baraõ de Fagel, Mestre de Campo General, para exercitar o seu posto; e assim no dia treze traçou huma trincheira desde o Guadiana até o Xevora, fazendo trabalhar nella com grande ardor, para concluir pôr a linha na sua perfeiçaõ, o que lhe naõ foy possivel conseguir, porque os inimigos na mesma noite se puzeraõ em marcha, e ao amanhecer do dia quatorze appareceraõ diante do nosso flanco. He de saber, que na noite de treze para quatorze, às duas horas depois da meya noite, passaraõ huns desertores, e deraõ noticia, que os inimigos estavaõ em marcha desde

o principio da noite; porém naõ deraõ noticia por qual das partes do rio marchavaõ. O Marquez das Minas sem perder tempo, mandou pôr o Exercito em armas, e montar a Cavallaria para estar tudo prompto ao primeiro aviso, e os repetio aos Cabos, que estavaõ da parte da ponte; porém ou por casualidade, ou por descuido, como outros disseraõ, o Marichal de Tessé passou com o seu Exercito a ponte, sem ser sentido dos nossos, que estavaõ da parte do rio, e ganhou a ponte do Xevora, e se formou contra os nossos. Finalmente os Francezes passaraõ com o seu Exercito, e ficou soccorrida a Praça, depois dos nossos a haverem batido fortemente, de sorte, que pouco faltava para porem a brecha capaz de se dar o assalto. Naõ foy causa deste successo o descuido do Marquez das Minas, porque tinha dado as ordens com toda a distinçaõ, e clareza, para que a Praça naõ fosse soccorrida; e naõ faltou quem attribuisse a alguns Generaes Estrangeiros este descuido, ou por falta do conhecimento do Paiz, ou por paixoens particulares, que tantas vezes tem sido motivo da ruina dos Exercitos. Poucos dias depois sobrevieraõ taõ grandes chuvas, que obrigaraõ ao Marquez, tendo ouvido aos Generaes, a levantar o sitio mais cedo, do que elle desejava: pelo que mandou pôr em marcha o Exercito, levando o trem da artilharia diante, e fazendo tirar naõ só o que havia servido nos ataques, mas com muito vagar tudo o que podia

dia ter uso aos nossos, e marchou para Elvas, devendo-se ao General da artilharia Pedro Mascarenhas a mayor parte da boa ordem, com que se retirou a mesma artilharia, que com a sua direcçaõ tinha no sitio furiosamente laborado; e encarregando ao Sargento mór de batalha o Conde de Soure aquella diligencia, a executou com o acerto, que costumava, e o mesmo fizeraõ no sitio os mais Generaes, Cabos, e Soldados, ficando muitos destes mortos, e feridos, entre os quaes foy o de mayor distinçaõ Mathias da Cunha, levandolhe huma balla de artilharia huma perna, e ferindo-o na outra, o que lhe naõ embaraçou continuar o serviço da guerra, primeiro em Portugal, depois em Alemanha, occupando varios póstos com muito valor, e capacidade.

Deixámos a ElRey D. Carlos III. chegado a Catalunha, de donde participou os progressos das armas dos Alliados naquelle Principado; e a ElRey D. Pedro a noticia, de que a Cidade de Barcellona, depois de ter sofrido hum vigoroso sitio, se rendera, capitulando a 9 de Novembro do mesmo anno de 1705. Nesta Cidade estabeleceo ElRey D. Carlos a sua Corte, aonde residio, até que por morte do Emperador Joseph seu irmaõ, passou a Alemanha, e sendo eleito Rey dos Romanos no anno de 1711, lhe succedeo no Imperio. A esta felice noticia, que agora dava ElRey D. Carlos, se ajuntou rogar a ElRey D. Pedro lhe enviasse alguns soccorros para

poder

poder adiantar a sua Conquista, accrescentando pedir a ElRey, que augmentasse os seus progressos com os seus Exercitos, fazendo huma diversaõ a seu favor. Mandou ElRey fazer hum Conselho de guerra sobre o referido, e se resolveo com consentimento dos Generaes Inglezes, e Hollandezes, mandar a Catalunha huma parte das Tropas daquellas duas Nações, e que entretanto da parte de Portugal se fizesse tudo o que fosse possivel contra os inimigos, para que acodindo com as suas Tropas à nossa fronteira, se divertissem os soccorros contra Catalunha. Neste tempo chegou de Londres o Doutor Creigon, Medico Escocez, de grande reputaçaõ, e experiencias, o qual o nosso Enviado D. Luiz da Cunha com a noticia da queixa, que ElRey D. Pedro padecia, mandava para o curar; porém como já neste tempo ElRey tinha vencido a queixa, naõ se julgou conveniente seguir a sua direcçaõ; e assim voltou para Londres no primeiro comboy Inglez, que sahio do porto de Lisboa, havendolhe ElRey mandado dar huma boa joya, além do dinheiro, que havia recebido em Londres, e foy muy satisfeito da attençaõ, que experimentara. No fim deste anno faleceo a Rainha da Grãa Bretanha D. Catharinha a 31 de Dezembro, como já deixámos escrito no Capitulo III. deste Livro, e sentio ElRey em extremo a morte da irmãa; porque além de venerar as excellentes virtudes, de que a Rainha se adornava, era muy carinhosa a correspon-

respondencia, com que reciprocamente se tratavaõ.

No principio do anno de 1706 no mez de Janeiro entrou no porto de Lisboa hum navio da Armada Ingleza, em que vinha embarcado Ben Hamet Caron, Embaixador delRey de Maquinez à Rainha Anna da Grãa Bretanha. Escreveo elle ao Secretario de Estado D. Thomás de Almeida, dizendo, que se seu Senhor soubesse, que elle havia de entrar no porto de Lisboa, certamente lhe daria Carta para Sua Magestade; e que já, que a casualidade o trouxera a Lisboa, desejara ter a honra de se pôr aos seus pés. ElRey lhe deu audiencia na Quinta de Alcantara sem formalidade alguma, sendo interprete Antonio Correa da Franca, Escrivaõ da Fazenda da Casa de Bragança. Neste anno começaraõ a ter effeito as promessas, que ElRey D. Pedro mandara segurar a ElRey D. Carlos III. de fazer huma vigorosa diversaõ contra os seus inimigos; e he certo, que se della se souberaõ aproveitar os Alliados, que estavaõ da parte de Catalunha, seriaõ bem differentes os progressos das suas armas. Sahio o nosso Exercito à Campanha, de que era supremo General o Marquez das Minas, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, com os partidos das Provincias da Beira, Minho, e Traz os Montes, de que eraõ Governadores das Armas o Marquez de Fronteira, o Conde de Atalaya, e o Conde de Avintes. Governava a Cavallaria o Mestre

Lettres Historiq. Mois de May 1706, impressas na Haya no dito anno.

tre de Campo General o Conde de Villa-Verde, e da Artilharia era General Pedro Mascarenhas, e General das Tropas Inglezas o Conde de Galoway, e das Hollandezas o Mestre de Campo General Mons. Frisheim, que havia succedido ao Baraõ de Fagel, a quem os Estados Geraes acordoraõ o mesmo soldo, e o Mestre de Campo General o Conde de la Corssana. Serviaõ no mesmo Exercito o Conde de S. Joaõ, General da Cavallaria de Traz os Montes, D. Joaõ Diogo de Ataide, General da Cavallaria da Beira, os Generaes de Batalha os Condes de Soure, S. Vicente, Tarouca, e D. Joaõ Manoel de Noronha, D. Rodrigo de Lencastre, Pedro de Vasconcellos e Soũsa, e o Conde do Rio-Grande.

Formou-se o nosso Exercito a 25 de Março na Fonte dos Çapateiros, e a 31 partio do Campo entre Caya, e Cayola, onde se ajuntou a nossa artilharia, que vinha pela parte de Arronches, escoltada com hum corpo de Tropas de Traz os Montes, que mandava o Conde de S. Joaõ, e foraõ a S. Vicente, e se apostaraõ junto a Membrio, e estas duas Povoações se renderaõ logo aos nossos: e fazendo alto o Marquez das Minas, mandou chamar o Alcaide, e Governança de Brossas, Villa mais populosa, que a de Alcantara, abundante de frutos, e trato dos seus moradores, para que viessem render obediencia a ElRey D. Carlos III. o que elles recusaraõ, dizendo, que o Duque de Berwick vinha a soc-

a ſocorrellos com hum groſſo das ſuas Tropas, porque ſe achava junto da Villa. Na noite de 5 de Abril mandou o Marquez ao General de Batalha D. Joaõ Manoel de Noronha com hum deſtacamento para tomar poſto ſobre o rio Solor, que o noſſo Exercito devia paſſar, para guardar os póſtos, e o paſſo chamado dos *Cavalleiros*, que o noſſo Exercito por força havia de atraveſſar, porque os inimigos tinhaõ derribado a ponte, que eſtava ſobre eſte rio. E no dia 6. paſſou o Exercito, ſem que houveſſe quem lhe diſputaſſe a paſſagem, atraveſſando deſpenhadeiros, e cerros, em que os Soldados Portuguezes fizeraõ hum caminho capaz de poder paſſar a artilharia, em que teve grande parte a actividade, e induſtria de Dom Joaõ Manoel, que os mandava. Teve aviſo o Marquez das Minas, que o Marichal de Berwick fora para Broſſas com as ſuas Tropas, pelo que reſolveo de o atacar no outro dia. Aſſim a 7 o Marquez, com approvaçaõ dos mais Generaes, dividio o ſeu Exercito em dous córpos, e ſe poz diante da mayor parte da Cavallaria, e com dez Terços de Infantaria, e ſeis peças de Campanha, marchou em direitura a Broſſas, deixando o reſto do Exercito entregue ao Conde de Galloway, (o qual depois ſe unio ao Marquez das Minas) Conde de la Corſſana, Meſtre de Campo General, e o Conde de Tarouca, General de Batalha, para que ſeguraſſe a noſſa artilharia, bagagens, e proviſoens do Exercito, que naõ haviaõ ainda paſſado o rio.

Marcharaõ os nossos com diligencia ao pé das montanhas, a fim de que os inimigos naõ tivessem tempo de se porem em estado de defensa; mas tanto, que os nossos chegaraõ ao plaino, em que esta Villa fica situada, elles se retiraraõ precipitadamente, cobrindo-se com o bosque, que fica entre Brossas, e a Cidade de Carceres. O Marquez das Minas mandou hum pequeno destacamento à ordem do General de Batalha Dom Joaõ Manoel para tomar Brossas, (encarregandolhe a guarda do Convento das Freiras da Villa) onde se achou huma boa quantidade de trigo, e farinha. A nossa Cavallaria se avançou além do bosque, e a Infantaria, que se começou a sentir fatigada, por haver marchado desde as cinco horas da manhãa até às quatro da tarde, teve ordem de a seguir do modo, que lhe fosse possivel. Finalmente huma parte da nossa Cavallaria atacou a retaguarda dos inimigos com tanto vigor, que o Duque de Berwick, passando da vanguarda à retaguarda com tres Regimentos de Clavineiros, começaraõ a peleijar; e rebatendo com valor a investida, foraõ finalmente taõ vigorosamente carregados os inimigos, que se retiraraõ com grande precipitaçaõ, ficando huma boa parte dos Soldados mortos, e feridos. Neste combate deixaraõ duzentos e quarenta cavallos, e oitenta prisioneiros, em que os principaes foraõ D. Diogo de Monroy, General de Batalha, a quem o Capitaõ de Cavallos Gonçalo Pires Bandeira havia rendido, havendo-se com

com elle com toda a urbanidade, e o Conde de Canillejas, particular, e outros Officiaes. Da nossa parte ficaraõ alguns mortos, em que entrou o General de Batalha Conde de S. Vicente Joaõ Alberto de Tavora, que durou poucas horas depois do combate, com geral sentimento, pelas esperanças, que promettiaõ a sua pouca idade; porque no mais florído della, se arrojou taõ destimidamente pelas Tropas dos inimigos, que dentro delles peleijou taõ valerosamente, que recebendo algumas feridas, de que veyo a perder de huma a vida, deixanda-o assaz vingada no valor do seu braço. Os feridos foraõ o Tenente General da Cavallaria Pedro Machado de Brito, e os Commissarios da Cavallaria Antonio Passanha de Castro, Francisco Tavares, que morreo das feridas, e Francisco Paulo, sendo feridos de ballas, como foraõ quasi todos os nossos mortos. O Marquez das Minas se empenhou tanto, que se expoz a ficar cortado dos inimigos; porém o Conde de Atalaya D. Pedro seu sobrinho, o soccorreo promptamente, livrando-o do perigo. Acabou o combate já muy avançada a noite, e as nossas Tropas tornaraõ para o campo de Brossas. Os Condes de Atalaya, Avintes, Galoway, Villa-Verde, Marquez de Fronteira, Condes do Rio-Grande, de Soure, de S. Joaõ, e D. Joaõ Diogo de Ataide, obraraõ como se esperava das suas pessoas; e à sua imitaçaõ os mais Cabos, e Officiaes se houveraõ com singular valor, e naõ menos as Tropas

das duas Nações Ingleza, e Hollandeza, que deraõ ſingulares provas, reconhecendo, que em nada lhe foraõ inferiores os Portuguezes. Os Condes de la Corſſana, Tarouca, e Dom Joaõ Manoel, naõ ſe acharaõ neſte conflicto, porque aſſiſtiaõ nos póſtos, que acima diſſemos lhe foraõ encarregados. Voltando o Marquez do combate já muito de noite pelos embaraços do boſque, chegou a Broſſas, cujos habitantes haviaõ abandonado as caſas, e fogido para o Duque de Berwick, e outros ſe haviaõ retirado às Igrejas, repugnando dar a obediencia: pelo que foy ſaqueada a Villa, e queimadas algumas caſas, o que cauſou taõ grande terror nos viſinhos, que grande quantidade de Lugares vieraõ dar a devida obediencia ao Marquez das Minas, que deixando no Caſtello hum Terço, mandou continuar a marcha para Alcantara, onde chegou a 9 de Abril pelas tres horas da tarde. He a Villa de Alcantara bem conhecida por ſer cabeça da illuſtre Ordem Militar, que della tomou o nome, perdendo o antigo de S. Joaõ de Pereiro, quando foy ſegunda vez conquiſtada aos Mouros, e dada aos Cavalleiros daquella Ordem, com que muito ſe ennobreceo, e tambem com a celebre ponte, que mandou fazer o Emperador Trajano ſobre o Tejo, a cuja margem fica ſituada com mil e duzentos viſinhos, dous Conventos de Frades, e outros dous de Freiras, guarnecida de bons muros para a ſua defenſa. Chegou o noſſo Exercito à viſta deſta Praça às nove horas

da

da manhãa, e logo o Marquez soube por hum desertor, que chegou ao Exercito, que nella havia dez Terços de Infantaria, e no mesmo dia deu principio a sitialla, e as Villas de Rey, e Marilla lhe vieraõ render obediencia.

Foy o Marquez das Minas com outros Generaes a reconhecer hum alto visinho para formarem huma bataria, tendo sido sempre seguidos das ballas dos inimigos da Praça, em quanto durou esta diligencia, de que foraõ mortos alguns Engenheiros nossos, e outros feridos. Vindo já na volta da Praça, recebeo o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, Governador das Armas do Minho, e do Conselho de Estado, huma balla, que lhe sahio a huma ilharga, e parecendo ao principio ser de pouco perigo, foy mortal a poucos dias, e della faleceo a 16 com geral sentimento de todo o Reyno, Exercito, e Cabos delle, porque era muito amado, e respeitado por sua grande authoridade, e valor, principalmente de todos os que haviaõ militado com elle, por haverem experimentado os effeitos da sua liberalidade, na providencia, com que os soccorria; porque havia sido o Conde ornado de excellentes virtudes, brilhando nelle igualmente a generosidade, e valor, partes, com que conseguio respeito, e reputaçaõ. Na manhãa deste dia ordenou o Marquez ao General de Batalha D. Joaõ Manoel de Noronha, que com os Terços de Moura, de que eraõ Mestres de Campo o Con-

de

de de Aveiras Luiz da Sylva Tello, e Dom Luiz Manoel da Camera, herdeiro do Conde da Ribeira Grande, e dous Regimentos, hum de Inglezes, de que era Coronel Blood, e outro de Hollandezes, que fossem atacar o inimigo, que se achava occupando as imminencias, em que se havia pôr a artilharia, e o sitio de S. Francisco, que fica distante da Villa tiro de espinguarda, que estava guarnecido por hum Capitaõ, e cincoenta Soldados; aos quaes investio com tanto vigor o Coronel Blood com os Inglezes, que foy tomado com a espada na maõ, fazendo dezaseis prisioneiros. Na tarde do mesmo dia chegou o resto do nosso Exercito, que conduzia a artilharia, e começaraõ os nossos a trabalhar em duas batarias, huma de oito peças de vinte e quatro, e sete de Campanha, e outra de cinco peças grossas, e sete Culebrinas, que se armaraõ contra a Praça, naõ obstante o muito fogo de artilharia, e mosquetaria, com que das muralhas o procuravaõ impedir: e porque o sitio de S. Francisco era de muita offensa à Praça, intentou o inimigo recuperallo com hum corpo de cem homens, que foraõ rechaçados com perda sua.

No dia antecedente haviaõ entrado na Praça dous Terços de Infantaria, com que os sitiados se animaraõ, e ainda mais com hum recado do Duque de Berwick, que lhe recommendava se defendessem, porque elle passava logo a soccorrellos; e assim com novo brio começaraõ a fazer hum incessante

ſante fogo contra os que trabalhavaõ nas batarias, ferindo, e matando muitos. Aos noſſos para deſviar das muralhas os Moſqueteiros, que offendiaõ os que trabalhavaõ, foy neceſſario aſſeſtar contra a muralha ſeis peças de Campanha, por naõ eſtar ainda prompta a artilharia groſſa, de que elles fizeraõ pouco caſo; porém na meſma tarde de onze começou a laborar a primeira bataria grande, a que ſe ajuntou ſeis morteiros, a qual eſtava aſſiſtida dos Inglezes, e Hollandezes, o que faziaõ com tanto vigor, que era maravilhoſo o effeito. A doze começou a atirar a ſegunda bataria com damno conſideravel dos inimigos, a qual eſtava a cargo do General da Artilharia Pedro Maſcarenhas, que livrou com bom ſucceſſo de huma balla de vinte e quatro, que lhe tocou o chapeo, e naõ menos o Meſtre de Campo Ignacio Xavier Vieira Matoſo de huma de moſquete, que lhe levou o chapeo, e roçou o caſco. E finalmente poſta a terceira bataria, que laborando com as mais inceſſantemente, faziaõ hum horroroſo eſtrondo com ruina nas muralhas, e as bombas a faziaõ nas caſas, e edificios da Praça; os moradores entraraõ em tal conſternaçaõ, que o Governador ſe vio confuſo no remedio, que lhe pediaõ os moradores da ceſſaõ de armas.

Havia o Marquez das Minas, tanto que entrou no campo de Alcantara, premeditado a paſſagem do Tejo, para o que ordenou ao Quartel Meſtre Franciſco Pimentel, que fizeſſe diligencia ſobre o ſitio,

o sitio, em que se podia lançar a ponte de barcas pela parte, que fica abaixo da Praça, sendo certificado da impossibilidade pelos desfiladeiros, e rochas continuadas daquella parte; porém com a noticia de hum paizano avindo, passou o rio meya legoa acima de Alcantara, onde achando commodo para lançar a ponte, o participou ao Marquez General, que ordenou ao Marquez de Fronteira, e ao Conde de Soure, General de Batalha, que com as Tropas do partido da Beira, fossem com o Quartel Mestre, e procurassem lançar a ponte na parte mais conveniente. O que o Marquez de Fronteira executou com admiravel ordem, e acerto com o partido das Tropas da sua Provincia; e vencendo a difficuldade de passar tambem o rio Alagon, se aquartelou da outra parte do Tejo sobre a Praça a 12 de Abril, plantando outra bataria em sitio taõ proporcionado, que conduzio muito para o rendimento da Praça, onde se lhe ajuntou o Visconde de Fonte-Arcada Manoel Jaques de Magalhaens, General da Artilharia da Beira, com quatorze Companhias de Cavallos, e oito Terços de Infantaria, com algumas peças de artilharia, e morteiros, com que daquella banda esperava ao Marquez. Naõ satisfeito o Marquez desta taõ importante operaçaõ, mandou ao General da Cavallaria daquella Provincia D. Joaõ Diogo de Ataide, que com seiscentos Cavallos, e outros tantos Infantes fosse reduzir à obediencia o Lugar de Seclavim, hum dos mayores

daquelle

daquelle destricto, rico, e bem povoado de gente valerosa, e guerreira, e o General o executou com grande actividade, e acerto, porque intentando os moradores a resistencia, elle se houve de sorte, que querendo os Soldados compensar o trabalho com os despojos, o General naõ consentio, que se fizesse damno aos moradores, por ser esta a intençaõ del-Rey D. Pedro, taõ recommendada nas suas Reaes ordens ao Marquez das Minas. Os inimigos vendo este corpo de Tropas, que mandava o Marquez de Fronteira, entenderaõ, que èra o Duque de Berwick, que chegara com o soccorro, que lhe promettera, e lhe fizeraõ sinaes toda a noite; porém brevemente se viraõ desenganados, e lhe descahiraõ totalmente os animos, e resolveraõ de se render; porque havendo reconhecido, que era o nosso Exercito, se lhes augmentou o receyo, vendo tomadas todas as entradas da sua grande ponte; porque a artilharia, que o Marquez de Fronteira tinha encarregado ao Conde de Soure, a fez sobir com a sua grande actividade para o alto de huma penha da parte dalém do Tejo, e era a de que recebiaõ mayor damno os sitiados, e foy a causa de tomarem a resoluçaõ de se renderem: e levantando bandeira branca na muralha, mandaraõ ao nosso Campo hum Tambor, pedindo refens, e tregoas por duas horas para capitularem, e seriaõ nove para dez do dia, quando vieraõ da Praça dous Coroneis para refens, e da nossa parte mandaraõ ao Mestre de

Campo Antonio Carneiro, filho primogenito do Conde da Ilha, e ao Tenente Coronel do Regimento de Stewart; mas como elles recusaraõ renderse do modo, que o Marquez das Minas lhes propunha, que era ficarem todos prisioneiros de guerra, e entregue toda a artilharia, se rompeo o tratado, e se retiraraõ outra vez. Depois do meyo dia, que eraõ treze do mez, começaraõ àtirar de novo as nossas batarias, ainda com mayor força, do que até alli tinhaõ feito contra a Praça. E fazendolhe novas proposições, se acordava aos sitiados, que elles seriaõ rendidos prisioneiros de guerra, e que todos os Officiaes, que quizessem assentar praça, seriaõ conservados nos mesmos póstos, em que se achavaõ, e lhe seriaõ pagos os seus soldos na fórma de Inglaterra; e que os que naõ quizessem servir na guerra, se poderiaõ retirar às suas casas, obrigando-se a naõ tomarem mais armas contra ElRey Carlos III. porque de outro modo seriaõ levados a Lisboa. Porém sendo regeitadas estas condições, começaraõ as quatro batarias incessantemente a laborar com hum grande fogo, com tal estrago das vidas, e edificios da Praça, que bem mostravaõ qual era o brio dos valerosos Hespanhoes, que estavaõ sitiados; e porque huma das batarias havia feito huma consideravel brecha, se começaraõ a dispor as cousas para se dar o assalto no seguinte dia.

A 14 pela manhãa mandou o Marquez das Minas ao Conde de Tarouca à Praça, para de novo

vo persuadir ao Governador a entrega, porque de outra sorte, nem a elle, nem à guarniçaõ daria algum quartel. O Conde, que era dotado de viveza, discriçaõ, e affabilidade, negociou de sorte, que o Governador se determinou às duas horas da tarde, e se deraõ os refens de huma, e outra parte, e convindo na capitulaçaõ, foy assinada reciprocamente a 14 de Abril de 1706, em que lhe concedeo o Marquez General, entre outras cousas, que a guarniçaõ sahiria da Praça pela brecha, com todas as honras militares praticadas em semelhantes occasioens, e que seria logo desarmada, e feita prisioneira de guerra, com condiçaõ, que os Officiaes, de Capitaõ para cima, seriaõ póstos em liberdade depois de seis mezes. Assim ao amanhecer sahio a guarniçaõ da Praça, conforme os artigos, com que fora a capitulaçaõ. Nomeou o Marquez General ao mesmo Conde de Tarouca para tomar posse da Praça, defendella das extorsoens, e expedir a sua evacuaçaõ, que foy no dia dezaseis, como se havia capitulado. Tanto, que foy desarmada a guarniçaõ, foy remettida com boa escolta a diversas Cidades, e Villas da Provincia da Beira, a qual consistia em dez Terços de Infantaria, que faziaõ o computo de quatro mil e duzentos homens, em que entrou o Governador da Praça Dom Miguel Gasco, Cavalleiro da Ordem de Santiago, General de Batalha, o Tenente da Praça D. Joaõ de Padilha, e o Sargento môr da mesma D. Agostinho de

Aruntura e Benavente, Dom Joaõ Joſeph Duran, Ajudante mayor, o Engenheiro môr Blond, e o Engenheiro Dedon, nove Coroneis, em que entrou o Marquez de Torrecuſa, Grande de Heſpanha, Gentil-homem da Camera, tres Capitaens Coroneis, treze Tenentes Coroneis, tres Segundo-Tenentes Capitaens, hum Subſede mayor Tenente Coronel, ſetenta e ſeis Capitaens de Infantaria, e tres Capitaens reformados. Acharaõ-ſe na Praça quarenta e ſete peças de artilharia de diverſos calibres, grande parte de bronze, duas mil novecentas e ſeſſenta e huma eſpingardas, e outras muitas deſarmadas, tres mil e novecentas arrobas de polvora, mil e oitocentas ballas de artilharia, trezentas e ſeſſenta caixas de ballas de chumbo, ſeis morteiros, quatrocentos moyos de farinha, cento e tantos de cevada, duzentos toneis de vinho, mil e duzentas fardas novas para as Tropas, e cento e cinco cavallos, e outras muitas munições em grande numero para o ſerviço da guerra, de que ſe tomou conta pelos Officiaes da Vedoria do Exercito, a quem tocava. O Marquez das Minas mandou ſeu filho o Conde de Prado D. Joaõ de Souſa com eſtas agradaveis novas à Corte, e chegou pela poſta a 16 de Abril. ElRey rendeo as graças a Deos pelos venturoſos principios da Campanha, e houve luminarias por tres dias na Cidade. ElRey fez merce ao Conde de Prado do titulo de Marquez, para que em vida de ſeu pay lograſſe as meſmas preeminencias,

nencias, que a esta dignidade saõ annexas neste Reyno. No mesmo tempo ganhou o Marquez de Fronteira a Praça de Moraleja, visinha de Alcantara, com o destacamento, que mandava, a qual era forte por sitio, e com guarniçaõ paga.

No tempo, que o nosso Exercito estava sitiando a Praça de Alcantara, e ella para se render, pois a 14 de Abril se assinou a sua capitulaçaõ, no dia antecedente teve noticia o Mestre de Campo General Joaõ Furtado de Mendoça, do Conselho de Guerra, que governava as Armas da Provincia de Alentejo na ausencia do Marquez das Minas, que entre o Forte de S. Christovaõ, e Badajoz, se viaõ algumas barracas, e que no dia seguinte o inimigo marchava com a Cavallaria, Infantaria, e bagagem, e de tarde se acampou a tiro largo de artilharia defronte da porta de S. Vicente da Praça de Elvas, ganhando alguns outeiros a tiro de mosquete da nossa estrada coberta; e sem mais aproches fez huma bataria de seis morteiros, dous de bombas grandes, e seis de granadas Reaes, e perto da noite começaraõ a bombear a Praça com mao successo; porque logo lhe rebentou hum morteiro grande com perda de quatro Bombardeiros, e a mayor parte das granadas Reaes rebentavaõ ao sahir dos morteiros, e muitas no ar, no que continuaraõ toda a noite, e sobre a madrugada do dia quinze lhe arrebentaraõ dous morteiros mais pequenos. Da Praça se lhe fez hum grande fogo de artilharia, e mosque-

mosquetaria, e no outro dia se poz huma bataria de bombas, e outra de granadas Reaes, em que se continuou de huma, e outra parte até o meyo dia, sem que bomba nossa deixasse de lograr o seu effeito, cahindo sobre os ataques, em que lhe mataraõ mais de quarenta homens com alguns Engenheiros de fogo, e hum dos Mestres de Campo, que estava de guarda, de sorte, que o inimigo começou a desistir do ataque, e a retirar os morteiros: o que vendo Joaõ Furtado de Mendoça, mandou sahir vinte Soldados com ordem de se naõ empenharem, e sómente observar se o inimigo tinha feito algumas trincheiras para peleijar coberto; porque intentava fazer huma sortida, com que pertendia ganharlhe os morteiros, por ser para isso accommodado o sitio, em que os tinhaõ. Porém quando sahiraõ os vinte Soldados, já estavaõ carregando os ultimos morteiros sobre os carros matos, e acabando de enterrar os mortos, desampararaõ o campo com tanta pressa, que deixaraõ ainda algumas ferramentas, bombas, barriz de polvora, e granadas. Da nossa parte naõ morreo Soldado, nem paizano de balla, ou bomba, e só nas casas da Cidade houve algum damno, de que ficaraõ maltratados poucos moradores. He de saber, que o inimigo intentou esta facçaõ com onze Terços de Infantaria, e perto de setecentos Cavallos, e os Terços, ainda que pagos, cheyos de milicianos. A guarniçaõ de Elvas constava de tres Terços, o pago da Cidade, o de Peniche,

niche, e o dos Auxiliares de Niza, com os quaes, e seus Officiaes se achou o General Joaõ Furtado de Mendoça, sem mais algum outro Official, que o Tenente do Mestre de Campo General Manoel de Azevedo Fortes, que mal convalecido de huma doença, assistio com grande prestimo. Assim todo o trabalho se deveo ao cuidado, e sciencia militar de Joaõ Furtado de Mendoça, adquirida na guerra com grande reputaçaõ.

Para livrar a Provincia de Alentejo, de que os Castelhanos naõ intentassem outra semelhante acçaõ, mandou ElRey, que se formasse hum corpo volante, para segurar a Provincia no seu respeito; e assim se formou hum Exercito, que se compunha de treze Terços de Infantaria, e trinta batalhoens, seis peças de campanha, e quatro morteiros grandes, o qual era mandado por Joaõ Furtado de Mendoça, que governava as Armas da Provincia. Tinha o posto de Mestre de Campo General o Visconde de Barbacena, servia de General da Cavallaria D. Joaõ de Lencastre, Governador, e Capitaõ General do Reyno do Algarve, de General da Artilharia Antonio de Albuquerque Coelho, Governador da Praça de Olivença, e de General de Batalha o Conde de Avintes D. Luiz de Almeida. No dia vinte e tres de Mayo marchou o Exercito sobre a Cidade de Xeres de los Cavalheros, a qual pertendeo soccorrer o Marquez de Bay, que governava as Armas da Extremadura; porém foy rechaçado

com

com perda de alguma gente, e a Cidade havendo experimentado algum damno da artilharia, e morteiros, se rendeo por capitulaçaõ. Depois de rendida a Cidade, discorrendo por toda aquella campanha o nosso Exercito, poz à obediencia delRey Carlos todas as Villas, e Lugares, que avistou, em que entrou Alconchel, cujo Castello deixou presidiado, Barcarrota, que se rendeo a vinte e sete de Junho, ficando a guarniçaõ prisioneira de guerra, e os arrebaldes saqueados, fazendo-se o mesmo em Salva Leaõ pela sua renitencia, de que se livraraõ as Villas da Torre, Nogalles, Almendral, e Salvaterra: e porque a estaçaõ já era muy ardente, como he sempre naquelle tempo, e faltavaõ as aguas, foy preciso recolherse o Exercito aos seus quarteis nos principios do mez de Julho.

Depois de ter entrado o Marquez das Minas na Praça de Alcantara, onde se cantou o *Te Deum* na Igreja, em que havia nascido S. Pedro de Alcantara, com a solemnidade, e salvas costumadas, remetteo as bandeiras dos dez Terços à nossa Corte, e o pavilhaõ encarnado, semeado de flores de Lizes, do Regimento das Guardas delRey Dom Filippe, que entrava no numero dos dez. O Duque de Berwick, que havia marchado de Arroyo del Puerto com a sua Cavallaria, a buscar as barcas de Alconete para passar o Tejo, tendo noticia, que a Praça se rendera, as queimou, e voltou para o dito posto de Arroyo. O General Marquez das Minas deteve o seu

o seu Exercito no campo de Alcantara, em quanto lhe foy preciso para accommodar os prisioneiros, e segurar a Praça, em que deixou huma sufficiente guarniçaõ. No dia 25 de Abril chamou o Marquez das Minas a Conselho todos os Generaes, e propondolhes a sua determinaçaõ, que era de marchar com o Exercito em direitura a Madrid, o approvaraõ todos, e se resolveo continuasse a marcha para Placencia, onde estava o Duque de Berwick. Assim no outro dia se poz o Exercito em marcha, levando à maõ direita o rio Tejo, e pondo à obediencia delRey Carlos todas as Cidades, Villas, e Lugares de huma, e outra margem do rio, e ainda as que ficavaõ em larga distancia, como eraõ as Cidades de Coria, Galisteo, Caceres, e Trugilho. A 28 se poz o nosso Exercito diante da Cidade de Placencia, e o Duque de Berwick com a chegada delle, se retirou às Ventas de Bazzagana, depois de haver persuadido aos moradores de Placencia, a que se defendessem, o que elles receosos dos nossos recusaraõ: o Duque impaciente pertendeo destruirlhe naõ só os seus provimentos, mas tambem os frutos, por ser aquella campanha muy fertil, e abundante de trigo, vinho, e gados; porém o Povo, e os Ecclesiasticos o naõ consentiraõ; e vendo, que nada podia conseguir, se satisfez com ameaçar ao Governador, e ao Bispo. Porém tanto, que o Marichal se retirou, o Povo se declarou por ElRey Carlos, e no mesmo tempo os Lugares, e Villas

circumvisinhas. O Magistrado da Cidade, e o Cabido da sua Cathedral, vieraõ ao Exercito cumprimentar ao Marquez das Minas, e entregarlhe as chaves da Cidade, o qual acompanhado dos Generaes, e Officiaes principaes, entrou na Cidade, e indo à Cathedral foy recebido com *Te Deum*, cantado com muita solemnidade, e depois foy ElRey Carlos acclamado pelos Nobres, e Povo da Cidade. No dia 30 de Abril o nosso Exercito se moveo para ir atacar o inimigo, que estava entrincheirado da outra parte do rio Tietar, ou Bazzagana: o Duque de Berwick mostrando-se firme em o esperar, mudou depressa a resoluçaõ; porque o Conde de Soure, General de Batalha, apeando-se do cavallo com a espada na maõ, se meteo ao rio seguido do Terço de Moura, de que era Mestre de Campo seu primo o Conde de Aveiras Luiz da Sylva Tello, e das Companhias de Cavallos, de que eraõ Capitaens D. Luiz da Gama filho do Marquez de Niza, e Manoel da Costa; e assim debaixo do fogo dos inimigos passaraõ o rio, devendo-se esta famosa acçaõ ao ardente espirito do Conde de Soure, que sendo cheyo de excellentes virtudes, lhe faltou tempo para as exercitar, por quanto no mais florído vigor da idade faleceo em Denia de huma maligna em 20 de Novembro do mesmo anno de 1706, naõ contando mais que vinte e nove annos, havendo conseguido reputaçaõ, e respeito, porque em gentil presença brilhava o valor, prudencia, generosidade, e

scien-

ſciencia Militar, de ſorte, que na opiniaõ de todos, e ainda mais entre os Generaes, e Cabos Eſtrangeiros ſe lhe augurava, que elle viria a ſer hum dos melhores Generaes da Europa, ſe a morte ſe lhe naõ anticipara. Ao meſmo tempo, que o Conde de Soure diſtimidamente paſſou com aquelle pequeno corpo, abalou todo o noſſo Exercito, e paſſando o rio ſe apoſtou naquelle meſmo campo, em que havia taõ pouco eſtivera o inimigo, ficandolhe Placencia poucas legoas diſtante. Adiantado o noſſo Exercito já a Almarás, Lugar diſtante trinta legoas de Madrid, e vinte e duas de Alcantara, do qual já o Duque de Berwick ſe havia retirado a Val Moral com quatro mil homens de pé, e cinco mil Cavallos, de que ſe compunha o ſeu Exercito, que o noſſo foy levando em toda eſta campanha diante de ſi, deſejando por muitas vezes obrigallo a huma acçaõ, de que elle ſe eſcuſava; porque tambem lhe naõ faltavaõ noticias dos movimentos do noſſo Exercito, o qual ſabendo agora, que marchava para elle, deixando no campo alguma bagagem, ſe foy retirando para a parte de Talavera, e talando a propria campanha, poz fogo aos Armazens de provimento, aſſim Reaes, como particulares, ficando por eſta cauſa difficultoſa a continuaçaõ da marcha por aquella eſtrada: e vendo, que naõ podia obrigar ao Exercito inimigo a vir às mãos, tomou o noſſo Exercito o caminho de Coria, onde chegando a 14 de Mayo, o Duque de Berwick, que lhe

obſervava os movimentos, chegou no meſmo dia junto de Placencia. Porém ſeguindo o noſſo Exercito a marcha, que determinava com bem differente fim, a 17 eſteve à viſta da Serra de Gata, de que ſe ſeguio moverſe o Exercito do Duque, e a 18 foy a Val de Fuentes.

Tinha o Marquez das Minas feito aquella contramarcha ſómente para cahir ſobre Ciudad Rodrigo, o que já haviaõ approvado os mais Generaes; porque tomada aquella Praça, ſe abria huma eſtrada mais franca para Madrid, por ſer o Paiz fertil, e abundante, cortando tambem por aquella banda grande parte das proviſoens, que daquelles contornos ſe mandavaõ para o numeroſo povo de Madrid. Era a determinaçaõ do Marquez das Minas ſitiar com a mayor actividade Ciudad Rodrigo, e a do Duque de Berwick de lho impedir, ou ao menos de o incommodar quanto lhe foſſe poſſivel. A 22 do referido mez de Mayo ſe poz o noſſo Exercito ſobre a Praça de Ciudad Rodrigo, havendo feito largas, e apreſſadas marchas, para que o Duque de Berwick, que o ſeguia com a Cavallaria, ſe naõ pudeſſe adiantar a encoſtarſe à Praça, ou meterlhe algum ſoccorro, com que dilataſſe o rendimento. Havia-ſe aviſado ao Viſconde de Fonte-Arcada, que governava as Armas da Beira, que ſe uniſſe ao Exercito com ſeis mil homens, e com a artilharia groſſa ao tempo, que o noſſo chegaſſe àquella Praça, o que elle executou com grande acerto.

acerto. Deu-se fórma aos ataques, plantaraõ-se as batarias contra a Praça, em que havia hum Regimento pago, chamado das *Asturias*, e dous mil homens de milicias; e depois que a brecha esteve capaz de se assaltar, vieraõ os sitiados em se renderem, e a 26 se assinaraõ as capitulações, em que se concedeo, entre outras, aos Regimentos pagos de se poderem retirar com honras militares, com a condiçaõ de por hum anno naõ servirem contra ElRey de Portugal, e seus Alliados; porém as milicias foraõ desarmadas, e se obrigaraõ a naõ tomarem nunca armas contra ElRey Carlos. O Marquez mandou comboyar os Regimentos pelo Capitaõ de Cavallos Gonçalo Pires Bandeira até S. Pedro del Rio.

Rendida a Praça de Ciudad Rodrigo foy precisa a dilaçaõ de alguns dias para se prover o Exercito para taõ dilatado caminho; mas a actividade do Marquez das Minas, e expediçaõ dos mais Generaes, e Cabos, foy de sorte, que o Exercito se poz brevemente em marcha, e já o Duque de Berwick se havia retirado para Salamanca, avisinhando-se para a parte de Madrid. No dia 6 de Junho chegou o nosso Exercito huma legoa antes da celebre Cidade de Salamanca, e no mesmo dia recebeo o General Marquez das Minas huma Carta dos Magistrados, na qual lhe significavaõ o desejo, com que estavaõ de se sobmeterem à protecçaõ delRey Carlos III. Continuou o nosso Exercito a marcha, e no outro dia estava junto da Cidade de Salamanca,

ca, que diſta dezaſeis legoas de Ciudad Rodrigo. Tanto, que o Exercito chegou, vieraõ os Magiſtrados em quatro coches, veſtidos de gala, buſcar o Marquez das Minas, e porſe às ſuas ordens, rendendo obediencia a ElRey Carlos III. e voltando para a Cidade foy nella acclamado, e entrou o Marquez acompanhado dos mais Generaes a aſſiſtir ao *Te Deum*, que ſe cantou com grande pompa na Cathedral: deteve-ſe o Marquez com o Exercito em Salamanca até onze do referido mez, para neſta breve demora poder receber os comboys das munições de boca, e no outro dia ſe poz em marcha, caminhando para o Guadarrama. O Duque de Berwick, que obſervava pontualmente as marchas do noſſo Exercito, moſtrou querer diſputarlhe a do rio Tormes, alojando-ſe com hum lado na Cidade de Alva, e outro no rio; porém no dia antecedente à chegada delle, o noſſo Exercito, largando aquelle campo, ſe retirou à Villa de Penheranda, aonde naõ permaneceo; porque continuando a marcha mandou o Marquez hum Official à Villa a requerella para que déſſe obediencia a ElRey Carlos; e porque ſe houve com demora, e naõ o executou promptamente, lhe mandou hum deſtacamento, com que naõ ſó a obrigou a cumprir as ſuas ordens, mas caſtigou a ſua renitencia com a multa de duas mil patacas. A Cidade de Avila mandou os ſeus Deputados a dar obediencia ao Marquez, por naõ querer ſer viſitada por algum deſtacamento.

O noſſo

O nosso Exercito foy continuando a marcha sem opposiçaõ, até que ganhado o porto do Guadarrama, no qual saõ os passos muy asperos, e difficeis, aqui entendeo o Marquez, que o Marichal de Berwick lhe disputasse a passagem; porém no dia vinte e dous passou o Marquez o Guadarrama com toda a Cavallaria, e doze Terços, oito Portuguezes, dous Inglezes, e dous Hollandezes, tendo mandado diante ao General de Batalha D. Joaõ Manoel de Noronha com tres Terços, e os Granadeiros, para segurarem a estrada, deixando o resto do Exercito, e a artilharia no Lugar de Espinar entregue ao cuidado do General Pedro Mascarenhas. Marchou o Marquez com o Exercito em duas columnas com toda a Cavallaria na vanguarda, e a Infantaria na retaguarda: e tendo noticia por hum desertor, que em Foncarral se achava ElRey D. Filippe, o Duque de Berwick, e o Conde de las Torres, com hum corpo de dezaseis mil homens, mandou o Marquez das Minas a Pedro Mascarenhas, que passasse o porto com o resto do Exercito, e artilharia; porém a pouco soube ser falsa a noticia, e que o inimigo se retirara.

Clede Hist. de Portug. tom. 2. l. 32. pag. 788.

Com esta torrente de prosperidades, em que o Marquez das Minas conseguio huma immortal gloria na conquista de tantas Cidades, Villas, e Praças fortes; porque com huma felicidade incomparavel marchava por huma, e outra Castella com o seu Exercito, havendo submetido à obediencia de

Carlos

Carlos a mayor parte das Provincias da Extremadura, Caſtella a Velha, e Reyno de Leaõ, chegou a 21 com o Exercito ao Lugar de Eſpinar, e na madrugada do meſmo dia entre as tres e quatro da manhãa ſahio ElRey D. Filippe com a Rainha ſua mulher, ſeguido de poucos Criados, e Officiaes da ſua Caſa. Os que o acompanharaõ foraõ os Miniſtros do Gavinete, o Duque de Medina Sidonia, o Duque de Montelhano, o Conde de Aguilar, ou Frigiliana, Grandes de Heſpanha, e D. Franciſco Ronquilho, Preſidente de Caſtella: os Capitaens das ſuas guardas, que eraõ o Duque de Populi, e o Duque de Oſſuna, e o Conde de Aguilar, o Principe de Sterclaes, e o Marquez de Aytona, que o era das guardas de Infantaria; o Conde de Benavente, Sumilher de Corpo, e os Gentis-homens da Camera, os Marquezes de Quintana, o de Jamaica, e o Conde de Santo Eſtevaõ de Gormas, o de Banhos, e D. Alonſo Manrique, (depois Duque del Arco.) Tambem o acompanharaõ o Mordomo môr Condeſtavel de Caſtella, e os Mordomos de ſemana, e dirigiraõ a ſua marcha ao Lugar de Sopetran, onde eſtava acampado o Duque de Berwick, e ſeguio a ſua derrota para Guadalaxara, e a Rainha foy depois para Burgos acompanhada dos Officiaes da ſua Caſa o Conde de Santo Eſtevaõ del Puerto, Mordomo môr, e o Marquez de Almonacid, Eſtribeiro môr. A 24 de Junho entrou o Exercito no ſitio chamado *Noſſa Senhora de Retamal*, diſtante quatro

quatro legoas da Corte de Madrid. Daqui mandou hum Trombeta à Corte a darlhe noticia da ſua chegada, para o que o Meſtre de Campo General Conde de Villa-Verde havia mandado deſtacar trezentos Cavallos à ordem de D. Pedro Amaſſa, Tenente General da Cavallaria, com o Commiſſario della Antonio de Couros, e os Capitaens de Cavallo Gonçalo Pires Bandeira, Manoel de Mello, Dom Joaõ de Almeida, e o Tenente do Conde de Atalaya Antonio de Caſtro, que marcharaõ até o Pardo, e junto ao Paço eſtava huma partida de Cavallaria dos inimigos, a qual D. Pedro Amaſſa mandou logo atacar por outra, que a foy carregando de ſorte, que ſe poz em fogida até ſe encorporar com a ſua Cavallaria, que eſtava em Foncarral com todos os Cravineiros, e era hum corpo de quatro mil Cavallos, que mandava o General Souforuille. Tanto, que os noſſos aviſtaraõ Madrid mandaraõ o Trombeta, que foy bem recebido, e no meſmo dia mandou a Villa os ſeus Deputados ao Marquez das Minas, o qual conſervou até nova ordem no ſeu emprego de Corregedor ao Marquez de Fuente Pelayo.

A Cidade de Segovia ſeguindo o exemplo da Corte, mandou os ſeus Regedores a dar obediencia, e poucos dias depois chegaraõ ao Campo quatro Regedores da Imperial Cidade de Toledo com a meſma ſubmiſſaõ, e o Marquez os recebeo com particular agrado. Com a obediencia dos de Tole-

do, se seguiraõ as mais Villas do seu Reyno, e a da Talavera de la Reyna, como mais numerosa, mandou os seus Deputados, como tambem a Cidade de Huete, e todas as Cidades, e Villas, que se estendem desde Madrid até aquella Cidade. Residia na de Toledo a Rainha D. Marianna de Baviera, viuva delRey D. Carlos II. a quem o Marquez, tanto que chegou, mandou cumprimentar com todo o obsequio devido à Magestade pelo Conde de Atalaya seu sobrinho, com hum corpo de Cavallaria para a sua guarda: cumprio o Conde este cortejo com tanto acerto, e luzimento, que mereceo o Real agrado da Rainha em satisfaçaõ do bem, com que se portara na sua commissaõ. Decampou o Exercito no dia 27, e se aquartelou nas visinhanças de Madrid, alojando-se desde a horta del Cerero até à quinta dos Padres Jeronymos, e alargando-se naquelles contornos, lhe ficava à esquerda o caminho do Pardo, immediato ao alojamento dos Generaes. Levava o Marquez o Exercito em taõ boa ordem, e excellente disciplina, que compravaõ os viveres aos Paizanos pelos justos preços, sem que padecessem os Póvos alguma pequena extorçaõ, punindo rigorosamente o mais leve furto, naõ tirando contribuições permittidas na guerra, e tal vez contra o parecer dos Generaes; porque a grandeza do seu animo, revestido de huma generosidade sem limite, o fazia desprezar os mayores interesses. E assim praticou o Marquez das

das Minas com grande cuidado huma acertada maxima (nelle natural) de grangear os animos com a sua affabilidade, havendo-se com modo taõ agradavel, e generoso, que os Hespanhoes o engrandeciaõ com louvores, obrigados da sua cortezia. No dia 29 dedicado à solemnidade do Apostolo S. Pedro, festejou o Exercito o nome delRey com tres descargas de toda a artilharia, e das Tropas, com grande contentamento, a que concorreo toda a Nobreza de Madrid de hum, e outro sexo em coches com luzidas galas a congratular o Marquez das Minas, que com magnificencia tratou a todos os Generaes, e Cabos, que cortejaraõ as Senhoras, e Damas com civil urbanidade.

Determinado o dia 2 de Julho para na Corte de Madrid se acclamar solemnemente a ElRey Carlos III. se executou com todas aquellas formalidades, que de antigo costume saõ usadas em Hespanha em semelhantes funções. Levou o Estandarte Real o Regedor D. Mattheus de Tovar, acompanhado de muita Nobreza, vestidos todos com ricas galas, e seguidos do numeroso povo daquella grande Villa. O Marquez das Minas, acompanhado do Conde de Galoway, estava vendo este pomposo acto de huma janella da Praça mayor, e justamente satisfeito da felicidade daquelle dia, que fará gloriosamente memoravel o seu nome à posteridade, mandou lançar ao povo quantidade de moedas de prata; e levado da sua natural generosidade, lançou

muitas de ouro com a sua propria maõ. O Exercito celebrou aquelle acto com tres descargas de artilharia, e mosquetaria; na noite houve vistosos artificios de fogo, vendo-se illuminada a Villa por tres dias: e para que naõ se interrompesse o curso dos negocios, e administraçaõ da justiça, mandou o Marquez, que os Conselhos, e Tribunaes proseguissem o seu exercicio até nova ordem delRey Carlos, e com effeito se começou a executar do dia 30 de Junho por diante. Assim despachou o Marquez as suas Consultas, e deu audiencia aos Vassallos daquella grande Coroa, e com muita expediçaõ deu providencia aos muitos negocios, que entaõ occorreraõ. Esta grande acçaõ soou com espanto nas Cortes da Europa, e na de Roma foy motivo para que o Papa Clemente XI. reconhecesse ao Archiduque Rey de Hespanha, o que até entaõ resolutamente negara. Em Africa tambem se ouvio esta noticia com admiraçaõ, e Muley Ismael, Emperador de Marrocos, felicitou a ElRey D. Pedro este bom successo com huma Carta, que chegou depois da sua morte.

Prova num. 77.

Despachou o Marquez das Minas com esta gloriosa noticia a ElRey Dom Pedro a seu filho o Marquez Dom Joaõ de Sousa. Milord Galoway mandou a Monsieur de Montagu, seu Official de Ordens, à Rainha Anna da Grãa Bretanha, e o Baraõ de Fresheim a seu filho mais velho aos Estados Geraes de Hollanda, para lhe participarem a glorio-

Lettres Historiq. Mois d'Aout 1706.

gloriosa expediçaõ do nosso Exercito, em que se achavaõ as suas Tropas auxiliares. Chegou à Corte de Lisboa o Marquez D. Joaõ de Sousa a 6 de Julho com esta noticia, que foy recebida com grande alvoroço, e applauso. ElRey acompanhado do Principe, e Infantes seus filhos, foy à Igreja Metropolitana desta Cidade em publico com toda a Corte assistir ao *Te Deum*, que se cantou com muita solemnidade. No dia 8 do referido mez fez ainda mais plausivel a celebridade do dia o geral contentamento, que teve o povo, de ser aquella a primeira vez, que viaõ a ElRey em publico, taõ bem restabelecido da grave doença, que padecera. Tanto, que chegou esta noticia, se espalhou pela Cidade com tal avoroço, e satisfaçaõ do povo de Lisboa, que correo em grande numero à Quinta de Alcantara, onde ElRey estava, a applaudir, e congratular o triunfo com vivas, e acclamações, e as mulheres da plebe com festins, e danças, chegaraõ ao mesmo tempo àquelle sitio; e he bem para admirar a generosa grandeza do coraçaõ delRey, que chegando a huma janella ao tempo, que as mulheres andavaõ folgando com as suas danças no terreiro, em que està o Paço, lhe disse: *Aqui naõ, vaõ para casa da Marqueza das Minas*; querendo com esta publica demonstraçaõ honrar Vassallo taõ benemerito; e he certo, que esta acçaõ eternizará com gloriosa memoria o nome deste General.

Naõ retardou o Marquez das Minas, assim que

que chegou ao Eſcurial, participar a ElRey Carlos, que eſtava em Catalunha, o que tinha obrado pelo ſervir, e pôr no throno de Heſpanha, para o que eſtava já a Villa de Madrid, cabeça daquella Monarchia, deſpejada para nella poder entrar; e aſſim lhe rogava, que com as Tropas, que tinha naquelle Principado, paſſaſſe a unirſe com o ſeu Exercito ſem demora, porque qualquer lhe poderia ſer de hum damno irreparavel. Recebeo ElRey Carlos eſta venturoſa noticia com grande ſatisfaçaõ, e reſpondeo ao Marquez com huma Carta eſcrita da ſua Real maõ, em que eſtimava o ſeu grande zelo, e actividade, com que havia obrado no progreſſo das armas dos Alliados, e nos intereſſes de Sua Mageſtade, explicando neſta primeira attençaõ o agradecimento devido à ſua peſſoa, e com eſtas, e outras expreſſoens honrava juſtamente ao Marquez.

Havia elle mandado diverſos Expreſſos a ElRey Carlos, e muitas partidas de Cavallaria ao Reyno de Valença, e outras ao de Aragaõ, para que apreſſaſſe a ſua jornada para Madrid, e juntamente lhe pedia ajuntaſſe todas as Tropas, que pudeſſe, e marchaſſe logo por Raquena para evitar, que os inimigos pudeſſem ter tempo de ſe aproveitarem das que haviaõ feito para o ſitio de Barcellona, à qual depois de eſtar em grande aperto, levantou ElRey D. Filippe o ſitio com muita perda; e as ditas Tropas a grandes jornadas marchavaõ para Caſtella,

Castella, onde já o Conde de las Torres estava unido com o Duque de Berwick, a que se haviaõ ajuntado outras das Provincias: pelo que nos era precciso augmentar as forças do nosso Exercito, para conservarmos a superioridade, ou ao menos huma tal igualdade, que nos naõ excedessem no numero; porque ainda que em Madrid se havia acclamado a ElRey, e tantas Cidades, e Villas haviaõ seguido o seu exemplo; com tudo os Hespanhoes naõ se tinhaõ sogeitado taõ voluntariamente, que naõ déssem já sinaes de se inquietarem, para o que tinha contribuido muito a longa dilaçaõ delRey Carlos, e o movimento das Tropas delRey Dom Filippe. Naõ podia o Marquez, e os mais Generaes deixar de sentir a larga ausencia delRey; porque esta havia esfriado muito aos Hespanhoes na affeiçaõ de huns, e no ardor dos outros, redundando tudo em damno das nossas cousas. Para o que tambem se havia espalhado em Madrid, e Toledo, que era morto ElRey Carlos, naõ faltando Prégadores, que testemunhassem o terlhe assistido ao seu enterro; e que o viraõ sepultar. Pelo que muitos Officiaes Hespanhoes, os quaes haviaõ promettido declararse a seu favor, com aquella noticia se deraõ por desobrigados da palavra. Accrescentava-se o cuidado pelos avisos de haverem entrado por Navarra mais Tropas Francezas, e haver D. Francisco Ronquilho, Presidente de Castella, que entre o povo tinha grande sequito, incitado aos moradores de Arevallo a

toma-

tomarem armas; e com o seu exemplo fizeraõ o mesmo os de Segovia, e de novo em Toledo se havia acclamado ElRey D. Filippe, e tambem o haviaõ feito os de Salamanca, e os Lugares visinhos, ficando desta sorte a communicaçaõ do nosso Exercito cortada com Portugal: pelo que se persuadiaõ já os Póvos, que os nossos forçosamente seriaõ obrigados a se retirarem. Todas estas cousas punhaõ em grande consternaçaõ aos nossos Generaes por verem, que sómente a dilaçaõ era a causa de se malograr o seu trabalho.

Elegeo ElRey Carlos fazer a marcha por Çaragoça, e a 18 de Julho fez naquella Cidade a sua entrada publica, em que foy levado debaixo de paleo rico pelos Deputados, e Conselheiros do Reyno de Aragaõ, de que aquella Cidade he Capital, levando-o de redea o primeiro Jurado, e o estoque o Conde de Sastago, como Camarlengo do Reyno, e acompanhado da Nobreza foraõ à Cathedral com grande pompa, aonde o Arcebispo com o Cabido o recebeo; e depois de se cantar o *Te Deum* com solemnidade, se sentou ElRey em huma cadeira rica debaixo do docel, posto em hum theatro, e alli jurou de guardar os fóros do Reyno nas mãos da Justiça mayor de Aragaõ: e reflectindo os nossos no muito, que ElRey se detinha com as cousas de Aragaõ, mandaraõ a Bouger Quartel Mestre General com huma grossa partida de cavallos para representar a ElRey o estado dos negocios, e tambem

bem para positivamente saberem quaes eraõ as medidas, que havia tomado sobre esta taõ importante resoluçaõ. Vendo-se o Marquez, e mais Generaes sem reposta alguma, e informados, que os Francezes se augmentavaõ, e que os Póvos da sua visinhança mostravaõ já publicamente a sua inclinaçaõ a ElRey D. Filippe, pelo que tumultuosamente em Madrid, e Toledo, o acclamaraõ, resolveraõ assegurar aquelle posto, para poderem conservar a communicaçaõ com Portugal, de donde só esperavaõ poder ter algum soccorro: e entendendo, que Toledo era o lugar mais a proposito para o seu intento, resolveraõ mandar hum destacamento com o pretexto de castigar os moradores daquella Cidade da sua rebelliaõ, e fazer alli hum armazem para pôr em seguro as bagagens grossas, e que o nosso Exercito se puzesse em marcha a observar o inimigo, e se retirasse a Toledo, quando lhe parecesse necessario. Porém como a 25 de Julho recebeo o Marquez Cartas delRey Carlos, em que lhe dizia, que marchava, e a vinte e oito chegaria a Molina, mas como havia de passar treze legoas distante dos inimigos, era preciso lhe fizesse cobrir as marchas. Com este aviso se desvaneceo a idéa de Toledo, e se resolveo, que os nossos marchassem em direitura aos inimigos, que tinhaõ o seu principal corpo em Xadraque com o designio de os deterem de sorte, que naõ pudessem ter tempo de mandar algum destacamento contra ElRey Carlos. Marcharaõ os

nossos em direitura aos inimigos, e sendo o terreno aspero, e cerrado, de sorte, que naõ podiaõ de nenhuma maneira virem a huma acçaõ geral, os nossos passaraõ tres dias em escaramuças, e alguns tiros de artilharia; mas conhecendo os nossos Generaes, que o numero dos inimigos se augmentava continuamente, resolveraõ tornar ao posto de Guadalaxara, que se julgou ser mais a proposito para cobrirem a marcha das Tropas, que se deviaõ ajuntar ao nosso Exercito, e por evitar hum combate, que os nossos naõ julgaraõ naquelle tempo conveniente antes da juncçaõ das outras Tropas.

Lettres Historiq. Mois de Decembre 1706.

Finalmente a oito de Agosto chegou ElRey Carlos ao campo do nosso Exercito com huma Companhia das suas guardas, dous Regimentos de Cavallaria, e tres Batalhoens, a saber: dous de Hollandezes, e hum de Italianos, e o Regimento de Dragoens de Milord Raby, e huma parte do de Pierce, hum batalhaõ de Hespanhoes, e outro de Alemaens, que chegaraõ dous dias depois. Houve logo hum Conselho de Guerra, no qual se considerou impraticavel o atacar aos inimigos, naõ só pela ventagem, que tinhaõ no posto; mas por nos serem muy superiores em Cavallaria, e Infantaria, porque nos excediaõ em vinte e cinco esquadroens, e treze batalhoens, estando os seus esquadroens em muito melhor estado, que os nossos. O Conde de Peterborough, que tinha acompanhado a ElRey, voltou para a sua Armada, e depois de muitos dias de estar

eſtar o noſſo Exercito detido, a tiro de canhaõ dos inimigos, e ſe terem conſumido as forragens, e proviſoens, ſe reſolveo marchar para Chinchon, e Colmenar, para guardarmos eſtes póſtos todo o tempo, que nos pareceſſe, e podermonos ſervir nas occaſioens, com que a fortuna nos favoreceſſe. Depois de dous dias de marcha chegaraõ à dita paragem, e ſem embargo, que os inimigos tiveraõ alguma pequena ventagem ſobre as noſſas partidas, e combois, o Exercito permaneceo mais de hum mez naquelle campo, onde naõ lhe faltou nada. Determinou-ſe, que antes, que começaſſem as chuvas a incommodar, e impoſſibilitar o Exercito, marchaſſe todo para as fronteiras de Valença a diſpor os quarteis, de modo, que pudeſſem cobrir Aragaõ, Valença, e Catalunha, aſſegurando as entradas em Caſtella, e conſervando a communicaçaõ com as coſtas do mar, com cujos ſoccorros nos podiamos augmentar. Porque da Peninſula de Heſpanha poſſuîa ElRey Carlos tres Reynos, naõ lhe faltando mais, que huma pequena Praça em cada hum; em Catalunha, Roſas; em Valença, Peniſcola; e em Aragaõ, Xaca; porque as ſoccorreraõ os Francezes.

Moſtrou a experiencia bem de preſſa, que aos Póvos dos Reynos de Caſtella os havia ſobmetido o medo, e naõ a vontade de outro dominio, que naõ foſſe o delRey D. Filippe; porque declaradamente ſe puzeraõ à ſua devoçaõ, tomando as

armas contra o nosso Exercito, malogrando as nossas operações com todos os modos de opposição. Assim no dia 15 de Agosto sahio o Exercito de Chinchon, e passou o Tejo em Fuente Dueña, sem algum embaraço dos inimigos, que atravessaraõ o rio quatro legoas distante dos nossos; e a 17 se ajuntou ao nosso Exercito em Velles o General Windham com tres batalhoens Inglezes, e o Regimento de Cavallaria do Conde de Peterborough, trazendo provisaõ de paõ, e biscouto para quatro dias.

Marchou o inimigo com todo o seu Exercito em alguma distancia do nosso, adiantando hum corpo de Cavallaria para nos observar, sem que entendesse lhe convinha obrigarnos a vir às mãos, nem menos incommodarnos na marcha. No dia 25 de Setembro o Duque de Berwick ajuntou todas as suas Tropas, e marchou toda a noite, atravessando o rio Xucar, com o designio de atacar os nossos no campo de Inesta, muy grande, e plano, ao travez do qual haviamos de passar para ganhar o rio Xabriel, e passarem as provisoens, que haviamos deixado em Requena, para o que se avançou com tanta diligencia, que a sua vanguarda appareceo no campo ao mesmo tempo, que o nosso Exercito; porém este marchava em taõ boa ordem, e com tanta firmeza, e resoluçaõ, que o Marichal naõ julgou serlhe conveniente o podernos atacar com alguma ventagem; porque alguns dos seus esquadroens,

droens, que o intentaraõ fazer, os rebatemos com tanta constancia, que foraõ obrigados a se retirar com bem pressa, e grande desordem. Naõ deixou o Marichal de Berwick de seguir o Exercito até o pequeno rio Imilta, onde se havia formado, e tinha huma boa occasiaõ de poder chegar a huma batalha decisiva; mas vendo a boa disposiçaõ, e admiravel constancia das Tropas dos Alliados, se naõ resolveo a emprender cousa alguma. Aqui succedeo hum caso digno de naõ ficar sepultado no esquecimento, e he, que formado o Exercito no referido campo, se nos adiantou a Corte do Exercito inimigo a observar o campo, e formatura do nosso Exercito; nelle estava no lado esquerdo da primeira linha ElRey Carlos III. aonde já haviaõ chegado duas peças de artilharia. Entre os Generaes, que alli estavaõ, era hum o Marquez de Fronteira, Governador das Armas da Beira, que apeando-se do seu cavallo, chegou a huma das peças, que elle mesmo apontou, e tanto, que o fez, lhe mandou dar fogo, com taõ certa pontaria, que a balla deu no ajuntamento da Corte, matando o General Amezaga; e fazendo segunda pontaria com a outra peça o mesmo Marquez, meteo o tiro na referida Corte, que incontinente se retirou com pressa, passando para lugar mais seguro: hindo depois alguns Soldados ao dito sitio, acharaõ o dito General, e o seu cavallo morto, e lhe tiraraõ as armas, e as trouxeraõ com a cella do cavallo. ElRey Carlos, que

que eſtava à ilharga do Marquez, naõ ſó o applaudio com todos os Generaes, e Cabos da noſſa Corte; mas agradeceo ao Marquez com grandes expreſſoens a deſtreza, deſembaraço, e ſciencia. Aſſim deixou o inimigo continuar ao noſſo Exercito as ſuas marchas, ſem que lhe déſſe algum incommodo, até que entrou em quarteis junto das Fronteiras de Valença, e Murcia. He certo, que os noſſos Generaes Portuguezes, e os Eſtrangeiros, Cabos, Officiaes, e Soldados, que neſte Exercito ſe acharaõ, em todas as muitas, e diverſas occaſioens, que tiveraõ em taõ larga Campanha, deraõ bem a conhecer o valor, e a promptidaõ, com que executavaõ, o que ſe lhe ordenava, ſupportando com incrivel conſtancia as fadigas, e os trabalhos, na eſterilidade tantas vezes experimentada, devendo-ſe tudo à ſábia direcçaõ do Marquez das Minas, que era o General em Chefe, que os mandava, e ao zelo de Milord Conde de Galoway, que com ſingular deſvello lhe aſſiſtio ſempre, intereſſando-ſe igualmente na ſua gloria.

Memorias do Duque de Cadaval D. Nuno m.ſ. tom.XI. pag. 313.

Continuava ElRey D. Pedro a ſua aſſiſtencia na Quinta de Alcantara para onde havia paſſado a convalecer da grande queixa, que deixamos referida, com tanta ſatisfaçaõ do ſitio, que ſendo preciſo fazer algumas obras no Paço, ſe mudou para huma Quinta, que fica no meſmo lugar de Alcantara, que antigamente fora de Sebaſtiaõ de Carvalho, e era do Deſembargador Joſeph Fiuza Correa. Deſte lugar

lugar vinha ElRey algumas vezes a Lisboa, e a 5 de Dezembro de 1706 veyo pela manhãa assistir na Tribuna da Capella Real aos Officios Divinos, e ouvir o Sermaõ, que era da segunda Dominga do Advento, e acabada a devoçaõ se recolheo a jantar para Alcantara, alguma cousa quebrantado: de tarde lhe sobreveyo grande febre com huma somnolencia invencivel, naõ bastando para o acordar ventosas, e outros remedios asperos, que os Medicos entenderaõ serem convenientes. E conhecendo estes a grande debilidade da cabeça, e a força, com que o mal o acometera, lhe fizeraõ differentes remedios, e depois de sangrado até quatro vezes, vendo, que a natural robustez delRey se havia prostrado com excesso, lhe pareceo devia commungar por Viatico, o que lhe participou o seu Confessor o Padre Sebastiaõ de Magalhaens, da Companhia, e ElRey com animo pio, devoto, e constante, quiz logo receber o Santissimo Viatico; e assim na terça feira às dez horas da manhãa veyo o Santissimo da Freguesia, e o recebeo da maõ do Bispo Capellaõ môr Nuno da Cunha de Ataide com muita devoçaõ, em que se praticou a formalidade já referida na outra doença. Passou ElRey mal a noite por causa de huma pontada, que lhe sobreveyo da parte esquerda, que os Medicos capitularaõ por hum pleuriz legitimo: pelo que resolveraõ, que se sangrasse no dia seguinte pela manhãa, que era quarta feira, o que se executou; porém passou com tanta

affliçaõ,

afflicçaõ, ancias, e dores, que pelas oito horas da noite julgou o Doutor Lopo Gil, Medico da ſua Camera, que eſtava de guarda, que Sua Mageſtade eſtava em perigo de vida, e devia receber o Sacramento da Extrema-Unçaõ. Quiz ElRey, que logo ſe lhe adminiſtraſſe, e o ungio o Capellaõ môr. Paſſado algum breve tempo chamou ElRey ao Principe, e Infantes, e com paternal amor diſſe ao Principe: *Que governaſſe eſtes Reynos, em que ſuccedia, com a bençaõ de Deos, e a ſua; que tiveſſe grande cuidado em ſeus irmãos, conſervando-os ſempre no ſeu amor, e amiſade, fazendolhe a merce, e honra, que devia como ſeu irmaõ, e como ſeu Rey.* Aos Infantes diſſe: *Que amaſſem ao Principe, e que com todo o devido reſpeito lhe obedeceſſem, porque deſta maneira teriaõ a bençaõ de Deos, e a ſua*; e com o Infante Dom Manoel, que era de curta idade, que era ſó de nove annos, ſe enterneceo alguma couſa. E depois do Principe, e os Infantes lhe beijarem a maõ, ſahiraõ para fóra, e chamou ao Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, a quem diſſe: *Que lhe agradecia havello ſervido com amor, e lealdade, e que por eſte motivo, e por outros, lhe encommendava aſſiſtiſſe a ſeus filhos, e ſerviſſe ao Principe com as largas experiencias, que tinha das couſas do Reyno, e que encommendava favoreceſſe os ſeus criados em tudo aquillo, que elles neceſſitaſſem do ſeu favor.* O Duque lhe beijou a maõ, rendendolhe as graças pela merce, que lhe fazia, honrando-o

do-o com tanta generosidade, merecida porém do amor, com que sempre assistira a Sua Magestade, a quem havia trazido nos braços, e servido como devia, e pediaõ as suas obrigações, e que em tudo obedeceria a Sua Magestade, como lhe mandava; mas que esperava, que Deos permittisse darlhe saude para que criasse a Suas Altezas, e amparasse aos seus criados. Fallou tambem ao Duque D. Jayme seu genro, o qual beijandolhe a maõ, o abraçou ElRey com estimaçaõ, encommendandolhe, que consolasse muito a Senhora D. Luiza, a quem elle já havia fallado antes, que ao Principe, e Infantes. Ao Conde de Vianna, Marquezes de Marialva, e Alegrete, seus Gentis-homens da Camera, agradeceo tambem o grande amor, zelo, e cuidado, com que lhe tinhaõ assistido todo o tempo, que o serviraõ, de que se dava por obrigado, e satisfeito; e elles sentidos, e magoados do estado, em que o viaõ, lhe agradeceraõ aquella honra com mais respeito, que palavras. Com estas, e outras demonstrações de attençaõ com os seus Criados, e Vassallos, deu a conhecer ElRey a constancia, e a Religiaõ, conformando-se sem alguma perturbaçaõ no animo. Assistiaõ a ElRey o seu Confessor, e alguns Religiosos letrados, e outros de exemplar vida. Ao mesmo tempo fez aviso o Secretario de Estado D. Thomás de Almeida ao Nuncio Cardeal Conti, para que fosse dar a Sua Magestade a absoviçaõ do artigo da morte: às onze horas da noite entrou o

Cardeal, e depois de applicar as indulgencias, Sua Mágestade com palavras de grande edificaçaõ mostrou a sua christandade na obediencia, com que venerava a Santa Sé Apostolica, e a muita estimaçaõ, que fazia da pessoa do Cardeal, que lhe agradeceo aquella honra com todo o respeito.

No dia seguinte, em que continuando o mal com precipitaçaõ, que era huma quinta feira nove de Dezembro de 1706, à huma hora e meya depois do meyo dia, entre as preces, e orações de muitos Religiosos, actos de amor de Deos, repetidos com grande devoçaõ, e fé, com hum grande conhecimento da morte, e desengano da vida, passou ElRey da mortal à eterna na mesma casa, em que havia falecido o Principe D. Theodosio seu irmaõ, o que elle quasi advertio logo, que adoeceo; porque entrando Christovaõ de Almada, que sabia havia assistido ao Principe, lhe perguntou, em que casa falecera; porém Christovaõ de Almada, supposto quando entrou a reconheceo, como cortezaõ, e versado nas politicas do Paço, lhe respondeo, que se naõ lembrava. Viveo ElRey cincoenta e oito annos, sete mezes, e treze dias, e reynou trinta e nove, mais de quinze como Principe Regente, e mais de vinte e tres como Rey. Tanto, que faleceo, o Marquez de Marialva, seu Gentil-homem da Camera, que estava de semana, lhe cerrou os olhos, e entrando os Medicos por ordem do Marquez, depois de reconhecerem, que havia espirado,

o Mar-

o Marquez na mesma cama, com grande attençaõ, cobrio o corpo. Esta noticia, que logo se espalhou pela Cidade, foy recebida com grande sentimento de todos os seus Vassallos.

Estava no Paço de Alcantara o Conselho de Estado, em que entaõ se acharaõ os Duques de Cadaval Dom Jayme, e D. Nuno, os Marquezes de Cascaes, e Marialva, os Condes da Castanheira, S. Vicente, Alvor, Vianna, e D. Francisco de Sousa, e na sua presença o Confessor de Sua Magestade entregou ao Secretario de Estado o Testamento del-Rey, o qual tinha ordem do Principe para o abrir na presença do Conselho de Estado, e fazerlhe o termo com a formalidade costumada. Passou logo a Lisboa o Secretario de Estado, e o Duque de Cadaval, este a dar conta ao novo Rey, do que havia passado, e aquelle a levar o Testamento, que se abrira sem se ler, o qual logo ordenou, que o fizesse presente no Conselho de Estado.

Havia ElRey feito o seu Testamento muy anticipadamente em tempo, que se achava com robusta disposiçaõ na Cidade da Guarda a 19 de Setembro do anno de 1704, o qual era escrito pelo seu Confessor o Padre Sebastiaõ de Magalhaens, e approvado judicialmente pelo Secretario Diogo de Mendoça Corte-Real, que entaõ servia de Secretario de Estado, por especial commissaõ, que para isso teve de Sua Magestade, e nelle foraõ testemunhas o Duque de Cadaval, o Marquez de Alegre-

Prova num. 78.

te, o Marquez de Marialva, o Conde de Villa-Verde, e o Conde de Vianna, todos do Conselho de Estado, o Conde de Villar-Mayor, o Conde de Assumar, Dom Rodrigo de Mello, (era filho do Duque de Cadaval) Francisco de Mello, Monteiro mór, e D. Lourenço de Almada. Nelle se admira a piedade, religiaõ, e devoçaõ delRey, a caridade nos diversos legados pios, o amor de seus filhos, a quem paternal, e carinhosamente exhorta com uteis documentos. A Casa do Infantado, que elle possuira, e muito augmentara, fez della doaçaõ ao Infante D. Francisco, estabelecendo o modo da successaõ, para que nunca se possa unir à Coroa, e para que andasse na linha do Infante; e no caso de elle faltar, chama ao Infante D. Antonio, e depois ao Infante D. Manoel, declarando, que todas as vocações, que nella faz, se haõ de entender dos descendentes legitimos, nascidos de legitimo matrimonio: e sómente no caso, que Deos naõ permitta, de se extinguirem as linhas legitimas de *todos os seus filhos*, poderáõ ter lugar os illegitimos, e bastardos, que delle descenderem. Mandou, que se dissesse hum grande numero de Missas pela sua alma, e que em todos os annos se digaõ quinhentas Missas, todas as que se puderem dizer em Altar privilegiado (o que se cumpre pontualmente; porque ElRey seu filho deu esta incumbencia ao Tribunal da Mesa da Consciencia, e Ordens, de donde o Presidente no dia seguinte lhe dá conta com as certidoens,

doens, de que se celebraraõ.) Mandou, que se dissessem cinco Missas quotidianas, deixando ao arbitrio de seus Testamenteiros a renda necessaria. Deixou huma somma grande de dinheiro para fundo de varias obras pias, para todos os annos se cumprirem, a saber: esmolas para cinco cativos, dotes para tres orfãas, e que o remanecente se distribua todos os annos pelos criados da Casa Real, começando pelos que serviraõ a sua Real pessoa, em quanto vivessem, e depois se teria respeito a seus filhos, o que tambem se cumpre todos os annos com louvavel distribuiçaõ; porque ElRey seu filho deu esta administraçaõ ao Provedor, e Mesa da Santa Casa da Misericordia. Mandou, que o sepultassem no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, junto do tumulo da Rainha Dona Maria Sofia Isabel, sua chara, e amada esposa. Nomea por Testamenteiros ao Principe seu filho, e à Rainha da Grãa Bretanha sua irmãa, encarregando ao Duque de Cadaval, e Marquez de Alegrete, a execuçaõ desta sua ultima vontade. E declara finalmente, que deixa outras disposições particulares, que mandara escrever pelo seu Confessor, que se cumpraõ como parte do seu Testamento, no qual se naõ vê clausula, que naõ mostre qual foy a sua piedade. O referido papel he huma declaraçaõ de seus dous filhos o Senhor D. Miguel, e o Senhor D. Joseph, de que adiante faremos mençaõ, e huma particular lembrança ao Principe para os amparar como seus irmãos; e os criados,

Prova num. *79.*

criados, que o haviaõ ſervido, os recommenda ao Principe para que os favoreça: e que no caſo de ſe naõ ſervir delles, lhe dê os meſmos ordenados, e mezadas, que elle lhe dava, de qualquer categoria, ou cor, que foſſem, deixando por ſua morte livres a todos os ſeus eſcravos: foy feita a declaraçaõ, e aſſinada no dia 19 de Setembro do referido anno de 1704.

Lido o Teſtamento na preſença do Conſelho de Eſtado, e determinado tudo o que pertencia ao Real enterro, foy o corpo embalſemado, e quando ſe fez a operaçaõ ſe achou a regiaõ vital infecionada com varios achaques, o figado com huma grande inchaçaõ, e a cutis, que o cobria pela parte das coſtas, eſtava branca, e ſe deslacerava com os dedos, o bofe todo negro, e na concavidade tinha hum receptaculo, que teria tres onças de materia com todas as qualidades, que ſe requerem para o coſimento della: no fel ſe acharaõ trinta e cinco pedras da feiçaõ de dados, mayores, e menores, a pleura da parte eſquerda eſtava esfacelada com huma grande porçaõ de ſangue grumoſo, no cerebro tinha algum ſangue extravaſado, e no ventriculo eſquerdo alguma aguadilha. Foraõ os inteſtinos a enterrar à Igreja das Religioſas Flamengas, que ficaõ contiguas ao Paço, e levados de noite, com a decencia devida, por Antonio Rebello da Fonſeca, que lhe ſervia de Porteiro da Camera. Acabada a operaçaõ dos Cirurgioens, o Marquez de Marialva

rialva mandou compor o cadaver, e o vestiraõ com hum vestido de côr parda, com garavata, e cabelleira, barrete vermelho, borzeguins, e esporas, e sobre o vestido o habito de S. Francisco, de que era Terceiro, e depois o manto de Cavalleiro da insigne Ordem da Cavallaria de Christo, de que era Governador, e perpetuo Administrador, e a espada à cinta, como determinaõ os Definitorios da mesma Milicia. Nesta fórma esteve o corpo delRey na Camera sobre a mesma cama, em que falecera, em que naõ entraraõ mais, que os Gentis-homens da Camera, o Duque de Cadaval, o seu Confessor, e os criados domesticos, que lhe assistiaõ. No dia seguinte avisou o Marquez de Marialva aos Officiaes da Casa Real para que metessem o cadaver no caixaõ, na fórma do estylo, o que fizeraõ, e o puzeraõ sobre a Eça, que estava na casa, em que no outro dia se fez o funeral. Manoel de Vasconcellos, que servia de Reposteiro môr por seu irmaõ o Conde de Castello-Melhor, cobrio o caixaõ com hum pano rico, e poz no primeiro degrao, em hum prato dourado, a Coroa, e o Sceptro Real. O Bispo Capellaõ môr celebrou Pontifical, assistido de toda a Capella Real, que cantou o Officio; os Grandes tomaraõ a parede da parte direita, e os Officiaes, e Criados da Casa a esquerda, estando todos em pé, e descobertos. Fóra da casa, em que estava o corpo, estava à porta Alvaro de Sousa e Mello, Porteiro môr, assentado em hum pequeno banco de páo sem cobertura.

No

No Sabbado onze do referido mez à noite o Principe com os Infantes, acompanhados dos Officiaes da Casa, foraõ deitar agua benta no corpo delRey: disse o Responso o Capellaõ môr, e deu o hissope ao Principe, e Infantes. Depois o Reposteiro môr tirou o pano, e prato da Coroa, e Sceptro, e o entregou ao Reposteiro menor Joaõ de Leiros, e pegaraõ no caixaõ o Duque D. Jayme, o Duque de Cadaval, o Marquez de Marialva, o Marquez de Cascaes, o Marquez de Alegrete, o Conde da Castanheira, o de S. Vicente, o Conde de Val de Reys, o Conde de Alvor, e D. Francisco de Sousa, todos do Conselho de Estado. O Principe com os Infantes ficaraõ no mesmo lugar aonde deitaraõ agua benta, e foraõ depois acompanhando o corpo delRey detraz do caixaõ, todos com grande luto de capa comprida, descobertos, sem Moço Fidalgo, que os alumiasse: e tanto, que foy posto o caixaõ na liteira, o Reposteiro môr o cobrio com hum pano rico de brocado franjado de ouro. Assim, que começou a andar a liteira, o Principe, e Infantes lhe fizeraõ reverencia, e se recolheraõ acompanhados dos Criados da Casa da Rainha. Dentro no pateo estava o coche de respeito, os cavallos dos Duques, do Estribeiro môr, e do Capitaõ da Guarda o Conde de Pombeiro, e posto em ordem, caminhou o enterro para S. Vicente de Fóra. Diante do caixaõ hia o Mordomo môr o Conde de Santa Cruz com a sua insignia, da banda direita

reita o Duque D. Jayme, e da esquerda seu pay o Duque de Cadaval, logo a Capella Real em ordem com Cruz, e adiante os Grandes da banda direita, e os Officiaes da Casa da esquerda com suas insignias; à ilharga do macho da liteira hia o Estribeiro mór Conde de Vianna, e detraz da liteira o Capitaõ da Guarda Conde de Pombeiro; accompanhavaõ os Moços da Camera com tochas accesas, e diante da liteira hia o coche de respeito coberto com hum rico pano de brocado franjado de ouro, e atraz do coche os Tenentes da Guarda, e Antonio Rebello, que fazia o officio de Estribeiro, todos tres a cavallo, e logo a guarda dos Archeiros, que cobria o estado. Nas ruas da Cidade estavaõ os Terços pagos, e Ordenanças em duas alas, e todo o Clero, e Religioens de todos os Mosteiros da Cidade, com vélas accesas, dentro das mesmas alas.

Chegou o enterro a S. Vicente, e junto às escadas se tirou o caixaõ das andas, e se poz no Esquife da Irmandade da Misericordia, o qual estava sobre hum estrado coberto de veludo negro, em que se poz para se entregar aos Irmãos daquella Mesa. Aqui quebraraõ os Officiaes as insignias, a que vulgarmente chamaõ *Canas*, aquelles a quem pelas suas occupações saõ permittidas. Cantaraõ os Capellaens da Irmandade hum Responso. Mandou o Escrivaõ da Mesa pegar no Esquife à Irmandade, e a Communidade dos Conegos Regrantes estava es-

perando à porta; e assim levaraõ o Real corpo até o cruzeiro, onde em huma Eça de téla encarnada, que estava preparada, foy posto. O Capellaõ môr, revestido de Pontifical, cantou o primeiro Responso com a Capella Real, o segundo os Religiosos da Casa, e o terceiro a Misericordia. Pegaraõ no caixaõ os mesmos Conselheiros de Estado, e o levaraõ à outra Eça, que estava em cima na Capella môr, junto da qual estava hum estrado alto, tambem forrado de téla encarnada; e o Conde Mordomo môr fez a entrega ao Prior da Casa na fórma seguinte: sobre o mesmo caixaõ se poz hum Missal, que trouxe o Prior da mesma Casa, e pondo sobre elle as mãos o Conde Mordomo môr, disse em voz intelligivel: *Juro aos Santos Euangelhos, que neste caixaõ está o corpo do muito Alto, e muito Poderoso Rey D. Pedro Segundo, meu Senhor; porque eu o vi meter nelle, e Vossa Paternidade dará conta do dito corpo, ou de seus ossos, a seus successores, para o que lhe entrego as chaves deste caixaõ*; e o Prior jurou em seu nome, e de seus successores de assim o cumprir. Pegaraõ os Conselheiros de Estado no caixaõ, e o collocaraõ em huma Eça de tres degraos, metendo-o em outro caixaõ mayor, que sobre ella estava; o Reposteiro môr cobrio o tumulo com hum pano rico de téla encarnada franjado de ouro, e o Secretario de Estado fez o termo, que foy assinado pelos Conselheiros de Estado, e pelo Conde de Santa Cruz, Mordomo môr. Aquelle

le esclarecido Sabio o Padre D. Manoel Caetano de Sousa, que deveo particulares merces à generosidade delRey D. Pedro, empregando a sua penna no elogio das virtudes, de que foy adornada a sua Real pessoa, compoz o seguinte Epitafio, que se conserva na Collecçaõ das suas Obras Poeticas:

Hîc jacet orbis amor, nulli pietate secundus
Petrus, regna beans, queis erat ipse Pater.

Eraõ passados oito dias depois da morte delRey, a 17 do referido mez de Dezembro, segundo o louvavel costume do nosso Reyno, se fez a ceremonia de quebrar os Escudos. Ajuntou-se o Senado da Camera, o Conde de Aveiras Joaõ da Sylva Tello, Presidente, os Vereadores, Cidadãos, e Ministros de vara pertencentes ao Senado, de cuja casa sahiraõ em boa ordem entre as dez, e onze do dia: dava principio a este acompanhamento hum dos Procuradores da Cidade a cavallo, coberto todo de negro, arrastrando hum grande luto pelo chaõ, com huma bandeira negra com a hastea da mesma côr, a qual levava ao hombro, e hia arrastrando huma grande parte por terra. Seguiaõ-se os Cidadãos em duas alas iguaes com varas negras nas mãos, e no meyo hiaõ tres Ministros divididos, a saber: hum Juiz do Civel, e dous Juizes do Crime, sem varas, e cada hum levava hum Escudo preto, e logo o Tribunal do Senado em ceremonia com varas pretas, e todos hiaõ a pé. Tanto, que che-

garaõ junto às escadas da Sé, estava huma Tarima levantada coberta de luto, e sobindo o Juiz do Civel, disse em voz alta: *Choray Nobres, choray Povo, que morreo o vosso Rey D. Pedro II. de Portugal*, e immediatamente quebrou o Escudo, e deixou cahir no chaõ. E continuando este acompanhamento, no meyo da Rua Nova, onde estava outra Tarima, o Juiz do Crime sobio a ella, e repetio as mesmas palavras, quebrando o Escudo, e no Rocio junto às escadas do Hospital estava a terceira Tarima coberta de luto, e sobindo o ultimo Ministro, que levava o Escudo, com as mesmas palavras, e ceremonias, o quebrou. E continuando o acompanhamento, voltou pela Rua das Arcas até à Sé, e entrando na Igreja assistiraõ, e juntamente o Cabido, à Missa, que se cantou pela alma delRey, por quem toda a manhãa estiveraõ dobrando os sinos daquella Cathedral.

Foy ElRey de estatura grande, grosso, mas bem proporcionado, os olhos grandes, pretos, e fermosos, nariz aquilino, e cabello preto, naõ era branco, mas com boa côr de rosto, em tudo bizarro, e desembaraçado nas acções, com aspecto taõ magestoso, que a sua pessoa, vista entre outras, naõ podia entrar em duvida, que era Real, pela magestade da presença. Teve forças extraordinarias, que exercitava no jogo da barra com admiraçaõ dos que o viaõ, e em outros exercicios. Jugou as armas com grande perfeiçaõ, e destreza, com tanto

tanto desembaraço, como bizarria. Fez grande gosto do exercicio de andar a cavallo, em que era fermoso, em huma, e outra cella, excedendo aos mais peritos no modo de mandar, e obrar no manejo dos cavallos; porque teve agilidade, e fortaleza, de sorte, que elle soube scientificamente esta nobre arte, verdadeiramente de Principes, e grandes Senhores. No arriscado, e muy difficil exercicio de correr Touros, excedeo a todos os do seu tempo, em que houve insignes Toureiros de cavallo, em que entravaõ Senhores de grande qualidade, que o acompanhavaõ nestes divertimentos, a que ElRey assistia com satisfaçaõ. Amou a caça, ou fosse a do ar, e a miuda, ou a grossa: assim no monte deu excellentes provas da sua bizarria com os porcos montezes, naõ só acometendo-os com a lança, o que fez com singular desenvoltura; mas tambem a pé destemidamente, sogeitando-os, e rendendo-os com as proprias mãos; e igualmente era destro em atirar com a espinguarda. Mandava as Tropas scientificamente, para o que no seu picadeiro fazia ajuntar muitas vezes Soldados Infantes a fazer exercicio, premiando àquelles, que se adiantavaõ no manejo das armas, o que elle fez com summa destreza, e fermosura. A estas partes ajuntou excellentes virtudes, que faráõ a sua memoria gloriosa em todos os seculos vindouros: porque nelle se admirou praticada a mais rara virtude, que nunca se vio em outro algum Principe, de dar audiencia

diencia a ſeus Vaſſallos todos os dias, e ainda de noite, e nas horas mais deſaccommodadas; porque ſempre, que o buſcavaõ, eſtava prompto, de ſorte, que muitas vezes ſe levantou da meſa para os ouvir, e ſendo taõ prompto na frequencia, era mayor na paciencia, que moſtrava nas mais largas audiencias: aos Sacerdotes fallava em pé, reſpeitando a ordem, e o caracter, naõ permittindo lhe beijaſſem a maõ. Teve huma prodigioſa memoria, de ſorte, que qualquer peſſoa, que via huma vez, ainda que paſſaſſem muitos annos, naõ ſó a conhecia, mas com diſtinçaõ ſe lembrava della. Era devoto, e pio naturalmente, venerando com profundo reſpeito os Myſterios de noſſa Santa Fé, como ſe vio no grande ſentimento, e demonſtrações publicas, quando ſuccedeo o ſacrilego roubo do Santiſſimo Sacramento na Parochia de Odivellas, na noite de dez para onze de Mayo de 1671, em que eſcalando a Igreja, profanando as Imagens, atrevida, e ſacrilegamente abriraõ o Sacrario, e roubaraõ ao Santiſſimo Sacramento. Deſte execrando caſo ficou El Rey taõ horroroſamente penetrado, que mandou veſtir toda a Corte de luto até que ſe reſtituiſſe à meſma Igreja o Santiſſimo roubado, ordenando, que em todas as Igrejas ſe expuzeſſe o Santiſſimo Sacramento à veneraçaõ dos Fieis, para que nas ſuas adorações deprecaſſem a Deos a ſua miſericordia: ao meſmo tempo eſcreveo a todos os Cabidos das Cathedraes deſte Reyno, para que em todo elle

Prova num. 80.

ſe

se fizesse o mesmo, pedindo a Deos, que se lembrasse de todos aquelles, que o adoravaõ, e veneravaõ Sacramentado. E fazendo-se exactas diligencias, recommendadas pelo seu zelo, se achou o reo, e foy punido pela Justiça. E para memoria do desaggravo, com que pertendia escurecer aquella offensa, instituîo na mesma Igreja no mesmo dia huma festa, em que com grande solemnidade, e culto se adorasse ao Santissimo Sacramento, e que esta festa se unisse à Irmandade dos Escravos do Santissimo de Santa Engracia, instituida pela Nobreza por outro detestavel caso succedido a 16 de Janeiro de 1630, de que os Reys saõ Protectores: a huma, e outra festa assistia ElRey com grande devoçaõ; porque tudo o que tocava à Religiaõ Catholica venerava, desejando emendar pela Fé, e obras boas, o que tal vez pela fragilidade da natureza corrupta se desordenava. Muitos dias do anno dormia vestido sobre huma taboa, jejuando tambem muitos a paõ, e agua, havendo-se sempre nos jejuns de preceito nas consoadas com escrupulosa parcimonia. He admiravel prova do quanto desejava ter a consciencia pura, hum papel muy pio, e devoto de propositos, que, mediante a graça de Deos, pertendia observar, que lançarey nas Provas, para que mais com este anedocto se certifiquem os curiosos do quanto desejo satisfazellos. Da Virgem Santissima foy cordeal devoto; e assim todos os Sabbados hia visitar a Sagrada Imagem da Senhora das Necessi-

Prova num. 81.

Neceſſidades. Venerou geralmente a todos os Sacerdotes, e Religioſos, eſpecialmente os do Seraſico Patriarca S. Franciſco, de quem foy eſpecial devoto, e de cuja Ordem Terceira era profeſſo: pelo que ſe mandou ſepultar no ſeu Habito, como ſe diſſe; aſſim comia todas as ſeſtas feiras do anno à ſua meſa hum Religioſo de S. Franciſco, ſendo ainda mayor o reſpeito, e veneraçaõ àquelles, que pela ſua vida, e exemplo ſe diſtinguiaõ em ſantidade; porque nas expreſſoens, e no affecto ſe via a ſua devoçaõ, deſejando muito ter occaſioens de os comprazer, e darlhe goſto, para ter parte nas ſuas orações. Vivia no ſeu tempo o Veneravel D. Armando Joaõ le Bouthillier de Ranſay, Abbade da Trappa, o qual com a ſua admiravel converſaõ foy Reformador do meſmo Moſteiro da Trappa da Ordem de Ciſter em França, Varaõ inſigne em virtude, que naquelle Moſteiro reſtaurou a mais rigida obſervancia Monaſtica, com que deu huma univerſal edificaçaõ a toda a Chriſtandade pelo ſeu raro modo de vida. A eſte inſigne Varaõ mandou El-Rey viſitar pelo ſeu Embaixador, que reſidia em Pariz, e encommendarſe nas ſuas orações, já que o naõ podia fazer peſſoalmente, como o fizera El-Rey Jacobo II. de Inglaterra, e a Rainha ſua eſpoſa, e outros muitos Principes Soberanos, e do ſangue Real de França, como refere a ſua Vida. As Almas do Purgatorio lhe deveraõ grande compaixaõ, pelo que eraõ immenſas as Miſſas, que no circulo

Inguibert, *Vita dell' Abate di Ranſe*, lib. 3. cap. 17. pag. 640.

circulo do anno lhes mandava applicar, e outras por devoções particulares. No Real Mosteiro de Belem instituîo cinco Missas quotidianas com hum Officio solemne pelas almas delRey Dom Affonso VI. do Principe D. Theodosio, e da Infanta D. Joanna, seus irmãos, por hum contrato feito a 20 de Fevereiro do anno de 1690, em que os Religiosos tomaraõ esta obrigaçaõ por certa quantia, que lhe fez consignar nas rendas da Casa de Bragança, em quanto lhes naõ dava hum juro perpetuo. Ao Hospital de Todos os Santos de Lisboa accrescentou renda para sustentaçaõ das crianças expostas. Na caridade se distinguio, amando ao proximo, e compadecendo-se das suas necessidades de sorte, que eraõ excessivas as esmolas, que fazia do seu bolsinho, que pareceo inextinguivel; porque naõ sahio dos seus pés pessoa alguma desconsolada, que lhe pedisse ajuda de custo por esmola, a que elle naõ deferisse, nem ainda estando nos negocios mais graves, que deixasse de ter benigno acolhimento nas suas palavras, honrando a todos como pay de seus Vassallos. Nas merces se houve com grande generosidade; porque mostrava se interessava na conservaçaõ das Casas illustres, e nobres dos seus Vassallos, para que continuassem no esplendor dos seus Mayores: pelo que liberalmente lhes fazia merce dos bens da Coroa, e Ordens, que possuîaõ.

Naõ foy nelle menos ardente o zelo das Missoens, para o que se instituîo a Junta das Missoens

na Casa Professa de S. Roque, em que se tratavaõ os negocios pertencentes a ellas, e em que presidia o Secretario Roque Monteiro Paim, assistido dos Deputados, que eraõ Religiosos doutos, e exemplares de diversas Familias Religiosas, onde hiaõ por aviso do Secretario Roque Monteiro, e depois da sua morte lhe succedeo Gregorio Pereira Fidalgo, Desembargador do Paço, que pelas experiencias, que tinha da India, havia já entrado na Junta das Missoens, para as quaes concorreo ElRey com grande liberalidade, e devoçaõ, estimando aos Missionarios, e com especialidade àquelles, que Apostolicamente haviaõ seguido o emprego do seu ministerio; e assim quando os Vice-Reys do Estado da India, ou os Governadores do Brasil, e mais Conquistas, passavaõ aos seus Governos, lhes recommendava em primeiro lugar favorecessem, e amparassem aos Missionarios em tudo, para que se augmentasse a Christandade. A' Companhia de Jesu ajudou particularmente com grandes esmolas para as Missoens, e à sua despeza lhe dotou dous Collegios no Ultramar; naõ faltando nunca a pessoa alguma, que com o pretexto da Religiaõ Catholica Romana se valesse delle, que com muita promptidaõ naõ concorresse para o livrar da cegueira, em que estava, de que muitos foraõ Religiosos. O Principe de Bisau, que veyo a este Reyno, catequizado pelos Missionarios da Costa da Mina, a receber o sagrado Bautismo, lho fez El-

Franco Synopis Annalium Societatis Jesu, p. 425.

Rey

Rey conferir na Capella Real, ſendo elle meſmo ſeu Padrinho, e o mandou tratar, naõ como fora creado entre a brutalidade do gentiliſmo, mas pelo que repreſentava, com muita politica, e decencia, em quanto naõ voltou para a ſua terra. No ſeu tempo intentaraõ os homens de naçaõ Hebrea conſeguir do Papa, que removeſſe a fórma do recto procedimento do Santo Officio da Inquiſiçaõ deſtes Reynos, negocio, em que ſe haviaõ adiantado; porque com os ſeus cabedaes, que eraõ muitos, negoceavaõ, e tambem porque tinhaõ peſſoas de grandes lugares, que ſe haviaõ perſuadido das ſuas enganoſas, e apparentes razoens, votando-as a ſeu favor. Porém ElRey (entaõ Principe Regente) com hum ardente zelo do augmento da Religiaõ Catholica, naõ querendo, que nos ſeus Reynos ſe diminuiſſe com a liberdade da gente daquella naçaõ, mandou a Roma no anno de 1675 por ſeu Embaixador Extraordinario a D. Luiz de Souſa, Biſpo de Lamego, depois Arcebiſpo de Braga, Primaz das Heſpanhas, Varaõ dos mayores daquelle ſeculo, em letras, talento, e prudencia, que já contra a pertençaõ dos Chriſtãos novos, havia feito hum largo, e douto papel. Havendo o Embaixador reſidido mais de ſete annos na Corte de Roma no tempo dos Pontifices Clemente X. e Innocencio XI. e ſendo a eſte ultimo muy aceito, porque fez da ſua peſſoa particular eſtimaçaõ; no ſeu tempo venceo o negocio contra a fortiſſima oppoſiçaõ, que o apa-

drinhava, conseguindo no anno de 1681 com grande utilidade, e alegria do Reyno, a restituiçaõ do Santo Officio, que esteve todos estes annos suspenso do despacho, e naõ menos satisfaçaõ do Principe seu Amo, que o nomeou do seu Conselho de Estado, estando ainda em Roma. Depois publicou o mesmo Principe huma Ley passada a 5 de Agosto de 1683, para que fossem exterminados de seus Reynos, e Dominios, todos os Christãos novos, que fossem convictos, e tivessem abjurado em fórma nos Autos da Fé, que fazem os Inquisidores, a qual teve alguns annos execuçaõ. Neste mesmo negocio servio na Corte de Roma, onde teve caracter de Enviado Extraordinario, Joseph de Sousa Pereira, depois Conselheiro da Fazenda, Ministro de grande merecimento, como o era Jeronymo Soares, Inquisidor de Lisboa, e ultimamente Bispo de Viseo, a quem a Inquisiçaõ escolheo pelas suas letras, e qualidades; sendo em todo o progresso deste negocio Inquisidor Geral D. Verissimo de Lencastre, que havia sido Arcebispo de Braga, naõ menos illustre pelas virtudes, que pelo sangue, e que desde o anno de 1686 foy Cardeal da Santa Igreja Romana. Para a guerra contra o Graõ Turco Mahomet IV. que em 1683 tinha posto em ultimo aperto a Praça de Vienna, Corte do Emperador Leopoldo I. soccorreo ElRey generosamente com grandes sommas de dinheiro ao Papa Innocencio XI. que agradeceo com hum Breve cheyo de carinho-

Prova num. 32.

ſas expreſſoens, a grandeza deſte ſubſidio, concorrendo eſte Santo Pontifice com groſſas remeſſas, e mais com as ſuas orações para a glorioſa vitoria, que o Duque Carlos de Lorena, e ElRey Joaõ Sobieski de Polonia, conſeguiraõ em 7 de Setembro de 1683, derrotando o formidavel Exercito do Graõ Viſir Ckara Muſtafá, a que ſe ſeguio huma torrente de conquiſtas, e vitorias nos annos ſeguintes. Para os lugares Santos de Jeruſalem deu tambem ElRey groſſas eſmolas, e hum rico ornamento bordado, e huma bacia para o lavapés, e duas alampadas de prata de obra primoroſa, que ardem no Santo Sepulcro, deixando para a ſua ſubſiſtencia renda effectiva na Caſa da India. Outros ſemelhantes teſtemunhos da ſua piedade ſe vem neſte Reyno, ſendo o mayor padraõ a grandeza, com que fez dar fim ao Moſteiro de Santa Clara de Coimbra, em que ſe venera o corpo da Rainha Santa Iſabel, ſua aſcendente. Obras ſuas ſaõ o Forte de Alcantara, e outros, com que poz em mayor defenſa a Cidade de Lisboa, e os que ficaõ da banda dalém do rio; e no Reyno reparou, e adiantou muito as fortificações de varias Praças. Quando os Mouros ſitiaraõ a Cidade de Oraõ, com grande perigo dos Heſpanhoes, que valeroſamente defendiaõ aquella Praça, achando-ſe no eſtado da ultima ruina, a ſoccorreo ElRey com huma poderoſa armada no anno de 1677, e ſe naõ fora taõ prompto o ſoccorro della, de que era General Pedro

dro Jaques de Magalhaens, Visconde de Fonte Arcada, servindo de Almirante o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, embarcando-se nella muitos Fidalgos, naõ só Officiaes, mas voluntarios, e superando o General os mares, e ventos, que parecia se oppunhaõ a embaraçarse este soccorro, taõ valeroso no mar, como na terra, venceo todas as contrariedades, introduzindo o soccorro, com que os Hespanhoes triunfaraõ da porfia, e contumacia dos Mouros, devendo taõ glorioso successo à generosa promptidaõ, com que ElRey D. Pedro os soccorreo. E segunda vez auxiliou Hespanha com as suas armas, como experimentou a famosa Cidade de Ceuta, quando se vio sitiada pelos Mouros, para cuja defensa lhe mandou hum Terço de Infantaria, de que era Mestre de Campo Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil, que do seu valor deu naquella Praça naõ vulgares provas, e depois mandou as armas na Provincia de Alentejo, com tanta opiniaõ, que conseguio universal applauso nos Soldados. E contra o Mouros, assim nas Armadas, com que todos os annos segurava as Costas maritimas, como na Praça de Mazagaõ, conseguio diversas ventagens. No seu tempo se começaraõ a descobrir as minas de ouro, sendo Governador do Rio de Janeiro Artur de Sá, e já de entaõ principiaraõ as frotas a conduzir abundante porçaõ deste taõ desejado metal. No Reyno de Angola, sendo Capitaõ General Francisco de Tavo-

Tavora, (depois Conde de Alvor) alcançou huma importante vitoria do Rey de Dongo, ou das Pedras, de que foy consequencia a tranquillidade, e socego daquelle Reyno. Na Capitanía de Pernambuco, sendo Governador Caetano de Mello de Castro, castigou os Negros levantados nos Palmares, naõ só reduzindo-os à obediencia, que muitos annos tinhaõ disputado, defendidos em hum sitio, que parecia inconquistavel. No Estado da India, supposto se perdeo a Praça de Mombaça, obraraõ milagres de valor os sitiados, conjurando-se o tempo para a sua disgraça contra a Armada, com que os soccorriaõ, de que era Capitaõ môr Henrique Jaques de Magalhaens. Tambem em diversos successos no mesmo Oriente, se acreditaraõ as suas bandeiras no mar, e na terra; porque com grande cuidado attendeo sempre ao bem, e utilidade dos seus Vassallos.

He admiravel prova do quanto se empregou na utilidade publica do Reyno, o que praticou na reducçaõ da moeda, em que perdeo grossas quantias de dinheiro, extinguindo toda a que haviaõ falsificado, ou diminuido, e fazendo bater de novo outra, e augmentando huma, e outra. Com a occasiaõ do casamento de Saboya fez lavrar huma medalha de ouro, a qual deixamos estampada no Tomo IV. Liv. V. desta Historia. O Commercio, como principal porçaõ, de que se anima a Republica, amparou com grande benignidade, para que flore-

floreceſſem os cabedaes. O meſmo experimentaraõ os fabricantes dos panos, ſedas, e outros muitos generos, que no ſeu tempo tiveraõ principio, de que ſe ſeguio fazeremnos excellentes em algumas terras das Provincias de Alentejo, e Beira, como tambem a cultura dos bichos da ſeda, entregando a direcçaõ deſtas, e outras fabricas ao zelo de Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, ſeu Védor da Fazenda, que naõ vivendo muito depois do ſeu eſtabelecimento, naõ tiveraõ os progreſſos, que conſeguiriaõ com a ſua actividade, ſe lhe durara mais tempo a vida: e o meſmo, ſendo Védor da Fazenda, deu a direcçaõ da moeda, e na Caſa deſta ſe accreſcentaraõ inſtrumentos, e officinas, e recolhendo-ſe toda a do Reyno para ſe reduzir a nova fórma, ſe reſtituîo prompta, e pontualmente, ſem a menor falta. As rendas Reaes ſe augmentaraõ tambem exceſſivamente no ſeu tempo; porque ſó o Contrato do Tabaco ſobio a milhoens de cruzados, e outros muitos à proporçaõ, com grande utilidade do patrimonio Real. Eſtabeleceo importantes Leys: entre ellas foy a que mandou paſſar em Lisboa contra os deſafios a 16 de Junho de 1668 com graviſſimas penas; e a que mandou paſſar a 23 de Novembro de 1674, na qual ſe determina o modo da regencia do Reyno, e Tutores dos Reys, que ſuccederem na Coroa, de menos idade de quatorze annos, a qual elle eſtabeleceo à inſtancia dos Tres Eſtados da Nobreza, Povo, e

Torre do Tombo liv. 5. das Leys, pag. 91.

Prova num. 83.

Clero

Clero, juntos em Cortes, no referido anno. No de 1698, em que se celebraraõ as Cortes, em que foy jurado o Principe D. Joaõ seu filho herdeiro da Coroa; passou outra Ley a 12 de Abril do referido anno, a qual os Tres Estados do Reyno juntos nas Cortes, approvaraõ, e pediraõ: nella se declara a fórma, em que devem succeder no Reyno os filhos descendentes dos Reys, que legitimamente succeder a seu irmaõ, que falecesse sem descendencia, para que succedaõ por sua ordem, sem ser necessario approvaçaõ, ou consentimento dos Tres Estados do Reyno, declarando, e interpretando as Cortes de Lamego, e derogando-as, se necessario fosse naquella parte para melhor estabelecimento da Monarchia. Além destas fundamentaes, e taõ importantes, fez outras Leys muyto uteis ao bem, e economia do Reyno.

Prova num. 84.

Prova num. 85.

No principio da sua Regencia no anno de 1668 celebrou ElRey a paz com ElRey D. Carlos II. e conservou depois por tantos annos em huma ditosa tranquillidade os seus Reynos: pelo que o appellidaraõ o *Pacifico*, até o anno de 1704, em que rompendo-se a guerra com Hespanha, conseguiraõ depois as suas armas a immortal gloria na memoravel Campanha do anno de 1706.

Por nomeaçaõ sua proveo o Papa Clemente X. todas as Cathedraes do Reyno, e suas Conquistas de dignissimos Prelados no anno de 1671, e por nomina sua creou o Papa Clemente X. Cardeal a

Cesar de Estrês, Bispo, e Duque de Laon, no anno de 1672. O Papa Innocencio XI. a D. Verissimo de Lencastre, Inquisidor Geral, que havia sido Arcebispo de Braga, no anno de 1686. O Papa Innocencio XII. a Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa, e seu Capellaõ môr, no anno de 1697. No seu tempo o Papa Clemente XI. fez no anno de 1706 Cardeal a D. Miguel Angelo Conti, entaõ Nuncio nestes Reynos, e Arcebispo de Tarso, que depois foy Papa com o nome de Innocencio XIII. Tambem à sua instancia o Papa Innocencio XI. erigio diversas Igrejas na America, passando a Metropolitano o Bispado da Bahia, por Bulla passada em Roma a 16 de Novembro de 1676, sendo o primeiro sagrado com esta Dignidade o Arcebispo D. Gaspar Barata de Mendoça. O mesmo Papa lhe deu por Suffraganeos os Bispados do Rio de Janeiro, e Pernambuco, erigidos ambos por Bullas passadas no mesmo dia, e anno: do Rio, foy seu primeiro Bispo D. Fr. Manoel Pereira, da Ordem dos Prégadores, que naõ foy ao Bispado por ser empregado no lugar de Secretario de Estado: de Pernambuco, foy o primeiro Bispo D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, que era Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa. O mesmo Papa Innocencio XI. erigio em Bispado o Maranhaõ por Bulla passada a 30 de Agosto do anno de 1677, de que foy seu primeiro Bispo Dom Fr. Antonio de Santa Maria, Titular de Neocesaréa, Deaõ da Capella Real,

Prova num. 86.
Prova num. 87.
Prova num. 88.
Prova num. 89.

Real, que havia ſido Religioſo da Ordem Serafica da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, que naõ foy ao Biſpado, e depois promovido ao de Miranda: e pela largueza do eſtado do Maranhaõ, ſe erigio depois o Biſpado do Graõ Pará, como diremos no Capitulo X. deſte Livro. Na Aſia, no Imperio da China, erigio tambem à ſua inſtancia o Papa Alexandre VIII. os Biſpados de Pekim por Bulla paſſada a 10 de Abril do anno de 1690, e o de Nankim por Bulla paſſada no meſmo dia, e anno no primeiro do ſeu Pontificado.

Prova num. 90.

Prova num. 91.

Como naõ eſcrevemos a Hiſtoria univerſal do Reyno, e ſó nas Vidas dos Principes apontamos aquellas circunſtancias, de que achámos documentos, ou aquellas memorias ſeguras, de que muitas até agora ſe naõ trataraõ miudamente por outros Hiſtoriadores, nos pareceo reſumir neſte lugar por mayor algumas noticias dos ſucceſſos do reynado del Rey D. Pedro II. repartidas por materias, principalmente nas negociações com outros Principes.

Feita a paz com a igualdade, que ſe devia, entre os Reys de Portugal, e Catholico em 1668, primeiro anno do governo do Principe Regente, recebeo neſta Corte por Embaixador del Rey Catholico ao Baraõ de Bataville, como já ſe apontou, e morrendo em Lisboa em 1670, deixou occultamente introduzido em alguns animos deſcontentes a falſa, e impropria idéa de querer, com as armas de Caſtella, introduzir outra vez no governo do Rey-

no a ElRey Dom Affonſo VI. que eſtava na Ilha Terceira: e como o Marquez de Eliche D. Anniello de Guſman, e outros priſioneiros illuſtres, que eſtavaõ no Caſtello de Lisboa, tinhaõ já principiado eſta pratica com alguns, dos que indiſcretamente os viſitavaõ com mais frequencia, achou o Conde de Hummannes, ſucceſſor no miniſterio, mas naõ no talento do Baraõ de Bataville, occaſiaõ de continuar aquelle infiel projecto, de que reſultou auſentarſe do Reyno para Madrid Franciſco de Mendoça, Alcaide môr de Mouraõ, e em 1674 ſe fizeraõ em Lisboa algumas execuções. Conſtando depois ao meſmo Principe, que o principal, dos que foraõ degollados, que foy Fernaõ Maſcarenhas, eſtava innocente, e da meſma ſorte foraõ ſoltos depois alguns Fidalgos, que com menos averiguaçaõ, e pelo indicio de parentes de Franciſco de Mendoça foraõ prezos, entre os quaes era Joaõ de Almada de Mello, que tendo ſervido com muito valor, (como Fernaõ Maſcarenhas tambem o fizera) ſabendo, que o queriaõ prender, ſe auſentava, e ſendo o ſeu brio igual à ſua innocencia, o fizeraõ perder o juizo, que depois de mais de quarenta annos, e havendo muitos, que eſtava livre, ſe lhe reſtituîo felizmente antes da ſua morte, e Jeronymo de Mendoça, irmaõ de Franciſco de Mendoça, foy degradado por toda a vida para a India, onde ſeu irmaõ Luiz de Mendoça, depois Conde do Lavradio, tinha ſido Vice-Rey com grande acerto, e fide-

e fidelidade, independente das fatalidades, que padeceo a sua illustre familia. O Conde de Hummannes tinha feito a sua entrada publica; e porque nella faltou, ou por perturbaçaõ, ou por malicia a alguma das formalidades, que devia observar, e se lhe tinhaõ advertido, o mandou o Principe fazer segunda entrada, em que satisfez ao que havia faltado, recolhendo-se logo para Madrid.

Naquella Corte tinha o Marquez de Arronches com a sua costumada experiencia, adquirida em outras Embaixadas, manejado com socego os delicados negocios, que tinhaõ occorrido entre as duas Cortes depois da paz; mas succedendolhe o Marquez de Gouvea D. Joaõ da Sylva, de quem era Secretario Miguel da Sylva Pereira, que escreveo huma Relaçaõ desta Embaixada com excellente estylo, e foy depois Chanceller da Relaçaõ, e Desembargador do Paço, experimentaraõ no povo de Madrid os effeitos do rancor da passada guerra, e separaçaõ do Reyno, e dos successos do Conde de Hummannes em Lisboa, e intentou assaltarlhe a casa, e offenderlhe alguns criados. Naõ tendo o Marquez a satisfaçaõ prompta, que pedia, se retirou com a Marqueza sua mulher para hum Lugar perto de Madrid: mas vendo aquella Corte, que o Principe D. Pedro se preparava para romper huma nova guerra, justificou, que naõ tivera parte no tumulto, tirou o emprego, e desterrou hum Alcaide de Corte, pelo naõ dissipar a tempo, e mandou

Memorias do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes.

Clede Histor. de Portugal, tom. 2. liv. 32 pag. 787.

dou pela posta a Lisboa por Enviado ao Abbade de Mazarate, que morreo em Lisboa depois de alguns annos, em que exercitou com prudencia o seu ministerio. Nelle lhe succederaõ em Lisboa, entre alguns Ministros de menos caracter, que residiraõ nesta Corte, o Bispo de Avila D. Fr. Diogo Fernandes de Angulo, da Ordem de S. Francisco, com o caracter de Embaixador Extraordinario, que havia sido Arcebispo de Sardenha, e Vice-Rey do mesmo Reyno, em cujo tempo naõ houve cousa memoravel, mais que as festas, que fez com muito luzimento, quando se ajustou o casamento delRey D. Pedro em 1687. Nestas demonstrações se distinguio D. Manoel de Sentmanat e Lanusa, que no tempo de Enviado, e depois no de Embaixador, conseguio o agrado delRey, mas naõ que se declarasse a favor de Hespanha, como elle, e seus successores procuraraõ, e se conservou Portugal na neutralidade. No anno de 1680 governava D. Manoel Lobo a Nova Colonia do Sacramento, que junto ao Rio da Prata pertence a Portugal, pelas antigas demarcações, e novos Tratados, e está situada na America Meridional, e contra a boa fé ganhou esta Fortaleza o Governador de Buenos Aires, fazendo prisioneiro ao Governador, e a guarniçaõ: com esta noticia, justa, e generosamente estimulado o Principe Dom Pedro, se preparou para ir em pessoa fazer guerra a Hespanha, para o que tinha já nomeada, mas naõ publicada a promoçaõ dos Generaes,

neraes, de que ainda naquelle tempo havia muitos valerosamente experimentados na ultima guerra, sem embargo de acharse Hespanha em paz, pela que havia firmado em Nimega nos annos antecedentes. Por naõ entrar neste novo empenho por taõ injusta causa, mandou ElRey Catholico Dom Carlos II. por seu Embaixador Extraordinario a D. Domingos Judice, Duque de Giovenazzo, e Principe de Cellamare em Napoles, que tinha sido Embaixador em outras partes, e satisfazendo à nossa Corte com a restituiçaõ da Colonia, e prisioneiros, e com o Tratado, de que já fizemos mençaõ no Livro IV. Capitulo III. pag. 119. sobre o que houve em Badajoz conferencias de homens doutos de ambas as Nações, ficando depois a Portugal a inteira cessaõ daquella Colonia, e seu territorio pela paz de Utrech. Estando o Duque de Geovenazzo em Lisboa, intentou o Marquez d'Oppet, Embaixador de França, insultallo com gente armada, quando sahia de noite de visitar o Nuncio Marcello Durazzo, parece que com alguma ordem secreta, que teve de Pariz, por outro encontro, que o Duque tivera com o Embaixador de França na Corte de Saboya. Sabendo o Principe este intempestivo movimento do Embaixador de França, chamou na mesma noite o Conselho de Estado, e mandou promptamente com Tropas assegurar a retirada do Embaixador, e a sua casa com guardas nos dias successivos, fazendo ao Embaixador de França retirar a

gente

gente da ſua Naçaõ, que juntara, tendo-ſelhe advertido efficazmente quanto ſe havia eſtranhado, o que emprendera. Aos dous Marquezes de Arronches, e Gouvea, ſuccederaõ os Enviados Duarte Ribeiro de Macedo, Joſeph de Faria, Mendo de Foyos Pereira, e Diogo de Mendoça Corte-Real, ſendo os tres ultimos depois Secretarios de Eſtado, e dando todos naquella Corte taõ continuas provas do ſeu talento, que ainda hoje dura nella a ſua memoria, e conſervaraõ o Reyno em paz até os ultimos tempos, tendo Portugal, como diſſemos, ſoccorrido generoſamente Oraõ, e Ceuta.

Com a Corte de França tinha ElRey D. Affonſo VI. concluido em 1666 a ventajoſa liga, que referimos, e como a pezar das inſtancias do Abbade de Saõ Roman, Embaixador à noſſa Corte, ſe concluîo a paz com Heſpanha, naõ houve naquelle tempo negocio de grande importancia entre as duas Coroas, ainda que o Marquez de Guenegaut, Enviado de França, procurou, offerecendo a Portugal grandes ventagens, de que imprimio hum papel, que ſe mandou recolher, que nos declaraſſemos contra Heſpanha, a quem França fazia, e a Hollanda, e a outros Principes a guerra, que principiou em 1672, e acabou em 1678 com a paz de Nimega. Para entrar neſte Tratado, e ſer medianeiro, foy convidado o Principe Regente, que nomeava primeiro para Embaixador ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, e depois a Franciſco de

Tavo-

Tavora, que ainda naõ era Conde de Alvor, porém ou fosse politica, ou irresoluçaõ, naõ foraõ Ministros Portuguezes a este Congresso, discorrendo os Estrangeiros nos seus livros, que Portugal naõ quizera concorrer para o excessivo poder, que tinha França, procurando, que fosse o Tratado da Paz ainda mais ventajoso, do que foy àquelle Reyno, nem para que Hespanha tivesse mayores interesses. Ao Marquez d' Oppet, que se seguio ao Enviado Guenegaut, e fez huma luzida entrada, succederaõ os Embaixadores Marquez de Amelot, e o Vidam d' Esnault, que trouxeraõ suas mulheres, e tambem tinha voltado em 1683 o Abbade de S. Roman, que foy Embaixador pouco tempo, e naõ houve no do ministerio destes Ministros, que todos o executaraõ com grande luzimento, e acerto, mais negocio de importancia, do que o das pertenções, que fizeraõ para o casamento da Infanta D. Isabel, e depois para o delRey D. Pedro, procurando, que fossem com Principes, ou Princezas de França, ou que estivessem nos seus interesses, o que se naõ conseguio, porque a Infanta naõ casou, e ElRey o fez com huma filha do Eleitor Palatino, Principe dos mais oppostos às vastas idéas de Luiz XIV. Veyo depois a Lisboa o Abbade de Estré, e residindo alguns annos, passou à Embaixada de Hespanha, com cujo Exercito entrou em Portugal acompanhando a ElRey Catholico, e ultimamente foy por largo tempo Embaixador o Presidente Ro-

wille, que com diversa fortuna correo na sua negoceação, pois tendo Portugal accedido ao Tratado da partilha, que França, Inglaterra, e Hollanda, fizeraõ em 1700, em que dividiaõ da Monarchia de Hespanha alguns de seus Estados em Italia, e outras partes, conseguio em 1701 huma liga de Portugal com França, e Hespanha, que depois, como dissemos, passou a huma neutralidade, e em fim a hum Tratado inteiramente opposto, e retirando-se por esta causa o Presidente Rowille, tinha vindo nomeado Embaixador em 1703 o Marquez de Chaustauneuf, que a pezar das suas activas negociações, e das Cartas, que trouxe do Cardeal de Estreés, naõ pode embaraçar a execuçaõ da nova alliança, recolhendo-se quando chegava o Archiduque Carlos de Austria. Na Corte de França foraõ Enviados, no tempo deste Reynado, Duarte Ribeiro de Macedo, por pouco tempo, e com muito acerto, e com igual, e mais annos Salvador Taborda Portugal; e a dar os pezames da morte da Rainha de França D. Maria Theresa de Austria, foy D. Joaõ de Ataide, filho do Conde de Castro Dairo D. Jorge de Ataide, vindo a Lisboa com semelhante commissaõ pela morte da Rainha D. Maria Francisca de Saboya o Marquez de Torci, filho do grande Colbert, e depois famoso pelo seu emprego de Secretario de Estado dos negocios Estrangeiros. Depois se seguio Francisco Pereira da Sylva, e Joseph da Cunha Brochado, que com grande talento

lento havia sido Secretario da Embaixada do Marquez de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro, que naõ achando esquecidas as memorias, que em quasi sessenta annos ficaraõ impressas naquella grande Corte da magnificencia da Embaixada do Marquez D. Alvaro seu pay, as soube renovar com mais annos de residencia em Pariz, havendo feito a sua entrada, e conservando igual luzimento, com aceitaçaõ universal dos Francezes, e distinções particulares do seu grande Rey Luiz XIV. o que até mostrou na joya, que lhe deu de mayor preço, do que se costuma aos Embaixadores, declarando, que por especial attençaõ, que fazia da sua pessoa, naõ serviria de exemplo para os mais. Igual attençaõ deveo o Marquez ao Duque de Orleans, irmaõ unico delRey, a quem deu magnificamente de cear em sua casa; e recolhendo-se com igual satisfaçaõ de ambas as Cortes, ficou na de Pariz Joseph da Cunha Brochado por Enviado, e depois que a guerra se rompeo com Hespanha, se recolheo a Lisboa, como dissemos. Em 1693 appareceo na Bahia de Lagos o Marechal de Tourvil com huma grossa Armada para esperar a frota de Esmirna, que os Inglezes comboyavaõ com alguns navios de guerra. ElRey puchou Tropas de Alentejo, que governava Diniz de Mello de Castro, em quanto naõ soube o fim da Armada Franceza, que foy o de derrotar, como fez, parte daquella frota, offerecendo a ElRey os seus navios, que nesta, e em outras oc-

casioens foraõ bem recebidos nos nossos pórtos, como os das outras Nações, segundo as clausulas dos Tratados.

Com Inglaterra conservou ElRey a boa correspondencia, que quasi sempre houve entre as duas Nações, e que até o anno de 1685 acrescentou o parentesco dos dous Reys. Em Londres naõ houve mais Embaixador, que o Marquez de Aronches, e o tinha sido D. Francisco de Mello, e de ambos fazem memoria com louvor merecido os Escritores de varias Nações, como tambem dos Enviados Joseph de Faria, Simaõ de Sousa de Magalhaens, e o Visconde de Fonte-Arcada Manoel Jaquez de Magalhaens, e com huma commissaõ extraordinaria Pedro de Figueiredo de Alarcaõ, e outros Ministros, em que se distinguio D. Luiz da Cunha, que depois teve o caracter de Embaixador: e no tempo do seu ministerio, que comprehendeo quasi dez annos na vida delRey D. Pedro, mostrou desde o anno de 1696 naquella Corte, e depois nas mayores da Europa, o seu grande talento, e virtudes politicas; concorrendo para os soccorros, que Inglaterra mandou a Portugal desde o anno de 1704 para a nova alliança, e escrevendo em seis grandes volumes todas as suas negociações, memorias, e tratados da Europa, que offereceo depois à magnifica Livraria delRey D. Joaõ V. excellentemente escritos na materia, e na fórma com admiraveis reflexoens, e tratados particulares, de que os

primei-

primeiros volumes podem servir muito para a Historia delRey D. Pedro II. Outro negocio se tratou em Londres, e naõ se conseguio, pois sabendo ElRey, que o de Inglaterra Carlos II. queria demolir, e abandonar a Praça de Tangere, que tinha sido dote da Rainha sua mulher, como deixamos escrito, ouvindo o projecto, e o voto do Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, do Conselho de Estado, que tinha sido cinco annos Governador, e Capitaõ de Tangere com grande acerto, e com o mesmo escrito a historia daquella Cidade, que corre impressa, como dissemos no Livro VI. Capitulo V. propoz comprar Tangere por evitar, que a occupassem os Mouros, e para restituir a Portugal este antigo padraõ de acções taõ gloriosas; mas o Parlamento teve por mais util fazer a despeza de arruinalla, que evitando-a, achar a conveniencia de vendella; e assim deixando-a demolida, e o seu porto embaraçado, a occuparaõ os Mouros, naõ se seguindo a idéa, que o mesmo Conde até à sua morte repetio de restaurar Tangere. Em Lisboa foraõ Ministros de mayor caracter, depois que se fez a paz, em que Inglaterra teve tanta parte, como dissemos, pelo Conde de Sanduick, nos ultimos tempos delRey Joaõ Methwin, e Paulo Methwin seu filho, ambos de grande capacidade, e Milord Galoway, todos tres Embaixadores, e outros Enviados de muito merecimento, como tambem o foraõ os Generaes Inglezes, depois do Duque de Lensteir

Ar-

Armando de Schomberg, havendo voltado a Lisboa o Marichal Federico seu pay, Conde de Mertola em Portugal, quando Luiz XIV. o fez sahir de França com os mais, a que comprehendeo a revogaçaõ do Edicto de Nantes, e em Lisboa conferio com o Conde de Mansfelt, Ministro do Emperador, que veyo de Madrid, as primeiras idéas da liga, que se fez contra França em 1688; e honrando ElRey muito ao Marichal, a quem, e a seus filhos pagava pontualmente cada anno dezoito mil cruzados em premio dos seus grandes serviços; e ElRey de França, em quanto elle esteve em Portugal, lhe pagava os soldos, e pensoens, que tinha naquelle Reyno; depois passou o Marichal ao serviço do Eleitor de Brandembourgo, e depois ao de Inglaterra, aonde morreo de larga idade, vencendo em Irlanda a batalha de Boyne.

Em Hollanda foy Embaixador depois do Marquez de Arronches, que duas vezes teve este emprego, D. Francisco de Mello, que com grande juizo, e discriçaõ tratou as dependencias de Portugal, que se reduziraõ a alguns pontos do commercio na Costa da Mina, e mais Conquistas, e ao pagamento, que ElRey fez executar pontualmente pela consignaçaõ, que pelos ultimos Tratados se estabeleceo no sal de Setuval: e na Haya foraõ depois Ministros os Enviados Diogo de Mendoça Corte-Real, e Francisco de Sousa Pacheco, ambos bem conhecidos de todas as Nações pelas suas rele-

relevantes circunstancias, e merecimentos. Em Lisboa successivamente houve Enviados, e Residentes de Hollanda, e com caracter de Plenipotenciario, quando em 1703 se assinou a liga de Portugal, residio em Lisboa, aonde depois morreo, Franciscisco de Schonemberg.

Com o Emperador se estreitaraõ os vinculos pelo casamento delRey com a irmãa da Emperatriz Leonor, e ultimamente com a vinda do Archiduque, e a grande alliança; e foy à Corte de Vienna por Embaixador Extraordinario Carlos Joseph de Ligne, que neste Reyno foy Marquez de Arronches por casar com D. Marianna de Sousa, herdeira desta grande Casa, e a Lisboa veyo por Embaixador Extraordinario o Conde de Walstein, que com igual luzimento residio nesta Corte, aonde primeiro teve o pezar de ver concluir em 1701 a liga com França, e depois a fortuna de assinar em 1703 a grande alliança; mas recolhendo-se a Alemanha por mar em huma nao de guerra Hollandeza, o fizeraõ prisioneiro os Francezes. E a huma, e outra Corte, em occasioens de pezames, e parabens, e outras, foraõ diversos Cavalheros da parte de ambos os Monarcas.

Com a Corte de Turim houve reciproca correspondencia, de que temos dado bastante noticia, e agora, que só fazemos memoria dos Ministros, que houve no Reynado delRey D. Pedro, e por mayor do estado politico dos trinta e nove annos

do

do ſeu governo diremos, que a uniaõ, e o parenteſco da Rainha de Portugal, e de Madame Real Maria Joanna Bautiſta de Saboya, e o caſamento, que depois ſe deſvaneceo, foraõ cauſa dos Miniſtros, que tiveraõ os dous Principes nas Cortes reciprocas. O Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora foy por Embaixador Extraordinario à Corte de Turim no anno de 1676, e moſtrando neſta occaſiaõ, como em todas, o ſeu talento, e generoſidade, teve, quando ſe recolheo a Portugal, nova occaſiaõ de exercitar o grande valor, que tinha moſtrado na guerra paſſada; porque ao navio, em que vinha, enveſtiraõ cinco de Argel com muita força, e com grande numero de Mouros, e naõ ſe atrevendo abordallo, o combateraõ vigoroſamente com a artilharia; e o Conde, a quem acompanhava D. Luiz Balthaſar da Sylveira, e outros Fidalgos de diſtinçaõ, fazendo fogo contra os cinco navios, os deixou muito maltratados com grande perda de gente, e os ſeguio, quando fugiraõ, deſprezando huma perigoſa balla, que recebeo, e mandando, que o puzeſſem ao pé do maſtro grande, de donde dava as ſuas ordens, ao meſmo tempo, que o curavaõ: e vencedor lhe fez o Principe D. Pedro a honra de o viſitar, concedendolhe varios deſpachos, e diſtinguindo-o no ſeu favor, que lhe continuou muitos annos, occupando-o depois nos lugares, que temos dito, até perder glorioſamente a vida, quando ſe ganhou Alcantara. Em Turim eſtiveraõ

tiveraõ por Enviados Duarte Ribeiro de Macedo, Diogo de Carvalho de Serqueira, depois Desembargador do Paço, e outros. O Duque de Cadaval teve, como dissemos, o caracter de Embaixador Extraordinario, quando havia de conduzir o Duque de Saboya, que em Lisboa naõ teve mais Embaixador, que o Marquez de Ornero para os esponsaes com a Infanta, que referimos, e por Enviado o Conde de Gobernatis, vindo a outras commissoens o Abbade de la Tour, o Marquez de Vougatera, e outros.

O Graõ Duque de Toscana pertendeo, como os mayores Principes da Europa, o casamento da Infanta D. Isabel, e o Duque de Parma mandou para o mesmo effeito ao Conde de Simoneta. A ElRey de Prussia reconheceo ElRey D. Pedro, e houve Ministros em ambas as Cortes, e tambem de outros Principes; e sendo o nosso Padrinho de hum filho do famoso Rey de Polonia Joaõ Sobieski, mandou àquella Corte a Francisco Pereira da Sylva, e foraõ àquelle Reyno, e ao de Hungria, Francisco Pimentel, e outros Officiaes, e Engenheiros Portuguezes, que se acharaõ valerosamente com Antonio Machado de Brito, depois famoso General na India, no sitio de Neuhasel, e em diversas occasioens. A Lisboa chegou em Fevereiro de 1688 incognito o Principe Jorge Augusto de Saxonia, irmaõ do Eleitor Joaõ Jorge de Saxonia, que veyo a succeder a seu irmaõ no Eleitorado, e Ducado de Saxo-

Memorias m.s. do Duque de Cadaval, tom. VI. pag. 204.

nia, e depois foy o famoso Rey Augusto II. de Polonia, e pedindo audiencia pelo Secretario de Estado a ElRey, à Rainha, e à Senhora Infanta D. Isabel, ElRey lha deu na sua Camera, aonde o conduzio o Marquez de Marialva, Gentil-homem da Camera de semana, que o foy receber ao topo da escada do Paço; o seu coche entrou no pateo do Paço, e a guarda dos Archeiros lhe tomou as armas, e levando-o o Marquez à sua maõ direita até à Camera delRey, onde se achava o Conde de Santa Cruz, Mordomo môr, e o Conde de Vianna, Estribeiro môr, que sahiraõ para fóra tanto, que o Principe chegou à presença delRey, ficando todos à porta da Camera. ElRey estava em pé com o chapeo sobre hum bofete, e tanto, que chegou o Principe, deu tres passos a recebello, e nesta fórma lhe fallou, sendo Interprete o Padre Leopoldo Suefs, Confessor da Rainha. ElRey o recebeo com muito agrado, dando os mesmos passos quando se despedio: o Marquez de Marialva o conduzio à presença da Rainha, e Infanta, que estavaõ na casa interior da ante-camera, e ambas deraõ os mesmos passos, que ElRey; na casa se achavaõ os Officiaes da Rainha, e Infanta, as suas Camereiras môres, Senhoras de Honor, e Damas. Acabada a audiencia, o Marquez de Marialva o conduzio ao mesmo lugar, em que o recebeo. Depois teve audiencia mais particular da Rainha, e o conduzio o Conde Baraõ de Alvito, Védor da Casa da Rainha,

nha, com a mesma ceremonia, que o Marquez de Marialva; ultimamente teve audiencia de despedida, em que se praticou o mesmo. Sempre fallou à Rainha em Alemaõ, e ella lhe respondia na mesma lingua, e nesta audiencia cumprimentou à Infanta em Francez, em que ella lhe respondeo. Foy ver a Torre de S. Giaõ, onde o salvaraõ com treze pessas, e receberaõ com todas as honras militares: passou a Cintra a ver o Paço, e aquelle agradavel sitio. Mandoulhe ElRey huma joya para o chapeo de diamantes de grande preço, que elle recebeo como favor especial, e mostrando gosto de hum cavallo dos da pessoa delRey, o Estribeiro mór lho mandou com huma rica manta. Desejou muito ElRey, e o Principe, terem occasiaõ de poderem ver exercitar as extraordinarias forças, e agilidade, em que ambos naõ tinhaõ entre os particulares, quem os igualasse no Mundo. Tambem o Graõ Duque Cosme III. sendo Principe, veyo a Portugal, e fallou a ElRey, que lhe fez hum presente de huma joya de diamantes, huma faca com o cabo guarnecido de diamantes, alcatifas, e hum docel bordado da China, e outras cousas da India de estimaçaõ, e o modo, e formalidade deixamos escrito no Livro III. Cap. V. pag. 441.

Já tratámos os negocios de Roma, sendo os mayores a Embaixada do Marquez das Minas, e a do Arcebispo de Braga, e nas varias occasioens das duas Cortes, continuaraõ com acerto as negocia-

çõcs os Reſidentes, e Enviados Joaõ de Roxas de Azevedo, Miniſtro de grande ſuppoſiçaõ, depois Deſembargador do Paço, Chanceller môr do Reyno, e Secretario da Aſſinatura; o Doutor Domingos Barreiros Leitaõ, depois Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens; Bento da Fonſeca, Deſembargador dos Aggravos, que faleceo em Roma, o Padre Antonio do Rego, da Companhia de Jeſu, que foy Reſidente, e ultimamente André de Mello de Caſtro, filho do Conde das Galveas Diniz de Mello, ſendo primeiro Enviado Extraordinario, conſeguio neſte caracter grandes diſtinções no tratamento, e moſtrou deſde entaõ as qualidades, que o fizeraõ depois nomear por El-Rey D. Joaõ V. Embaixador na meſma Curia, como largamente ſe dirá, tendo feito celebrar com extraordinaria magnificencia as Exequias delRey na Igreja nacional de Santo Antonio, de que ha hum livro, em que vem eſtampado o Mauſoleo, e toda aquella Real pompa funebre. Os Nuncios, que vieraõ a eſte Reyno, foraõ Monſenhor Raviza, de quem foy Auditor Tarugi, depois Cardeal. Seguio-ſe Marcello Durazzo, Genovez, reſidindo muitos annos com aceitaçaõ em Lisboa, e depois foy Cardeal, e lhe ſuccedeo Monſ. Nicolini, que morreo brevemente. Com a occaſiaõ do naſcimento do Principe D. Joaõ lhe trouxe as fachas Monſ. Tanara, que tambem foy Cardeal, e Decano do Sacro Collegio; e logo lhe ſuccedeo Monſ. Cornaro,

ro, e sendo feito Cardeal, se recolheo a Italia, seguindo-se D. Miguel Angelo Conti, que por dez annos mostrou em Lisboa, que correspondiaõ as suas acções ao seu alto nascimento: e sendo feito, como dissemos, Cardeal, foy depois Protector do mesmo Reyno, como o havia sido o Cardeal de Estrée, e elevado ao summo Pontificado com o nome de Innocencio XIII.

Desejaramos dar dos successos das Conquistas, e de outros militares, politicos, e civis, noticias mais individuaes; mas já ponderamos as razoens, porque o naõ faziamos, só diremos, que para todas as partes do Mundo, a que os Reys de Portugal estendem o seu vasto dominio, fez ElRey D. Pedro Vice-Reys, Capitaens Generaes, e Governadores de muito merecimento. Na Praça de Mazagaõ em Africa sustentou a guerra com os Mouros, em que houve a pezar da desigualdade do numero, occasioens muito ventajosas aos Christãos, e querendo ElRey de Mequines, temido Emperador de Fez, e Marrocos, sitiar Mazagaõ, que governava Luiz de Saldanha da Gama, depois Conselheiro de Guerra, e que se preparava para a defensa com o valor, de que era dotado, e que he hereditario na sua illustre familia; ElRey mandava soccorrer aquella Praça pelo Conde do Rio Grande, e o Rey barbaro com esta noticia desistio da empreza. Em Angola entre as ventagens, que se alcançaraõ contra os negros, foy a mayor, a que já referimos, a

de

de Franciſco de Tavora contra ElRey das Pedras. Para recuperar Pate mandou o Principe em 1677 a D. Pedro de Almeida, que foy feito Conde de Aſſumar, e Vice-Rey da India, onde morreo brevemente, naõ ſendo eſta occaſiaõ taõ bem ſuccedida, nem a defenſa de Mombaça, que ſe perdeo, naõ ſe deſcuidando ElRey em procurar recuperalla com a Armada, que governava Henrique Jaques de Magalhaens, o que por entaõ ſe naõ conſeguio. Tambem ElRey mandou à India outras cinco naos de guerra no anno de 1685, de que hia por Capitaõ môr Manoel de Saldanha de Albuquerque para ſoccorrer o Conde de Alvor, que com o Sevagi teve huma arriſcada guerra, em que na Ilha de Santo Eſtevaõ o livrou o ſeu valor, ſó com cincoenta Soldados, de hum grande numero de barbaros. Os Vice-Reys, naõ contando os Governadores da India, que houve no tempo delRey D. Pedro, foraõ Luiz de Mendoça, Conde do Lavradio, que em varias occaſioens, que teve, conſervou as armas, e o Eſtado com reputaçaõ, e morreo vindo para o Reyno; D. Pedro de Almeida, Conde de Aſſumar, que como diſſemos viveo pouco; Franciſco de Tavora, Conde de Alvor; D. Pedro Antonio de Noronha, Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Angeja, e Vice-Rey do Braſil, que moſtrou igualmente na India o ſeu acerto, do que na Europa o ſeu valor, e fez huma liga ventajoſa com ElRey da Perſia. Havia pouco, que falecera

lecera Xa Solimaõ, Rey da Persia, e succendolhe na Coroa Xa Sultán Ossen seu filho, mandou o Vice-Rey, por ordem que teve delRey D. Pedro, dar os parabens ao novo Rey da sua exaltaçaõ ao throno; esta attençaõ delRey Dom Pedro com o da Persia, assentava na boa correspondencia, que aquelle Rey conservava com o Estado da India, que no Porto de Bender-Congo tem huma Feitoria, onde sempre assiste hum Feitor posto pelo Vice-Rey, que cobra a pensaõ do dinheiro, e cavallos, que todos os annos nos pagaõ. Escolheo o Vice-Rey para esta Embaixada ao Doutor Gregorio Pereira Fidalgo da Sylveira, depois Desembargador do Paço, em quem concorriaõ capacidade, e talento, o qual executou a commissaõ com prudencia, e luzimento. He de saber, que os Arabios, com quem os nossos sempre tiveraõ guerra, mandaraõ algumas embarcações ao porto de Bender-Congo, que fica no Golfo Persico, e quebrando a paz, em que estavaõ com os Persas, desembarcaraõ, e roubaraõ a povoaçaõ, e mataraõ hum grande numero dos moradores: deste desacato se sentio ElRey da Persia, pelo que ajustou huma liga com o Estado para fazerem guerra aos Arabios; sendo hum dos artigos mandar o Estado àquelle porto huma Armada, na qual havia de embarcar hum numeroso Exercito para desembarcar nas terras do Arabio, que ficaõ do porto em distancia de menos de dez legoas. ElRey da Persia ordenou se levan-

tasse

taſſe gente, e nomeou o General, que havia mandar o Exercito; porém naõ pode conſeguir a expediçaõ delle, porque foy fatal a eſterilidade, que padeceo aquelle Reyno, o que impoſſibilitou o poderſe conduzir a gente, que havia de embarcar na noſſa Armada, por haverem de caminhar mais de cento e cincoenta legoas até o porto de Bender-Congo, onde eſtava a noſſa Armada, de que era Capitaõ môr Franciſco Pereira da Sylva, o qual depois de invernar naquelle porto inutilmente, eſperando as ordens da Perſia, naõ pode conſeguir o deſejado effeito de meter os Perſas nas terras dos Arabios. Fica a Corte de Haſpaam duzentas legoas diſtante do referido porto, onde deſembarcou o Embaixador Gregorio Pereira, e fez a ſua jornada para Haſpaam com huma luzida comitiva, entrando nella em Junho de 1696, e foy recebido com grande eſtimaçaõ, praticando-ſe com elle o ceremonial, que aquella Corte naõ concede, ſenaõ acertos Soberanos; porque naõ houve couſa de ſingular diſtinçaõ, que ſe naõ concedeſſe ao Embaixador, a quem na ſua inſtrucçaõ lhe era muy recommendada a reſtituiçaõ do Biſpo daquella Cidade D. Fr. Elias de Santo Alberto, Religioſo Carmelita Deſcalço, Varaõ de grande eſpirito, e letras, que naquelle Reyno havia feito grande ſerviço a Deos, o qual por machinas ordidas pelos Armenios Schiſmaticos, que na Cidade de Zulfa tem cinco Freguesias, em odio do Biſpo lhe haver apartado dos ſeus erros

hum

hum grande numero de Schiſmaticos, e reduzillos à verdade da Religiaõ Catholica Romana, conſeguiraõ, que a Corte mandaſſe expulſar o Biſpo, e os Religioſos Carmelitas Deſcalços ſeus Companheiros, do Convento, que tinhaõ na referida Cidade, e levaraõ o Biſpo prezo à Corte, com os Religioſos a pé, diante de huma eſquadra de Cavallos, e com grande pena de todos foy demolida a ſua Igreja. Depois de varios trabalhos foy o Biſpo poſto na ſua liberdade, e participando ao Papa Innocencio XII. que entaõ governava a Igreja de Deos, os ſeus trabalhos, lhe ſupplicava, que eſcreveſſe a ElRey da Perſia, e na meſma fórma o fez a ElRey Dom Pedro, para que interpuzeſſe o ſeu reſpeito, para que foſſe com os ſeus Religioſos reſtituido à ſua antiga reſidencia: pelo que ElRey ordenou ao Vice-Rey Conde de Villa-Verde, recommendaſſe muito ao Embaixador, que havia de mandar à Perſia, eſte importante negocio, o que o Vice-Rey fez muy vivamente, como quem reconhecia o quanto ElRey ſeu Senhor ſe intereſſava de coraçaõ nas materias pertencentes ao augmento da Religiaõ Catholica. Depois de eſtar na Corte de Haſpaam Gregorio Pereira, recebeo o Biſpo Cartas da Europa, e entre ellas hum Breve do Papa para ElRey da Perſia: nelle lhe recommendava, que viſto a diſgraça, em que elle ſe achava, ſe valeſſe de algum Miniſtro de qualquer Potencia Catholica, que eſtiveſſe naquella Corte, para que pela

Prova num. 92.

ſua maõ paſſaſſe o Breve à delRey da Perſia. Recorreo o Biſpo ao noſſo Embaixador, porém elle, que ſe naõ podia encarregar daquella commiſſaõ em direitura, por naõ poder fazer as funções, que naõ tocavaõ ao ſeu caracter, tomou o arbitrio de ſe valer de Mirzarthaer, primeiro Miniſtro daquella Corte, de quem era muy attendido, fazendolhe taõ bons officios em virtude das ſuas inſtrucções, conſeguio, que ElRey da Perſia reſpondeſſe ao Papa, e foſſe o Biſpo reſtituido, com os ſeus Companheiros, à ſua reſidencia, como elle refere nas Cartas, que eſcreveo de agradecimentos a ElRey D. Pedro, de Haſpaam de 10 de Dezembro de 1697, e ao Vice-Rey Conde de Villa-Verde. O noſſo Embaixador para moſtrar a veneraçaõ, com que reſpeitava a Igreja Catholica, quiz fazer pomposo eſte acto; porque elle meſmo levou o Biſpo à Cidade de Zulfa, que fica defronte da Corte, mediando hum rio, e entre huma, e outra huma fermoſa ponte, ſendo acompanhado de toda a ſua luzida comitiva, a que ſe aggregou hum grande numero de Catholicos Romanos, Portuguezes, Armenios, Francezes, e Italianos, de que ha muitos naquella Corte, o que viraõ com inexplicavel pezar os Armenios Schiſmaticos. ElRey mandou reedificar a Igreja, e Convento, que ſe tinha demolido, que ainda hoje permanece. O Embaixador depois de ter recebido muitas honras delRey da Perſia, e reſpondido ao Conde Vice-Rey, voltou a Goa, aonde

Prova num. 93.

Prova num. 94.

Prova num. 95.

Prova num. 96.

aonde recebendo os agradecimentos do bem, que satisfizera a sua commissaõ, teve depois a approvaçaõ do seu Soberano, com premio digno do seu merecimento. Succedeo ao Conde de Villa-Verde o Vice-Rey Antonio Luiz Coutinho, Almotacé mór, que faleceo vindo para Portugal, tendo mostrado na India, como o havia feito no Brasil, e outros governos, summa justiça, e desinteresse; Caetano de Mello de Castro, que antes havia governado os Rios de Senna, e Pernambuco, com muito acerto, e na India conseguio consideraveis vitorias, ganhando as Ilhas de Corjuem, e Paneilim, adjacentes às terras de Bardês, que possuîa Osar Desay, Bonsulo, chamado Chema Saunto, destruindo no Poço de Surrate o Almirante D. Antonio de Menezes a Armada dos Arabios de Mascate, pondo-a em precipitada fogida, e dandolhe caça por muitas horas, e mostrou summa capacidade, peleijando, quando voltava para o Reyno em 1706, com grande valor na Costa do Brasil com hum Cossario, a que fez fogir com muita perda.

Na America houve só de consideravel, o que dissemos da perda, e restituiçaõ da Nova Colonia, que depois de rota a guerra em 1704, resistio a hum apertado sitio, que lhe puzeraõ os Castelhanos, e defendeo Sebastiaõ da Veiga Cabral, depois General de Batalha. A guerra dos Palmares, e outras com os Gentios de menos importancia, o descobrimento das Minas em tempo de Artur de Sá, e An-

tonio de Albuquerque Coelho, e os governos de Affonso Furtado de Mendoça, Roque da Costa Barreto, ambos de grande distinçaõ, e entre outros o do Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, e os mais, que se podem ver na *America Portugueza*, que escreveo Sebastiaõ da Rocha Pita. E no Maranhaõ houve o tratado Provisional com França, que já referimos.

Creou ElRey de novo os Titulos seguintes:

A D. Francisco de Sousa, Conde do Prado, fez Marquez das Minas por Carta de 7 de Janeiro de 1670, que está na sua Chancellaria, livro 35. fol. 24.

A Dom Joaõ Mascarenhas, Conde da Torre, fez Marquez de Fronteira por Carta de 7 de Janeiro de 1670, liv. 35. fol. 25.

A Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. Joaõ, fez Marquez de Tavora por Carta de 18 de Agosto de 1687, que está na sua Chancellaria, liv. 18. fol. 14.

A Henrique de Sousa Tavares, Conde de Miranda, fez Marquez de Arronches, de que era Alcaide môr, por Carta de 28 de Junho de 1674, liv. 31. fol. 161. vers.

A Manoel Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor, fez Marquez de Alegrete, por Carta de 19 de Agosto de 1687, que está na sua Chancellaria, liv. 18. fol. 14.

A Federico, Conde de Schonberg, do seu Conse-

Conselho de Guerra, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, creou Conde de Mertola de juro, e herdade, conforme a Ley Mental, de que se lhe passou Carta a 31 de Março de 1668, que está no liv. 28. fol. 417.

A Luiz de Mendoça fez Conde de Lavradio, de que se lhe passou Carta feita a 16 de Março de 1670, que está no liv. 46. fol. 276. na do seu assentamento.

A D. Francisco Mascarenhas fez Conde de Coculim, de que tirou Carta passada a 3 de Junho de 1676, que está na sua Chancellaria, liv. 24. fol. 343.

A Francisco de Tavora fez Conde de Alvor, de que tirou Carta passada a 4 de Fevereiro de 1684, que está no liv. 51. da sua Chancellaria, fol. 34.

A D. Pedro de Almeida fez Conde de Assumar por Carta de 11 de Abril de 1677, que está na dita Chancellaria, liv. 31. fol. 357.

A Diniz de Mello de Castro fez Conde das Galveas por Carta passada a 10 de Novembro de 1691, que está na dita Chancellaria, liv. 49. fol. 327.

A D. Manoel Coutinho fez Conde de Redondo (que havia vagado para a Coroa) por Carta de 20 de Dezembro de 1693, que está na dita Chancellaria, liv. 38. fol. 291.

A Lopo Furtado de Mendoça fez Conde do Rio-Grande por casar com D. Antonia Barreto de Sá, filha de Francisco Barreto de Menezes, por cujos

jos sinalados serviços se lhe fez esta merce, de que tirou Carta passada a 5 de Março de 1689, liv.21. da sua Chancellaria, fol.149.

A D. Miguel Luiz de Menezes fez Conde de Valadares por Carta de 20 de Junho de 1702, que está na dita Chancellaria, liv.28. fol.224.

A D. Joseph de Menezes fez Conde de Vianna, de que tirou Carta passada a 8 de Fevereiro de 1692, e está na dita Chancellaria, livro 37. fol. 368.

A D. Luiz de Lencastre fez Conde de Villa-Nova, titulo, que renovou na sua pessoa por acções, que tinha a esta Casa, em que succedeo a seu irmaõ o Conde de Figueiró.

A Joaõ Gomes da Sylva fez Conde de Tarouca, titulo, que renovou na sua pessoa por casar com D. Joanna de Menezes, herdeira da Casa de Tarouca, de que tirou Carta, feita a 20 de Fevereiro de 1698.

A Manoel de Mello, Graõ Prior do Crato, da Ordem de S. Joaõ de Malta, deu as honras de Conde, de que tirou Carta, feita a 18 de Fevereiro de 1668, que está no livro 32. fol.375.

A Manoel Jaquez de Magalhaens fez Visconde de Fonte Arcada, como se vê da Carta, que se lhe passou a 6 de Fevereiro de 1671, que está no livro 41. fol.59.

E nas mais Casas continuou os titulos, ainda nas em que naõ havia vidas, e nas de seus pays, deu

deu tambem titulo aos filhos, havendo dous, e alguma vez tres nas mesmas Casas.

Supposto, que os Criados, que serviraõ os officios da Casa Real, e Reyno, foraõ confirmados por ElRey quando entrou na Regencia do Reyno, eraõ os mesmos, que serviraõ a ElRey seu irmaõ, e já ficaõ referidos; com tudo para mayor clareza, e porque depois se seguiraõ outros, nos pareceo dar conta delles, e daquelles, que immediatamente serviraõ a sua Real pessoa, como foraõ os Gentis-homens da sua Camera, que entraraõ a servir às semanas: pelo que naõ teve exercicio o officio de Camereiro môr, que naquelle tempo era D. Francisco de Sá de Menezes, I. Marquez de Fontes, a quem o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, quando se celebraraõ as primeiras Cortes no anno de *1668*, fez aviso para acompanhar a ElRey, (entaõ Principe) e assistir detraz da cadeira, com declaraçaõ, que havia de levar o melhor lugar o Gentil-homem da Camera de semana, precedendo, e ficando o Marquez à sua maõ esquerda, o que lhe protestou, de que o Secretario de Estado, e o Notario publico Jacintho Fagundes Bezerra, Escrivaõ da Camera delRey, lhe deraõ por escrito o seu protesto, como consta do mesmo Auto.

E porque o governo delRey começou pela Regencia nas Cortes, em que foy jurado Principe, e successor da Coroa, em huma sesta feira da tarde

de

de 27 de Janeiro do anno de 1668, e nas que se celebraraõ em 9 de Junho de 1669, como temos dito, referiremos sem precedencia, os que se acharaõ neste Auto, occupando os officios da Casa Real, e Reyno, e foraõ os seguintes:

D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque do Cadaval, do Conselho de Estado, fez o officio de Condestavel.

D. Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço, Mordomo môr.

Luiz Alvares de Tavora, III. Conde de S. Joaõ, do Conselho de Guerra, Gentil-homem da Camera, que estava de semana.

Luiz da Sylva Tello de Menezes, que tambem era Gentil-homem da Camera, e occupava o lugar de Regedor da Casa da Supplicaçaõ.

D. Joaõ Mascarenhas, Conde da Torre, do Conselho de Guerra, Gentil-homem da Camera, depois do Conselho de Estado.

Manoel Telles da Sylva, II. Conde de Villar-Mayor, depois Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, depois do Conselho de Estado.

D. Rodrigo de Menezes, Gentil-homem da Camera, e seu Estribeiro môr, depois do Conselho de Estado.

D. Francisco de Sottomayor, Bispo de Targa, Deaõ da Capella Real, Bispo eleito de Lamego, que exercitou a occupaçaõ de Capellaõ môr.

D.

D. Theodosio de Bragança, irmaõ do Duque de Cadaval.

D. Verissimo de Lencastre, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, depois Arcebispo de Braga, Inquisidor Geral, e do Conselho de Estado.

Manoel de Saldanha, Conego da Sé de Lisboa, todos tres Sumilheres da Cortina.

D. Antonio Luiz de Menezes, Marquez de Marialva, do Conselho de Estado, Capitaõ General do Exercito de Alentejo, e Governador da Provincia da Extremadura, e Praça de Cascaes, Védor da Fazenda.

D. Vasco Luiz da Gama, Almirante da India, I. Marquez de Niza, e Martim Affonso de Mello, II. Conde de S. Lourenço, ambos do Conselho de Estado, que eraõ Védores da Fazenda.

Henrique de Sousa Tavares, III. Conde de Miranda, (depois Marquez de Arronches) do Conselho de Estado, e Governador da Relaçaõ do Porto.

D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Sabugal, do Conselho de Guerra, fez o officio de Meirinho môr.

Luiz de Mello, Porteiro môr, e Capitaõ da Guarda Portugueza, depois tirou Carta passada a 2 de Julho de 1671, que está no livro 36. da sua Chancellaria, fol. 58. em que diz succedera a seu pay.

D. Lucas de Portugal, Meſtre-Salla da Caſa Real.

Lourenço de Souſa de Menezes, Conde de Santiago, Apoſentador mór.

Fernaõ de Souſa Coutinho, (depois Conde de Redondo) Védor da Caſa Real.

D. Diogo de Menezes, fez o officio de Repoſteiro mór nas Cortes de 1668.

Luiz de Mello da Sylva, Conde de S. Lourenço, fez o officio de Repoſteiro mór nas Cortes de 1669.

D. Alvaro Pires de Caſtro, I. Marquez de Caſcaes, do Conſelho de Eſtado, Coudel mór, Fronteiro mór, e Alcaide mór de Lisboa.

D. Pedro da Coſta, Armador mór.

Garcia de Mello, Monteiro mór do Reyno.

Martim de Souſa de Menezes, Copeiro mór.

D. Franciſco de Souſa, Capitaõ da Guarda Alemãa.

Franciſco de Faria, Almotacé mór do Reyno.

D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante da Caſa Real.

Henrique Carvalho e Souſa, Senhor da Azambugeira, Provedor das Obras do Paço.

D. Thomás de Noronha, do Conſelho de Eſtado, que era Preſidente do Conſelho Ultramarino.

D. Diogo de Lima, VIII. Viſconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conſelho de Eſtado, Preſidente da Junta do Commercio.

D.

D. Antonio de Mendoça, do Conselho de Estado, Sumilher da Cortina, era Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, eleito Arcebispo de Braga.

Pedro Vieira da Sylva, do seu Conselho, e Secretario de Estado.

Pedro Sanches Farinha, do seu Conselho, e Secretario das Merces, e Expediente.

Antonio Cavide, Alcaide mór de Borba, do Conselho da Fazenda de Sua Magestade, e seu Secretario.

Pedro Jaques da Magalhaens, do Conselho de Guerra, General da Armada Real.

Francisco de Brito Freire, Almirante da Armada Real.

O Doutor Joaõ Velho Barreto do Rego, do seu Conselho, e do Desembargo do Paço, Chanceller mór do Reyno.

Acharaõ-se nos mesmos Autos das Cortes outros Fidalgos, que eraõ do Conselho de Estado, que naõ devemos omittir, além dos já referidos.

D. Francisco de Sousa, III. Conde do Prado, (depois Marquez das Minas) Governador das Armas do Minho, do Conselho de Estado.

Nuno de Mendoça, II. Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado.

Ruy de Moura Telles, Estribeiro mór da Princeza, do Conselho de Estado.

E tambem foraõ do Conſelho de Guerra outros, além dos já mencionados.

D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, depois do Conſelho de Eſtado.

D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor.

Franciſco Barreto de Menezes.

Gil Vaz Lobo.

Todos eſtes foraõ, e exerceraõ as occupações, que tinhaõ no Reynado delRey D. Affonſo, e o continuaraõ depois deſde o principio do governo delRey D. Pedro, e ſendo largo o ſeu Reynado, occuparaõ os meſmos empregos differentes Fidalgos, e foraõ os ſeguintes:

Dom Joaõ Maſcarenhas, V. Conde de Santa Cruz, foy ſeu Mordomo môr por Carta de 24 de Setembro do anno de 1686, que eſtá no livro 33. fol. 42. e nella diz: *Com declaraçaõ, que o ſervirá com as Ordens, e Regimento, que lhe mandarey dar, com o qual haverá aquella tença, fóros, proes, e percalços, intereſſes, e todos os poderes, e ſuperioridades, juriſdicçaõ, mando, preeminencias, e liberdades, graças, e privilegios, com que ſempre obtiveraõ o dito officio, e de todo uſáraõ os outros Mordomos môres das Caſas dos Senhores Reys deſtes Reynos, como de direito lhe pertence. Notifico-o aſſim ao Veedor da minha Caſa, e a todos os Officiaes della, e quaeſquer outros Officiaes, e peſſoas, a que tocar o conhecimento deſta, e lhes mando, que lhe obedeçaõ em tudo aquillo, que pelo poder, e juriſdicçaõ do ſeu officio, por meu ſervi-*

ço

ço da minha parte lhes mandar assim, e taõ inteiramente como deve fazer, sob aquellas penas, que por bem do dito officio elle lhes póde pôr, as quaes dará à execuçaõ naquelles, que nellas encorrem, e por esta o hey por metido de posse do dito officio, para logo o servir, e delle usar.

D. Martinho Mascarenhas, que depois foy Marquez de Gouvea, succedeo a seu pay no officio de Mordomo mór, de que se lhe passou Carta a 8 de Outubro de 1701, que está no livro 26. fol. 527, e na sua menoridade servio este officio o II. Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes, que era Gentil-homem da Camera, e do Conselho de Estado.

D. Joseph de Menezes, Conde de Vianna, foy seu Estribeiro mór, de que naõ tirou Carta, e depois foy Gentil-homem da Camera, e do Conselho de Estado.

Luiz de Sousa, depois Arcebispo de Lisboa, do Conselho de Estado, e Cardeal da Santa Igreja de Roma, foy Capellaõ mór, e sagrado Bispo de Bona a 28 de Agosto de 1671

Dom Fr. Joseph de Lencastre, que tinha sido Bispo de Leiria, e foy Inquisidor Geral, e do Conselho de Estado, foy seu Capellaõ mór, em que succedeo ao Arcebispo Luiz de Sousa, de que se lhe passou Carta a 17 de Janeiro de 1702, que está no livro 44. fol. 223. da sua Chancellaria.

Nuno da Cunha de Ataide, seu Sumilher da

Corti-

Cortina, Inquisidor de Lisboa, Deputado da Junta dos Tres Estados, que havia recusado o Bispado de Elvas, e depois sagrado Bispo de Targa, foy seu Capellaõ môr, de que teve Carta passada a 7 de Setembro de 1705, que está no liv. 63. fol. 168. depois foy Cardeal da Santa Igreja Romana, como veremos adiante.

D. Fernando Martins Mascarenhas, II. Conde de Obidos, e de Sabugal, foy Meirinho môr do Reyno por Carta de 8 de Fevereiro de 1672, que está no liv. 42. fol. 4.

D. Marcos de Noronha, Deputado da Junta dos Tres Estados, Capitaõ General de Mazagaõ, e Governador da Fortaleza de S. Juliaõ da Barra, foy seu Mestre-Salla por Carta de 25 de Janeiro de 1685, que está no liv. 32. fol. 15. da dita Chancellaria.

D. Lourenço de Almada, Senhor de Pombalinho, Deputado da Junta dos Tres Estados, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, do Reyno de Angola, e Estado do Brasil, foy seu Mestre-Salla por Carta feita a 22 de Outubro de 1696, que está no livro 52. fol. 38.

D. Antonio Estevaõ da Costa, foy Armeiro môr, como se vê na Provisaõ do seu ordenado passada a 18 de Novembro de 1704, que está no livro 19. fol. 252.

Francisco de Mello, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Monteiro môr do Reyno por Carta de 29 de Abril de 1706, liv. 56. fol. 228.

D.

D. Filippe de Sousa, Deputado da Junta dos Tres Estados, Capitaõ da Guarda Alemãa, que começou a servir nos impedimentos de seu pay D. Francisco de Sousa por Alvará de 2 de Outubro de 1692, que está no livro 19. fol. 252.

D. Antonio de Castellobranco, foy Capitaõ de huma das Companhias da Guarda Portugueza, que exercitou até a morte.

Manoel de Mello, Graõ Prior da Ordem de S. Joaõ em Portugal, que foy Capitaõ de huma das Companhias da Guarda Portugueza, e era tambem Porteiro môr.

Alvaro de Sousa e Mello, foy tambem Porteiro môr, e Capitaõ da Guarda Portugueza, como consta da sua Carta passada a 31 de Março de 1696, e que succedera a seu pay Manoel de Mello.

D. Francisco de Castro, Senhor de Reris, foy Almirante de Portugal por Carta de 30 de Julho de 1675, que está no liv. 42. fol. 213. e succedeolhe seu filho D. Luiz Innocencio no mesmo posto, e foy Capitaõ de huma das Companhias da Guarda Portugueza, de que se lhe passou Carta a 19 de Julho de 1705, que está no livro 63. fol. 137. e na sua menoridade servio este posto Lopo Furtado de Mendoça, I. Conde do Rio Grande, por Alvará de 19 de Julho de 1705, que está no livro 63. fol. 137.

Aleixo de Sousa de Menezes, II. Conde de Santiago, foy seu Aposentador môr, de que tirou

Carta

Carta feita a 27 de Abril de 1695, que está no livro 39. e succedeo a seu pay.

Gonçalo Joseph Carvalho Patalim, Senhor da Azambugeira, foy Provedor das Obras Reaes, e na sua menoridade servio este lugar seu tio Lourenço Pires Carvalho, Commissario Geral da Cruzada, e por sua morte succedeo

D. Joaõ da Costa, III. Conde de Soure, e tirou Carta feita a 24 de Março do anno de 1703, que está no livro 54. fol. 344.

Martinho de Sousa de Menezes, III. Conde de Villa-Flor, foy Copeiro mór.

D. Pedro Alvares da Cunha, Senhor de Tavoa, foy Trinchante pela renuncia de seu pay D. Antonio Alvares da Cunha, de que se lhe passou Carta a 6 de Junho de 1687, e está no livro 18. fol. 62.

Manoel de Vasconcellos e Sousa, foy tambem Trinchante por Carta de 9 de Dezembro de 1703, que está no liv. 45. fol. 256. vers. lugar, em que succedeo a seu sogro Diogo de Brito Coutinho.

Antonio Luiz da Camera Coutinho, depois Vice-Rey da India, foy Almotacé mór por Carta de 8 de Janeiro de 1671, que está no liv. 46. fol. 255. succedeo a seu tio Francisco de Faria, e a elle seu filho Joaõ Gonçalves da Camera Coutinho.

D. Joaõ de Almeida, depois Conde de Assumar, Embaixador Extraordinario a ElRey Carlos III. foy Védor da Casa Real, como se vê de hum

Alvará

Alvará passado a 18 de Novembro de 1679, que está no liv. 32. fol. 358.

D. Joaõ de Sousa, General da Artilharia do Minho, com o governo das Armas daquella Provincia, teve o mesmo emprego, e succedeolhe no lugar de Veador seu filho D. Francisco de Sousa, como se vê de hum Alvará passado a 20 de Mayo de 1706, que está no livro 63. fol. 198.

Luiz Cesar de Menezes, que foy Governador, e Capitaõ General de Angola, e da Bahia, teve o officio de Alferes môr por Carta de 23 de Julho de 1664, que se vê no liv. 20. fol. 44.

Foraõ Sumilheres da Cortina D. Luiz de Sousa, Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e do Santo Officio, depois Bispo de Lamego, Embaixador Extraordinario a Roma, e ultimamente Arcebispo Primaz, do Conselho de Estado.

Lourenço Pires Carvalho, Deputado do Santo Officio, da Mesa da Consciencia, e da Junta dos Tres Estados, Arcediago da Sé de Lisboa, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, que recusou o Bispado de Lamego.

D. Alvaro de Abranches, Conego na Sé de Lisboa, e Deputado da Inquisiçaõ, depois Bispo de Leiria.

D. Joaõ de Sousa, Deputado do Santo Officio, depois Bispo do Porto, Arcebispo de Braga, e Lisboa, do Conselho de Estado.

D. Antonio de Vaſconcellos, Deputado do Santo Officio, Deaõ da Sé de Lisboa, Biſpo de Lamego, e de Coimbra.

D. Simaõ da Gama, Conego da Sé de Liſboa, Deputado do Santo Officio, Reytor da Univerſidade de Coimbra, depois Biſpo do Algarve, Arcebiſpo de Evora, do Conſelho de Eſtado.

D. Joſeph de Menezes, que foy Dom Prior de Guimaraens, e teve grandes lugares, e ultimamente Arcebiſpo Primaz das Heſpanhas.

Diogo de Souſa, do Conſelho de Eſtado, e do Geral do Santo Officio, e depois Arcebiſpo de Evora.

Ruy de Moura Telles, Theſoureiro môr, e Conego da Sé de Evora, Reytor da Univerſidade de Coimbra, Deputado da Meſa da Conſciencia, e Ordens, depois Biſpo da Guarda, Arcebiſpo Primaz, e do Conſelho de Eſtado.

D. Pedro de Souſa, Dom Prior da Collegiada de Guimaraens.

Nuno da Sylva Telles, Deaõ de Lamego, Conego de Evora, Reytor, e Reformador da Univerſidade de Coimbra, Deputado do Santo Officio, e da Meſa da Conſciencia, e Ordens.

D. Nuno Alvares de Portugal, Conego da Sé de Coimbra, Deputado do Santo Officio, e do Tribunal da Bulla da Cruzada.

D. Joaõ de Souſa, Inquiſidor da Inquiſiçaõ de Lisboa, e Dom Prior de Guimaraens.

D.

D. Joseph de Almada, Arcipreste da Sé de Lisboa.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Deaõ da Sé de Portalegre, Deputado do Santo Officio, e da Junta dos Tres Estados, Inquisidor de Coimbra, Reytor, e Reformador da Universidade de Coimbra, e ultimamente Bispo de Lamego.

Antonio de Saldanha, Conego da Sé de Lisboa, Deputado do Santo Officio, que foy depois Bispo de Portalegre, e da Guarda.

D. Joaõ Mascarenhas, Conego, e Arcediago da Sé de Lisboa, Deputado da Inquisiçaõ, que foy Bispo de Portalegre, e da Guarda.

D. Alvaro Pires de Castro e Noronha, Arcediago da Sé de Lisboa, Deputado do Santo Officio, que foy Bispo de Portalegre.

D. Fernando de Faro, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, que foy Bispo de Elvas.

D. Francisco de Sousa, do Conselho Geral do Santo Officio, Deputado da Mesa da Consciencia, Conego Doutoral da Sé da Guarda, Commissario Geral da Bulla da Cruzada.

D. Joseph de Mello, Conego de Coimbra, Deputado da Junta dos Tres Estados.

Francisco Correa de Lacerda, foy Secretario de Estado, o que consta da Carta do Conselho feita a 25 de Setembro de 1679, na qual diz: *Francisco Correa de Lacerda, meu Mestre, e meu Secretario de Estado.*

D. Fr. Manoel Pereira, Bispo do Rio de Janeiro, onde naõ foy pela renuncia, que fez do dito Bispado, do seu Conselho, e do Geral do Santo Officio, foy Secretario de Estado por Carta do anno de 1680, que está no liv. 39. fol. 316.

Mendo de Foyos Pereira, do seu Conselho, que havia sido Enviado Extraordinario na Corte de Madrid, foy Secretario de Estado por Carta de 20 de Agosto de 1686, que está no liv. 32. fol. 373.

Joseph de Faria, do seu Conselho, e do da sua Fazenda, que havia sido Enviado Extraordinario na Corte de Madrid, Guarda môr da Torre do Tombo por Carta de 25 de Janeiro de 1695, que está no liv. 39. fol. 221. (a quem succedeo Luiz do Couto Felix no dito lugar de Guarda môr por Carta de 17 de Dezembro de 1703) e Chronista môr do Reyno por Carta de 11 de Abril de 1695, foy Secretario da Assinatura, e depois por impedimento de Mendo de Foyos servio de Secretario de Estado.

D. Antonio Pereira da Sylva, do seu Conselho de Estado, Bispo de Elvas, que havia sido Conego Doutoral de Evora, Deputado do Santo Officio, e Junta dos Tres Estados, foy Secretario de Estado, de que teve Carta passada a 2 de Setembro de 1703, que está no livro 45. fol. 239.

Dom Thomás de Almeida, do seu Conselho, e seu Sumilher da Cortina, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e do Santo Officio, Chanceller

celler môr do Reyno, ſervio de Secretario das Merces, e Expediente, e foy Secretario de Eſtado por Carta de 3 de Março de 1705, que eſtá no liv. 30. fol. 79. e tendo occupado os mayores lugares, e illuſtrado as Igrejas do Porto, e Lamego, he Patriarcha de Lisboa, e Cardeal da Santa Igreja Romana, como diremos.

Joaõ de Roxas de Azevedo, que havia ſido Secretario delRey, quando Infante, e nomeado Embaixador, e Plenipotenciario à paz de Nimega, foy depois ſeu Secretario da Aſſinatura, e Chanceller môr do Reyno por Carta de 2 de Mayo de 1681, que eſtá no liv. 48. fol. 3. e nella diz: *Meu Secretario, do meu Conſelho, e Deſembargador do Paço.*

Roque Monteiro Paim, do ſeu Conſelho, e da ſua Fazenda, foy ſeu Secretario.

Bartholomeu de Souſa Mexia, do Conſelho da Fazenda, foy Secretario da Aſſinatura. das merces e do Expediente

Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, que havia ſido Governador das Armas de Traz dos Montes, e General da Artilharia, foy Védor da Fazenda por Carta de 16 de Outubro de 1681, que eſtá no liv. 34. fol. 106.

Manoel Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor, (depois Marquez de Alegrete) de quem já diſſemos, que era ſeu Gentil-homem da Camera, foy do Conſelho de Eſtado, e Védor da ſua Fazenda por Carta de 24 de Outubro de 1684, que eſtá no liv. 18. fol. 111. e havia ſido Regedor da Caſa da Supplicaçaõ.

Hen-

Henrique Correa da Sylva, Conde da Castanheira, do Conselho de Estado, foy Védor da Fazenda.

D. Luiz da Sylveira, Conde de Sarzedas, que foy do Conselho de Estado, Védor da Fazenda por Carta passada a 12 de Agosto de 1701, que está no livro 54. fol. 113.

Dom Pedro Antonio de Noronha, Conde de Villa-Verde, do Conselho de Estado, Mestre de Campo General com o Governo da Cavallaria de Alentejo, foy Védor da Fazenda.

D. Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, foy Presidente do Desembargo do Paço, que foy muitos annos, e o era no de 1686, como consta da sua Carta passada a 16 de Janeiro do referido anno, que está no liv. 16. fol. 198.

Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno, do Conselho de Estado, foy tambem muitos annos Presidente do Desembargo do Paço por Carta de 11 de Março de 1688, que está no liv. 18. fol. 176. tinha sido Presidente do Senado da Camera, da Mesa da Consciencia, e Ordens, por Carta de 4 de Outubro de 1672, que está no livro 30. fol. 76. e Regedor da Casa da Supplicaçaõ.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval, do Conselho de Estado, Mordomo môr da Rainha, Mestre de Campo General junto à pessoa del Rey, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 29 de Junho de 1670, que está

está no livro 29. fol. 133. depois Presidente da Junta do Tabaco, quando se erigio este Tribunal, lugar, que occupou até o anno de 1698, em que entrou a ser Presidente do Desembargo do Paço, que exercitou até que faleceo no anno de 1727.

D. Antonio Luiz de Sousa, Marquez das Minas, do Conselho de Estado, Governador das Armas com mando supremo na Beyra, Alentejo, e Catalunha, foy Presidente da Junta do Tabaco, de que teve Carta passada a 27 de Novembro de 1704, que está no liv. 56. fol. 42.

Nuno da Cunha de Ataide, Conde de Pontevel, do Conselho de Guerra, Estribeiro môr da Infanta D. Isabel, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa, de que tirou Carta passada a 15 de Janeiro de 1686, que está no liv. 17. fol. 222. foy depois Presidente da Junta do Commercio.

D. Francisco de Sousa, do Conselho de Estado, Capitaõ da Guarda Alemãa, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa por Carta de 2 de Abril de 1692, que está no liv. 19. fol. 163. e depois Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, de que se lhe passou Carta a 27 de Março de 1705, que está no liv. 29. fol. 287.

Joaõ da Sylva Tello de Menezes, III. Conde de Aveiras, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa, de que se lhe passou Carta a 14 de Novembro de 1702, que está no liv. 44. fol. 286.

D.

D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, do Conselho de Estado, que havia sido Governador, e Capitaõ General de Tangere, foy Regedor das Justiças por Carta de 4 de Outubro de 1672, que está no liv. 30. fol. 76. vers.

Francisco de Tavora, Conde de Alvor, do Conselho de Estado, que havia sido Governador de Angola, e Vice-Rey da India, foy Regedor da Casa da Supplicaçaõ por Carta de 11 de Março de 1688, e está no livro 34.

Lourenço de Mendoça, Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Regedor das Justiças.

D. Francisco de Sousa, Marquez das Minas, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 15 de Julho de 1673, está no liv. 37. fol. 128.

Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado, Mordomo mór da Casa da Infanta D. Isabel Luiza Josefa, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 11 de Setembro de 1696, que está no liv. 17. fol. 281.

Fr. Luiz Coutinho, que tinha sido Geral da Ordem de Cister neste Reyno, foy Esmoler mór por Carta de 22 de Mayo de 1680, que está no livro 40. fol. 23.

Fr. Pedro de Lencastre, da Ordem de Cister, foy seu Esmoler mór por Carta de 5 de Outubro do anno de 1693, que existe no livro 58. da sua Chancellaria, fol. 376. Foy depois Bispo de Elvas.

Casou

Casou a primeira vez a 2 de Abril de 1668 com a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, que havia nascido na Corte de Pariz a 21 de Junho de 1646, chamada a Princeza de Aumale, filha de Carlos Amadeo de Saboya, Duque de Neomurs, e da Duqueza Isabel de Vandome, como deixamos escrito no Capitulo precedente. A natureza a adornou de singular fermosura, e de excellentes virtudes, com hum talento sublime, em que brilhou o seu entendimento dentro nos limites da prudencia com singular moderaçaõ, como se vio nos importantes negocios, que occorreraõ no principio do seu Reynado, em que a constancia pode superar as mayores difficuldades, desprezando as conveniencias proprias, por naõ manchar a consciencia; e assim soube romper com resoluçaõ os mayores embaraços, com animo verdadeiramente Real, e Christaõ. Contava a Rainha poucos annos, quando perdeo o Duque seu pay, e ficando com sua irmãa a Princeza Maria Joanna Bautista, depois Duqueza de Saboya, debaixo da tutela da Duqueza sua mãy, cuja prudencia era tanta, que com todo o cuidado a instruîo em todas as artes, e virtudes, convenientes à sua altissima esféra, sendo mais efficazes as lições, que lhe dava com o proprio exemplo. Foraõ as principaes os exercicios devotos à frequencia da Oraçaõ, e Sacramentos, de sorte, que habituada nestas virtudes, as conservou todo o discurso da sua vida. E conformando-se com os esty-

D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira: *Compendio Historico, e Panegyrico da Vida da Rainha Dona Maria Francisca*, m. 1.

los da Corte de França, assistia com sua mãy, e as outras Princezas, aos licitos divertimentos, que se permittem. Frequentava com mayor gosto a communicaçaõ das Capuchas Descalças de Pariz da primeira Regra de Santa Clara na Reforma da Beata Collecta, e com ellas tinha particular correspondencia, por serem os Senhores da sua Casa Padroeiros daquelle observante Mosteiro. Com estas Religiosas conferia materias espirituaes, e devotas, causando admiraçaõ, que huma Princeza na flor da idade se applicasse tanto a estes exercicios; e assim continuou até a idade juvenil com a Princeza sua irmãa. Mas vendo-se destituidas do mayor alivio, porque arrebatada a Duqueza de huma grave doença perdeo a vida, foy este golpe taõ sensivel às duas Princezas, que elegeraõ (conforme o louvavel estylo de França) para consolaçaõ, e alivio da mayor pena, apartaremse dos divertimentos da Corte, e recolheremse no Mosteiro de Santa Maria na mesma Cidade, da filiaçaõ de S. Francisco de Sales, de quem a Rainha era devota, atrahida da sua doutrina espiritual, e nelle jazia a Duqueza sua mãy. Porém era tal a affeiçaõ, que as Princezas tinhaõ ao Mosteiro das Capuchas, que as suas visitas, quando sahiaõ do seu Convento, era só para aquelle, e às Religiosas tratavaõ com grande carinho, sendo o seu trato o mais estimado entertenimento. Era taõ grande a inclinaçaõ, que a Rainha tinha às Capuchas, e taõ inseparavel do seu animo,

Fundaçaõ do Convento do Santo Crucifixo m. s. de que tenho copia.

animo, que quando passou de França a Portugal trouxe em sua companhia quatro Religiosas do referido Mosteiro, precedendo licença dos seus Prelados, e da Santa Sé Apostolica, com a determinação de fundar hum Mosteiro, em que se professasse o seu Instituto, como com effeito edificou. Foraõ ellas a Madre Maria de Santo Aleixo, que era a Prelada, e foy a primeira Abbadessa do Mosteiro do Santo Crucifixo, que vulgarmente chamaõ as *Francezas*, nome derivado destas, que primeiro o habitaraõ; mulher de grande religiaõ, e observancia, a quem a Rainha tinha em muita estimaçaõ, que já havia conseguido nos Principes da sua Casa, a qual faleceo a 4 de Novembro de 1689 chea de merecimentos, como neste dia diremos no *Agiologio Lusitano*. As outras eraõ Soror Amada de Santa Clara, Soror Isabel de S. Paulo, e Soror Cecilia de Pariz, as quaes todas embarcaraõ na mesma nao da Armada, em que a Rainha veyo, sendo tratadas com tanto cuidado, e amor, como quem as estimava como Companheiras, sendo a Madre Maria de Santo Aleixo inseparavel da sua Real pessoa, de sorte, que a toda a hora estava com ella, e em quanto viveo, a tratou sempre com grande amisade, e respeito.

Entre as virtudes, que luziraõ na Rainha, foy a prudencia, com que se havia nos negocios politicos, e a affabilidade, com que tratava a todos. Em breve tempo se fez capaz de fallar a lingua Portugue-

Ericeira: *Compendio da Vida da Rainha.*

tugueza, e tomou o trage, largando, o que usava, tanto, que entendeo dava nisso gosto ao Principe seu esposo, e praticando os costumes, parecia mais nascida em Lisboa, que em Pariz; e sem embargo da sua Real pessoa ser revestida de respeitosa Magestade, com tudo tratava às Senhoras Portuguezas com benignidade, escolhendo muitas para os seus divertimentos, com que honesta, e decorosamente se entretinhaõ; e favorecendo algumas, fez sempre grande estimaçaõ da Nobreza; e assim era entre todos bemquista, e respeitada. Conservou no Paço os antigos costumes, sem que se alterasse a authoridade, e respeito no serviço, sendo ella o principal instrumento, para que se guardasse a formalidade, e eticheta Portugueza em todo o seu vigor. ElRey seu marido venerou justamente as suas virtudes; communicavalhe os negocios mais graves, em que mostrava juizo nos discursos, e prudencia nas resoluções, assistidas porém de singular modestia, e sogeiçaõ ao arbitrio de seu esposo; e se algumas vezes discordavaõ as opinioens, julgava só conveniente, o que elle resolvia. He grande prova, do que referimos, a occasiaõ, em que se tratou a paz com Castella, opposta entaõ aos interesses de França, em que venceo a prudencia à mesma natureza; porque revestida sómente da gloria de seu esposo, que a queria conceder, quando estavaõ as suas armas vitoriosas, ella sem entrar em duvida, abandonou os negociados delRey de França, propostos

com

com grande ardor pelos seus Ministros. Assim El-Rey a estimou com taõ extremosa paixaõ, sendo na sua morte taõ excessivo o sentimento, que esteve resoluto a naõ passar a segundas vodas, como dissemos. Creou sua filha em prudentes, e santas maximas, sendo a primeira liçaõ a observancia dos preceitos Divinos, e exercicios devotos: instruhio-a na lingua Franceza, e Italiana, na liçaõ das Historias, e achando na Infanta juizo claro, suave inclinaçaõ, e prompta obediencia, facilmente conseguio, o que desejava. Porém como sempre na sua vida, entre as mayores felicidades, encontrou a Rainha motivos de exercitar a paciencia, lhe sobreveyo novo sentimento, malogrando-se a esperança de dar ao Reyno outro successor, que o segurasse com mayores fundamentos.

Sahio a Rainha da Corte no anno de 1670 pelo Tejo no bargantim Real com a Infanta, acompanhada das Damas, e Officiaes da sua Casa a assistir ao Principe, de quem nunca se apartava, na casa de Campo de Salvaterra: chegou a Rainha a Villa-Franca, situada na borda do Tejo, aonde determinou ficar aquella noite. Achava-se segunda vez pejada de tres mezes, e com alguma molestia, que encobrio: no outro dia de madrugada quiz continuar a jornada, veyo o almoço, e pondo-se à mesa lhe deraõ humas dores taõ vivas, que naõ pode comer nada. D. Joaõ de Sousa, hum Fidalgo velho, e venerando, Commendador da Ordem de

Malta,

Malta, que depois foy Graõ Prior do Crato da meſma Ordem em Portugal, e ſeu Veador, que eſtava de ſemana, diſſe à Rainha, que era de parecer, que naõ continuaſſe a jornada, vendo-ſe taõ moleſtada; porque della ſe poderia ſeguir dar, que ſentir, e que chorar a todo o Reyno, e naõ ſem injuria dos ſeus Criados, que juſtamente culpariaõ em lho naõ repreſentar, o que de nenhuma ſorte devia permittir: a Rainha com ſeveridade reſpondeo, que havia logo de partir: inſtou D. Joaõ, e ultimamente, reveſtido do zelo de Vaſſallo, do amor de Criado, e da authoridade dos ſeus annos, lhe diſſe: que no bargantim naõ iria Sua Mageſtade, porque elle lhe poria anticipadamente o fogo. Moſtrou a Rainha no ſemblante deſagradarſe da liberdade; porém como era dotada de grande prudencia, e entendimento, levantando-ſe da meſa diſſe ao Duque de Cadaval, ſeu Mordomo môr, que ficava em Villa-Franca, e que aviſaſſe logo ao Principe, que já ſe achava em Salvaterra, e voltando para D. Joaõ de Souſa com muito agrado, de que naturalmente era dotada, lhe fallou dizendo: *Naõ eſtou mal comvoſco, porque fizeſtes tudo, o que eu eſperava da voſſa peſſoa, das voſſas cans, e do grande zelo, com que me aſſiſtis.* Dom Joaõ com o mais profundo reſpeito lhe beijou a maõ, e quando ſahio à caſa de fóra, todos os Companheiros o abraçaraõ, agradecendolhe a reſoluçaõ de dizer à Rainha, o que convinha à ſua Real peſſoa, e à utilidade publica. Deſte caſo ſe

collige

collige o ſublime talento, e grandeza de eſpirito da Rainha, com que ſoube juſtamente avaliar o amor do Criado, merecedor verdadeiramente de taõ grande honra. Creſceraõ os ſymptomas, e naõ valendo os remedios da medicina, teve finalmente a Rainha hum aborto, que foy do Principe ſeu eſpoſo, e de todos ſentido com exceſſo; e parecendo aos Medicos prevenir os damnos futuros, applicaraõ remedios, que ſó ſerviraõ de lhe offender a ſaude, ſe bem com a natural conſtancia, de que era dotada, encobria os achaques de tal modo, que naõ augmentaſſe o cuidado ao Principe; porque parecera livre delles, ſe os naõ deſcobriraõ outros indicios: portando-ſe de ſorte, que nunca lhe impediraõ as audiencias, e applicaçaõ aos negocios publicos de conferencias com os Miniſtros naturaes, e Eſtrangeiros, que admirando o ſeu juizo, achavaõ reſoluçaõ das mayores difficuldades. Ainda no ſeu tempo foraõ os Reys algumas vezes ao Conſelho de Eſtado, levando comſigo as Rainhas, e ElRey D. Pedro o praticou algumas vezes indo com a Rainha D. Maria Franciſca ao Conſelho de Eſtado. No delRey D. Affonſo foy a meſma Rainha com ElRey aos Conſelhos de Eſtado, quando ſe tratava das queixas do Infante D. Pedro ſeu irmaõ. No Reynado delRey D. Joaõ IV. tambem a Rainha D. Luiza foy algumas vezes ao Conſelho de Eſtado, em que ſe obſervava o ſeguinte. Sahia ElRey do ſeu quarto ao da Rainha, onde eſperava, que o Secretario de Eſ-

tado

tado chegasse a dar recado, o qual participava ao Pagem da Campanhia, que o fazia presente a El-Rey. Sahiaõ os Reys acompanhados dos Officiaes, e Criados das suas Casas, a Camereira môr, e Senhoras de Honor, e assim entravaõ na casa do Conselho de Estado, que era dentro no mesmo Paço: os Conselheiros estavaõ arrimados à parede, e depois que as Magestades se sentavaõ nas cadeiras, que estavaõ debaixo do docel, a Rainha à maõ esquerda delRey, costume da nossa Corte, (que El-Rey D. Pedro nunca usou, porque sempre deu a maõ direita às Rainhas suas esposas) sahiaõ para fóra da casa todos os que acompanharaõ às pessoas Reaes, e mandava ElRey sentar, e cobrir aos do Conselho. Na casa immediata ficavaõ as Senhoras de Honor sentadas em huma alcatifa, e a Camereira môr em almofada, preeminencia, que gozaõ pelo seu lugar, ainda que naõ sejaõ Marquezas, como se vio na Condessa de Unhaõ D. Francisca de Tavora, Camereira môr da Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya. Acabados os negocios, que levaraõ as Magestades ao Conselho, sahiaõ acompanhados na mesma fórma, que entraraõ, e os Conselheiros de Estado tanto, que os Reys se levantavaõ, voltavaõ a buscar a parede, de donde faziaõ as ultimas continencias aos Reys.

P. de Orleans *la Vie de la Reine de Port.*

Entrou a Rainha em outros negocios mais importantes, em que brilhou o seu admiravel talento. Como sempre foy bem inclinada, e devota, nos ultimos

timos annos da sua vida, começou a entrar na idéa do caminho da perfeiçaõ, para o qual depois Deos a chamou; porque sendo esta resoluçaõ no anno de 1680, em que passou até o mez de Janeiro de 1682, quando com ElRey foy para Almeirim, Casa de campo dos antigos Reys, muy abundante de caça grossa, exercicio, de que ElRey muito gostava: neste sitio, agradada a Rainha da solidaõ, lhe começou Deos a dar o gosto de qual era a verdadeira perfeiçaõ; e assim continuando a seguir as inspirações Divinas, entrou pelo caminho da vida devota, em que gastava o tempo escondidamente em exercicios santos, de que tirou a reflexaõ, que fez sobre os diversos estados da sua vida, e affirmava, que nunca havia tido socego, nem havia conhecido qual era a verdadeira paz, que satisfizesse o animo, senaõ depois, que se dera de todo a Deos sem reserva. Deste motivo tirou assumpto, com que escreveo huma Elegia, em que retratando-se a si mesma, explicava o seu sentimento em huma alma, que buscava a paz fóra de Deos; a qual deu à Condessa da Ericeira D. Joanna de Menezes, muito favorecida sua pelas suas virtudes, e intelligencia da lingua Franceza, que a traduzio em Oitavas. Costumava dizer, que a devoçaõ era boa para fazer feliz neste Mundo, e no outro. Toda resignada na vontade de Deos, e na direcçaõ do seu Confessor o Padre Pedro Pomerô, da Companhia de Jesu, continuou em exercicios santos, com hum de-

Prova num. 97.

sejo de conseguir a perfeiçaõ, a que naõ faltando, nem por isso deixava de cumprir as obrigações do alto estado, em que Deos a havia posto, para o que se armava de huma pura intençaõ, e verdadeira humildade. Depois da Corte voltar para Lisboa, passou para a Quinta de Alcantara, já depois da Pascoa. Neste sitio, onde encontrava mais retiro, fez os exercicios espirituaes por dez dias, com direcçaõ do seu Confessor, e entaõ escreveo de propria maõ certos propositos, que foraõ a guia da sua vida. Desta sorte vivia a Rainha com tanto cuidado, que hum anno antes da sua morte, naõ entrava na sua idéa mais, que o desejo de huma morte Christãa, com hum tal desprezo do Mundo, que nada mais desejava, que estar em graça, e morrer, sem que a pompa, e a grandeza do Real estado lhe pudesse servir de remora a embaraçar os bons propositos. No anno seguinte de 1683 na quinta feira depois da Pascoa, em que a Rainha havia meditado sobre a vida, e a morte, reflectindo, que esta de ordinario costumava ser semelhante à vida, na mesma semana no Sabbado se achou com febre, e este foy o primeiro correyo, que ella teve do mal, de que faleceo. Naõ conheceraõ os Medicos a doença, fazendolhe remedios oppostos, e delles se lhe originou huma hidropisia, que foy a occasiaõ da sua morte. Foy longa a enfermidade, em que com differentes symptomas houve intervallos, que pareciaõ se restabelecia da queixa, de sorte,

Prova num. 98.

te, que pelo tempo da Ascensaõ, se lhe conheceo tanta melhoria, que pode fazer de propria maõ huma larga Carta ao seu Confessor, informando-o do que dentro em si passara, desde que principiara a doença, referindo as turbações, em que se achara, que durando poucos dias, com nova confiança se resignava na bondade de Deos, e tornara à primeira paz, em que vivera.

Continuou a melhoria de sorte, que todos entenderaõ estava a Rainha restabelecida; porque depois da Pascoa do Espirito Santo, que foy a 6 de Junho, começou a ir à Tribuna da Capella, dar audiencia, attender aos negocios pelo seu costumado modo; mas naõ durou neste estado muito, porque no fim do mesmo mez se sentio peyor, que antes: e continuando os remedios, e o tempo, no mez de Setembro fez huma Confissaõ geral, commungando com tal disposiçaõ, que o fez por Viatico, com todos aquelles actos, que se praticaõ com os moribundos, e determinou as disposições do seu Testamento, que escreveo de propria maõ. Lembroulhe o Emperador Carlos V. e tendo na idéa imitallo, quiz fazer viva as suas proprias Exequias: porém reparando, que era precisa a pompa devida à Magestade, o naõ executou; porque naõ queria cousa alguma, que embaraçasse a sua devoçaõ. Finalmente continuando a queixa, mudou-se para o sitio de Palhavãa para a casa do Conde de Sarzedas, e crescendo o mal, tomou o Santissimo Viatico da

maõ do Arcebiſpo de Lisboa, Capellaõ môr, a 6 de Novembro, com grande edificaçaõ de todos os circunſtantes; e depois agradecendo ao Arcebiſpo o haverlhe dado taõ ſingular conſolaçaõ, lhe pedio lhe déſſe a Extrema-Unçaõ, quando lhe pareceſſe tempo. Mandou chamar o Nuncio, que entaõ era Marcello Durazzo, para lhe applicar as Indulgencias da hora da morte, e depois de feita eſta ceremonia, e recebida a ſua bençaõ, lhe diſſe, que lhe rogava, que aſſeguraſſe ao Papa, que ella morria obediente filha da Igreja Catholica Romana; accreſcentando, que eſperava da piedade do Pay univerſal da Chriſtandade, ſe lembraſſe da ſua alma. Dilatou-ſe a doença, e continuou a Rainha nos ſeus ſantos propoſitos, ſofrendo com grande reſignaçaõ, e paciencia os trabalhos da queixa. Conſolava-a El-Rey, e a Princeza ſua filha, e ſendo eſtas ſó as peſſoas, que no Mundo lhe podiaõ cauſar affeiçaõ, totalmente deſenganada, aſpirava unicamente ao premio eterno; e aſſim corroborada com os Sacramentos determinados pela Igreja, ſe poz nas mãos do ſeu Confeſſor, e do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, e outros Religioſos de exemplar vida, e abraçada com hum Chriſto, tendo preſente a Imagem da Virgem Senhora Noſſa, repetindo actos de Fé, Amor, e Eſperança, e devotas orações nas linguas Latina, e Franceza, ſem as confundir, corroborada com as Indulgencias, que o Summo Pontifice lhe concedera para aquella hora, entre

entre orações dos Padres, que lhe assistiaõ, com grande acordo, devoçaõ, e tranquillidade de animo, faleceo a 27 de Dezembro de 1683 em Palhavaã. Havia anticipadamente feito o seu Testamento, e mandado escrever pelo Doutor Sebastiaõ de Matos e Sousa, (que depois se recolheo na Congregaçaõ do Oratorio) e assinou a 20 de Novembro do referido anno, e approvado no dia seguinte pelo Secretario de Estado o Bispo D. Fr. Manoel Pereira, em que foraõ testemunhas o Duque de Cadaval, seu Mordomo mór, o Marquez de Arronches, o Arcebispo Inquisidor Geral, o Arcebispo de Lisboa, Capellaõ mór, o Visconde D. Diogo de Lima, todos do Conselho de Estado, D. Francisco Mascarenhas, seu Estribeiro mór, o Conde Baraõ, o Conde da Castanheira, e o Conde de S. Lourenço, Veadores da sua Casa. Nelle se admira a sua Real piedade, e a caridade com o proximo, attendendo às necessidades dos pobres em todos os estados. Instituìo por sua universal herdeira a Infanta D. Isabel sua filha, em que entrava o seu dote, que era hum milhaõ de cruzados, além de prata, joyas, e muito movel precioso, de grande valor. Nomeou por seu Testamenteiro a ElRey seu esposo, dizendo estas palavras: *Sempre desejey quanto coube na humana fragilidade servir, e agradar a ElRey, meu Senhor, e Marido; e porque Sua Magestade he fiel, e verdadeira testemunha do muito, que sempre o amey, naõ tenho nesta parte, que encarecer,*

Prova num. 99.

carecer , ſó pedirlhe , que pelo reciproco amor , que entre nós houve , ſe ſirva (por me fazer merce) de querer ſer meu Teſtamenteiro , e por tal o nomeyo , ſuppondo o ſeu beneplacito. Em ſegundo lugar nomeou a Infanta ſua filha, e depois roga a ElRey, que havendo de nomear Miniſtro, ou peſſoa, para a execuçaõ do ſeu Teſtamento, ſeja o Duque de Cadaval, ſeu Mordomo môr, por eſtar certa do zelo, com que a ſervio na vida, que o fará na morte de ſorte, que poſſa a ſua alma gozar da preſença de Deos com mayor brevidade: recommendou muito a ElRey as ſuas criadas, e todas as peſſoas, que a ſerviraõ, nomeando algumas Senhoras, e outras peſſoas, às quaes ella deſejava, que Sua Mageſtade gratificaſſe o ſeu ſerviço, e merecimento. A' Duqueza de Saboya ſua irmãa, deixou huma joya de grande preço. Inſtituîo duas Miſſas quotidianas, onde foſſe ſepultada. Mandou fazer a Capella de S. Franciſco de Sales na Igreja do Eſpirito Santo, da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, inſtituindo tres Miſſas quotidianas, duas pelas almas de ſeus pays, que em ſua vida já ſe celebravaõ, e huma pela ſua alma. Mandou, que ſe diſſeſſem, com a brevidade poſſivel, vinte mil Miſſas: que ſe caſaſſem vinte orfãas as mais deſamparadas: que ſe reſgataſſem tres meninos, e cinco mulheres de terra dos Mouros: mandou ſoccorrer os prezos: deixou eſmolas a muitos Hoſpitaes, Miſericordia, e a todos os Moſteiros Capuchos, e pobres,

bres, que naõ tinhaõ rendas; e outros muitos legados pios, em que exercitou a caridade, naõ se esquecendo das pessoas, que a haviaõ servido, com tal amor, e affecto, que bem mostra nas expressoens qual era a sua devoçaõ, como se póde ver no seu Testamento, que vay por inteiro lançado nas Provas. No Noviciado da Cotovia da Companhia de Lisboa se vê a Capella dedicada à Conceiçaõ da Virgem Senhora Nossa, que ella mandou edificar, e ornar de excellentes marmores. Foy a Rainha dotada de virtudes, e perfeições exteriores, e internas, porque era fermosa, com talhe airoso, o rosto branco, e córado, o cabello louro, os olhos escuros, e alegres, com todas as mais perfeições conformes, e proporcionadas. Na piedade foy insigne, na religiaõ constante, na paciencia invencivel, taõ facil em perdoar aggravos, como em conceder beneficios. Foy enterrada com Real pompa no Mosteiro das Capuchas do Santo Crucifixo, que ella havia fundado, onde jaz no Coro das Religiosas, em quanto se naõ traslada para o Mausoleo, que se lhe tem destinado na Capella môr, para o qual se havia escrito este Epitafio:

Hocce,

Hocce, Viator, in Mausolæo
Serenissimæ Portugalliæ Reginæ
D. Mariæ Isabellæ Franciscæ de Sabaudia
Immortale spirat nomen, & felix memoria perennat:
Eadem plane Serenissimi Lusitaniæ Regis D. Petri II. conjux dignissima
Fuit eximiæ pietatis norma, sed prudentiæ typus excelluit,
Et maior omni ipsa imperio præ magnitudine animi, dum viveret,
Regum Regi, ac Domino Dominantium Jesu Nazareno Cruci affixo
Hanc ædem, sedemque posuit, magnifica, & munifica fundatrix;
Atque suo Maria cum esset Jesu Christo amabilis, optimam sibi partem elegit,
Suo nimirum adhærere Deo, & eidem commori Crucifixo:
Mæsta exinde clientium corda Reginæ certatim parentant suæ,
Et justa quidem solvunt obsequia cum lachrymis, & suspiriis.
Cessit è vivis æternum victura sexto Kalend. Januar.
Anno Domini M.DC.LXXXIII.

A sua Vida escreveo na lingua Franceza o Padre de Orleans, da Companhia de Jesu, que se imprimio no anno de 1696 em Pariz, naõ tratando da vida politica da Rainha, mas sómente da espiritual, que depois traduzio na lingua Italiana o Padre Carlos Jacintho Ferrero, da mesma Companhia, e se imprimio em Turim em 1698. Em Portuguez vimos outra manuscrita com este titulo: *Monumento Perenne, levantado à saudosa memoria da Serenissima Rainha de Portugal Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, &c. offerecido à Serenissima Infanta Dona Isabel Luiza Josefa, construido pelo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, do Conselho de Estado, e Guerra delRey D. Pedro II. nosso Senhor, anno* 1684. Nella se vê huma instrucçaõ, que a Rainha escreveo na lingua Franceza da sua propria maõ para sua filha, a qual o Conde traduzio fielmente em Portuguez. Esta excellente Obra, digna de seu grande Author, se conserva na Livraria do Conde

da

da Ericeira seu neto, e o Duque de Cadaval tem huma copia, que vimos, e outra, que escreveo o mesmo Author na lingua Latina. O Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, fez à sua morte huma elegante Obra, que intitulou: *Proteus doloris in obitu Serenissimæ Reginæ Portugalliæ D. Mariæ Franciscæ Elisabethæ à Sabaudia*, e lhe compoz hum excellente Panegyrico funebre, que recitou nas Exequias, que lhe celebrou a Misericordia, e que com a sobredita Obra imprimio, e dedicou a Madama Real de Saboya sua irmãa. Desta Real uniaõ nasceo unica

19 A Infanta D. Isabel Luiza Josefa, como se verá no Capitulo XII.

Casou ElRey segunda vez a 11 de Agosto de 1687 com a Rainha D. Maria Sofia Isabel de Neoburg, que nasceo a 6 de Agosto de 1666 em Brevath, no Ducado de Juliers, filha de Filippe Wilhelmo, Conde Palatino do Rhim, Duque de Neoburg, Principe Eleitor, e Graõ Thesoureiro do Sacro Romano Imperio, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, e da Eleitriz Anna Amalia sua segunda mulher, filha de Jorge II. Landgrave de Hassia-Darmstad, e da Landgravina Sofia Leonor de Saxonia, filha de Jorge I. Duque Eleitor de Saxonia, como melhor se vê na Arvore, que vay adiante. Foy a Rainha ornada de esclarecidas virtudes, era fermosa, benigna, e com huma natural affabilidade para os seus Vassallos, honrando a todos sempre, e favorecendo

os que se valiaõ da sua protecçaõ, devota, com hum coraçaõ muy pio, e muita compaixaõ da pobreza, a quem soccorria com grande caridade occultamente, e com os pobres mendigos, que na rua lhe cercavaõ o coche, ella com a sua propria maõ lhe dava esmola. Além das muitas, que repartia pela pobreza, sustentava à sua despeza no Hospital Real seis moças orfãas, e quatro mulheres honestas, e seis meninos dos expostos, e no Noviciado da Companhia fazia crear hum para Missionario da Provincia do Malabar. Teve grande compaixaõ das Almas do Purgatorio, e para as favorecer mandava dizer innumeraveis Missas. Visitava as Igrejas muitas vezes com grande devoçaõ, como quem a tinha de se confessar, e commungar todos os oito dias, para o que se exercitava em actos de humildade com grande segredo para que naõ chegasse a perceberse. Havia huma mulher chamada Maria Garcia de boa vida, a quem ella soccorria, a qual indo ao Paço muitas vezes, com ella se recolhia na sua camera em santos exercicios de caridade, e esta foy a pobre, que teve mais particular. Outra mulher pobre, mãy de duas, que serviaõ no Paço, que era natural de Aveiro, teve nove dias nelle no tempo da Quaresma, e em todos elles a servio a Rainha, dandolhe de comer por sua maõ, e lavandolhe os pés, e em todos os dias lhe dava huma esmola. Costumava mandar fazer a Novena do Natal na Congregaçaõ do Oratorio com huma Missa

cada

cada dia, e as tres daquella noite: pelo que no fim lhe mandava huma esmola. Neste mesmo tempo algumas vezes fazia a Rainha a Novena, e depois dos exercicios santos, com que começava o dia, em todos dava de comer a huma mulher, hum homem, e hum menino, à honra de Jesus, Maria, e Joseph, e buscando huma casa retirada do Paço, de que só sabia a confidente deste occulto negocio, dandolhe todos os dias a cada huma a sua esmola, em todos se exercitava em singulares actos de humildade, e caridade. Este devoto obsequio da Novena do Natal continuou a Rainha sua successora na Coroa, e na virtude, exercitando-se nos mesmos actos de caridade, e na mesma fórma, que o praticava a Rainha D. Maria Sofia, a qual especulando, se por ventura as taes pessoas eraõ mais necessitadas, lhe mandava remediar a sua casa, reparandolhe as faltas, que padeciaõ, e seus filhos. No discurso do anno, sem que procurasse tempo certo, em nove sestas feiras, dava de comer a algumas mulheres pobres, e honestas, e juntamente esmolas de dinheiro, e esta devoçaõ repetia mais vezes. Assim, que tinha noticia de pessoa pobre particular, se mandava informar, e tanto, que lhe seguravaõ a necessidade, a mandava soccorrer com tudo o que lhe podia ser necessario, vestindolhe a familia, dandolhe camas, e tudo o que fosse reparo contra a pobreza, que padecia. Estes actos heroicos de verdadeira caridade, eraõ o mayor cuidado da Rainha,

naõ recuſando nenhuma occaſiaõ, que ſe lhe offerecia, de poder ſoccorrer a pobreza, o que fez com hum coraçaõ pio; e onde ardia o amor do proximo, qual ſeria o que dedicava ao ſeu Deos, em cujo temor, e maximas Chriſtãas educava ſeus filhos, e a todos lhos offerecia; porque tanto, que havia convalecido do parto, a primeira vez, que ſahia fóra, era à Igreja de S. Roque, e aſſiſtindo à Miſſa, tanto, que o Sacerdote elevava a Sacroſanta Hoſtia, tomava a Rainha o Infante nos braços, e o offerecia a Deos, e depois à protecçaõ de S. Franciſco Xavier, de quem foy eſpecial devota. Em obſequio do Santo fundou o Collegio de Béja, que dotou, e ornou com ricas dadivas. Teve por Confeſſor ao Padre Leopoldo Fueſes, Religioſo da Companhia, Letrado, de animo candido, e com exemplar modo de vida, que faleceo neſta Corte, e ſoube taõ bem a lingua Portugueza, que traduzio na Latina o quinto Tomo dos Sermoens do Padre Antonio Vieira, e continuou outros; e lhe ſuccedeo o Padre Miguel Dias, da meſma Companhia, de que foy Provincial, Varaõ de grande litteratura, e de ſingular vida, e coſtumes. Amou a Rainha muito a Religiaõ da Companhia; e aſſim na criaçaõ de ſeus filhos, eſcolhia para os enſinar, Padres da meſma Religiaõ, a qual experimentou da ſua grandeza, naõ ſó honra, mas larga generoſidade. Naõ eſtimou menos os Padres da Caſa da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, de que havia ſido

Funda-

Fundador o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, com quem teve grande trato, e com outros da mesma Casa, insignes em virtudes, e letras, que entaõ floreceraõ, com quem communicava o seu espirito, e alguns eraõ o instrumento por onde passava o segredo das suas virtuosas obras de caridade, e de humildade, que temos referido: eraõ os costumes santos da Rainha, e assim buscava homens virtuosos para se adiantar na virtude, naõ lhe servindo de embaraço a Real pompa da Magestade, para que deixasse de seguir huma vida santa, e verdadeiramente santa, quando he exercitada na heroica virtude da humildade.

Naõ se esquecia a Rainha das obrigações do Real estado, em que Deos a havia posto; e assim conservou a sua Casa com grande respeito. Estimou muito a Nobreza, tratando as Senhoras com grande benignidade, escolhendo dellas algumas, com quem em honestos divertimentos se entretinha por algum tempo, e em algumas occasioens. ElRey seu marido a estimou com grande veneraçaõ, como quem observava as excellentes virtudes, que nella brilhavaõ, fazendo-a universalmente amada. E ella correspondia santa, e extremosamente a ElRey seu esposo de sorte, que foy reciproco o respeito, vivendo em verdadeira uniaõ. Porém quando a Rainha se achava no mais florecente tempo da idade, quando menos se podia esperar, se vio quebrada a Real uniaõ; porque de leves causas lhe sobreveyo

huma

huma furiosa erysipela, que lhe tomou o rosto, e a cabeça, com symptomas muito perigosos, a que se seguio febre, somnolencia, e delirios, a que os Medicos cuidadosamente applicaraõ remedios proprios da doença. A Rainha, que era naturalmente pia, e muy devota, no quarto dia, naõ se sobresaltando do correyo da morte, quiz commungar por Viatico, o que se participou aos Medicos, que lhe pareceo, se naõ devia encontrar à devoçaõ de Sua Magestade, ainda supposto a queixa o naõ pedir. Avisou-se ao Cardeal de Sousa, Capellaõ môr, e veyo o Santissimo da Freguesia de Nossa Senhora dos Martyres, Parochia, em que ficava o Paço da Corte-Real. Concorreo por aviso toda a Corte ao Paço, e tanto, que o Santissimo havia de chegar, ElRey, o Principe, e Infante D. Francisco, acompanhados de toda a Corte, baixou ao saugaõ, e depois de o adorarem, foraõ atécima, onde na antecamera da Rainha estava o Cardeal com Estola, e tomando o Santissimo da maõ do Paroco, o levou até o Altar, que estava na camera da Rainha, e depois de cumpridas as ceremonias do Ritual Romano, recebeo o Santissimo Viatico com tanta piedade, que naõ só enterneceo, mas edificou a todos, os que estavaõ presentes. ElRey, o Principe, e o Infante, seguidos de toda a Corte, acompanharaõ ao Santissimo Sacramento até à Freguesia dos Martyres, e o Cardeal o levou até o pôr no Sacrario. Seguiraõ-se varios symptomas, com que

Memorias m.s. do Duque de Cadaval D. Nuno, Tom.X. pag. 298.

entraraõ

entraraõ os Medicos em mayor cuidado; porque logo, que a Rainha commungou, lhe sobreveyo hum delirio, que a naõ deixou capaz de poder fazer Testamento; porque com poucos intervallos naõ a deixou na sua liberdade, o que se seguio nos dias da doença até o ultimo da vida. Continuava a queixa precipitadamente, augmentando-se os funestos symptomas, com grande fastio, e debilidade, e sendo já manifesto o perigo, e naõ correspondendo os remedios temporaes às diligencias da medicina, se recorreo aos da Igreja, dando-selhe o Sacramento da Extrema-Unçaõ, que lhe administrou o Cardeal, Capellaõ môr, assistido da Marqueza de Alamquer, Camereira môr, que compunha aquellas partes, que se haviaõ de purificar com os Santos Oleos. Na Camera assistiaõ as Damas, e Senhoras de Honor, o Duque Mordomo môr, e alguns Religiosos, como se havia praticado, quando Sua Magestade recebera o Viatico.

Tanto, que a Rainha entrou em mayor cuidado, começaraõ por ordem delRey muitas rogativas a Deos particulares, a que se seguiraõ as publicas. Naõ se via na Cidade mais, que Procissoens por todas as ruas, levando as Imagens milagrosas de humas para outras Igrejas. Na Sé esteve por alguns dias a do Santo Christo dos Passos. Era grande a consternaçaõ da Corte, e Povo, que todo pedia com efficazes rogativas a Deos, a vida da Rainha. Assim, que recebeo a Unçaõ, se recolheo ElRey

ao

ao ſeu quarto, havendo até alli feito huma continua, e fina aſſiſtencia, ſem ſe deixar perſuadir para o ſeu deſcanço dos rogos dos ſeus Criados, e Vaſſallos, naõ ſó pelo perigo da enfermidade, mas tambem porque ElRey em muitas noites ſe naõ deſpio, e ſómente ſe encoſtava por breviſſimo tempo na meſma Camera, em que a Rainha eſtava. Finalmente no Paço da Corte-Real faleceo a 4 de Agoſto, em huma terça feira, às cinco horas e meya da tarde do anno de 1699, trocando a Coroa temporal, com huma morte ſuave, pela immortal, que Deos tem preparado para os que o ſabem ſeguir, como piamente ſe deve crer da Rainha, que deixando a todos ſentidos, deixou tambem admirados aos Religioſos, que lhe aſſiſtiraõ. O Duque Mordomo mór, chamando aos Medicos para examinarem ſe a Rainha havia eſpirado, tanto, que o certificaraõ, foy com o Padre Sebaſtiaõ de Magalhaens, Confeſſor delRey, ao ſeu quarto, a participarlhe eſta funeſta noticia, ElRey a recebeo com mágoa devida à fineza, com que amava a Rainha; mas com igual conſtancia, chriſtãamente ſe conformou, com o que Deos havia diſpoſto. A Marqueza de Alamquer ſua Camereira mór lhe cerrou os olhos, e compoſto o Real cadaver, foy veſtido no habito de S. Franciſco, e metido no caixaõ, que mudado do Paço da Corte-Real para o do Forte, que eſtava preparado, foy levado particularmente ſó com a ſua familia; o Duque Mordomo mór,

aviſou

avisou aos Veadores, que pegassem no caixaõ, e o levaraõ pelo passadisso da Corte-Real ao Paço do Forte: diante do caixaõ hia huma Dama com a véla em hum castiçal, na mesma fórma, que costumava alumiar à Rainha em vida; detraz hia a Camereira môr, Damas, e Senhoras da Corte, e chegando à casa, que estava toda guarnecida de télas, e huma Eça de quatro degraos, composta de téla encarnada, com docel sobre quatro balaustes, forrados da mesma téla, se collocou o caixaõ sobre ella. Christovaõ de Almada, que fazia o officio de Reposteiro môr, cobrio o caixaõ com hum pano de téla rico franjado de ouro. No outro dia se lhe celebrou o Officio na mesma casa pelo Cardeal de Sousa, Capellaõ môr, revestido em Pontifical, assistido de toda a Capella Real, e no fim se disseraõ os quatro Responsos nos quatro cantos, pelos Bispos do Algarve D. Simaõ da Gama, de Leiria D. Alvaro de Abranches, de Bona D. Fr. Pedro de Foyos, e de Hypponia D. Fr. Antonio Botado. Estava à porta da banda de fóra, o Veador D. Joseph de Menezes fazendo o officio de Porteiro môr; na casa immediata ao corpo havia oito Altares, e no transito hum, e dez na segunda casa, em que sempre se estiveraõ dizendo Missas.

A's oito horas da noite o Principe, e o Infante D. Francisco sahiraõ do Paço da Corte-Real pelo passadisso, e foraõ deitar agua benta à Rainha sua mãy: hiaõ diante de Suas Altezas Fernaõ de

Souſa, Védor da Caſa delRey ſeu pay, e D. Lourenço de Almada, ſeu Meſtre-Salla, com ſuas inſignias, hum Moço Fidalgo alumiando com a véla em hum caſtiçal, e detraz de Suas Altezas o Conde de Vianna, Gentil-homem da Camera delRey, e ſeu Eſtribeiro môr. Tanto, que chegaraõ Suas Altezas à porta da caſa, em que eſtava a Rainha, o Moço Fidalgo deu a véla a Manoel Ferreira Rebello, Porteiro da Camera, de cuja maõ a tornou a tomar depois para acompanhar a Suas Altezas. Tanto, que o Principe, e Infante entraraõ na caſa, onde eſtava o Real cadaver da Rainha ſua mãy, lhe fizeraõ a devida cortezia, e tanto, que chegaraõ à ilharga do caixaõ, outra, e a ultima junto do Altar: puzeraõ-ſe de joelhos ſem almofadas, e depois de huma breve oraçaõ, diſſe o Cardeal, Capellaõ môr, o Reſponſo em voz baixa, e deitou a agua benta. O Repoſteiro môr tirou o prato, em que eſtava a Coroa ſobre huma almofada, que deu ao Repoſteiro menor Joaõ de Leiros, e ſobindo acima, acompanhado do meſmo Joaõ de Leiros, tirou o pano, e pegaraõ no caixaõ o Marquez de Niza D. Franciſco Balthaſar da Gama, o Marquez de Fontes Rodrigo Annes de Sá, o de Alegrete Manoel Telles da Sylva, o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel, o Conde de Alvor Franciſco de Tavora, o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, o Monteiro môr Garcia de Mello, e D. Franciſco de Souſa, Capitaõ da Guarda Alemãa, e detraz do

caixaõ

caixaõ hia o Principe, e o Infante: estavaõ esperando quarenta Moços da Camera com tochas accesas em duas alas, que acompanharaõ o caixaõ; e assim baixaraõ até o pateo da Capella, e posto elle na liteira, a cobrio o Reposteiro môr com hum pano de borcado rico franjado de ouro. E começando a andar a liteira, o Principe, e o Infante fizeraõ a reverencia devida à Rainha sua mãy, e quando hia saindo pela porta do pateo, fizeraõ outra, e pondo os chapeos na cabeça, porque até alli estiveraõ descobertos, voltaraõ para cima, alumeados sómente com a véla, que levava o Moço Fidalgo, e acompanhados dos mesmos Officiaes da Casa, e de huma Esquadra da Guarda.

Marchava o Enterro, sahindo da porta da Capella ao Terreiro do Paço até S. Vicente de Fóra, por onde estavaõ em duas alas a Infantaria, e entre ellas todas as Religioens, e Clero da Cidade com vélas accesas. Hiaõ em primeiro lugar os Porteiros da Cana a cavallo, como todos os mais, logo os Corregedores do Crime da Corte, a que se seguiaõ todos os Grandes, e Officiaes da Casa del-Rey em duas alas, os primeiros à maõ direita, e da esquerda os outros, sem insignias. Dos Officiaes da Casa da Rainha levavaõ as suas insignias aquelles, que as costumaõ usar. Seguia-se depois a Cruz da Capella Real com os Capellaens com sobrepelizes, e tochas accesas em duas alas: entaõ a liteira, em que hia o corpo da Rainha entre quarenta Mo-

 ços

ços da Camera a pé com tochas acceſas. O Duque Mordomo mór, hia com ſua inſignia diante da liteira, atraz o Veador D. Lourenço de Lencaſtre, que fazia o officio de Eſtribeiro mór, no lugar, que lhe tocava, e no ſeu o Capitaõ da Guarda Real D. Filippe de Souſa. Seguia-ſe o coche de reſpeito, coberto com hum rico pano de téla encarnado franjado de ouro, tirado por ſeis cavallos bayos, e os Moços da Eſtribeira no ſeu lugar, as Companhias das Guardas cobrindo o Eſtado, os Tenentes da Guarda, e Eſtribeiros, tudo em grande ordem. Chegou o Enterro ao Adro de S. Vicente, onde o Provedor da Irmandade da Miſericordia o Marquez das Minas nomeou as peſſoas, que haviaõ de pegar no Eſquife, como he coſtume, e entrando na Igreja eſtava a Communidade em duas alas deſde a porta até o cruzeiro, em que eſtava a Eça, onde a Irmandade poz o caixaõ; e depois do Reſponſo cantado pela Capella, aſſiſtindo o Cardeal, Capellaõ mor, reveſtido de Pontifical, ſeguio-ſe o outro Reſponſo dos Religioſos da meſma Caſa, e o ultimo dos Capellaens da Miſericordia. Acabadas as ceremonias, que determina o Ritual Romano em ſemelhantes caſos, pegaraõ no caixaõ os meſmos, que o haviaõ feito no Paço; e ſendo o caixaõ, em que eſtava o corpo, metido em outro, tambem forrado por dentro, e por fóra de téla encarnada, o fechou Lourenço Pires de Carvalho, Provedor das Obras do Paço, officio, que ſervia por ſeu ſobrinho Gonçalo

çalo Joseph Carvalho, e deu as chaves ao Duque Mordomo môr, e se fez a entrega do corpo da Rainha, na fórma costumada, ao Prior do Convento de S. Vicente D. Antonio de Santa Helena, que se obrigou em seu nome, e de seus successores, ao entregar, ou os ossos. Collocado o caixaõ na Eça, que estava preparada da parte do Euangelho, o Reposteiro môr lhe lançou hum pano de borcado, guarnecido de franjas de ouro, e depois lhe poz a Coroa Real sobre huma almosada. Neste mesmo dia 6 de Agosto cumpria a Rainha trinta e tres annos, e no mesmo mez de Agosto se celebrava com contentamento a memoria da sua chegada a este Reyno, de que foy universalmente amada. Era a Rainha fermosa, de corpo alto, e delgada, airosa, e com natural Magestade nas funções publicas, branca, e loura, olhos verdes, e fermosos, com muita viveza. Em taõ singulares dotes da natureza, era ainda mais brilhante a virtude, em que sempre se exercitou com muita devoçaõ, e desejando, que a sua familia se empregasse em semelhantes obras, e lograsse os frutos dos thesouros da Igreja, e para que todos pudessem conseguir este bem, alcançou do Summo Pontifice Innocencio XII. hum Breve passado a 4 de Setembro do anno de 1698, em que lhe concedeo Indulgencia plenaria huma vez cada mez, para todas as pessoas domesticas da sua Real Casa, a qual se ganharia no Domingo, que ella assinasse de cada mez, visitando o seu Oratorio, ou

Capella

Capella privada. Depois o meſmo Papa por outro Breve paſſado a 4 de Outubro do referido anno lhe concedeo para o meſmo Oratorio, que todas as peſſoas de hum, e outro ſexo, que actualmente a ſerviſſem, e naõ coſtumavaõ ſahir fóra, pudeſſem ganhar certas Indulgencias, viſitando o Oratorio do ſeu Paço, ſua coſtumada morada, em aquelles dias, em que as poderiaõ ganhar, ſe viſitaſſem algumas Igrejas da Cidade, a que eraõ concedidas; de ſorte, que quaſi todos aquelles Jubileos, concedidos a diverſas Igrejas da Cidade, lhe concedeo o Papa ao ſeu Oratorio, para ella, e toda a ſua familia, o que ainda hoje ſe pratica; porque a Rainha ſua ſucceſſora na Coroa, o foy nas virtudes, para ſe exercitar em todas, com tanta piedade, como univerſal edificaçaõ; e aſſim quiz tambem, que os domeſticos da ſua Real familia gozaſſem dos inextinguiveis, e inexauriveis theſouros da Santa Madre Igreja. Padeceo a Rainha diverſas moleſtias, pelas quaes os Medicos lhe prohibiaõ a abſtinencia, e o uſo de comer peixe: porém a ſua eſcrupuloſa conſciencia, naõ ſatisfeita do ſeu parecer, recorreo ao Santo Padre Innocencio XI. que por hum Breve paſſado a 29 de Novembro de 1687 lhe concedeo, a faculdade de comer carne em todos os dias prohibidos pela Igreja, exceptuando ſómente, em memoria da Paixaõ do noſſo Redemptor, a ſemana Santa, que ella paſſava em ſantos exercicios; porque com coraçaõ devoto amava a Deos, e ao proximo,

ximo, exercitando-se em actos de verdadeira humildade, sendo a compaixaõ dos pobres huma viva chamma, em que o seu piedoso coraçaõ ardia. De obras taõ gratas a Deos, piamente se deve crer, que lhe seguraraõ huma eternidade gloriosa. Desta Real uniaõ nasceraõ os filhos seguintes:

19 O PRINCIPE D. JOAÕ, nasceo em huma segunda feira 30 de Agosto do anno de 1688 às sete horas da manhãa. Foy celebrado com universal contentamento o nascimento deste taõ desejado Principe pela Corte, que concorrendo toda ao Paço, no outro dia baixou ElRey à Capella acompanhado dos Grandes, Fidalgos, e mais Nobreza, onde se cantou o *Te Deum* com grande solemnidade, e depois de elle acabado, e a *Missa*, prégou Dom Luiz de Sousa, Arcebispo Primaz, do Conselho de Estado, com geral applauso; porque pelo seu grande talento, letras, e discriçaõ, era tambem geralmente venerado; ElRey esteve debaixo da cortina, e assistio o Cardeal de Lencastre, o Nuncio do Papa, e o Embaixador de França. ElRey por hum Decreto mandou soltar os prezos, que estavaõ em termos de semelhante graça; naõ houve Tribunaes por tres dias, e em todos elles houve luminarias, e repiques em toda a Cidade. Tanto, que o Principe nasceo, foraõ as Communidades todas com Cruz à Capella Real a cantar o *Te Deum* em acçaõ de graças pela felicidade de Deos nos dar hum Principe, e pelo bom successo da Rainha. Despacharaõ-se

raõ-ſe Expreſſos com a noticia para Heidelberg aõ Eleitor ſeu avô, para a Rainha de Caſtella ſua tia, e para a Rainha da Grãa Bretanha. Porém todos eſtes alvoroços ſe trocaraõ depois em hum temor, e cuidado; porque no terceiro dia ſe deſcobriraõ no Principe algumas puſtulas na cabeça, que ſe lhe eſpalharaõ pelo corpo. O que deu motivo à Catholica piedade da Rainha querer, que logo bautizaſſem o Principe: porém os Medicos reſolveraõ, que naõ havia entaõ perigo, o qual ſe lhe conheceo paſſados mais alguns dias, de ſorte, que na noite de huma ſegunda feira 15 de Setembro recebeo o ſagrado Bautiſmo particularmente em huma caſa immediata à Camera da Rainha, que ſe preparou com a grande preſſa, que era preciſo para o Bautiſmo, que lhe conferio o Arcebiſpo de Lisboa, Capellaõ môr, Luiz de Souſa, ſendo ſeu Padrinho o Eleitor Palatino, cuja procuraçaõ teve o Cardeal de Lencaſtre, Inquiſidor Geral, e Madrinha a Infanta D. Iſabel Luiza Joſefa, ſua meya irmãa. A Rainha aſſiſtio, e porque ſe achava fraca, ſe aſſentou, eſtando preſentes os Officiaes da ſua Caſa, as Camereiras móres da Rainha, e Infanta, as Donas de Honor, e Damas; e ſuppoſto ſe achavaõ muitos grandes Senhores, e Fidalgos na caſa de fóra, naõ entraraõ neſta mais peſſoas, que as referidas. Houve Prociſſaõ de graças, que ſahio da Sé a S. Domingos; e no tempo, que ſe preparavaõ diverſas feſtas para ſe celebrar o ſeu naſcimento, entre as quaes eſta-

estavaõ destinados Touros, em que haviaõ de tourear os Condes de Aveiras, Avintes, e Monsanto, succedeo trocarse todo o contentamento em dissabor, por falecer o Principe a 17 de Setembro em huma sesta feira às sete horas, e com taõ poucos dias de vida sobio felizmente a gozar na Bemaventurança eternos annos.

Foy o Real cadaver do Principe metido em hum caixaõ de borcado carmesim com huma Cruz de borcado branco, e posto na Tribuna da Rainha, armada toda de télas, sobre hum estrado alto, guarnecido de veludo encarnado, e galoens de ouro, e no topo hum Altar com Cruz, e vélas, e com quatro tochas, e desta sorte esperou o corpo do Principe em quanto se preparou a casa aonde se havia pôr em publico, estando sempre assistido das Senhoras de Honor, Damas da Rainha, e da Senhora Infanta, a qual querendo tambem assistirlhe, lho impediraõ, e se recolheo ao seu quarto. No outro dia passaraõ ao Principe para a casa, em que se havia de pôr em publico, e foy levado o caixaõ pelo Duque Mordomo môr, o Baraõ Conde de Oriola, o Conde de S. Lourenço, Veadores da Rainha, e D. Francisco Mascarenhas, seu Estribeiro môr. O Conde da Castanheira fazia o officio de Reposteiro môr. E assim foy levado a huma salla grande, que nomeavaõ do *Conselho de Estado*, que se via armada de télas brancas, com hum Altar no topo, e no meyo, em hum grande estrado, se via a Eça com

 tres

tres degraos, em que ſe poz o caixaõ coberto com hum pano rico de téla encarnada, debaixo de hum docel de borcado, ſuſpendido de quatro pilares cobertos da meſma téla, e no ultimo degrao em hum prato dourado huma almofada, em que eſtava a Coroa do Principe.

A's ſete horas da noite, eſtando aſſiſtido de toda a Corte, ſe reveſtio de Pontifical o Arcebiſpo Capellaõ môr. Entrou a Capella com Cruz levantada, e os Capellaens com tochas, e depois de ſe fazer, o que ordena o Ritual, e o Arcebiſpo dizer a Oraçaõ, entrou ElRey acompanhado dos Grandes, e Officiaes da Caſa Real: fez oraçaõ ao Altar ſem ſe lhe pôr almofada, e quando ſe levantou, o Capellaõ môr lançou a agua benta, e apartando-ſe ElRey para a parte do Euangelho, o Conde da Caſtanheira tirou o pano, que cobria o caixaõ, e pegando nelle os Marquezes de Arronches, e Alegrete, os Condes de Val de Reys, e Ericeira, todos do Conſelho de Eſtado, o levaraõ até o pateo da Capella, rodeado de quarenta Moços da Camera com tochas acceſas. ElRey hia detraz em alguma diſtancia, acompanhado do Conde de Santa Cruz, ſeu Mordomo môr, do Marquez de Marialva, Gentil-homem da Camera de ſemana, e D. Joſeph de Menezes, ſeu Eſtribeiro môr, e hum Moço Fidalgo, que o alumiou com a véla. Dom Franciſco Maſcarenhas, Eſtribeiro môr da Rainha, abrio a liteira, e o Conde da Caſtanheira, que ſervia

via de Reposteiro mór, lhe lançou hum pano de téla encarnado franjado de ouro, que a cobria toda, a qual cercava a guarda dos Archeiros, e montado a cavallo o Duque Mordomo mór, e o Estribeiro mór da Rainha, tomaraõ os seus lugares, e na mesma fórma os Capitaens da Guarda D. Filippe de Sousa, e o Conde de Pombeiro, e os Grandes, e Officiaes da Casa delRey, e da Rainha, na fórma, que já temos referido, e praticando-se tudo o mais conforme o uso do Ceremonial dos Enterros Reaes, foy levado ao Mosteiro de S. Vicente de Fóra. Abrio o Duque o caixaõ, em que pegaraõ os mesmos Conselheiros de Estado, e se fez a entrega ao Prior do Convento, e se collocou na Capella mór o caixaõ em huma Eça, coberta com hum grande pano de téla encarnado franjado de ouro.

19 ELREY DOM JOAÕ V. que será glorioso assumpto do Capitulo VI.

19 O INFANTE D. FRANCISCO, de quem faremos mençaõ no Capitulo XIII.

19 O INFANTE D. ANTONIO, como se verá no Capitulo XIV.

19 O INFANTE D. MANOEL, de quem faremos mençaõ no Capitulo XV.

19 A INFANTA D. THERESA, como diremos no Capitulo XVI.

19 A INFANTA D. FRANCISCA, de quem tratamos no Capitulo XVII.

Teve ElRey D. Pedro fóra do Matrimonio, os filhos seguintes:

19 A SENHORA D. LUIZA, de quem se tratará no Capitulo XVIII.

19 O SENHOR D. MIGUEL, que occupará o Capitulo XIX.

19 O SENHOR D. JOSEPH, como se verá no Capitulo XX.

- A Rainha D. Maria Sofia de Neobourg, mulher delRey D. Pedro II.
  - Filippe Wilhelmo, Conde Palatino, Eleir. do Imperio, n. a 25 de Novemb. de 1615, * a 2 de Ser. de 1690.
    - Wolfango Wilhelmo Duq. de Baviera, Neubourg, &c. n. a 29 de Outubro de 1578, + a 20 de Março de 1653.
      - Filippe, Duque de Baviera e Neobourg, nasc. em 1. de Outub. de 1547, + a 2 de Agosto de 1614.
        - Wolfango, Duque de Baviera, Deux Ponts n. a 26 de Setembro de 1526, + a 11 de Junho de 1569.
          - Luiz II. Duque de Baviera, n. em 1502, + a 3 de Dezemb. de 1532.
          - A Duqueza Isabel de Hesse, + a 4 de Janeiro de 1563, filha de Guilherme Landgrave de Hesse.
        - A Duqueza Anna de Hesse, + em 11 de Junho de 1591.
          - Filippe Landgrave de Hesse, n. a 13 de Novembro de 1504.
          - A Landgravina Christina de Saxonia, filh. de Jorge, Duq. de Saxonia.
      - A Duqueza Anna de Cleves.
        - Guilherme, Duque de Cleves, e Juliers, n. a 27 de Julho de 1516, + a 5 de Janeiro de 1592.
          - João III. Duque de Cleves, e Juliers, + a 6 de Fevereiro de 1539.
          - Maria, Duqueza de Juliers, filha H. de Guilherme, Duque de Juliers.
        - A Duqueza Maria de Austria, + em 1584.
          - Fernando I. Emper. de Alemanha, n. a 10 de Março de 1503.
          - Anna, Rainha de Hungria, e Bohemia, + a 27 de Janeiro de 1547, filha de Ladislao, Rey de Hungria.
    - A Duquèza Magdalena de Baviera, + 1628, 1. mulher.
      - Guilherme V. Duque de Baviera, n. a 29 de Setembro de 1548, + a 7 de Fever. de 1626.
        - Alberto V. Duque de Baviera, nasc. a 7 de Março de 1528, + a 24 de Out. 1579.
          - Guilherme IV. Duque de Baviera, n. a 13 de Novembro de 1493.
          - A Duq. Maria Jaquelina de Bade, filha de Filippe, Marquez de Bade.
        - A Duqueza Anna de Austria, + a 16 de Outubro de 1580.
          - Fernando I. Emperador de Alemanha, n. a 10 de Março de 1503, + a 26 de Julho de 1564.
          - Anna de Hungria, filh. de Ladislao Rey de Hung. + a 27 de Jan. 1547.
      - A Duqueza Renera de Lorena, + a 23 de Mayo de 1602.
        - Francisco, Duque de Lorena.
          - Francisco Duque de Lorena, n. 14 de Julh. 1489, + 15 de Jun. 1544.
          - Renera de Bourbon, + o 1. de Jan. 1539, filh. de Gilberto de Bourbon.
        - A Duqueza Christina de Dinamarc. + a 10 de Dezemb. 1590.
          - Christiano II. Rey de Dinamarca, n. a 2 de Julho de 1481.
          - A Rainha Isabel de Austria, + a 19 de Janeiro de 1525, filha de Filippe de Austria I. Rey de Castella.
  - A Eleitr. Isabel Amalia, + a 4 de Agosto de 1709.
    - Jorge II. Landgrave de Hesse-Darmstad.
      - Luiz I. Landgrave, n. a 4 de Setembro de 1577, + a 27 de Julho de 1626.
        - Jorge I. Landgrave de Hesse-Darmstad, n. a 10 de Setembro de 1547, + a 7 de Fevereiro de 1596.
          - Filippe Landgrave de Hesse, n. a 13 de Nov. 1504, + 31 Março 1567.
          - A Landgravina Christina, filha de Jorge, Duque de Saxonia.
        - A Landgravina Magdalena de Lippe.
          - Bernardo, Conde de Lippe, * em 1563.
          - A Cond. Cathar. de Waldeck, filha de Filippe III. Conde de Waldeck.
      - A Landgrav. Magdalena de Brandebourg, + aos 14 de Mayo de 1616.
        - João Jorge, Eleitor de Brandebourg, n. a 11 de Setembro de 1525, + a 8 de Janeiro de 1598.
          - Joachim II. Eleir. de Brandeoburg, n. 9 de Jan. 1505, + 3 de Jan. 1571.
          - A Eleitriz Magdalena de Saxonia, filha de Jorge, Duque de Saxonia.
        - A Eleitriz Isabel de Anhalt, + em 28 de Setembro de 1607.
          - Joachim Ernesto, Princ. de Anhalt-Zerbst, n. a 20 de Outub. de 1536.
          - A Princeza Ignez de Barby, n. a 23 de Janeiro de 1540, filha de Guilherme, Conde de Barby.
    - A Landgravina Sofia Leonor de Saxonia, + a 2 de Julho 1671.
      - João Jorge, I. Eleitor, Duq. de Saxonia, n. a 5 de Março de 1585, + a 8 de Outubr. 1656.
        - Christiano I. Eleitor, Duque de Saxonia, n. a 3 de Novembro de 1560, + a 25 de Setembro de 1591.
          - Augusto, Eleitor Duq. de Saxonia n. a 31 de Julho de 1526.
          - A Eleitr. Anna de Dinamarca, filha de Christiano, Rey de Dinamarca.
        - A Eleitriz Sofia de Brandebourg, * a 2 de Setemb. de 1622.
          - João Jorge, Eleitor de Brandebourg, n. a 11 de Setemb. de 1525.
          - A Eleitriz Isabel de Anhalt, filha de Joachim Ernesto, Princ. de Anhalt.
      - A Eleitrix Magdalena Sibila, * a 12 de Fever. 1659.
        - Alberto Federico de Brandebourg, Duque de Prussia, n. a 29 de Abril de 1553.
          - Alberto de Brandebourg, Duq. de Prussia, n. a 17 de Mayo de 1490.
          - A Duqueza Anna Maria, filha de Erico, Duque de Brunswick.
        - A Duqueza Maria Leonor de Juliers, + em 1608.
          - Guilherme, Duq. de Juliers, e Cleves, n. a 27 de Julho de 1516.
          - A Duqueza Maria de Austria, filha do Emper. Fernando I. + em 1584.

INDEX
DOS NOMES PROPRIOS, APPELLIDOS, e cousas notaveis.

O numero denota a pagina.

A

B

D

Elvas

E

F

G

H

I

L

M

N

O

Que

R

S

U

FIM.